FRANCISCO DE SALES LENCASTRE

OS LUSÍADAS

OS LUSÍADAS

PORTO — Imprensa Portuguesa
Rua Formosa, 116

Francisco de Sales Lencastre

OS LUSÍADAS

POEMA ÉPICO

DE

LUÍS DE CAMÕES

EDIÇÃO ANOTADA PARA LEITURA POPULAR

VOLUME II

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C.ª (FILHOS)
Praça dos Restauradores, 17

1927

CANTO VI

1 Não sabia em que modo festejasse
O rei pagão os fortes navegantes,
Pera que as amizades alcançasse
Do rei christão, das gentes tam possantes.
Pesa-lhe que tam longe o apousentasse
Das europeas terras abundantes
A ventura, que não-no fez vizinho
D'onde Hércules ao mar abriu o caminho.

O rei (**1**) *pagão* (**2**) *não sabia de que modo festejasse os fortes navegantes* portugueses, *para alcançar a amizade do rei cristão* e *de tam possante* (**3**) *gente. Pesa-lhe que a ventura* (**4**) *o aposentasse* (**5**) *tam longe das abundantes terras europeias,* e *que o não fizesse vizinho* daquelas *onde Hércules abriu o caminho ao mar* (**6**).

(**1**) O rei de Melinde acabando de ouvir a prática de Vasco da Gama, e da qual se ocupam os três precedentes cantos, sôbre a viagem do navegador e sôbre factos notáveis da história portuguesa. (**2**) Epíteto que davam os cristãos a quem o não era. (**3**) Valorosa. (**4**) Acaso. (**5**) «Apousentasse» [cfr. I, 41, 60, 72 e *passim*] = lhe desse moradia. (**6**) O rei melindano tem pena de não ser vizinho de Portugal, como eram os mouros residentes em Melinde, e oriundos da Mauritânia, região que ficava próxima

das portas Herculanas — o caminho aberto pelo fabuloso Hércules, que, fendendo a grande montanha que interceptava a comunicação do mar Mediterrâneo com o Atlântico, fêz o estreito de Gibraltar [III, 18, 77 e *passim*].
No verso 1, «em que modo»: locução antiquada.

---

2 Com jogos, danças e outras alegrias,
Asegundo a policia melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Çom que a Lageia António alegra e engana,
Éste famoso rei todos os dias
Festeja a companhia lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com frutas, aves, carnes e pescados.

Êste famoso rei de Melinde, *todos os dias*, e *segundo a polícia* (**1**) *melindana, festejava a companhia lusitana* (**2**) *com banquetes* de *manjares desusados, frutas, aves, carnes e pescados,* e *com* as *usadas e ledas pescarias, com que a Lageia* (**3**) *alegrava e enganava* Marco *António* (**4**).

(1) Cultura, costumes de cortesia; os festejos eram em harmonia com os costumes de Melinde, onde havia vestígios da antiga civilização oriental e da convivência com os árabes. (2) «Companhia lusitana», os navegantes. (3) «Lageia» é adjectivo patronímico, aplicado aqui a Cleópatra, rainha do Egipto, por ser descendente de Lagos [pai de Ptolomeu] e fundador da dinastia egípcia «Lágides»; alude o Poeta ao entretenimento alegre dos dois amantes [ela e Marco António], e que se contava dêste modo: a formosa rainha caçoou Marco António, uma vez, por êle não saber pescar; na pesca imediata, o amante, por brincadeira, ordenou que, escondidos na água, alguns homens lhe pusessem peixes no anzol; e assim apresentou mais peixes do que ela; mas Cleópatra descobriu o segrêdo, e, quando se fêz nova pesca, mandou que êsses homens lhe pusessem, no anzol dela, peixe já frito; descoberta reciprocamente a fraude, foi esta motivo

de grande riso; a pesca era pretexto para ledo [alegre] divertimento; assim se dá a entender que uma das alegres diversões, em Melinde, foi a pesca. (4) O triúmviro romano [III, 136]; em outros lugares do poema se alude a Cleópatra e Marco António [III, 136, 141; V, 85; etc.].

Note-se, no verso 2, «a segundo» [locução antiquada]; em outros lugares do poema, o mesmo vocábulo é empregado com significação diversa: VII, 47; IX, 7; etc.

Com o nome de Cleópatra houve no Egipto outras rainhas; aquela a que se refere o Poeta, e que foi célebre pela sua formosura e pelos seus desregramentos, viveu entre os anos 69 e 30 A. C.

---

3 Mas vendo o capitão que se detinha
Já mais do que devia, e o fresco vento
O convida que parta e tome asinha
Os pilotos da terra e mantimento,
Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito pera cortar do salso argento:
Já do pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

Mas o Capitão (1) — *vendo, que já se detinha mais do que devia, e* vendo que *o fresco vento o convidava* a *partir, e tomar azinha* (2) *da terra os pilotos e mantimento — não quis deter-se mais, que* [*pois*] *ainda tinha que cortar* (3) *muito do* [*no*] *salso argento* (4). *Despede-se já* [*logo*] *do benigno pagão* (5), *que, a todos* os navegantes, *pede longa amizade.*

(1) Vasco da Gama. (2) Depressa, sem demora. (3) Navegar. (4) «Salso argento» [I, 18], o mar. (5) «Benigno pagão», benévolo rei de Melinde; VI, 1.

Note-se, no verso 3, a locução conjuntiva, que hoje em linguagem corrente se substitui por simples infinito: «convida a que parta» = convida a partir.

---

4 Pede-lhe mais, que aquelle pôrto seja
Sempre com suas frotas visitado;
Que nenhum outro bem maior deseja
Que dar a tais barões seu reino e estado:
E que, em quanto seu corpo o sprito reja,
Estará de contino aparelhado
A pôr a vida e reino totalmente
Por tam bom rei, por tam sublime gente.

Mais lhe pede o rei de Melinde, a Vasco da Gama, *que seja sempre aquele pôrto visitado com as suas frotas* (1); diz-lhe, *que nenhum outro bem* [*felicidade*] *deseja maior* do *que dar* o *seu reino, e* o seu *Estado a tais varões* (2); *e que, emquanto o espírito* (3) *reger* (4) o *seu corpo* (5), *estará, de contínuo, aparelhado* (6) *a pôr totalmente a* sua *vida e* o seu *reino por tam bom rei e por tam sublime gente* (7).

(1) «Visitado com as...», visitado pelos navios dos portugueses; [frota = muitos navios reùnidos]. (2) Varões portugueses. (3) Alma. (4) Governar. (5) «Emquanto, etc.», emquanto tiver vida. (6) Disposto. (7) «Pôr a sua vida, etc.», empregar a sua vida e o seu reino em favor de tam bom rei [o dos portugueses] e em favor de tam digna gente.

---

5 Outras palavras tais lhe respondia
O capitão, e logo, as velas dando,
Pera as terras da Aurora se partia
Que tanto tempo há já que vai buscando.
No pilôto que leva não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa; e assi caminha
Já mais seguro do que d'antes vinha.

O Capitão respondia-lhe outras palavras tais [*semelhantes*] (1); *e, dando logo as velas* ao vento, *par-*

tiu para as terras da Aurora (**2**), *que, há tanto tempo, ia* [*andava*] *já buscando. No pilôto, que levava, não havia falsidade, mas antes* [*ao contrário*] *êste ia mostrando a navegação certa* (**3**), *e, assim,* o Capitão *caminhava já mais seguro do que vinha dantes.*

(**1**) Palavras também de amizade. (**2**) «Terras da Aurora», terras do Oriente [cfr. I, 14, 21, 59 e *passim*]; a partida de Melinde foi em 24 de Abril, havia dez meses que a frota estava em viagem. (**3**) O pilôto chamava-se Malemo Cana; na carta que levava, ia mostrando ao Gama tôda a costa de África.

---

6 As ondas navegavam do Oriente
Já nos mares da Índia, e enxergavam
Os tálamos do sol, que nace ardente;
Já quási seus desejos se acabavam.
Mas o mao de Tioneo, que na alma sente
As venturas que então se aparelhavam
Á gente lusitana, d'ellas dina,
Arde, morre, blasfema e desatina.

Os portugueses *navegavam nas ondas do Oriente, já nos mares da Índia, e enxergavam* (**1**) *o tálamo* (**2**) *do sol que nasce ardente; os seus desejos já quási se acabavam* (**3**). *Mas o mau do Tioneu* (**4**) — *que, na alma, sente* [*lastima*] *as venturas que se aparelhavam* (**5**) *então para a lusitana gente, digna delas* — *arde* (**6**), *morre* (**7**), *blasfema e desatina.*

(**1**) Divisavam ao longe. (**2**) «Tálamo», literalmente, leito em que se dorme; fig., a região celeste em que nasce o sol; parecendo nascer em terras do Oriente, nas quais é grande o ardor do sol. (**3**) Se completavam; os desejos dos navegantes estavam quási satisfeitos. (**4**) Epíteto de Baco [I, 30; II, 12], por ser filho de Tione. (**5**) Estavam aparelhadas, preparadas para... (**6**) Fica furioso, arde em cólera. (**7**) «Morre...» de desejos por aniquilar os nave-

gantes: em seguida se verá, que Baco vai pedir a Neptuno a convocação dos deuses marítimos para contrariarem a viagem; resolvendo êles desencadear os ventos e destruir a armada em medonho temporal.

No verso 5, «o mau de Tioneu»: era uso clássico, e é ainda hoje de uso popular, a particularidade de interpor a preposição «de» entre o adjectivo ou palavra equivalente e o substantivo que com êle concorda; faltando aqui o artigo, mas essa falta no poema é muito freqüente.

No verso 1, «navegar» é empregado transitivamente [particularidade estilística dos antigos clássicos].

---

7 Via estar todo o Ceo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma:
Não-no pode estorvar, que destinado
Está d'outro poder, que tudo doma.
Do Olimpo dece em fim desesperado,
Novo remédio em terra busca e toma:
Entra no húmido reino, e vai-se á côrte
D'aquelle a quem o mar caíu em sorte.

O Tioneu (1) *via estar todo o Céu* (2) *determinado a fazer* (3) *de Lisboa* uma *nova* (4) *Roma; não o podia estorvar* (5), *que* [*pois*] *estava* isso *destinado por outro poder, que doma tudo* (6). *Emfim* [*afinal*], *desesperado, desce do Olimpo, busca e toma novo* [*outro*] *remédio na terra* (7), *entra no húmido reino* (8) *e vai à côrte* (9) *daquele* deus *a quem o mar caíu em sorte.*

(1) Baco, cfr. estância precedente. (2) «Todo o céu», fig., todos os deuses do céu [o concílio dos deuses]. (3) «Estava determinado de...», estava resolvido a... (4) «Nova» = outra; segundo a determinação dos deuses, Lisboa viria a ser tam opulenta cidade como era Roma. (5) «Não podia...», era impossível ao Tioneu contrariar a resolução dos deuses do céu. (6) «Poder, etc.»; fig., Deus verdadeiro que tudo governa; I, 21[2-4]. (7) «Busca...»; procura e trata

de executar [no globo terráqueo] novo meio de destruir os navegantes, visto não o ter encontrado no céu. (8) «Húmido reino», o mar. (9) «Vai-se à...», encaminha-se para a côrte de Neptuno [para o fundo do mar]. O mar coube em sorte a êste deus, quando Saturno foi destronado, e os filhos dividiram entre si o mundo: Júpiter teve o céu e a terra; Platão, o inferno.

No verso 7, «vai-se»: tenha-se em lembrança que é antiquada a forma reflexa nos verbos de movimento, como se encontra quási sempre em Camões.

---

8 No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá d'onde as ondas saem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, e moram as jocundas
Nereidas, e outros deuses do mar, onde
As águas campo deixam ás cidades,
Que habitam estas húmidas deidades.

No mais interno fundo (1) *das profundas* e *altas cavernas* (2) *onde o mar se esconde, lá* — nessas cavernas, *donde* [*das quais*] *saem as ondas furibundas* (3), *quando o mar responde às iras do vento* (4) — *mora Neptuno, e moram as jucundas* (5) *Nereidas* (6), *e outros deuses do mar, onde* [*no qual*] *as águas deixam campo* (7) *às cidades, que estas húmidas deidades* (8) *habitam.*

(1) «No mais interno...», na parte mais funda. (2) Antros; cavidades das rochas que estão no fundo do mar; cavidades amplas, espaçosas, altas, em que há campo para cidades. (3) O adjectivo aqui vale de locução adverbial: com furor. (4) «O mar responde...»; quando o mar se encapela e se agita com estrondo, como que em resposta ao vento irado, violento. (5) Alegres. (6) As ninfas marítimas, filhas de Nereu, *passim*. (7) «Deixam campo às»; dão espaço para as... (8) «Húmidas deidades», as divindades

marítimas que habitam no fundo do mar; cfr. o «húmido elemento»: II, 67, 108; X, 70 e *passim*.

---

9 Descobre o fundo nunca descuberto
As areas ali de prata fina;
Tôrres altas se vem no campo aberto
Da transparente massa cristalina.
Quanto se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se é cristal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro e radiante.

Ali [*naquelas cavernas*], *o fundo do mar, nunca descoberto* (1), *descobre* (2) *as areias de fina prata;* ali, *no campo aberto da transparente massa cristalina* (3), *vêem-se altas tôrres; quanto mais perto chegam* lá *os olhos, tanto menos a vista* (4) *determina* [*distingue*], *se o que* a vista *vê* — e *que se mostra assim* (5) *claro e radiante* — *é cristal*, ou *se é diamante*.

(1) Sempre coberto pelas águas. (2) Deixa ver. (3) «Campo aberto...»; ficção do grande espaço existente dentro de amplas cavidades em rochas de cristal que estão no fundo do mar, e dentro das quais está a habitação de Neptuno e das deidades marítimas. (4) «Vista», fig., olhos. (5) «Assim», tam.

---

10 As portas d'ouro fino e marchetadas
Do rico aljôfar que nas conchas nace,
De esculptura fermosa estão lavradas,
Na qual do irado Baco a vista pace:
E vê primeiro em côres variadas
Do velho Caos a tam confusa face;
Vem-se os quatro elementos trasladados,
Em diversos offícios occupados.

As portas [*dessas tôrres*], *de ouro fino — e marchetadas do* [*com o*] *rico aljôfar* (**1**) *que nasce nas conchas, — estão lavradas de formosa escultura* (**2**), *na qual o irado Baco pasce* (**3**) [*apascenta*] *a vista, e vê primeiro* [*e olha primeiramente para*] *a face tam confusa do velho Caos* (**4**), *em variadas côres; ali se vêem trasladados* [*copiados*] (**5**) *os quatro elementos* (**6**) *ocupados em diversos ofícios.*

(1) «Marchetadas de aljôfar»; com embutidos de aljôfares; [êstes são pérolas miúdas, que se encontram na concha denominada madrepérola]. (2) «Formosa escultura» [singular pelo plural], formosos desenhos em relêvo. (3) «Pasce a vista», fig., espairece-a. (4) «A face, etc.»; um dos desenhos das portas é o rosto confuso [informe, sem formas definidas, de variegadas côres] do velho Caos. Esta palavra, de origem grega e que significava «abismo», serve para designar a confusão primitiva dos elementos; aqui, está empregada como símbolo mitológico, conforme era personificado pelos poetas latinos; o epíteto «velho» indica ser êle mais antigo do que a Terra; «antes da Terra havia o Caos, depois as trevas, etc.», segundo a teogonia de Hesíodo [século VIII A. C.]. (5) Representados em desenho, em escultura. (6) Nas duas estâncias seguintes se descrevem os desenhos dos quatro elementos, que os antigos supunham ser partes constitutivas de todos os corpos, fogo, ar, terra e água, e na est. 13 ainda se descrevem outros desenhos.

---

11 Ali sublime o fogo estava encima,
Que em nenhũa matéria se sustinha;
D'aqui as cousas vivas sempre anima,
Despois que Prometheo furtado o tinha.
Logo após elle leve se sublima
O invisíbil ar, que mais asinha
Tomou lugar, e nem por quente, ou frio,
Algum deixa no mundo estar vazio.

Ali, em cima [*da face do Caos*] *estava sublime* (1) *o fogo, que em nenhuma matéria se sustinha* — *o* fogo que *anima sempre as cousas vivas daqui* [*dêste mundo*], *depois que Prometeu* (2) *o furtou* ao céu. *Logo após êle* [*em seguida ao fogo*] *sublimava-se* (3), *levemente* (4) *o invisível ar* — o ar *que mais azinha* (5) *tomou lugar, e* que, *nem por* estar *quente ou frio* (6), *deixa estar vazio* lugar *algum no mundo.*

(1) «Sublime», levantado, subido; o desenho representaria chamas sôltas, não se vendo matéria que as produzisse. (2) Na mitologia clássica aparece Prometeu como iniciador da primeira civilização humana: depois de ter formado o homem com barro, para lhe dar vida com o lume celestial, rouba fogo do céu; e Júpiter, para o punir, mandou-o amarrar a um rochedo, onde um abutre lhe devorava o fígado; era filho do titão Japeto e irmão de Alas [IV, 103]. (3) Levantava-se. (4) «Leve», com função de advérbio. (5) Mais depressa; logo que foi destruído o Caos, o Ar ocupou lugar imediatamente; introduziu-se no que era vácuo. (6) O ar é um fluido elástico; quer seja quente, quer seja frio, dilata-se e entra em tôda a parte; considerava-se na antiguidade um elemento simples; hoje está reconhecido ser uma mistura de muitos gases, dos quais fazem parte principalmente o oxigénio e o azote.

---

12 Estava a terra em montes revestida
De verdes hervas e árvores floridas,
Dando pasto diverso e dando vida
Ás alimárias nella produzidas.
A clara forma ali estava esculpida
Das águas entre a terra desparzidas,
De pescados criando vários modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

A Terra estava em montes (1), *revestida de verdes ervas e* de *floridas árvores, dando vida e pasto*

diverso às alimárias (2) *nela produzidas. Ali estava esculpida a clara forma das águas* (3) *despargidas* (4) *entre a terra, criando vários modos* [*espécies*] *de pescados* (5), *e mantendo com o seu humor* (6) *todos os corpos.*

(1) Nas portas do palácio de Neptuno estava representada a Terra em escultura [o terceiro elemento]. (2) Nome genérico, significando aqui tôda a espécie de animais. (3 A água pura das fontes e dos rios via-se representada nas portas. (4) Espalhadas. (5) «Criando, etc.»; reminiscência de antigas doutrinas, segundo as quais residia nas águas o princípio da fecundação e da reprodução de todos os entes vivos. (6) Líquido.

---

13 Noutra parte esculpida estava a guerra
Que tiveram os deuses cos gigantes:
Está Tifeo debaxo da alta serra
De Etna, que as flamas lança crepitantes:
Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes,
D'elle o cavallo houveram, e a primeira
De Minerva pacífica oliveira.

Noutra parte, estava esculpida a guerra que os deuses tiveram com os gigantes (1): *estava Tifeu* (2) *debaixo da alta serra do Etna* (3), *que lançava as crepitantes flamas; vê-se* também ali *esculpido, ferindo a terra, Neptuno, quando as gentes ignorantes houveram dêle o cavalo, e* houveram *de Minerva a primeira pacífica oliveira* (4).

(1) «A guerra...» [cfr. II, 112; v, 51], a tentativa dos gigantes filhos da Terra querendo escalar o céu. (2) O chefe dos gigantes fulminado por Júpiter e metido no vulcão do Etna; I, 42. (3) O monte da Sicília, do qual saíam freqüentemente turbilhões de fogo e de maté-

rias em ignição — crepitantes, fazendo grande estrépito. (4) «Quando as gentes...»; cf. III, 51, nota 4, a gente ignorante doutros tempos acreditava na fábula — Neptuno dera aos homens o primeiro cavalo, quando Minerva lhes deu a primeira oliveira; diz a fábula que, estando essas divindades disputando qual delas teria maior nomeada na principal cidade da Grécia [Atenas], concordaram que seria quem desse, à humanidade, cousa de mais proveito; então Neptuno bateu no chão com o tridente, e saíu da terra o primeiro cavalo; Minerva, batendo com o conto da lança, fêz brotar do solo a primeira oliveira; «pacífica» diz o Poeta, por ser emblema ou símbolo da paz, e criada por Minerva, protectora das sciências que só na paz florescem.

Acabou a descrição das esculturas do palácio do deus do mar, que estão sendo examinadas por Baco; entra êste agora a falar, dirigindo-se a Neptuno.

---

14 Pouca tardança faz Lyeo irado
Na vista d'estas cousas; mas entrando
Nos paços de Neptuno que, avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando,
Ás portas o recebe, acompanhado
Das nimphas, que se estão maravilhando
De ver que, cometendo tal caminho,
Entre no reino d'água o rei do vinho.

Lieu (1), *irado, pouca tardança faz na vista destas cousas* (2); *mas* vai *entrando nos paços* (3) *de Neptuno, que, avisado da sua vinda, o estava já aguardando*, e que *às portas o recebe, acompanhado das Ninfas* (4), *que se estão maravilhando* (5) *de ver que o rei do vinho* (6), *cometendo tal caminho, entra no reino da água* (7).

(1) Um dos cognomes de Baco. (2) «Pouca tardança...», pouca demora, a examinar as esculturas descritas nas três precedentes. (3) No palácio de Neptuno. (4) As ninfas marítimas: Nereidas e Oceânides. (5) Estão a admi-

rar-se. (6) «Rei do vinho», o deus do vinho, Baco e o reino da água [jocoso trocadilho de palavras]. (7) «Cometendo, etc.», atacando; [fig.], entrando, vindo por êsse caminho [pela água], no reino de Neptuno.

Note-se a oração do particípio [verso 2] «entrando», equivalendo a verbo = «entrou»; hoje considera-se anacolútica semelhante construção — fazendo aqui parecer que o sujeito de «recebe» é «Lieu». Cfr. em II, 27[3], a interpretação que demos ao particípio imperfeito «saltando» [= vão saltando]; cfr. ADITAMENTO ao vol. I, p. X; cfr. Dr. J. M. Rodrigues, *Fontes dos Lusíadas*, pp. 393, 490 e 614.

«Lieu» [verso 1] era o sobrenome [«Liaeos»] de «Dionisos» — na mitologia grega — o deus do vinho, correspondendo ao Baco da mitologia romana; o vocábulo grego significava «livrar» e «Dionisos», ou o próprio vinho, livrava de cuidados; cfr. I, 49; VI, 20.

---

15 «Oh Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baco nos teus reinos receberes,
Porque também cos grandes e possantes
Mostra a fortuna injusta seus poderes.
Manda chamar os deuses do mar, antes
Que fale mais, se ouvir-me o mais quiseres.
Verão da desventura grandes modos:
Ouçam todos o mal, que toca a todos!»

Ó Neptuno — disse-lhe Baco — *não te espantes de receberes a Baco nos teus reinos* (1), *porque a injusta fortuna* (2) *mostra* os *seus poderes também com os grandes e possantes* (3). *Antes que* eu *fale mais, — se mais quiseres ouvir-me, — manda chamar os deuses do mar; verão grandes modos* [*diversidades*] *de desventura;* desejo que *todos ouçam o mal que a todos toca* (4).

(1) «Não te espantes, etc.», não te admires [de que, eu, rei do vinho, venha entrar no teu reino da água]; o

motivo da visita devia ser de gravidade. (2) Baco julga uma infelicidade, para êle, o serem protegidos da fortuna os portugueses. (3) Poderosos; Baco, apesar do seu poder, não achara meio de realizar os seus desejos. (4) Tratava-se da navegação dos portugueses no mar, do qual eram senhoras as deidades marítimas, por isso a todas interessava o que seria exposto neste concílio.

Compare-se «modos de desventura», verso 7, e «modos de pescados», verso 7 da est. 12.

---

16 Julgando já Neptuno, que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão, que chame os deuses da água fria,
Que o mar habitam, d'ũa e d'outra banda.
Tritão, que de ser filho se gloria
Do rei e de Salácia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai e seu correio.

Neptuno, julgando já que seria estranho aquele caso, manda logo chamar *Tritão* (1), para *que* êste *chame os deuses da fria água, que habitam o mar de uma e outra banda* (2). *Tritão — que se gloria de ser* (3) *filho do rei* Neptuno *e da veneranda Salácia* (4) — *era grande* (5), *negro e feio mancebo*, e era a *trombeta* (6) *de seu pai e o seu correio.*

(1) Filho de Neptuno, andava montado em cavalos marinhos; mitologia. (2) «Uma e outra...»; o mar de ambos os hemisférios. (3) «Gloria-se de...», tem orgulho em ser... (4) Epíteto de Anfitrite, a espôsa de Neptuno; «Salácia» foi antigo nome de Alcácer do Sal, por haver aí um templo dedicado a deusa com êsse nome. ¿Seria o nome duma ninfa, amante de Neptuno? divergem as opiniões dos mitógrafos; — como quer que seja, a mãe seria «veneranda» no conceito do filho. (5) Da gran-

deza de Tritão se formará idea pela descrição na estância seguinte. (6) O Tritão servia-se de um grande búzio [concha retorcida em forma de trombeta], que soprava, e cujos sons serviam de aviso para chamar os outros deuses marítimos.

---

17 Os cabellos da barba, e os que decem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Uns limos prenhes d'água, e bem parecem
Que nunca brando pentem conheceram:
Nas pontas pendurados não falecem
Os negros misilhões, que ali se geram;
Na cabeça por gorra tinha posta
Ua mui grande casca de lagosta.

Os cabelos da barba, e os que da cabeça desciam nos [*sôbre os*] *ombros, eram, todos, uns limos* (1) *prenhes* (2) *de água, e bem parecia, que nunca brando pente haviam conhecido. Pendurados nas pontas* dos limos *não faleciam* [*faltavam*] *os negros mexilhões* (3) *que ali se geravam; na cabeça tinha posta, por gorra,* (4) *uma casca de lagosta* (5) *mui grande.*

(1) Fibras dum musgo que se cria nas águas. (2) Embebidos, repletos de água; a escorrerem água. (3) Marisco vulgar e comestível, molusco de concha oblonga negra. (4) Servindo de gorra [de barrete]. (5) Crustáceo [molusco cujo corpo é coberto de uma substância sólida, e em diversas peças].

«Descer nos ombros», como «correr na alagoa», «conduzir, trazer no porto» [III, 73-4; II, 325-6 e 851-4]; é construção usual no século XVI» [*Fontes* citadas, p. 608].

---

*

18 O corpo nu e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento;
Mas porém de pequenos animais
Do mar, todos cubertos cento e cento:
Camarões e cangrejos, e outros mais
Que recebem de Phebe crecimento;
Ostras e briguigões do musgo sujos,
Ás costas com a casca os caramujos.

O Tritão tinha *o corpo nu, e* nus também *os membros genitais, por [para] não ter impedimento ao nadar, mas todos cobertos de pequenos animais do mar,—cento e cento [eram, aos centos],—camarões* (**1**), *caranguejos* (**2**), *e outros mais que recebem crescimento de Febe [da lua]* (**3**), *ostras* (**4**), *berbigões* (**5**) *sujos de musgo, e caramujos* (**6**) *com a casca às costas.*

(**1**) Pequenos crustáceos, comestíveis. (**2**) Género principal dos crustáceos decápodes, alguns dos quais são comestíveis. (**3**) Alusão à crença popular de que certos mariscos estão mais gordos, mais volumosos, quando é lua cheia. (**4**) Molusco marítimo [de concha dupla], comestível. (**5**) Molusco marítimo [de concha dupla], comestível. (**6**) Molusco marítimo de concha dupla. (**7**) Molusco acéfalo de uma só concha.

---

19 Na mão a grande concha retorcida
Que trazia, com fôrça já tocava:
A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia apercebida
Dos deuses para os paços caminhava
Do deus, que fez os muros de Dardânia,
Destroídos despois da grega insânia.

O Tritão *tocava já com fôrça a grande concha retorcida* (**1**) *que trazia na mão; a grande e canora*

(2) *voz foi ouvida por todo o mar, que longe retumbou* (3). *Toda a companhia dos deuses* marítimos *caminhava já, apercebida* (4), *para os paços do deus que fez os muros de Dardânia* (5), *destruídos, depois, da* [*pela*] *insânia grega* (6).

(1) A concha que servia de trombeta; IV, 16. (2) Sonorosa, de som claro, alto e prolongado. (3) Soou fortemente. (4) Preparada; já estava prevenida; cfr. «profeta Próteo» na estância seguinte. (5) Nome antigo de Troádia, de que foi capital Tróia, região da Ásia Menor; cfr. «Dardanelos» [o estreito que ainda hoje tem êsse nome], «Dardânia», aqui, significa «Tróia», cujas muralhas dizia-se terem sido levantadas por Neptuno. (6) «Insânia grega», a ira louca dos gregos, que destruiram Tróia; — loucura foi a idea que determinou a expedição dos gregos contra Tróia, no intento de recuperar Helena, a princesa grega [espôsa de Menelau, rei de Esparta], raptada por Páris, e que se refugiara em Tróia.

---

20 Vinha o padre Oceano, acompanhado
Dos filhos e das filhas, que gerara;
Vem Nereo, que com Dóris foi casado,
Que todo o mar de nimphas povoara;
O propheta Protêo, deixando o gado
Marítimo pacer pela água amara,
Ali veio também; mas já sabia
O que o padre Lyeo no mar queria.

O padre (1) *Oceano* (2) *vinha acompanhado dos filhos e das filhas que gerara; vinha Nereu* (3), *que foi casado com Dóris* (4), e *que povoara de ninfas todo o mar; também ali veio o profeta Próteo* (5), *deixando o gado* (6) *pascer* [*apascentar-se*] *pela água amara* (7); *mas* Próteo *já sabia* (8) *o que o padre Lieu* (9) *queria no mar*.

(1) Suposto tratamento de cortesia para os deuses de maior graduação, ou como testemunho de respeito. (2) Na mitologia primitiva da Grécia: filho de Celo [Céu ou Urano] e de Gaea [Terra]; espôso de Tétis [«Tethys»]; pai das Oceânides [ninfas do Oceano]: divindade que personificava o mar. (3) Divindade marítima; espôso de Dóris, pai das Nereidas [ninfas do Mediterrâneo]. (4) Filha do Oceano, e de Tétis: [«Tethys»] — que não deve confundir-se com outra Tétis [«Thetis»], filha de Nereu — cfr. ADVERTÊNCIA, p. 12, nota. (5) Filho de Neptuno [cfr. I, 19, onde o verso pede outra acentuação]; o epíteto «profeta», aqui, provêm de que êle recebera do pai o dom de adivinhar, mas falava pouco; e quando não queria responder às preguntas transformava-se como queria. (6) Os cardumes de focas, que pareciam rebanhos e que êle dirigia e vigiava como se fôsse um pastor. (7) Amarga, por ser salgada. (8) «Já sabia» [porque tinha o dom de adivinhar] o motivo de ter ido Baco procurar Neptuno. (9) Cognome de Baco; I, 49; VI, 14.

Note-se que, segundo alguns mitógrafos, Tétis era filha de Celo e de Vesta [IX, 85], e espôsa de Neptuno; outros, que a espôsa dêste era Anfitrite; e a respeito de Vesta, também se afirma que houvera na antiguidade dois entes míticos dêste mesmo nome: a mais velha, mãe de Saturno e apelidada mãe dos deuses; outra mais nova, filha de Saturno e de Rea [= Cibele]. O Poeta atribui a Neptuno duas espôsas: Anfitrite e Tétis; cfr. VI, 22.

---

21 Vinha por outra parte a linda espôsa
De Neptuno, de Celo e Vesta filha,
Grave e leda no gesto, e tam fermosa,
Que se amansava o mar de maravilha.
Vestida ũa camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo cristalino deixa ver-se;
Que tanto bem não é pera esconder-se.

Por outra parte, a linda espôsa de Neptuno (1) — *filha de Celo* (2) *e Vesta* (3) — *vinha grave* (4) *e leda* (5) *no gesto* (6), *e tam formosa, que o mar, de mara-*

vilha (7), *se amansava. Trazia vestida uma preciosa camisa de beatilha* (8), tam *delgada que deixava ver-se* [*ser visto*] *o cristalino* (9) *corpo, que* [*pois*] *tanto bem* (10) *não era para se esconder.*

(1) A espôsa de Neptuno era Anfitrite [cfr. notas da estância 16 e a precedente]; o Poeta aqui faz, de Tétis, espôsa, não de Oceano mas de Neptuno. (2) Mitologia grega: o mesmo que «Urano», pai de Saturno, do Oceano, etc. (3) Deusa do fogo. (4) Majestosa. (5) Alegre. (6) Rosto. (7) «De maravilha», [prosopopeia], maravilhado, extasiado, admirado ao ver tam maravilhosa formosura. (8) Tecido, a que se dava êste nome, antigamente, e que era finíssimo, transparente: dêle se faziam véus ou toucados para freiras. (9) Fig., de alvura imaculada. (10) «Tanto bem», fig., tanta, tam grande formosura.

---

22 Anfitrite, fermosa como as flores,
Neste caso não quis que falecesse:
O delfim traz consigo, que aos amores
Do rei lhe aconselhou que obedecesse.
Cos olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá que o sol vencesse.
Ambas vem pela mão, igual partido,
Pois ambas são espôsas d'um marido.

Anfitrite (1), *formosa como as flores, não quis qne falecesse* (2) *neste caso* (3); *traz consigo o delfim* (4) *que a aconselhou a que obedecesse aos amores do rei. Qualquer* delas (5) *parece que* (6) *vencesse o sol com os olhos, que de tudo são senhores* (7). *Ambas vem pela mão* (8): *igual partido* (9), *pois ambas são espôsas dum* mesmo *marido.*

(1) Deusa do mar [segunda espôsa de Neptuno]. (2) Faltasse [acepção literal]; a deusa não quis deixar de comparecer a êste acto, a esta convocação; não quis que

houvesse falência [fatal] dela na recepção de Baco. (3) Conjuntura, ocasião. (4) «Delfim», ou golfinho, é nome genérico dum peixe da família dos cetáceos, e do qual há várias espécies; a fábula atribuía-lhe formas fantásticas, e incluía-o no número das divindades secundárias; alude-se aqui aos amores de Neptuno por Anfitrite; esta mostrava-se esquiva e desdenhosa; foi um golfinho que a incitou e persuadiu a ser espôsa do rei do mar. (5) «Qualquer delas», ambas as deusas [Tétis e Anfitrite]. (6) «Parecerá que...», é natural que as deusas, com a beleza dos seus olhos, vencessem Apolo, e o fascinassem conquistando o amor do rei sol. (7) «De tudo são senhores»; as deusas com a fascinação do seu olhar dominavam tudo. (8) «Ambas, etc.»; as deusas vão de mãos dadas uma à outra. (9) Igual condição.

Note-se no verso 2: *a*) a significação, hoje desusada, de «faltar»; *b*) a oração conjuncional onde actualmente se emprega o simples infinito: «não quis faltar».

No verso 6: «parecerá que vencesse» [oração conjuncional] = parecerá vencer; o futuro do verbo, em vez do presente — tornando a construção menos simétrica [liberdade poética por exigência do número].

No verso 4, «lhe» em vez de «o» [*passim*].

---

23 Aquella, que das fúrias de Atamante
Fugindo, veio a ter divino estado,
Consigo traz o filho, bello infante,
No número dos deuses relatado.
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o sálgado
Mar sempre cria, e ás vezes pela area
No colo o toma a bella Panopea.

Aquela princesa (1), *que, fugindo das fúrias de Atamante* (2), *veio a ter divino estado, traz consigo o filho, belo infante* que é *relatado* [*contado*] *no número dos deuses;* êsse infante *vem, pela praia* (2) *adiante, brincando com as lindas conchinhas que o*

salgado mar cria sempre (3); *e, às vezes, pela areia, toma-o, no colo, a bela Panopea* (4).

(1) Em perífrase, diz-se, na presente estância, que na recepção a Baco apareceu também uma divindade, que fôra princesa, e se chamava Ino, a qual era filha de Cadmo [fundador lendário de Tebas] e de Harmonia [entidade mítica]; essa princesa, sendo espôsa de Atamante [rei de Tebas], vendo o marido encolerizado, enfurecido, fugiu-lhe e atirou-se ao mar com um filhinho, sendo então ambos convertidos em «divino estado», isto é, em deidades marítimas, ficando ela então com o nome de Leucotea [que nada tem de comum com a Leucotoe de III, 1], e a criança tinha o nome de Melicerte, segundo alguns mitógrafos, ou Palemon, segundo outros. (2) Veja-se a nota precedente. (3) «O mar cria sempre», o mar está sempre criando. (4) Nome duma das nereidas.

---

24 E o deus, que foi num tempo corpo humano,
E por virtude da herva poderosa
Foi convertido em peixe, e dêste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feio engano
Que Circe tinha usado co'a formosa
Scylla, que elle ama, d'esta sendo amado;
Que a mais obriga amor mal empregado.

E ao palácio de Neptuno também veio *o deus* (1) *que, num tempo* antigo, *fôra corpo humano, e,* que, *por virtude da poderosa* (2) *erva, foi convertido em peixe; e dêste dano lhe resultou* o ser *gloriosa deidade;* — *vinha chorando ainda o feio engano* (3) *que Circe tinha usado com a formosa Sila, que êle* [*Glauco*] *amava, sendo dela amado; que* [*pois*], *a mais* do que isso *obriga amor mal empregado* (4).

(1) Alude-se a Glauco [personagem de ficção dos poetas latinos] que sendo pescador, e achando um peixe morto

na margem de um rio, e vendo-o resuscitar quando o aproximou de uma erva, comeu dela também, do que resultou ser convertido em peixe; indo em seguida para o mar, aí foi convertido em divindade marítima; antes disso êle tinha amado Scila, filha de Fórcus, antigo rei da Córsega; mas Circe [v, 88], feiticeira, perdida de amores também por Glauco, que a desprezava, vingou-se envenenando a água em que se banhava Scila, e quande esta entrou nessa água ficou convertida em cão. Scila, de desespêro por estar reduzida a tal monstruosidade, despenhou-se no mar, vindo a ser convertida no escolho rochoso que tem êste nome no mar da Sicília. (2) «Poderosa», que tinha poder mágico. (3) Traição. (4) O amor de Circe, não correspondido [mal empregado], obrigou-a [induziu-a] a praticar êsse feio acto, essa traição [o envenenar a água de Scila]; o despeito de amores tais induz a crimes ainda maiores.

---

25 Já finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal,
As deusas em riquíssimos estrados,
Os deuses em cadeiras de cristal;
Foram todos do padre agasalhados,
Que co Thebano tinha assento igual;
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nace, e Arábia em cheiro passa.

Finalmente, estando na grande, nobre e divinal sala, já todos assentados, — as deusas em riquíssimos estrados (1), e *os deuses em cadeiras de cristal, — foram todos agasalhados* (2) *do* [*pelo*] *Padre Neptuno, que com o Tebano* (3) [*mais o Tebano*] *tinha assento igual. A rica massa que nasce no mar* (4), *e que passa* [*excede*], *em cheiro, a* massa *arábia* [*arábica*] (5), *enchia a casa de fumos.*

(1) Bancos, escabelos, supedanos, assentos rasos sem espaldar. (2) Acolhidos carinhosamente. (3) Cognome de Baco. (4) «Massa que, etc.» [perífrase], o âmbar; subs-

tância de côr cinzenta, muito aromática, que se forma na vesícula biliar de alguns cetáceos, e que, expulsa por êles, se encontra flutuando nos mares, principalmente no Índico; queimada, espalha um cheiro activo semelhante ao do almíscar. (5) «A massa arábica», aromática [perífrase], é o incenso.

---

26 Estando sossegado já o tumulto
Dos deuses e de seus recebimentos,
Começa a descubrir do peito occulto
A causa o Tyoneo de seus tormentos.
Um pouco carregando-se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de Luso triste morte
Co ferro alheio, fala d'esta sorte.

Estando já sossegado o tumulto (1) *dos deuses, e dos seus recebimentos* (2), *o Tioneu* (3) *começa a descobrir, do oculto peito, a causa dos seus tormentos* (4), e — *carregando-se* (5) *um pouco no vulto* (6), *dando mostra só de grandes sentimentos* (7) *por* [*para*] *dar triste morte aos* descendentes *de Luso,* mas *com ferro alheio,* — *fala* (8) *desta sorte:* —

(1) Bulício; ruído confuso havido na ocasião de cada qual tomar o seu lugar; sussurro dos cumprimentos. (2) Saùdações de boas vindas. (3) Baco; cfr. VI, 6. (4) «Começa a descobrir»; Baco principia a tirar do recôndito do pensamento, patenteando-a, a causa da sua inquietação. (5) Tornando-se sombrio, severo. (6) Rosto. (7) «Dando mostra, etc.», aparentando ser induzido por nobrés e honrosos sentimentos. (8) «Por dar», etc.; nestas palavras patenteia-se a ironia: a severidade do rosto a indicar espírito de rectidão; na realidade, o Tioneu queria que os navegantes fôssem mortos, não por êle próprio, que os odiava, mas pelos deuses marítimos. — O discurso começa na estância seguinte e conclui na estância 34.

---

27 «Príncipe, que de juro senhoreas
D'um polo ao outro polo o mar irado;
Tu, que as gentes da terra toda enfreas,
Que não passem o termo limitado;
E tu, padre Oceano, que rodeas
O mundo universal, e o tens cercado,
E com justo decreto assi permites,
Que dentro vivam só de seus limites:

Ó *príncipe* (1), *que senhoreias* (2) *de juro* (3) *o irado* (4) *mar, de um polo ao outro polo; tu, que enfreias* (5) *as gentes da terra toda,* para *que não passem o limitado termo* (6); *e tu, padre Oceano* (7), *que rodeias o mundo universal* (8), *e o tens cercado, e assim permites, com justo decreto, que* essas gentes *vivam só dentro dos seus limites* (9); [*completa-se o sentido na estância seguinte*].

(1) Tratamento de familiaridade, dirigindo-se Baco a Neptuno. (2) Dominas e reinas no... (3) «De juro», por direito. (4) Tempestuoso. (5) Reprimes. (6) Baliza onde se estabelece limite; o mar até onde, naquele tempo, havia chegado a navegação. (7) É aqui o mar personificado, como se tivesse existência separada da de Neptuno; cfr. VI, 20, nota 2. (8) «Mundo universal», fig., todo o globo terráqueo. (9) A idea do verso 4 repetida por outras palavras no verso 8.

---

28 «E vós, deuses do mar, que não soffreis
Injúria algũa em vosso reino grande,
Que com castigo igual vos não vingueis
De quem quer que por elle corra e ande,
Que descuido foi êste em que viveis?
Quem pode ser, que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos, fracos e atrevidos?

«*E vós, deuses do mar — que, em vosso grande reino, não sofreis injúria alguma, que vos não vingueis, com castigo igual, de quem quer que ande e corra por êle* (1) — *¿que* tendes feito? que *descuido foi êste em que viveis? ¿Quem pode ser* [*existir*] (2), *que vos abrande tanto os peitos, com razão endurecidos* até agora *contra os fracos mas atrevidos* entes *humanos* (3)?

(1) «Não sofreis, etc.»; vós quereis que o mar castigue os mais audaciosos marinheiros, sepultando-os nas ondas. (2) «Quem pode ser...»? quem será que vos abranda...? será possível que alguêm vos abrandasse os corações, etc.; na forma da pregunta, transparece a alusão a Vénus, protectora dos navegantes. (3) Baco, para influir no ânimo dos deuses do mar contra os portugueses, lembra-lhes que estes os injuriam e ofendem navegando na região em que os deuses são senhores, e não se contentando [estância precedente] com a terra, natural morada dos homens.

«Ser», no verso 6, tem a significação de «haver, existir» — assim em outros lugares do poema.

«Corra e ande», no verso 4, por «anda correndo».

«Igual castigo», no verso 3, castigo proporcionado à ofensa.

«Fracos e atrevidos», no verso 8; a conjunção «e» tem a fôrça da adversativa «mas».

---

29 «Vistes, que com grandíssima ousadia
Foram já cometer o Ceo supremo;
Vistes aquella insana fantasia
De tentarem o mar com vela e remo;
Vistes, e ainda vemos cada dia
Soberbas e insolências tais que temo
Que do mar e do ceo em poucos anos
Venham deuses a ser, e nós humanos.

«*Vistes que* os entes humanos *já foram cometer*

[*acometer*] *o supremo céu* (1) *com grandíssima ousadia; vistes* já *aquela insana fantasia, de* êles *tentarem o mar com vela e remo* (2); *vistes* já, — *e ainda vemos, cada dia,* — *soberbas* (3) *e insolências tais, que temo, que, em poucos anos,* êles *venham a ser deuses do mar e do céu, e nós* passemos a ser entes *humanos.*

(1) «Foram cometer, etc.»; tentaram chegar ao alto céu; alusão à tentativa dos gigantes, filhos de Urano; II, 112; V, 51, 58. (2) «Insana fantasia, etc.»; a louca idea dos Argonautas, os primeiros navegadores que se expuseram aos rigores do mar em frágeis barcos de remos e vela; IV, 83, 102. (3) «Soberbas», [aqui em mau sentido], orgulho desarrazoado, e não ousadia heróica, não assim em II, 52 [«peito soberbo e insolente»].

«Humanos», no verso 8, é palavra empregada como substantivo; assim em vários lugares do poema, e em antigos clássicos.

---

30 «Vêdes agora a fraca geração,
Que d'um vassallo meu o nome toma,
Com soberbo e altivo coração,
A vós, e a mi, e o mundo todo doma.
Vêdes, o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma.
Vêdes, o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.

Agora, vêdes [*estais vendo*] *a fraca geração* (1), *que tomou o nome dum vassalo meu* (2), *domando, com soberbo e altivo coração* [*ânimo*] (3), *a vós, a mim e todo o mundo! Vêdes* que os portugueses *vão cortando o vosso mar, mais do que o fez* (4) *a alta gente de Roma* (5)! *Vêdes* que vão *devassando o vosso reino,* e *quebrando os vossos estatutos* (6).

(1) «Fraca geração», humilde família, humilde nação; Baco emprega aqui o epíteto «fraca» para deprimir os portugueses. (2) «Toma o nome, etc.»; alude-se, nesta perífrase, à tradição de ter sido Luso, companheiro de Baco, o fundador da Lusitânia; Baco chama «vassalo» e não «filho», ocultando esta qualidade — ainda com o pensamento de depreciar a Lusitânia no conceito dos deuses; e talvez com a mesma idea emprega o verbo «toma», parecendo querer dizer «usurpa», usa um nome que não tinha direito a usar. (3) «Domando, etc.», subjugando com soberba e altivez. (4) «Mais do que o fêz...»; os portugueses vão navegando mais [em maior extensão] do que os romanos. (5) «A alta gente», etc., os grandes navegadores romanos. (6) «Quebrando», etc., transgredindo as leis [os estatutos] dos deuses marítimos, atravessando os mares de que estes tem o senhorio.

---

31 «Eu vi que contra os Mínyas, que primeiro
No vosso reino êste caminho abriram,
Bóreas injuriado, e o companheiro
Áquillo, e os outros todos resistiram.
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injúria assi sentiram,
Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperais? porque a pondes em tardança?

«*Eu vi, que, contra os Mínias* (1) — os *que primeiro abriram êste caminho no vosso reino* (2) — *resistiram, Bóreas* (3), julgando-se *injuriado, e o* seu *companheiro Áquilo* (4), *e todos os outros* ventos. *Pois, se do aventureiro ajuntamento* (5) dos Mínias *sentiram assim os ventos esta injúria* (6), *vós — a quem mais compete esta vingança* (7) — *que esperais? Porque a pondes em tardança* [*demora*] (8)!?

(1) Os cavaleiros da Tessália, os argonautas; cfr. IV, 83, 102. (2) Os que primeiro...»; os primeiros homens que

sulcaram o mar fazendo viagens longinquas. (3) Divindade personificando o vento Norte, filho do Titão Astreu e da Aurora. (4) Nome latino do vento nordeste; o Poeta simula serem diversos ventos; rememora a oposição que os ventos opuseram à navegação da nau Argus, quando foi conquistar o tosão de ouro. (5) «Aventureiro ajuntamento», reünião dos aventureiros que foram na nau Argus a Cólquide; o vocábulo «aventureiro não tinha sentido depreciativo; cfr. IV, 83; V, 31, 35, 83; VI, 51 e *passim*. (6) «Esta injúria, a ofensa praticada pelos argonautas contra os deuses marítimos, devassando-lhes o mar. (7) «Esta vingança», a vingança da ofensa praticada pelos portugueses contra êsses deuses, devassando o Oceano Índico. (8) «Porque a pondes...?, preguntando Baco, admirado, qual é o motivo de não se terem os deuses vingado já dos portugueses.

---

32 «E não consinto, deuses, que cuideis
Que por amor de vós do ceo deci,
Nem da mágoa da injúria que sofreis,
Mas da que se me faz também a mi:
Que aquellas grandes honras, que sabeis
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas d'esta gente;

«*E* eu *não consinto, ó Deuses, que cuideis* (1), *que por amor de vós* (2) *desci dos céus* (3) até aqui, *nem* cuideis que vim por causa *da* minha *mágoa da* [*pela*] *injúria que sofreis, mas* sabei, que é por causa *da* injúria *que também se me faz, a mim* (4), *que vejo* [*estou vendo*] *abatidas* (5), *desta* [*por esta*] *gente* (6), *todas aquelas grandes honras, que sabeis que ganhei no mundo, quando venci as terras indianas do Oriente* (7).

(1) Julgueis, penseis. (2) Por vossa causa. (3) Baco vinha das regiões etéreas, onde os deuses celestes o não atendiam, e estava no fundo do mar. (4) «Mágoa, etc.»,

dor, pesar; o Tioneu não estava penalizado por causa da injúria feita aos deuses marítimos, mas pela ofensa feita a êle próprio. (5) Depreciadas, obscurecidas. (6) «Esta gente», aludindo aos portugueses, tratados assim com desdêm, com ar de desprêzo. (7) O ressentimento de Baco provinha do receio de vir a perder êle a fama e glória, que adquirira, na fábula, de conquistador da Índia; I, 30, 39, 96 e *passim*.

---

33 «Que o gram senhor, e fados que destinam,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas, móres que nunca, determinam,
De dar a estes barões no mar profundo.
Aqui vereis, oh deuses, como insinam
O mal também a deuses; que asegundo
Se vê, ninguém já tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

«Vejo, *que o grande senhor* (1), *e* os *fados* (2) — *que destinam* (3) *o baixo mundo* (4) *como bem lhes parece,* — *determinam* [*estão determinando*] *dar, a estes varões* lusitanos, *no mar profundo, fama* imensa, *maior* do *que nunca* (5). *Aqui* (6) *vereis, ó deuses, como ensinam* [alguêm *ensina*] (7) o *mal também aos deuses, que* [*pois*], *segundo se vê, ninguêm já tem menos valia* do *que quem, com razão, devia valer mais* (8).

(1) Júpiter. (2) As divindades que fixam com antecedência os casos futuros; I, 24, 28, etc. (3) Fixam, estabelecem o futuro. (4) Os acontecimentos do globo terráqueo. (5) «Fama, etc.»; que os lusitanos, em conseqüência das suas navegações alcançariam maior glória do que até então. (6) Neste caso, nesta conjuntura. (7) «Ensinam», alusão [encoberta] a Vénus, que induzira os deuses do Olimpo a proteger os navegantes. (8) A injustiça do

mundo terrestre: Baco, julgando-se de grande valor, estava sendo desprezado pelos deuses.

---

34 «E por isso do Olimpo já fugi,
Buscando algum remédio a meus pesares,
Por ver o preço, que no ceo perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares.»
Mais quer dizer; e não passou d'aqui,
Porque as lágrimas já correndo a pares
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se acendem as deidades d'água em fogo.

«E por isso, buscando algum remédio aos meus pesares, já fugi do Olimpo (**1**), *por* [*para*] *ver, se por dita* [*ventura*] *acharei nos vossos mares o preço* (**2**) *que perdi no céu».*

—*Mais* cousas, *quis* Baco *dizer, e...* [*mas*], *não passou daqui; porque dos olhos lhe saltaram as lágrimas, correndo já aos pares,*— lágrimas (**3**), *com que* [*em vista das quais*] *as deidades da água se acenderam logo em fogo* (**4**).

(**1**) Baco, desesperado, descera do Olimpo; VI, 7. (**2**) Aprêço. (**3**) Lágrimas que exprimiriam a sufocação da cólera, por Baco se ver desatendido no Olimpo, e o pesar de ficar eclipsada a sua fama pela dos portugueses. (**4**) «As deidades, etc.»; os deuses marítimos, impressionados pelas palavras e pelas lágrimas de Baco, patentearam também indignação irada contra o Olimpo, dando assim, àquele, razão e assentimento; «fogo», fig., indignação, cólera.

No verso 5, a conjunção «e» tem fôrça de adversativa; cfr. VI, 28[3].

Note-se a transposição, nos versos 3 e 4, «ver o preço, que... se acharei» em vez de «se acharei o preço que...».

---

35 A ira, com que súbito alterado
O coração dos deuses foi num ponto,
Não soffreu mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto.
Ao grande Eolo mandam já recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as fúrias dos ventos repugnantes,
Que não haja no mar mais navegantes.

A ira com que, súbito (1) *num ponto* (2), *foi alterado o coração* (3) *dos deuses, não sofreu* (4) *mais — nem conselho bem cuidado* (5), *nem dilação* (6), *nem outro algum* (7) *desconto* (8). Os deuses *mandam já* [*imediatamente*], *da parte de Neptuno, recado ao grande Éolo* (9), *que* [*para que*] *solte, sem conto* (10), *as fúrias dos repugnantes ventos* (11), *que* [*para que*] *não haja mais navegantes no mar.*

(1) Súbitamente. (2) Momento. (3) Ânimo. (4) Permitiu. (5) Reflectido. (6) Adiamento, tardança. (7) Qualquer. (8) Compensação, fig., reflexão que desse lugar a atenuar-se a ira. (9) Rei dos ventos; II, 105. (10) «Sem conto», fig., no maior número possível. (11) «Repugnantes ventos»; os ventos que pugnam e tornam a pugnar, combatem, resistindo; os deuses marítimos, irritados, sem mais reflexão, sem ouvirem o conselho, a opinião, uns dos outros, ordenaram logo aos ventos que destruissem os navegantes portugueses.

---

36 Bem quisera primeiro ali Proteo
Dizer neste negócio o que sentia;
E, segundo o que a todos pareceu,
Era algũa profunda prophecia;
Porém tanto o tumulto se moveu
Súbito na divina companhia,
Que Téthys indinada lhe bradou:
«Neptuno sabe bem o que mandou.»

*

Próteo (1) *bem quisera, primeiro* (2), *dizer ali o que sentia neste negócio* (3), *e,—segundo o que pareceu a todos* os deuses marítimos—*era alguma profunda profecia* o que êle queria dizer. *Porêm, tanto se moveu súbitamente o tumulto na divina companhia* (4), *que Tétis* (5), *indignada, lhe bradou* (6): «*Neptuno bem sabe o que mandou*».

(1) No texto Proteu [IV, 20]: o guardador das focas, e que era profeta. (2) Primeiramente: Próteo teria querido falar antes de dadas as ordens a Éolo. (3) «Neste negócio», a êste respeito [as queixas de Baco]. (4) «Divina companhia», a assemblea dos deuses; houve logo, súbitamente, tam grande sussurro, que... (5) A espôsa de Neptuno; cfr. VI, 21, nota. (6) Gritou em alta voz, e com modos de quem mostra indignação.

---

37 Já lá o soberbo Hippótades soltava
Do cárcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os varões audaces e animosos.
Súbito o ceo sereno se obumbrava;
Que os ventos, mais que nunca impetuosos,
Começam novas fôrças a ir tomando,
Tôrres, montes e casas derribando.

O soberbo Hipótades (1) *já soltava, lá do fechado cárcere* (2), *os furiosos ventos, que* êle *animava com palavras contra os audazes* (3) *e animosos* (4) *varões. Súbito, obumbrava-se* (5) *o sereno céu, que* [*pois*] *os ventos, impetuosos mais* do *que nunca, começaram a tomar novas fôrças derribando casas, tôrres e montes.*

(1) Epíteto dado a Éolo, por ser neto de Hipótades [rei lendário de Tróia]; «soberbo», por se dizer filho de Júpiter. (2) «Fechado cárcere», as cavernas em que se fingia estarem fechados os ventos. (3) «Audaces» [forma alatinada],

ousados. (4) Corajosos, intrépidos. (5) Enchia-se de sombra e nuvens; escurecia a atmosfera, que até então estava límpida e serena.

---

38 Em quanto êste conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda lassa frota
Com vento sossegado proseguia
Pelo tranquillo mar a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo hemispério está remota.
Os do quarto da prima se deitavam,
Pera o segundo os outros despertavam.

: *Emquanto se fazia êste conselho no aquoso fundo* (1), *a leda* (2) *frota lassa prosseguia a* sua *longa rota* (3) *pelo tranqùilo mar com vento sossegado. Era no tempo quando* [*era na hora, em que*] *a luz do dia estava remota* (4) *do hemisfério Eoo* (5); *deitavam-se* então os tripulantes *do quarto de prima*, e *os outros despertavam para o segundo* quarto (6).

(1) «Emquanto, etc.», à hora em que os deuses estavam reùnidos em concílio no fundo do mar. (2) «Leda, etc.», fig., os navios, com as suas tripulações alegres, apesar de extenuadas pela fadiga, continuavam... (3) Derrota, viagem. (4) Afastada, desaparecida. (5) Oriental; entende-se na perífrase dos versos 5 e 6: que era o comêço da noite no hemisfério oriental, onde os navegantes estavam. (6) «Quarto», é termo náutico, que exprime a divisão do tempo em que alguns dos tripulantes das naus [marinheiros e oficiais] estão de vigía, ou trabalhando nas manobras, emquanto outros dormem; o «quarto de prima» [primeira] durava das nove até as onze da noite; nestas duas horas estavam uns de vigia, para entrarem outros de serviço no «segundo quarto» [o imediato], das nove até as doze.

---

39 Vencidos vem do sono e mal despertos,
Bocejando a miúde se encostavam
Pelas antenas, todos mal cubertos
Contra os agudos ares que assopravam.
Os olhos contra seu querer abertos,
Mas esfregando, os membros estiravam:
Remédios contra o sono buscar querem,
Histórias contam, casos mil referem.

Os tripulantes que entraram de vigia *vinham vencidos do* [*pelo*] *sono* (**1**), *e mal despertos; bocejando a miúde, encostavam-se pelas antenas* (**2**), *todos mal cobertos* para resistirem *contra os agudos ares que assopravam mas, esfregando os olhos contra* o *seu querer abertos* (**3**), *estiravam os membros* (**4**): *querendo buscar remédios contra o sono, contavam histórias* e *referiam mil casos.*

(**1**) «Vencidos, etc.»; dominados ainda pelo sono. (**2**) «Antenas», são as vêrgas em que se fixam as velas; entendendo-se aqui as que se traziam de sobressalente, encostadas à amurada [borda]. (**3**) «Contra, etc.»; os marinheiros mal despertados, e ainda dominados pelo sono, fechavam os olhos sem querer, e esfregavam-nos para não adormecerem. (**4**) «Estiravam...», estendiam os braços, para afuguentar a preguiça.

---

40 «Com que milhor podemos, (um dizia)
Êste tempo passar, que é tam pesado,
Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o sono carregado?»
Responde Lionardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado:
«Que contos poderemos ter milhores
Pera passar o tempo, que de amores?»

Dizia um dos navegantes:
«*¿Com que melhor* entretenimento *podemos* nós *passar êste tempo, que tam pesado* (1) *é, senão com algum conto de alegria, com que* [*por meio do qual*] *o carregado* (2) *sono nos deixe?*»

Leonardo (3), — *que trazia pensamentos de firme namorado,* — *responde:*

«*¿Que melhores contos poderemos ter para passar o tempo, que* [*senão*] *de amores?*»

(1) «Tempo tam pesado», tempo em que os navegantes se sentiam extenuados pelo pêso de tantos trabalhos e perigos; ou «tempo monótono, enfadonho», estava bom tempo, êles nada tinham que fazer senão estar prontos a qualquer voz de comando. (2) Pesado. (3) Nome dum dos expedicionários — como se diria hoje — chamado Leonardo Ribeiro, a respeito do qual se fala mais adiante [IX, 75].

---

41 «Não é, disse Veloso, cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza;
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não soffre amores nem delicadeza.
Antes de guerra férvida e robusta,
A nossa história seja; pois dureza
Nossa vida há de ser, segundo entendo,
Que o trabalho por vir m'o está dizendo.»

— *Não é cousa justa* — *disse Veloso* (1) — *tratar branduras em tanta aspereza* (2); *que* [*pois*] *o trabalho do mar, que tanto custa* (3) *não sofre amores nem delicadeza* (4); *antes seja* história *de férvida e robusta guerra a nossa história* [*aquela de que nos ocupemos*]; *pois, segundo entendo, a nossa vida há-de ser* de *dureza* (5); *que* [*pois*] *mo está dizendo o trabalho por vir* (6)».

(1) Fernão Veloso, personagem histórico que se jactava de valente [v, 30]. (2) Entende que a rudeza da vida do marinheiro não é própria para êle se entreter com histórias agradáveis de amores. (3) «Tanto custa», tam rude é. (4) «Não sofre, etc.», o trabalho do mar não se compadece, não é compatível com... [repetição da idea do segundo verso]. (5) Austeridade. (6) «O trabalho por vir», os perigos futuros da viagem e que ainda haviam de afligir os navegantes.

---

42 Consentem nisto todos, e encomendam
A Veloso que conte isto que aprova.
«Contarei, disse, sem que me reprendam
De contar cousa fabulosa ou nova;
E porque os que me ouvirem d'aqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nascidos direi da nossa terra;
E estes sejam os Doze de Inglaterra:

Consentiram [*concordaram*] *todos nisto, e encomendaram* [*pediram*] *a Veloso, que contasse isso* [*histórias de guerra*], *que êle aprovara* [*indicara*]. «*Contarei, — disse êle —, sem que me repreendam de* [*por*] *contar cousa fabulosa ou nova* (1). *E, por* [*para*] *que os que me ouvirem, aprendam daqui* (2) *a fazer grandes feitos de alta prova* (3), *direi* [*falarei*] *dos* varões *nascidos na nossa terra de* Portugal, *e sejam estes os Doze de Inglaterra* (4).

(1) Afirma Veloso que não são factos inventados os que vai contar, mas, até já são sabidos; trata só de os rememorar. (2) Que lhes sirva de exemplo, lição e incitamento o que ouvirem. (3) «Feitos de alta prova», acções que demonstram o alto valor de quem as praticou. (4) O Poeta já se referiu sumàriamente [I, 12] a êste episódio [que vai ocupar as vinte e sete estâncias que se seguem, e tem certo fundo histórico]; referia-se então aos

«Doze... e o seu Magriço», isto é, treze cavaleiros, parecendo haver sido sugestionado por um *Memorial das Proezas de Segunda Távola Redonda*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, impresso em 1567 e no qual se dizia: «Em tempo «de el Rey dom João de boa memoria sabemos que seus «vassallos no cerco de Guimarães se nomeavam por cava«leyros da tavola redonda; e ele por el rey Artur. E de «sua côrte mandou treze cavaleyros Portugueses a Lon«dres, que se desafiaram em campo çarrado com outros «tantos ingreses nobres e esforçados por respeito das da«mas do duque Dalencastre».

Segundo Faria e Sousa, os nomes dos «doze» cavaleiros que entraram nessa justa, eram:

1. Antão Vaz de Almada, que fôra comandante da ala esquerda do exército de Aljubarrota.
2. Álvaro Vaz de Almada, Conde de Abranches, sobrinho do antecedente Antão Vaz.
3. Lopo Fernandes Pacheco.
4. João Fernandes Pacheco.
5. Pedro Homem da Costa.
6. João Pereira Agostinho, filho de Gil Vaz da Cunha, senhor de Basto [de Entre-Douro-e-Minho], e sobrinho do condestável Nuno Álvares Pereira.
7. Luís Gonçalves Malafaia.
8. Álvaro Mendes Cerveira.
9. Rui Gomes da Silva.
10. Soeiro da Costa.
11. Martim Lopes de Azevedo.
12. Álvaro Gonçalves Coutinho, irmão do Conde de Marialva [o Magriço?].

---

43 «No tempo que do reino a rédea leve
João, filho de Pedro, moderava,
Despois que sossegado e livre o teve
Do vizinho poder que o molestava,
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erínnis dura e má cizânia,
Que lustre fôsse á nossa Lusitânia.

«*No tempo em que João* (**1**), *filho de Pedro, moderava levemente a rédea do Reino* (**2**), — *depois que o teve sossegado e livre do poder vizinho que o molestava* (**3**) — nesse tempo *a fera* (**4**) *Erínis* (**5**), *lá na grande Inglaterra, que abunda sempre da* [*na*] *neve boreal* (**6**), *semeava dura e má cizânia* (**7**), para *que fôsse lustre* (**8**) *à nossa Lusitânia.*

(**1**) D. João I [1385-1433], filho natural de D. Pedro I. (**2**) «Moderava, etc.»; fig., dirigia sem rigor e sem dificuldade o govêrno do país; no texto o adjectivo «leve» com função do advérbio. (**3**) «Depois que o teve, etc.»; depois de D. João ter o reino em tranqüilidade e liberto de guerra com a Espanha, guerra que incomodava o reino. (**4**) Malévola. (**5**) Nome duma das Erínias ou Euménides, e que os romanos chamavam «Fúrias» — divindades que tinham por mester a punição dos crimes humanos. (**6**) «Em que abunda, etc.»; onde são abundantes as fúrias dos ventos gelados do norte. (**7**) «Semeava, etc.»; promovia discórdias; urdia mexericos, enredos, intrigas; «cizânia», literalmente é uma espécie de joio [semente de mau sabor e que, lançada à terra com o trigo, tolhe a êste o desenvolvimento; sendo depois da colheita difícil separar o trigo do joio]. (**8**) Fig., glória; das discórdias entre os ingleses resultou ensejo para os portugueses adquirirem títulos de glória.

---

44 «Entre as damas gentis da côrte inglesa
E nobres cortesãos, acaso um dia
Se levantou discórdia em ira acesa;
Ou foi opinião, ou foi porfia.
Os cortesãos, a quem tam pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão que honras e famas
Em tais damas não há pera ser damas.

«*Um dia, por acaso, levantou-se discórdia, em acesa* (**1**) *ira, entre gentis damas e nobres cortesãos*

da côrte inglesa; o motivo de tal discórdia *ou foi opinião* (2) *ou foi porfia* (3). *Os cortesãos — aos quais pesa tam pouco o soltarem graves palavras de ousadia* (4) — *dizem: que provarão, que não há, em tais damas, honras e famas para* elas *serem damas* (5).

(1) Exaltada. (2) Subentende-se «sincera»; convencimento. (3) Pertinácia, teima, desarrazoada obstinação. (4) «A quem pesa, etc.»; os cortesãos não reflectiram, antes de soltarem as palavras de atrevimento. (5) «Não há, etc.»; que essas damas não eram dignas de assim se chamarem — por lhes faltar nobreza [honras] ou a fama de haverem praticado actos notórios de virtude.

---

45 «E que se houver alguém com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo raso ou estacada
Lhe darão fea infâmia, ou morte crua.
A feminil fraqueza, pouca usada
Ou nunca a opróbrios tais, vendo-se nua
De fôrças naturais convenientes,
Socorro pede a amigos e parentes.

E diziam os cortesãos ingleses: *que, — se houver alguêm que queira sustentar a sua parte* [*o seu partido, delas*] *com lança e espada* —, *que* (1) *êles lhe darão feia e infâmia* (2) *ou crua morte em campo raso ou* em *estacada* (3).

— *A fraqueza feminil — pouco usada* [*acostumada*] *ou nunca a opróbrios tais* —, *vendo-se nua* [*destituída*] *de convenientes fôrças naturais, pediu socorro aos amigos e parentes* (4).

(1) Êste «que» é pleonástico. (2) «Feia infâmia», má reputação; quem fôsse combater com êsses cortesãos perderia o crédito de valente, porque seria vencido, ou per-

deria a vida. (3) «Campo raso», campo descoberto, planície, sem obstáculos; em contraposição a «estacada», campo cercado [çarrado] em que se faziam «justas», que eram duelos singulares entre dois homens a cavalo, com lança ou espada; «torneios» eram duelos entre muitos, também a cavalo com as mesmas armas. (4) «Fraqueza feminil, etc.»; as damas, em vista da sua fraqueza feminina, destituídas por natureza de fôrça para lutarem com os homens seus detractores, foram pedir aos parentes e amigos que vingassem, pelas armas, o atrevimento injurioso.

---

46 «Mas, como fôssem grandes e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem férvidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lágrimas fermosas e bastantes
A fazer que em socorro os deuses levem
De todo o ceo, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao duque de Alencastro.

Mas — como fôssem grandes (1) *e possantes* (2), *no reino* de Inglaterra, *os inimigos* delas — *não se atreveram, nem parentes nem férvidos amantes, a sustentar* [*defender*] *as damas como deviam;* elas, — *com formosas lágrimas pelos rostos de alabastro* e lágrimas *bastantes para fazerem* (3) *levar em seu socorro os deuses de todo o céu* —, *vão* [*dirigiram-se*] *todas ao Duque* (4) *de Alencastro.*

(1) «Grandes do reino», expressão conservada até hoje; os mais nobres ou nobilitados da côrte. (2) Poderosos, de grande influência; as damas ofendidas pertenceriam a inferior nobreza. (3) «Formosas lágrimas no rosto», fig., lágrimas em rostos formosos, brancos como o alabastro [mármore], elas tornavam as damas ainda mais formosas; tais eram as lágrimas, que êsse pranto seria suficiente motivo para os deuses serem levados [induzidos] a socorrer as da-

mas e aliviá-las da sua dor. (4) Tinha êsse título João de Gaunt, neto de Eduardo III de Inglaterra, e sogro de D. João IV de Portugal [cfr. IV, 47, nota 2]. As damas inglesas dirigem-se ao Duque, pedindo-lhe que usasse da sua influência, de modo que aparecessem cavaleiros a defendê-las.

Note-se na presente estância:

a) a transposição, ligando «lágrimas» [verso 5] e «rostos» [verso 7];

b) o emprêgo do conjuntivo em vez do infinito «a fazer que levem» [verso 6];

c) o infinito impessoal «fazer» tendo sujeito próprio «lágrimas» [verso 5-6];

d) a falta de artigo em «rosto» [verso 7];

e) a grafia «Alencastro» [verso 8]; nos cronistas, «Alamcastro»;

f) o verbo de movimento «vão-se», na forma pronominal, segundo o uso antigo [verso 8].

---

47 «Era êste Ingrês potente, e militara
Cos Portugueses já contra Castella,
Onde as fôrças magnânimas provara
Dos companheiros, e benigna estrêlla.
Não menos nesta terra esprimentara
Namorados affeitos, quando nella
A filha viu, que tanto o peito doma
Do forte rei que por molher a toma.

Era potente (1) *êste inglês* (2), *e já militara com os portugueses contra Castela* (3), *onde provara* [*tinha visto, obtido a prova*] *das magnânimas fôrças* (4) *e da benigna estrêla* (5) *dos companheiros. Não menos* [*além disso*] *experimentara* [*reconhecera haver*] *namorados afectos* (6) *nesta terra* de Portugal [*nos portugueses*], *quando nela viu que a filha* (7) *domara o peito* [*o coração*] (8) *do forte rei* D. João, e *tanto que* êste *a tomara por mulher*.

(1) Poderoso; com efeito exercia grande influência na côrte de Inglaterra por ser sobrinho do rei [Ricardo II]. (2) «Ingrês», «Ingraterra», é como escreviam os cronistas. (3) Alude-se à expedição do exército anglo-luso em 1386 contra Castela [IV, 47, nota], da qual fazia parte John of Gaunt [João de Gonta, o Duque de Lancaster], quando veio à península reclamar o reino de Castela, em nome de sua mulher, D. Constança, filha do último rei castelhano. (4) «Magnânimas fôrças», corajosos soldados. (5) «Benigna estrêla», feliz sorte, felicidade na guerra. (6) «Namorados afectos», afectos de quem se enamora [das damas]; o Duque tinha tido a prova de que os portugueses sabiam ser afeiçoados e dedicados respeitadores das damas. (7) D. Filipa de Lencastre. (8) «Domara o peito», cativara o coração.

---

48 «Êste, que socorrer-lhe não queria,
Por não causar discórdias intestinas,
Lhe diz: «Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, e partes tam divinas,
Que elles sós poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

«*Êste* — o Duque de «Lancaster» *que não queria socorrê-las* (1), *por* [*para*] *não causar discórdias intestinas* (2) —, *diz-lhes:*

«*Quando* eu *pretendia o direito do reino lá das* «*terras Iberinas* (3), *vi nos lusitanos tanta ousadia,* «*tanto primor* (4), *e partes* (5) *tam divinas* (6), *que* «*êles sós* (7) — *se não erro* (8) — *poderiam sustentar* «a *vossa parte* (9) *a ferro e fogo.*

(1) No texto «socorrer-lhe» [português arcaico] à semelhança de «socorreu-me», «socorreu-te», «socorreu-vos». (2) «Discórdias intestinas», dissidências no interior do reino; o Duque não queria promover desavenças entre os fidalgos in-

gleses; a situação política do Duque era melindrosa: de um lado, os cavaleiros ingleses da côrte de seu tio; do outro lado, os súbditos da rainha sua filha; por isso não queria ostensivamente tomar o partido das damas; contudo, por desejar que elas fôssem desafrontadas, dá-lhes o conselho de procurarem defensores portugueses, que eram valorosos e capazes de combater com os detractores das damas e vingá-las. (3) Iberos se chamavam os aborígenes da Península Hispânica, e esta Ibéria; alude-se aqui à expedição de 1386 [cfr. estâncias precedentes e notas]. (4) Excelência de carácter, valor, generosidade. (5) Condições, qualidades. (6) Maravilhosos [fig.]. (7) «Êles sós», só êles e mais ninguém. (8) Se não me engano. (9) Partido.

---

49 «E se, agravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas e polidas,
De vosso agravo os façam sabedores.
Também por vossa parte encarecidas
Com palavras d'afagos e d'amores,
Lhe sejam vossas lágrimas, que eu creio
Que ali tereis socorro e forte esteio.»

«*E, se sois servidas* (1), — ó *agravadas* (2) *damas*, «— eu *por vós* (3), *lhes mandarei* [a êsses portugue-«ses] *embaixadores* (4), *que por* vossas *discretas e po-«lidas cartas* (5), *os façam sabedores* do *vosso agravo*. «*Sejam as vossas lágrimas encarecidas, também por «vossa parte, com palavras de afagos e de amores* «(6), *que eu creio, que ali* [*naqueles portugueses*] «*tereis socorro e forte esteio* (7).»

(1) «Se sois servidas», se quereis [é linguagem, ainda hoje corrente]. (2) Ofendidas. (3) «Por vós», em vosso lugar, à minha custa. (4) Mensageiros. (5) O mensageiro levaria cartas escritas pelas damas com circunspecção e cortesia, e dirigidas aos portugueses indicados pelo Du-

que. (6) Se nas cartas as damas expuserem a sua dor, com expressões ternas e carinhosas, serão atendidas. (7) Amparo, socorro.

No verso 2, «embaixadores» no plural, o que é fôrça de expressão, porque só foi um «mensageiro» [est. 51, verso 1].

---

50 «D'est'arte as aconselha o duque experto,
E logo lhe nomea doze fortes;
E porque cada dama um tenha certo,
Lhe manda que sobr' elles lancem sortes;
Que ellas só doze são: e descuberto
Qual a qual tem caído das consortes,
Cad' ũa escreve ao seu por vários modos,
E todas a seu rei, e o duque a todos.

«*O Duque, esperto* (1), *aconselhou-as desta arte* (2), *e logo lhes nomeou* (3) *doze fortes* (4) [*valentes cavaleiros* portugueses] *por* [*para*] *que tenha cada* uma das *damas um* defensor *certo* (5); e *mandou-lhes* dizer: *que sôbre êles lançassem sortes; que elas são só doze; e, descoberto* (6) *qual* dos doze *tenha caído a qualquer das consortes* (7), *cada uma escreva ao seu* cavaleiro *por vários modos* (8), *e* que *todas* escrevam *ao seu rei* [*dos portugueses*] *e o Duque* escreveria *a todos* os que nomeara.

(1) Experimentado; que tem experiência; conhece já os portugueses. (2) Dêste modo — [como ficou dito na estância precedente]. (3) Dá-lhes os nomes [dos doze cavaleiros]. (4) Cavaleiros valorosos; o adjectivo «fortes» substantivado. (5) «Um certo», determinado, designado [cavaleiro]. (6) «Descoberto...»; quando seja sabido, pelos nomes tirados à sorte, qual seria o defensor de cada uma delas. (7) Companheiras nas sortes. (8) «Por vários modos», cada uma escreveria, segundo o seu estilo, como julgasse melhor.

---

51 «Já chega a Portugal o mensageiro;
Toda a côrte alvoroça a novidade:
Quisera o rei sublime ser primeiro,
Mas não lh'o soffre a régia magestade.
Qualquer dos cortesãos aventureiro
Deseja ser com férvida vontade;
E só fica por bem-aventurado
Quem já vem pelo duque nomeado.

«*Chega já a Portugal o mensageiro, e toda a côrte se alvoroçou* com *a novidade; o sublime rei quisera ser o primeiro* a ir defender as damas inglesas, *mas a régia majestade não lho soffre* (1). *Qualquer dos cortesãos deseja* (2), *com férvida* (3) *vontade, ser* o *aventureiro* (4), *mas só fica por bem-aventurado* (5) *quem já vem nomeado pelo Duque.*

(1) Permite; o excelente rei D. João I desejaria, — se o não inibisse o alto cargo —, ser o primeiro a defender, em campo de luta, aquelas damas, por ser casado com uma dama também inglesa. (2) «Qualquer dos...», todos e cada um de per si. (3) Veemente. (4) O «cavaleiro andante» que fôsse àquela aventura, ao arriscado lance de combater os detractores das damas [cfr. v, 31, nota sôbre a significação de «aventureiro»]. (5) «Fica por...», considera-se venturoso, feliz.

---

52 «Lá na leal cidade, donde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do govêrno.
Apercebem-se os doze em tempo breve
D'armas e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras e primores,
Cavalos e concertos de mil côres.

«*O* rei, *que tem o leme* (1) *do govêrno, manda armar leve madeiro* (2) *lá na lial cidade, onde teve origem, como é fama, o nome,* que será *eterno, de Portugal* (3). *Em breve tempo, os doze* portugueses nomeados para irem a Inglaterra *apercebem-se* (4) *de roupas do mais moderno uso,* e *de armas: elmos* (5), *cimeiras* (6), *letras* (7) *e primores* (8), *cavalos, e concertos* (9) *de mil* (10) *côres.*

(1) Fig., direcção. (2) «Leve madeiro», fig., navio veloz. (3) «Lial cidade, etc.»; perífrase para designar a cidade do Pôrto — a capital do primitivo condado de «Portucale», donde veio o nome do reino, nome que terá fama eterna pelos feitos gloriosos dos seus habitantes. (4) Munem-se, abastecem-se. (5) Capacetes. (6) Ornamentos da parte superior dos capacetes. (7) As letras pintadas nos escudos, que serviriam de divisa ou distintivo do pensamento de cada um dos cavaleiros, seriam os nomes das damas que iam defender. (8) Magnificências [nas armas e vestuário]. (9) Adornos. (10) «De mil côres», fig., muitos, variados.

---

53 «Já do seu rei tomado tem licença
Pera partir do Douro celebrado,
Aquelles, que escolhidos por sentença
Foram do duque ingrês esprimentado.
Não há na companhia differença
De cavalleiro destro ou esforçado;
Mas um só, que Magriço se dizia,
D'est'arte falla á forte companhia:

«*Aqueles* cavaleiros portugueses *que foram escolhidos por sentença do experimentado* (1) *Duque inglês, tem já tomado licença do* seu *rei, para partirem do celebrado Douro* (2). *Na companhia, não há diferença de cavaleiro* (3) *dextro ou esforçado; mas*

um só, que se dizia [*chamava*] *Magriço* (4), *fala desta arte à forte companhia* (5):

(1) Experiente; cfr. est. 50, nota. (2) O rio que desagua no mar junto da cidade do Pôrto, é no rio que estão ancorados os navios antes de fazerem viagem; «celebrado», por ser notória a formosura e fertilidade das suas margens, onde se produzem os afamados «vinhos do Pôrto». (3) «Na companhia, etc.», entre os companheiros não há diferença; todos êles são destros, manejam bem as armas; são igualmente esforçados, intrépidos. (4) Nome de ficção do Poeta; ou seria alcunha; Faria e Sousa afirmou ser apelido de nobres de Entre-Douro-e-Minho. (5) «Forte companhia», valentes companheiros.

---

54 «Fortíssimos consócios, eu desejo
Há muito já de andar terras estranhas,
Por ver mais águas que as do Douro e Tejo,
Várias gentes e leis, e várias manhas.
Agora, que aparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
Quero, se me deixais, ir só por terra,
Porque eu serei comvosco em Ingraterra.

«*Fortíssimos consócios* (1), *eu, há muito já, desejo* «(2) *andar* (3) *terras estranhas* (4) — *por* [*para*] *ver* «*mais águas* do *que as do Douro e Tejo, e* ver *vá*-«*rias gentes,* várias *leis e várias manhas* (5). *Agora* «*que vejo aparelho certo* (6) — *pois que são tamanhas* «*as cousas do mundo — quero, se me deixais, ir* eu «*só, por terra, por que eu serei* (7) *convosco em* «*Inglaterra.*

(1) Valorosos companheiros. (2) «Desejo de...», no texto; uso antigo da preposição entre dois verbos, dos quais

*

um serve de auxiliar, *passim*. (3) Percorrer. (4) Terras doutras nações. (5) Costumes. (6) «Aparelho certo», fig., boa ocasião; ensejo seguro. (7) Estarei.

---

55 «E quando caso fôr, que eu impedido
Por quem das cousas é última linha,
Não fôr comvosco ao prazo instituído,
Pouca falta vos faz a falta minha.
Todos por mi fareis o que é divido;
Mas se a verdade o sp'rito me adivinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua enveja,
Não farão que eu comvosco lá não seja.»

«*E, quando fôr caso* (1), *que eu — impedido por* «*quem é a última linha das cousas* (2) — *não fôr* «[*não esteja*] *convosco ao instituído prazo* (3), *pouca* «*falta vos fará a minha falta* (4). *Todos fareis* «*por mim o que é devido* (5). *Mas, se o espírito me* «*adivinha a verdade* (6), *não farão que eu não seja* «[*esteja*] *lá convosco,* nem *rios,* nem *montes,* nem «*fortuna, ou* a *sua inveja* (7).

(1) «Quando se dê o caso», diz-se hoje em linguagem corrente; quando aconteça. (2) «Por quem, etc.»; perífrase: pela morte — o último limite, o fim de tudo; pode a perífrase também significar «o poder de Deus», linha indefinita, cuja extensão não tem limites, pois que abrange todo Universo. (3) «Instituído prazo», o dia e hora ajustados, fixados. (4) «Pouca falta, etc.», pouca necessidade vos causará a minha ausência — o mesmo vocábulo com significação diversa. (5) «Todos, etc.»; subentende-se: que Magriço tem inteira confiança na amizade, na cortesia e no valor dos companheiros; se êle faltar, qualquer dêles defenderá a dama dêle Magriço como sua própria. (6) Fig., futuro. (7) «Rios, montes, etc.»; hipérbole: Magriço espera comparecer no dia aprazado, ainda que tenha por obstáculo rios, montanhas, o próprio destino e [personi-

ficado êste] a inveja dêle, isto é, qualquer contrariedade urdida por quem tenha inveja da glória de Magriço.

---

56 «Assi diz; e abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim se parte.
Passa Lião, Castella, vendo antigos
Lugares, que ganhara o pátrio Marte;
Navarra, cos altíssimos perigos
Do Pyreneo, que Hespanha e Gália parte:
Vistas em fim de França, as cousas grandes,
No grande empório foi parar de Frandes.

«*Assim disse* Magriço, *e*, depois *de abraçados os amigos, e* depois de *tomada* a *licença* (1) dêles, *partiu* (2) *emfim; passa* por *Leão* e *Castela, vendo* os *antigos lugares* em *que o pátrio Marte* (3) [*o exército português*] *ganhara* [*vencera*]; passa por *Navarra* (4), *com os* [*mais os*] *altíssimos perigos do Pireneu* (5) *que partem* [*dividem*] a *Espanha e* a *Gália* (6); *emfim — vistas* por êle *as grandes cousas* (7) *de França — foi parar no grande empório* (8) *de Flandres* (9).

(1) Magriço partiria, se os companheiros o deixassem [lho permitissem]; est. 57, verso 7. (2) «Parte-se» [no texto], hoje é forma desusada. (3) «Pátrio Marte», expressão empregada em III, 15, e IV, 15; Magriço viu lugares de Castela e Leão, nos quais o exército da Pátria Portuguesa alcançara em outro tempo vitórias sôbre o exército do reino vizinho; III, 19. (4) Antigo reino da península hispânica [hoje província] limítrofe da França e desta separada pela cordilheira dos Pireneus. (5) «Altíssimos, etc.» [troca de vocábulos]; os perigos do muito alto Pireneu. (6) Nome antigo da França. (7) «Grandes cousas», os monumentos, e todas as cousas notáveis dignas de admiração. (8) Grande cidade industrial e comercial. (9) Antiga província da Neerlândia, hoje da Bélgica, e onde se falava o dialecto flamengo.

57 «Ali chegado, ou fôsse caso ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias;
Mas dos onze a illustríssima companha
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á costa estranha,
Pera Londres já fazem todos vias:
Do duque são com festa agasalhados,
E das damas servidos e amimados.

«*Chegado ali,* Magriço — *ou fôsse* o *acaso, ou* fôsse *manha* (1) dêle — *deteve-se muitos dias sem* de lá *passar* (2); *mas a ilustríssima companha dos onze cortava* (3) entretanto *as frias ondas do mar do Norte* (4). *Chegados* os onze *à estranha* (5) *costa de Inglaterra, já* [*imediatamente*] *todos fizeram via* (6) *para Londres* (7), onde *foram com festa agasalhados pelo* (8) *Duque, e servidos* (9) *e amimados pelas* (10) *damas.*

(1) «Caso ou manha», acaso, acontecimento normal; ou astúcia, — propósito artificioso, para depois ser mais desejado, e mais admirado. (2) No sentido de «mudar de lugar»; detém-se êle, sem «passar» adiante, sem dali sair. (3) «Companha» = companhia; «cortam» no texto; o sujeito colectivo no singular com o verbo no plural, *passim*; fig., os onze ilustres companheiros nos navios que sulcam o mar. (4) Mar interior do Norte da Europa e que banha as costas da França, Inglaterra, Noruega, Dinamarca, Alemanha e Bélgica. (5) «Estranha», desconhecida por aqueles portugueses, estranha para êles. (6) Caminho, singular pelo plural. (7) Capital da Inglaterra. (8) «Agasalhados do...»; acolhidos pelo... (9) Tratados, recebidos com agrado. (10) «Amimados das...», acariciados pelas... [carinhosamente acolhidos].

O Poeta emprega as duas palavras «companha» e «companhia» sem diferença de significação, *passim*.

58 «Chega-se o prazo e dia assinalado
De entrar em campo já cos doze Ingreses,
Que pelo rei já tinham segurado:
Armam-se d'elmos, grevas e de arneses;
Já as damas tem por si fulgente e armado
O Mavorte feroz dos Portugueses:
Vestem-se ellas de côres e de sêdas,
De ouro e de jóias mil, ricas e ledas.

«*Chega-se* (1) *já o prazo* (2) *e* o *dia assinalado* (3) *de* a ilustríssima companha (4) *com os doze ingleses*, entrar *no campo* (5) *que tinham já segurado* (6) *pelo rei* de Inglaterra. Os dessa companha *armam-se de elmos* (7), *grevas* (8) *e de arneses* (9); *as damas tem por si* (10), *já, fulgente e armado, o feroz Mavorte dos portugueses; elas vestem-se* (11) *de variadas côres, e de sêdas*, cobrem-se *de ouro e mil jóias ricas e ledas* (12).

(1) É chegado. (2) A hora ajustada. (3) Fixado, determinado prèviamente. (4) Sujeito aqui subentendido, por ter sido expresso na estância precedente. (5) Lugar assinalado para o torneio ou duelo; «entram em campo», começam briga. (6) «Segurar o campo», era assegurar que no duelo não seria permitida fraude ou violência praticada por qualquer dos contendores, ou auxílio estranho; para isso havia juízes ou «seguradores» do campo; «segurar campo» também significava «dar carta de seguro aos contendores de que não seriam punidos ou castigados por ferirem ou matarem os adversários»; «ter campo», era obter lugar e licença para a briga. (7) Armaduras de guerra usadas na cabeça, o capacete com viseira. (8) Botas ou polainas de ferro. (9) Armaduras de ferro que cobriam o corpo [o tronco]. (10) «Tem por si, etc.», tem para defendê-las o «feroz Mavorte» [o valoroso Marte], fig., o intrépido combatente; «Mavorte» é tirado do genitivo latino de «Mars» [Marte]. (11) Estão vestidas daquele modo só onze; cfr. estância seguinte.

(12) Literalmente, alegres; fig., brilhantes, deslumbrantes. Note-se a transposição «sêdas» de côres [verso 7].

---

59 «Mas aquella, a quem fôra em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavalleiro nesta emprêsa,
Bem que os onze apregoam, que acabado
Será o negócio assi na côrte ingresa
Que as damas vencedoras se conheçam,
Pôsto que dous e três dos seus falleçam.

«*Mas aquela* dama, *a quem fôra dado em sorte Magriço — que não vinha* (1) — *vestiu-se com tristeza* (2) *por não ter quem seja nomeado* [*chamado*] *seu cavaleiro* (3) *nesta emprêsa* (4), *bem que* [*conquanto*] *os onze* portugueses *apregoassem, que o negócio* (5) *seria acabado, na côrte inglesa, assim* [*dêste modo*]*: que se conheçam* (6) [*sejam conhecidas por*] *vencedoras as damas* inglesas, *pôsto que* [*ainda que*] *faleçam dois e* mesmo *três dos seus* companheiros (7).

(1) Não aparecia. (2) Com trajos negros, indicando tristeza; as outras trajavam várias côres alegres. (3) Fig., defensor. (4) Fig., duelo. (5) Fig., combate. (6) Se considerem. (7) Os onze dão a entender, à triste dama, que êles eram suficientes em número e coragem para suprir a falta do seu defensor; ainda que ficassem mortos dois ou três, os portugueses é que seriam os vencedores, representando as suas damas.

---

60 «Já num sublime e púbrico theatro
Se assenta o rei ingrês, com toda a côrte;
Estavam três e três, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do sol, do Tejo ao Batro,
De fôrça, esfôrço, e d'ânimo mais forte,
Outros doze sair, como os Ingreses
No campo contra os onze Portugueses.

«*O rei inglês assenta-se já* [*está já assentado*] *com toda a côrte num sublime* (1) *e público teatro* (2). *Estavam* os contendores a *três e três* (3), *e a quatro e quatro, bem como* [*exactamente cono*] *a cada qual coubera em sorte. Do Tejo ao Bactro* (4) [*desde o... até o...*], *não seriam vistos do* [*pelo*] *sol* (5), *saírem* [*aparecerem*] *outros* cavaleiros *de mais fôrça,* de mais *esfôrço e de* mais *forte ânimo, como* eram *os* doze *ingleses no campo* da luta *contra os onze portugueses.*

(1) Alto, elevado. (2) «Teatro» se chamava não sómente o recinto coberto em que se representavam dramas ou comédias, mas também o local descoberto de jogos públicos; e aqui entende-se «anfiteatro» — a escadaria, os degraus onde o povo assistia ao espectáculo, e no mais alto dos quais estava o rei. (3) Três portugueses defronte de três ingleses. (4) De polo a polo, fig., em todo mundo; «Bactro», nome antigo do rio que deu o nome a Bactriana, região da Ásia Central [hoje Turkestan], o rio que hoje tem os nomes de Óxus [nas cartas inglesas] e Amon Daria [nas cartas francesas]. (5) «Vistos pelo sol»; prosopopeia e hipérbole; na terra que o sol alumia, ninguém veria cavaleiros tam esforçados como aqueles ingleses: — levantada a intrepidez dêstes, para dar mais valor à dos contendores.

61 «Mastigam os cavalos, escumando,
Os áureos freos com feroz sembrante:
Estava o sol nas armas rutilando
Como em cristal ou rígido diamante;
Mas enxerga-se num e noutro bando
Partido desigual e dissonante,
Dos onze contra os doze, quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

«*Os cavalos* dos combatentes *mastigam os áureos freios, escumando com feroz semblante* (**1**). *O sol estava rutilando* (**2**) *nas armas* (**3**) *como em cristal ou* em *rígido diamante. Mas, num e noutro bando, enxerga-se* (**4**) *desigual e dissonante* (**5**) *partido* (**6**) *dos onze contra os doze, quando, geralmente* (**7**), *começa a alvoroçar-se a gente.*

(**1**) «Feroz semblante», aspecto ferino; os cavalos espumando de raiva, impacientes por correrem. (**2**) Resplandecendo, brilhando. (**3**) Armaduras [que eram de ferro ou aço polido]. (**4**) «Num e noutro, etc.»; quem olhava para um dos lados e depois para outro, enxergava, divisava a desigualdade do número dos combatentes. (**5**) Diferente, fig., a «dissonância» produz desagradável impressão no ouvido; a diferença e desigualdade de número dos combatentes produzia desagradável impressão no ânimo dos espectadores. (**6**) Vantagem. (**7**) Generalizadamente; isto é, na maior parte dos lugares em que estavam os espectadores.

---

62 «Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboliço:
Eis entra um cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo, ao béllico serviço.
Ao rei e ás damas fala; e logo se ia
Pera os onze, que êste era o gram Magriço.
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta, certo nos perigos.

«*Todos viraram o rosto aonde* [*para o sítio onde*] *havia a principal causa do reboliço* (1): *eis* que *entra um cavaleiro, que trazia armas* e *cavalo ao bélico serviço* (2), *e fala* (3) *ao rei e às damas; e logo se foi* (4) [*encaminhou*] *para os onze* — *êste* cavaleiro que entrou *era o grande Magriço, que abraçou os companheiros como amigos a quem não* (5) *falta certamente nos perigos.*

(1) «Bulício»; o rumor dos que se levantavam para ver, ou para dar lugar a quem entrava de novo. (2) «Trazia» armas e cavalo de combate. (3) Fig., faz reverência. (4) «Se ia», substitui-se o «pretérito imperfeito» de «ir» pelo pretérito perfeito do mesmo verbo. (5) A frase «certo não falta», equivale a «nunca falta»; o adjectivo «certo» tem no texto a função de advérbio.

---

63 «A dama, como ouviu que êste era aquelle
Que vinha a defender seu nome e fama,
Se alegra, e veste ali do animal de Helle,
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão sinal, e o som da tuba impelle
Os belicosos ânimos que inflama;
Picam d'esporas, largam rêdeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

A dama que estava vestida com tristeza (1), — *como* [*quando*] *ouviu que êste cavaleiro era aquele que vinha defender a fama* (2) *e o nome dela,* — *alegremente, e ali* mesmo *se revestiu* (3) de uma pele *do animal de Hele* (4), isto é, de ouro, objecto *que a gente bruta mais ama,* e mais ainda do *que* a *virtude. Já dão* o *sinal* [*já é dado o sinal*] para começar o combate, *e o som da tuba, que inflama os ânimos belicosos* (5), *impele* os cavaleiross uns contra os outros. Os cambatentes *picam de esporas, largam*

logo as rédeas, e abaixam [*enristam*] as *lanças ; a terra fere fogo* (6).

(1) Cfr. est. 59, verso 2-3. (2) Honra. (3) «Vestiu-se» [no texto], deve entender-se «cobriu-se» [com alguma capa ou manto]. (4) «Animal de Hele», o carneiro, que tinha, na pele, pêlos de ouro; Hele, filha de Atamas [rei da Beócia], fugindo do ódio da madrasta tentou passar o Ponto [o mar] sôbre o carneiro de pêlos de ouro, que lhe dera o pai, caíu ao mar, e o sítio onde se afogou ficou a chamar-se Helesponto [hoje Dardanelos]. (5) Marciais, entusiastas pelas brigas. (6) Vem à lembrança que as ferraduras dos cavalos batendo com violência nas pedras ferem lume no chão.

---

64 Dos cavalos o estrépito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme;
O coração no peito que estremece
De quem os olha, se alvoroça e teme:
Qual do cavallo voa, que não dece;
Qual co cavallo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual cos penachos do elmo açouta as ancas.

O estrépito dos cavalos parece que faz tremer todo o chão debaixo dêles; *o coração,— que estremece no peito de quem olha* os cavaleiros, — *alvoroça-se e teme* [*tem a sensação do temor, do susto*]; *um* (1) *voa do cavalo, não desce* (2); *outro, dando com o cavalo em terra, geme; outro, faz vermelhas as armas* (3), *de brancas* que eram; *outros açoutam as ancas* dos cavalos *com os penachos dos elmos* (4).

(1) «Qual... qual» [no texto] = um... outro; assim em IV, 90, 91; cfr. I, 92 [«quem... quem»] e *passim*. (2) «Voa que não desce» [verso 5]; o «que» é pleonástico, mas dá mais fôrça à expressão, acentuando a violência e rapidez com que é levado o cavaleiro ao chão. (3) «Armas», entende-se aqui a lança, a espada, o escudo e os arneses,

que, sendo de aço polido, ficam todas tintas de sangue. (4) O cavaleiro, agredido com um bote de lança, cai para trás; o penacho do capacete cai na anca do cavalo.

Note-se a locução indicativa fazendo as vezes de conjuntiva [verso 2], que na linguagem corrente se substitui por simples modo infinito [faz que trema = faz tremer].

---

65 Algum d'ali tomou perpétuo sono,
E fez da vida ao fim breve intervalo;
Correndo algum cavallo vai sem dono,
E noutra parte o dono sem cavallo;
Cae a soberba ingresa do seu trono,
Que dous ou três já fora vão do valo;
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais acham já que arnês, escudo e malha.

Algum [*um dêles*] *dali tomou perpétuo sono* (**1**), *e fez breve intervalo ao fim da vida* (**2**); *um cavalo foi correndo sem dono, e, noutra parte, foi o dono sem cavalo. Cai do seu trono* (**3**) *a soberba* (**4**) *inglesa, que* [*pois*] *já foram fora do valo* (**5**) *dois ou três; os que vam fazer batalha* [*combate*] *de espada, já acham mais* do *que arnês* (**6**), *escudo e malha* (**7**).

(**1**) «Perpétuo sono», fig., a morte. (**2**) «Breve, etc.»; o intervalo [o tempo decorrido] entre o princípio do combate e a morte foi breve. (**3**) Fig., culminância. (**4**) Orgulho; a soberba dos cavaleiros ingleses ficou abatida; foram vencidos. (**5**) «Fora do valo» [alegoria]: fugiram para fora do campo ou do lugar do combate; «valo» era o muro de terra que cercava tais campos ou arraiais [quando não era estacada, sebe ou tranqueira]. (**6**) Couraça, armadura do peito. (**7**) Cota ou gibão de malha de ferro; os cavaleiros, que estão apeados, largam as lanças, combatem à espada; esta não encontra para resistir-lhe sómente a armadura do adversário, encontra outra espada manejada por mão firme, e dirigida pelo impulso de coração intrépido.

---

66 «Gastar palavras em contar estremos
De golpes feros, cruas estocadas,
É d'êsses gastadores, que sabemos,
Maos do tempo com fábulas sonhadas;
Basta por fim do caso que entendemos
Que, com finezas altas e affamadas,
Cos nossos fica a palma da victória,
E as damas vencedoras e com glória.

Gastar palavras em contar extremos (1) *de feros* (2) *golpes* e *cruas* (3) *estocadas é* próprio *dêsses maus gastadores de tempo, que sabemos* (4) o gastam *com com sonhadas* (5) *fábulas. Basta que entendamos* (6), *que, por fim do caso* [*afinal*], *com altas e afamadas finezas, a palma da vitória fica com os nossos* (7), *e* que *as damas* inglesas ficam *vencedoras* (8), *e com gloria.*

(1) «Gastar palavras, etc.», descer a pormenores sem necessidade, descrevendo os factos exageradamente [extremos, exageros]. (2) Violentos. (3) Cruéis. (4) Conhecemos: aludindo aos escritores de romances de cavalaria. (5) Inventadas. (6) «Saibamos»; no texto o indicativo pelo subjuntivo por necessidade da rima. (7) «Palma, etc.»; venceram os portugueses. (8) Venceram as damas, porque ficaram vitoriosos [e com glória] os seus defensores.

---

67 «Recolhe o duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festas e alegria;
Cozinheiros occupa e caçadores
Das damas a fermosa companhia,
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora e cada dia,
Em quanto se detém em Ingraterra,
Até tornar á doce e cara terra.

O Duque de Lancaster *recolhe os doze vencedores nos seus paços* (1), *com festas e alegria; a formosa companhia das damas ocupa cozinheiros e caçadores, que* [*pois*] elas *querem* (2) *dar mil banquetes,* a *cada hora e cada dia* (3), *aos seus libertadores* (4), *emquanto* estes *se detêm em Inglaterra, até tornarem à doce* (5) *e cara terra* da pátria.

(1) Paço ducal. (2) Desejam. (3) «Mil, etc.»; note-se a hipérbole. (4) Defensores, que as libertariam da maledicência. (5) Amada, querida.

---

68 «Mas dizem, que com tudo o gram Magriço
Desejoso de ver as cousas grandes,
Lá se deixou ficar, onde um serviço
Notável á condessa fez de Frandes;
E, como quem não era já noviço
Em todo trance onde tu, Marte, mandes,
Um Francês mata em campo, que o destino
Lá teve de Torquato e de Corvino.

Mas dizem que o grande Magriço (1), *desejoso de ver as cousas grandes, se deixou ficar lá* em França, *onde fez um notável serviço à condessa de Flandres* (2); *e,* — *como quem já não era noviço* (3) *em todo* o *transe* (4), *onde* [em que], *Marte, manda* (5) —, *matou em campo* [*em luta*] *um francês,* e *lá teve* o *destino* (6) *de Torquato* (7) *e de Corvino* (8).

(1) Álvaro Gonçalves Coutinho [?]. (2) A infanta D. Isabel, filha de el-rei D. João I, e casada com o Duque de Borgonha, que era também Conde de Flandres [provincia então francesa]. (3) Nóvel, inexperiente. (4) «Todo o...», todos os lances, conjunturas. (5) «Onde tu, etc.» [apóstrofe], nos lances em que o brio militar dá lei [manda = governa = exerce influência = dá lei]. (6) Sorte. (7) Epíteto dado a Tito Mânlio, cônsul romano

[285 A. C.], o qual matou um gaulês em duelo; e teve êsse epíteto, porque em latim se chamava *torquatus* ao soldado, a quem era dado um colar [«torques»] por ter praticado alguma acção valorosa; também se diz que o epíteto lhe veio de ter usado do colar que tirou ao francês e que poderia ter pertencido à dama que foi causa do duelo. (**8**) Epíteto pelo qual era conhecido o romano Valério, citado aqui por haver também matado em duelo um gaulês — epíteto originado em haver tido um outro duelo, em que, lutando de corpo a corpo, foi auxiliado por um corvo, que pousado no capacete feria nos olhos o adversário.

A apóstrofe «onde tu...» [verso 6] pode dispensar-se aqui para prosa; é evidente que foi simples recurso da métrica.

O «que» do verso 7 é necessàriamente conjunção e simplesmente expletiva e não pronome, não podendo êste ligar-se a «campo», por não fazer sentido, nem a «francês», porque quem teve a sorte [o destino] de Torquato e de Corvino foi o Magriço, que, à semelhança dêles, matou um gaulês [= francês]; e não pode ligar-se a «Magriço», senão admitindo uma transposição violenta; em todo o modo, o sujeito de «teve» [verso 8] não pode deixar de ser «Magriço».

«Mas contudo» é pleonasmo que se encontra em outros lugares do poema e em clássicos antigos, mas hoje desusado.

---

69 «Outro também dos doze em Alemanha,
Se lança, e teve um fero desafio
C'um Germano enganoso, que com manha
Não divida o quis pôr no estremo fio.» —
Contando assi Velloso, já a companha
Lhe pede, que não faça tal desvio
Do caso de Magriço e vencimento,
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

Outro (**1**) *dos doze também se lança em* (**2**) *Alemanha, e* também *lá teve um fero* (**3**) *desafio com um germano [alemão] enganoso* (**4**), *que, com manha* (**5**) *não devida, o quis pôr no extremo fio...»* (**6**).

Contando Veloso assim (7), *a companha já lhe pede* (8), *que não faça tal desvio do caso e vencimento* [*vitória*] *de Magriço, nem deixe em esquecimento o* caso *da Alemanha.*

(1) É Álvaro Vaz de Almada; cfr. IV, 25, nota 3, e VI, 42, nota 4. (2) «Lança-se em...», «parte para...». (3) Cruento, sangrento. (4) Traiçoeiro, insidioso. (5) Astúcia. (6) «Pôr em extremo fio», matar. (7) «Contando, etc.»; estando Veloso a contar êste incidente. (8) «Acompanha, etc.»; os companheiros pedem-lhe logo que não interrompa com incidentes a história do caso e da vitória de Magriço, e que não se esqueça todavia de contar depois o caso do cavaleiro português que fôra para a Alemanha.

---

70 Mas neste passo assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca: acordam despertando
Os marinheiros d'ũa e d'outra banda.
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gáveas tomar manda.
«Alerta, disse, estai, que o vento crece
D'aquella nuvem negra, que aparce.»

Mas, neste passo (1), *estando assim* os marinheiros da nau *prontos* [*atentos*] para ouvirem Veloso — *eis* que *o mestre* (2), *que anda olhando os ares, toca o apito; acordam, despertando* (3), *os marinheiros de uma e outra banda* (4); *e, porque o vento vinha refrescando,* o mestre *mandou tomar os traquetes das gáveas* (5), e *disse: «estai alerta que o vento cresce daquela negra nuvem* (6) *que aparece».*

(1) Fig., momento. (2) Deve entender-se, aqui, o capitão; hoje chama-se «mestre», nos navios mercantes, ao oficial de bordo que fiscaliza o aparelho do navio e o ve-

lame, e que transmite à marinhagem, por meio de sinais de apito, as ordens do comandante ou oficial do quarto para execução das manobras. (3) «Acordam despertando» [pleonasmo], acordam sobressaltados, ficando bem despertos. (4) «De uma e outra banda», de todos os lados; uns que estariam a bombordo, outros a estibordo, e na proa. (5) «Tomar as velas» [termo náutico] é encurtá-las, enrolando-as pela parte inferior nos «rizes», para receberem menos vento, e assim moderarem o andamento da embarcação; «traquetes das gáveas» são as velas que ficam debaixo das «gáveas», e estas são as vêrgas que formam cruzamento com os mastros. (6) «Cresce, etc.», o vento, crescendo, vinha da banda daquela nuvem.

---

71 Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e súbita procella.
« Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela. »
Não esperam os ventos indinados
Que amainassem; mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem c'um ruído,
Que o mundo pareceu ser destruído.

Não eram ainda *os traquetes* (1) *bem tomados, quando* neles *dá a grande e súbita procela* (2).

«Amaina», — disse o mestre a grandes brados, — amaina, amaina (3) *a vela grande* (4)!

Os indignados (5) *ventos não esperaram que os* marinheiros a *amainassem, mas, dando nela* todos *juntos, fizeram-na em pedaços com um ruído* [*estrondo*] tal, *que parecia destruir-se o mundo.*

(1) «Não eram, etc.»; cfr. nota 5 da estância precedente. (2) Tempestade. (3) «Amainar» as velas, colhê-las, para não tomarem vento, e diminuir-se o andamento da embarcação. (4) «Vela grande» se chama a vela maior do navio. (5) Violentos [prosopopeia], impetuosos — e de

todos os lados [como sucede nos terriveis ciclones, redomoinhando os ventos em todas as direcções].

Note-se, na repetição da ordem para amainar, a iminência do perigo.

---

72 O ceo fere com gritos nisto a gente,
Com súbito temor e desacôrdo;
Que, no romper da vela, a nao pendente
Toma gram somma d'ágüa pelo bordo.
«Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar; não falte acôrdo;
Vão outros dar á bomba, não cessando!
Á bomba! que nos imos alagando.»

Nisto, a gente (1), *com súbito temor e desacôrdo* (2), *fere o céu com gritos* (3); *que* [*porque*] *no romper* (4) *da vela, a nau, pendente* (5), *toma grande soma de água pelo bordo:*

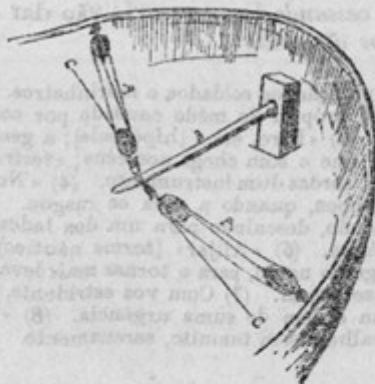
— «*Alija* (6), *disse o mestre rijamente* (7), *alija tudo ao mar; não falte acôrdo* (8); *vão outros dar à bomba, não cessando* [*sem cessar*]; vão dar *à bomba, que nos imos alagando*».

(1) A tripulação, os soldados e marinheiros. (2) Confusão, a que é própria do mêdo causado por caso inesperado, súbito. (3) «Fere, etc.» [hipérbole]; a gente dá gritos tam altos que o som chega aos céus; «ferir» = tocar; cfr. «ferir» as cordas dum instrumento. (4) «No romper», quando se rompeu, quando a vela se rasgou. (5) «Pendente», pendendo, descaindo para um dos lados, metendo a borda na água. (6) «Alijar» [termo náutico] é lançar ao mar a carga do navio, para o tornar mais leve, obstando a que êle vá sossobrar. (7) Com voz estridente, própria de quem dá uma ordem de suma urgência. (8) «Não falte acôrdo», trabalhem sem tumulto, serenamente.

---

73 Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba, e tanto que chegaram,
Os balanços que os mares temerosos
Deram á nao, num bordo os derribaram.
Três marinheiros duros e forçosos,
A menear o leme não bastaram;
Talhas lhe punham d'ũa e d'outra parte,
Sem aproveitar dos homens fôrça e arte.

Os animosos soldados correram logo a dar à bomba, e — tanto que (1) *chegaram* ao pé dela — *os balanços que os temerosos mares* (2) *deram à nau, derribaram-nos num bordo* (3); *não bastaram três duros* (4) *e forçosos marinheiros a* [*para*] *menear* (5) *o leme; punham-lhe talhas* (6) *de uma e outra parte, sem aproveitar* [*sem dar proveito, sem dar utilidade*] a *fôrça e* a *arte de homens.*

(1) «Tanto que», apenas. (2) «Temerosos mares» medonhas vagas. (3) «Num bordo», na ocasião em que a nau

AA, talhas — B, cana do leme — C, socairos

dava um bordo, isto é, inclinava para uma das bordas; quando o convés toma grande inclinação, os marinheiros não se podem suster de pé, caem, indo para junto da amurada. (4) Fig., vigorosos. (5) Manejar; com temporal é preciso manejar constantemente o leme para oferecer a proa do navio às vagas, e evitar que estas o tomem de lado, e o façam adornar [deitar-se], o que tem o perigo de meter água pela borda e ir ao fundo, ou voltar-se. (6) «Talha» é um aparelho vulgar, formado de dois moitões ou cadernais ligados por cabos, e que se emprega desde remotos tempos, principalmente, para se erguerem pesos consideráveis sem grande esfôrço manual. Estando revôlto o mar, o esfôrço de um só marinheiro, na cana do leme das antigas caravelas, era insuficiente para movê-la; aumentava-se, porém, prendendo à cana do leme duas talhas: uma engatava na amurada de bombordo, e outra na de estibordo [figura junta]; e a cada um dos extremos dos cabos [socairos], estava um marinheiro, alando ou largando conforme as indicações do timoneiro. É sistema ainda hoje usado nos barcos de navegação do Tejo.

---

74 Os ventos eram tais, que não puderam
Mostrar mais fôrça d'impeto cruel
Se pera derribar então vieram
A fortíssima tôrre de Babel.
Nos altíssimos mares, que creceram,
A pequena grandura d'um batel
Mostra a possante nao, que move espanto,
Vendo que se sostém nas ondas tanto.

Os ventos eram tais, que não poderiam mostrar mais fôrça de cruel (1) *ímpeto, se viessem então para derribar a fortíssima tôrre de Babel* (2). *Nos altíssimos mares* (3), *que cresceram* (4), *a possante* (5) *nau mostrava a pequena grandeza dum batel* — o *que movia* (6) *espanto, vendo* [*a quem via*], *que* ela *se sustinha tanto nas ondas.*

(1) Violento [prosopopeia]; o ímpeto do vento fazia estragos, como se fôsse uma entidade que se comprazia em produzir desastres. (2) Cfr. IV, 64, nota 2. (3) Fig., ondas. (4) Aumentaram. (5) Alterosa, forte, sólida, entende-se ser o navio principal — a «Capitânea» — do comando de Vasco da Gama. (6) Causava, produzia.

---

75 A nao grande em que vai Paulo da Gama,
Quebrado leva o masto pelo meio,
Quási toda alagada; a gente chama
Aquelle que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a nao de Coelho, com receio,
Com quanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou que desse o vento.

A grande nau, em que vai Paulo da Gama (1), *quási toda alagada* (2), *leva quebrado o mastro pelo meio; a gente* (3) *chama* por Jesus, *Aquele que veio salvar o mundo* (4). *Não menos gritos, vãos* (5), *derrama ao ar toda a nau* (6) *de Coelho* (7), *com receio* de naufrágio, *conquanto tivesse o mestre* (8) *tanto tento* (9) *que amainou primeiro que* [*antes que*] lhe *desse o vento.*

(1) A nau comandada pelo irmão de Vasco da Gama; IV, 81. (2) Tendo o convés cheio de água do mar. (3) A tripulação, os marinheiros. (4) «Aquele, etc.»; perífrase de Jesus. (5) Insanos. (6) «A nau», fig., a gente da nau. (7) Nicolau Coelho [IV, 82]; os marinheiros desta nau gritavam tanto como os da nau de Paulo; as ondas no convés e o mastro partido faziam-lhes supor que estavam irremediávelmente perdidos. (8) O capitão, Nicolau Coelho. (9) Precaução.

---

76 Agora sôbre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo:
Agora a ver parece que deciam
As íntimas entranhas do profundo.
Noto, Austro, Bóreas, Áquilo queriam
Arruinar a máchina do mundo:
A noite negra e feia se alumia
Cos raios em que o polo todo ardia.

As ondas do furibundo (1) *Neptuno ora* (2) *os* (3) *subiam* [*os elevavam*], aos navios, *sôbre as nuvens; ora, parecia que desciam a ver as íntimas entranhas* (4) *do Profundo* (5). Parecia que o *Noto*, o *Austro*, o *Bóreas* e o *Áquilo* (6) *queriam arruinar a máquina do mundo* (7); *a negra e feia noite era alumiada pelos raios em que ardia todo o Polo* (8).

(1) Enfurecido [prosopopeia], o mar personificado no deus mitológico. (2) «Agora... agora» = ora... ora = umas vezes... outras vezes. (3) O pronome «os» refere-se ao colectivo «gente» da estância precedente; subentende-se os marinheiros, os soldados, todas as pessoas que iam a bordo das naus, e aos quais parecia que subiam às nuvens. (4) «As entranhas», o interior, o fundo [do mar]. (5) O adjectivo substantivado; o profundo mar. (6) «Noto» e «Austro» são nomes que os poetas latinos davam indiferentemente ao vento sul; do mesmo modo, para designar o vento norte, empregavam os nomes «Bóreas» e «Áquilo»; aqui pode supor-se que o Poeta foi breve para dar vigor ao verso, querendo dar a entender que os ventos eram muitos; isto é, que se sentiam de todos os lados, como acontece durante os ciclones — os terríveis redemoinhos que aparecem no Oceano Índico; — pode entender-se que a enumeração do Poeta equivale a dizer-se pleonàsticamente: o «Aquilão» boreal, e o «Noto» austral, ou ainda: — Noto, que também chamamos Austro; e o Aquilão, que outros chamam Bóreas [«Noto» e «Bóreas» — nomes gregos; «Austro» e «Áquilo» — nomes latinos]. «Noto», I, 27 — «Austro» I, 21 — «Bóreas», I, 34 — Áquilo VI, 31 e *passim*. (7) «Queriam, etc.»; da tempestade de vento, pa-

recia resultar a destruição do organismo [da máquina] do globo terrestre. (8) «A noite, etc.»; os relâmpagos e os raios dissipavam as trevas da noite, eram sucessivos, e alumiavam o «céu». Com esta significação se encontra freqùentemente no poema o vocábulo «polo».

---

77 As halcyóneas aves triste canto
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se do seu passado pranto
Que as furiosas águas lhe causaram.
Os delfins namorados, entretanto,
Lá nas covas marítimas entraram,
Fugindo á tempestade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

As alciónеas aves (1) *levantaram triste canto junto da brava* (2) *costa, lembrando-se do seu passado pranto* (3), *que as furiosas águas* (4) *lhes causaram. Entretanto os namorados* (5) *delfins entraram lá nas covas* (6) *marítimas, fugindo* aos *duros ventos, e à tempestade que, nem no fundo* do mar, *os deixa estar seguros* (7).

(1) «Alciónеas aves»: os «alciões», nome poético dado a uma espécie de aves marítimas que vulgarmente chamam «maçaricos», que tem um piar plangente, e fogem do mar em ocasião de tempestade; refere a fábula [por Ovídio e Vergílio] que Alcione era filha de Éolo e espôsa de Ceice [Ceyx], e que, morrendo êste em naufrágio, veio o cadáver parar à praia aos pés da espôsa, que o esperara e que não pôde sobreviver à dor de tal perda; exasperada, atirou-se às ondas, sendo então ambos transformados por Tétis em alciões; Ovídio escrevia Halcione; em português encontra-se nos clássicos com vária ortografia: sem «h» e com «i» em lugar do «y». (2) Fig., escarpada. (3) «Passado pranto», as lágrimas derramadas em tempo passado quando os alciões eram entes humanos. (4) «Furiosas águas», o furor, a violência das vagas; alusão ao naufrágio de Ceice.

(5) Carinhosos; alusão à fábula que considerava os delfins como sendo divindades secundárias muito afeiçoadas ao homem; o delfim é um cetáceo mamífero, que habita em todos os mares, e que chega a atingir três metros de comprimento. (6) Cavernas abertas nas rochas submarinas. (7) Sossegados; mesmo no fundo do mar os delfins não se julgam bem seguros; tem mêdo de tempestade tam horrível.

---

78 Nunca tam vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos gigantes
O gram ferreiro sórdido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o gram Tonante arremessou
Relâmpados ao mundo fulminantes
No gram dilúvio, d'onde sós viveram
Os dous, que em gente as pedras converteram.

O grande ferreiro (1) *sórdido* (2) *que obrou* (3) *as radiantes* (4) *armas do enteado* (5), *nunca fabricou, contra a fera* (6) *soberba dos gigantes* (7), *tam vivos raios,* como aqueles que caíam em volta das naus portuguesas; *nem o grande Tonante* (8) — *no grande dilúvio* (9) *donde só viveram os dois que converteram as pedras em gente* — *arremessou ao mundo relâmpagos tam fulminantes,* como os que se viam daquelas naus (10).

(1) Vulcano, o deus do fogo, e que juntamente com os cíclopes fabricava os raios, de que Júpiter se servira para aniquilar os Titãos [os gigantes], quando estes, revoltados, pretendiam escalar o céu; segundo a fábula, as armas de Eneas — o grande herói romano, que valentemente combateu contra os gregos — haviam sido fabricadas por Vulcano, de quem Vénus era espôsa; e por ter sido Vénus a mãe de Eneas, é êste, pelo Poeta, chamado enteado daquele. (2) Sujo [de carvão], enfarruscado, como costuma estar qualquer ferreiro. (3) Fabricou, forjou. (4) Rutilantes,

como são as armas de aço polido, que reflectem raios de luz; e, fig., gloriosas. (5) Eneas, filho de Vénus [a mulher de Vulcano] e de Anquise. (6) Feroz [fig.], iníqua. (7) Titães. (8) Júpiter. (9) Éste dilúvio, a que se alude aqui em linguagem poética, é o da mitologia grega, segundo a qual, sendo Deucalião rei da Tessália, se inundou a terra, salvando-se apenas êle e sua mulher Pirra, em uma embarcação que veio a ficar em sêco sôbre o monte Parnaso; êsses dois — os únicos salvos do dilúvio — repovoaram o mundo, atirando pedras para trás de si; e, de cada pedra que atirava Deucalião, nascia um homem; das pedras atiradas por Pirra, nasciam mulheres. (10) Em resumo: nunca houve no mundo tempestade tam medonha como aquela que ameaçava subverter os navegantes.

---

79 Quantos montes então que derribaram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas árvores velhas arrancaram
Do vento bravo as fúrias indinadas!
As forçosas raízes não cuidaram
Que nunca pera o ceo fôssem viradas;
Nem as fundas areas, que podessem
Tanto os mares, que encima as revolvessem.

¡Quantos montes derribaram então, as ondas que batiam denodadamente (1)! *Quantas velhas árvores arrancaram, as indignadas fúrias* (2) *do bravo* (3) *vento! As forçosas* (4) *raízes não cuidaram* (5) *nunca, que fôssem viradas para o céu! nem as fundas areias* cuidariam *que os mares pudessem tanto* (6), *que as revolvessem em cima* dêles.

(1) Arrebatadamente, com violência [o adjectivo com função de advérbio]; hipérbole afeando o horror da tempestade; as ondas do mar, invadindo com violência o continente, arrasavam montes, arrancavam árvores pela raiz, resolvendo as areias. (2) «Indignadas fúrias», fig., a cólera, a indignação das águas [prosopopeia]. (3) Áspero,

fig., tempestuoso. (4) Robustas, rijas, porque as velhas árvores tem enormes, possantes raízes. (5) Imaginaram [prosopopeia]. (6) «Pudessem tanto», tivessem tam grande fôrça.

Nas quatro estâncias seguintes diz-se o que pensava Vasco da Gama ante a tempestade, cuja descrição continua na est. 84.

---

80 Vendo Vasco da Gama que tam perto
Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova fúria ao ceo subia,
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remédio lhe valia,
Chama aquelle remédio sancto e forte,
Que o impossíbil póde, d'esta sorte:

Vasco da Gama, — vendo que se perdia (1), estando *tam perto do fim do seu desejo* (2), *vendo o mar, ora aberto até o inferno, ora subido* [*levantado*] *ao céu com fúria nova* (3), e vendo-se *confuso de temor* (4), e *incerto da vida* (5), por estar *onde* (6) *nenhum remédio* humano *lhe valia* —, *chamou* [*invocou*] *aquele santo e forte remédio que póde o impossível* (7), invocando-o *desta sorte* [*da maneira que se vai dizer na estância seguinte*]:

(1) «Que se perdia», fig., que ia morrer. (2) «Perto, etc.», quási a chegar ao termo da viagem à India, que era o desejo de Vasco da Gama. (3) «Aberto, etc.», cfr. 76, verso 3; o descer e o subir das ondas. (4) «Temor», o receio do naufrágio, não por mêdo da morte, mas por não alcançar a desejada glória. (5) «Incerto da vida», na incerteza de sobreviver ao naufrágio. (6) «Onde», naquele lugar, naquele momento. (7) «Chama, etc.», dirige-se em pensamento para o Deus todo poderoso, Aquele que tem o poder de realizar o que é impossivel ás fôrças humanas. [Na estância seguinte a oração mental de Vasco da Gama].

Note-se no verso 4: a rima induziu a empregar o imperfeito «subia», onde na escrita corrente se empregaria o particípio «subido».

«O verso 4, que forma uma oração principal, estaria, na construção corrente, ligado ao particípio «vendo» anterior, por meio da conjunção «que».

---

81 «Divina guarda, angélica, celeste,
Que os ceos, o mar e terra senhoreas!
Tu, que a todo Israel refúgio deste
Por metade das águas Eritreas:
Tu, que livraste Paulo e defendeste
Das Syrtes arenosas e ondas feas,
E guardaste cos filhos o segundo
Povoador do alagado e vácuo mundo:

Ó *Guarda divina, angélica* e *celeste* (1), *que senhoreias* [*governas*] *os céus, o mar e* a *terra! tu, que deste refúgio* (2) *a todo* o *Israel por metade* [*pelo meio*] *das águas Eritreas* (3); *tu, que livraste Paulo* (4) *e* o *defendeste das arenosas Sirtes* (5) *e* das *feias ondas;* tu, que também *guardaste* [*salvaste*] Noé, *o segundo povoador do alagado e vácuo mundo* (6), *com os* [*e mais os*] *filhos,* Sem, Cam e Jafete [*continua a apóstrofe na estância seguinte*]*:*

(1) «Guarda divina..., etc.», perífrase de «Anjo da Guarda» [guarda, defesa, auxílio]; cfr. II, 80 [«guarda soberana»], II, 31 [«guarda divina»], V, 60 [côro dos anjos], etc. (2) Meio de fugir [a perigo]. (3) «Águas Eritreas», o Mar Vermelho; alude-se ao auxílio divino prestado aos Israelitas, quando, perseguidos por Faraó, atravessaram aquele mar que secara no ponto em que passaram; IV, 63 e nota. (4) O apóstolo S. Paulo, que em viagem da Judea para Roma esteve quási naufragando. (5) «Sirtes» é o nome de dois golfos de perigosa navegação [na costa de Trípoli e na de Túnis], por haver neles muitos baixios de areia e recifes. (6) «Segundo povoador, etc.»; alude-se

aqui ao dilúvio segundo a versão bíblica; na est. 78 aludira ao dilúvio da lenda mitológica: Noé, patriarca dos hebreus, por inspiração divina, construiu a arca em que se salvou do dilúvio, com a sua família, que foi a origem das novas raças humanas.

---

82 «Se tenho novos medos perigosos
D'outra Scylla e Caríbdis já passados,
Outras Syrtes e baixos arenosos,
Outros Acroceráunios infamados;
No fim de tantos casos trabalhosos
Porque somos de ti desamparados,
Se êste nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu serviço só pretende?

«*¿Se tenho já passado novos* (1) *mêdos* (2) *perigosos de outra Scila e Caribdes* (3), e *outras Sirtes e baixios arenosos* (4), e *outros Acroceráunios* (5) *infamados* [*de má fama*]; *se êste nosso trabalho* [*esta emprêsa em que andamos*] *não te ofende, mas antes só pretende* (6) ser em *teu serviço, porque somos* nós *desamparados por ti, no fim de tantos casos trabalhosos?*

(1) Outros, perigos a que se vai aludir; e ao mesmo tempo «novos», porque não tinham sido experimentados por antigos navegantes. (2) Transes, conjunturas, lugares que geralmente causam mêdo, por serem excessivamente perigosos; é esta a significação dada por antigos escritores ao vocábulo no plural. (3) Scila e Caribdes são os nomes de dois cachopos no mar da Sicília, e onde eram freqüentes os naufrágios [II, 45; VI, 24]; alude-se aqui talvez, fig., aos baixios de S. Rafael, onde a nau dêste nome esteve quási a naufragar. (4) «Sirtes» [cfr. 81, nota 5], nome de baixios, no antigo mar Líbico, — arenosos, de areia movediça, desaparecendo em um lugar e aparecendo em outro. (5) Promontórios na Grécia antiga, que tinham a má fama

de perigosos, por causa das medonhas tempestades alí freqùentes. (6) «Pretende o teu serviço»; o sujeito de «pretende» é «nosso trabalho», isto é: nós, neste trabalho, pertendemos.

---

83 «Oh ditosos aquelles que puderam
Entre as agudas lanças africanas
Morrer, em quanto fortes sostiveram
A sancta fé nas terras mauritanas!
De quem feitos illustres se souberam,
De quem ficam memórias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdê-la,
Doce fazendo a morte as honras d'ella!»

Oh! ditosos foram *aqueles* portugueses, *que puderam morrer entre as agudas lanças africanas* (1), *emquanto, fortes* [*com intrepidez*] (2) *sustiveram* (3) *a Santa Fé nas terras mauritanas,* a fé santa *de quem se sabem* (4) *ilustres feitos* (5), *dos quais* (6) *ficaram soberanas memórias* (7), e *pelos quais se ganha a vida com o perdê-las fazendo a morte as honras dela* [*da vida*] (8)!

(1) Vasco da Gama julgar-se-ia feliz, se morresse, pelejando para sustentar a Fé [a religião cristã]; considerava inglória a morte em naufrágio. (2) O adjectivo com função de advérbio. (3) Sustentaram. (4) São sabidos, conhecidos [a forma passiva pronominal]. (5) Actos, acções. (6) Nos versos 5, 6 e 7, interpretamos o primeiro «quem» como sendo referido a «portugueses»; o segundo a «feitos ilustres»; e o terceiro a «memórias», advertindo, que é freqùente nos escritores antigos o emprêgo do pronome pessoal referido a cousas; e observando ainda que êles empregavam amiùdadamente a preposição «de» como causativa: «das memórias se ganhava a vida» [= por elas]. (7) «Soberanas memórias», actos de valor e virtude, que deixaram memória, que são no futuro lembrados. (8) «Se ganha, etc.» [forma passiva]: ganha-se a vida futura por

meio da morte, quando esta é produzida em conseqüência de actos de virtude; nesses casos a morte é a honra da vida.

---

84 Assi dizendo, os ventos que lutavam,
Como touros indómitos bramando,
Mais e mais a tormenta acrecentavam,
Pela miúda enxárcia assuviando;
Relâmpados medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vem representando
Cair o ceo dos eixos sôbre a terra,
Consigo os elementos terem guerra.

Dizia (**1**) *assim* Vasco da Gama esta oração (**2**), e *os ventos, que, bramando* (**3**), *estavam* (**4**) *como indómitos* (**5**) *touros, acrescentavam mais e mais a tormenta, assobiando* (**6**) *pela miúda enxárcia;* os *medonhos relâmpagos não cessavam*, nem os *feros* (**7**) *trovões, que vinham* [*estavam*] *representando o céu* a *cair dos eixos sôbre a terra* (**8**), e representando *os elementos* a *terem guerra* (**9**) *consigo* próprios.

(**1**) «Dizendo» [no texto]; nestas construções gramaticais de particípio, usadas pelos antigos, o particípio corresponde hoje a tempo do modo indicativo. (**2**) «Assim», da maneira que ficou referida nas est. 81 a 83. (**3**) «Bramando», produzindo ruído semelhante ao dos touros embravecidos. (**4**) «Lutavam», debatiam-se, soprando simultâneamente de lados opostos. (**5**) Não domados, bravos. (**6**) «Assobiando»; o vento, escoando-se pelas enxárcias [I, 62, 80], produzia sons sibilantes. (**7**) Horríveis. (**8**) «Representando, etc.», fazendo parecer que os Céus iam desabar esmagando a Terra [considerada o centro dêles. Veja-se a figura de p. 18, vol. I]. (**9**) Brigando [a água, o ar e os outros elementos], uns com os outros.

---

85 Mas já a amorosa estrêlla scintillava
Diante do sol claro no horizonte,
Mensageira do dia, e visitava
A terra e o largo mar com leda fronte:
A deusa, que nos ceos a governava,
De quem foge o ensífero Orionte,
Tanto que o mar e a cara armada vira,
Tocada junto foi de mêdo e de ira:

Mas a amorosa estrêla (1), *mensageira do dia* (2), *já scintillava no horizonte diante do sol claro, e visitava* (3) *a terra e o largo mar com leda fronte* (4); *a deusa que nos céus a governava* (5), *e de quem foge o ensífero Orionte* (6), *tanto que viu o mar e a cara armada, foi tocada juntamente* [*ao mesmo tempo*] *de mêdo e da ira.*

(1) Vénus, personificada na estrêla de alva; «amorosa», epiteto da deusa do mesmo nome. (2) Anunciadora de que vai começar o dia, aparece «diante» antes do sol. (3) Aparecia, era vista. (4) «Leda fronte», aspecto alegre; repetição da idea já expressa em «scintilava»; podendo entender-se que o brilho da estrêla fazia esperar que viesse bonança. (5) Vénus governava a estrêla. (6) Nome duma divindade mitológica: — um caçador que se enamorou de Diana sem respeitá-la e foi, por castigo de tal audácia, transformado na brilhante constelação do mesmo nome, no hemisfério sul; «ensífero» é o epiteto que davam a essa constelação os antigos poetas latinos, e que significa «armado de espada», pois dêste modo a pintavam, aludindo à sua influência mortífera na guerra, por suporem que tal grupo de estrêlas, em determinada conjunção, era causador de tempestades como a que padeceram os troianos, na guerra contra os gregos e que concorreu para a perda daqueles; são reminiscências de Vergílio e Lucano; êste último celebrou a deusa Vénus pela propriedade de afugentar as tormentas — devendo, aqui, tomar-se a palavra «Orionte» no sentido figurado de «tempestade».

86 « Estas, obras de Baco são por certo,
Disse; mas não será que avante levo
Tam danada tenção, que descuberto
Me será sempre o mal a que se atreve. »
Isto dizendo, dece ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Em quanto manda ás nimphas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

« *Estas obras são, por certo, de Baco* (1), — disse a deusa —; *mas não será* [*não sucederá*] *que êle leve avante tam danada tenção* (2), *que* [*pois*] *me será sempre descoberto o mal* (3) *a que se atreve* ».

Dizendo isto, desceu ao aberto (4) *mar, gastando breve espaço no caminho, emquanto* (5) *mandou às amorosas ninfas pôr grinaldas de rosas nas cabeças* (6).

(1) Cfr. I, 30, 39 e *passim*. (2) Cfr. I, 80. (3) Malefício: Vénus acode, como em todo o Poema, a inutilizar os intentos malfazejos de Baco. (4) Descoberto, não oculto, via-se lá de cima. (5) Ao mesmo tempo. (6) « Amorosas ninfas, etc. » ; a deusa quere que as formosas ninfas, com o seu carinho, amansem os ventos, e, para mais formosas parecerem, lhes ordenou que adornassem as cabeças com grinaldas.

87 Grinaldas manda pôr de várias côres
Sôbre cabellos louros á porfia.
Quem não dirá que nacem roxas flores
Sôbre ouro natural, que amor infia?
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas nimphas bellas,
Que mais fermosas vinham que as estrêllas.

Vénus *mandou* às ninfas, *que pusessem grinaldas de várias côres sôbre* os *cabelos louros* e *à porfia* (**1**). *¿Quem diria que não nascem roxas flores sôbre o ouro natural* (**2**), e flores *que* o *amor enfia* [*entretece*] (**3**)? A deusa *determinou abrandar*, *pelo amor*, *a nojosa companhia dos ventos, mostrando-lhes as amadas ninfas belas que vinham mais formosas* do *que as estrêlas*.

(**1**) «À porfia», diligentemente: com boa vontade de parecerem muito formosas. (**2**) «Quem dirá, etc.»; as rosas parecia terem nascido nos próprios cabelos louros da côr natural de ouro [«roxas»=rubras=vermelhas, *passim.*]. (**3**) «Amor enfia»: o amor, que as ninfas deviam despertar nos ventos, era o incentivo para elas entretecerem flores no cabelo e excederem no requinte os seus adornos, para parecerem mais formosas, e dêsse modo aplacarem a ira da «nojosa companhia» [a nefasta multidão], que estava a ponto de despedaçar as naus.

---

88 Assi foi: porque tanto que chegaram
À vista d'ellas, logo lhe falecem
As fôrças com que d'antes pelejaram,
E já como rendidos lhe obedecem;
Os pés e mãos parece que lhe ataram
Os cabellos que os raios escurecem.
A Bóreas, que do peito mais queria,
Assi disse a bellíssima Oritia:

Assim foi (**1**): *porque* os ventos, *tanto que* [*apenas*] *chegaram à vista delas* [*das ninfas*], —*falecendo-lhes* [*faltando-lhes*] *as fôrças com que dantes pelejaram* — *já lhes obedeciam, como rendidos* [*vencidos*]: *parecia que os* louros *cabelos, que escureciam os raios do sol, lhes tinham atado os pés e* as *mãos* (**2**); e *a belíssima* [*formosíssima*] *Oritia* (**3**), dirigindo-se *a*

Bóreas, a *quem mais do peito* [*coração*] *queria, disse--lhe assim*:

(1) «Assim foi», assim aconteceu [o que estava resolvido — estância precedente]. (2) «Escureciam, etc.»; os cabelos das ninfas eram menos brilhantes do que os raios do sol [hipérbole exagerando a formosura das ninfas]; bastou o deslumbramento dos louros cabelos para desarmar a fúria dos ventos. (3) Nome duma ninfa marítima amada por Bóreas [o vento norte personificado que soprava contra a proa dos navios].

Note-se, no texto, a construção anacolútica: o primeiro «lhe» [por «lhes»] referindo-se, no verso 2, a «ventos» [subentendido]; o segundo, no verso 4, referindo a «elas» [ninfas]; e note-se a passagem da oração integrante para oração subordinada: «os ventos... falecem-lhe as fôrças».

---

89 «Não creas, fero Bóreas, que te creio,
Que me tiveste nunca amor constante;
Que brandura é de amor mais certo arreio,
E não convém furor a firme amante;
Se já não pões a tanta insânia freio,
Não esperes de mi, d'aqui em diante,
Que possa mais amar-te, mas temer-te;
Que amor contigo em mêdo se converte».

«*Não creias* (1), ó *fero* (2) *Bóreas, que te creio*; tu *nunca me tiveste constante amor, que* [*pois*] *a brandura é* o *arreio* [*ornamento*] (3) *mais certo do amor, e, ao firme amante, não convêm* usar de *furor*; *se não pões freio* [*se não reprimes*] *já tanta insânia* (4) *não esperes de mim, daqui em diante, que eu possa* continuar *mais* a *amar-te, mas* espera sòmente que eu possa *temer-te*; *que* [*pois*] o meu *amor contigo converte-se em mêdo.*

(1) «Não creias...», repetição do verbo no mesmo verso e com diferente significação — ornato literário para

maior ênfase: não imagines que acredito no teu amor. (2) Enfurecido, irado, furioso. (3) «Arreio», [cfr. III, 10]; o carinho, a brandura são os meios [os artificios, ornatos] de inspirar amor. (4) Loucura, fig., ira que enlouquece.

---

90 Assi mesmo a fermosa Galatea
Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias há que em vê-la se recrea,
E bem crê que com elle tudo acabe.
Não sabe o bravo tanto bem se o crea,
Que o coração no peito lhe não cabe.
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz, se logo abranda.

A formosa Galatea (1) *dizia assim mesmo ao fero Noto: que bem sabia que* êle *se recreava em vê-la* (2), *e cria* [*imaginava*] *que tudo acabaria com* êle em *bem* (3). *O bravo Noto não sabia se cresse* [*acreditasse*] *tanto bem* [*fortuna tanta*] (4), *que não lhe cabia o coração no peito, de contente por ver que a dama o mandava* [*lhe dava ordens*]; e *cuidou que pouco fazia* em *se abrandar logo* (5).

(1) Ninfa, amada pelo gigante Polifemo; fala ao Noto [o vento sul personificado] da mesma maneira que Oritia tinha falado a Bóreas. (2) «Bem sabe, etc.»; a ninfa bem sabia que o Noto estava enamorado dela. (3) «Que tudo acabe bem», se Noto fizer o que ela deseja, tudo acabará bem entre ambos; ela não negará o que êle deseja. (4) «Bem», aqui substantivo, nos versos 2 e 4, advérbio [repetição do vocábulo, com sentido diverso e como ornato literário]. (5) «Contente, etc.»; Noto alegra-se recebendo ordens da ninfa, porque de cumpri-las resultaria alcançar o amor dela, e parece-lhe até pequena demonstração de obediência o aplacar imediatamente a sua fúria, e tornar-se branda viração.

91 D'esta maneira as outras amansavam
Súbitamente os outros amadores;
E logo á linda Vénus se entregavam,
Amansadas as iras e os furores.
Ella lhe prometeu, vendo que amavam,
Sempiterno favor em seus amores,
Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
De lhe serem leais esta viagem.

Desta maneira as outras ninfas *amansaram súbitamente os outros* ventos *amadores; e* estes, *amansando as iras e os furores, logo se entregavam à linda Vénus* (**1**).—*Ela, vendo que os* ventos *amavam* (**2**), *prometeu-lhes sempiterno favor nos seus amores, tomando-lhes, nas belas mãos* das ninfas, *homenagem* (**3**) *de a elas serem liais nesta viagem.*

(1) «Desta maneira, etc.»; as outras ninfas falam aos outros enamorados ventos, Austro, Áquilo, etc., [cfr. est. 74, 76], da mesma sorte que vimos Oritia e Galatea nas estâncias precedentes; êles, amansados imediatamente [súbitamente], cessam logo na sua ira conforme as ordens de Vénus transmitidas pelas ninfas. (**2**) «Amavam»; o verbo aqui, em sentido abstracto, é intransitivo: estavam enamorados. (**3**) Promessa solene, juramento: Vénus mandou a cada um dêles que, tomando as mãos da sua amada, jurasse, nelas, serem liais ao seu amor, tornando-se propícios a esta viagem dos portugueses, para estes poderem chegar com felicidade ao desejado pôrto.

92 Já a manhã clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gávea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela proa.
Já fora de tormenta e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa!
Disse alegre o pilôto melindano:
«Terra é de Calecu, se não me engano.»

Já dava a clara manhã (1) *nos outeiros por onde soa o Ganges* (2) *murmurando, quando da celsa* (3) *gávea* (4), *os marinheiros enxergaram* [*avistaram ao longe*] *terra alta pela proa;* estavam os navegantes *já fora das tormentas e dos primeiros mares* (5); *voa-ra-lhes do peito o vão* (6) *temor; e o pilôto Melindano* (7), com voz *alegre, disse: «se não me engano, é terra de Calecut»* (8).

(1) «Clara manhã», a claridade da manhã. (2) «Soa o Ganges»; êste grande rio desagua no gôlfo de Bengala, costa oriental da Índia, e os navegantes estavam na costa ocidental; portanto esta referência deve considerar-se genérica a «Índia»; os rios murmuram nos vales; do murmúrio sente-se o eco [soando] nos outeiros. (3) Alta. (4) A vêrga que forma cruzamento com o mastro grande, e sôbre a qual sobem os marinheiros, que, estando em maior altura, descobrem a terra no horizonte antes de ser vista por quem está no convés. (5) «Primeiros mares», aqueles mares revoltos que os navegantes tinham percorrido no princípio e a meio da viagem. (6) «Vão temor», agora havia bom tempo, e mar chão; o temor, o mêdo não se justificaria, seria vão; cfr. IV, 91: «vão descontentamento». (7) O pilôto embarcado em Melinde; II, 88; VI, 3. (8) Na costa de Malabar; o império de Calecut vem descrito no canto VII.

93 «Esta é por certo a terra que buscais
Da verdadeira Índia, que aparece;
E se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece.»
Soffrer aqui não pode o Gama mais,
De ledo em ver que a terra se conhece;
Os geolhos no chão, as mãos ao ceo,
A mercê grande a Deus agradeceu.

— «*Esta terra que* nos *aparece, é por certo a verdadeira terra da Índia, que buscais* (1); *e, se não mais* [*nada mais*] *do mundo desejais, aqui fenece* (2) o *vosso longo trabalho.*»

Aqui [*ouvindo estas palavras*] *o Gama não pôde sofrer* (3) *mais, de ledo* (4) *em ver que se conhece a terra* (5); e — com *os joelhos no chão*, e *as mãos* elevadas *ao céu*, — *agradeceu a Deus a grande mercê.*

(1) «Buscais, procurais»; a terra onde Vasco da Gama desejava chegar. (2) Termina, acaba. (3) «Não pôde, etc.», não se pôde conter; foi tam grande a alegria de Vasco da Gama que, sem ouvir mais o que dizia o pilôto, interrompe-o, ajoelha, e dá graças a Deus. (4) «De ledo...», por ter ficado ledo, alegre. (5) «Se conhece» [forma passiva], que é conhecida [do pilôto] aquela terra.

---

94 As graças a Deus dava, e razão tinha,
Que não sómente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho esprimentava;
Mas via-se livrado tam asinha
Da morte, que no mar lhe aparelhava
O vento duro, férvido e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

Dava o Gama *as graças* (1) *a Deus, e tinha ra-*

zão para dá-las, *não sómente porque* Deus *lhe mostrava* (2) *a terra* da Índia *que* êle Gama *vinha buscando* (3) *com tanto temor* (4), e *por quem* [*por causa da qual*] *experimentara tantos trabalhos* (5), *mas* também *porque se via tam asinha* (6) — *como quem desperta de horrendo sonho* —, *livre da morte, que o duro* (7), *férvido* (8) *e medonho vento lhe aparelhara* (9) *no mar*.

(1) «Dava graças», elevava o pensamento a Deus, agradecendo. (2) «Deus lhe mostrava», permitia Deus que êle visse. (3) Procurando. (4) «Com tanto temor», tendo passado lances perigosos que eram para causar temor, não o de morrer, mas o de não alcançar o seu intento. (5) Tantas dificuldades. (6) «Tam asinha», tam repentina, tam inesperadamente. (7) Áspero, cruel. (8) Irado, violento. (9) Preparara.

---

95 Por meio d'estes hórridos perigos,
D'estes trabalhos graves e temores,
Alcançam os que são de fama amigos,
As honras imortais e graos maiores;
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores,
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animais de Moscóvia zebellinos:

Os homens *que são amigos de fama alcançam as imortais honras, e* os *maiores graus* (1) *por meio dêstes hórridos perigos* (2), por meio *dêstes graves* (3) *trabalhos e temores* (4). *Não* alcançam tais honras, estando *sempre encostados nos antigos troncos nobres de seus antecessores* (5); *não* as alcançam estando encostados *nos dourados leitos, entre os finos animais zibelinos* [*entre as finas peles dos animais zibelinos*] de *Moscóvia* (6).

(1) Dignidades, honras. (2) «Por meio dêstes, etc.»; expondo-se a perigos, horríveis como estes que os navegantes haviam afrontado. (3) Pesados, custosos, difíceis. (4) Justificados receios. (5) «Encostados, etc.»; não alcança fama quem vive com as comodidades do luxo, e não pratica virtudes heróicas, e sòmente se julga digno de honras, por causa da nobreza dos pais e avós [troncos, árvore genealógica da família], ou da pessoa em que a família começou a ser conhecida e nobilitada. (6) «Zibelina», ou marta — animal da Sibéria [Rússia], cujos pelos tem grande preço e servem para agasalho e adôrno pessoal; Moscóvia, a antiga capital da Rússia, é mercado de tais peles.

---

96 Não cos manjares novos e exquisitos,
Não cos passeos molles e ociosos,
Não cos vários deleites e infinitos,
Que afeminam os peitos generosos;
Não cos nunca vencidos apetitos,
Que a fortuna tem sempre tam mimosos,
Que não soffre a nenhum que o passo mude
Pera algũa obra heróica de virtude;

Não se alcançam honras nem glória (1) *com* os *manjares novos e exquisitos* (2); *nem com* os *passeios moles* (3) *e ociosos; nem* com os *vários e infinitos deleites* (4) *que afeminam* (5) *os peitos* [*ânimos*] *generosos; nem com os apetites nunca vencidos* (6) *que a fortuna* (7) *tem* [*facilita*] *sempre,* e *tam mimosos que não sofrem* (8) *a nenhum* [*a ninguêm*], *que mude o passo* (9) *para praticar alguma obra* (10) *heróica de virtude;*

(1) «Não se alcançam», locução tirada da estância precedente. (2) Delicados. (3) «Passeios moles», distracções afeminadas. (4) Prazeres. (5) Amolecem, enfraquecem, tornam o homem tam fraco, como se fôsse mulher. (6) Saciados. (7) «A fortuna», a riqueza, a opulência. (8)

«Não sofre», não consente. (**9**) «Mudo o passo», mudo de procedimento, mudo de propósito. (**10**) Acto, acção.

No verso 6, «que» é pronome, ocupa o lugar de «apetites» do verso 5.

No verso 7, «que» é conjunção, liga duas orações.

No mesmo verso 7, o sujeito do verbo «sofre» parece — pelo sentido — que deve ser «apetites» e não «fortuna», conquanto esteja o verbo no singular; cfr. ADITAMENTO, p. VII.

---

97 Mas com buscar co seu forçoso braço
As honras, que elle chame próprias suas,
Vigiando e vestindo o forjado aço,
Soffrendo tempestades e ondas cruas;
Vencendo os torpes frios no regaço
Do sul, e regiões de abrigo nuas;
Engulindo o corrupto mantimento,
Temperado d'um árduo sofrimento;

Mas o homem alcança a glória (**1**) *buscando com o seu forçoso braço as honras que êle chame suas próprias, vigiando* (**2**) *e vestindo o forjado aço* (**3**), *sofrendo tempestades e cruas ondas* (**4**); *vencendo os torpes* (**5**) *frios no regaço* do mar (**6**), *e* em *regiões nuas de abrigo, engulindo o corrupto mantimento* (**7**), *temperado de árduo sofrimento;*

(**1**) «Mas o homem...», locução tirada da est. 95, em que principia a oração gramatical de que a presente estância e a seguinte são continuadas. (**2**) «Vigiando», fazendo vigílias, não dormindo, vencendo o sono. (**3**) «Vestindo, etc.»; entregando-se ao exercício da guerra, revestindo-se de peito de aço, capacete, etc. (**4**) «Sofrendo, etc.»; expondo-se no mar aos temporais e ao cruel embate das ondas. (**5**) Frios que entorpecem. (**6**) Supõe-se que «sul», no texto, seja êrro tipográfico. (**7**) «Corrupto mantimento», referência à condição a que já tinham estado reduzidos os navegantes [v, 71: «corrupto e danado mantimento»].

---

98 E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledo, inteiro,
Para o pilouro ardente, que assovia,
E leva a perna ou braço ao companheiro.
D'est'arte o peito um calo honroso cria,
Desprezador das honras e dinheiro,
Das honras e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude justa e dura.

E alcança glória o homem (1) *com o forçar o rosto, que se enfia* (2), *a parecer seguro* [*firme*], *ledo e inteiro para o pelouro ardente* (3), *que assobia, e leva a perna ou o braço ao companheiro.* E, *desta arte, o peito cria um calo* (4) *honroso, desprezador das honras,* e do *dinheiro que a ventura forja e não* a *virtude justa e dura* (5).

(1) Cfr. nota 1 da estância precedente. (2) Empalidece. (3) «A parecer seguro, etc.»; alcança glória na guerra o homem corajoso que tem firmeza no meio dos perigos, vê ao pé de si os companheiros despedaçados por uma granada, empalidece ante semelhante espectáculo, mas conserva o rosto firme, prazenteiro [ledo] e encarando serenamente o perigo. (4) Fig., impassibilidade. (5) «Dinheiro, etc.»; o dinheiro é produzido pela ventura [pela riqueza], mas o dinheiro não dá virtude.

---

99 D'est'arte se esclarece o entendimento,
Que experiências fazem repousado;
E fica vendo, como de alto assento
O baixo trato humano embaraçado:
Êste, onde tiver fôrça o regimento
Direito, e não de affeitos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.

Desta arte (1) *o entendimento* (2), *que as experiências fazem repousado* (3), *esclarece-se* (4), *e fica vendo, como* quem *vê de alto assento* (5), *o trato humano baixo e embaraçado* (6): *êste* [*o homem que tiver as virtudes já indicadas*],—*onde tiver fôrça o regimento direito* [*onde se executarem leis de justiça*], *e* onde o regimento *não* fôr *ocupado de afectos* [*não fôr guiado* por *afeições*]—*subirá, como deve* subir, *a mando ilustre* [*ao elevado cargo de governar*] *contra* a *sua* própria *vontade, e não rogando* [*sem necessidade de solicitações*].

(1) «Desta arte», desta maneira [pela maneira indicada nas est. 97 e 98]. (2) Inteligência. (3) Sereno. (4) «Esclarece-se», dissipam-se as trevas do entendimento. (5) «Alto assento», sítio elevado. (6) «O trato humano, etc.»; a organização social da humanidade, organização «baixa» [mesquinha] e «embaraçada» [complicada].

CANTO VII

1 Já se viam chegados junto á terra
Que desejada já de tantos fôra,
Que entre as correntes índicas se encerra,
E o Ganges que no ceo terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora!
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante!

Viam-se os navegantes *chegados já junto á* [próximos da] *terra que de* [= por] *tantos já fôra desejada* (1), — e *que se encerra entre as correntes* do *Indo* (2) *e o Ganges* (3), — o rio *que mora no céu terreno* (4). — *Ora sus* (5)! *gente forte, que, na guerra quereis levar a palma vencedora! já sois chegados! já tendes diante* de vós *a terra abundante de riquezas.*

(1) «De tantos, etc.»; outros navegantes portugueses haviam tentado ir por mar à India; vários monarcas do mundo haviam desejado dominá-la [VII, 51-54]; os assírios, os romanos haviam tentado conquistá-la. (2) O grande rio do Indostão [2:900 quilómetros], que desagua no gôlfo de Oman, entre a Arábia e a Índia. (3) Outro grande rio do Indostão [3:100 quilómetros]; nasce no Himalaia e desemboca no gôlfo de Bengala, entre o Indostão e a Indo-China. (4) «Céu terreno», o paraiso terrestre [cfr. IV, 74;

VII, 17-19]; «celeste berço da terra». (5) «Sus», interjeição para incitamento, equivalendo a expressões como estas: ânimo! alegrai-vos! exaltai!

O Poeta, nos primeiros versos, começa a contar como as naus de Vasco da Gama chegaram à India; interrompe a narrativa no verso 5 com a apóstrofe dirigida aos navegantes e aos portugueses, a qual se segue até a est. 14 [interrompida por outras apóstrofes].

Foi em 17 de Maio que os navegantes avistaram a costa de Malabar, e, dois dias depois, fundearam as naus defronte de uma povoação que ficava distante duas léguas ao norte de Calecut, e que êles supuseram ser esta cidade.

---

2 A vós, oh geração de Luso, digo,
Que tam pequena parte sois no mundo,
Não digo inda no mundo, mas no amigo
Curral de quem governa o ceo rotundo;
Vós, a quem não sómente algum perigo
Estorva conquistar o povo inmundo,
Mas nem cobiça, ou pouca obediência
Da madre, que nos ceos está em essência:

3 Vós, Portugueses poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais;
Vós, que á custa de vossas várias mortes
A lei da vida eterna dilatais:
Assi do Ceo deitadas são as sortes,
Que vós, por muito poucos que sejais,
Muito façais na sancta christandade;
Que tanto, oh Christo, exaltas a humildade!

Ó geração de Luso (1), *digo-vos que sois imensamente pequena parte no* [= *do*] *mundo, não digo ainda* [*já*] *no mundo, mas no amigo curral de quem governa o céu rotundo* (2); *vós* sois aqueles *a quem não sómente perigo algum, mas nem a cobiça ou pouca*

obediência da [= *à*] *Madre que em essência está nos céus* (**3**), *estorva de conquistardes o povo imundo* (**4**); *vós, portugueses,* sois tam *poucos quanto* sois *fortes, que* [*pois*] *não pesais o vosso fraco poder* (**5**); *vós* sois *quem, à custa das vossas várias mortes, dilatais a lei da vida eterna* (**6**); digo-vos — *assim são deitadas as sortes do céu* (**7**): — *que vós, por muito poucos que sejais, muito fareis na santa cristandade: ó Cristo, que tanto* [= *quanto*] *exaltas a humildade* (**8**)!

(**1**) «Geração de Luso», descendentes de Luso, — portugueses; cfr. VI, 30 e *passim*. (**2**) «Amigo curral, etc.»; perífrase de cristandade; cfr. a conhecida alegoria «redil» [a Igreja], «ovelhas» [cristãos], «pastor» [o sacerdote, o pároco], etc., — a igreja do Deus que governa o universo em toda a sua redondeza; os habitantes de Portugal representam insignificante número comparado não já com o número de habitantes da terra, mas comparado até com o número dos habitantes de países cristãos; aos portugueses não os movia a cobiça de presas de guerra, nem lhes falecia a obediência à Igreja para combaterem os muçulmanos; nem se intimidavam pelo perigo de se defrontarem com fôrças numéricas superiores. (**3**) «Em essência, etc.»; perífrase: a Igreja Católica; em essência, em espírito. (**4**) Epíteto injurioso dado aos muçulmanos. (**5**) Portugal, nação pequena, sentia-se forte, investia com inimigos mais poderosos, sem reflectir na superioridade alheia. (**6**) «Lei da vida eterna; religião cristã que assegura a imortalidade da alma [cfr. I, 2]; morrendo valorosamente, os portugueses deixavam de si fama e memória eterna. (**7**) «As sortes do céu» [V, 80]; os decretos da Providência. (**8**) Apóstrofe: tanto Deus exalta os humildes! os portugueses tinham fé cristã; eram submissos perante a Igreja, por isso protegidos pela Divindade, que os exaltava tornando-os vitoriosos em combates contra fôrças extraordinàriamente superiores.

---

4 Vêde-los Alemães, soberbo gado,
Que por tam largos campos se apacenta,
Do successor de Pedro rebelado,
Novo pastor, e nova seita inventa:
Vêde-lo em feas guerras occupado,
(Que inda co cego error se não contenta!)
Não contra o superbíssimo Otomano,
Mas por sair do jugo soberano.

Vêdes (1) *os alemães*, êsse *soberbo gado* (2), *que se apascenta por tam largos campos* (3), êsse gado, contra o *sucessor de* S. *Pedro* (4) *rebelado, inventa novo pastor* (5) *e nova seita* (6)! *Vêde-o, — que ainda não se contenta com o cego* (7) *êrro* (8) —, *ocupado em feias* (9) *guerras, não contra o soberbíssimo* [*poderosíssimo*] imperador *otomano* (10), *mas* contra o seu pastor *por* [*para*] *sair do soberano jugo* (11)!

(1) No texto «vêde-los» = vêdes-os; «estais vendo os... alemães»; no verso 5 «vêdes-lo» [«lo» referido a gado]. (2) Continuando a alegoria [cfr. est. 2, «curral»] «soberbo gado»; fig., numeroso povo cristão. (3) «Apascenta-se, etc.; ocupa extensas regiões. (4) Rebelde à obediência do Papa, o chefe da Igreja católica. (5) Alusão a Lutero, chefe da Reforma religiosa na Alemanha [1487-1546]. (6) Novo sistema doutrinal, o protestantismo, cujos sectários se separaram da Igreja romana. (7) Insano, louco. (8) Êrro moral. (9) Condenáveis guerras [de trinta anos] entre católicos e protestantes no reinado de Carlos V. (10) Otomanos se denominavam os turcos, por ter sido Othman, ou Osman, o fundador do império turco [1259-1326], onde prevalece o islamismo ou maometismo, religião dos muçulmanos. (11) Obediência ao supremo pontífice.

O Poeta estigmatiza os alemães, aludindo às seitas religiosas e políticas nascidas da Reforma que separou completamente a Alemanha do Norte, protestante, da Alemanha do Sul, católica.

Na presente estância e até a est. 14 o Poeta faz uma resenha do estado religioso e político da Europa do seu tempo, exprobando os que andavam em guerra com os

cristãos, em vez de combaterem os muçulmanos, cujo poder crescente na Turquia e no Oriente ameaçava subjugar e amesquinhar a cristandade.

---

5 Vêde-lo duro Ingrês, que se nomea
Rei da velha e sanctíssima cidade,
Que o torpe Ismaelita senhorea,
(Quem viu honra tam longe da verdade!)
Entre as boreais neves se recrea,
Nova maneira faz de christandade:
Pera os de Christo tem a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua.

Vêdes o duro (1) *inglês, que se nomeia* [*intitula*] *rei da velha e santíssima cidade* (2) *que o torpe* (3) *ismaelita* (4) *senhoreia* (5), *— quem viu honra tam longe da verdade! — recreando-se entre as neves boreais* (6), *fazendo nova maneira de cristandade* (7): *tem a espada nua* [*desembainhada*] *para* [*contra*] *os* propagandistas *de Cristo* [*os católicos*], *não* a tem *por* [=*para*] *tomar a terra que era sua* (8)!

(1) Contumaz, endurecido. (2) «Velha cidade, etc.»; perifrase de «Jerusalêm» — cidade ocupada e governada por maometanos, e da qual o rei de Inglaterra Ricardo I se intitulara rei. (3) Desonesto, ignominioso; I, 8, 64. (4) Fig., maometano; o imperador da Turquia. (5) Domina. (6) «Neves boreais», fig., as regiões do norte em que a neve é constante; o inglês está recreado nas suas terras, indiferente ao que se passa em Jerusalêm. (7) «Nova maneira, etc.»; nova religião de Cristo, o anglicanismo — os ingleses tinham adoptado muitos dogmas de Calvino e Lutero [1534]. (8) «Tem a espada nua, etc.»; alude-se naturalmente à guerra civil que houve em Inglaterra, de 1455 a 1485, entre a casa York e a casa «Lancaster», triunfando esta na pessoa de Henrique VII; assim o

rei inglês sustenta uma guerra civil, e não a intenta para adquirir o domínio da cidade, de que se intitulava rei: repetição da idea do verso 2, e acentuada nos primeiros versos da estância seguinte.

---

6 Guarda-lhe por entanto um falso rei
A cidade Hierosólima terreste,
Em quanto elle não guarda a sancta lei
Da cidade Hierosólima celeste.
Pois de ti, Gallo indigno, que direi?
Que o nome «Christianíssimo» quiseste,
Não pera defendê-lo, nem guardá-lo,
Mas pera ser contra elle e derribá-lo!

Por emtanto (1) *um falso rei* (2) *guarda-lhe* (3) *a cidade Hierosólima* (4) *terrestre, emquanto* [*ao mesmo tempo que*] *êle* [*o inglês*] *não guarda a santa lei* (5) *da cidade Hierosólima celeste. — Pois de ti, Galo* (6) *indigno, que direi?* Digo *que quiseste o nome Cristianíssimo* (7), *não para defendê-lo, nem guardá-lo, mas para seres contra êle, e derribá-lo* (8).

(1) No emtanto, todavia [locução conjuntiva que liga esta oração com a precedente]. (2) «Falso rei», o sultão da Turquia, rei de Jerusalêm, de facto mas não de direito, e por isso falso. (3) O pronome refere-se ao «inglês»; cfr. estância precedente. (4) Denominação grega e latina da palavra Jerusalêm: «terrestre», isto é, o território de Jerusalêm; em contraposição a «celeste», verso 4 [estilo místico], a religião de Cristo, por ser o lugar da Paixão de Jesus. (5) Religião. (6) Habitante da Gália transalpina, cujo território é ocupado pela França; gaulês, aqui [fig.], o rei de França. (7) Título honorífico dos reis de França, considerados outrora os maiores defensores do Cristianismo. (8) Referência provávelmente à propagação da reforma religiosa por Calvino, a cujos discípulos deram em França o nome de Huguenotes [por corrução

duma palavra alemã que significava «unidos por juramento»]. A apóstrofe dirigida ao rei dos franceses desde o verso 5 conclui no fim da estância seguinte; cfr. VII, 4, nota final.

---

7 Achas que tens direito em senhorios
De christãos, sendo o teu tam largo e tanto;
E não contra o Cinyfo e Nilo, rios
Inimigos do antigo nome santo?
Ali se hão de provar da espada os fios,
Em quem quer reprovar da igreja o canto!
De Carlos, de Luís, o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

Achas [*julgas*] *que tens direito a senhorios de cristãos* (1), *sendo tanto e tam largo o teu território:* *¿E não* achas que tenhas direito *contra o Cinifo e Nilo, rios* em cujas margens habitam *inimigos* (2) *do antigo nome santo? Ali se haviam de* [*deviam*] *provar os fios da espada em quem quisesse reprovar o canto* (3) *da Igreja! ¿Herdaste o nome e a terra de Carlos* Magno (4) e *de* S. *Luís* (5), *e não herdaste as causas da guerra justa* (6)!

(1) «Senhorios de Cristãos» [senhorio = domínio], terras que pertencem a cristãos. (2) Cinifo é rio da Líbia; Nilo, rio do Egipto: aqui os dois nomes significam, fig., África do Norte [Argel, Túnis, Marrocos] e Egipto; ¿porque não ides conquistar países de África, para reduzir aqueles povos à obediência da Igreja, em vez de quererdes aumentar os vossos domínios com terras de cristãos? (3) «Canto» tem a significação literal de «pedra» [I, 91]; e aqui a significação translata de pedra angular, base [da Igreja]; a supremacia do Papa — sucessor de S. Pedro; reminiscência do texto bíblico: «tu és a pedra sôbre a qual edificarei a minha igreja». (4) Carlos Magno, rei dos francos, coroado imperador do ocidente pelo Papa

Leão III, no ano 800. (5) Luís IX [S. Luís], rei dos franceses, século XIII. (6) Referência às batalhas em que Carlos Magno e S. Luís sustentaram e defenderam a causa da religião.

---

8 Pois que direi d'aquelles, que em delícias,
Que o vil ócio no mundo traz consigo,
Gastam as vidas, logram as divícias,
Esquecidos do seu valor antigo?
Nascem da tyrania inimicícias,
Que o povo forte tem de si inimigo:
Contigo, Itália, fallo, já sumersa
Em vícios mil, e de ti mesmo adversa.

¿*Pois que direi daqueles que, em delícias,* — as *que, no mundo, o vil ócio* (1) *traz consigo,* — *gastam as vidas*, e *logram as divícias* (2), *esquecidos do seu antigo valor* (3)? *Da tirania* (4) *nascem inimizades que o forte povo tem* [*conserva*] *inimigo de si* próprio [*o povo contra o mesmo povo*]: *falo contigo, Itália, já submersa em mil vícios, e adversa* (5) *de ti mesma.*

(1) A ociosidade, mãe de todos os vícios, induz à prática de acções vis; dela nasce a insaciável sêde de prazeres extenuantes, e a aversão ao trabalho que pode ser glorioso. (2) Disfrutam riquezas. (3) «Antigo valor», a coragem dos romanos na guerra, as virtudes dos romanos, antepassados dos italianos; sendo a estes dirigida indirectamente a censura, como se vê depois no verso 7 na expressão «falo contigo». (4) Os governantes, oprimindo o povo, dão causa a que êle se rebele; surgem perigos para os próprios governantes e para a pátria. (5) Inimigo: repetição, em parte, da idea expressa no verso 6; ali, a origem de males na tirania; aqui, na acumulação de vícios; naquela época estava a Itália retalhada em vários reinos e repúblicas, que mùtuamente se guerreavam; os

povos padeciam inclemências resultantes não só da guerra externa, mas das discórdias intestinas e da depravação dos costumes.

As estâncias seguintes contêm apóstrofes dirigidas a governantes e povos de países cristãos em geral.

---

9 Oh míseros Christãos pola ventura
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que uns aos outros se dão a morte dura,
Sendo todos de um ventre produzidos?
Não vêdes a divina sepultura
Possuída de cães, que sempre unidos
Vos vem tomar a vossa antiga terra,
Fazendo-se famosos pola guerra?

Ó míseros (1) *cristãos! ¿por ventura* (2) *sois os dentes de Cadmo desparzidos, que se dão, uns aos outros, a dura morte, sendo todos produzidos de* [=*por*] *um* mesmo *ventre* (3)? *¿Não vêdes a sepultura divina* (4) *possuída de* [=*por*] *cães* (5), *que, unidos sempre, vos vem tomar a vossa antiga terra* (6), *fazendo-se famosos na guerra* (7)?

(1) Mesquinhos, lastimáveis; na apóstrofe contida na presente estância o Poeta censura as nações cristãs por andarem em guerra umas com as outras, em vez de se unirem contra o inimigo comum — os muçulmanos, que se iam tornando muito poderosos na Turquia e propagavam a sua religião na Europa, na Ásia e na África. (2) No texto «pola ventura...» [arcaismo] = por ventura? = por acaso? (3) «Cadmo» [mitologia] ia por ordem do pai, o rei de Fenícia, em busca de sua irmã Europa, raptada por Júpiter; parou na Beócia, onde os companheiros foram vítimas duma serpente, que logo o próprio Cadmo matou; ficaram os dentes dela espalhados na terra, dêsses dentes nasceram homens que se mataram uns aos outros, apesar de terem nascido da mesma serpente; nesta alusão à fábula condena o Poeta os cristãos, que, filhos da mesma igreja, se guerreiam uns aos outros. (4) «Sepultura di-

vina», perífrase de Jerusalêm, por ter sido lá sepultado Jesus Cristo. (5) Epíteto injurioso aplicado aos maometanos que exerciam domínio em Jerusalêm. (6) «Antiga terra», nova perífrase de Jerusalêm, que já tinha sido possuída pelos cristãos no século XI, pela segunda expedição da primeira cruzada, sendo Godofredo proclamado rei de Jerusalêm; tomada esta novamente por Saladino, sultão do Egipto, foi no século XIII obtida pacìficamente a posse da cidade santa por Frederico II, por meio de tratado com outro sultão. (7) Alude-se aos muçulmanos [o sultão de Nicea, Saladino, Barba-Roxa], que alcançaram fama nas guerras contra as cruzadas.

---

10 Vêdes que tem por uso e por decreto,
Do qual são tam inteiros observantes,
Ajuntarem o exército inquieto
Contra os povos que são de Christo amantes:
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De samear cizânias repugnantes.
Olhai, s'estais seguros de perigos,
Que elles e vós, sois vossos inimigos.

Vêdes, que êsses cães *tem por uso, e por decreto* (1), — *do qual são tam inteiros* (2) *observantes* (3) —, *juntarem o* seu *inquieto* (4) *exército contra os povos que são amantes de Cristo! Entre vós*, Cristãos, *nunca a fera Aleto* (5) *deixa de semear repugnantes cizânias* (6); *olhai, se estais seguros de perigos!* olhai *que êles* são (7), *vossos inimigos* e que *vós sois* também *inimigos* de vós mesmos!

(1) Lei. (2) Inflexíveis. (3) Executores. (4) Agitado, sem descanso, turbulento; a milícia dos muçulmanos está sempre pronta para agredir os cristãos. (5) Nome duma das Fúrias da Mitologia — chamadas, no conjunto, Erínias ou Euménides: filhas da Terra, viviam no Tártaro [inferno]; representavam-nas com os cabelos entrelaçados de serpentes, trazendo um brandão aceso em uma

das mãos e na outra um punhal; os nomes de cada uma eram: Tisifane, Megera e Alecto; aqui o epíteto de «fera» pode significar «horrenda». (6) «Cizânia», ou zizânea [literalmente joio, erva ruim que cresce entre o trigo e não o deixa medrar]; fig., discórdia, desavença; — que entre os cristãos, os maus instintos criam intrigas, inimizades, que, separando-os, os enfraquecem, lhes tiram as fôrças que teriam se fôssem unidos. (7) O Poeta, nas suas *Rimas* [«Triste vida»], emprega a expressão com igual pensamento, para significar que êle próprio era o causador do seu infortúnio: «assim que vós e mais eu, ambos somos contra mim».

---

11 Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheas,
Não vêdes, que Pactolo e Hermo rios,
Ambos volvem auríferas areas?
Em Lídia, Assíria lavram de ouro os fios;
África esconde em si luzentes veas:
Mova-vos já se-quer riqueza tanta,
Pois mover-vos não pode a casa sancta.

¿*Se* a *cobiça de grandes senhorios* (1) *vos faz ir conquistar terras alheias, não vêdes que* os *rios Pactolo* (2) *e Hermo* (2), *ambos, volvem* [*revolvem*] *areias auríferas? Em Lídia* (2) *e* na *Assíria* (3), *lavram-se os fios de ouro; África esconde em si luzentes veias* (4); *mova-vos* (5) *já, sequer* [*ao menos*], *tanta riqueza, pois* [*visto que*] *não pode mover-vos a casa santa* (6).

(1) Domínios, terras em que se exerça autoridade [continua aqui a apóstrofe dirigida aos «míseros cristãos», est. 9, a propósito da ambição de grandes riquezas em território]. (2) Rios da Lídia — reino antigo da Ásia Menor e cujo último rei foi Crésus [560 A. C.], célebre pelas suas riquezas alimentadas pelas areias auríferas dêsses rios. (3) Reino antigo [de que foi capital Nínive]

entre os rios Tigre e Eufrates, na Ásia Menor, e no qual se fabricavam [lavravam] brocados e outros artefactos de ouro. (4) «Veias», filões; nas minas diz-se «veia» a parte onde está o metal; o epíteto «luzentes» aplicado ao ouro escondido na terra. (5) Sirva-vos de incentivo. (6) O templo santo, fig., Jerusalèm; aconselha o Poeta, aos cristãos, que vão «sequer» [ao menos] civilizar povos da Ásia e África, a trôco das riquezas que lá podem encontrar, visto que não tem fé bastante para intentarem novas Cruzadas.

Note-se, no verso 5, «lavram os fios de ouro» [oração de sujeito indeterminado] equivale a «lavram-se» ou «são lavrados».

---

12 Aquellas invenções feras e novas
De instrumentos mortais da artelharia,
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Bizâncio e de Turquia.
Fazei que torne lá ás silvestres covas
Dos Cáspios montes e da Scítia fria
A turca geração, que multiplica
Na polícia da vossa Europa rica.

Aquelas feras (1) *e novas invenções de instrumentos mortais da artilharia devem já fazer as* suas *duras* (2) *provas* (3) *nos muros de Bizâncio* (4) *e da Turquia! Fazei, que lá a turca geração, — que se multiplica* (5) *na polícia* [*civilização*] *da vossa rica Europa, — torne lá às* [= *para as*] *silvestres* (6) *covas* (7) *dos montes Cáspios* (8), *e da fria Scítia* (9).

(1) Terríveis. (2) Enérgicas. (3) Experiências; a artilharia fôra inventada pelos fins do século XIV, por isso o invento era novo no tempo do Poeta. (4) Nome antigo de Constantinopla, capital da Turquia [cfr. III, 12]; — continuando a apóstrofe, dirigida aos cristãos, em geral, o Poeta aconselha-os a que vão atacar a Turquia — o foco do Islamismo, servindo-se do mortífero invento da arti-

lharia e repelindo-os da Europa, para Ásia, donde tinham vindo. (5) «Geração, etc.»; população que se expandia extraordináriamente, influindo na política europeia. (6) Selváticas, agrestes. (7) Vales. (8) Montes vizinhos do mar Cáspio; os turcos, cujo domínio se estabelecera na Ásia sôbre as ruínas doutros governos, penetraram na Europa no século XIV e aí fundaram no século XV um estado poderoso sôbre as ruínas do império Bizantino, por conquista progressiva até a tomada de Constantinopla em 1453 sob o reinado de Maomete II; aconselha o Poeta aos cristãos da Europa que reconquistem o território do império Bizantino, repelindo os turcos para a Ásia. (9) Região habitada pelos scitas, antigos povos bárbaros e nómadas do Nordeste da Europa e Noroeste da Ásia.

Note-se no texto, verso 7, o verbo «multiplicar» empregado intransitivamente.

---

13 Gregos, Traces, Arménios, Georgianos,
Bradando-vos estão, que o povo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceitos do alcorão: (duro tributo!)
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte e astuto!
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes!

Os *gregos*, os *traces*, os *arménios*, os *georgianos* (1) *estão-vos bradando: que o bruto povo* (2) turco *lhes obriga os caros filhos aos profanos preceitos* (3) *do Alcorão* (4); *duro* [*cruel*] *tributo! Gloriai-vos* (5) *de* ter *peito forte e astuto* (6) *em* [*para*] *castigar os feitos inumanos* [*as acções desumanas*], *e não queirais, arrogantes,* receber *louvores de* [*por*] *serdes mui possantes* (7) *contra os vossos* (8).

(1) A Grécia tinha sido conquistada pelos turcos no século XV; a Trácia, era antigo território da Grécia [forma

hoje parte da Bulgária e da Rumélia]; a Arménia, que fôra reino independente, ainda hoje está, em parte, sujeita à Turquia [em parte, à Rússia e à Pérsia]; a Geórgia, na cordilheira do Cáucaso, estava submetida à Turquia [hoje à Rússia]; queixavam-se [bradavam], os habitantes dêsses países, de que os filhos eram obrigados a servir na milícia, e a cumprir os preceitos religiosos dos maometanos. (2) «Bruto povo», o malvado invasor da Grécia, da Trácia, etc. (3) «Preceitos profanos», práticas contrárias ao respeito devido pelas cousas santas da religião cristã. (4) O livro sagrado dos muçulmanos, redigido por Maomete; colecção dos dogmas e preceitos, em que se baseia a civilização muçulmana, sôbre moral, sôbre administração pública, etc.; um dos tributos impostos pelos turcos, aos povos que dominavam, consistia em lhes exigirem um dos filhos para o serralho do sultão. (5) Vangloriai-vos. (6) «Peito, etc.»; ânimo forte e sagaz. (7) Valentes. (8) «Não queirais, etc.»; não vos julgueis merecedores de elogios por destruirdes os vossos irmãos em crenças, mas sòmente por terdes ânimo para castigar as feias acções dos turcos.

---

14 Mas emtanto que cegos e sedentos
Andais de vosso sangue, oh gente insana,
Não faltarão christãos atrevimentos
Nesta pequena casa lusitana:
De África tem marítimos assentos;
É na Ásia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara;
E se mais mundo houvera lá chegara! —

Mas, — oh gente insana! — emtanto que andais cegos e sedentos do vosso sangue (1), *não faltam cristãos atrevimentos* (2) *nesta pequena casa* (3) *Lusitana; de África, tem* ela (4) *marítimos assentos* (5); *na Ásia, é soberana* (6), *mais que todas; na quarta parte nova* do mundo (7), *ara* [*lavra, cultiva*] *os campos* (8); *e, se mais mundo houvera lá chegara* (9).

(1) «Sedentos do vosso sangue, etc.»; a loucura impele-vos a matar os vossos irmãos em Cristo [continuação da apóstrofe dirigida a alemães, italianos, franceses, etc.]. (2) Empreendimentos, actos de valor. (3) Fig., país. (4) A casa Lusitana, isto é, Portugal. (5) «Maritimos assentos», colónias, feitorias na orla marítima de África. (6) Naquela época era o rei de Portugal quem exercia a principal soberania na Ásia. (7) Na América. (8) Possuía Portugal grande trato de terreno no Brasil. (9) «Se mais, etc.»; se houvesse no globo terrestre outras regiões, lá iriam os portugueses descobri-las e conquistá-las; naquela época não estava ainda descoberta a Austrália — onde também foi um português o primeiro que lá aportou [Pedro Fernandes de Queiroz — 1606].

---

15 E vejamos, emtanto, que acontece
Áquelles tam famosos navegantes,
Despois que a branda Vénus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes:
Despois que a larga terra lhe aparece,
Fim de suas perfias tam constantes,
Onde vem samear de Crirto a lei,
E dar novo costume e novo rei.

E (1), *emtanto, vejamos* o *que acontecia àqueles tam famosos navegantes, depois que a branda* (2) *Vénus enfraqueceu o vão* (3) *furor dos repugnantes* (4) *ventos*, e *depois que lhes apareceu a larga terra da Índia,* que era o *fim* [*termo final*] *das suas tam constantes porfias* (5), e *onde* êles *vão semear a lei de Cristo* (6), *e dar novos costumes e novo rei* (7).

(1) Esta conjunção liga a presente estância com o princípio da narrativa iniciada nos primeiros quatro versos da primeira estância dêste canto, e que ficou interrompida pelas precedentes apóstrofes. (2) Amorável, carinhosa. (3) Inútil. (4) Epíteto já dado aos ventos [VI, 35]; os que sopravam pela frente, pela proa eram contrá-

rios à derrota; resistiam aos navegantes; Vénus influíu para que os ventos amainassem, deixando de ser contrários, tornou vão [inútil] o furor de que êles eram capazes. (5) «Larga terra, etc.»; perífrase da Índia, cujo caminho marítimo porfiavam os portugueses em descobrir desde o tempo do infante D. Henrique, sem desistirem apesar dos naufrágios e de tantas dificuldades. (6) «Semear, etc.»; propagar, divulgar a religião cristã. (7) «Dar novo costume, etc.»; estabelecer novas leis, e impor o domínio do rei português.

---

16 Tanto que á nova terra se chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecu, onde eram moradores.
Pera lá logo as proas se inclinaram;
Porque esta era a cidade das milhores
Do Malabar milhor, onde vivia
O rei que a terra toda possuía.

Tanto que à nova terra se chegaram (1) os navegantes *acharam leves* (2) *embarcações de pescadores, que lhes mostraram o caminho de Calecute* (3), *onde eram moradores. As proas* das naus *inclinaram-se logo para lá, porque esta cidade era a melhor das melhores do Malabar* (4), e *onde vivia o rei que possuía* [*governava*] *toda a terra* (5).

(1) «Tanto que, etc.»; logo que se aproximaram da costa [cfr. VII, 1, nota final — foi em 24 de Maio de 1498]. (2) Ligeiras, velozes. (3) Pertence hoje essa cidade à Índia Britânica, lat. 11° N., long. 76° E. (4) A costa de Malabar é a importante parte oeste do Indostão [Índia]. (5) O rei de Calecute exercia domínio feudal sôbre as diversas regiões do Malabar governadas por outros reis.

Note-se a transposição dos versos 6 e 7: «melhor» ligando-se a «cidade» e não a «Malabar».

---

17 Além do Indo jaz, e àquém do Gange,
Um terreno mui grande e assaz famoso,
Que pela parte austral o mar abrange,
E pera o norte o Emódio cavernoso.
Jugo de reis diversos o constrange
A várias leis: alguns o vicioso
Mahoma, alguns os ídolos adoram,
Alguns os animais, que entre elles moram.

Além do Indo, e àquém do Ganges (1), *jaz um terreno muito grande e assaz famoso, que o mar abrange pela parte austral* (2), *e* que, *para o Norte,* tem *o cavernoso Emódio* (3). *O jugo* (4) *de diversos reis constrange-o* (5) *a várias leis* [*religiões*]: *alguns* habitantes *adoram o vicioso Mafoma, alguns adoram os ídolos, alguns adoram os animais que moram entre êles* (6).

(1) «Além... àquêm, etc.»; entre o rio Indo e o rio Ganges está a Índia Cisgangética; o primeiro dêstes rios desagua no mar de Oman; o segundo desemboca no gôlfo de Bengala; entre os deltas [bôcas] dos dois rios há uma distância de cêrca de 20 graus ou 2:000 quilómetros. (2) Sul; é banhado êsse território ao sul pelo Oceano Índico. (3) A norte é limitada a Índia pelo monte Emódio — nome antigo do Tauro, uma das montanhas da cordilheira do Himalaia. (4) Fig., soberania. (5) «Constrange-o», obriga êsse território, isto é, os habitantes dêsse território, a diversas leis [religiões e costumes]. (6) Na Índia, alguns governantes — e povos que lhes estão sujeitos, — seguem a religião dos muçulmanos; outros são idólatras; outros adoram os animais vivos que mais estimam, principalmente bois.

O epíteto «cavernoso» aplicado ao monte Emódio [verso 6] explica-se na lenda de que pelas cavernas [subterrâneos] para o rio Ganges; cfr. III, 72, e IV, 74.

O epíteto «vicioso» aplicado a Maomete é um dos vários epítetos injuriosos [torpe, maldito, nefando, imundo] empregados a respeito dos muçulmanos; cfr. I, 2: «terras viciosas».

---

18 Lá bem no grande monte, que cortando
Tam larga terra, toda Asia discorre,
Que nomes tam diversos vai tomando,
Segundo as regiões por oude corre,
As fontes saem, d'onde vem manando
Os rios, cuja gram corrente morre
No mar Índico, e cercam todo o pêso
Do terreno, fazendo-o Chersoneso.

Lá bem (1) *no grande monte* (2), — *que, cortando tam larga terra, discorre* (3) *toda a Ásia, e que vai tomando tam diversos nomes segundo as regiões por onde corre* —, *saem as fontes* (4), *donde vem manando* (5) *os rios* (6), *cuja gram corrente morre no mar Índico e cercam todo o pêso* (7) *do terreno, fazendo-o Quersoneso* [*península*] (8).

(1) Lá mesmo, exactamente. (2) O Emódio [Tauro, cfr. estância precedente]; toma-se aqui a parte [o Tauro] pelo todo — a cordilheira Himalaia. (3) Percorrem cêrca de 20 graus, ou 2:300 quilómetros, os montes dessa cordilheira, tomando diversos nomes. (4) Do Himalaia saem as nascentes; IV, 74, etc. (5) Correndo. (6) O Ganges e o Indo. (7) «Todo o pêso do terreno», fig., todo o imenso terreno indostânico. (8) «Fazendo-o, etc.»; os dois grandes rios fazem dêsse terreno [Indostão] uma península — por ficar cercada de água [a dêsses rios e a do mar] excepto na parte que separa as nascentes dos mesmos rios; Quersoneso tem aqui [fig.] a significação de península, — reminiscência dos escritores gregos que davam êsse nome a quatro grandes peninsulas: «Quersoneso da Trácia» [hoje ilha dos Dardanelos], «Q. Táurico» [hoje Crimea], «Q. Címbrico» [hoje a Jutlândia dinamarquesa] e «Q. Áurea» [hoje, provávelmente, a Indo-China]; II, 54.

19 Entre um e o outro rio, em grande espaço,
Sai da larga terra ũa longa ponta
Quási piramidal, que no regaço
Do mar com Ceilão ínsula confronta:
E junto d'onde nasce o largo braço
Gangético, o rumor antigo conta,
Que os vizinhos da terra moradores,
Do cheiro se mantém das finas flores.

Entre um e outro rio, — *em grande espaço* (**1**) — *sai da larga terra uma longa ponta, quási piramidal* (**2**), *que, no regaço do mar, confronta com a ínsula* [*ilha*] *Ceilão: e, junto donde nasce o largo braço* (**3**) *Gangético, conta o antigo rumor* (**4**), *que os vizinhos, moradores da terra* (**5**), *se mantinham* (**6**) *do cheiro das finas flores.*

(**1**) Grande distância [entre os dois rios]. (**2**) A terra da Índia prolonga-se para o sul, estreitando-se a partir da foz de cada um dos rios e formando um triângulo, cujas faces são banhadas pelo mar [servindo-lhe êste de regaço] e cujo vértice é o cabo Samori; êste fica em frente da ilha de Ceilão. (**3**) Fig., rio; compara-se o Gangés com um braço de mar, em razão da sua grande largura. (**4**) Tradição. (**5**) Os habitantes do território vizinho das nascentes. (**6**) Alimentavam-se: — rememora-se aqui a lenda mitológica de que alguns povos do Egipto se denominavam «lotófagos» por se alimentarem com o aroma das flores do Lótus, as quais eram tam deliciosas que por elas se esquecia da sua pátria quem as comia: ficção poética de que naquela região havia um paraíso, onde os entes humanos não precisavam de alimento; bastava-lhes, para viverem, o aroma das flores.

20 Mas agora de nomes e de usança
Novos e vários são os habitantes:
Os Delis, os Patanes, que em possança
De terra e gente são mais abundantes,
Decanijs, Oriás, que a esperança
Tem de sua salvação nas resonantes
Águas do Gange; e a terra de Bengala,
Fértil de sorte que outra não lhe iguala.

Mas agora [*presentemente*], *os habitantes da* Índia, *de nomes, e de usanças* [*costumes*] *novos e vários, são: os Délis* (1) e *os Patanes* (2), *que são* os *mais abundantes de terra e gente* (3); os *Decanis* (4) e os *Oriás* (5), *que tem a esperança da sua salvação nas ressonantes* (6) *águas do Ganges;* e os *da terra de Bengala* (7), *fértil de* tal *sorte, que outra* terra *não a iguala.*

(1) «Delhis», ou «dhélis» [inglês], habitantes do Pendjabe, hoje estado tributário da Índia britânica [capital Lahore]. (2) Habitantes de Patna, cidade pertencente hoje à Presidência de Calcutá. (3) «Abundantes, etc.»; que possuem grande extensão de território, sendo êste muito populoso. (4) Habitantes de Decan, região industânica ao sul dos montes Vindia. (5) Habitantes das margens do Ganges, e que imaginam alcançar a vida eterna com felicidade, banhando-se nesse rio, que êles consideram sagrado; I, 8; II, 55; IV, 74; VI, 92; VII, 17; etc. (6) O rio é muito caudaloso, a corrente produz grande quantidade de som. (7) Hoje a região mais importante do govêrno da Índia inglesa [capital Calcutá]; que não há, na Índia, terra que a igualasse em fertilidade.

[Continua na estância seguinte a menção de vários habitantes da Índia].

Note-se, no verso 8, «lhe» = a; cfr. ADITAMENTO no vol. I, p. XI.

21 O reino de Cambaia belicoso,
(Dizem que foi de Poro, rei potente)
O reino de Narsinga, poderoso
Mais de ouro e pedras que de forte gente:
Aqui se enxerga lá do mar undoso
Um monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive seguro.

Habitantes da Índia são também: *os do belicoso* [*inquieto*] *reino de Cambaia* (1), *que, dizem, foi de Poro* (2) — *potente* [*poderoso*] *rei*; são os do *reino de Narsinga* (3), *mais poderoso* [*abundante*] *de ouro e pedras* preciosas, do *que de gente forte* (4): *aqui* na Índia *enxerga-se, lá do undoso mar, um alto monte, que corre longamente* (5), *servindo de forte muro* de defesa *ao* reino de *Malabar*, e *com que* [*com o qual muro*] êsse reino *vive seguro* [*defendido*] *de Canará* (6).

(1) Êsse reino era o território banhado pelo gôlfo de Cambaia [22° N. e 72° E.]; chama-se hoje Guzerate, e pertence à Índia inglesa; mas nele existe a célebre fortaleza de Diu, que ainda pertence a Portugal. (2) Nome do monarca reinante de Pendjabe, quando Alexandre Magno, no ano 327, conquistou aquela região. (3) Nome dum reino gentílico, que tinha por capital Bisnaga. (4) Valente; tinham fama de cobardes, os habitantes. (5) «Lá do undoso mar, etc.»; os navegantes, ao aproximarem-se da costa do Malabar, avistam uma extensa cordilheira, a dos Gates, paralela à costa. (6) Região, ainda hoje portuguesa, que em parte corresponde ao antigo reino de Narsinga, e na qual está Cananor e a cidade de Goa; a cordilheira dos Gates, separando Narsinga do Malabar, equivalia a uma grande muralha de defesa recíproca entre os dois reinos.

[Continua a descrição dessas montanhas na estância seguinte].

22 Da terra os naturais lhe chamam Gate,
Do pé do qual pequena quantidade,
Se estende ũa fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade.
Aqui de outras cidades, sem debate,
Calecu tem a ilustre dignidade
De cabeça de império rica e bella:
Samorim se intitula o senhor d'ella.

Os naturais da terra chamam-lhe Gate (1): *do pé* [*do sopé*] *do qual, pequena quantidade* [*a pouca distância*], *se estende uma fralda* [*aba*] *estreita, que combate a natural ferocidade do mar* (2); *aqui, tem Calecute* (3), *sem debate* [*sem contestação*], *a dignidade ilustre de rica e bela cabeça de império* (4) *doutras cidades: o senhor dela intitula-se Samorim* (5).

(1) Cfr. estância precedente, nota 5; cordilheira de 400 quilómetros de extênsão, e cêrca de 60 de largura. (2) «Do pé do qual, etc.»; do sopé [da parte inferior] dêsse monte sai uma aba ou contraforte, de pequena extensão, que chega até o mar, e fica exposta ao embate das ondas; essa estreita aba, ou fralda que chega ao mar, forma os contrafortes de Decan [17° N. e 77° E.]. (3) A primeira cidade indiana visitada por Vasco da Gama [VII, 16] na costa do Malabar e hoje pertencente à India inglesa [11° N. e 76° E.]. (4) «Sem debate... cabeça de império»; naquele tempo era Calecute incontestávelmente a mais rica cidade e era a capital doutras cidades da costa do Malabar. (5) Samorim era o título de antigo rei daquela região; X, 12, 65; cfr. «Samori», VII, 19, nota 2; «Saramá», VII, 32; e «Samorim», VII, 36.

A locução «pequena quantidade» do verso 2, e que se encontra em escrita antiga, serve para significar que a faixa de terra plana do Malabar começa a pouca distância do sopé de Gate.

23 Chegada a frota ao rico senhorio,
Um Português mandado logo parte
A fazer sabedor o rei gentio
Da vinda sua a tam remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio,
Que ali nas ondas entra, a não vista arte,
A côr, o gesto estranho, o trajo novo,
Fez concorrer a vê-lo todo o povo.

Chegada a frota ao rico senhorio (1) de Calecute, *partiu logo* de lá *um português, mandado a* [*para*] *fazer sabedor o rei gentio* (2) *de ter ela vindo* (3) *a tam remota* (4) *parte. Entrando o mensageiro — pelo rio que ali entra nas ondas* (5) — *a não vista arte, a côr* dêle, *o* seu *estranho gesto* (6), e *o novo trajo* (7), tudo isto *fez concorrer todo o povo a vê-lo.*

(1) Domínio; fig., o pôrto da rica cidade. (2) «Gentio»; cfr. I, 8, 16, 53; II, 51, etc.; aqui entende-se que é o «Samorim», verso 6, da estância precedente. (3) Chegada da frota [das naus]. (4) Longínqua, distante [do ponto de partida]. (5) «Pelo rio, etc.»; o mensageiro, em um batel, foi até onde as águas do rio se confundiam com as do mar; entrou na foz dêsse rio. (6) Feições de europeu — estranhas para a gente da Índia. (7) Trajo diferente do que era usado pelos naturais.

O português [verso 2] enviado com o recado para o rei chamava-se João Martins e foi acompanhado pelo pilôto mouro.

---

24 Entre a gente, que a vê-lo concorria,
Se chega um Mahometa, que nascido
Fôra na região da Berberia,
Lá onde fôra Anteo obedecido.
Ou pela vezinhança já teria
O reino lusitano conhecido,
Ou foi já assinalado de seu ferro:
Fortuna o trouxe a tam longo destêrro.

*

Entre a gente, que concorreu a vê-lo, chegou [*aproximou-se*] *um maometano* (**1**), *que fôra nascido nas regiões da Berberia* (**2**), — *lá donde Anteu* (**3**) *fôra obedecido; êsse* maometano, *ou, pela vizinhança, já teria conhecido o reino lusitano, ou já* fôra *assinalado do* [*pelo*] *seu ferro* (**4**): a *fortuna* (**5**) *trouxera-o àquele tam longo* [*longínquo*] *destêrro.*

(**1**) No texto «maometa» [liberdade poética]. (**2**) Nome dado antigamente às regiões da África do Norte [Marrocos, Argel, Túnis, Tripoli]; os Berberes são de uma raça da África do Norte, que descendem dos antigos Númidas. (**3**) O gigante da fábula, filho de Neptuno, e a quem Hércules matou, tinha dominado em Marrocos [III, 77]. (**4**) Espada, ou outra arma dos portugueses; parece que êsse mouro nascera em Túnis, onde comerciava; finge o Poeta supor que talvez êsse mouro já houvesse experimentado a bravura dos portugueses em alguma das guerras de África e que tivesse lá recebido algum ferimento em combate. (**5**) A sorte; o mouro viria de tam longe pelo acaso da fortuna [os muçulmanos de Tânger iam por Veneza ao Mar Vermelho e dali à Índia].

Note-se, no verso 4, «onde» [empregavam os antigos freqùente por «donde»]; deve entender-se que Monçaide se referia a «gente lá de Espanha onde...» ou «gente «donde»; cfr. VII, 68[7] [gente lá de Espanha]».

---

25 Em vendo o mensageiro, com jocundo
Rosto, como quem sabe a língua hispana,
Lhe disse: «Quem te trouxe a est'outro mundo,
Tam longe da tua pátria lusitana?
«Abrindo, lhe responde, o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo a gram corrente,
Por onde a lei divina se acrecente.»

O mouro, *em vendo* [*quando viu*] *o mensageiro,*

disse-lhe com jucundo rosto [*com aspecto sorridente*], *como quem sabia a língua hispânica:*

— *Quem te trouxe a êste outro mundo, tam longe da tua pátria lusitana?*

— *Responde-lhe* o mensageiro: Vim cá, *abrindo o mar profundo, por* caminho *onde* [*no qual*] *nunca veio gente humana* (1); *vimos buscar a grande corrente do Indo, por onde* [*para que*] *se acrescente* [*seja acrescentada*] *a lei divina* (2).

(1) «Abrindo, etc.»; cfr. I, 1 [por mares nunca dantes navegados]; V, 37, 141; VII, 30 [por mares nunca de outro lenho arados]; as viagens da Europa e do Norte de África, para a Índia, faziam-se até então pelo Mediterrâneo e Mar Vermelho; foi Vasco da Gama quem descobriu o caminho pelo Cabo da Boa Esperança e Oceano Índico. (2) «Vimos buscar, etc.»; vimos visitar as regiões banhadas pelo rio Indo para divulgar a lei divina — o que implicitamente significava «propagar a religião católica».

---

26 Espantado ficou da gram viajem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as opressões, que na passajem
Do mar o Lusitano lhe contava;
Mas vendo em fim, que a fôrça da mensajem
Só para o rei da terra relevava,
Lhe diz que estava fora da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade;

O mouro, que se chamava Monçaide, — *ouvindo as opressões* (1), *que o lusitano lhe contava,* sofridas *na passagem do mar* —, *ficou espantado da grande viagem, mas, vendo em fim que a fôrça da mensagem* (2) *só relevava para o rei da terra* (3), — *diz-lhe que* o rei *estava fora da cidade,* a *pouca quantidade* [*pouca distância*] *de caminho* (4).

(1) Os trabalhos, os perigos. (2) «Fôrça da mensagem», a substância do recado, o motivo especial de ter desembarcado o português, era contar ao rei que tinham chegado aquelas naus. (3) «Só relevava», sòmente ao rei devia ser apresentado. (4) Era curto o caminho a percorrer para ir daquela povoação ao sítio em que estava o Samorim [a distância, todavia, parece que era de 5 léguas; e o mensageiro não chegou a ir lá, como se vae ver].

---

27 E que emtanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria,
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria;
E despois que se um pouco recreasse,
Co elle pera a armada tornaria,
Que alegria não pode ser tamanha
Que achar gente vizinha em terra estranha.

E,—diz ainda o mouro—, *que, emtanto que* ao Samorim *lhe chegasse a nova da sua estranha vinda* (1), *se o* mensageiro *queria, repousasse* êle *na sua pobre casa; que do manjar* (2) *da terra comeria, e que, depois de se recrear um pouco, tornaria, com êle, para a armada;* diz-lhe também Monçaide, *que não pode ser* [*haver*] *alegria tamanha, que* [*como*] *achar gente vizinha em terra estranha* (3).

(1) «Emtanto que, etc.»; emquanto não chegasse ao rei a extraordinária notícia da chegada das naus. (2) Frutas e objectos de alimentação produzidos naquela terra. (3) «Alegria, etc.»; o alvorôço de quem, longe da pátria, se encontra com pessoas da sua terra, ou de terra vizinha; supõe o mouro ser Tânger vizinha de Portugal, porque freqùentes eram as relações entre portugueses do Algarve e de Tânger.

Note-se, no verso 1: «emtanto que» [emquanto] é português genuino [todavia a partícula «que» depois de «em quanto» é notada como galicismo].

---

28 O Português aceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece;
Como se longa fôra já a amizade,
Com elle come e bebe, e lhe obedece.
Ambos se tornam logo da cidade
Pera a frota, que o Mouro bem conhece;
Sobem á capitaina, e toda a gente
Monçaide recebeu benignamente.

O mensageiro *português aceita de* boa *vontade o que o ledo* (1) *Monçaide lhe oferece; como se a amizade já fôra* [*fôsse*] *longa, come e bebe com êle, e obedece-lhe* (2). *Ambos se tornam* [*voltam*] *logo da cidade para a frota, que o mouro bem conhecia* (3); *sobem à capitânea* (4), *e toda a gente* [*tripulação*] *recebeu Monçaide benignamente.*

(1) Alegre, jucundo. (2) Anui ao convite. (3) O mouro devia ter visto navios portugueses em Tânger e outros portos da África. (4) O navio chefe, aquele em que ia Vasco da Gama, o capitão que comandava todas as embarcações da frota.

---

29 O capitão o abraça, em cabo, ledo,
Ouvindo clara a língua de Castella;
Junto de si o assenta, e prompto e quedo,
Pela terra pergunta e cousas d'ella.
Qual se ajuntava em Ródope o arvoredo,
Só por ouvir o amante da donzella
Eurídice, tocando a lira de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

O capitão ledo em cabo (**1**),—*ouvindo* Monçaide falar *clara* [*claramente*] *a língua de Castela* (**2**)—, *abraça-o; assenta-o junto de si, e pronto* [*atento*] *e quedo* [*tranquilo*] *pregunta pela terra, e* pelas *cousas dela* (**3**). *A gente* [*a tripulação*] *junta-se a ouvir o mouro, tal qual se juntava o arvoredo em Ródope, só por* [= *para*] *ouvir o amante da donzela Eurídice tocando a lira de ouro* (**4**).

(**1**) «Em cabo», locução adverbial: em extremo; Vasco da Gama imensamente ledo, alegre. (**2**) Os marroquinos estavam familiarizados com a língua hispânica. (**3**) «Pregunta, etc.»; faz preguntas a respeito da terra que estavam a ver, etc. (**4**) «Tal qual, etc.»; Orfeu [mitologia] foi rei da Trácia [hoje Bulgária], e considerado o maior músico da antiguidade; os acordes harmoniosos da sua lira, e o seu mavioso canto, subjugavam as feras, faziam mover as árvores, e até encantavam as divindades infernais; Eurídice foi a mulher de Orfeu; aqui tem o epíteto de «donzela», fazendo-se referência ao caso de morrer no próprio dia das núpcias, mordida por uma serpente; para a tirar do Inferno desceu lá Orfeu, e, pela doçura do seu canto, conseguiu que as divindades lhe restituíssem viva a espôsa, mas com a condição de êle não olhar para trás antes de ultrapassar os limites do sombrio império. Orfeu transgrediu essa proibição, e viu Eurídice pela última vez. Ródope era o monte da Trácia em que as árvores, segundo a fábula, se moviam para ouvir o canto de Orfeu.

---

30 Elle começa: «Ó gente, que a natura
Vizinha fez de meu paterno ninho,
Que destino tam grande, ou que ventura,
Vos trouxe a cometerdes tal caminho?
Não é sem causa, não, occulta e escura,
Vir do longinco Tejo e ignoto Minho,
Por mares nunca d'outro lenho arados,
A reinos tam remotos e apartados.

Êle [*o mouro*] *começa* dizendo:

—*Ó gente, que* [*a quem*] *a natura fez vizinha do meu ninho paterno* (**1**), *que destino tam grande, ou que ventura vos trouxe a cometerdes* [*tentardes*] *tal caminho* (**2**)? *Não é sem causa, não,*— e causa *oculta e escura*—, *vir* [*que vindes*] *do longinquo* (**3**) *Tejo, e* do *ignoto* (**4**) *Minho, por mares nunca de outro lenho arados* (**5**), *a* estes *reinos tam remotos e apartados* [*longinquos e distantes*].

(**1**) «Natura, etc.»; a Natureza quis que a vossa terra seja vizinha da minha pátria [paterno ninho]: a terra em que viveram os pais de Monçaide e em que êste nascera. (**2**) «Cometerdes» [cfr. expressão idêntica em VI, 14]; ¿que razão vos induziu à audácia de empreenderdes semelhante viagem? (**3**) Distante. (**4**) Desconhecido; por contraposição ao Tejo muito notório e importante. (**5**) «Nunca, etc.»; cfr. expressão equivalente na est. 25; «lenho», literalmente madeiro, fig., navio; «arados», literalmente lavrados, fig., sulcados pelas proas e quilhas das embarcações da Europa.

Nesta apóstrofe, o Poeta põe na bôca do mouro palavras que traduzem o pressentimento de que esta viagem dos portugueses tem por alvo grandes empreendimentos, é precursora de acções heróicas e de propaganda da lei de Cristo.

---

31 «Deus por certo vos traz, porque pretende
Algum serviço seu, por vós obrado;
Por isso só vos guia e vos defende
Dos imigos, do mar, do vento irado.
Sabei que estais na Índia, onde se estende
Diverso povo, rico, e prosperado
De ouro luzente e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

Deus vos traz, por certo, porque pretende algum serviço seu obrado por vós (**1**); *só por isso vos guia,*

e vos defende dos inimigos, do mar e do irado vento! Sabei que estais na Índia, onde se estendem [= *estão espalhados*] *diversos povos, ricos e prosperados de* (2) *luzente ouro, fina pedraria, cheiro suave* (3) *e ardente especiaria* (4).

(1) «Deus vos traz, etc.»; desenvolvimento da idea exposta nos versos 3 e 4 da estância precedente; diz o mouro que os navegantes são predestinados a prestarem serviços à religião. (2) «Prosperados de...», tornados felizes pela posse de... (3) Plantas e sementes aromáticas [a canela, o cravo, o cardamomo, etc.], objectos de comércio e de riqueza. (4) A pimenta, cujo valor era então muito subido na Europa em razão do enorme custo de transporte, vindo as cargas do Oceano Índico ao Mar Vermelho, e dêste para o Mediterrâneo, depois de descarregadas para irem pelo istmo de Suez.

---

32 «Esta província, cujo pôrto agora
Tomado tendes, Malabar se chama.
Do culto antigo os ídolos adora,
Que cá por estas partes se derrama.
De diversos reis é, mas d'um só fôra
Noutro tempo, segundo a antiga fama:
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei, que êste reino teve unido e inteiro.

«*Esta província* [*região*], *cujo pôrto tendes agora tomado* [*em cujo pôrto estais*], *chama-se Malabar;* os habitantes *adoram os ídolos do culto antigo, que se derrama* [*está espalhado*] *cá por estas partes; é de diversos reis, mas de um só foi* [*a um só pertenceu*] *noutro tempo, segundo a antiga fama* [*tradição*]; *Saramá Perimal foi o derradeiro rei, que teve* [*governou*] *êste reino unido e inteiro* (1).

(1) Saramá Perimal fôra o último rei de todo o Malabar, 600 anos antes da chegada de Vasco da Gama à Índia.
Na presente estância, e nas que se seguem, o Poeta — pela bôca de Monçaide — faz a descrição geográfica e histórica do Malabar, a que já fizera referência na est. 17, seguindo João de Barros, Decada IX, 3, e Castanheda, I, 13.

---

33 «Porém, como a esta terra então viessem
De lá do seio arábico outras gentes,
Que o culto mahomético trouxessem,
No qual me instituíram meus parentes,
Sucedeu, que prègando convertessem
O Perimal, de sábios e eloqüentes:
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
Que prosupôs de nella morrer sancto.

Porêm, como viesse então a esta terra, lá do seio [*gôlfo*] *arábico* (1), *outra gente, que trazia* [*professava*] *o culto maometano,* — *no qual me instituíram* (2) os *meus parentes* (3) —, *sucedeu que essa gente, prègando, converteu o Perimal* a êsse culto; *de sábios e eloqüentes* [*por serem sábios, etc.*] os homens que vinham com essa gente *fizeram-lhe tomar* (4) *a lei* maometana *com tanto fervor, que* Perimal *presupôs* (5), *nela, morrer Santo* (6).

(1) Gôlfo arábico, pode aqui significar o Mar Vermelho, ou o gôlfo de Aden, que banha a costa norte da Arábia. (2) Educaram. (3) Pais. (4) «Fizeram-lhe, etc.»; induziram-no a tomar a religião muçulmana. (5) Imaginou [note-se a preposição «de» unindo os dois verbos; arcaismo]. (6) Cfr. estância seguinte.

---

34 «Naos arma, e nellas mete curioso
Mercadoria que offereça, rica,
Pera ir nellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz, que a lei pubrica.
Antes que parta, o reino poderoso
Cos seus reparte, porque não lhe fica
Herdeiro próprio, faz os mais aceitos
Ricos de pobres, livres de sojeitos.

Perimal *armou naus, e curioso* [*diligente*=*diligentemente, pressurosamente*] *nelas meteu mercadoria rica, que oferecesse* [*destinada a ofertas*], *para ir nessas naus a ser religioso* em Meca, *onda jaz o profeta* (1), *que publicou* [*prègou*] *a lei* (2) muçulmana.

Antes de partir, repartiu com os seus amigos *o poderoso reino,—porque não lhe ficava herdeiro próprio*—, e, *aos mais aceitos* [*aos mais queridos*], *de pobres, fez ricos; de sujeitos* [*cativos*], fez homens *livres.*

(1) O túmulo de Maomete é em Medina; mas Perimal iria provávelmente a Meca, pátria do profeta, e onde existe a notável mesquita que é visitada pelos peregrinos; levaria mercadorias ricas para donativo à mesquita.
(2) «Lei», religião; a palavra é empregada pelo mouro em sentido absoluto.

Note-se, no verso 3, «ir a ser»: O verbo «ir», como auxiliar, une-se hoje directamente ao verbo auxiliado; os antigos metiam de permeio a preposição «a»; mas há casos, como êste, em que é conveniente conservá-la, para evitar a ambigùidade; doutro modo, poderia parecer que o Perimal fôra ser religioso nas naus; também o advérbio «onde» era empregado pelos antigos sem distinção de «donde» e «aonde»; aqui pode conservar-se, subentendendo-se a palavra «Meca».

35 «A um Cochim, e a outro Cananor,
A qual Chalé, a qual a Ilha da Pimenta,
A qual Coulão, a qual dá Cranganor,
E os mais, a quem o mais serve e contenta.
Um só moço, a quem tinha muito amor,
Despois que tudo deu, se lhe apresenta:
Pera êste Calecu sómente fica,
Cidade já por trato nobre e rica.

A um dos amigos dá *Cochim, e a outro* dá *Cananor, a qual* [*a outro*] dá *Chalé, a qual* [*a outro*] dá *a ilha da Pimenta, a qual* [*a outro*] dá *Coulão, a qual* [*a outro*] dá *Cranganor* (1); *e os mais* reinos, dá-os, *a quem mais o servira e contentara. Só depois de ter dado tudo, se lhe apresenta um moço a quem tinha muito amor. Para êste* moço, *ficou sómente Calecute, cidade já nobre e rica por trato* (2).

(1) «Cochim, Cananor, etc....»; nomes das diversas provincias do antigo reino de Malabar, distribuídas pelo Perimal, a quem se faz referência em outros lugares, e nas respectivas notas; veja-se o ÍNDICE. (2) «Rica por trato», enriquecida pelo comércio; parece à primeira vista, na palavra «sómente» [verso 7], que o «moço» foi quem teve o menor quinhão na partilha; mas sucedeu o contrário, como se verá na estância seguinte.

Sôbre a locução «a qual... a qual...»: cfr. I, 92; IV, 90, 91; VI, 64; etc.

---

36 «Esta lhe dá co título excellente
De emperador, que sôbre os outros mande;
Isto feito, se parte diligente
Pera onde em sancta vida acabe e ande.
E d'aqui fica o nome de potente
Samori, mais que todos digno e grande,
Ao moço e descendentes, d'onde vem
Êste, que agora o império manda e tem.

Perimal *deu-lhe* (1) *esta* cidade *com o excelente* [*soberano*] *título de imperador que mandasse* [*governasse*] *as outras* cidades da costa do Malabar. *Feito isto, partiu* (2) *diligente* (3) *para* Meca, *onde* queria *andar* [*viver*] *e acabar em vida santa* (4). *E daqui* [*dêste caso*] resultou *ficar o nome de potente Samorim,—grande* nome *e mais digno* do *que todos—ao moço e descendentes, donde* [*dos quais*] *vem* [*procede*] *êste* rei, *que manda* [*governa*] *agora e* que *tem* [*possui*] *o império* (5).

(1) Referência ao moço [no verso 5 da estância precedente]. (2) «Parte-se», no texto: antiquado. (3) Pressuroso. (4) «Ande em vida santa»; queria viver na qualidade de monge da religião muçulmana, e nessa condição falecer. (5) Quando Vasco da Gama chegou à Índia, havia seis séculos que no Malabar governava um rei chamado Saramá Perimal; a sua côrte era em Coulão. Por essa época começaram a entrar na Índia os árabes, já convertidos ao islamismo, e estes aconselharam o rei a que se fizesse mouro, dizendo-lhe que, para salvação da sua alma, fôsse morrer em Meca; êle fez-se muçulmano; e, partindo, deu a um parente mais chegado o reino de Coulão, a outro Cananor, e, a um sobrinho, deu Calecute, que era então pequeno território, mas que ficou sendo importante por ter supremacia nos outros em matéria de administração [pois em assuntos religiosos ficava tendo principal jurisdição o rei de Cananor]. Perimal levava consigo ricas mercadorias para oferecer à Mesquita de Meca, mas perdeu a vida em naufrágio. Entretanto ficou sendo muito venerada a sua memória pelos povos gentílicos. Mais tarde o rei de Cochim sucedeu ao de Coulão na dignidade de pontífice brâmane.

37 «A lei da gente toda, rica e pobre,
De fábulas composta se imagina.
Andam nus, e sómente um pano cobre
As partes, que a cubrir natura ensina.
Dous modos há de gente, porque a nobre
Naires chamados são; e a menos dina
Poleás tem por nome, a quem obriga
A lei não mesturar a casta antiga.

A lei [*religião*] *de toda a gente* de Calecute,—*rica e pobre*—, *imagina-se* [*é imaginada*] *composta de fábulas;* os habitantes *andam nus; e sómente um pano* lhes *cobre as partes que a natura* (1) *ensina a cobrir. Há dois modos* [*duas castas*] *de gente; porque os* homens *nobres são chamados «Naires»; e a* gente *menos digna tem por nome «Poleás», a quem* [*aos quais*] *obriga a lei,* que *não se misturem* com *a casta antiga* (2).

(1) Natureza; o natural instinto. (2) «Obriga não misturar» [linguagem anacolútica]; a lei não permite aos «Poleás» que tenham união sexual senão com indivíduos pertencentes a famílias do mesmo mester [como se vê explicado na estância seguinte].

---

38 «Porque os que usaram sempre um mesmo offício,
De outro não podem receber consorte;
Nem os filhos terão outro exercício
Senão o de seus passados, até morte.
Pera os Naires é certo grande vício
D'estes serem tocados, de tal sorte
Que quando algum se toca por ventura,
Com ceremónias mil se alimpa e apura.

Porque os Poleás *que usaram sempre o mesmo ofício não podem receber consorte doutro* ofício; *nem*

os filhos terão [*podem ter*] *outro exercício senão o dos seus antepassados até a morte* (1). *Para os Naires é certo* [*com certeza*] *grande vício* (2) *serem tocados dêstes* [*por êstes, pelos Poleás*]; *de tal sorte* [*de maneira*] *que, quando porventura algum* Naire *se toca* [*é tocado por êles, por um Poleá*], *alimpa-se e apura-se* (3) *com mil cerimónias.*

(1) Os Poleás não podem unir-se sexualmente com pessoa cuja família tenha ofício diferente; os filhos nunca podem exercer outro ofício que não seja o dos pais. (2) Caso de grande nojo. (3) Purifica-se com muitas abluções e exorcismos.

O Naire, considera um desastre, se algum Poleá lhe toca; e, como se fôsse um corpo glorificado, trata o Poleá como animal imundo; cfr. estância seguinte.

---

39 «D'esta sorte o judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samária.
Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de usança vária.
Os Naires sós são dados ao perigo
Das armas, sós defendem da contrária
Banda o seu rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga, e na dereita a espada:

Desta sorte [*de igual maneira*] *o antigo povo judaico não tocava na gente de Samaria* (1); *mais estranhezas ainda das que* (2) *digo vereis nesta terra de usança vária* (3). *Os Naires só* (4) *são dados ao perigo das armas, só êles* (5) *defendem o seu rei da banda contrária, trazendo sempre usada, na* mão *esquerda, a adarga* (6); *e, na direita, a espada.*

(1) Antiga cidade da Palestina, entre a Judea e a Galilea; os seus habitantes [samaritanos] eram idólatras;

qualquer judeu, quando sentia o contacto dum samaritano, purificava-se também, como faziam os Naires tocados pelos Poleás, com abluções e cerimónias; esta referência traz à lembrança a parábola do «Bom Samaritano» que socorreu o viandante caído na estrada de Jerusalem e moribundo, pelo qual tinham passado um sacerdote judeu e um levita, sem o socorrerem: parábola do Evangelho em que Jesus Cristo estabelece o dogma da fraternidade humana; e vem à lembrança também a resposta que, segundo o Evangelho, deu a Samaritana a Jesus Cristo, quando êste lhe pediu água da bilha que ela levava. (**2**) «Mais estranhezas das que...»; vereis, nesta terra indiana, cousas mais para estranhar do que as referidas aqui. (**3**) «Usança vária», costumes diferentes. (**4**) «Sós», o adjectivo com função de advérbio, com a significação de sómente; não exercem outro mester, os Naires, senão o das armas. (**5**) São os Naires os únicos habitantes que em Calecute se entregam ao perigoso exercício das armas, por isso sómente êles defendem o seu rei contra os bandos inimigos [sem auxílio dos Poleás]. (**6**) Escudo oval ou redondo.

Note-se que, no verso 2, «Samaria» deve pronunciar-se «Samária».

---

40 «Brâmenes são os seus religiosos,
Nome antigo e de grande preminência.
Observam os preceitos tam famosos
D'um que primeiro pôs nome á ciência.
Não matam cousa viva, e temerosos,
Das carnes tem grandíssima abstinência;
Sómente no venéreo ajuntamento
Tem mais licença e menos regimento.

Os seus religiosos [*sacerdotes*] *são Brâmanes* (**1**), — *nome antigo e de grande preeminência: observam os preceitos tam famosos dum* filósofo, *que* foi o *primeiro* que *pôs nome à sciência* (**2**); *não matam cousa viva, e, temerosos* [*tímidos*], *tem grandíssima absti-*

nência das carnes (**3**); *sómente, no venéreo ajuntamento, tem mais licença* (**4**) *e menos regimento.*

(**1**) Sectários da religião Brama, — o primordial ente criador dos hindus; Brama, tomando a forma de fôrça conservadora, tem o nome de Vixnu; e, tomando a forma de fôrça destruidora e renovadora das formas da natureza, toma o nome de Xiva. Estes três pontos de vista da divindade constituem a trindade dos hindus — nação antiga, que se distinguiu cedo pela sua civilização. (**2**) «Os preceitos, etc.»; perífrase de «os preceitos de Pitágoras», — o sábio grego que se julga ter vivido no século VI A. C., e ter fundado a primeira seita filosófica —, supondo-se ser o primeiro que pôs o nome de filosofia à sciência por excelência, isto é, ao conhecimento em globo das cousas físicas, morais e intelectuais, suas causas e efeitos; não quis o Poeta dizer que os hindus [nação mais antiga do que a Grécia] adoptassem a doutrina de Pitágoras, mas sim que observavam doutrina igual em muitos pontos, por serem de austera moralidade e crentes na transmigração das almas, etc. (**3**) «Temerosos, etc.»; o dogma do metempsicose [transmigração das almas de um corpo para outro] induzia os seus sectários a terem mêdo de comer carne, para não correrem o risco de se alimentarem com a carne dalgum parente; por isso tal abstenção era preceito fundamental da religião dos brâmanes e da filosofia pitagórica. (**4**) Abuso [incontinência] da vida sexual.

---

41 «Gerais são as molheres, mas sómente
Pera os da geração de seus maridos:
Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciúmes offendidos!
Estes e outros costumes váriamente
São pelos Malabares admitidos:
A terra é grossa em trato em tudo aquillo,
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.»

No Malabar *são gerais as mulheres* (**1**), *mas sómente para os da geração de seus maridos: ditosa*

condição, ditosa gente, que não é ofendida de ciúmes! São estes, e outros vários, os *costumes admitidos pelos Malabares. A terra é grossa em trato* (**2**), e *em tudo aquilo que as ondas* [*os navios*] *podem dar da* [*trazer desde o*] *China ao* [*até o*] *Nilo* (**3**).

(**1**) Cfr. João de Barros, I, 9, 3, e Diogo do Couto, VIII, 11, 10: «Esta lei é tam geral que, depois que uma mulher dêste sangue de Naires é de idade para ter marido, pode dar entrada em sua casa a quantos Naires quiser. E são elas e êles tam livres dêste vínculo conjugal, que, se um aborrece ao outro, isto basta para se apartarem por modo de repúdio, etc.». (**2**) «Grossa em trato», rica pelo seu comércio em grande escala [cfr. a expressão «comerciante de grosso trato», «comércio por grosso», cfr. João de Barros, *loc. cit.*: «pôsto que em seu reino não houvesse mais do que pimenta, gengibre, e algumas drogas de botica, o mais manda vir de fora como canela, cravo, maça [açafrão], noz [muscada] e outra sorte de cousas aromáticas». (**3**) «As ondas, etc.»; a terra é abundante, pelo seu comércio, em todos os objectos que lhe são levados, por mar, desde as regiões marítimas da China até as do Egipto [Nilo, aqui, tem a significação figurada de Egipto].

Note-se no texto: sujeito colectivo «gente» no singular, verbo «são» no plural [versos 3-4]; cfr. I, 38 e *passim*.

---

42 Assi contava o Mouro; mas vagando
Andava a fama já pela cidade
Da vinda d'esta gente estranha, quando
O rei saber mandava da verdade;
Já vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo e idade,
Os principaes, que o rei buscar mandara
O capitão da armada que chegara.

Assim contava o mouro (**1**); *mas pela cidade andava já vagando* (**2**) *a fama* [*a notícia*] *da vinda*

desta estranha gente [*dêstes estrangeiros*], *quando o rei mandou saber da verdade* (3). *Os principais* [*os nobres*], — *que o rei mandara* que fôssem *buscar o Capitão da armada que chegara* —, *vinham já caminhando pelas ruas, rodeados* de gente *de todo o sexo e idade.*

(1) Findou na precedente estância a descrição do Malabar feita pelo mouro Monçaide. (2) Correndo. (3) Saber se era verdadeira a notícia.

---

43 Mas elle, que do rei já tem licença
Pera desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portugueses, sem detença
Parte, de ricos panos adornado.
Das côres a fermosa diferença
A vista alegra ao povo alvoroçado:
O remo compassado fere frio
Agora o mar, despois o fresco rio.

Mas êle [*Vasco da Gama*], *que já tinha licença do rei para desembarcar, partiu* de bordo *sem detença* (1), *acompanhado dos nobres portugueses,* e *adornado de ricos panos* (2). *A formosa diferença* (3) *das côres alegrava a vista ao povo alvoroçado: os remos compassadamente ferem, agora, o frio mar, depois o fresco rio* (4).

(1) «Sem detença», imediatamente, logo que soube que podia desembarcar, dando isto a entender que não se demorou em reflexões sôbre o perigo de ir a terra. (2) Rico trajo [com êste sentido de «trajo» empregavam os cronistas a palavra «panos»; cfr. II, 97, 98], a descrição do vestuário de Vasco da Gama quando apareceu ao rei de Melinde. (3) Variedade. (4) «O remo, etc.» [fig.]; os

remos do escaler ou lancha, que levara o capitão, foram mergulhando compassadamente [a compasso, remando certos], primeiro no mar, depois no rio em cujas margens era a povoação. [Note-se o adjectivo «compassado» em função de advérbio].

---

44 Na praia um regedor do reino estava,
Que na sua língua *Catual* se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama.
Já na terra, nos braços o levava,
E num portátil leito ũa rica cama
Lhe offerece em que vá, (costume usado)
Que nos hombros dos homens é levado.

Na praia estava um regedor (1) *do reino,* — regedor *que se chamava* «*Catual*» *na sua língua* [*na língua daquela região*] — e *que rodeado de Naires esperava com desusada festa o nobre Gama;* estando êste já *na terra,* o «Catual» *levou-o* (2) *nos braços, e ofereceu-lhe uma cama* (3) *rica, num leito portátil* (4), *em que fôsse levado nos ombros dos homens* — *costume usado* naqueles países.

(1) Governador; o Poeta chama «regente» ao xeque de Moçambique, outras vezes «regedor» [I, 59, 94]; aqui o «regedor» [o Catual] tem as funções duma espécie de ministro de Samorim. (2) Levantou. (3) Cochim, almofada. (4) Palanquim: espécie de cadeira, suspensa por um varal; sôbre êste havia um sobrecéu com cortinas, que defendiam do sol a pessoa que ia sentada; em vez de cadeira usava-se também rêde em que ia deitado o passageiro; tem os nomes também de tipóia e maxila em Angola, e usava-se na Índia, no Brasil e na África; cada extremo da vara era levada aos ombros dos carregadores.

---

45 D'esta arte o Malabar, d'est'arte o Luso,
Caminham lá pera onde o rei o espera;
Os outros Portugueses vão ao uso
Que infantaria segue esquadra fera;
O povo, que concorre, vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quisera
Perguntar, mas no tempo já passado
Na tôrre de Babel lhe foi vedado.

Desta arte [*desta maneira, em palanquim*] *o Malabar* (**1**), e *o Luso* (**2**) *caminham lá para onde o Rei o espera: os outros portugueses* (**3**) *vão ao uso que segue a infantaria* (**4**), como se fôsse *esquadra fera* (**5**). *O povo, que concorre, vai confuso de ver a estranha gente, e bem quisera preguntar* [*fazer preguntas aos portugueses*], *mas era-lhe vedado* [*fazer preguntas*] *já no tempo passado na tôrre de Babel* (**6**).

(**1**) O Catual. (**2**) Vasco da Gama. (**3**) Entre os portugueses iam Diogo Dias, João de Sá, Álvaro de Braga, Fernão Martins e Álvaro Velho. (**4**) «Ao uso da infantaria», a pé, só Vasco da Gama e o Catual iam de palanquim. (**5**) «Esquadra», corpo de infantaria comandado por um cabo; «fera», arrogante, altiva; os portugueses que iam no acompanhamento formavam uma «esquadra»; todos iam de porte altivo, intrépido. (**6**) «Foi-lhe vedado», era-lhe vedado, ao povo malabar, fazer preguntas aos portugueses, porque não podiam ser entendidas, o que provinha da diferença de línguas, originada pela construção da tôrre de Babel — a grande tôrre que, no dizer da Bíblia, quiseram edificar os filhos de Noé para chegarem ao céu; tendo sido por Deus aniquilado êsse esfôrço insensato por meio da confusão de línguas que se estabeleceu entre os operários; cfr. IV, 64; VI, 74.

Note-se, no verso 1, «dest'arte» repetido [pleonasmo].

46 O Gama e o Catual iam fallando
Nas cousas que lhe o tempo offerecia;
Monçaide entr'elles vai interpretando
As palavras, que de ambos entendia.
Assi pela cidade caminhando,
Onde ũa rica fábrica se erguia
De um sumptuoso templo, já chegavam,
Pelas portas do qual juntos entravam.

O Gama e o Catual iam falando nas cousas que lhes oferecia o tempo (1); *Monçaide vai interpretando entre êles as palavras que de ambos entendia. Caminhando assim pela cidade, chegaram já* ao sítio *onde se erguia uma rica fábrica* (2) *de sumptuoso templo* (3), *pelas portas do qual entraram juntos.*

(1) A oportunidade, a ocasião. (2) Construção. (3) «Era um templo que se parecia, na fábrica, com os me-«diocres da Europa, em forma de cruzeiro e capela; à «entrada apareceram sacerdotes ou ermitões oferecendo «uma espécie de hissopes com água. Disto inferiram os «portugueses, que permanecia ali a religião cristã do «tempo de S. Tomé, apesar de muito alterada» [João de Barros].
O Catual desconhecia a língua portuguesa, o Gama desconhecia a língua indiana; mas o Catual sabia a língua arábica, que era falada por Monçaide, e assim serviu êste de intérprete.

---

47 Ali estão das deidades as figuras
Esculpidas em pao e em pedra fria,
Vários de gestos, vários de pinturas,
Asegundo o demónio lhe fiugia:
Vem-se as abomináveis esculturas,
Qual a chimera em membros se varia:
Os christãos olhos, a ver Deus usados
Em forma humana, estão maravilhados.

Estavam ali [*no templo*] *as figuras* [*imagens*] *das deidades* (**1**), *esculpidas em pao e em fria pedra — de vários gestos* [*feições*] e *de várias pinturas* (**2**), *segundo* (**3**) *o demónio as fingira. Viam-se* ali *as abomináveis esculturas, qual a* [*semelhantes à*] *Quimera* (**4**), que *se varia* [*é variada*] *em membros: os olhos* de *cristãos, usados* [*costumados*] *a ver Deus em forma humana, estavam maravilhados.*

(**1**) Ídolos. (**2**) «Vários» [no texto] concordando com «gestos». (**3**) «A segundo» [antiquado] o mesmo que «segundo»; conforme a ficção inspirada pelo demónio. (**4**) Monstro fabuloso [mitologia grega] composto de muitas cabeças de vários animais, e vomitando fogo: as figuras esculpidas eram monstruosas; cfr. estância seguinte.

---

48 Um, na cabeça cornos esculpidos,
Qual Júpiter Ammom em Líbya estava;
Outro, num corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Jano se pintava;
Outro, com muitos braços divididos
A Briareo parece que imitava;
Outro, fronte canina tem de fora,
Qual Anúbis menfítico se adora.

Um dos ídolos tem *cornos esculpidos na cabeça, qual* [*como*] *estava Júpiter Hamon na Líbia* (**1**); *outro tem* dois *rostos unidos num corpo, bem como* [*da mesma maneira que*] *se pintava o antigo Jano* (**2**); *outro, com muitos braços divididos, parece que imitava a Briareu* (**3**); *outro tem de fora* [*mostra*] *fronte canina, qual* [*da mesma maneira que*] *se adora* [*é adorado*] *Anúbis* (**4**) *Menfítico* (**5**).

(**1**) «Hamon ou Amon» [fábula]: epiteto de Júpiter, quando, — no deserto da Líbia [África], por padecer grande

sêde, invocado por Baco — lhe apareceu em forma de carneiro; êste batendo com as patas no chão fez aí brotar uma fonte; Baco, em agradecimento, levantou nesse sítio uma estátua representando Júpiter na forma de carneiro, e chamou-lhe Amon, — que na linguagem africana daquele tempo significava «areia» —, por lhe ter aparecido nas areias do deserto. Note-se, porém, que, no Egipto, era Amon adorado pelos antigos como Deus do sol, e tinha templo em Tebas com aquele nome. (2) Antigo rei fabuloso do Lácio, e que era representado em estátua com dois rostos, em conseqùência da faculdade que lhe dera Saturno de prever o futuro e saber o passado. (3) Gigante fabuloso, que tinha cinqùenta cabeças e cem braços. (4) Na antiga mitologia egípcia, Anúbis era representado em estátua com corpo de homem e cabeça de cão. (5) Adjectivo patronímico de Mênfis, capital do antigo Egipto, mas que é actualmente um insignificante burgo.

---

49 Aqui feita do bárbaro gentio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão, sem outro algum desvio,
Pera onde estava o rei do povo vão.
Engrossando-se vai da gente o fio,
Cos que vem ver o estranho capitão:
Estão pelos telhados e janellas
Velhos e moços, donas e donzellas.

Aqui (1), depois de *feita a supersticiosa adoração do bárbaro gentio,* o Gama, o Catual e Monçaíde *vão, sem outro algum desvio* [*directamente*] *para onde estava o rei do vão* [*ignorante*] *povo; o fio da gente* [*o séquito*] *vai-se engrossando com os* indivíduos *que vem ver o estranho Capitão* (2): *pelos telhados e* pelas *janelas estão velhos e moços, donas* (3) *e donzelas.*

(1) «Aqui», neste templo [começado a descrever na est. 47]. (2) «Fio da gente, etc.»; os curiosos que [em fio, atrás uns dos outros] vem chegando, e tornam com-

pacta a multidão no acompanhamento dos portugueses. (3) Mulheres casadas.

---

50 Já chegam perto, e não com passos lentos,
Dos jardins odoríferos, fermosos,
Que em si escondem os régios apousentos,
Altos de tôrres não, mas sumptuosos.
Edificam-se os nobres seus assentos
Por entre os arvoredos deleitosos:
Assi vivem os reis d'aquella gente,
No campo e na cidade juntamente.

Chegam já perto, — e não com passos lentos (1) —, *dos odoríferos e formosos jardins, que, escondem em si os régios aposentos, não altos de tôrres, mas sumptuosos* (2): *estão edificados os seus nobres assentos* (3) *por entre os deleitosos arvoredos: os reis daquela gente vivem assim no campo, e juntamente na cidade* (4).

(1) «Não com passos lentos», apressadamente; os carregadores da maxila ou palanquim, naturalmente corriam, segundo é uso. (2) «Escondem, etc.»; dentro dos jardins era a residência régia; o edifício não era alto, nem tinha tôrres, mas era nobre. (3) Moradia. (4) Residindo muito próximo da cidade, o rei gozava os cómodos dela e, ao mesmo tempo, as belezas campesinas do arvoredo e dos jardins.

---

51 Pelos portais da cêrca a sutileza
Se enxerga da dedálea faculdade,
Em figuras mostrando, por nobreza,
Da India a mais remota antiguidade.
Affiguradas vão com tal viveza
As histórias d'aquela antiga idade,
Que quem d'ellas tiver notícia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

Pelos portais da cêrca (1) *enxerga-se* (2) *a subtileza da Dedálea faculdade* (3), *mostrando em figuras, por nobreza* [*como nobre decoração*], *a mais remota antiguidade da Índia; as histórias daquela antiga idade são afiguradas com tal viveza, que, quem tivesse delas notícia inteira, conhecia pela sombra a* história *verdadeira* (4).

(1) Jardim; cfr. est. 50. (2) Avista-se. (3) «Dedálea faculdade», o talento de Dédalo, o arquitecto da fábula que delineou o labirinto de Creta, — em que foi encerrado o Minotauro, monstro filho de Minos —, um bosque, cortado de ruas tam complicadamente entrelaçadas, que era impossível ou extremamente difícil sair dêle. (4) «As histórias..., etc.»; na cêrca viam-se estátuas que traziam à memória a história antiga; e esta era representada com tal viveza em grupos de figuras, por maneira que, pelo desenho, era logo lembrada por quem já a conhecesse; «sombra», [fig.], desenho, porque êste é composto de claro e escuro [sombra]; e porque a sombra dum objecto, sendo o desenho dêle, representa-o realmente.

Nas estâncias seguintes se encontra o resumo dessas histórias.

---

52 Estava um grande exército, que pisa
A terra oriental que o Hydaspe lava;
Rege-o um capitão de fronte lisa,
Que com frondentes tirsos pelejava.
Por elle edificada estava Nisa
Nas ribeiras do rio que manava,
Tam próprio, que se ali estiver Semele,
Dirá, por certo, que é seu filho aquelle.

Estava, na cêrca, um quadro representando *um grande exército, que pisava a terra oriental, que o Hidaspe* (1) *lava* [*que é regada pelo rio Hidaspe*]; *rege-o* [*comanda êsse exército*] *um capitão de fronte lisa, que peleja com frondentes tirsos* (2); *nas ribei-*

ras [*margens*] *do rio que manava* [*corria*], *estava Nisa por êle* [*por êsse capitão*] *edificada* (**3**); estava êste mesmo *tam próprio* [*tam exacto*] na pintura, *que, se ali estivesse Semele* (**4**), esta *diria, por certo, que era aquele* o *seu filho.*

(**1**) Nome antigo do rio Djelam. (**2**) «Um capitão, etc.»; perífrase de Baco [cfr. VI, 10: «aquele que sempre a mocidade tem no rosto»]; por isso, aqui, «de fronte lisa» lembra essa mocidade; os «tirsos» eram lanças revestidas de folhagem de era e videira. (**3**) «Nas ribeiras, etc.»; no mesmo ou em outro quadro via-se Nisa, edificada, nas margens do Hidaspe, pelo mesmo Baco: — «Nisa» é antigo nome da capital dos Estados de Nisan ou Nisamate, hoje «Haïder-abad». (**4**) A mãe de Baco; cfr. *passim.*

Nesta e nas estâncias seguintes faz-se a descrição dos quadros de pintura histórica da Índia, existentes no paláɔio de Samorim. Êste primeiro quadro representa a conquista [fabulosa] da Índia por Baco.

---

53 Mais avante bebendo seca o rio
Mui grande multidão de assíria gente,
Sujeita a feminino senhorio
De ũa tam bella como incontinente.
Ali tem junto ao lado nunca frio
Esculpido e feroz ginete ardente
Com quem teria o filho competência:
Amor nefando, bruta incontinência!

Mais avante a *mui grande multidão de gente Assíria, — sujeita ao senhorio* [*domínio*] *feminino duma* mulher *tam bela como incontinente*—, *seca* [*esgota*] *o rio, bebendo-o: ali,* essa mulher *tem* junto *ao lado* esquerdo, *nunca frio, esculpido o feroz ginete ardente, com quem o filho teria competência: amor nefando! bruta incontinência* (**1**)!

(1) Descreve-se nesta estância, — por meio de perífrase —, um baixo relêvo representando a fabulosa Semiramis, rainha dos Assírios, à qual é atribuida a fundação de Babilónia e a construção dos seus jardins suspensos — uma das «sete maravilhas do mundo»; dela se dizia que nas guerras excedia, em bravura, seu marido, o rei Nino, e que ela com os seus exércitos subjugara parte do Indostão; Semiramis era a Vénus da mitologia dos assírios; a lenda atribuía-lhe grande formosura e enorme devassidão e monstruosos desregramentos.

Note-se a hipérbole: o exército feminino era tam grande que, para saciar a sêde, tanto bebeu, que o rio secou.

---

54 D'aqui mais apartadas tremolavam
As bandeiras de Grécia gloriosas,
Terceira monarchia, e sojugavam
Até as águas gangéticas undosas.
D'um capitão mancebo se guiavam,
De palmas rodeado valerosas,
Que já não de Filipo, mas sem falta,
De progénie de Júpiter se exalta.

Mais apartadas daqui [*mais afastadas do quadro descrito na estância precedente*], *tremulavam as gloriosas bandeiras* (1) *da Grécia, — a terceira monarquia* (2) do mundo —, *e subjugavam até as undosas águas Gangéticas: guiavam-se de um mancebo capitão* [*eram guiadas por um capitão*] *rodeado de valorosas palmas,* e *que se exaltava* [*se orgulhava*], *não já da progénie* [*descendência*] *de Filipo, mas, sem falta* [*sem a mínima dúvida*], *da progénie de Júpiter* (3).

(1) «Bandeiras», tem aqui acumulativamente o sentido literal de «pendões», e o sentido figurado de «armas», «os exércitos» que subjugaram os povos das margens do

caudaloso Ganges. (2) Sete, haviam sido as monarquias ou Estados mais notáveis do mundo antigo: 1.ª, dos Assírios, fundada por Nabucodonosor; 2.ª, dos Persas, fundada por Ciro; 3.ª, dos Gregos, fundada por Alexandre Magno; 4.ª, dos Romanos, da qual fôra Rómulo o fundador, etc. (3) «Um capitão, etc.»; perífrase de Alexandre Magno, rei da Macedónia, e mais tarde rei da Grécia [ano 323 A. C.], e um dos conquistadores da Índia, vencendo o rei Poro; jactava-se não de ser descendente de Filipe, rei da Macedónia, mas de ser descendente de Júpiter.

Note-se, no verso 5, «se guiavam de um mancebo»: o pronome «se» dando ao verbo a forma passiva impessoal, juntando-se-lhe, depois de apassivada, o complemento da causa eficiente, próprio da passiva pessoal [uso antiquado].

---

55 Os Portugueses vendo estas memórias,
Dizia o Catual ao capitão:
«Tempo cedo virá, que outras victórias,
Estas, que agora olhais, abaterão:
Aqui se escreverão novas histórias
Por gentes estrangeiras, que virão;
Que os nossos sábios magos o alcançaram,
Quando o tempo futuro especularam.

Vendo os portugueses [*quando os portugueses estavam a ver*] *estas memórias, dizia o Catual ao Capitão:*

— «*Tempo virá, cedo, que outras vitórias abaterão* [*amesquinharão*] *estas, que olhais agora: aqui novas histórias se escreverão* [*serão escritas*] *por gentes estrangeiras que virão; que* [*pois*] *os nossos sábios magos* [*feiticeiros*] *o alcançaram* [*isso souberam*], *quando especularam* [*prescrutaram*] *o tempo futuro* (1).

(1) Finge o Poeta que o Catual vaticinava as proezas que, ali mesmo em Calecute, praticariam Alves Cabral,

Duarte Pacheco e outros portugueses [cfr. III, 120]; e finge também que o índio, dizendo essas cousas a respeito de «gente estrangeira que viria», mal pensava que os magos [adivinhos] se referiam aos portugueses «que haviam de vir», e parte dos quais já ali estava.

---

56 «E diz-lhe mais a mágica sciência,
Que pera se evitar fôrça tamanha,
Não valerá dos homens resistência,
Que contra o ceo não val da gente manha.
Mas também diz, que a béllica excellencia
Nas armas e na paz, da gente estranha
Será tal que será no mundo ouvido
O vencedor, por glória do vencido.»

«*E dissera-lhe mais a mágica sciência* [*a sciência dos feiticeiros dissera ao Catual também*]: — *que, para se evitar tamanha fôrça* (1), *não valerá resistência dos homens* da Índia; *que* [*pois*] *contra o Céu* [*Deus*], *não vale* [*não serve*] *manha da gente* (2); *mas, dissera também a* sciência dos Magos, *que a excelência bélica da gente estranha, — nas armas e na paz* (3) —, *será tal, que o vencedor será ouvido no mundo, por* [*para*] *glória do vencido* (4).

(1) «Tamanha fôrça», gente tam aguerrida, tam forte. (2) Repetição das palavras de V, 58. (3) «Na paz»; que os soldados portugueses eram excelentes, mesmo durante a paz, por estarem sempre preparados para a guerra. (4) Glória para os vencidos, por terem lutado com vencedor tam forte; cfr. o Poeta nas suas *Rimas*: — «Disto vens a entender quamanha glória — é de tal vencedor ser vencido» [glória para um e para outro].

---

57 Assi fallando entravam já na sala,
Onde aquelle potente emperador
Nũa camilha jaz, que não se iguala
De outra algũa no preço e no lavor.
No recostado gesto se assinala
Um venerando e próspero senhor.
Um pano de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemas se adereça.

Falando assim, entravam já o Gama e o Catual *na sala onde aquele potente imperador* (1) *jazia* (2) *numa camilha* (3) *que não se igualava a alguma outra no preço e no lavor* (4); *assinalava-se no recostado gesto* (5) *um venerando e próspero senhor,* que *cingia um pano de ouro* (6) *e se aderaçava* [*estava adereçado, ornado*] *de preciosas gemas* (7) *na cabeça.*

(1) O Samorim. (2) O vocábulo «jazer» traz aqui a idea da quietação majestática do principe sentado. (3) Cochim. (4) «No preço e no lavor», nenhum outro cochim igualaria aquele em valor intrínseco pela matéria prima [sêda e ouro], e em valor artístico pelos bordados e desenhos. (5) «Recostado gesto»; rosto inclinado: na fisionomia, nas feições, via-se a tranquilidade que era de principe feliz, e no hábito de ser venerado. (6) Trajo, roupagem [de tecido em que a urdidura ou a trama era de fino ouro]. (7) «Gemas» é termo genérico, que abrange diamantes, rubis, esmeraldas, etc., lapidadas ou não.

58 Bem junto d'elle um velho reverente,
Cos giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde fôlha da herva ardente,
Que a seu costume estava ruminando.
Um Brâmene, pessoa preminente,
Pera o Gama vem com passo brando,
Pera que ao grande príncipe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.

Bem junto dêle [*do Samorin*] está *um velho reverente com os joelhos no chão,* e que, *de quando em quando, lhe dá a verde fôlha da erva ardente* (1) *que* o Samorim, *segundo seu costume, está ruminando* (2). *Um brâmane* (3), *pessoa proeminente, vem* [*dirige-se*] *para o Gama com passo brando* (4), *para que o apresente* [*para o apresentar*] *ao grande príncipe, que lhe acena para se assentar diante* dêle.

(1) «Erva ardente», é o «betle», ou «bétel», planta trepadeira; «ardente» por ser picante; tem o mesmo nome uma mistura de substâncias da qual fazem parte as fôlhas dessa planta, e que os índios tem o hábito de mascar. (2) Remoendo, mascando. (3) Sacerdote índio; cfr. est. 40. (4) «Com passo brando», com gravidade; notou Faria e Sousa que a falta de número no verso 6 é artificiosa e intencional, tornando-o vagaroso e pausado para corresponder à idea da gravidade — espécie de onomatopeia. Na leitura do verso 7 é mester contrair, numa única sílaba métrica, a última vogal de «príncipe» com as duas vogais seguintes.

59 Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus, mais afastados, prompto em vista
Estava o Samori no trajo e geito
Da gente, nunca de antes d'elle vista.
Lançando a grave voz do sábio peito,
Que grande autoridade logo aquista
Na opinião do rei e do povo todo,
O capitão lhe falla dêste modo:

Sentado o Gama junto ao rico leito (1), — ficando *os seus* companheiros *mais afastados* —, *o Samorim estava pronto* [*atento*] *na vista* (2) *do trajo, e jeitos* [*maneiras*] *daquela gente,* que *nunca dantes fôra vista dêle* [*por êle*]: *o Capitão, lançando do sábio peito a* sua *voz grave, — que logo aquistou* (3) [*adquiriu*] *grande autoridade na opinião do rei, e de todo* o seu *povo* —, *falou-lhe* [*ao Samorim*] *dêste modo:*

(1) Cochim, grande almofada; cfr. VII, 57. (2) Pronto, atento; cfr. III, 4; V, 24; VI, 70 e *passim*; «pronto em vista», com os olhos fixados no trajo, etc. (3) «Aquistar» [arcaísmo]; cfr. I, 73; II, 78; III, 102; IX, 94 e *passim*: a voz grave emitida pelo peito de quem sabia bem falar atraía a simpatia dos ouvintes.

---

60 «Um grande rei, de lá das partes onde
O ceo volúbil, com perpétua roda,
Da terra a luz solar co'a terra esconde,
Tingindo a que deixou de escuro noda,
Ouvindo do rumor que lá responde
O eco, como em ti da Índia toda
O principado está e a magestade,
Vínculo quer contigo de amizade.

Um grande Rei (1), *lá das partes* [*da região*], *onde o céu, volúvel com o perpétuo rodar, esconde*

da terra, com a própria *terra, a luz solar, tingindo de nódoa escura a* parte *que* essa luz *deixou* (2), *ouvindo o eco, que lá responde* (3), *do rumor* [*da fama*] *como* [*de que*] *o principado e a majestade da Índia toda está em ti, — quere* ter *vínculo de amizade contigo.*

(1) D. Manuel. (2) «Das partes onde, etc.»; estas palavras e as dos versos 2, 3 e 4 são longa perífrase de «Ocidente da Europa, — Portugal»; Vasco da Gama está no Oriente; o Poeta refere-se ao movimento celeste aparente [cfr. ADVERTÊNCIA, p. 18, e canto x]; por isso o «céu volúbil» aqui significa: o céu [movendo-se constantemente e levando consigo o sol] esconde a claridade dêle nas terras do ocidente, quando vai alumiar as do ocidente, deixando às escuras [nódoa escura] a região que antes do acaso estava alumiada; o céu esconde assim da terra a luz do sol, e esconde-a com a própria terra. (3) O eco repetido lá no ocidente, o eco da fama: que o Samorim era o rei principal da .ndia; D. Manuel, ouvindo o eco dêsse rumor, queria ligar-se [vincular-se] com o Samorim por tratado de amizade.

---

61 «E por longos rodeos a ti manda,
Por te fazer saber, que tudo aquillo
Que sôbre o mar, que sôbre as terras anda,
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,
E desd' a fria plaga de Zelanda
Até bem d'onde o sol não muda o estilo
Nos dias, sôbre a gente de Ethiópia,
Tudo tem no seu reino em grande cópia.

E êsse grande rei *manda-me a ti, por* estes *longos rodeios* (1) *por* [*para*] *te fazer saber; — que tudo aquilo de riquezas* (2), *que anda sôbre o mar e sôbre as terras —, de lá* [*desde lá*] *do Tejo ao* [*até o*] *Nilo* (3), *e desde a fria plaga* (4) *de Zelanda* (5) *até bem*

*

[*até precisamente*] *onde o sol não muda o estilo aos dias, sôbre a gente da Etiópia* (**6**)—, *tudo* êle *tem* [*possui*] *em grande cópia* [*abundância*] *no seu reino.*

(**1**) «Longos rodeios», grande viagem de circunnavegação. (**2**) «Tudo aquilo de riquezas», todas aquelas riquezas. (**3**) «De lá, etc.»; desde Portugal até o Egipto. (**4**) Praias. (**5**) «Zelanda», Islândia, a grande ilha dinamarquesa no oceano glacial árctico [cfr. III, 128]; «Scitia fria» = glacial. (**6**) «O sol não muda, etc.»; o sol nas regiões equatoriais não altera as horas dos dias; o dia solar tem aí a mesma duração durante todo o ano; os dias são sempre iguais às noites; a Etiópia está quási na linha equatorial; «estilo» [no verso 6] pode significar a haste, cuja sombra marca a hora em um quadrante solar [relógio de sol]; no equador, passando o sol ao meio-dia, justamente por cima da vertical, não produz sombra; o que não acontece ao norte ou ao sul, em que a sombra ao meio-dia é variável nas diversas épocas do ano. Mas nos cronistas encontra-se a palavra «estilo» para significar «maneira costumada»; cfr. III, 39; X, 95. Em resumo: diz Vasco da Gama que em Portugal havia mercadorias procedentes de toda a parte do mundo, e com as quais se poderia fazer trocas comerciais com a Índia.

---

62 «E se queres com pactos e lianças
De paz e de amizade sacra e nua,
Comércio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua e tua,
Porque creçam as rendas e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos reinos, será certamente
De ti proveito, e d'elle glória ingente.

E se, com pactos e alianças de paz e de sacra (**1**) [*sagrada*] *e nua* [*sincera*] (**2**) *amizade, queres consentir comércio das abundâncias* (**3**) *das fazendas da sua terra e* da *tua*—, *por que* [*para que*] *dos teus*

reinos cresçam as rendas e abastanças [*riquezas*], *por quem* [*pelas quais*] *a gente mais sua e trabalha* —, essa amizade *será de proveito certamente para ti, e ingente* [*imensa*] *glória para êle* (4).

(1) Cfr. expressões usuais como esta: «palavra sagrada», promessa que religiosamente se cumpre. (2) «Nua amizade», despida de refolhos, não encoberta, sincera. (3) As produções que no país sobram das necessidades do consumo. (4) «Proveito, etc.»; aumento de riquezas para a Índia, glória para o rei português, por mandar as suas naus àquelas remotas paragens.

---

63 «E, sendo assi que o nó d'esta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará prompto a toda adversidade,
Que por guerra a teu reino se offereça,
Com gente, armas e naos; de qualidade
Que por irmão te tenha e te conheça.
E da vontade em ti sôbr'isto posta
Me dês a mi certíssima resposta.

E, sendo (1) *que assim permaneça firmemente entre vós*, e o meu rei, *o nó* (2) *desta amizade*, êle —, *pronto a toda a adversidade que, por guerra, se ofereça ao teu reino* (3) —, *estará pronto com gente, armas e naus, de qualidade que* [*de sorte que*] *te tenha e te conheça* (4) *por irmão: e, da vontade posta em ti sôbre isto* (5), *me darás, a mim, certíssima resposta* (6).

(1) Sucedendo. (2) Vínculo, fig., tratado. (3) «A toda, etc.»; em todos os contratempos que se apresentem no teu reino por motivo de guerra. (4) «Te tenha, etc.»; te considere como irmão: os socorros militares enviados de Portugal seriam tais que, por êles, se conheceria que o rei português trataria o Samorim como seu irmão [de como

se portou o rei de Calecut, ver-se há em VIII, 77]; advirta-se que nestas palavras há ficção poética; mas, na primeira entrevista de Vasco da Gama com o Samorim, houve com efeito a entrega duma carta del-rei D. Manuel; na segunda, as propostas de tratado de paz e amizade. (5) «Da vontade, etc.»; da resolução que tomardes, espero que me dês comunicação, em resposta a isto que fica dito por mim. (6) «Certíssima resposta», resposta que seja expressão de verdadeira sinceridade.

---

64 Tal embaixada dava o capitão,
A quem o rei gentio respondia:
Que em ver embaixadores de nação
Tam remota, gram glória recebia;
Mas neste caso a última tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo, de quem era
O rei, e a gente e terra que dissera.

Tal embaixada [*tal foi a embaixada, tal foi o recado que*] *deu o Capitão, a quem* [*ao qual*] *respondeu o Rei gentio* (1): *que recebia grande glória* (2) *em ver embaixadores de nação tam remota* (3); *mas* que, *neste caso, tomaria a última tenção* (4) em conferência *com os* homens *do seu conselho* (5), *informando-se, certo* [*com certeza*] *de quem era o rei, e a gente e* a *terra, que* o Capitão *dissera* (6).

(1) Gentílico; cfr. I, 8, 16, etc.; II, 51, etc., [geralmente aparece êste vocábulo para designar os naturais da Índia]. (2) Fig., honra. (3) Distante. (4) Resolução definitiva. (5) O rei de Calecut resolveria quando ouvisse os seus conselheiros. (6) «Informando-se, etc.»; informar-se-ia [para saber com certeza], quem era o rei, e quem era a gente, etc., de quem Vasco da Gama havia falado.

---

65 E que emtanto podia do trabalho
Passado ir repousar, e em tempo breve
Daria a seu despacho um justo talho,
Com que a seu rei reposta alegre leve.
Já nisto punha a noite o usado atalho
As humanas canseiras, porque ceve
De doce sono os membros trabalhados,
Os olhos ocupando ao ócio dados.

«*E que,* — acrescentou o Samorim —, *no emtanto, podia* o Capitão *ir repousar dos trabalhos* (1) *passados* [*sofridos*], *e* que êle Samorim, *em tempo breve, daria um talho justo ao seu despacho* (2), *com que* [*com o qual*] o Capitão *levasse resposta alegre ao seu rei*».

Nisto, já a noite punha o usado atalho às canseiras humanas (3), *por que ceve* [*para ela cevar, alimenta*] *de doce sono os membros trabalhados* [*cansados pelo trabalho*], *ocupando os olhos dados ao ócio* (4).

(1) Os trabalhos, as vigílias da viagem. (2) «Justo talho», justa feição; o «despacho», a resolução do Samorim teria um feitio justo. (3) «Nisto, etc.»; neste momento, acabada esta entrevista, anoiteceu; chegou a noite, que dá a costumada interrupção ao trabalho humano. (4) «Ocupando os olhos, etc.»; o sono exerce influência nos olhos, prende-lhes o movimento [cfr. IV, 68: «os olhos lhe ocupam o sono»], por isso os olhos «dados ao ócio» entende-se: os olhos que tem tendência para o descanso, fecham-se, quando estão cansados.

66 Agasalhados foram juntamente
O Gama e Portugueses no apousento
Do nobre regedor da índica gente,
Com festas e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente
De seu rei, tinha já por regimento
Saber da gente estranha d'onde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.

O Gama e *juntamente os* outros *portugueses foram agasalhados no aposento do nobre regedor* [*rei*] *da índica gente, com festas e geral contentamento* (**1**).

O *Catual* (**2**), *diligente no cargo do seu rei, tinha já, por regimento* [*obrigação*], *saber*, acêrca *da gente estranha, donde vinha*, e *que costumes, que lei* (**3**), *que terra* [*território*] *tinha* [*ocupava*] (**4**).

(**1**) «No aposento, etc.»; na residência do rei; mas aqui há ficção poética; os portugueses ficaram aposentados em uma casa da cidade, e não no palácio do Samorim; ficção poética é também a alegria do agasalho, porque os mesmos ficaram logo maquinando a perda dos navegantes; cfr. VIII, 45 e sgs. (**2**) Cfr. VII, 55 e sgs. (**3**) Religião. (**4**) Qual era a extensão do país, a importância política do reino a que pertenciam os navegantes.

---

67 Tanto que os ígneos carros do fermoso
Mancebo Délio viu, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poder-se informar da gente nova.
Já lhe pergunta prompto e curioso,
Se tem notícia inteira, e certa prova
Dos estranhos quem são; que ouvido tinha
Que é gente de sua pátria mui vizinha;

O Catual *tanto que* [*apenas*] *viu os ígneos carros do formoso mancebo Délio* (**1**), *que renova a luz* todas as manhãs, *mandou chamar Monçaide*, e, *desejoso de poder informar-se* acêrca *da gente nova* [*recentemente chegada*], *já lhe pregunta* [*preguntou-lhe logo*], *pronto* [*atento*] *e curioso, se tinha notícia inteira* (**2**) *e prova certa*, a respeito *dos estranhos* navegantes, de *quem eram; que* [*pois*] *tinha ouvido, que era gente muito vizinha da sua pátria* [*da pátria dêle Monçaide*].

(**1**) «Ígneos carros, etc.»; perífrase de «nascer do sol»; «Délio», nome patronímico de Apolo, nascido na ilha de Delos; «ígneos carros» [o plural pelo singular, liberdade poética], o carro em brasa [o sol] guiado por Apolo [v, 91]. (**2**) Notícia completa.

A descrição poética principiada nesta estância e nas quatro seguintes tem fundamento histórico; mas finge-se aqui ser o caso passado em Calecut, tendo-o sido realmente em Angediva.

---

68 Que particularmente ali lhe desse
Informação mui larga, pois fazia
Nisso serviço ao rei, porque soubesse
O que neste negócio se faria.
Monçaide torna: «Pôsto que eu quisesse
Dizer-te d'isto mais, não saberia;
Sómente sei, que é gente lá de Hespanha,
Onde o meu ninho e o sol no mar se banha.

Pediu o Catual, a Monçaide, *que lhe desse ali informação mui larga, pois nisso faria serviço ao rei* de Calecut, *por* [*para*] *que* o Samorim *soubesse o que se faria* [*o que deveria fazer-se*] *neste negócio*.

Monçaide tornou [*respondeu*]:

— «*Pôsto que* [*ainda que*] *eu quisesse dizer-te* a

respeito *disto mais* cousas, *não saberia* [*não poderia, por não saber*]; *sómente sei que é gente lá da Espanha* (1), *onde o meu ninho e o sol* (2) *se banham no mar*.

(1) «Lá de Espanha» [cfr. est. 60], «lá das partes onde, etc.»; artifício literário para dar a entender que o mouro não sabia bem exactamente quem eram os portugueses; sendo Tânger vizinho do Algarve, também o era de Espanha. (2) «Onde o meu ninho, etc.»; no sítio onde a minha pátria é banhada pelo mar, e no mesmo mar onde também se esconde o sol [no ocidente].

---

69 «Tem a lei d'um propheta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da mãi, tal que por bafo está aprovado
Do Deus, que tem no mundo o regimento.
O que entre meus antigos é vulgado
D'elles, é que o valor sanguinolento
Das armas no seu braço resplancece;
O que em nossos passados se parece.

«Os portugueses *tem a lei* [*religião*] *dum Profeta* (1), *que foi gerado sem fazer detrimento na carne da Mãe* (2), e *tal* é o seu poder *que está aprovado por* [*considerado*] *bafo* [*espírito*] *do Deus* (3), *que tem o regimento do mundo* (4). *O que é divulgado* [*sabido*] *dêles, entre os meus* patrícios *antigos, é que resplandece no seu braço o sanguinolento valor das armas*—, *o que se parece* [*está visto*] *em* os *nossos* [*pelos nossos*] *antepassados* (5).

(1) Os primeiros quatro versos são perífrase da religião cristã; o mouro, chamando Profeta a Jesus, acomoda-se ao estilo maometano, equiparando Maomete, da sua religião, a Jesus da nossa. (2) «Sem fazer detrimento»

[prejuizo]; referência à virgindade da Mãe de Jesus. (3) «Aprovado por bafo, etc.»; referência ao Espírito Santo. (4) «Deus, que tem o regimento, etc.»; cfr. III, 43. (5) «O que se parece, etc.»; o que está provado pelo testemunho dos nossos avós. O verbo «parecer-se» encontra-se em outros lugares com a significação de «demonstrar-se, aparecer, ver-se» [I, 38 e *passim*].

---

70 «Porque elles, com virtude sobrehumana,
Os deitaram dos campos abundosos
Do rico Tejo e fresco Guadiana,
Com feitos memoráveis e famosos;
E não contentes inda, na africana
Parte, cortando os mares procelosos,
Nos não querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades e altos muros.

«*Porque êles*, os portugueses, *com virtude* [*valor*] *sôbre-humano, os deitaram* [*expulsaram*], aos nossos antepassados, *dos abundosos campos do rico Tejo e* do *fresco Guadiana, com memoráveis e famosos feitos* (1); *e, não contentes ainda, cortando os mares procelosos, não nos querem deixar viver seguros na parte africana, tomando-nos* [*conquistando-nos*] *cidades e altos muros* (2) dos nossos castelos.

(1) Alusão à batalha de Ourique, às conquistas de Lisboa e Santarém, à batalha em Palmela contra o rei de Badajoz, às proezas de D. Pelayo Correa e D. Afonso III nos Algarves, etc. (2) Alusão às conquistas, pelos portugueses, de Ceuta, Tânger, Argila, Safins, Azamor, Mazagão e outras praças e castelos.

---

71 «Não menos tem mostrado esfôrço e manha
Em quaesquer outras guerras que aconteçam,
Ou das gentes belígeras de Hespanha,
Ou lá d'alguns, que do Pirene deçam.
Assi que nunca em fim com lança estranha
Se tem que por vencidos se conheçam;
Nem se sabe inda, não, te afirmo e assello,
Para estes Aníbais nenhum Marcello.

Tem mostrado os portugueses *não menos esfôrço* [*intrepidez*] *e manha* [*perícia*] *em outras quaisquer guerras, que aconteceram contra as belígeras gentes de Espanha* (1), *ou contra alguns* exércitos *que desceram do Pireneu* (2). *Assim* sucede, *emfim, que nunca se tem* [*se vê*] *que com* [*contra*] *lança estranha, se conheçam* [*sejam conhecidos*] *por vencidos; nem se sabe ainda, não,* — *afirmo-te e asselo-te* [*asseguro-te*] —, *que nenhum Marcelo* tenha havido *para estes Aníbais* (3).

(1) Alude-se às guerras que tiveram os portugueses com Leão e Castela, nos tempos de D. Afonso Henriques, D. Dinis, D. Afonso IV, D. João I e D. Afonso V. (2) Alude-se às guerras que tiveram os lusitanos no tempo de Viriato e Sertório contra os romanos vindos pelos Pirenéus; cfr. III, 16. (3) Aníbal foi notável general cartaginês, que venceu muitas vezes os romanos, e que só foi vencido por Marcelo; o mouro Monçaide compara os portugueses com Aníbal, não houvera ainda quem os tivesse vencido; ainda não aparecera um Marcelo para os vencer; os historiadores modernos afirmam que Aníbal não fôra derrotado por Marcelo, mas sim por Scipião Africano no ano 202 A. C., tendo Marcelo morrido em combate contra Aníbal em 208 A. C. Cfr. III, 116: «Peno».

Nos versos 2, 3 e 4, parece haver especialmente alusão à campanha feita em Castela por D. João I e pelo sogro no ano de 1387, quando Nun'Álvares, estando entre Salamanca e Ledesma, se encontrou com tropas francesas que auxiliavam Castela.

No verso 5-6, «nunca... se tem que»: aparece esta locução nos cronistas com significação semelhante: «nunca se vê que».

---

72 «E s'esta informação não fôr inteira,
Tanto quanto convém, d'elles pretende
Informar-te, que é gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja e offende.
Vai ver-lhe a frota, as armas e a maneira
Do fundido metal que tudo rende;
E folgarás de veres a polícia
Portuguesa na paz e na milícia.»

E se esta informação não fôr inteira [completa], *tanto quanto convém, pretende* [procura] *informar-te dêles* [por êles], *que são gente verdadeira* [sincera], *a quem* [à qual] *a falsidade enoja* [aborrece] *e ofende muito; vai ver-lhe a frota, as armas, e a maneira do fundido metal* (1) *que tudo rende* [destrói]; *e folgarás de ver a polícia* (2) *portuguesa na paz e na milícia* (3).

(1) «A maneira, etc.»; o feitio das peças de bronze fundido [a artilharia]. (2) Boa administração. (3) Organização militar [VII, 12].

Note-se, no verso 3, o pronome «que», referindo-se ao pronome «êles», ligando-se com o verbo no singular; no verso 4 o advérbio «mais» em sentido absoluto significa «muito»; no verso 6, o «metal que tudo rende» [o bronze fundido em peças de artilharia]; cfr. VIII, 96: «o ouro que tudo obriga»; no verso 7, «de veres», o infinito pessoal em vez de impessoal para preencher a medida dando mais uma sílaba métrica.

---

73 Já com desejos o Idolatra ardia
De ver isto que o Mouro lhe contava;
Manda esquipar batéis, que ir ver queria
Os lenhos em que o Gama navegava.
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geração, que o mar coalhava;
Á capitaina sobem forte e bella,
Onde Paulo os recebe a bordo d'ella.

O idólatra (1) *ardia já com desejos de ver isso que lhe contava o mouro, e mandou esquipar* (2) *batéis: que* [*pois*] *queria ver os lenhos* (3) *em que navegava o Gama. Partiram da praia ambos, a quem* [*aos quais*] *seguia a geração* [*família*] *Naira* (4) *que coalhava o mar* (5), *e subiram à forte e bela capitânea* (6), *onde Paulo* da Gama (7) *os recebe a bordo dela.*

(1) O rei de Calecut; a acentuação no texto é «idolátra»; cfr. II, 54. (2) «Equipar», guarnecer de remadores. (3) Madeiros, fig., navios. (4) Os Naires; VII, 37. (5) «Coalhava o mar»: os batéis em que os Naires seguiam aquele em que ia o Catual e Monçaide eram em tam grande número que o mar parecia coalhado [cheio] dêles [hipérbole]. (6) A nau do chefe ou capitão-mor da armada. (7) O irmão de Vasco da Gama.

---

74 Purpúreos são os toldos, e as bandeiras
Do rico fio são, que o bicho gera;
Nellas estão pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço já fizera:
Batalhas tem campais, aventureiras,
Desafios cruéis, pintura fera,
Que tanto que ao gentio se apresenta,
Atento nella os olhos apacenta.

Os toldos da nau *eram purpúreos* (1), *e as bandeiras eram do rico fio, que o bicho gera* (2); *nelas estavam pintadas as obras guerreiras* (3) *que o forte braço* português *já fizera*; as bandeiras *tem batalhas campais*, pintadas, batalhas *aventureiras* [*em que tomavam parte aventureiros*], *desafios cruéis; fera pintura* (4), *que, tanto que* [*apenas*] *se apresenta ao gentio* [*ao Catual*], êste *atento, apascenta os olhos* (5) *nela*.

(1) «Toldos purpúreos, etc.»; ficção poética, e fundada no costume de tempos anteriores, em que se ornamentavam os navios com panos dessa côr. (2) «Rico fio, etc.»; perífrase de sêda, produzida pela baba do *Bombix*. (3) «Obras guerreiras»; é ficção poética a pintura das bandeiras. (4) «Pintura fera», desenhos representando vivamente batalhas e combates. (5) «Apascenta os olhos», fig., dá pasto, alimento, aos olhos; recreia a vista.

Nos versos 7-8, «que nela» equivale a «na qual»; numerosos exemplos desta construção: cfr. IX, 66, «nenhum dêles» por «nenhum dos quais»; X, 39, «que seu nome» por «cujo nome»; X, 77, «que por êle», como se fôsse «pelo qual». O «que» de IX, 66, pode também explicar-se por conjunção causal.

Sôbre o vocábulo «aventureiros», sem sentido depreciativo, cfr. V, 31, 35, 83; VI, 51; VIII, 27; etc.

---

75 Pelo que vê pergunta; mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente,
E que aquelle deleite, que tanto ama
A seita epicúria, esperimente.
Dos espumantes vasos se derrama
O licor que Noé mostrara á gente;
Mas comer o gentio não pretende,
Que a seita, que seguia, lh'o defende.

O Catual *pregunta pelo que vê* [*faz preguntas a respeito do que vê*]; *mas o Gama pediu-lhe que pri-*

meiro se assentasse, e que experimentasse aquele deleite que a seita epicúria tanto ama (1). *Dos vasos espumantes* [*dos copos cobertos de espuma*] *derrama-va-se* [*trasbordava*] *o licor que Noé mostrara à gente* (2) [*que Noé nos inventou*]; *mas o gentio* (3) *não pretende* [*não quere*] *comer, que* [*pois*] *a seita, que* êle *seguia, lho defende* [*proíbe*].

(1) «Aquele deleite, etc.»; perifrase de «vinho»; Epicuro era um filósofo grego [341-270 A. C.] que afirmava serem os prazeres o soberano gôzo humano; e fazia-os consistir na cultura do espírito e prática da virtude. Todavia, por falsa interpretação da sua doutrina, na linguagem vulgar, o nome de epicurista — o sectário de Epicuro — é sinónimo de guloso e aplica-se a homens dados ao prazer da mesa. O Gama pede ao Catual que prove aquele vinho que lhe oferecia. (2) «O licor, etc.»; outra perifrase de «vinho», produto que a tradição atribui a invento de Noé. (3) O Catual e os Naires: eram brâmanes, e, por preceito da sua religião, não podiam comer em companhia de pessoas doutra religião.

---

76 A trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares;
Co fogo o diabólico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o gentio nota; mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens, que em retrato breve
A muda poesia ali descreve.

A bordo da capitânea, *a trombeta, que em paz faz no pensamento imagem da guerra, rompeu os ares; lá no fundo dos mares fez-se ouvir, com o fogo, o diabólico instrumento* (1). *O gentio notava tudo* (2); *mas mostrava ter sempre o intento* [*a atenção*] *nos singulores feitos dos homens* (3), *que, em breve*

retrato [*imagem*], *a muda poesia* (4) *ali descrevia* [*naquelas bandeiras ou pendões*].

(1) «A trombeta, etc.»; à chegada do Catual, tocam-se as trombetas, dão-se salvas de bombardas e de artilharia. (2) O Catual fica maravilhado. (3) «Mas mostrava, etc.»; mas afinal toda a sua atenção se concentrou nos pendões, em que, «em breve retrato» [imagem com poucos traços], se viam os quadros históricos de Portugal e os feitos [heroísmos] dos portugueses. (4) Cfr. VIII, 41: «a pintura que fala».

---

77 Alça-se em pé, com elle o Gama junto,
Coelho de outra parte e o Mauritano.
Os olhos põe no béllico trasunto
De um velho branco, aspeito soberano,
Cujo nome não pode ser defuncto
Em quanto houver no mundo trato humano.
No trajo a grega usança está perfeita,
Um ramo por insígnia na dereita.

O Catual alça-se (1), *em pé, e junto com êle* [*ao mesmo tempo*] *o Gama; Coelho* (2), *e o Mauritano estão da outra parte.* O Catual *põe os olhos no bélico transunto* [*imagem*] *dum velho* (3), *branco* [*de cabelo branco*], *de soberano* [*majestoso*] *aspecto*, e *cujo nome não pode ser defunto* [*ser esquecido*] (4) *emquanto no mundo houver trato humano* (5); *no trajo* dêsse velho *está perfeita* [*exacta*] *a usança grega* (6), e êle tem, *por insígnia, um ramo* (7) *na* mão *direita.*

(1) Levanta-se: o Catual; estaria sentado à mesa, pôsto que não aceitasse o oferecimento para comer e beber [est. 75]; dá-se a entender que o Catual se levantara arrebatado pela impressão das pinturas. (2) Nicolau Coelho, capitão dum dos navios da armada está ao lado do Catual; do outro lado está o Gama. (3) Vê-se adiante [VIII, 2]

que êste velho é Luso, cujo nome não quis o Poeta aqui dizer para excitar a curiosidade do leitor. (4) «Defunto», extinto; fig., desaparecido da memória dos homens. (5) «Trato humano», convivência, sociedade humana. (6) À moda grega representada no vestuário; porque Luso era oriundo da Grécia, o país mais civilizado na época em que viveu. (7) O ramo de fôlhas de hera e de videira — divisa ou insígnia de Baco, e também de Luso, que se supunha ser seu filho e dileto companheiro; cfr. VIII, 4.

---

78 Um ramo na mão tinha... Mas oh cego!
Eu, que cometo insano e temerário,
Sem vós, Nimphas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tam árduo, longo e vário?
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar, com vento tam contrário,
Que, se não me ajudais, hei grande mêdo
Que o meu fraco batel se alague cedo.

O velho *tinha um ramo na mão* (1)... *Mas, ó cego,* que eu sou! e tam cego, *que, — sem vós, ninfas do Tejo e do Mondego —, cometo* [*tento entrar*] *— com insânia e temeridade — por caminho tam árduo,* tam *longo e* tam *vário* (2)! *Invoco o vosso favor, que* [*pois*] *navego por alto mar* (3), e *com vento tam contrário, que, se não me ajudais, hei grande mêdo, que o meu fraco batel se alague cedo.*

(1) O Poeta interrompe a narrativa com a famosa apóstrofe, em que invoca as Musas, para que o inspirem, dando-lhe o estro [que sente faltar-lhe, em razão das suas desditas] para, em verso, celebrar condignamente os heroísmos dos portugueses pintados no quadro que o Catual estava observando. (2) «Cometo, etc.»; empreendo o cometimento de entrar, louca e temeráriamente, em caminho [assunto] tam vasto e tam nobre; em I, 4, já o Poeta invocara as ninfas do Tejo, como se falasse de Lisboa, onde havia tido amores; aqui refere-se também a

Coimbra, — a cidade atravessada pelo rio Mondego, e na qual era a universidade em que o Poeta estudara —; «ninfas» aqui tem dupla significação: «as damas de Coimbra», e «musas». A inspiração, que esperava, procederia da sublimidade do assunto, e não de favores dos principes ou da Sociedade, dos quais só recebera agravos. (3) «Mar alto», fig., assunto elevado; e, para ser celebrado convenientemente em verso heróico, era necessário grande eloqüência, talento, inspiração; por metáfora o Poeta chama batel ao seu espírito; e muito contrária às suas desditas, — a inveja dos zoilos, a maledicência e perseguição dos inimigos —; receia que o batel vá naufragar, que o espírito lhe faleça.

Sôbre a locução «cometer caminho»: cfr. I, 27; VI, 14; VII, 30.

---

79 Olhai, que há tanto tempo que cantando
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo e novos danos,
Agora o mar, agora esprimentando
Os perigos mavórcios inhumanos,
Qual Canace, que á morte se condena,
Nũa mão sempre a espada e noutra a pena;

Olhai, ó ninfas! *que há tanto* [*muito*] *tempo*, — *cantando* eu *o vosso Tejo e os vossos lusitanos* —, *a fortuna me traz peregrinando* e *vendo novos trabalhos e novos danos* (1): *agora* [*umas vezes*] *experimentando o mar* (2), *agora* [*outras vezes*] experimentando *os inumanos perigos mavórcios* (3); sou *qual* [*semelhante a*] *Canace* (4), *que à morte se condenou* (5), trazendo *sempre numa mão a espada, e na outra a pena*.

(1) «Ha tanto tempo, etc.»; o Poeta, havia anos, que empregava muitas horas no estudo da história pátria, escrevendo esta epopeia, e ao mesmo tempo padecendo re-

veses da fortuna; cfr. I, 4, e *Rimas*, ode 3.ª: «O rudo canto meu, etc.». (2) «Experimentando, etc.»; passando pelos perigos de tormentosas viagens. (3) Adjectivo de Marte, fig., bélicos; os perigos da guerra. (4) Personagem da fábula que, nos poemas de Ovídio [poeta latino], se descreve com uma pena na mão direita, escrevendo uma carta ao irmão a dizer que vai matar-se, e que tem na outra mão o ferro com que vai acabar a vida. O Poeta compara-se com a fabulosa Canace, porque durante a sua vida se ocupou em manejar a pena e as armas. (5) «Se condena», pode significar «é condenada» ou «condena-se a si própria»; porque, realmente, ela suicidou-se por ordem do pai Éolo, que lhe mandou para êsse fim uma espada, — condenação imposta por causa dos amores incestuosos dela com seu irmão Macareu.

Note-se o segundo «que», pleonástico, no verso 1.

---

80 Agora com pobreza avorrecida,
Por hospícios alheios degradado;
Agora da esperança já adquirida,
De novo mais que nunca derribado;
Agora ás costas escapando a vida,
Que d'um fio pendia tam delgado
Que não menos milagre foi salvar-se
Que pera o Rei judaico acrecentar-se.

Agora [*umas vezes*] a fortuna traz-me *degradado por hospícios alheios* (1) e *com pobreza aborrecida* (2), *agora* [*outras vezes*] traz-me *de novo*, e *mais* do *que nunca, derribado da esperança já adquirida; agora* [*outras vezes*] traz-me *escapando* com *a vida às costas* (3) —, *que* [*a qual*] *pendia de um fio* (4) *tam delgado, que* o *salvar-se* [*ser salva*] *não foi menos milagre,* do *que* o *acrescentar-se* [*ser acrescentada*] *para o rei judaico* (5).

(1) «Degradado, etc.»; desterrado em terras longínquas, e forçado pela necessidade a ser hospitalizado por

pessoas estranhas. (2) Aborrecidos são os pobres pelos que o não são; aborrecida é a vida para os pobres. (3) «A vida às costas»: pode entender-se que o Poeta passava a sua vida como quem transporta sôbre os ombros [às costas] um pêso superior às suas fôrças; pode ser uma alusão ao naufrágio, de que êle se salvou dificilmente a nado, levando às costas o manuscrito do seu poema, que era a essência da sua vida. (4) Reminiscência da espada de Dionísio, tirano de Siracusa [século IV A. C.], espada com aguçada ponta e pendurada por um cabelo sôbre a cabeça de Dâmocles, — o cortesão a quem o tirano quis demonstrar, por aquela alegoria, que a grandeza tinha perigos; Dâmocles era servido à mesa com honras iguais às de príncipe sob o perigo constante de ser morto, por quebrar-se o fio; pode também considerar-se haver aqui alusão às Parcas da fábula, que eram três divindades infernais em cujas mãos estava a vida humana: uma delas [Cloto] presidia ao nascimento, tinha uma roca, com os filamentos da vida humana; outra [Laquésis] tinha o fuso, produzia o fio; e a terceira [Átropos] cortava-o. (5) «Rei judaico»: Ezequias [século VII A. C.], rei da Judeia, fôra prevenido pelo profeta Isaías de que ia morrer, mas, rogando a Deus que lhe prolongasse a existência, viveu mais quinze anos, o que foi milagre; mas maior milagre foi salvar-se a vida do Poeta, quando ela estava «por um fio» na ocasião do naufrágio.

---

81 E ainda, Nimphas minhas, não bastava
Que tamanhas misérias me cercassem;
Senão que aquelles, que eu cantando andava,
Tal prémio de meus versos me tornassem:
A trôco dos descansos que esperava,
Das capellas de louro, que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me enventaram,
Com que em tam duro estado me deitaram.

Ó ninfas minhas! e não bastava (1) *que tamanhas misérias me cercassem, senão ainda* (2), *que aqueles que eu andava cantando* (3) *me tornassem* (4) *tal prémio dos meus versos: a trôco dos descansos*

(5) *que* eu *esperava*, e a trôco *de capelas* (6) *de louro que me honrassem, inventaram-me* [*para mim*] *trabalhos nunca usados* (7), *com que* [*com os quais*] *me deitaram em tam duro estado!*

(1) Não era suficiente, — subentendendo-se «para meu mal». (2) «Senão ainda», mas até [subentende-se] «era preciso para agravar êste mal, que...». (3) «Aqueles, etc.»; perífrase para designar os governadores da Índia, celebrados neste poema, e que foram perseguidores do Poeta. (4) O verbo transitivo: me dessem em troca. (5) «A trôco», em remuneração, para não ter mais necessidade de trabalhar. (6) Coroas, fig., louvores, veneras. (7) «Trabalhos, etc.»; alusão ao destêrro que lhe foi aplicado pelo governador da Índia, Francisco Barreto, [pena que não era usada, aplicada por costume] às culpas atribuídas ao Poeta.

---

82 Vêde, Nimphas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar com tais favores
A quem os faz cantando gloriosos!
Que exemplos a futuros escriptores,
Pera espertar engenhos curiosos,
Pera pôrem as cousas em memória,
Que merecerem ter eterna glória!

Vêde, ninfas, vêde *que engenhos* (1) *cria o vosso Tejo!* — engenhos *de senhores valorosos, que assim sabem, com tais favores* (2), *prezar a quem, cantando* (3), *os faz gloriosos!* Vêde *que exemplos, a* [*para*] *futuros escritores, para despertar neles engenho curioso* (4), e *para* êsses escritores *pôrem em memória* (5) *as cousas que merecerem ter eterna glória!*

(1) Talentos, empregado o vocábulo por ironia. (2) Empregado êste vocábulo por ironia. (3) Escrevendo um

poema. (4) Talento de indagadores [de factos históricos]. (5) «Pôrem em memória», escreverem livros de história.

Transparece a ironia em todos os versos: os favores com que os grandes da terra pagam aos homens de talento são os trabalhos com que os afligem; cfr. [além da estância precedente] v, 98: «Por isso, e não por falta de natura, não há também Vergílios nem Homeros»; mostra-se a incoerência dos heróis, não reconhecendo que, para sua glória, lhes conviria favorecer os homens de talento em vez de os oprimir.

---

83 Pois logo em tantos males é forçado
Que só vosso favor me não falleça,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diversos engrandeça!
Dai-m'o vós sós, que eu tenho já jurado,
Que não-no empregue em quem o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

Logo [*portanto*], *pois* [*visto que*], *em tantos males* (1) *é forçado* (2) *que só me não faleça* [*não me falte*] *o vosso favor* (3), — *principalmente aqui* (4), *que* [*pois*] *sou chegado onde engrandeço* (5) *diversos feitos* — , *dai-mo, vós sómente, que* [*pois*] *eu tenho já jurado, que não o empregue em quem o não mereça*, tenho jurado, que *nem por lisonja louve algum* varão *subido* [*poderoso*] (6), *sob pena de não ser agradecido* (7).

(1) «Tantos males», tanta adversidade; lutando com ela, o Poeta, espera que as ninfas lhe acudam, dando-lhe inspiração para celebrar devidamente as nobres acções dos portugueses ilustres. (2) Indispensável. (3) Fig., inspiração [das Musas]. (4) «Aqui», neste lugar do meu poema. (5) Elogio, louvo, exalto. (6) «Tenho jurado, etc.»; o Poeta não pede inspiração para escrever louvores de quem os não mereça, nem para lisonjear os poderosos [subidos];

vai cantar [no canto VIII] as façanhas dos portugueses desde o princípio da sua história. — Em semelhantes invocações: cfr. I, 4; III, 1; VIII, 10. (7) «Sob pena, etc.»; que o Poeta cometeria feia acção, não sendo agradecido às Musas, se, alcançando delas inspiração para cantar feitos gloriosos, fôsse empregá-la em exaltar os poderosos sem valor moral ou intelectual.

---

84 Nem creaes, Nimphas, não, que fama desse
A quem ao bem comum e do seu rei
Anteposer seu próprio interêsse,
Imigo da divina e humana lei!
Nenhum ambicioso, que quisesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercícios
Usar mais largamente de seus vícios;

Nem creais, ninfas, não, que eu *dê fama a quem* — sendo *inimigo da lei divina e humana* — *antepusesse* o *seu próprio interêsse ao bem comum, e* ao *do seu rei* (1). *Não cantarei nenhum ambicioso, que quisesse subir a grandes cargos só por* [*para*] *poder, com torpes exercícios* (2), *usar mais largamente dos seus vícios.*

(1) «Não creais, etc.»; não julgueis que eu seja capaz de louvar quem o não mereça. (2) Acções feias.

---

85 Nenhum que use de seu poder bastante
Pera servir o seu desejo feio,
E que, por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras que Proteio!
Nem, Camenas, tambem cuideis que cante
Quem, com hábito honesto e grave, veio,
Por contentar o rei, no officio novo
A despir e roubar o pobre povo.

Não louvarei *nenhum* homem, *que use do seu poder bastante* [*demasiadamente*[, *para servir aos seus feios desejos, e que, por comprazer ao vulgo errante, se mude* [*transforme*[*em mais figuras* do *que Próteo* (1); *nem cuideis também*, ó *Camenas* (2) [*Musas*], *que eu cante* [*louve*] *quem, com hábito* [*aparência*], *honesto e grave* (3), *venha a despir e roubar o pobre povo, para contentar ao rei, novo no ofício* (4)

(1) Próteo [cfr. I, 19; VI, 20, 36, etc.] recebera de Neptuno o dom de adivinhar; mas quando não queria responder às preguntas transformava-se; com êle se comparam os cortesãos, que, para agradarem aos príncipes, modificam a expressão do rosto ou ocultam o pensamento sob fingida máscara. (2) Epíteto das Musas, aplicado aqui às ninfas do Tejo, a quem o Poeta está invocando. (3) «Hábito, etc.»; literalmente vestuário [hábito externo] sério, de pessoa honesta; aparência de gravidade e austeridade. (4) «Despir o povo, etc.»; alusão aos validos dos reis novos e inexperientes — mostrando-se muito zelosos pelo poder rial, aconselhando-o a exercer tirania sôbre o povo.

---

86 Nem quem acha que é justo e que é dereito
Guardar-se a lei do rei severamente,
E não acha, que é justo e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente;
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões aprende e cuida que é prudente,
Pera taxar, com mão rapace e escassa,
Os trabalhos alheios, que não passa.

Nem louvarei *quem acha que é justo e que é direito* o *guardar-se a lei do rei severamente, e não acha que é justo e bom respeito que se pague o suor da gente servil* (1), *nem* cantarei *quem, sempre com*

pouco experto peito (2), *aprende razões, — e cuida que* isso *é prudente* —, *para, com mão rapace* (3) *e escassa* (4), *taxar* (5) *os trabalhos alheios, que não passa* [*não sofre*] (6).

(1) «Gente servil», os nervos, os trabalhadores assalariados. (2) «Pouco experto peito», fig., espírito pouco experiente. (3) Rapinante, próprio das aves da rapina. (4) Mesquinha, avara. (5) Avaliar. (6) «Trabalhos alheios»: cfr. a expressão usual «passar trabalhos»; quem não sabe exercer um ofício, não é competente para avaliar o trabalho dêsse ofício; quem não «passou» pelos trabalhos duma viagem tormentosa, não sabe avaliar a aflição que atormentou quem «passou» por ela.

---

87 Aquelles sós direi que aventuraram
Por seu Deus, por seu rei a amada vida,
Onde perdendo-a, em fama a dilataram,
Tam bem de suas obras merecida.
Apolo e as Musas, que me acompanharam,
Me dobrarão a fúria concedida,
Em quanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

Direi [*cantarei, exaltarei*] *sómente* (1) *aqueles* varões *que, pelo seu Deus* e *pelo seu rei, aventuraram* [*arriscaram*] *a amada vida* (2) em sitio *onde — perdendo-a — a dilataram em fama tam bem merecida de* [*pelas*] *suas obras. Apolo e as Musas que me acompanharem me dobrarão a fúria* (3) *concedida, emquanto eu, descansadamente, tomo alento por* [*para*] *tornar mais folgado ao trabalho* (4).

(1) «Sós» no texto; o adjectivo com função de advérbio: ùnicamente; cfr. est. 68 e 84. (2) «Amada vida»; todos amam a vida; os heróis não a arriscam por motivos

frívolos, mas expõem-na para justificada glória, e nesse caso, perdendo-a, ficam vivas as suas imagens e as suas acções na memória dos homens; cfr. I, 2; IV, 78; VII, 3; etc. (3) Inspiração de entusiasmo. (4) «Tomo alento, etc.»; adquiro fôrças para [no canto imediato] continuar o trabalho de imortalizar os heróis portugueses.

CANTO VIII

1 Na primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada,
Que por divisa um ramo na mão tinha,
A barba branca, longa e penteada.
«Quem era? e por que causa lhe convinha
A divisa, que tem na mão tomada?»
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sábio lhe interpreta:

O Catual (1) *detinha-se* (2) *na primeira figura, que vira estar pintada,—barba branca, longa e penteada—*, e *que tinha na mão um ramo, por divisa* (3): — *¿Quem era*, preguntou o Catual, *e por que causa* [*motivo*] *lhe convinha* (4) *a divisa que tinha na mão?*

Paulo da Gama, cuja voz discreta (5) *o mauritano sàbiamente lhe interpreta, responde:*

(1) Cfr. VII, 78; o Poeta continua a narrativa, que interrompeu [com a apóstrofe dirigida às Musas] sôbre as pinturas que, nas bandeiras, pendões ou estandartes, representavam grandes quadros históricos de Portugal. (2) Demorava a atenção. (3) Insígnia, sinal de autoridade [cfr. insígnia do marechal, o bastão; de bispo, o báculo, etc.]; a «barba branca, etc.», exprimindo a idea de que estava ali representado um ancião de aspecto venerável. (4) Lhe era apropriada. (5) Palavras discretas. (6)

«Sábio» = sàbiamente, com o saber, que tinha o mouro [Monçaide], da língua portuguesa e da língua indostânica, para bem servir de intérprete.

---

2 «Estas figuras todas que aparecem,
Bravos em vista, e feros nos aspeitos,
Mais bravos e mais feros se conhecem
Pela fama, nas obras e nos feitos.
Antigos são, mas inda resplandecem
Co nome entre os engenhos mais perfeitos.
Êste que vês é Luso, d'onde a fama
O nosso reino *Lusitânia* chama.

«*Todas estas figuras que aparecem* (**1**) de varões (**2**) *bravos na vista* [*no olhar*] *e feros* (**3**) *no aspecto conhecem-se* [*são conhecidas*] *pela fama, pelas obras e pelos feitos*, por serem de varões *ainda mais bravos e mais feros. São* homens *antigos* (**4**), *mas resplandecem ainda com o* [*pelo*] *nome entre os mais perfeitos engenhos* (**5**): *êste que vês é Luso, donde* [*de quem*] *a fama chama* [*dá o nome de*] *Lusitânia ao nosso reino* (**6**).

(**1**) Estamos vendo. (**2**) Subentende-se [na actual linguagem corrente] êste vocábulo ou outro semelhante, para evitar a singularidade da concordância que se nota nos versos 1-3, em que «figuras» se liga a «bravos» e «feros» [singularidade que todavia se encontra em antigos clássicos]. (**3**) Com olhos que denotam bravura, valentia e arrogância. (**4**) Existiram em tempo antigo. (**5**) «Resplandecem, etc.»; o nome de cada um dêles brilha, sobressai, é dos mais ilustres, entre os nomes dos mais completos talentos [bélicos]. (**6**) «Êste que vês, etc.»; essa figura em que o Catual demora a atenção é de Luso, de cujo nome veio o nome de Lusitânia; cfr. estância seguinte e I, 24; III, 21; VI, 30; etc.

---

3 «Foi filho e companheiro do Thebano,
Que tam diversas partes conquistou.
Parece vindo ter ao ninho hispano,
Seguindo as armas, que contino usou.
Do Douro e Guadiana o campo ufano,
Já dito Elísio, tanto o contentou
Que ali quis dar aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

«*Foi filho e companheiro* (1) *do tebano* (2) *que tam diversas partes* [*países*] *conquistou: parece ter vindo ao ninho hispânico* (3), *seguindo as armas que* de *contínuo* [*constantemente*] *usou* (4); *o campo ufano* [*fértil*] *do Douro e Guadiana contentou-o tanto,* — o campo *já dito* [*chamado*] *elísio* (5) —, *que ali quis* Luso *dar eterna sepultura aos já cansados ossos* (6), *e* dar *nome aos nossos* antepassados.

(1) O Poeta pôs em dúvida [III, 21] se Luso era filho ou simplesmente companheiro de Baco. (2) Epíteto de Baco, por ter nascido em Tebas, antiga cidade do Egipto. (3) «Ninho hispânico», território da «Hispânia» [nome antigo da península da qual fazia parte a Lusitânia]; «ninho», fig., o lugar em que Luso estabeleceu família. (4) «Seguindo as armas, etc.»; continuando em guerras de conquista, como sempre tinha andado. (5) «Campos elísios», eram a habitação fabulosa das almas virtuosas, o paraíso dos gregos e romanos; finge o Poeta que se daria essa denominação aos campos do Douro e Guadiana, que formavam a Lusitânia, em razão da beleza dêles. (6) O descanso eterno à sua vida de constantes trabalhos.

4 «O ramo, que lhe vês pera divisa,
O verde tyrso foi, de Baco usado,
O qual á nossa idade amostra e avisa
Que foi seu companheiro e filho amado.
Vês outro que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter tam longo mar arado,
Onde muros perpétuos edifica,
E templo a Palas, que em memória fica?

«*O ramo, que lhe vês para* [*por*] *divisa* (1), *foi o verde tirso* (2) *usado de* [*por*] *Baco; o qual* ramo *mostra e avisa* [*ensina*], *à nossa idade* (3), — *que* Luso *foi seu companheiro e filho amado. ¿ Vês outro* [*estás vendo outro varão*] *que, depois de ter arado* [*sulcado*] *tam longo mar* (4) *pisa a terra do Tejo* (5), *onde* [*na qual*] *edificou muros perpétuos* (6) *e* um *templo, que ficou em memória,* dedicado *a Palas* (7)

(1) Insignia; VII, nota 1. (2) O ramo de hera e fôlhas de vide [VII, 52]. (3) «Nossa idade», gente do nosso tempo. (4) Muita extensão de mar [«tam» em sentido absoluto = muito]. (5) Os últimos quatro versos são perífrase de «Ulisses»; vem expresso o nome na estância seguinte; era tradição [não confirmada, cfr. III, 57] que êsse herói grego [que viveu no século XVI A. C., e que se tornou afamado no cêrco de Tróia], fôra o fundador de Lisboa. (6) «Muros perpétuos» [hipérbole]; as muralhas de grande solidez, e que existiriam acaso há 400 anos. (7) Um dos nomes de Minerva, deusa da sabedoria e da guerra. Nos primeiros quatro versos da estância seguinte mais cousas se dizem de Ulisses.

Note-se que, em autores antigos [Isidoro, teólogo], encontra-se Ulissipona, o mesmo que Olisipo; em Plínio e Salústio, Olisipo [nom.] Olisiponem [ac.]; caindo a letra inicial e convertido em «b» o som do «p», ficaria Lissibona; cfr. no italiano, Lissabona; da semelhança de nome proviria a lenda; a edificação do templo dedicado a Pa-

las seria invenção poética, mas poderia ter existido no tempo em que os romanos ocuparam a Lusitânia; cfr. «casa santa», estância seguinte.

---

5 «Ulisses é, o que faz a sancta casa
Á deusa, que lhe dá língua facunda;
Que se lá na Ásia Tróia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.» —
«Quem será est'outro cá, que o campo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as águias nas bandeiras tem pintadas.»

«*Ulisses é o* herói *que fez a casa santa* (1) *dedicada à deusa* [*Minerva*] *que lhe deu facunda* (2) *língua; é* aquele *que, lá* (3) *na Ásia, abrasou* (4) a *insigne Tróia,* mas, *cá na Europa, fundou* a *ingente Lisboa* (5).

Diz o Catual:

«¿*Quem seria cá* (6) [*aqui*] *estoutro, com furibunda presença* (7) *e que arrasa de mortos o campo?* Vê-se que *tem desbaratado* (8) *grandes batalhas* [*batalhões*] (9), *tendo* estas, *nas bandeiras, as águias* romanas *pintadas* (10).

(1) «Casa santa», o templo dedicado a Palas; cfr. estância precedente. Faria e Sousa supõe, com João de Barros, que existira um templo em Chelas [subúrbio de Lisboa], de construção romana e dedicado a Vesta. (2) Eloqüente. (3) «Lá... cá...»; Paulo da Gama, a bordo do seu navio, teria no pensamento que estava em Portugal. (4) «Abrasou»: referência ao incêndio de Tróia, em que Ulisses foi um dos principais causadores. (5) Tradição de que fôra êle o fundador de Lisboa, 300 anos antes de Roma. (6) «Cá», o advérbio dá a entender que o gentio estava apontando na pintura para a figura que lhe inspirava curiosidade. Os últimos quatro versos são perífrase de Viriato,

cujo nome vem expresso na estância seguinte. (7) «Furibunda presença», aspecto impetuoso, no combate. (8) «Desbaratada», no texto [antiquado] o particípio concordando com o substantivo; cfr. *passim*. (9) Exércitos. (10) Nas bandeiras dos exércitos derrotados por Viriato estão pintadas as águias, o símbolo ou emblema do poder romano.

No verso 7, «batalhas», com o sentido de batalhões, esquadrões ou companhias de guerra, era vocábulo empregado pelos cronistas.

«A guerra de Tróia foi motivada pelo facto de os pre«tendentes gregos à mão de Helena levarem a mal que «esta preferisse o estrangeiro Páris, com quem casou. De«pois de uma porfiada luta, em que os gregos sofreram «maiores perdas do que os troianos, fez-se um tratado de «paz, pelo qual aqueles se obrigaram a não fazer guerra «à Ásia emquanto a geração de Príamo possuísse Frígia. «E, feito êste concêrto, os gregos, porque mal lhes suce«dera na guerra, levantaram discórdia entre êles, e cada «qual por diversos caminhos voltou para a sua pátria». [Dr. J. M. Rodrigues, *Fontes dos Lusíadas*, separata, p. 255]. Cfr. III, 57.

---

6 «Assi o gentio diz: (responde o Gama)
Êste que vês, pastor já foi de gado;
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais que no cajado.
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencíbil, afamado:
Não tem co' elle, não, nem ter puderam,
O primor que com Pirro já tiveram.

Assim lho *disse o Gentio: o Gama respondeu:* — *Êste que vês, foi já pastor de gado; sabemos que se chama Viriato* (**1**), e que foi *mais destro na lança do que no cajado* (**2**); *vencedor* e *invencível afamado, tem injuriado* (**3**) *a fama de Roma;* os romanos *não tiveram* para *com êle, não, nem puderam ter o primor* [*generosidade*] *que já haviam tido* para *com Pirro* (**4**).

(1) Chefe dos lusitanos revoltados contra o domínio dos romanos [cfr. III, 22], os quais venceu em várias batalhas. (2) «Mais destro, etc.»; mais hábil, mais temível com a lança de guerreiro, do que empunhando o cajado de pastor. (3) No texto «injuriada» [*passim*]; a perícia militar de Viriato ofuscara a glória dos romanos. (4) Rei do Epiro [século III A. C.]; foi célebre nas suas lutas contra os romanos; dois súbditos dêsse rei dirigiram-se a Fabrício, cônsul romano, oferecendo-se-lhe para envenenarem Pirro; mas Fabrício, que era de notória probidade, mandou êsses homens sob prisão à presença do rei do Epiro, avisando-o da traição que premeditavam; os romanos não tiveram igual generosidade com Viriato, porque traiçoeiramente o mandaram assassinar [140 A. C.]; cfr. estância seguinte.

---

7 «Com fôrça não, com manha vergonhosa
A vida lhe tiraram, que os espanta;
Que o grande apêrto, em gente inda que honrosa,
A's vezes leis magnânimas quebranta.
Outro está aqui que, contra a pátria irosa,
Degradado, com nosco se alevanta:
Escolheu bem com quem se alevantasse,
Pera que eternamente se illustrasse.

Os romanos *tiraram-lhe a vida* [*a Viriato*], *que os espantava* [*lhes incutia mêdo*], tiraram-lha, *não com a fôrça mas com vergonhosa manha* (1), *que* [*pois*] *o grande apêrto* (2), *às vezes, quebranta leis magnânimas* (3) *ainda que* seja *em gente honrosa* (4).
Aqui está outro varão, *que* (5), *degradado connosco* [*desterrado no nosso país*], *se levantou contra a pátria irosa*, e *escolheu bem com quem se levantasse* (6), *para se ilustrar eternamente* (7).

(1) Traição, perfídia; cfr. estância precedente. (2) O grande perigo. (3) «Leis magnânimas», as teorias, os

princípios, as regras da generosidade. (4) «Ainda que, etc.»; mesmo em gente de superior jerarquia. (5) «Outro, etc.»; os últimos quatro versos são perífrase de Sertório [nomeado afinal no último verso da estância seguinte] — o general romano que, revoltando-se contra o seu país, estabeleceu govêrno independente na Lusitânia, e que venceu, com as tropas lusitanas, outros generais romanos [Metelo e Pompeu]. (6) «Escolheu bem, etc.»; Sertório escolheu bons companheiros [os lusitanos] para se levantar [revoltar] [cfr. I, 26] contra Roma; aceitando a chefia que lhe ofereceram os lusitanos, alcançou Sertório tais vitórias, que o denominaram segundo Aníbal. (7) Note-se a locução conjuncional, em vez do modo infinito que se usa hoje.

---

8 «Vês? com nosco também vence as bandeiras
D'essas aves de Júpiter validas;
Que já naquelle tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas.
Olha tam sotis artes e maneiras
Pera adquirir os povos, tam fingidas;
A fatídica cerva que o avisa:
Elle é Sertório, e ella a sua divisa.

Vês? êsse varão *também connosco* [*em companhia dos lusitanos nossos antepassados*] *venceu as bandeiras dessas aves validas de Júpiter* (1); *que* [*pois*], *já naquele tempo, as mais guerreiras gentes souberam* [*puderam*] *ser vencidas de* [*por*] *nós* (2). *Olha* que *artes tam subtis e* que *maneiras tam fingidas* (3) *para adquirir* [*conquistar*] *os povos!* olha *a fatídica cerva que o avisa* (4): *êle é Sertório; e ela* [*a cerva*] *a sua divisa* (5).

(1) «Bandeiras dessas aves, etc.»; as bandeiras do exército romano nas quais estavam pintadas as águias — aves estimadas por êsse deus mitológico, que era costume ser representado com elas a seu lado. (2) «Soube-

ram, etc.»; os exércitos romanos tinham a certeza de ser vencidos pelos lusitanos quando com estes combatiam. (**3**) «Artes subtis, etc.»; alude-se às traições por meio das quais os romanos tiraram a vida a Viriato e a Sertório. (**4**) «Fatidica cerva», a corça encantada, que sempre acompanhava Sertório [I, 26], e por intermédio da qual fazia êle crer que adivinhava o futuro. (**5**) «Divisa», o emblema que, pintado, se via junto da figura de Sertório, para rememorar o facto a que se refere a nota precedente.

No verso 4 «souberam» = puderam; assim nos cronistas.

O «vês» do verso 1 [e *passim*] a par do «vê-lo» de VIII, 14^1, 16^5 e 20^1, etc., representa a transição do verbo para a partícula demonstrativa correspondente a «ei-lo» [= «havei-lo»], «eis» [«haveis»]. Dr. J. M. Rodrigues, *Fontes dos Lusíadas.*

---

9 «Olha est'outra bandeira, e vê pintado
O gram progenitor dos reis primeiros:
Nós Húngaro o fazemos, porém nado
Crem ser em Lotharíngia os estrangeiros.
Despois de ter cos Mouros superado
Galegos e Leoneses cavalleiros,
À casa sancta passa o sancto Henrique,
Porque o tronco dos reis se sanctifique.» —

Olha para *esta outra bandeira, e vê* aí *pintado o grande progenitor* (**1**) *dos primeiros reis* de Portugal; *nós,* portugueses, *o fazemos* [*supomos*] *húngaro*; *os estrangeiros, porêm, crêem ser* êle *nado* [*nascido*] *em Lotaríngia* (**2**); é *o santo* Conde *Henrique,* que, — *depois de ter superado* [*vencido*] os *cavaleiros mouros, galegos e leoneses* —, *passou à Casa Santa* (**3**), *por* [*para*] *que o tronco* (**4**) *dos reis portugueses se santificasse.* [Cfr. III, 25 e sgs., VIII, 9].

(1) Pai; os primeiros quatro versos são perífrase do «Conde D. Henrique», pai do primeiro rei de Portugal. (2) Cidade antigamente austríaca, que se identifica hoje com Lorena. (3) «Casa Santa», o templo de Jerusalém; III, 27. (4) O tronco da árvore da geração [linguagem convencional da genealogia]; repetição da idea expressa por outras palavras no verso 2.

---

10 «Quem é, me dize, est'outro que me espanta,
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos esquadrões, que gente tanta,
Com tam pouca, tem roto e destroçado?
Tantos muros aspérrimos quebranta,
Tantas batalhas dá, nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes
A seus pés derribadas, e estandartes!» —

— «*Dize-me: ¿quem é — preguntou o Malabar* (1) *maravilhado — êste outro que me espanta* (2), *e que tem com tam pouca* gente *rompido* [*desbaratado*] *e destroçado tantos esquadrões, tanta gente? Nunca* parece *cansado, quebranta tantos muros aspérrimos* (3), *dá tantas batalhas,* e *tem, a seus pés, derribadas tantas coroas e estandartes* (4), *por tanta parte!*

(1) Nome patronímico do Catual. (2) «Me espanta», me causa extraordinária admiração; cfr. III, 28, 43, 80, etc.; toda a estância é perífrase de Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, — nomeado na estância seguinte. (3) «Quebranta, etc.»; conquista tantos castelos; «tantas coroas, etc.»; trazem-se à memória as trinta batalhas que venceu Afonso Henriques, destroçando as tropas de vários reis mouros, e vendo abatidas diante de si igual número de bandeiras inimigas.

---

11 «Êste é o primeiro Affonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma;
Por quem no estígio lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma.
Êste é aquelle zeloso, a quem Deus ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Pera quem de seu reino abaixa os muros,
Nada deixando já pera os futuros.

«*Êste — disse o Gama* (1) — *é Afonso primeiro* (2), *que tomou todo o Portugal aos mouros, e por quem* [*por amor de quem*] *a Fama* (3) *jura, no lago Estígio* (4), *de não celebrar mais nenhum Romano: êste* Afonso *é aquele zeloso* (5) rei *a quem Deus ama, e* que *com o braço de Deus doma o inimigo mouro, e para quem* (6) o mouro *abaixa os muros do seu reino* [*do reino mourisco*], *nada deixando já para os futuros* (7).

(1) Paulo da Gama, continuando a explicar os quadros históricos. (2) Primeiro rei de Portugal, e primeiro do nome Afonso. (3) A deusa mitológica, aqui personificada pela imaginação do Poeta. (4) Cfr. IV, 40: era irrevogável o juramento dos deuses mitológicos, quando juravam pelo lago Estígio, o lago do Inferno; depois dos actos heróicos praticados por Afonso Henriques, ficavam a perder de vista os dos antigos romanos, por isso havia jurado que nunca mais apregoaria os feitos de nenhum romano. (5) «Zeloso», solícito na defesa da fé cristã; I, 18. (6) «Para quem»; Afonso Henriques auxiliado pelo braço de Deus abate todas as muralhas das fortalezas mouriscas existentes no condado de Portugal [o reino dos Algarves foi conquistado depois por Afonso III], não deixando no condado território algum por ocupar; os mouros território algum ali deixaram para os seus futuros [descendentes]. Por isso a palavra «Portugal», no verso 2, está em sentido restrito e por contraposição ao Algarve.

12 «Se César, se Alexandre rei, tiveram
Tam pequeno poder, tam pouca gente,
Contra tantos imigos quantos eram
Os que desbaratava êste excellente,
Não creas que seus nomes se estenderam
Com glórias imortais tam largamente.
Mas deixa os feitos seus inexplicáveis,
Vê que os de seus vassalos são notáveis!

Se Júlio *César* (1), e *se* o *rei Alexandre* Magno (2), *tivessem* (3) *tam pequeno poder* [*exército*] e *tam pouca gente contra tantos inimigos, quantos eram os que desbaratava êste excelente* Afonso, *não creias que* os *seus nomes se estendessem* [*se tornassem conhecidos*] *com glórias imortais tam largamente* (4). *Mas deixa os seus inexplicáveis feitos; vê, que os dos seus vassalos são notáveis* (5).

(1) General romano [I, 13], conquistador da Gália [século I A. C.]. (2) Rei da Macedónia [356-323 A. C.], conquistador [I, 3] da Grécia, Pérsia, Egipto, etc. (3) «Tiveram». Os clássicos empregavam freqüentemente na linguagem condicional as formas verbais em «ra». (4) «Tam pequeno poder, etc.»; aqueles generais, se dispusessem de tam pequenas fôrças militares, — como eram as fôrças de Afonso —, não teriam alcançado tanta glória [não teriam ficado vitoriosos, mas vencidos]. (5) «Mas deixa, etc.»; não nos demoremos mais a falar de Afonso Henriques, para termos tempo de ver os outros quadros em que estão representados os feitos de vassalos do rei português.

13 « Êste, que vês olhar com gesto irado
Pera o rompido alumno, mal sofrido
Dizendo-lhe que o exército espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido;
Torna o moço, do velho acompanhado
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz se chama o forte velho,
Pera leais vassalos claro espelho.

Êste ancião *mal sofrido* (1) *que vês olhar com gesto irado para o rompido* (2) *aluno* (3), está-*lhe dizendo: que recolha* [*reúna*] *o* seu *exército* já *espalhado* (4), *e* que *defendido* [*defendendo-se*] *torne* (5) *ao* [*para o*] *campo: o moço torna, acompanhado do velho, que o torna, de vencido,* em *vencedor: o forte velho chama-se Egas Moniz; é claro espelho* (6) *para liais vassalos.*

(1) «Mal sofrido», impaciente [o ancião é Egas Moniz]. (2) Destroçado, vencido. (3) Discípulo [ou pupilo]; é Afonso Henriques, ainda príncipe, de quem Egas Moniz fôra aio e mestre; na Batalha de S. Mamede [próximo de Guimarães], o príncipe vinha batendo em retirada com o exército em debandada; Egas Moniz incitou-o para que reùnisse as suas tropas e volvesse ao campo; o príncipe obedece e fica vitorioso; cfr. III, 34. (4) Disperso. (5) Note-se a repetição do verbo, nos versos 4 e 5 como intransitivo, e no verso 6 como transitivo e com diversa significação. (6) «Claro espelho»; brilhante exemplo.

Compare-se a forma «rompido», no verso 2, com a forma «roto» em III, 53 e VIII, 24. «Romper» no sentido de desbaratar encontra-se nos cronistas, que também usaram as locuções «romper a promessa», «romper o propósito».

Divergem as opiniões se «defendido» se refere a «campo» ou a «aluno»; pode referir-se a «campo», dando ao particípio a significação de «proibido» [em outros lugares empregado pelo Poeta]; cfr. I, 86 [defender a água desejada]; VIII, 84 [«lho defende o regedor»].

Compare, no verso 3, «recolher o exército», e III, 49 «recolhe o fato».

---

14 «Vê-lo cá vai cos filhos a entregar-se.
A corda ao colo, nu de seda e pano,
Porque não quis o moço sogeitar-se,
Como elle prometera ao Castelhano.
Fez com siso e promessas levantar-se
O cêrco, que já estava soberano;
Os filhos e molher obriga á pena;
Pera que o senhor salve, a si condena.

Vê-o! cá vai Egas Moniz *com os filhos entregar-se* em Castela (1), *levando ao colo* [*pescoço*] *a corda* para ser enforcado; vai *nu* [*despido*] *de sêda e pano* (2), *porque* Afonso, *o moço* príncipe, *não tinha querido sujeitar-se ao* rei *castelhano, como êle* Egas *prometera. Com siso* (3) [*com ajuìzadas palavras*], *e* com *promessas*, Egas *tinha feito* [*conseguido*] *levantar-se* [*ser levantado*] *o cêrco, que estava já soberano* (4) [*apertadíssimo*], em Guimarães. Agora *obrigava os filhos e* a *mulher à* mesma *pena* (5), que êle houvesse de sofrer; e *para salvar o* seu *senhor* [*o príncipe*], *condenou-se a si próprio* (6).

(1) Cfr. III, 34 e sgs.; os primeiros dois versos descrevem Egas Moniz oferecendo-se para receber do rei Castelhano o castigo por se ter faltado ao cumprimento da promessa, por êle feita em nome do seu pupilo [Afonso Henriques], de que não lhe faria nova guerra, se fôsse levantado o cêrco de Guimarães. (2) «Nu de sêda, etc.»; sem vestuário de sêda ou de lã [pano com a significação de vestido de lã]; coberto simplesmente com a alva dos condenados. Faria e Sousa conta que, no mosteiro de Paço de Sousa [entre Douro e Mondego], estava o jazigo de Egas Moniz, representando em baixo relêvo as figuras dêle e da família, como o Poeta as descreve. (3) Pru-

dência [literalmente]. (4) Sôbre as diversas significações dêste vocábulo, cfr. VII, 14; X, 5 e *passim*; aqui entende-se que o cêrco era tam apertado que se tornava impossível qualquer resistência, que era iminente a vitória dos sitiantes. (5) Obriga os filhos à mesma pena, que a si impusera: a de pagar com a vida de toda a sua família a falta de cumprimento da promessa. (6) Para salvar a honra do pupilo, sujeita-se o aio àquele sacrifício.

No verso 1, «vê-lo»; cfr. est. 8, nota final.

---

15 «Não fez o cônsul tanto, que cercado
Foi nas forcas caudinas, de ignorante,
Quando a passar por baixo foi forçado
Do samnítico jugo triumphante.
Êste, pelo seu povo injuriado,
A si se entrega só, firme e constante;
Est'outro a si e os filhos naturais,
E a consorte sem culpa, que doe mais.

Tanto não fez o cônsul Postúmio, *que, de ignorante* [*por ignorância*], *foi cercado nas Forcas Caudinas, e que foi forçado a passar* aí *por baixo do jugo Samnítico triunfante. Êste* cônsul *injuriado pelo seu povo, entregou-se só a si, firme e constante* (1); *êste outro* [*Egas*] entregou-se *a si, os filhos naturais* (2) *e a consorte sem culpa, o que dói mais.*

(1) «Tanto não fez, etc.»: o cônsul romano Postúmio [321 A. C.], comandando um exército contra o general Samnito Pontius Herennius, foi iludido [«ignorante»] pela estratégia dêste, e encontrou-se em um desfiladeiro em Caudium [anteriormente Samnium] cercado por modo tal, que era impossível resistir; e, para livrar da morte as suas tropas, sujeitou-se a passar com elas pelas «forcas» ou «jugos» ali armados; os quais consistiam em duas lanças cravadas no chão [pelo conto] tendo atravessada uma outra em sentido horizontal — os vencidos eram obrigados a passar por baixo, quási completamente despidos e manietados. Ao desfiladeiro chamavam os romanos *Caudinae*

fauces [fauces, gargantas] e aos jugos — por semelhantes aos forcados, que se aplicavam por castigo a escravos — chamavam «forcas» [*furculae, furcae*]. No verso 2 a palavra «forcas» está figuradamente significando «desfiladeiros». A expressão «passar pelas forcas Caudinas» tornou-se vulgar, para dar idea de qualquer concessão humilhante, imposta a vencidos; IV, 18. «Samnium» era uma região da Itália antiga, a leste de Latium e de Campânia e a oeste do Adriático, habitada pelos Samnitos e outras tribos belicosas que sustentaram contra Roma duradouras guerras. O exército mostrou-se indignado, e «injuriou» o cônsul Postúmio, por ter aceitado aquela condição deprimente. No verso 1, diz o Poeta que Postúmio não fez tanto como Egas Moniz, porque o cônsul, para salvar da morte os seus soldados, expôs-se à humilhação imposta pelos samnitas e às injúrias do povo romano, mas foi sòmente êle; não expôs a família a tais injúrias; Egas fez mais, porque, para salvar a honra do príncipe, expôs não sòmente a própria vida, mas também a vida dos filhos e da espôsa, que não tinham culpa na falta do cumprimento da promessa ao rei castelhano. (2) «Os filhos naturais», expressão pleonástica como se dissesse os próprios filhos; essa expressão não tem aqui o significado [usado em jurisprudência] de filhos de pessoas não casadas; cfr. I, 77; VI, 45; VIII, 41, etc.

---

16 «Vês êste que saindo da cilada
Dá sôbre o rei, que cerca a villa forte?
Já o rei tem preso, e a villa descercada:
Illustre feito, digno de Mavorte!
Vê-lo cá vai pintado nesta armada,
No mar tanbém aos Mouros dando a morte,
Tomando-lhe as galés, levando a glória
Da primeira marítima victória.

¿Vês êste (1), *que, saindo da cilada* (2), *dá sôbre* (3) *o rei* mouro (4), *que cerca a forte vila* (5)? *já tem preso o rei, e* já tem *descercada a vila: ilustre feito, digno de Mavorte* (6)! *Vê-o: cá vai pintado*

nesta armada, dando a morte aos mouros também no mar, tomando-lhes as galés e com estas *elevando* [*alcançando*] *a glória da primeira vitória marítima* portuguesa (7).

(1) É Fuas Roupinho [I, 12], nomeado na estância seguinte. (2) Esconderijo; o lugar oculto donde o cavaleiro fez a sortida contra os sitiantes. (3) «Dá sôbre...», acomete, ataca. (4) Chamava-se Gomi. (5) A vila de Pôrto de Mós que, tendo sido tomada aos mouros, estava por estes cercada. (6) «Feito digno, etc.»; acção mavórtica [do genitivo latino de Marte], acto heróico qual teria sido praticado pelo próprio deus da guerra. (7) «Vitória marítima», alude-se à tradição, segundo a qual Fuas Roupinho destruíra uma esquadra mourisca nas proximidades do Cabo Espichel; mas só está averiguado que êle, em tempo de Afonso Henriques, estando cercado pelos mouros em Pôrto de Mós, fez uma sortida com as suas tropas, pondo em debandada o inimigo, e aprisionando o rei mouro; e mais tarde, que lutou no mar contra nove galés mouriscas, conseguindo aniquilá-las; indo dar outra batalha marítima no estreito de Gibraltar; cfr. a estância seguinte.

---

17 «É Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar resplandece juntamente,
Co fogo que acendeu junto da serra
De Abila, nas galés da maura gente.
Olha como em tam justa e sancta guerra,
De acabar pelejando está contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triunfando nos ceos, com justa palma.

Êsse cavaleiro *é D. Fuas Roupinho, que resplandece na terra e juntamente* [*igualmente*] *no mar, com o fogo que acendeu* [*o furor que despertou*], *junto da serra de Ábila* (1), *nas galés da maura gente. Olha,* como êle *está contente de acabar* [*morrer*] *pele-*

jando em tam justa e santa guerra! Acabou *das* [*pelas*] *mãos dos mouros, e a sua alma feliz* (2) *entrou nos céus com justa palma triunfante!*

(1) No estreito de Gibraltrar estão: do lado de Espanha o monte Calpe [Gibraltar], do lado de África o monte Ábila [Ceuta]; foi dêste lado a batalha maritima em que se dizia ter Fuas Roupinho ficado vencedor; tempos depois voltaram estes a combater contra Fuas Roupinho, ficando vencedores e matando o cavaleiro português [últimos quatro versos]; mas, porque era santa a causa do combate contra os infiéis, diz o Poeta que a alma do guerreiro entrou nos céus feliz e, justamente, triunfante; cfr. x, 31, sôbre a morte de D. Lourenço. (2) No texto «felice», latinismo.

No texto, verso 4, pronuncia-se Abíla.

No verso 3, diz o Poeta que Fuas Roupinho incendiou as galés dos mouros: a crónica expressa-se de outro modo: «Os portugueses, com D. Fuas por almirante, foram sôbre o pôrto de Ceuta, onde acharam frotas de outros navios de mouros e tomaram-nas. E, depois de estarem aí dois dias diante de Ceuta, voltaram para Lisboa, trazendo consigo os navios tomados». Desta narrativa se conclui que as palavras «fogo que acendeu», no verso 3, tem sentido figurado; cfr. «o mar fervendo aceso com os incêndios», I, 54.

---

18 «Não vês um ajuntamento, de estrangeiro
Trajo, sair da grande armada nova,
Que ajuda a combater o rei primeiro
Lisboa, de si dando santa prova?
Olha Henrique, famoso cavalleiro,
A palma que lhe nasce junto á cova:
Por elles mostra Deus milagre visto;
Germanos são os mártyres de Christo.

Não vês um ajuntamento de homens *de estrangeiro trajo sair da nova* e *grande armada* [*frota*], *que ajuda o primeiro rei a combater Lisboa*

(1), *dando santa prova* (2) *de si? Olha Henrique* Bon, *famoso cavaleiro*, olha *a palma que lhe nasce junto à cova* (3): *por êles* (4) *mostra Deus o milagre visto* da conquista de Lisboa; *os mártires de Cristo são germanos* [*irmãos no martírio, no sepulcro e na glória eterna*].

As crónicas afirmaram que os cruzados «*vinham guerrear* [*por serviço de Deus*] *contra os mouros, inimigos da Santa fé*» (5).

(1) Cfr. III, 57 e sgs.; estando Afonso, o primeiro rei de Portugal, em Sintra, descobriram-se dali alguns navios, que depois se soube serem ingleses, alemães e de outras nações, os quais formavam uma expedição cristã, destinada a combater contra o Oriente muçulmano; foram as tropas, que formavam essa cruzada, que auxiliaram Afonso Henriques na conquista de Lisboa, que estava em poder dos mouros. (2) Nesse auxílio, os cruzados deram [«prova santa»] demonstração do seu catolicismo. (3) Cavaleiro alemão; um dos cruzados que morreu combatendo com tanto fervor religioso, que foi canonizado e tido por mártir; por tradição constava que, junto da sua sepultura em Lisboa, nascera uma palmeira, o que se considerou milagre. (4) «Êles», colectivo referente a Henriqae Bon e outros alemães e ingleses, que pela mesma ocasião morreram em defesa do Cristianismo. (5) Cfr. III, 27, 86 e notas sôbre as cruzadas. Os cruzados nesta expedição eram franceses, ingleses e alemães.

---

19 «Um sacerdote vê brandindo a espada
Contra Arronches que toma, por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enresta a lança.
É Teotónio, prior. Mas vê cercada
Sanctarém, e verás a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueu das quinas a bandeira.

Vê, naquele quadro está *um sacerdote brandindo a espada que toma contra Arronches* (**1**), — *por vingança de Leiria, que dantes fôra tomada por quem enristava a lança por* [*em nome de*] *Mafamede* (**2**): *é o prior Teotónio* (**3**); *mas vê*, ali *está Santarêm* (**4**) *cercada, e verás nos muros a segurança* (**5**) *da primeira figura que, subindo* por êles, *ergueu* lá *a bandeira das quinas* (**6**).

(**1**) Nos primeiros quatro versos, Paulo da Gama chama a atenção para a pintura que representa um combate de tropas comandadas por Teotónio, prior de Santa Cruz de Coimbra, contra os mouros de Arronches [povoação do Alentejo]. (**2**) «Por vingança, etc.»; em desforra da cidade de Leiria, que, depois de conquistada pelos portugueses, fôra novamente tomada pelos mouros — os quais empunhavam as lanças como sectários que eram de Mafoma. (**3**) Veja-se a nota primeira: Teotónio estava habituado a defender com as armas na mão os bens da Igreja, e combateu ao lado de Afonso Henriques na tomada dessa vila de Arronches. (**4**) Hoje cidade, [então vila] na margem direita do Tejo; estava em poder dos mouros e cercada pelos portugueses. (**5**) Firmeza. (**6**) «Primeira figura, etc.»; na estância seguinte se diz o nome desta figura que é Mem Moniz, filho de Egas Moniz, e porta-estandarte das tropas portuguesas, que audaciosamente escalou a muralha de Santarêm, e lá foi arvorar a bandeira de Portugal [III, 5. Scalabicastro]. A pintura ideada pelo Poeta representa as muralhas de Santarêm no acto de serem assaltadas pelos portugueses. A descrição dêste quadro conclui-se na estância seguinte.

20 « Vê-lo cá donde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandália em fera guerra;
Os inimigos rompendo, o alférez mata,
E hispálico pendão derriba em terra!
Mem Moniz é, que em si o valor retrata
Que o sepulchro do pai cos ossos cerra,
Digno d'estas bandeiras, pois sem falta
A contrária derriba, e a sua exalta.

Vê-lo, cá está essa figura *onde* (1) *Sancho desbarata os mouros de Vandália* [*Andaluzia*] *em fera* (2) *guerra; rompendo* (3) *os inimigos, mata o alferes* (4) mouro, *e derriba em terra o pendão hispálico* (5). O homem representado nessa figura *é Mem Moniz* (6), *que em si retrata* (7) *o valor, do pai* — valor *que o sepulcro cerra* [*acaba*] com *os ossos. Digno* é *destas bandeiras, pois, sem falta* [*infalivelmente*], *derriba a* bandeira *contrária* [*inimiga*] *e exalta a sua* (8).

(1) « Donde », no texto em vez de « onde »; é frequente também a troca em contrário; aqui empregar-se-ia esta forma para se evitar o hiato. (2) Cruel [por haver muitos mortos e feridos]. (3) Desbaratando, dispersando. (4) Porta-bandeira. (5) A bandeira dos sevilhanos; « Hispalo » era o nome dum dos antigos reis mouros de Sevilha [a capital da Andaluzia, chamada antigamente Vandália]; os primeiros quatro versos aludem ao princípe D. Sancho quando, por ordem de seu pai [D. Afonso Henriques], deu batalha aos mouros em Sevilha. (6) Filho de Egas Moniz; cfr. VIII, 13 e sgs. (7) « Em si retrata, etc. »; o sentido é êste: Mem Moniz é o vivo retrato de seu pai na coragem, a qual só acaba no sepulcro quando para lá vão os ossos. (8) « Digno, etc. »; digno, porque naqueles pendões de quadros históricos só se representavam as figuras de verdadeiros heróis.

21 «Olha aquelle, que dece pela lança,
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas e ousadias.
Ella por armas toma a semelhança
Do cavalleiro que as cabeças frias
Na mão levava: feito nunca feito!
Giraldo Sem-pavor é o forte peito!

Olha aquele (1) cavaleiro, *que, com as duas cabeças dos vigias* (2), *desce pela lança* (3). Olha o sítio *onde esconde a cilada* (4) *com que* êle *alcançou* (5) *a cidade* de Évora, *por* meio de *manhas e ousadias* (6). *Ela toma por armas* (7) *a semelhança* [*figura*] *do cavaleiro, que levava na mão as cabeças frias* (8): *feito nunca feito* (9)! *o forte peito é Geraldo Sem-pavor* (10).

(1) É Geraldo Sem-Pavor, cujo nome se conhece pela perífrase dos primeiros quatro versos, e vem expresso no último; êsse cavaleiro português andava foragido por crimes que praticara; mas, arrependido e reconciliado com Deus e com o rei, concebeu o projecto de conquistar a cidade de Évora, que estava em poder dos mouros. A crónica refere êste caso, acontecido no ano de 1166, pela seguinte forma; pouco mais ou menos:

Évora está situada em uma planície eminente e descoberta, por modo que de nenhuma parte se lhe podia esconder uma cilada senão por detrás do Outeiro de S. Bento. Para obviar a isto, os mouros, que estavam de posse da cidade, fizeram ali uma tôrre, onde tinham atalaia permanente, que se entendia, por meio de luzes e sinais, com as atalaias da cidade. Giraldo resolveu, antes de tudo, tomar essa atalaia. E, sabendo que estavam lá sòmente um mouro e sua filha, partiu de noite, em grande segrêdo, levando em companhia alguns cavaleiros; com êles foi esconder-se detrás do outeiro, ordenando-lhes que estivessem prontos a acudir à sua chamada, a um sinal convencionado; e dirigiu-se, êle só, para o pé da tôrre levando estacas feitas

da hástea duma lança, que meteu pelos buracos das paredes, para subir até a janela [doutro modo não podia lá chegar, pois não se subia senão com escada lançada de cima]. E para poder enganar a vista de quem velasse, durante o caminho cobrira-se com ramos de árvores. Desembaraçando-se dêstes ramos, subiu pelas estacas. Era alta noite. A filha do mouro estava à janela, mas adormecida. O cavaleiro atirou com a moça abaixo da tôrre, e entrando nesta cortou a cabeça ao mouro que também dormia. Descendo pela mesma forma que subira, pelas estacas, cortou também a cabeça da moça, e com as duas cabeças dirigiu-se para onde estavam os companheiros; com êles voltou para a tôrre, onde, sendo madrugada, acenderam lume para alarmar as atalaias da cidade, dando a entender que nas proximidades passavam cristãos. Daí resultou alvorôço e abriram-se as portas da cidade para sair gente, mas ao mesmo tempo por elas entrou Geraldo e os seus, sem os porteiros e vigias darem por tal, senão quando foram atacados.

Camões supõe Paulo da Gama acompanhando com gestos a explicação que está dando ao Catual, — apontando para um quadro que representa Giraldo a descer pela lança; e outro quadro representando o sítio onde está a cilada. (2) A cabeça do mouro e da filha. (3) «A lança», entende-se naturalmente, a lança partida em pedaços metidos na parede para servirem de escada. (4) «Cilada», aqui, significa o sítio onde está a gente escondida, e também a própria gente, que vai acometer a cidade. (5) Conquista, assalto. (6) Artifícios e actos heróicos. (7) A cidade de Évora tomou por brasão a figura dum cavaleiro levando, em uma das mãos, duas cabeças de mouros, e na outra uma lança. (8) «Frias», fig., sem vida. (9) Proeza semelhante nunca se praticou. (10) «Forte peito» [cfr. I, 33, «fortes corações»], a valentia, intrepidez; o valente e intrépido cavaleiro representado nesta figura é Geraldo Sem-Pavor.

22 «Não vês um Castelhano, que agravado
De Affonso nono rei, pelo ódio antigo
Dos de Lara, cos Mouros é deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes villa toma, acompanhado
Dos duros infiéis, que traz comsigo.
Mas vê que um Português com pouca gente
O desbarata, e o prende ousadamente.

¿Não vês um castelhano (1), *que,* tendo sido *agravado de* [*por*] *Afonso nono, rei* de Espanha, *pelo* [*por causa do*] *ódio antigo dos* Condes *de Lara, está deitado com* (2) *os mouros, fazendo-se inimigo de Portugal?* êsse castelhano *tomou a vila de Abrantes, acompanhado dos duros infiéis* [*dos intrépidos mouros*] *que traz consigo: mas vê, que um português, com pouca gente, o desbaratou e prendeu ousadamente.*

(1) Os primeiros seis versos são perifrase de Pedro Fernandes de Castro — cujo nome não vem aqui expresso, mas consta das crónicas; êsse fidalgo castelhano, por causa do ódio que lhe tinham os Condes de Lara, caiu no desagrado de Afonso IX, de Espanha, e despeitado passou-se para os mouros, e com estes veio a entrar hostilmente em Portugal tomando a vila de Abrantes, onde se fortificou; mas, em seguida, o cavaleiro português Martim Lopes [nome expresso no primeiro verso da estância seguinte] recuperou a vila e prendeu Fernandes de Castro.
(2) «Está deitado com...»; esta expressão familiar encontra-se nos cronistas, para significar «que uma pessoa segue o partido de outra»; aqui, pode ser equivalente essa expressão a esta outra também familiar e popular: «o castelhano anda com os mouros» — isto é, vive com êles, é amigo dêles.

*

23 «Martim Lopez se chama o cavalleiro,
Que d'estes levar pode a palma e o louro.
Mas olha um ecclesiástico guerreiro,
Que em lança de aço torna o bago de ouro:
Vê-lo entre os duvidosos tam inteiro
Em não negar batalha ao bravo Mouro;
Olha o sinal no ceo, que lhe aparece,
Com que nos poucos seus o esfôrço crece.

O cavaleiro que pôde levar [*alcançar*] *a palma e o louro* [*a vitória*] *dêstes* infiéis, *chama-se Martim Lopes* (**1**). *Mas olha,* vê ali *um guerreiro eclesiástico* (**2**), *que torna* [*converte*] *o bago de ouro em lança de aço* (**3**): *vê-o tam inteiro* (**4**), *entre os duvidosos* (**5**), *em não negar batalha ao bravo mouro: olha o sinal, que lhe aparece no céu* (**6**), e *com que o esfôrço* [*a coragem*] *cresce nos seus poucos* companheiros.

(**1**) «Levar a palma, etc.»; fig., colhêr a palma da vitória; vencer. (**2**) Cfr. III, 90; os seis últimos versos e os seis primeiros da estância seguinte são perífrase de D. Mateus, bispo de Lisboa, que, vestido de guerreiro e comandando tropas portuguesas, venceu uma grande batalha contra os mouros, no reinado de D. Afonso III, em Alcácer do Sal. Note-se que o cronista Rui de Pina induziu em êrro o Poeta atribuindo a tomada de Alcácer a D. Mateus. Êste governou a diocese alguns anos depois. O prelado que fez o cêrco e a conquista foi D. Soeiro Viegas. (**3**) «Torna o bago, etc.»; troca o báculo por uma rija lança; báculo = bordão, cajado de peregrino, insígnia dos bispos; com êste sentido foi o vocábulo «bago» empregado por outros clássicos. (**4**) Resoluto, firme. (**5**) Hesitantes. (**6**) A tradição de que, vendo-se o bispo em grande perigo, fez oração na presença das tropas; e logo por estas foi vista no céu a figura dum ancião com uma cruz vermelha no peito; e todos se prostraram, e cobrando ânimo atacaram resolutamente a praça de Alcácer do Sal, que se rendeu.

---

24 «Vês? vão os reis de Córdova e Sevilha
Rotos, cos outros dous, e não de espaço.
Rotos? mas antes mortos. Maravilha
Feita de Deus, que não de humano braço!
Vês? já a villa de Alcáçare se humilha,
Sem lhe valer defesa ou muro de aço,
A dom Matheus, o bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma ali coroa.

Vês? Naquela pintura, *os reis de Córdova e Sevilha vão rotos* (1), *com* [*mais*] *outros dois* (2), *e não de espaço* (3). *Rotos* [*desbaratados*]*? mas antes* [*mais do que isso*] *mortos. Maravilha feita de* [*por*] *Deus* (4), *que* [*pois*] *não* podia ser *por braço humano! Vês? A vila de Alcácer* (5) — *sem lhe valer defesa ou muro de aço* (6) —, *já se humilha a* [*perante*] *D. Mateus, o bispo de Lisboa* (7), *que* [*a quem*] *a coroa de palma ali coroou* (8).

(1) Destroçados. (2) Os reis de Badajoz e de Jaêm, que tinham ido socorrer os mouros de Alcácer. (3) «E não de espaço» = muito de vagar; [Dr. J. M. Rodrigues, *Fontes dos Lusíadas*]. (4) «Maravilha, etc.»; cfr. na estância precedente «sinal no céu». (5) A vila de Alcácer do Sal no Alentejo [o acrescentamento do «e» final no texto, por exigência métrica]. (6) As muralhas guarnecidas pelas lanças mouriscas. (7) Cfr. nota 2 da estância precedente. (8) Cinge-lhe a cabeça uma coroa de fôlhas de palmeira, — emblema da vitória.

Recitação do verso 5:

Vês já a | vil-la | d'Al-cá | cere | s'hu-mi | lha.
2 4 6 8 10

25 «Olha um Mestre, que dece de Castella,
Português de nação, como conquista
A terra dos Algarves, e já nella
Não acha quem por armas lhe resista.
Com manha, esfôrço e com benigna estrêlla
Villas, castellos toma á escala vista.
Vês Tavila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores?

Olha um mestre, português de nação (**1**); vê *como* êle *conquista a terra dos Algarves, e já não acha, nela, quem lhe resista por armas; com manha* (**2**) e *esfôrço e com benigna estrêla* (**3**), *toma vilas* e *castelos, à escala vista* (**4**). *¿ Vês Tavila* (**5**), *tomada aos moradores em vingança dos sete caçadores?*

(**1**) «Um mestre, etc.»; perifrase de D. Paio Correa, mestre da Ordem de S. Tiago de Castela [vem o nome na estância seguinte]; em 1222 estava Tavira [cidade do Algarve] ocupada pelos mouros; passando pelos arrabaldes sete portugueses, que andavam à caça, foram estes perseguidos pelos mouros; acudiu D. Paio Correa, e vendo mortos os caçadores, entrou com a sua gente em Tavira, onde fez grandes destroços para vingar a morte dêles. (**2**) Artifício, estratégia. (**3**) «Benigna estrêla», felicidade. (**4**) Escalada da fortaleza à vista dos defensores, e não ocultamente; não foi de noite, nem de surprêsa. (**5**) Antiga pronúncia popular de «Tavira»; assim escreveram os cronistas.

---

26 «Vês? com béllica astúcia ao Mouro ganha
Silves, que elle ganhou com fôrça ingente:
É dom Paio Correa, cuja manha
E grande esfôrço faz enveja á gente.
Mas não passes os três que em França e Hespanha
Se fazem conhecer perpétuamente
Em desafios, justas e torneos,
Nellas deixando públicos trofeos.

Vês? o mestre *ganha* (1), *com astúcia bélica* (2), *ao Mouro, Silves* (3), *que êle* [*o mouro*] *ganhara com fôrça ingente* (4): êsse português *é D. Paio Correa, cuja manha* (5) *e grande esfôrço* [*intrepidez*] *faz inveja à gente* (6). *Mas não passes* (7) *os três* cavaleiros, *que, em França e Espanha* (8) *se fazem conhecer perpètuamente em desafios, torneios* (9) *e justas* (10) *deixando nelas troféus públicos* (11).

(1) «Astúcia bélica», estratégia da guerra. (2) Conquista. (3) Cidade do Algarve. (4) Enorme. (5) Tática. (6) «À gente», a nós, aos nossos contemporâneos. (7) «Não passes», não deixes de demorar a tua atenção. (8) «Os três, etc.»; Gonçalo Ribeiro, nomeado na estância seguinte; Vasco Anes, irmão Colaço da rainha D. Maria de Castela [filha de D. Afonso IV, de Portugal]; e Fernando Martins, de Santarêm; todos três notáveis, como cavaleiros andantes, que, vitoriosos em vários torneios, tinham percorrido Espanha e França. (9) Jogos entre quadrilhas de cavaleiros imitando escaramuças de guerra. (10) Combate, a cavalo, de encontros de lanças. (11) «Troféus públicos», fig., vitórias presenciadas pelo público; na antiguidade consistiam os troféus em monumentos levantados, no lugar da vitória, em memória dos vencedores; os troféus eram, entre os tebanos, um cavalo de bronze; entre os gregos, ramos de árvores com despojos da batalha deixados pelos vencidos; cfr. I, 25; V, 93. — Os três cavaleiros são ainda celebrados na estância seguinte.

---

27 «Vê-los? co nome vem de aventureiros
A Castella, onde o preço sós levaram
Dos jogos de Belona verdadeiros,
Que com dano de alguns se exercitaram.
Vê mortos os soberbos cavalleiros
Que o principal dos três desafiaram,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
Que pode não temer lei letea. —

Vê-los? com o nome de aventureiros (1) *vem* de França (2) *a Castela, onde sós* [*só êles*] *levaram* [*alcançaram*] *o preço* [*o prémio*] *dos verdadeiros jogos de Belona* (3), — jogos *que se exercitaram* [*foram exercitados*] *com dano dalguns* combatentes. *Vê:* estão *mortos os soberbos* (4) *cavaleiros, que desafiaram o principal dos três* portugueses, *que se nomeava* [*era nomeado, chamado*] *Gonçalo Ribeiro, que não podia temer a lei Letea* (5).

(1) Cavaleiros andantes; cfr. nota 8 da estância precedente; o vocábulo «aventureiros» não tinha significação depreciativa; cfr. VII, 74. (2) Subentende-se pelo que se diz na estância precedente. (3) Deusa das batalhas; «verdadeiros jogos, etc.»; porque eram desafios em que se jogava realmente a vida, como nas batalhas. (4) Excelentes; eram valentes cavaleiros os castelhanos que desafiaram Gonçalo Ribeiro, e por êste foram mortos em desafio; em Castela, reinava Afonso XI, e em Portugal, Afonso II. (5) «Não pode temer, etc.»; Gonçalo Ribeiro sabia que o seu nome não seria «esquecido» pela história; «Letes» [I, 32], rio infernal da fábula, e cujo nome significa esquecimento, porque as sombras que habitavam nas margens dêsse rio, e que bebiam as suas águas, esqueciam-se do passado.

---

28 «Atenta num, que a fama tanto estende
Que de nenhum passado se contenta;
Que a pátria, que de um fraco fio pende,
Sôbre seus duros hombros a sustenta.
Não-no vês tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança inerte e lenta
Do povo, e faz que tome o doce freio
De rei seu natural, e não de alheio?

Atenta [*repara atentamente*] *num* varão (1), *que* [*a quem*] *a Fama estende* [*engrandece*] *tanto, que de nenhum* outro *passado* [*antigo*] *se contenta* (2); foi

êle, *que sustentou sôbre* os *seus duros ombros a pátria que pendia de um fraco fio* (3). *¿Não o vês, tinto de ira, e que repreende* (4) *a vil desconfiança* (5), *inerte e lenta, do povo, e faz* [*consegue*], *que* êsse povo *tome* [*receba*] *o doce freio do seu rei natural* (6) *e não de* rei *alheio?*

(1) A presente estância e as seguintes são perifrase de Nuno Álvares Pereira, nomeado na est. 32; IV, 14 e sgs. (2) «De nenhum passado, etc.»; a Fama [deusa mitológica] não quere dar, a qualquer herói dos tempos passados, celebridade maior da que dará a Nuno. (3) «A pátria que pendia, etc.»; alude-se aos perigos e calamidades iminentes da pátria; Nuno Álvares, com o seu conselho e instigações, conseguira que D. João I fôsse aclamado rei, e que êste com o seu exército libertasse a pátria do jugo castelhano. (4) Censura. (5) Cobardia: «inerte», preguiçosa. (6) «Doce freio, etc.»; fig., o domínio brando do rei português, em lugar do rigoroso jugo do rei castelhano.
Nas estâncias seguintes vem alguns factos históricos relativos ainda a Nuno Álvares Pereira.
Nos versos 5 a 8 está esboçado o grande Nuno instigando o povo a que aceite como rei o Mestre de Avis.

---

29 «Olha, por seu conselho e ousadia,
De Deus guiada só e de sancta estrêlla,
Só pode o que impossíbil parecia:
Vencer o povo ingente de Castella.
Vês, por indústria, esfôrço e valentia
Outro estrago e victória clara e bella
Na gente, assi feroz como infinita,
Que entre o Tartesso e o Guadiana habita?

Olha! *por seu conselho e* por sua *ousadia, — guiada só de* [*por*] *Deus e de* [*por*] *santa estrêla* —, *pôde*, êle *só*, *vencer o ingente povo* (1) *de Castela*, *o que parecia impossível.*

¿Vês outro estrago (**2**), *— e clara e bela vitória,* — feito *qor indústria* (**3**) *esfôrço e valentia, na gente — assim* [*tam*] *feroz como infinita* (**4**) —, *que habita entre o Tartesso e o Guadiana* (**5**)?

(**1**) «Ingente povo», a grande nação; alude-se à vitória na batalha de Aljubarrota. (**2**) «Outro estrago», novo dano nos castelhanos, a batalha do campo de Valverde, próximo de Mérida [Andaluzia]; continua a aludir-se a esta batalha na estância seguinte. (**3**) Estratégia. (**4**) Fig., muito numerosa. (**5**) «Entre o Tartesso e o Guadiana»: a terra que jaz entre os dois rios é Andaluzia — região que abrange oito províncias de Espanha; Tartesso é nome antigo do Guadalquivir [rio que passa por Córdova e Sevilha]; Guadiana é rio que separa o Algarve da Espanha.

Na presente estância refere-se o Poeta às batalhas de Aljubarrota [I, 4] e de Valverde [V, 8], cujo vencimento é, com razão, atribuído ao «conselho» e «valentia» de D. Nuno, e ainda a outro elemento — «a Providência» [«santa estrêla»].

---

30 «Mas não vês quási já desbaratado
O poder lusitano, pela ausência
Do capitão devoto, que apartado
Orando invoca a suma e trina essência?
Vê-lo com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem, que falta resistência
Contra poder tamanho, e que viesse,
Porque consigo esfôrço aos fracos desse.

¿Mas, não vês já quási desbaratado o poder [*exército*] *lusitano, pela* [*por causa da*] *ausência do devoto capitão* (**1**), *que, apartado* [*afastado*] e *orando, invoca a suma e trina Essência* (**2**)? *Vê-lo, já achado com pressa* [*neste apêrto, nesta situação difícil*], *dos* [*pelos*] *seus* companheiros de armas, *que lhe dizem:* — «*que falta* [*que não há*] *resistência* possível, *con-*

tra poder [*exército*] *tamanho; e que viesse* êle Nuno, *por que* [*para que*] *consigo* [*com a sua presença*] *desse esfôrço* [*coragem*] *aos fracos.*

(1) Dom Nuno, na batalha de Valverde, desapareceu do campo; foi encontrado entre uns penedos pôsto em oração; os que o procuravam, disseram-lhe aflitos — «que acudisse, aliás se perderia a batalha»; a resposta foi: — «ainda não é tempo», [cfr. estância seguinte]; e continuou orando; daí a pouco voltou, com rosto alegre, para o campo de batalha, e derrotou o exército castelhano, que era comandado por D. Pedro Morais e D. Gonçalo Nuno de Gusmão, mestres das Ordens de S. Tiago e Calatrava. (2) «Suma e trina Essência», a Santíssima Trindade, de quem D. Nuno implorava auxílio.

A significação, que supomos ter a palavra «pressa» no verso 5, é a mesma que deve ter em II, 25^6^; posto que essa mesma palavra se encontre em outros lugares do poema com a significação habitual.

---

31 «Mas olha com que sancta confiança,
Que «inda não era tempo», respondia;
Como quem tinha em Deus a segurança
Da victória que logo lhe daria.
Assi Pompílio, ouvindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
«Pois eu, responde, estou sacrificando.»

Mas olha com que santa confiança respondia D. Nuno: «*que ainda não era tempo*»*!* respondia *como quem tinha, em Deus, a segurança da vitória, que logo lhe daria! Assim* [*do mesmo modo*] *Pompílio* (1), *ouvindo* dizer, *que a possança* [*o exército*] *dos inimigos lhe corria* [*percorria, invadia*] *a terra* [*o seu país*], *respondeu:* «*pois eu estou sacrificando*» (2).

(1) Numa Pompilio, segundo rei de Roma, depois de aquietar os inimigos da pátria, entregou-se totalmente ao culto religioso do seu tempo [714-671 A. C.]; do mesmo modo procedeu D. Nuno. (2) «Estou sacrificando»; «estou orando»; sacrificar, na linguagem da antiguidade, significava fazer uma oferenda à divindade, com cerimónias várias, para implorar o auxílio supremo.

---

32 «Se quem com tanto esfôrço em Deus se atreve,
Ouvir quiseres como se nomea,
Português Scipião chamar-se deve;
Mas mais de «dom Nuno Álvarez» se arrea
Ditosa pátria, que tal filho teve!
Mas antes pai — que em quanto o sol rodea
Êste globo de Ceres e Neptuno,
Sempre suspirará por tal aluno.

Se quiseres ouvir como se nomeia [*como se chama*] *quem* [*aquele que*] *com tanto esfôrço* [*com tanta coragem*] *se atreve* [*confia*] *em Deus, devia chamar-se* o *Scipião* (1) *português, mas de* chamar-se êle *D. Nuno Álvares mais se arreia* (2) [*vangloria, orgulha-se*] *a ditosa pátria que tal filho teve! ou antes, pai* (3)! [*mas foi mais do que filho, foi pai*] — *que* [*pois*], *em quanto o sol rodear êste globo de Ceres e Neptuno* (4), a pátria *suspirará sempre por tal aluno* (5) [*filho*].

(1) Scipião Africano [202 A. C.] venceu Aníbal [intrépido general romano]; igual comparação em IV, 20. (2) Brilha, ornamenta-se, vangloria-se; cfr. III, 10; IX, 21; X, 52 «arreia». (3) «Mas antes, etc.»; melhor diríamos «pai»; foi «pai da pátria» salvando-a e muitas vezes; nasceu [filho] uma só vez. (4) «Globo de Ceres, etc.»; o mundo, o globo terrestre composto da parte sólida e dos mares; Ceres, a deusa das searas [donde vem o principal alimento humano]; Neptuno, o deus dos mares; «emquanto o sol rodear, etc.»; linguagem do movi-

mento aparente: emquanto o sol alumiar a terra. (5) No sentido de cousa criada; vocábulo empregado na linguagem literária antiga com a significação de filho; emquanto a terra fôr alumiada pelo sol, a pátria portuguesa há-de chorar de saúdade por filho de tanto valor e tanta virtude.

«Atrever-se», com a significação de «confiar, ter confiança em...», encontra-se nos cronistas.

O verso 4 tem tido várias interpretações: «quem é que se arreia?», «quem é que se gloria?» Entendemos que é a «pátria» — segundo a lição do Sr. Dr. J. M. Rodrigues, *Fontes dos Lusíadas*.

---

33 «Na mesma guerra vê que presas ganha
Est'outro capitão de pouca gente!
Comendadores vence, e o gado apanha
Que levavam roubado ousadamente.
Outra vez vê, que a lança em sangue banha
D'estes, só por livrar com amor ardente
O preso amigo, preso por leal:
Pero Rodríguez é do Landroal.

Vê, na mesma guerra (1), *que* [*quantas*] *presas ganha êste capitão de pouca gente! Vence comendadores* castelhanos (2), *e apanha o gado que* êles *levavam roubado ousadamente. Vê, que banha outra vez* (3) *a lança em sangue dêstes* inimigos, *só por* [*para*], *com ardente amor, livrar o amigo* Álvaro Gonçalves Coitado que fôra *preso por* ser *lial* ao Mestre de Avis: *êsse é Pedro Rodrigues, do Landroal* (4).

(1) Na guerra contra os castelhanos em tempo de D. João I. (2) Comendadores [das ordens de cavalaria]; um era da ordem de Alcântara; outro da ordem de Calatrava; ambos tinham feito correrias no Alentejo roubando muitos gados. (3) «Outra vez»: alude-se a outra proeza; Pero Rodrigues arrancara, a uma escolta castelhana, o preso português Manuel Gonçalves [no cami-

nho de Vila Viçosa para Olivença]. O alcaide de Vila Viçosa entregara a praça aos castelhanos, bandeando-se, e prendera Álvaro Gonçalves, por êste o haver anteriormente acusado de ser partidário de Castela. (4) Vila do Alentejo.

---

34 «Olha êste desleal! e como paga
O perjúrio que fez e vil engano!
Gil Fernândez é de Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar o último dano.
De Xerez rouba o campo, e quási alaga
Co sangue de seus donos castelhano.
Mas olha Rui Pereira, que co rosto
Faz escudo ás galés, diante pôsto.

Olha êste português *deslial* (1), *e* olha *como* êle *paga o perjúrio e vil engano que fez; é Gil Fernandes, de Elvas, que o estraga* [*castiga*] *e o faz passar o último dano* [*a morte*]; Gil Fernandes *rouba* [*saqueia*] *o campo de Xerez, e quási* o *alaga com o sangue castelhano dos seus donos* (2). *Mas olha Rui Pereira* (3), *que com o rosto faz escudo às galés, pôsto* êsse escudo *diante* delas.

(1) É Paio Rodrigues Marinho, alcaide de Campo Maior; desconfiava-se que êle queria entregar a fortaleza aos castelhanos; Gil Fernandes mandou-lhe dizer que desejava dar-lhe recado do Mestre de Avis. Combinado o local do encontro, Gil foi traiçoeiramente aí preso; mas a trôco de mil dobras consegue escapar-se; mais tarde, encontrando Paio Rodrigues, matou-o [o último dano], fazendo-o pagar o «perjúrio e vil engano». (2) «Rouba o campo, etc.»; Gil Fernandes invadiu Castela, chegando ao Xerez [Estremadura espanhola], matando aí muita gente no campo de batalha, e trazendo do saque avultados despojos. (3) Almirante das galés portuguesas [embarcações de vela e remos]; estava uma grande armada castelhana no Tejo para atacar Lisboa; por conveniência de defesa, era preciso que viessem de

uma para a outra margem as embarcações portuguesas, mas, como tivessem de passar pela frente das castelhanas, Rui Pereira foi dar abordagem à capitânea inimiga, e nessa luta perdeu a vida, mas da abordagem resultou passarem a salvo as galés portuguesas para o sítio desejado; neste facto se funda a hipérbole de que o rosto de Rui Pereira foi o escudo com que se defendeu a armada portuguesa.

---

35 «Olha, que dezesete Lusitanos
Neste outeiro subidos se defendem
Fortes de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem.
Porém logo sentiram com seus danos,
Que não só se defendem, mas offendem:
Digno feito de ser no mundo, eterno!
Grande no tempo antigo e no moderno!

Olha! subidos neste outeiro, estão *dezassete fortes lusitanos que se defendem de quatro centos castelhanos,* e estes *estendem-se em roda* daqueles *para os tomar* [*cercar*]; *porém* os castelhanos *com os seus danos* [*por causa do dano que sofreram*] *sentem logo, que* os portugueses *não só se defendem, mas* também *ofendem* [*atacam*] (1): *digno feito de ser eterno no mundo* [*digna façanha de ser eternamente lembrada*]; e *grande* [*notável, como não há outro semelhante*] *no tempo antigo e no moderno!*

(1) «Subidos neste outeiro, etc.»; o episódio, a que se refere a presente estância, supôs Faria e Sousa que sucedeu em Almada; mas segundo conta o cronista Fernão Lopes, êste caso deve ser o que se deu no cêrco de Vila-lobos, quando D. João I mandou Martim Vaz com mais dezassete escudeiros em procura de água; indo êles dar consigo a uma ribeira, aí foram atacados por quatrocentos castelhanos, mas defenderam-se por maneira tal, que

não só dispersaram os inimigos mas até lhes mataram muita gente.

Na estância que se segue contêm-se reflexões várias sôbre esta proeza, comparada com outras de que fala a história.

---

36 «Sabe-se antigamente, que trezentos
Já contra mil Romanos pelejaram,
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se illustraram.
E d'elles alcançando vencimentos
Memoráveis, de herança nos deixaram
Que os muitos, por ser poucos, não temamos;
O que despois mil vezes amostramos.

Sabe-se que antigamente [*em antigo tempo*] (1) *já pelejaram trezentos* lusitanos *contra mil romanos*, foi *no tempo* em *que tanto* [*muito*] *se ilustraram* (2) *os viris atrevimentos de Viriato* (3). *E* êsses lusitanos, *alcançando dêles* [*contra os romanos*] *memoráveis vencimentos* [*vitórias*], *deixaram-nos de* [*como*] *herança* o conselho de *que, por sermos poucos* (4), *não temamos os muitos;* assim o fizemos, *o que depois mostrámos* [*demonstrámos*] (5) *mil vezes.*

(1) Alude-se aos exércitos romanos capitaneados pelos pretores Cláudio e Caio [século v A. C.], quando Viriato, nos campos de Ourique e de Viseu, destruiu exércitos, sendo trezentos os lusitanos, e mil os romanos. (2) «Tanto se ilustraram», tam célebres foram; «tanto» com significação absoluta. (3) «Viris, etc.»; audácias varonis; note-se a repetição de palavras da mesma raiz «viris... Viriato»; lembrando a origem dêste último nome, a que se atribui o significado de «varão forte, corajoso»; I, 26; III, 22. (4) «Por sermos poucos»; cfr. III, 99, «temer poder maior por mais pequeno». (5) «Mostrámos, etc.»; alude-se a factos históricos: lutas desiguais [em Portugal e na Índia], em que o menor número estava da parte dos portugueses.

No verso 5, «vencimentos» tem a significação activa; encontra-se em outros lugares com significação passiva [desbarato], e outras vezes nas duas acepções na mesma locução.

---

37 «Olha cá dous infantes, Pedro e Henrique,
Progénie generosa de Joane:
Aquelle faz que fama illustre fique
D'elle em Germânia, com que a morte engane;
Este, que ella nos mares o pubrique
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a maura túmida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

Olha! cá estão *dois infantes: Pedro e Henrique, — generosa progénie* (1) *de Joane* [*D. João I*]; *aquele* é Pedro: *fez* [*conseguiu*] *que, em Germânia* (2), *ficasse dêle fama ilustre com a qual enganou a morte* (3); *êste* é Henrique: fez *que ela* [*a fama*] *o publicasse* [*tornasse conhecido, célebre*] *nos mares, por* ser *seu descobridor, e desenganou* [*desiludiu*] *a túmida vaidade maura* [*dos mouros*] *de Ceuta* (4), *entrando* — e o *primeiro* a entrar — *nas portas dessa cidade* [*quando a conquistou*].

(1) «Generosa progénie», ilustre descendência [os filhos]. (2) Alemanha: aí, o infante D. Pedro auxiliou valorosamente o imperador Segismundo contra os turcos; foi êste um dos feitos notáveis do infante. (3) «Enganou a morte»: cfr. I, 2, 14 [«outros em quem poder não teve a morte»]; VIII, 27 [«não temer a lei Letea»]; depois de morrer, a sua memória tem vivido. (4) «Seu descobridor» [dos mares], etc.; o infante D. Henrique é memorado, como sábio geógrafo, pelos descobrimentos marítimos devidos ao seu saber; sendo lembrado também por haver conquistado Ceuta — [a cidade africana ao norte de Marrocos, e pertencente hoje à Espanha, IV, 49], — e por

«desenganar a túmida vaidade» dos mouros; demostrando que era balofa [túmida] a vaidade dêsses mouros, e que estes não valiam o que supunham na arte da guerra.

---

38 «Vês o conde Dom Pedro, que sustenta
Dous cercos contra toda a Barbaria?
Vês? outro conde está, que representa
Em terra Marte em fôrças e ousadia.
De poder defender se não contenta
Alcácere da ingente companhia;
Mas do seu rei defende a cara vida,
Pondo por muro a sua, ali perdida.—

¿*Vês o conde D. Pedro* (**1**), *que sustenta dois cercos contra toda a Berberia* (**2**)? *Vês?* aí *está outro conde* (**3**), *que, em terra,* [*na terra, no mundo*] *representa Marte em fôrças e ousadia: não se contentou de poder defender Alcácer da ingente companhia* [*do grande exército mourisco*], *mas* até *defendeu a cara* [*querida*] *vida do seu rei, pondo, por muro, a sua* vida que foi *perdida ali.*

(**1**) Conde de Vila Rial [D. Pedro de Meneses]; sustentou por modo assombroso dois cercos rigorosos na praça de Ceuta, onde era governador logo depois da conquista. (**2**) A multidão de gente berberesca que fazia o cêrco [gente de Marrocos, Argel, Túnis e Tripoli]; Berberia é a região que abrange essas grandes províncias. (**3**) D. Duarte, Conde de Viana e Tarouca; sendo capitão de Alcácer Seguer [África], foi cercado por poderoso exército, e defendeu-se valorosamente. Depois, estando em Ceuta, e acompanhando em uma sortida [1464] o rei D. Afonso V, foram ambos assaltados por muita gente moura; D. Duarte, reconhecendo o perigo, entreteve a mourisca com tal ousadia, que deu tempo a poder o rei escapar aos assaltantes, e nesse combate perdeu a vida.

---

39 «Outros muitos verias, que os pintores
Aqui também por certo pintariam;
Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe côres,
Honra, prémio, favor, que as artes criam:
Culpa dos viciosos successores
Que degeneram, certo, e se desviam
Do lustre e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

Verias [*poderias ver*] *outros muitos* varões, *que, por certo, os pintores pintariam aqui também; mas falta-lhes pincel, faltam-lhes côres* [*tintas*] (1), — isto é — faltam-lhes as *honras*, o *prémio*, e o *favor* [*protecção*] *que criam as artes:* essa falta é *culpa dos viciosos sucessores* [*dêsses varões*], *que, atolados em gostos e vaidades* (2), *certos* [*certamente*] *degeneraram e se desviaram do lustre e do valor dos seus antepassados.*

(1) «Falta-lhes, etc.»; nesta alegoria, os pintores são comparados aos poetas e escritores, que não divulgam em livros os grandes factos históricos, por lhes faltarem os meios pecuniários e a protecção dos ricos e poderosos; cfr. IV, 81 [«a virtude nunca louvada»]; V, 97 [«quem não sabe a arte»]; VII, 86 [«taxar com mão rapace os trabalhos alheios»]; os prémios, a protecção incutem ânimo aos escritores e artistas para criarem obras de valor. (2) «Atolados, etc.»; os descendentes dos grandes homens, enterrados em atoleiro de vícios [prazeres, vaidades] — onde ficam inertes, e donde não tem fôrça para se tirarem — nem imitam, no valor, os exemplos dos antepassados; nem protegem os escritores, para estes perpetuarem a memória dos factos históricos, em que os pais foram glorificados.

---

*

40 «Aquelles pais illustres que já deram
Princípio á geração, que d'elles pende,
Pela virtude muito antão fizeram,
E por deixar a casa, que descende.
Cegos! que dos trabalhos que tiveram,
Se alta fama e rumor d'elles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhe deixar descansos corrutores.

Aqueles ilustres pais, — *que deram já princípio* (1) *à geração que pende dêles* (2) —, *então* [*no seu tempo*] *fizeram muito pela virtude* (3), *e* fizeram muito *por deixar a casa* [*os haveres, os bens*] *que descende* [*desce = vai em decadência* (4). *Cegos! que* [*pois*], *se dêles se estende* (5) *alta fama e* alto *rumor* (6) por causa *dos trabalhos que tiveram, deixaram sempre escuros* (7) os *seus menores* [*filhos e netos*] *com* (8) *lhes deixarem* [*legarem*] riquezas utilizadas em *descansos corrutores* (9).

(1) Origem. (2) «Geração, etc.»; família que procede dêsses pais nobres. (3) «Fizeram muito, etc.»; trabalharam muito para que triunfasse a virtude. (4) Decadência, empobrecimento, explicados pelos [verso 8] «corrutores descansos»; «casa» tem aqui a significação de propriedades, bens inerentes aos títulos nobiliárquicos, adquiridos pelos antepassados à custa de trabalhos. (5) Dilata. (6) Fama. (7) Deixam na obscuridade. (8) «Com» [aqui, preposição causal], em conseqüência de... (9) Cfr. VII, 8, «vil ócio».
No verso 4 «descende» = desce; assim em I, 77.
Os varões ilustres doutros tempos foram «cegos»; não viram que, na pobreza, se haviam preparado para os actos heróicos; e que deixando riquezas aos seus descendentes, estes se entregariam à ociosidade, origem de vícios e de corrução dos costumes.

41 «Outros também há grandes e abastados,
Sem nenhum tronco illustre d'onde venham:
Culpa de reis, que ás vezes a privados
Dão mais que a mil que esfôrço e saber tenham.
Estes os seus não querem ver pintados,
Crendo que côres vãs lhe não convenham;
E como a seu contrairo natural
A pintura que falla querem mal.

Há também outros indivíduos, que são *grandes* [*nobilitados*] *e abastados* [*ricos*], *sem nenhum tronco* (1) *ilustre donde venham*; isso é *culpa dos reis, que às vezes, aos privados* [*cortesãos, validos*], *dão mais* do *que a mil* pessoas *que tenham esfôrço* [*coragem*] *e saber*; *estes* validos *não querem ver pintados* [*retratados*] *os seus* avós, — *crendo* (2) *que não lhes convêm côres vãs* (3) —, *e querem, à pintura que fala* (4), tanto *mal como a seu contrário* [*inimigo*] *natural* (5).

(1) Ascendência [avós]. (2) Supondo; convencidos. (3) «Côres vãs», tintas que revelam a obscuridade da origem dos retratados; literalmente: côres frívolas; os validos julgam ser cousa frívola o retrato dos ascendentes quando estes foram de baixa condição. (4) «A pintura que fala»: cfr. VII, 76, «muda poesia» — expressão poética aplicada à pintura. (5) «Contrário natural»; cfr. VIII, 15, «inimigo próprio»; os indivíduos em evidência pela sua riqueza, sem verdadeiro mérito, e sem descendência ilustre, são contrários a que se pintem os verdadeiros retratos dos avós, cujas feições e trajo revelariam a obscuridade da origem.

Na estância seguinte concluem-se as reflexões sôbre as notáveis proezas dos portugueses, representados nos quadros históricos mostrados ao Catual.

42 «Não nego que há com tudo descendentes
De generoso tronco e casa rica,
Que com costumes altos e excellentes
Sustentam a nobreza, que lhe fica.
E se a luz dos antigos seus parentes
Nelles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura.
Mas d'estes acha poucos a pintura.»

Não nego, contudo, que há descendentes de generoso tronco [*nobres avós*] *e* de *casa rica, que,* — *com altos e excelentes costumes* —, *sustentam a nobreza que lhes ficou* [*que herdaram*]. *E, se a luz* (1) *dos seus antigos parentes não clarifica mais neles o valor, ao menos, não* lhes *falta* luz, *nem* esta *se faz escura: mas a pintura acha poucos* homens (2) *dêstes.*

(1) Glória, renome; cfr. VI, 95; não basta haver nascido de pais ilustres, é preciso ser também ilustre. Se o nome glorioso dos antepassados não torna mais brilhante o valor dos descendentes, ao menos conserva-se, não esmorece, nestes, o renome, sendo êles de bons costumes. (2) Descendentes iguais aos avós em valor e virtude, há poucos, dignos de serem reproduzidos na pintura, e perpetuados na história.

---

43 Assi está declarando os grandes feitos
O Gama, que ali mostra a vária tinta,
Que a douta mão tam claros, tam perfeitos
Do singular artífice ali pinta.
Os olhos tinha promptos e dereitos
O Catual na história bem distinta;
Mil vezes perguntava, e mil ouvia
As gostosas batalhas, que ali via.

O Gama (1) *está assim declarando* (2) *os grandes feitos, que ali* (3) *a vária tinta* (4) *mostra, e que a douta mão* (5) *do singular artífice* (6) *ali pinta tam claros e tam perfeitos: o Catual tinha os olhos prontos* [*atentos*] *e direitos* (7) *na história bem distinta* (8); *e preguntava muitas vezes, — e mil vezes ouvia —, a* história *das gostosas batalhas* (9) *que ali via.*

(1) Paulo da Gama. (2) Explicando, expondo. (3) Naquelas pinturas. (4) «Vária tinta», variedade de côres e de desenhos representando homens e acções. (5) «Douta mão», fig., mão habilidosa, o talento, o saber do pintor. (6) «Singular artífice», o notável pintor daquelas batalhas; fala o Poeta do artista, por êle inventado, e da pintura fictícia feita pelo mesmo Poeta, ao qual portanto cabe realmente o epíteto laudatório. (7) «Os olhos prontos e direitos», o olhar vivo e dirigido com atenção para os quadros históricos. (8) «História bem distinta», a história representada muito distintamente, com muita perfeição e clareza. (9) «Gostosas batalhas», pinturas em que se revelava o bom «gôsto» do artista, e cuja narrativa o Catual «gostava» de ouvir, inspirando-lhe afeição pelos portugueses.

---

44 Mas já a luz se mostrava duvidosa,
Porque a alâmpada grande se escondia
Debaixo do horizonte, e luminosa
Levava aos antípodas o dia,
Quando o gentio, e a gente generosa
Dos Naires, da nao forte se partia
A buscar o repouso, que descansa
Os lassos animais na noite mansa.

Mas a luz (1) do dia *já se mostrava duvidosa* (2), — *porque a grande alâmpada* (3) *escondia-se debaixo do horizonte, e, luminosa* (4), *levava o dia aos antípodas* (5) —, *quando o gentio* (6) *e a gene-*

rosa (7) *gente dos Naires* (8) *partiam da forte nau a buscar o repouso, que descansa os* [*dá descanço aos*] *lassos* (9) *animais na noite mansa* (10).

(1) Claridade. (2) Incerta; era sol-pôsto, ao lusco-fusco da tarde. (3) Fig., o sol. (4) Brilhante. (5) Os habitantes dum lugar da terra, considerados em relação aos habitantes de lugar diametralmente oposto; o habitante de Portugal é antípoda do habitante da Austrália; tem, cada um dêles, os pés opostos aos pés do outro; quando é meio-dia para um, é meia-noite para o outro. (6) O Catual, que era gentio [idólatra]. (7) Nobre. (8) Cfr. VII, 37. (9) Fatigados. (10) Serena.

---

45 Entretanto os harúspices famosos
Na falsa opinião, que em sacrifícios
Antevêm sempre os casos duvidosos
Por sinais diabólicos e indícios,
Mandados do rei próprio, estudiosos
Exercitavam a arte e seus officios,
Sôbre esta vinda d'esta gente estranha,
Que ás suas terras vem da ignota Hespanha.

Entretanto os famosos (1) *Harúspices* (2), — famosos [*afamados*] *na falsa opinião* (3) de *que em sacrifícios, e por sinais e indícios diabólicos* (4), *antevêem sempre os casos duvidosos* —, *mandados de* [*pelo*] *próprio Rei* [*obedecendo ao rei*], *exercitavam estudiosos* [*estudiosamente, diligentemente*] *a* sua *arte e o seu ofício sôbre a vinda desta estranha gente, que, da ignota* (5) *Espanha, vinha às suas terras* [*às terras do rei de Calecut*].

(1) Famigerados. (2) Feiticeiros; literalmente: agoureiros — nome que se dava aos sacerdotes romanos, que em sacrifícios matavam aves e outros animais, e pretendiam adivinhar o futuro por meio de sinais, que imagina-

vam ou fingiam ver nas entranhas das vítimas. (3) «Falsa opinião», o falso pensar do vulgo que acreditava nos agoureiros e em agouros. (4) «Indícios diabólicos», sinais de invenção diabólica, maléfica, com os quais se iludiam os ignorantes. (5) Desconhecida [para a gente da Índia].

---

46 Sinal lhe mostra o demo verdadeiro,
De como a nova gente lhe seria
Jugo perpétuo, eterno cativeiro,
Destruição de gente e de valia.
Vai-se espantado o atónito agoureiro
Dizer ao rei (segundo o que entendia)
Os sinais temerosos, que alcançara
Nas entranhas das víctimas, que oulhara.

O verdadeiro Demo (**1**) *mostrou-lhes* [*aos agoureiros*] um *sinal de como a nova gente lhe seria* [*seria para o Rei*] *perpétuo jugo, eterno cativeiro, destruição de gente, e de valia* [*valores, haveres*]. *Atónito, espantado, o agoureiro* (**2**) *foi dizer ao Rei — segundo o que entendia — os temerosos* (**3**) *sinais que alcançara* e *que olhara* [*tinha visto*], *nas entranhas das vítimas*.

(**1**) Demónio; cfr. estância precedente, «sinais diabólicos»; a consulta dos feiticeiros não é aqui simples ficção poética, tem fundamento histórico [cfr. João de Barros; I, 9, 4; I, 30, e II, 44]; diziam êles que a gente da Índia seria oprimida pelos portugueses. (**2**) O mesmo que «haurúspice»; plural na estância precedente, singular nesta; só um dos agoureiros iria contar ao rei o que observara nas entranhas das vítimas. (**3**) Terríveis.

---

47 A isto mais se ajunta que a um devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos ódios concebidos não remoto
Contra a divina fé que tudo excede,
Em forma do propheta falso e noto
Que do filho da escrava Agar procede,
Baco odioso em sonhos lhe aparece,
Que de seus ódios inda se não dece.

Junta-se (1) *mais a isto, que, a um devoto* (2) *sacerdote da lei* [*religião*] *de Mafamede* (3), — *não remoto dos ódios concebidos contra a divina Fé* (4) *que tudo excede* (5) —, *apareceu em sonhos o odioso Baco, que dos seus ódios ainda não descera* (6) [*desistira*], e apareceu-lhe *na forma* [*figura*] *do falso e noto* (7) *profeta, que procede* (8) *do filho da escrava Agar.*

(1) «Ajunta-se», no texto: linguagem popular [«a» protético]; ao que fica dito acresceu... (2) Dedicado. (3) Mafoma, Maomete [cfr. I, 57; VII, 75]. (4) «Não remoto», literalmente, não afastado; fig., não esquecido; estava vivo na memória dos mouros o ódio contra a Religião de Cristo, a crença divina. (5) «Que tudo excede»: cfr. IV, 48, «quanto excede a lei de Cristo à lei de Mafamede». (6) «Não desce», não diminui em altura a inimizade de Baco, ao contrário êste persiste, teima em perseguir os portugueses; cfr. I, 30. (7) Conhecido. (8) Descende; Mafoma procede de Ismael, filho de Abraão e da escrava Agar; os mouros depois quiseram que se acreditasse ser Mafoma filho de Ismael e de Sara; donde vem chamar-se sarracenos; cfr. III, 35, 110 e *passim*.

48 E diz-lhe assi: «Guardai-vos, gente minha,
Do mal que se aparelha pelo imigo,
Que pelas águas húmidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo.»
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho; mas consigo
Cuida que não é mais que sonho usado.
Torna a dormir quieto e sossegado.

E Baco *diz-lhe assim:*

«*Guardai-vos* (**1**), *gente minha* (**2**), *do mal que é aparelhado* (**3**) *pelo inimigo que caminha pelas águas* (**4**) *húmidas* (**5**), guardai-vos, *antes que estejais* (**6**) *mais perto do perigo.*»

Dizendo isto [*quando Baco disse isto*], *o mouro acordou asinha* [*logo*], *espantado do sonho; mas cuidou,* falando *consigo, que* êsse *sonho não era mais* do *que* o *usado* (**7**): *e tornou a dormir, quieto e sossegado.*

(**1**) Acautelai-vos. (**2**) Para excitar a inimizade do mouro contra os navegantes, Baco fala-lhe carinhosamente; equivalendo esta expressão a «vós e os vossos correligionários a quem estimo». (**3**) «Se aparelha», por arcaísmo, a flexão da conjugação reflexa servindo de voz passiva; cfr. I, 52, nota. ADITAMENTO ao vol. I, p. 5. (**4**) «Inimigo, etc.»; Baco profetiza que os portugueses, — inimigos de Mafoma e que andavam navegando para a Índia —, haviam de suplantar os mouros [cfr. 46, os males previstos pelos agoureiros]. (**5**) «Aguas húmidas», pleonasmo, podendo significar o mar coberto de nevoeiros húmidos; cfr. I, 67 e 108: «vias húmidas», húmidos caminhos, locução empregada por outros clássicos nacionais e estrangeiros. (**6**) «Esteis», no texto, arcaísmo. (**7**) «Sonho usado», costumado: sonho igual ou semelhante a outros que o mouro já houvesse tido.

---

49 Torna Baco, dizendo: «Não conheces
O gram legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual fôreis muitos baptizados?
Eu por ti, rudo, velo! e tu adormeces?
Pois saberás, que aquelles, que chegados
De novo são, serão mui grande dano
Da lei que eu dei ao néscio povo humano.

Baco (1) *tornou* a falar, *dizendo:*
«¿*Não conheces* Mafoma, *o grande legislador, que mostrou* [*indicou*] *aos teus antepassados os preceitos* religiosos *a que obedeces,* e *sem os quais muitos* de vós *serieis baptizados* (2)? *Eu velo por ti, rudo* [*bruto*], *e tu adormeces? Pois saberás, que êsses* navegantes, — *que de novo* [*agora*] *são chegados* —, *serão* causa de *mui grande dano da lei* (3) *que eu dei ao néscio povo humano* (4).

(1) Baco disfarçado, fingindo ser Mafoma, continua a incitar o mouro contra os navegantes. (2) «Não conheces, etc.»; não vês que sou Maomete, e que se não houvesse a minha religião, todos vós serieis cristãos; cfr. VII, 33. (3) A lei [religião] maometana seria prejudicada na ndia com a invasão portuguesa. (4) «Néscio, etc.»; fala Baco, fingindo ser Maomete, como se êste dissesse, que os povos, antes de conhecerem a doutrina muçulmana, eram néscios, ignorantes.

No verso 4, «fôreis»; forma antiquada do imperfeito condicional de «ser»; no verso 3, o perfeito composto «tem mostrado» equivalente ao perfeito simples.

50 «Em quanto é fraca a fôrça desta gente
Ordena como em tudo se resista;
Porque, quando o sol sae, fácilmente
Se pode nelle pôr a aguda vista;
Porém, depois que sobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tam cega fica, quanto ficareis,
Se raízes criar lhe não tolheis.»

Emquanto é fraca a fôrça desta gente (1), *ordena* tu *como se lhes resistirá em tudo* (2); *porque, quando o sol sai* (3), *fácilmente se pode pôr nele a aguda vista* (4); *porêm, depois que sobe,* estando *claro e ardente,* a *agudeza dos olhos, se o conquista, fica tam cega, quanto ficareis, se não lhes tolheis* [*evitais*] [*a êsses navegantes*] *criarem* aqui *raízes* (5).

(1) «Emquanto, etc.»; agora que são aqui poucos os portugueses. (2) «Ordena, etc.»; dá as tuas ordens, por maneira que se resista, em tudo, aos navegantes. (3) Nasce. (4) Fixando os olhos no sol, a vista mais aguda converter-se há em cegueira se o sol fôr alto; contra os poucos navegantes seria fácil resistir; quando voltassem outros e em maior número, as terras do Oriente seriam por êles conquistadas. (5) Conselho para que os portugueses das naus não pudessem «criar raízes» — engrandecer-se, crescer em número nas terras indianas.

Na estância seguinte se vê o que faz o mouro quando acorda.

No verso 3, «sae», é dissilabo.

Note-se o trocadilho «a agudeza da vista», se conquista o sol..., fica cega; os olhos de mais aguda vista ficam cegos, quando se fixem no sol.

51 Isto dito, elle e o sono se despede;
Tremendo fica o atónito Agareno;
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando nelle o férvido veneno.
Tanto que a nova luz, que ao sol precede,
Mostrara rosto angélico e sereno,
Convoca os principais da torpe seita,
Aos quais do que sonhou dá conta estreita.

Dito isto, Baco *e o sono despediram-se* do mouro; *o atónito Agareno* (1), — *lavrando nele o férvido veneno* (2) da ira —, *ficou tremendo; saltou da cama, e pediu lume* (3) *aos servos. Tanto que* [*apenas*] a Aurora, — *a nova luz* (4) *que precede o sol* —, *mostrou* o *angélico e sereno rosto,* o Agareno *convocou os* homens *principais da torpe seita* (5), *aos quais deu conta estreita* (6) *do que sonhara.*

(1) O devoto sacerdote mouro; VIII, 47. (2) «Lavrando, etc.»; lavrava [ateava-se] o fogo de inflamado ódio contra os cristãos. (3) Pediu luz para se alumiar, porque era noite. (4) «Nova luz», a luz que aparece de novo todos os dias, o alvorecer. (5) «Principais, etc.»; os sectários mais importantes de Mafoma, que residiam em Calecut; VIII, 49, 65. (6) «Conta estreita», narração exacta, minuciosa, do que vira e ouvira em sonhos.

---

52 Diversos pareceres e contrários
Ali se dão, segundo o que entendiam;
Astutas traições, enganos vários,
Perfídias inventavam e teciam;
Mas deixando conselhos temerários,
Destruição da gente pretendiam,
Por manhas mais sotis e ardis milhores,
Com peitas adquerindo os regedores.

Ali (1) *se deram pareceres diversos e contrários* (2), *segundo o que* os principais mouros *entendiam. Inventavam e teciam traições astutas, enganos vários,* e *perfídias* (3). *Mas, — deixando conselhos temerários* (4) —, *pretendiam* a *destruição da gente* portuguesa, *por* meio de *manhas mais subtis* (5), *e melhores ardis, adquirindo* [*comprando*] *os regedores* [*as autoridades do Samorim*] *com* [*por meio de*] *peitas* (6).

(1) Ali, na reünião dos mouros principais [estância precedente]. (2) Opostos uns aos outros. (3) Cfr. VIII, 86, e IX, 4: a intenção de incendiar as naus. (4) «Deixando, etc.»; pondo de parte alvitres arriscados [tal era o de matarem Vasco da Gama]. (5) «Manhas subtis»: os mouros sabendo que Vasco da Gama trazia tal embaixada, e que isso lhes podia tolher os interêsses que tinham em passar as especiarias à Europa pelo Mar Vermelho, começaram a estorvar o bom despacho do Samorim. (6) Subornos: com dinheiro os mouros subornaram o Catual, que estava incumbido de investigar quem eram os portugueses, e que provocaria a indignação do rei contra êles para ser preso Vasco da Gama.

No verso 3, «tra-i-ções», é trissílabo.

---

53 Com peitas, ouro e dádivas secretas,
Conciliam da terra os principais;
E com razões notáveis e discretas,
Mostram ser perdição dos naturais,
Dizendo, que são gentes inquietas
Que, os mares discorrendo occidentais,
Vivem só de práticas rapinas,
Sem rei, sem leis humanas ou divinas.

Os mouros, *com peitas, ouro e dádivas secretas* (1), *conciliam* (2) *os principais* gentios *da terra; e, com notáveis e discretas razões, mostram* [*afirmam*] *ser* aquela gente das naus a *perdição dos naturais*

(3) *da* Índia, — *dizendo, que é gente inquieta*, e *que, discorrendo* [*percorrendo*] *os mares ocidentais, — sem rei, sem leis humanas ou divinas* — , *vivia só de rapinas práticas* (4).

(1) O dinheiro dado escondidamente ao Catual para o subornar; estância precedente. (2) Reùnem em conciliábulo. (3) Pretendiam os mouros fazer acreditar, aos indostânicos, que o comércio dos portugueses seria prejudicial aos habitantes de Calecut [sendo porém certo que os prejudicados seriam os mouros e não os indígenas]; as razões eram discretas, isto é, expostas com argúcia para produzirem convicção. (4) Próprias de piratas, ou corsários, que se ocupam de roubar as embarcações.

---

54 Ó quanto deve o rei, que bem governa,
De olhar que os conselheiros ou privados,
De consciência e de virtude interna,
E de sincero amor sejam dotados!
Porque, como êste pôsto na superna
Cadeira, pode mal dos apartados
Negócios ter notícia mais inteira
Do que lhe der a língua conselheira.

Oh! o rei que governa bem (1), *quanto deve olhar*, para *que os* seus *conselheiros ou privados* (2) *sejam dotados de consciência, de virtude interna e de sincero amor! porque, como esteja pôsto na cadeira suprema* (3), *mal pode, dos apartados* (4) *negócios, ter notícia mais inteira* do que a notícia *que lhe der a língua conselheira*.

(1) O Poeta interrompe a narrativa, fazendo reflexões, continuadas na estância seguinte, sôbre a necessidade de os reis se rodearem de pessoas virtuosas, que lhes dêem informações verdadeiras. (2) «Conselheiros», os que, por natureza do cargo oficial, tenham de dar parecer sôbre os

negócios; «privados» os que, por natureza de cargo particular, tenham freqüentes ocasiões de se aproximarem dos reis; não se confundam os vocábulos «privado» e «valido»; êste último aplica-se geralmente a quem é bemquisto e protegido dos reis, mesmo sem o merecer. (3) Superior; o sólio régio. (4) «Negócios apartados», factos que se passam em sítios distantes da côrte ou que, por conterem demasiadas minúcias, estão muito abaixo das regiões em que o rei vive; só por intermédio dos ministros pode êle conhecer de tais negócios.

---

55 Nem tam pouco direi que tome tanto
Em grosso a consciência limpa e certa,
Que se enleve num pobre e humilde manto,
Onde ambição a caso ande encuberta.
E quando um bom em tudo é justo e sancto,
Em negócios do mundo pouco acerta;
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta inocência, em só Deus pronta. —

Nem tam pouco direi (**1**), *que* o rei *tome tanto em grosso* (**2**) *a consciência limpa e certa, que se enleve num pobre e humilde manto* (**3**), *onde acaso ande ambição encoberta. E um* homem *bom, quando é justo e santo em tudo, pouco acerta em negócios do mundo; que* [*pois*] *a quieta inocência* (**4**), — *só pronta* [*confiada*] *em Deus* —, *mal poderá ter conta com êles* [*neles, nos negócios do mundo*].

(**1**) Também não direi. (**2**) Avalie tanto por alto, tam superficialmente, as aparências de santidade. (**3**) «Humilde manto», o vestuário, a exterioridade, com aparências de humildade: — a hipocrisia, ocultando orgulho e cobiça. (**4**) «Quieta inocência», repetição, por outras palavras, da idea dos versos 5 e 6; o santo varão, atento em Deus, não sabe

descortinar a maldade desenvolvida pelo astucioso hipócrita nos negócios mundanos; VII, 85.

---

56 Mas aquelles avaros Catuais,
Que o gentílico povo governavam,
Induzidos das gentes infernais,
O português despacho dilatavam.
Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que levar a seu Rei um sinal certo
Do mundo que deixava descuberto,

Mas aqueles avaros (1) *Catuais, que governavam o povo gentílico* (2), — *induzidos das* [*pelas*] *infernais gentes* mouriscas —, *dilatavam o despacho português* (3). *Mas o Gama, que — de tudo quanto os mouros ordenavam* (4) — *não pretende mais* do *que levar ao seu rei um sinal certo do mundo que deixava descoberto* (5), *só nisto trabalhava* (6).

(1) Cubiçosos; os regedores, querendo receber o dinheiro oferecido pelos mouros, negavam justiça aos navegantes. (2) «Povo gentílico», os naturais de Calecut, gentios, idólatras. (3) Resposta à embaixada em que se propusera a aliança com o rei português; VII, 60, 65. (4) Tramavam, intrigavam. (5) «Não pretende, etc.»; Vasco da Gama, indiferente às intrigas dos mouros, contentava-se em fazer chegar ao rei D. Manuel a notícia da descoberta do novo caminho para a Índia; por isso, prevenindo a possibilidade de ser morto, recomendava, ao irmão, que levasse a notícia a Portugal; o que seria bastante para virem à Índia mais navios portugueses. (6) «Só nisto trabalha»: palavras que rematam a oração, e que vem no primeiro verso da estância seguinte.

---

57 Nisto trabalha só; que bem sabia,
Que, despois que levasse esta certeza,
Armas e naos e gente mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza,
Com que a seu jugo e lei someteria
Das terras e do mar a redondeza;
Que elle não era mais que um diligente
Descobridor das terras do Oriente.

Vasco da Gama *trabalhava só nisto* (1) *que* [*pois*] *bem sabia, que, depois que levasse* para Portugal *esta certeza, D. Manuel,* — *que exercitava* [*exercia*] *a suma alteza* (2) —, *mandaria armas, naus e gente, com que submeteria, ao seu jugo e lei, a redondeza das terras e do mar* (3): *que* [*pois*] *êle* Gama *não era mais* do *que um diligente descobridor das terras do Oriente* (4).

(1) «Trabalhava só nisto», diligenciava sómente voltar a Lisboa para dar notícia da descoberta do novo caminho para a Índia. (2) «Suma alteza», o supremo poder; dava-se naquela época o título de «alteza» aos reis [e, tempos antes, o de «mercê»]. (3) «Redondeza, etc.» [hipérbole, e perífrase]; o globo terrestre; o rei D. Manuel submeteria às suas leis o mundo inteiro. (4) «Descobridor, etc.»; nesta viagem o capitão das naus mirava aquela descoberta; não vinha conquistar territórios.

---

58 Fallar ao rei gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse;
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O rei, que da notícia falsa e indina
Não era d'espantar se s'espantasse,
Que tam crédulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros,

Vasco da Gama *determinou* [*resolveu*] *falar ao rei gentio, por* [*para*] *que* êle Gama *tornasse* para Portugal *com o seu despacho* [*com a resposta do Samorim* (**1**); *que* [*pois*] *já sentia impedir-se* [*ser impedido*] *da* [*pela*] *maligna gente em tudo quanto* êle Gama *desejava. Não era de espantar* [*não era caso para admirar*], *se o rei se espantasse* (**2**) [*fôssè perturbado pelo terror*] *da* [*com a*] *falsa e indigna notícia* (**3**) dada pelos agoureiros, visto *que era tam crédulo* [*crente*] *nos seus agouros* (**4**), *e mais* [*principalmente*] *sendo afirmados pelos mouros* [com efeito êle espantou-se, perturbou-se com o mêdo de que os agouros se realizassem].

(**1**) «Despacho»: cfr. VII, 60, 65; para sair de Calecut, Vasco da Gama resolve-se a ir directamente pedir ao rei que lhe desse resposta [despacho] às propostas de aliança. (**2**) «Espantar... espantasse», o mesmo verbo empregado com diferente significação. (**3**) «Falsa notícia» [VIII, 53]: a afirmativa de que os navegantes eram piratas. (**4**) O agouro de que os portugueses seria a «perdição dos naturais da Índia».

Os últimos quatro versos da presente estância, ligados com o primeiro da estância imediata, formam duas orações; uma, principal, em que o sujeito é «rei» [verso 5], não tem verbo; a outra, subordinada, em que o verbo é «esfria» e o sujeito é «temor»: há aqui um anacoluto eliplico semelhante a outros que se encontram nos antigos cronistas; fica sendo regular a construção, acrescentando-se palavras, que substituam — com probabilidade — as que foram no texto suprimidas por elipse; e atendendo-se, por outro lado, a que podem considerar-se pleonásticos: — ou a conjunção condicional «se» do verso 6, ou o «quê» do verso 5 [não era de espantar, que o rei se espantasse — ou — não era de espantar, se o rei se espantasse].

59 Êste temor lhe esfria o baixo peito;
Por outra parte a fôrça da cobiça,
A que por natureza está sujeito,
Um desejo immortal lhe acende e atiça;
Que bem vê que grandíssimo proveito
Fará, se com verdade e com justiça
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe comete o rei dos Lusitanos.

Êste temor (**1**) *esfria-lhe o baixo peito* (**2**): *por outra parte a fôrça* (**3**) *da cobiça a que* [*à qual*] êsse peito *por* sua *natureza está sujeito, acende e atiça-lhe um desejo imortal* (**4**); *que* [*pois*] o rei gentio *bem vê, que fará grandíssimo proveito, se com verdade* (**5**) *e com justiça fizer, por longos anos, o contrato* (**6**) *que lhe comete* (**7**) *o rei dos lusitanos.*

(**1**) Receio que tem o Samorim do mal que lhe causariam os portugueses; o mêdo de que se realizassem os maus agouros; cfr. 54 e sgs. (**2**) «Baixo peito», o ânimo, vil, do rei gentio; alma de baixos sentimentos; o mêdo esfria-lhe a coragem para resistir às sugestões dos mouros. (**3**) Impulso. (**4**) Insaciável, infinito, imenso; [o rei, indeciso entre a cobiça e o mêdo, vai ouvir conselhos, cfr. estância seguinte]; a cobiça acende-lhe o desejo de aumentar riquezas no comércio com Portugal, é como fogo, que, atiçado, remexido, se torna mais vivo, mais ardente, com a idea das grandes vantagens que lhe daria o tratado de aliança oferecido pelos portugueses. (**5**) Sinceridade. (**6**) Tratado de aliança. (**7**) Propõe; o tratado proposto [VII, 60, 65].

60 Sôbre isto, nos conselhos que tomava,
Achava mui contrários pareceres;
Que naquelles com quem se aconselhava,
Executa o dinheiro seus poderes.
O grande capitão chamar mandava,
A quem, chegado, disse: «Se quiseres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

Sôbre isto (1), *nos conselhos que tomava*, o Samorim *achava pareceres mui contrários* aos desejos de Vasco da Gama; *que* [*porque*] *o dinheiro executava* (2) os *seus poderes naqueles* homens *com quem* o rei *se aconselhava*. Êste *mandou chamar o grande capitão, a quem chegado* (3) [*chegado ao qual*], *disse*:

«*Se quiseres confesssar-me a verdade limpa e nua* (4), *alcançarás perdão da tua culpa*.

(1) Sôbre estas hesitações. (2) Exercia, influía; o dinheiro com que os mouros haviam subornado o Catual influía neste para dar conselhos como desejavam os mouros; cfr. est. 58, «peitas» e «ouro»; — conselhos contrários aos desejos dos navegantes; cfr. VII, 65. (3) O rei de Calecut chega-se a Vasco da Gama, aproxima-se muito dêle, como quem não quer ser ouvido por outras pessoas. (4) A verdade sincera e pura [V, 22, 89]; o rei dá a entender que lhe haviam dito, de Vasco da Gama, ser corsário, ou pirata; cfr. est. 53.

---

61 «Eu sou bem informado, que a embaxada
Que de teu rei me deste, que é fingida;
Porque nem tu tens rei, nem pátria amada,
Mas vagabundo vaes passando a vida:
Que quem da Hespéria última alongada,
Rei ou senhor, de insânia desmedida,
Há de vir cometer com naos e frotas
Tam incertas viagens e remotas?

— «*Eu sou* [*estou*] *bem informado, que é fingida a embaixada que me deste do teu rei; porque nem tu tens rei nem pátria amada* (1), *mas vais* [*andas*] *passando a vida* de *vagabundo* (2): *¿que* [*pois*] *quem* seria o *rei ou* o *senhor de* tam *desmedida insânia* (3), que *havia de vir, lá da última Hispéria* (4) *alongada* [*longínqua*], *com frotas e naus, cometer* [*intentar*] *viagens tam incertas e tam remotas* (5)?

(1) «Nem tens rei, etc.»; nestas expressões do rei de Calecut, dá êle a entender que o navegador seria um proscrito, e que não amaria a sua pátria. (2) «Vida de vagabundo, etc.»; não fazendo nada útil, antes mal, sem ter pouso certo, como acontece aos piratas. (3) Loucura sem limites. (4) «Última Hispéria»; nome que davam os gregos antigos à Hispânia [península hispânica]. (5) «Cometer, etc.»; que nem reis nem senhores de terras teriam a loucura de mandar embaixadas a terras tam distantes, tendo de fazer longas viagens e cheias de perigos.

O verbo «cometer» é empregado pelo Poeta com várias significações.

---

62 «E se de grandes reinos poderosos
O teu rei tem a régia majestade,
Qne presentes me trazes valerosos,
Sinais de tua incógnita verdade?
Com peças e dões altos sumptuosos
Se lia dos Reis altos a amizade:
Que sinal nem penhor não é bastante,
As palavras d'um vago navegante!

«*¿E se o teu rei tem a régia majestade de grandes reinos poderosos, que presentes valorosos me trazes* tu, que sejam *sinais da tua incógnita* (1) *verdade* (2)? *A amizade dos altos reis lia-se* (3) [*liga-se*] *com peças* (4) *e dons* (5) *altos e sumptuosos: que* [*pois*]

não é sinal nem é penhor bastante a palavra dum vago (**6**) *navegante.*

(**1**) Desconhecida. (**2**) «Se o teu rei, etc.»; ¿se o rei de Portugal era muito rico e senhor de grande território, quais eram as ofertas de valor que êle mandava ao Samorim, atestando essa riqueza e poder? (**3**) Cfr. «liame». (**4**) Objectos. (**5**) Donativos: os presentes que o navegador levava eram produtos de Portugal, chapéus, vestuário, açúcar, azeite e mel; não supunha Vasco da Gama que encontraria na Índia reis de tanta riqueza, que só se contentariam com ouro ou valor equivalente. (**6**) Vagabundo? cfr. «undívago» [VIII, 67]; aqui deve ter a significação de «mal conhecido», não dava sinais suficientes de ser representante dum rei, como se inculcava.

Nos versos 7 e 8 observa-se:

1.° O verbo «é» no singular e o sujeito «palavras» no plural: — construção que se encontra nos cronistas, mas não admitida actualmente;

2.° A negativa «nem» afectando o segundo sujeito «penhor», e expressa [«não é»] antes do verbo; construção assimétrica, de que há exemplos nos cronistas; em vez de «não... nem», como se usa hoje; cfr. II, 31⁵⁻⁶; outras vezes o Poeta omite também a negativa antes do verbo [IX, 42⁵⁻⁶; X, 29³⁻⁴].

---

63 «Se por ventura vindes desterrados,
Como já foram homens d'alta sorte,
Em meu reino sereis agasalhados;
Que toda a terra é pátria pera o forte;
Ou se piratas sois ao mar usados,
Dizei-m'o sem temor de infâmia ou morte;
Que, por se sustentar, em toda idade
Tudo faz a vital necessidade.»

Se por ventura vindes desterrados, como já foram [*tem sido*] *homens de alta sorte* (**1**), *sereis agasalhados no meu reino, que* [*pois*] *toda a terra é pátria para o* homem *forte* (**2**): *ou, se sois piratas usados*

[*acostumados*] *ao mar, dizei-mo sem temor de infâmia ou morte* (3); *que* [*porque*], *em toda a idade, a necessidade vital faz tudo* (4) *por se sustentar.*

(1) «De alta sorte», de descendência nobre; o Samorim lembra ao navegador que tem sido expulsos da pátria muitos homens ilustres, e que podia Vasco da Gama ser um dêles, não haveria desdouro em confessá-lo, se assim fôsse; e seriam «agasalhados» tratados carinhosamente. (2) Fig., digno. (3) «Sem temor, etc.»; que o Samorim não os castigaria nem os infamaria. (4) «Em toda a idade, etc.»; em todos os tempos a necessidade de viver a tudo obriga; cfr. VIII, 7[3-4] [«o grande apêrto em gente honrosa»].

---

64 Isto assi dito, o Gama, que já tinha
Suspeitas das insídias que ordenava
O maomético ódio, d'onde vinha
Aquillo que tam mal o rei cuidava,
C'ũa alta confiança, que convinha,
Com que seguro crédito alcançava,
Que Vénus Acidália lhe influía,
Tais palavras do sábio peito abria:

Dito isto assim pelo Samorim, *o Gama — que já tinha suspeitas* (1) *das insídias, que o ódio maomético ordenara* [*tramara*], e *donde* [*das quais*] *vinha aquilo que o rei tam mal cuidava* [*pensava*] —, *com uma alta confiança, que* [*como*] *convinha* (2), *com que* [*com a qual*] *alcançaria seguramente crédito* (3), e que *Vénus Acidália* (4) *lhe influíra* [*lhe inspirara*], *abriu do sábio peito* (5) *palavras tais* (6), como foram estas que se seguem:

(1) «Suspeitas»: estas procediam das intrigas dos mouros, e do Catual por êles corrompido. (2) «Confiança que convinha», firmeza conveniente: sem palavras veementes

que parecessem ousadia, nem melífluas que indicassem timidez. (3) No texto «seguro crédito»: o adjectivo com função de advérbio: com certeza; cfr. VIII, 76, «segurança». (4) Epíteto de Vénus, por se banhar em uma fonte dêste nome e na qual se banhavam também as três Graças [divindades pagãs que personificavam a sedutora beleza feminina]. (5) «Abriu do sábio peito», soltou do peito, que era o dum varão bom, verdadeiro sabedor. A palavra «sábio» é empregada pelo Poeta com várias significações. (6) «Tais», com aplicação semelhante em II, 78; III, 102; IV, 94 e *passim*.

---

65 «Se os antigos delitos, que a malícia
Humana cometeu na prisca idade,
Não causaram que o vaso da iniquícia
Açoute tam cruel da Christandade,
Viera pôr perpétua inimicícia
Na geração de Adão, co'a falsidade
(Ó poderoso rei) da torpe seita,
Não conceberas tu tam má sospeita!

«*Se os antigos delitos, que a malícia humana cometeu na prisca idade* (1) *não causassem* (2) [*tivessem dado causa*] *que* Mafoma, *o vaso da iniqüidade,* (3) e *açoute tam cruel da Cristandade* (4), *viesse* (5) *pôr perpétua inimizade* (6) *na geração de Adão* (7) *com a falsidade da torpe seita* (8), tu, *ó poderoso rei, não conceberias* (9) *tam má suspeita* de nós!

(1) «Prisca idade», primitivos tempos; se não tivesse existido maldade nos homens desde o tempo da criação do mundo... (2) No texto, a flexão do pretérito mais que perfeito do indicativo empregado como imperfeito do conjuntivo. (3) No texto «iniquícia» [latinismo], «vaso de iniqüidade»; cofre, receptáculo de iniqüidade; é expressão usada na escritura sagrada para designar o homem perverso [«vasa iniquitatis»], em contraposição denomina ela os santos «vasa virtutis», vasos de virtudes. (4) «Açoute, etc.»; fig., instrumento de castigo; estas palavras e as da

nota precedente são perífrase de Mafoma. (5) No texto, a flexão do pretérito mais que perfeito servindo de imperfeito do conjuntivo. (6) No texto «inimicícia» [é latinismo]. (7) Geração de Adão: género humano [os descendentes de Adão]. (8) Cfr. «torpe seita», est. 45 e *passim*; os adeptos da torpe [feia] seita dos muçulmanos. (9) No texto «conceberas»; a forma em «-ra» igual à forma em «-ria», do imperfeito condicional.

Vasco da Gama, respondendo ao rei de Calecut, diz-lhe que, se não fôsse a intriga dos mouros, não conceberia êle tam má suspeita dos navegantes portugueses.

---

66 «Mas porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes opressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito,
Me mostras tu tam pouca confiança
D'esta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrário, que acharias
Se não cresses a quem não crer devias.

«*Mas, — porque nenhum bem se alcança sem grandes opressões* (1); *e* porque, *em todos os feitos* (2), *o temor segue os passos da esperança* (3), *que vive sempre em suor do seu peito* (4) —; *tu mostras-me tam* [= *muito*] *pouca confiança* (5) *desta minha verdade, sem respeito das razões que acharias em contrário, se não cresses em quem não devias crer* (6).

(1) Sofrimentos; que a glória não se adquire senão à custa de grandes sacrifícios, perigos ou sofrimentos; o grande capitão está exposto agora também ao perigo de não ser acreditado, apesar da sua boa fé. (2) Proezas, actos gloriosos. (3) «O temor, etc.»; quando há esperança dum sucesso, há, ao mesmo tempo, receio, temor, de que êle não se realize; cfr. v, 74, «o coração que espera e teme». (4) «Que vive, etc.»; a qual esperança vive no peito em suor de quem a tem [a esperança per-

sonificada no homem]; cfr. a expressão bíblica do Génesis: «o homem viverá do suor do seu rosto»; o ente humano trabalha fatigantemente para alcançar o que deseja e espera. (5) Crédito; cfr. 64 e *passim*: o mesmo vocábulo com outro significado. (6) «Sem respeito, etc.»; sem atender razões contrárias àquelas que te induzem a suspeitar de mim; acreditando nos mouros e feiticeiros, aos quais não devias dar crédito.

---

67 «Porque se eu de rapinas só vivesse,
Undívago, ou da pátria desterrado,
Como crês que tam longe me viesse
Buscar assento incógnito e apartado?
Por que esperanças, ou por que interêsse
Viria esprimentando o mar irado,
Os antárticos frios, e os ardores
Que sofrem do Carneiro os moradores?

«¿*Porque* motivo — *se eu vivesse só de rapinas* (1), se eu fôsse *undívago* (2) *ou desterrado da pátria, como* tu *crês* —, *viria*, eu de *tam longe, buscar* aqui *assento* (3) *incógnito* (4) *e apartado* (5)? ¿*Por que* [*com que*] *esperanças, ou por que* [*com que*] *interêsse, viria* eu [*andaria eu*] *experimentando o mar irado, os frios antárticos* (6), *e os ardores que sofrem os moradores* das terras tropicais *do Carneiro* (7)?

(1) Vasco da Gama fôra acusado de pirata [VIII, 63]. (2) Vagabundo das ondas [dos mares], pirata, corsário. (3) Pousada. (4) Desconhecido. (5) Distante. (6) Os frios do polo antártico [sul]; os navegantes, na passagem do Cabo da Boa Esperança, tinham navegado no oceano glacial antártico. (7) Nome duma constelação estelar do signo do zodíaco; «os ardores, etc.», fig., os calores da zona tórrida, padecidos pelos habitantes das regiões equatoriais, e pelos navegantes quando passaram por Melinde e Mombaça; o signo do «Carneiro» está no zénite dessas regiões.

68 «Se com grandes presentes d'alta estima
O crédito me pedes do que digo,
Eu não vim mais, que a achar o estranho clima
Onde a natura pôs teu reino antigo.
Mas se a fortuna tanto me sublima,
Que eu torne á minha pátria e reino amigo,
Então verás o dom soberbo e rico,
Com que minha tornada certifico.

«*Se, com grandes presentes de alta estima* (1), *me pedes o crédito* (2) *do que digo*, não tas posso dar agora; *eu não vim mais* do *que achar o estranho clima* [*país*] *onde a natureza pôs o teu antigo reino* (3). *Mas, — se a fortuna me sublimar* [*favorecer*] *tanto* (4), *que eu torne à minha pátria, e* ao teu *amigo reino —, verás então o soberbo e rico dom* [*presente*], *com que hei-de certificar a minha tornada* [*o meu regresso*] (5).

(1) Subido valor. (2) Prova, demonstração. (3) «Não vim, etc.»; apenas vim descobrir esta notável região em que a natureza colocou o reino de Calecut; cfr. VII, 32: subentende-se, que vinha desprovido de objectos próprios para condigno presente aos reis da Índia; não era de boa política dizer ao Samorim a inteira verdade: — supor que êsses reis seriam fáceis de contentar como os régulos africanos; cfr. est. 62, e VII, 60. (4) «Se a fortuna, etc.»; se Deus me ajudar tanto que eu volte à minha amada pátria; cfr. 61, e III, 21. (5) Com os presentes que trouxesse, na volta da pátria, afirmaria solenemente, demonstraria, quanto era verdade o que estava dizendo.

69 «Se te parece inopinado feito
Que rei da última Hespéria a ti me mande,
O coração sublime, o régio peito
Nenhum caso possíbil tem por grande.
Bem parece que o nobre e gram conceito
Do lusitano espírito demande
Maior crédito e fé de mais alteza,
Que crea d'elle tanta fortaleza.

Se te parece inopinado feito (1), *que* um *rei da última Hespéria* (2) *me mande a ti,* digo-te que *o sublime coração* dêsse rei, o seu *régio peito* (3), *nenhum caso possível tem por grande* (4). *Bem* me *parece, que o nobre e grande conceito* (5) *do espírito lusitano demanda maior crédito* do que tu lhe dás, *e* demanda *fé de mais alteza* do que a vossa, — fé *que creia* em *tanta fortaleza dêle* [*do espírito lusitano*].

(1) «Inopinado feito», emprêsa inesperada, digna de espanto. (2) «Última Hespéria», península hispânica; VIII, 61. (3) Coragem. (4) «Nenhum, etc.»; o rei de Portugal não se prende com dificuldades, por maiores que sejam, para levar a cabo qualquer emprêsa de possível realização. (5) Pensamento, intuito.

O Samorim mostrara não acreditar que fôsse procurado em nome dum rei de país tam distante; Vasco da Gama responde-lhe que, por isso mesmo, devia ter maior fé na fortaleza dêsse rei, e nas virtudes da alma portuguesa.

---

70 «Sabe, que há muitos annos, que os antigos
Reis nossos firmemente propuseram
De vencer os trabalhos e perigos,
Que sempre ás grandes cousas se opuseram:
E descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderam
De saber que fim tinham e onde estavam
As derradeiras praias, que lavavam.

«*Sabe* (1), *que há muitos anos, que os nossos antigos reis* se *propuseram* (2) *firmemente a vencer os trabalhos e perigos que sempre se opuseram às grandes cousas* [*emprêsas*]; *e pretenderam* (3) êles, *descobrindo os mares* (4) *inimigos do quieto descanso* (5), *saber que fim tinham e onde estavam as derradeiras praias, que* êsses mares *lavavam* (6).

(1) Imperativo, singular: cfr., na estância precedente, o tratamento de «tu» ao rei de Calecut. (2) No texto, «propuseram de...», construção hoje desusada: resolveram, tomaram a deliberação de... (3) No texto, a preposição «de», desusada hoje unindo dois verbos, servindo de auxiliar o primeiro. (4) «Descobrindo os mares»: alusão às primeiras viagens de descobertas das terras de África; aos descobrimentos do infante D. Henrique no tempo de D. João I, continuados no reinado de D. Duarte, D. Afonso V e D. João II. (5) «Mares inimigos, etc.»; perífrase de «revoltosos», «procelosos»; pleonasmo em «quieto descanso», — referência a «calmaria» do mar, em oposição às freqüentes tempestades. (6) Pretendiam os monarcas portugueses, havia muitos anos, descobrir mais terras, ficar sabendo onde acabava o mar, e conhecer as regiões banhadas por êle.

---

71 «Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso rei, que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho caro
O morador de Abila derradeiro.
Êste, por sua indústria e engenho raro,
Num madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte, que faz clara
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre e da Ara.

« *Digno conceito* (1) *foi* o *do* Infante D. Henrique — *claro* (2) *ramo* da árvore genealógica *do venturoso rei* (3) *que primeiro arou* (4) *o mar, por* [*para*] *ir deitar* fora *do caro ninho* [*querida pátria*]

o derradeiro morador de Ábila (5). *Êste* infante, *por sua indústria e* por seu *raro engenho, — juntando. a um madeiro, outro madeiro* (6) — , *póde descobrir a parte* do mundo, *que a luz de Argos*, a *da Hidra*, a *da Lebre e* a *da Ara fazem clara* [*alumiam*] (7).

(1) Pensamento, intuito. (2) Preclaro, ilustre. (3) «Ramo, etc.»; perífrase de infante D. Henrique, filho de D. João I. (4) Lavrou, sulcou; fig., navegou; D. João I foi o primeiro dos reis de Portugal que se meteu ao mar, indo conquistar Ceuta; IV, 44. (5) O monte dêste nome tomado como sinónimo de Ceuta, por ser na vizinhança desta cidade; III. 77. (6) «Juntando, etc.»; fig., fazendo construir um navio, e outro e outro; alude-se ao facto de ter o infante mandado fazer embarcações, à sua custa, para a navegação de descobertas marítimas. (7) «Argos, Hidra, etc.»; são os nomes de quatro constelações estelares, que se vêem no Oceano Atlântico e nas terras de África além do Equador, onde haviam chegado as primeiras descobertas do tempo do infante; êste fizera descobrir as terras «alumiadas» por essas constelações; modo de dizer figurado, porque elas não alumiam mas resplandecem, e por isso são visíveis nessas regiões.

No verso «Abila»; em IV, 49, e em VIII, 17: «Abila».

No verso 6 «num» em vez de «a um»: a preposição «em» freqùentemente empregada no lugar doutras hoje usadas; cfr. I, 85[8]; II, 20[6]; IX, 81[3]; etc.

---

72 «Crescendo cos successos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que uns succedendo aos outros proseguiram:
De África os moradores derradeiros
Austrais, que nunca as sete flamas viram,
Foram vistos de nós, atrás deixando
Quantos estão os trópicos queimando.

«Os reis de Portugal (1) — *crescendo*-lhes *no peito as ousadias com os primeiros bons sucessos* (2)

— *descobriram, pouco a pouco, estrangeiros* (3) *caminhos, que uns* [reis], *sucedendo aos outros, prosseguiram. Os derradeiros moradores austrais de África* (4), *que nunca viram as sete flamas* (5), *foram vistos por nós* (6), que fomos *deixando para trás quantos* [*todos aqueles a quem*] *os trópicos estão queimando* (7).

(1) Palavras subentendidas da est. 70. (2) O bom êxito das primeiras viagens de descoberta marítima deu incitamento para outras viagens sucessivas. (3) Novos, dantes ignorados. (4) «Os derradeiros, etc.»; as regiões dos confins da África austral [do sul]. (5) «Sete flamas»; fig., a constelação da Ursa Maior, que se compõe de sete estrêlas muito brilhantes e sòmente visíveis no hemisfério norte. (6) «Por nós», pelos nossos navegadores, que, passando para lá do Equador, viram regiões onde não era visível a constelação da Ursa. (7) «Os trópicos estão queimando»; trópicos são os círculos da esfera terrestre paralelos ao Equador, e entre os quais se faz aparentemente o movimento do sul; no sul é o trópico de Capricórnio; nas regiões tropicais o calor é ardente, lá vivem os povos «queimados», os pretos; os navegadores passaram além, mais para o sul, deixando atrás de si as regiões do trópico [Congo, Angola] até que chegaram ao Cabo da Boa Esperança [os «derradeiros moradores austrais de África»].

Para facilitarem o seu estudo, concordaram os astrónomos em dividir o firmamento em diversas regiões — a que chamaram constelações, que são grupos de estrêlas, aos quais deram nomes arbitrários tirados de vagas semelhanças com certos animais ou certos objectos. A constelação chamada Ursa Maior compõe-se de quatro estrêlas muito brilhantes, dispostas num quadrado irregular, — que se convencionou representar o corpo do animal —, e mais três, a figurarem de cauda, em fila irregular a um dos ângulos do quadrado. Nessa região há mais estrêlas, mas, notáveis pelo brilho, são ùnicamente sete; é visível a toda a hora da noite no nosso hemisfério. Por cima, ou por baixo ou ao lado, conforme a época de observação, vê-se outro grupo também de sete estrêlas mas de menor brilho, excepto a polar: é a Ursa Menor.

---

73 «Assi com firme peito, e com tamanho
Propósito vencemos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno extranho
Viemos pôr a última coluna.
Rompendo a fôrça do líquido estanho,
Da tempestade horrífica e importuna,
A ti chegámos, de quem só queremos
Sinal, que ao nosso rei de ti levemos.

«*Assim* (1), *com firme peito* (2) *e com tamanho* [*tam grande*] *propósito* (3), nós *vencemos a Fortuna* (4), *até que viemos pôr a última coluna* (5) *no teu terreno estranho; rompendo a fôrça* [*o ímpeto*] *do líquido estanho* (6), e *da horrífica e importuna tempestade, chegámos* junto *a ti, de quem só queremos sinal que levemos de ti ao nosso rei* (7).

(1) De igual maneira, do mesmo modo que padeceram os nossos antepassados. (2) Coração firme, coragem. (3) «Tamanho propósito», resolução tam inabalável, como a demonstrada pelos anteriores navegantes. (4) «Vencemos a Fortuna», fomos superiores aos acasos da fortuna, a «Fortuna» [deusa mitológica] obedeceu à nossa vontade; cfr. x, 42. (5) «Última coluna», último marco, padrão final da viagem, — rememorando, recordando, que os portugueses, quando descobriam novas terras, nelas deixavam padrões — pedras esculpidas para prova e testemunho do descobrimento. (6) «Líquido estanho», fig., o mar, porque, estando tranqùilo, em calmaria, a sua superfície dá o aspecto de imensa fôlha de estanho; vulgarmente se diz então, em linguagem náutica, «mar estanhado»; mas de um momento para outro se torna revôlto, tempestuoso; os navegantes antes de chegarem a Calecut tinham estado expostos ao ímpeto de horrorosas tempestades. (7) Vasco da Gama nada mais queria do que levar ao rei D. Manuel um sinal do rei de Calecut, para demonstrar que se avistara com êle.

74 «Esta é a verdade, rei; que não faria
Por tam incerto bem, tam fraco prémio,
Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
Tam longo, tam fingido e vão proémio;
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero grémio
Da madre Téthys, qual pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.

«*Esta é a verdade, rei! que* [*pois*], *não sendo isto assim, não faria* eu *tam longo, tam fingido e vão proémio* [*discurso*], *por* [*a trôco de*] *bem tam incerto,* e *prémio tam fraco* (1), *qual* [*como aquele que*] *podia esperar; mas antes* [*em vez disso*] *deixar-me-ia descansar no grémio* [*regaço*]*—fero e nunca descansado—da madre Tétis* (2), *qual* [*semelhante a*] *iníquo pirata, feito rico dos* [*com os*] *trabalhos alheios.*

(1) «Prémio tam fraco», um simples sinal, é o que Vasco da Gama desejava e esperava levar ao rei D. Manuel; se não fôsse verdade o que acabava de dizer, não faria tam insignificante pedido. (2) «Grémio... Tétis», perífrase de «mar sempre revôlto»; os piratas descansam no mar, fig., vivem a maior parte do tempo no mar, roubando mercadorias de navios de fraca tripulação para se enriquecerem; não demandam os portos ás claras, para não correrem o risco de ser capturados.

Nos versos 1-4, «não faria... tam longo, tam fingido, etc.», deve entender-se: «não diria fingidamente e sem necessidade tantas cousas como vos tenho dito».

*

75 « Assi que, ó Rei, se minha gram verdade
Tens por qual é, sincera e não dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada.
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razão que está provada,
Que com claro juízo pode ver-se;
Que fácil é a verdade d'entender-se. » —

« *Assim que* [*assim pois*], *ó Rei, se tens* a *minha grande verdade por qual* [*como ela*] *é, — sincera e não dobrada* (1) —, *ajunta-me brevidade ao* teu *despacho* (2), *não me impidas* (3) *o gôsto da tornada* (4): *e, se ainda te parece falsidade* o que deixo dito, *cuida bem na razão* (5), *que está provada, e que, com* o teu *juízo claro pode ver-se* (6); *que* [*pois*] *a verdade é fácil de entender-se* [*ser entendida*] (7).

(1) « Se tens, etc., »; se consideras verdadeiras as minhas palavras — não fingidas; sem dobleza; não ocultam outro pensamento senão o que exprimem. (2) Resposta ao pedido. (3) Linguagem ainda popular; impeças. (4) Não me tires a satisfação do meu regresso à pátria levando bom despacho teu. (5) « Cuida, etc. »; pensa bem nos motivos por mim expostos. (6) Ser vista. (7) O Samorim era perspicaz, devia reconhecer que Vasco da Gama falava verdade.

---

76 Attento estava o Rei na segurança
Com que provava o Gama o que dezia;
Concebe d'elle certa confiança,
Crédito firme em quanto proferia.
Pondera das palavras a abastança,
Julga na autoridade gram valia:
Começa de julgar por enganados
Os Catuais corrutos, mal jugados.

O rei de Calecut *estava atento na segurança* (1) [*firmeza*] *com que o Gama provava o que dizia; concebia dêle confiança certa*, e *crédito firme* (2) *em* tudo *quanto o* capitão proferia; *ponderava a abastança das palavras* (3) proferidas; *julgava* haver *grande valia na autoridade* (4) com que o mesmo Gama falava; e *começava a julgar mal julgados, por enganados* [*que teriam sido enganados*] *os corrutos Catuais* (5).

(1) A confiança com que falava, revelando sinceridade. (2) «Confiança, crédito», a mesma idea por diferentes palavras. (3) «Abastança das palavras», a maneira pela qual se exprimia o Gama, proferindo as palavras suficientes: nem de mais nem de menos; não fôra prolixo nem confuso. (4) O Samorim ponderava, naquela firmeza do Capitão, ter êste a consciência do dever e da sua alta posição. (5) O rei começou a julgar que os seus regedores [catuais] tinham sido iludidos; julgava-os mal: não tinham sido iludidos, tinham sido subornados, corrompidos pelo dinheiro, e pelas promessas dos mouros.

---

77 Juntamente a cobiça do proveito,
Que espera do contrato lusitano,
O faz obedecer e ter respeito
Co capitão, e não co mauro engano.
Enfim, ao Gama manda que direito
Às naos se vá, e seguro d'algum dano
Possa a terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque e venda.

Juntamente a cobiça do proveito (1), *que* o Samorim *espera* receber *do contrato lusitano* (2), *o faz obedecer, e ter respeito com* (3) *o Capitão, e não com o mauro engano* [*intriga*]. *Emfim, manda ao Gama: — que vá direito* (4) *às naus; e* que, *seguro de dano*

algum (5), *possa mandar a terra qualquer fazenda, que troque ou venda pela especiaria* (6).

(1) «Juntamente, etc.»; ao mesmo tempo que o Samorim começava a dar crédito às palavras do Capitão, estava sendo aguilhoado pela cobiça; est. 59. (2) O tratado de comércio com Portugal. (3) «Ter respeito com...», atender a... (4) Em direitura, imediatamente, o adjectivo com a função de advérbio. (5) «Seguro, etc.»; que vá descansado: não padecerá prejuízo algum. (6) A pimenta, e as outras especiarias produzidas nas terras indianas.

---

78 Que mande da fazenda enfim lhe manda,
Que nos reinos gangéticos faleça,
Se algũa traz idónea, lá da banda
Donde a terra se acaba e o mar começa.
Já da real presença veneranda
Se parte o capitão pera onde peça
Ao Catual, que d'elle tinha cargo,
Embarcação, que a sua está de largo.

Emfim, manda-lhe [*recomenda-lhe*], *que mande* (1) alguma *fazenda, que faleça* [*não haja*] *nos reinos Gangéticos* (2), *se alguma traz idónea* (3) *lá da banda donde se acaba a terra e começa o mar* (4). *O Capitão parte já* [*logo*] *da veneranda presença rial, para* ir *onde peça embarcação ao Catual, — que dêle* [*disso*] *tinha cargo* (5) —, *que* [*pois*] *a sua estava de largo* (6).

(1) «Manda-lhe que mande», repetição propositada do mesmo vocábulo, com significação diferente; III, 55, 70, 113; IV, 66, 99; VI, 89; VII, 7, 49; VIII, 9, 19, 24, 58, 72; IX, 77, 78, 79, 81; etc. (2) «Reinos Gangéticos», perífrase de «Índia»; terras banhadas pelo rio Ganges. (3) «Alguma fazenda idónea», útil, e que seja realmente produzida lá no Ocidente. (4) «Lá da banda, etc.»; perífrase de «Ocidente», da Hispânia; III, 20; IV, 14. (5) Incumbência.

(6) «De largo», ao largo [termo náutico], longe da praia; as embarcações pequenas [botes, canoas, escaleres] das naus estavam junto destas, no ancoradouro.

---

79 Embarcação que o leve ás naos lhe pede;
Mas o mao regedor, que novos laços
Lhe machinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças e embaraços.
Co' elle parte ao caes, porque o arrede
Longe quanto poder dos régios paços,
Onde, sem que seu rei tenha notícia,
Faça o que lhe insinar sua malícia.

O Capitão *pede-lhe* [*ao Catual*] *que o leve às naus; mas o mau* [*perverso*] *regedor, que lhe maquinava novos laços* (**1**), *nada lhe concede* (**2**), *interpondo tardanças e embaraços* (**3**); e *parte com êle* em direcção *ao cais* (**4**); *por que o arrede* (**5**) [*para o arredar*] tam *longe quanto possa,* encaminhando-o a *onde faça o que lhe ensinar* a *sua malícia* (**6**), *sem que o seu rei tenha notícia* (**7**) do que suceder.

(1) Ciladas. (2) «Nada lhe concede», não lhe fornece embarcação em que vá para bordo da sua nau. (3) «Interpondo, etc.»; opondo demoras e obstáculos. (4) «Cais», é pròpriamente um muro ou construção semelhante á beira de rio ou mar, e destinado a facilitar o embarque ou desembarque de pessoas e mercadorias; aqui, extensivamente, significa o lugar da praia onde mais fàcilmente atracassem as pequenas embarcações. (5) «Porque [para que], etc.»; a locução de conjuntivo, a que geralmente corresponde hoje a locução de infinito. (6) «Onde faça, etc.»; no intuito de fazer o que lhe fôsse inspirado pelo seu instinto e intuito maléficos. (7) «Sem que o seu rei, etc.»; de modo que ao Samorim não pudesse ir queixar-se de não terem sido cumpridas as suas ordens [estância precedente].

---

80 Lá bem longe lhe diz, que lhe daria
Embarcação bastante em que partisse,
Ou que pera a luz crástina do dia
Futuro, sua partida difirisse.
Já com tantas tardanças entendia
O Gama que o gentio consentisse
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
O que d'elle até 'li não entendera.

Lá bem longe dos paços régios, *diz-lhe* o Catual: — *que lhe daria* [*a Vasco da Gama*] *embarcação bastante* (1), *em que partisse, ou que diferisse* (2) êste a *sua partida para a luz crástina do dia futuro* (3). *O Gama, com tantas tardanças* (4), *já entendia* (5) *que o gentio* (6) *consentiria na má, torpe e fera tenção* [*intenção*] *dos mouros; o que, até ali, não entendera* [*percebera*] *dêle* (7).

(1) Suficiente; embarcação capaz de o levar a bordo. (2) Adiasse. (3) «Luz crástina, etc.»; a primeira claridade da manhã [II, 88], a madrugada do dia imediato. (4) Demoras. (5) Percebia. (6) O Catual. (7) «Consentisse, etc.»; que o regedor estava disposto a anuir às feias e cruéis intenções dos mouros; só então percebeu o perverso intuito do Catual.

Na presente estância e nas seguintes, escreve o Poeta factos históricos sem os revestir de ficções poéticas.

No verso 5, «tardanças» é vocábulo empregado pelos cronistas; no verso 6, o imperfeito do conjuntivo «consentisse», em vez do imperfeito condicional com a significação de «consentiria», encontra-se também nos cronistas.

O adjectivo «crástina», só usado em poesia, tem a significação de «dia de amanhã», por isso «dia futuro» [versos 3-4] é pleonasmo; diziam os latinos: *in crastinum*, «amanhã».

81 Era êste Catual um dos que estavam
Corrutos pela maometana gente,
O principal, por quem se governavam
As cidades do Samorim potente.
D'elle sómente os Mouros esperavam
Efeito a seus enganos torpemente.
Elle, que no concêrto vil conspira
De suas esperanças, não delira.

Êste Catual era um dos gentios *que estavam corrutos* [*corrompidos*] (1) *pela gente maometana;* era *o principal* regedor, *por quem eram governadas* (2) *as cidades do potente* (3) *Samorim. Dêle só esperavam os mouros, torpemente,* o *efeito* (4) *dos seus enganos* (5). *Êle que conspirava no vil concêrto* (6), *não delirava* (7) *das suas esperanças.*

(1) Comprados com o dinheiro e promessas dos mouros. (2) «Se governavam», a forma verbal irregular da voz passiva; VII, 55 e *passim.* (3) Poderoso. (4) Resultado. (5) Ciladas, traições. (6) Combinação. (7) Não desistiu, não se afastou, não perdeu as suas esperanças; o verbo «delirar», com esta significação, é aqui um latinismo [*delirare,* «afastar-se da linha recta»].

---

82 O Gama com instância lhe requere
Que o mande pôr nas naos, e não lhe val;
E que assi lh'o mandara, lhe refere,
O nobre successor de Perimal.
«Por que razão lhe empede e lhe difere
A fazenda trazer de Portugal?
Pois aquillo que os reis já tem mandado,
Não pode ser por outrem derrogado.»

O Gama requere-lhe, com instância, que o mande pôr nas naus e [*mas*] (1) *não lhe vale o* requeri-

mento; *e refere-lhe* [*diz-lhe*] *que o nobre sucessor de Perimal* (2) *assim lho mandara* [*ordenara*]. O Gama continuou:

«*¿Por que razão lhe impede* (3) *êle* Catual, *e lhe difere* o *trazer* para terra *as fazendas* [*as mercadorias*] *de Portugal* (4)? *pois aquilo que os reis já tenham mandado, não pode ser derrogado por outrem* (5).

(1) A conjunção «e», tem aqui a fôrça da adversativa «mas». (2) «Nobre, etc.»; perífrase de «Samorim»; VII, 32. (3) Trazer de bordo as mercadorias portuguesas. (4) «Lhe difere, etc.»; está adiando para a manhã seguinte; VIII, 80. (5). «Não pode, etc.»; ninguém pode revogar ou contrariar as ordens régias.

---

83 Pouco obedece o Catual corruto
A tais palavras; antes revolvendo
Na fantasia algum sutil e astuto
Engano diabólico e estupendo,
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue avorrecido, estava vendo,
Ou como as naos em fogo lhe abrasasse,
Porque nenhũa á pátria mais tornasse.

O corruto Catual pouco obedece (1) *a tais palavras; antes* [*pelo contrário*], *estava revolvendo na fantasia* (2) *algum engano* (3) *subtil e astuto* (4), *diabólico e estupendo; ou estava vendo como poderia banhar o bruto ferro no aborrecido sangue* (5) dos portugueses, *ou como lhes abrasaria em fogo as naus, por* [*para*] *que nenhuma tornasse mais à pátria.*

(1) Pouco se deixa influenciar ou impressionar; VIII, 77. (2) «Revolvendo, etc.»; meditando; cfr. IV, 68; VII, 86; IX, 19, 21. (3) Traição, cilada. (4) Velhaco. (5) «Banhar,

etc.»; embeber armas homicidas no sangue dos portugueses, já aborrecidos, detestados pelo Catual, em consequência da intriga dos mouros, para que nenhum dos navegantes pudesse voltar a Portugal.

---

84 Que nenhum torne á pátria só pretende
O conselho infernal dos Maometanos;
Porque não saiba nunca onde se estende
A terra Eoa, o rei dos Lusitanos.
Não parte o Gama em fim, que lh'o defende
O regedor dos bárbaros profanos;
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.

O infernal conselho (1) *dos maometanos só pretende que nenhum* daqueles portugueses *torne à pátria, por* [*para*] *que o rei dos Lusitanos não saiba, nunca,* até *onde se estende* [*até onde chega*] *a terra Eoa* (2). *Emfim o Gama não parte, que* [*pois*] *lho defende* [*proíbe*] *o regedor dos profanos* (3) *bárbaros* (4): *nem* o Gama *podia ir-se, sem licença dêle* regedor, *que lhe tolhera* [*prendera*] *todas as almadias* (5).

(1) Conciliábulo, reùnião de gente para deliberar. (2) Oriental; terra do Oriente, Índia; Éolo [mitologia], rei dos ventos; aqui o vento de leste [oriente]; na Ásia estabelecera-se, em tempos anteriores, uma tribo de origem grega, aglomeração de famílias que se denominavam «eólios»: queriam as mouros, que o rei de Portugal nunca soubesse até onde chegavam as terras da Ásia; VI, 38: «hemisfério Eoo». (3) Selvagens. (4) Que não professavam a verdadeira religião. (5) Pequenas embarcações, canoas, zambucos, etc., para levarem gente de terra para bordo das naus; I, 92; II, 88.

---

85 Aos brados e razões do Capitão,
Responde o Idolatra, que mandasse
Chegar á terra as naos, que longe estão,
Porque milhor d'alli fôsse e tornasse.
«Sinal é de inimigo e de ladrão,
Que lá tam longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo e fido amigo
É não temer do seu nenhum perigo.»

Aos brados e razões do Capitão, responde o idólatra (1): — *que mandasse* êle capitão *chegar à terra as naus, que estavam longe; por* [*para*] *que melhor* ali *fôsse e dali tornasse.* E *diz-lhe* mais: *que o alargar-se* [*afastar-se*] *a frota lá tam longe* de terra (2), *era sinal de inimigo e de ladrão, porque,* sinal *do amigo certo e fido* [*fiel*] *é não temer nenhum perigo do seu* amigo.

(1) Na recitação é preciso acentuar o «á» da segunda sílaba, é a acentuação latina e sempre usada por Camões; cfr. II, 56, nota final. (2) «Se alargasse, etc.»; fundeasse tanto «ao largo», a tanta distância de terra.

Note-se que à locução de conjuntivo no verso 6 «que se alargasse», servindo de sujeito ao verbo «é» no verso 5, corresponde hoje, neste lugar, à locução de infinito; cfr. VIII, 7 e *passim*.

---

86 Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem, que as naos deseja perto
O Catual, porque com ferro e flama
Lh'as assalte, por ódio descuberto.
Em vários pensamentos se derrama;
Fantasiando está remédio certo
Que desse a quanto mal se lhe ordenava:
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

Nestas palavras, o discreto Gama enxerga bem (1), *que o Catual, por ódio descoberto* (2), *deseja as naus perto* de terra, *por* [*para*] *lhas assaltar com ferro e flama* [*fogo*]. O Gama *derrama-se em vários pensamentos* (3); *está fantasiando* (4) *remédio certo* (5) *que desse a quanto mal* (6) [*todo o grande mal que*] *se lhe ordenava* (7), *temia tudo, emfim cuidava em tudo* (8), que poderia acontecer-lhe.

(1) «Enxerga bem», descobre perfeitamente [enxergar = ver ao longe]. (2) Ódio manifesto, evidente — ódio dos mouros, já tradicional, e agravado pelo receio de perderem a influência comercial na Índia; ódio do Catual, por não receber presentes de Vasco da Gama. (3) «Derrama-se em vários pensamentos», é assaltado por ideas várias; cogita, reflecte sôbre as causas do que está vendo, e meio de remediá-las; literalmente, «derramar» é espalhar; o pensamento de Gama reparte-se em várias conjecturas. (4) Imaginando. (5) Remédio que não falha-se. (6) Malefício. (7) Dispunha, preparava. (8) Pensava nos perigos prováveis, e no modo de os evitar ou remediar.

---

87 Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de cristal fermoso
Que, do raio solar sendo ferido,
Vai ferir noutra parte luminoso;
E, sendo da ouciosa mão movido,
Pela casa, do moço curioso,
Anda pelas paredes e telhado,
Trémulo, aqui e ali, dessossegado:

Qual (1) *o lume* (2) *reflexo* (3) *do espelho polido, — de aço ou de formoso cristal —, que, — sendo ferido* (4) *pelo raio solar, vai, luminoso* (5), *ferir noutra parte, e sendo pela casa movido da* [*pela*] *ociosa mão do moço curioso* (6) —, *anda, pelas paredes e*

telhados, aqui trémulo, e ali desassossegado; tal flutuava... [*completa-se o sentido na estância seguinte*].

(1) «Qual... tal»; assim como..., do mesmo modo; descrevem-se nesta estância os movimentos rápidos e irrequietos do reflexo dum espelho movido por travessa criança; na estância seguinte compara-se com êste movimento a agitação dos pensamentos de Vasco da Gama, fixados nas várias hipóteses que poderiam dar-se em presença das ciladas que estava prevendo. (2) «Lume» do espelho, é a luz que êste reflecte, é o brilho do espelho; tem «bom lume» o espelho de aço, quando é bem polido; «bom lume» tem o espelho de cristal quando a chapa é igualmente polida, e foi bem disposta a amálgama de estanho e azougue que o reveste. (3) Reflectido. (4) Tocado. (5) Luminosamente, brilhantemente — o adjectivo em função de advérbio. (6) «Ociosa mão, etc.»; lembra, que o acto de pôr um espelho ao sol e brincar com os reflexos dêle é próprio de criança ociosa.

---

88 Tal o vago juízo fluctuava
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por caso o esperava
Na praia cos batéis, como ordenara.
Logo secretamente lhe mandava,
Que se tornasse á frota, que deixara,
Não fôsse salteado dos enganos,
Que esperava dos feros Maometanos.

Tal (1) *flutuava, o vago* (2) *juízo do Gama preso* (3), *quando lhe lembrou Nicolau Coelho, se por acaso* êste *o esperava na praia com os batéis, como ordenara.* O Gama *mandou-lhe logo, secretamente, dizer: que tornasse* (4) *á frota, que deixara,* para que *não fôsse salteado* (5) *dos* [*pelos*] *enganos* (6), *que esperava dos feros maometanos»* (7).

(1) «Tal», do mesmo modo; cfr. nota precedente: conclui-se aqui a comparação entre o inquieto reflexo do espelho, e o inquieto pensamento de Vasco da Gama. (2) «Vago juízo», o pensamento divagando em conjecturas — inquieto, desassossegado — prevendo os casos possíveis de acontecer. (3) Sem meios de se libertar de terra, sem batéis para poder voltar para bordo. (4) «Se tornasse», voltasse [para bordo]. (5) Acometido, atacado, assaltado. (6) Ciladas, actos traiçoeiros. (7) «Mao-me-ta-nos», quatro sílabas métricas.

Nicolau Coelho é o capitão duma das naus; IV, 82; V, 32; VI, 75.

---

89 Tal há de ser quem quer co dom de Marte
Imitar os illustres e igualá-los:
Voar co pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos e evitá-los,
Com militar engenho e sutil arte
Entender os imigos e enganá-los,
Crer tudo em fim; que nunca louvarei
O capitão que diga: «não cuidei.»

Tal há-de ser quem quiser imitar os varões *ilustres com o dom de Marte* (1), *e igualá-los:* há-de *voar com o pensamento a toda a parte, adivinhar* (2) *perigos e evitá-los;* há-de *entender os inimigos* (3) *e enganá-los com engenho* (4) *militar e arte subtil* (5); há-de, *emfim, crer tudo* (6); *que* [*pois*] *nunca louvarei o capitão que diga: «Não cuidei»*.

(1) «Tal», do mesmo modo como procedeu Vasco da Gama, pensando em tudo que podia acontecer, dêsse mesmo modo deve proceder quem quiser ser ilustre na arte militar; «dom de Marte»: literalmente, atributos de Marte; fig., a arte militar. (2) Hipérbole: ser vigilante, prudente, reflectido, para perceber a tempo onde há perigos. (3) «Entender os inimigos, etc.»; perceber os movimentos do inimigo, se são francos ou ardilosos, contrapondo-

-lhes actos de talento militar e movimentos estratégicos. (4) Talento. (5) «Arte subtil», estratégia dirigida com perspicácia. (6) «Crer tudo», pensar em tudo que possa acontecer.

---

90 Insiste o Malabar em tê-lo preso,
Se não manda chegar a terra a armada;
Elle constante, e de ira nobre aceso,
Os ameaços seus não teme nada,
Que antes quer sôbre si tomar o pêso
De quanto mal a vil malícia ousada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A frota de seu rei, que tem segura.

O Malabar (1) *insiste* (2) *em tê-lo preso* [*ao Gama*], *se* êste *não manda chegar a armada* próximo *à terra* (3); *êle* [*Gama*] *constante* (4), *e aceso de nobre ira* (5), *não teme nada* (6) *as ameaças suas* [*do Malabar*]; *que* [*pois*] *antes quere tomar sôbre si o pêso de* tudo (7) *quanto a vil* e *ousada malícia lhe anda armando,* do *que pôr em ventura* [*em perigo*] *a frota, que tem segura, do seu rei.*

(1) Adjectivo patronímico, aplicado aqui ao Catual, por ser habitante da costa de Malabar. (2) Teima. (3) Cfr. est. 85: «chegar à terra as naus». (4) Firme no seu propósito. (5) Cfr. IV, 34. (6) Cfr. III, 112. (7) «Antes quere, etc.»; Vasco da Gama prefere arrostar pessoalmente o perigo a que estava exposto, prefere a morte, à contingência de arriscar as naus, que, no mar estavam seguras; pois encalhadas na praia seriam invadidas; quando veio a terra em Calecut, Vasco da Gama não duvidava que se expunha a grande perigo, por isso ordenara ao irmão que, apenas soubesse da sua morte, partisse logo para o reino.

91 Aquella noite esteve ali detido,
E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao rei; mas impedido
Foi da guarda, que tinha não pequena.
Comete-lhe o gentio outro partido,
Temendo de seu rei castigo ou pena,
Se sabe esta malícia, a qual asinha
Saberá, se mais tempo ali o detinha.

O Gama *esteve detido ali aquela noite e parte do outro dia, quando* [*então*] *ordenou* [*resolveu*] *tornar ao rei de Calecut* (1); *mas foi impedido da* [*pela*] *guarda, não pequena, que tinha* a vigiá-lo. *O gentio* (2), *temendo castigo ou pena* [*penalidade*] *do seu rei, se* êste *sabe esta malícia,—a qual se saberia azinha* [*depressa*], *se mais tempo ali o detivesse*—, *comete-lhe* [*propõe-lhe*] ao Gama, *outro partido* (3).

(1) «Ordenou de tornar-se», resolveu tornar a falar com o Samorim; a preposição «de» [antiquado] unindo os dois verbos; «torna-se» [antiquado], tornar. (2) O Catual. (3) Propõe ao Gama, para o soltar, outras condições [que são relatadas na estância seguinte].

Continuam a ser referidos factos históricos despidos de ficção poética.

---

92 Diz-lhe, que mande vir toda a fazenda
Vendíbil, que trazia, pera terra,
Pera que de vagar se troque e venda;
Que, quem não quer comércio, busca guerra.
Pôsto que os maos prepósitos entenda
O Gama, que o danado peito encerra,
Consente, porque sabe por verdade
Que compra co a fazenda a liberdade.

Diz-lhe o Catual: *que mande vir para terra toda a fazenda vendíbil* (1), *que trazia, para que de vagar se troque ou venda: que, quem não queria comércio, buscava guerra. O Gama,—pôsto que entenda os maus propósitos* (2), *que o danado peito* do Catual *encerra* —, *consente, porque sabe, por verdade, que compra a* sua *liberdade com a fazenda* que mandar buscar (3).

(1) Vendivel. (2) Más intenções. (3) «Sabe por verdade, etc.»; sabe com certeza; suporia naturalmente o Catual que Vasco da Gama não voltaria para bordo abandonando as fazendas em terra; mas ao capitão português importava mais pôr em segurança a sua pessoa do que velar pelos objectos desembarcados. Cfr. est. 89, «entender os inimigos e enganá-los».

No verso 3, a conjunção «e» tem a fôrça de disjuntiva.

---

93 Concertam-se, que o Negro mande dar
Embarcações idóneas com que venha;
Que os seus batéis não quer aventurar
Onde lh'os tome o imigo, ou lh'os detenha.
Partem as almadias a buscar
Mercadoria hispana que convenha;
Escreve a seu irmão que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.

Concertam-se (1), *que o negro* (2) Catual *mande dar embarcações idóneas, em que venha* a fazenda; *que* [*pois*] o Capitão *não quere aventurar* (3) *os seus batéis* (4) em terra, *onde o inimigo lhos tome ou lhos detenha: partem as almadias a buscar mercadoria hispânica, que convenha;* o Gama *escreveu a seu irmão,* «*que lhe mandasse a fazenda com que se resgatasse* [*necessária para se resgatar*]».

(1) Combinam um com o outro. (2) Epiteto aqui injurioso para o Catual; há no Indostão raças ou castas de côr tam escura como a dos africanos, mas com feições europeias, nariz aquilino, beiços delgados e cabelo liso. (3) Arriscar. (4) As pequenas embarcações de bordo [escaleres] trazidas pelos navios para desembarque e embarque de tripulantes, passageiros e pequenos volumes.

No verso 2, «embarcações com que venha» [«com» em vez de «em»] particularidade estilística dos cronistas.

---

94 Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual.
Co' ella ficam Álvaro e Diogo,
Que a podessem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rogo,
No peito vil o prémio pode e val,
Bem o mostra o gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda.

Vem a fazenda para terra, onde logo a agasalhou (1) *o infame Catual; com ela ficaram Álvaro de Braga e Diogo Dias* (2) para *que a pudessem vender pelo que valia. No peito vil, o prémio pode* [*influi*] *e vale mais* do *que* vale a *obrigação,* o *mando, e* o *rôgo, bem o mostrou o Gentio a quem o entendeu* (3); *pois soltou o Gama pela fazenda* (4).

(1) Guardou, armazenou. (2) Eram os «feitores da fazenda» [comissários, se diria hoje]; além dêstes ficaram em terra Fernão Martins, intérprete e quatro tripulantes. (3) «No peito vil, etc.»; no ânimo vil do Catual influíu o interêsse, a cobiça [do prémio] mais do que a obrigação, ou o dever do cargo, mais do que o «mando» [a ordem]do Samorim, mais do que os rogos do Capitão, mas êste percebeu a vileza. (4) O Catual deu-lhe a liberdade em troca das mercadorias.

No verso 5, «se» equivale a «que» = «se sim... ou não»; se o «prémio» valia ou não valia, bem o mostrou o

Catual; o «se» em forma interrogativa esperando resposta afirmativa.

---

95 Por ella o solta, crendo que ali tinha
Penhor bastante, d'onde recebesse
Interêsse maior do que lhe vinha,
Se o capitão mais tempo detivesse.
Elle, vendo que já lhe não convinha
Tornar a terra, porque não podesse
Ser mais retido, sendo ás naos chegado,
Nellas estar se deixa descansado. —

O Catual *solta-o por ela* (1), *crendo que tinha ali penhor bastante, donde* [*do qual*] *recebesse interêsse maior do que lhe viria, se detivesse mais tempo o Capitão. Êle* [*êste*], *vendo que já lhe não convinha tornar a terra,* — *por* [*para*] *que não pudesse ser retido mais* [*outra vez*] —, *sendo* [*tendo*] *chegado às naus, deixou-se estar nelas descansado* (2).

(1) Em troca da mercadoria; o preço da soltura foi a entrega das fazendas. (2) Livre dos cuidados que o oprimiam.

Note-se, no verso 8, que parte dêle é quási textualmente repetido no primeiro verso da estância seguinte [ornato literário].

---

96 Nas naos estar se deixa vagaroso,
Até ver o que o tempo lhe descobre;
Que não se fia já do cobiçoso
Regedor corrompido e pouco nobre. —
Veja agora o juízo curioso
Quanto no rico, assi como no pobre,
Pode o vil interêsse e sêde imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga!

Vasco da Gama *deixa-se estar nas naus* (1), *vagaroso* (2), *até ver o que o tempo lhe descobre* [*à espera do que possa acontecer*]: *que* [*pois*] *já não se fia do cobiçoso regedor* (3) *corrompido* (4), *e pouco nobre. Veja agora o juízo curioso* (5), *quanto, no* homem *rico, — assim como no pobre —, pode o vil interêsse e a inimiga sêde* (6) *do dinheiro, que a tudo nos obriga* (7)!

(1) «Deixa-se estar», não se move, não dá ordem para as naos saírem daquele pôrto, apesar de ter motivo para isso. (2) Sem pressa [de fazer a viagem de regresso]; mostra-se indiferente à demora da resposta do Samorim, e sem vontade de voltar a terra por não se fiar no Catual e nos mouros. (3) O Catual. (4) Peitado [pelos mouros]. (5) «Juízo curioso», o ajuizado observador. (6) «Imiga», por «inimiga» [síncope]; maléfica: a sêde do dinheiro; a cobiça é perniciosa para quem a tem e para quem é vítima dela. (7) «A cobiça obriga», instiga, impele o homem a praticar todos os delitos; para demonstrar esta sentença, apresenta o Poeta na estância seguinte vários exemplos históricos.

---

97 A Polidoro mata o Rei Treício,
Só por ficar senhor do gram tesouro;
Entra pelo fortíssimo edifício
Com a filha de Acrísio a chuva d'ouro;
Pode tanto em Tarpeia avaro vício,
Que a trôco do metal luzente e louro
Entrega aos inimigos a alta tôrre,
Do qual quási afogada em pago morre.

O rei Treício (1) *mata Polidoro* (2), *só por* [*para*] *ficar senhor do grande tesouro; entra a chuva de ouro pelo fortíssimo edifício* que está *com a* [*onde está a*] *filha de Acrísio* (3); *o avaro vício pode tanto*

em Tarpeia (4), *que* esta *entrega a alta tôrre aos inimigos a trôco do luzente e louro metal, do qual em paga morre quási afogada* (5).

(1) Adjectivo patronímico; o fabuloso rei da Trácia, território correspondente hoje ao da Bulgária e Rumélia. (2) Personagem da *Eneida*, poema [latino] de Vergílio; era filho de Príamo, último rei de Tróia; levava da parte do pai grandes valores para depositar nas mãos do rei da Trácia; êste matou-o para se não saber quem recebera tais valores. (3) Rei fabuloso de Argos: tinha sua filha [Danae] guardada em uma fortaleza de bronze, para que não pudesse ser raptada; mas Júpiter, convertendo-se em chuva de ouro, entrou nessa tôrre, e pôde seduzir Danae [dessa união nasceu Perseu]. (4) Jóvem romana, que, a trôco de colares de ouro, entregou uma cidadela aos inimigos de Roma, os Sabinos, sendo em seguida por estes assassinada. (5) Em paga da avareza de Tarpeia, — [avareza que a induziu à infame traição] —, teve ela a morte infligida pelos próprios que a tinham comprado. — Três exemplos de quanto mal pode causar o amor ao ouro, a sêde do dinheiro; nas duas estâncias seguintes, vem reflexões sentenciosas sôbre a influência maléfica da cobiça.

---

98 Êste, rende munidas fortalezas,
Faz tredores e falsos os amigos;
Êste, aos mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega capitães aos inimigos;
Êste, corrompe virginais purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos;
Êste, deprava ás vezes as sciências,
Os juizos cegando e as consciências;

Êste [*o ouro*] *rende fortalezas munidas* (1); *faz os amigos* serem *falsos e traidores*; *êste* [*o ouro*] *faz, aos* homens *mais nobres fazerem vilezas, e entrega*

capitães aos inimigos; êste [*o ouro*], *sem temer perigos de honra ou* de *fama, corrompe virginais purezas* (**2**); *êste* [*o ouro*] *deprava, às vezes, as sciências* (**3**), *cegando os juízos* (**4**) *e as consciências.*

(1) «Rende fortalezas, etc.»; vence pelo subôrno, pela corrução, a resistência de redutos, ou fortalezas bem guarnecidas, de fôrça militar e de munições [instrumentos bélicos]. (2) «Virginais purezas», fig., virgens puras. (3) «Deprava as sciências», induz homens de sciência a usarem dela para maus fins. (4) «Os juízos», a razão de cada um dêsses homens, que deixa obcecar a razão e a consciência pela sêde do ouro.

Acêrca da repetição do verbo fazer, cfr. ADITAMENTO no vol. I, p. III.

---

99 Êste, interpreta mais que sutilmente
Os textos; êste faz e desfaz leis;
Êste causa os perjúrios entre a gente,
E mil vezes tiranos torna os reis.
Até os que só a Deus omnipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis,
Que corrompe êste encantador, e illude;
Mas não sem côr, com tudo, de virtude.

Êste (**1**) [*o ouro*] *interpreta os textos mais* do *que subtilmente; êste faz e desfaz leis; êste causa os perjúrios entre a gente* [*entre os humanos*], *e mil vezes torna tiranos os reis. Até, aos* homens, *que só se dedicam a Deus Omnipotente, ouvireis mil vezes* dizerem *que êste* [*ouro*] *encantador* (**2**) *corrompe e ilude, e não contudo sem côr de virtude* (**3**).

(1) Note-se a continuada repetição propositada desta palavra, referindo-se ao ouro, ao dinheiro e, implicitamente, à avareza, à cobiça, — figura de retórica, que os clássicos

denominam «anáfora»; cfr. III, 142 e *passim*. (2) «Êste encantador», o ouro deslumbra, encanta muita gente. (3) «Mas contudo» [expressão pleonástica]; a dádiva às vezes ilude com a côr [aparência] de virtude; «até os religiosos, que professam pobreza, obediência e caridade, transgridem estes preceitos divinos sob pretextos que parecem tintos de virtude» [Faria e Sousa]; cfr. X, 150[5-6].

CANTO IX

1 Tiveram longamente na cidade,
Sem vender-se, a fazenda os dous feitores;
Que os infiéis por manha e falsidade
Fazem que não lh'a comprem mercadores;
Que todo seu propósito e vontade
Era deter ali os descubridores
Da Índia tanto tempo que viessem
De Meca as naos, que as suas desfizessem.

Os dois feitores (1) *tiveram a fazenda* (2) *longamente* [*por muito tempo*] *na cidade sem se vender; que* [*pois*] *os infiéis* (3), *por manha* (4) *e falsidade* (5), *faziam que os mercadores lha não comprassem, porque todo o seu propósito e vontade era deterem* [*demorarem*] *ali os descobridores da Índia, tanto tempo, que viessem as naus de Meca* (6) *e que* estas *desfizessem* [*destruíssem*] *as suas* [*dêles*].

(1) Álvaro e Diogo; VIII, 94[3]. (2) As mercadorias trazidas das naus. (3) Mouros. (4) Astúcia. (5) Velhacaria. (6) Cidade onde nasceu Maomete, a mais importante da Arábia e que por intermédio de Jedá, pôrto no Mar Vermelho, sustentava o comércio da Índia com a Europa; é considerada pelos muçulmanos como lugar o mais santo de todos; o seu principal edifício é a Caaba, templo que cerca uma pequena construção onde está a «pedra negra» venerada pelos maometanos, e que estes dizem ter sido

levada para lá pelo anjo Gabriel, para a fundação do monumento; êste só é aberto três vezes no ano; os devotos, que o visitam, fazem sete voltas em roda dêle, recitando orações e beijando a pedra sagrada; VII, 34; cfr. as estâncias seguintes.

---

2 Lá no seio Eritreo, onde fundada
Arsínoe foi do egípcio Ptolomeo,
Do nome da irmã sua assi chamada,
Que despois em Suez se converteu,
Não longe o pôrto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceu
Com a superstição falsa e profana
Da religiosa água maometana.

Lá no seio (1) *Eritreu* (2), *onde Arsínoe foi fundada do* [*pelo*] *egípcio Ptolomeu* (3), — cidade *assim chamada* por causa *do nome da sua irmã*, e nome *que depois se converteu em Suez* (4) —, *não longe* dessa cidade *jaz o pôrto da nomeada* [*afamada*] *Meca* (5), *que se engrandeceu com a falsa e profana superstição da religiosa água* (6) *maometana.*

(1) Gôlfo [mar interior]. (2) Nome antigo do Oceano Índico, e do Mar Vermelho; VII, 33. (3) Arsínoe foi nome de várias princesas egípcias, e de várias cidades do Mediterrâneo; a princesa, a que naturalmente se refere o Poeta, seria a que foi casada com Ptolomeu II, rei do Egipto [285-247 A. C.]. (4) Nome do istmo [entre o Mar Vermelho e o Mediterrâneo] atravessado pelo canal delineado pelo engenheiro Lesseps e inaugurado em 1869; tem êsse mesmo nome uma cidade e pôrto no sítio do Mar Vermelho em que se abriu o canal. (5) Cidade afamada e engrandecida pelas peregrinações dos muçulmanos, que se julgam obrigados pela sua religião a ir a Meca, ao menos uma vez na sua vida; cfr. estância precedente. (6) «Religiosa água», água que, segundo a crença religiosa dos muçul-

manos, é milagrosa — a de um certo poço em Meca — e na qual, é tradição, que se banhava Maomete.

---

3 Gidá se chama o pôrto, aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florecia,
De que tinha proveito grande e grato
O soldão que êsse reino possuía.
D'aqui aos Malabares, por contrato
Dos infiéis, fermosa companhia
De grandes naos, pelo índico oceano,
Especiaria vem buscar cada anno.

Chama-se Gidá (1) *o pôrto, onde mais florescia o trato* (2) *de todo o Mar Roxo* (3), — trato *de que tinha grande e grato proveito* (4) *o Soldão* (5) *que possuía êsse reino* [*região*]. *Daqui* [*de Gidá*], *vem formosa companhia de grandes naus pelo Oceano Índico, em cada ano, buscar especiarias aos Malabares* (6), *por contrato dos* [*com os*] *infiéis* (7).

(1) Djedda, Jedah, etc., nas cartas francesas e inglesas, cidade e pôrto no Mar Vermelho, e onde vão desembarcar os peregrinos muçulmanos procedentes da costa oriental de África e os da Índia, para irem a Meca. (2) Comércio. (3) Vermelho. (4) «Grato proveito», agradável lucro. (5) Título dos régulos ou governantes de regiões da costa arábica e da costa africana, título equivalente a Sultão. (6) «Formosa companhia, etc.»; formosas e grandes naus reünidas, em companhia umas das outras [da Turquia], que saíam do pôrto de Jedá para o Oceano Índico, pelo estreito de Babel Mandeb, iam à Índia e voltavam ao Mar Vermelho; desembarcando em Suez, e atravessando o istmo, iam vender-se em Veneza as especiarias trazidas da costa do Malabar. (7) «Por contrato, etc.»; por compra, feita pelos mouros [aqui indicados com o epíteto que geralmente lhes davam os cristãos].

«Aonde», no verso 1, corresponde na linguagem corrente de hoje a «onde». Na linguagem popular ainda hoje se diz indistintamente «onde vais», «aonde vais», «donde vais». No tempo do Poeta também não se fazia esta distinção»; cfr. *Fontes dos Lusíadas*, 552.

---

4 Por estas naos os Mouros esperavam;
Que, como fôssem grandes e possantes,
Aquellas que o comércio lhe tomavam,
Com flamas abrazassem crepitantes.
Neste soccorro tanto confiavam,
Que já não querem mais dos navegantes
Se não que tanto tempo ali tardassem
Que da famosa Meca as naos chegassem.

Os mouros esperavam por estas naus, para *que — como eram grandes* (1) *e possantes — abrasassem com flamas crepitantes* (2) *aquelas* naus portuguesas *que lhes tomavam* (3) *o comércio. Confiavam tanto neste socorro, que já não queriam dos navegantes mais, senão que* estes *ali tardassem tanto tempo, que chegassem as naus da famosa Meca* (4).

(1) «Grandes e possantes», expressão igual em VI, 15[3] e 46[1]; cfr. V, 77. (2) «Crepitantes flamas», estrepitosas chamas, fig., tiros de artilharia. (3) «Tomavam»; o comércio das especiarias, — que era feito pelos mouros, levando-as ao Mar Vermelho, para de Suez irem para a Europa —, passaria a ser feito pelos portugueses que as levariam, nos seus navios, pelo Oceano Índico e pelo Atlântico. (4) Cfr. estância precedente e VII, 34.

---

5 Mas o governndor dos ceos e gentes,
Que pera quanto tem determinado
De longe os meios dá convenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado,
Influíu piadosos accidentes
De affeição em Monçaíde, que guardado
Estava pera dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o paraíso.

Mas o Governador dos Céus e gentes (1), — *que, para* tudo *quanto determina, dá, de longe* (2), *os convenientes meios, por onde* [*pelos quais*] *vem a efeito* (3) *o fim fadado* (4) —, *influíu piedosos acidentes de afeição* (5) *em Monçaíde, que estava guardado para dar aviso ao Gama, e merecer por isso o paraíso* (6).

(1) «Governador, etc.»; perífrase de Deus, senhor dos céus e da terra; «das gentes», da humanidade. (2) «De longe», muito antecipadamente e por modo indirecto. (3) «Vem a efeito», realiza-se. (4) «Fim fadado»; o que está destinado a acontecer. (5) «Acidentes de afeição», acessos de simpatia; cfr. expressões usuais como são: acesso de ira, acesso de amor. Foi inspiração divina o ter Monçaíde simpatia pelos navegantes, porque era maometano, pertencia a uma seita que odiava os cristãos; e êle prestou importantes serviços aos portugueses, levando a bordo e trazendo de lá cartas em segrêdo. (6) Monçaíde veio com os navegantes para Portugal, onde se fez cristão; por tudo isso crê o Poeta que a alma do mouro merecia entrar na bemaventurança.

No verso 4, note-se a aliteração: «efeito», «fim», «fadado».

6 Êste, de quem se os Mouros não guardavam
Por ser Mouro como elles (antes era
Participante em quanto machinavam),
A tenção lhe descobre torpe e fera.
Muitas vezes as naos, que longe estavam,
Visita, e com piedade considera
O dano, sem razão, que se lhe ordena
Pela maligna gente sarracena.

Êste Monçaíde, — *de quem os mouros se não guardavam* (1), *por ser mouro como êles, antes* [*até*] *era participante* (2) *em tudo quanto* os mesmos mouros *maquinavam* —, *descobriu-lhes* [*ao Gama*] *a torpe e fera tenção* (3): *visitava muitas vezes as naus* (4), *que estavam longe* da praia; *e considerava com piedade o dano que, sem razão, lhes era ordenado* (5) [*para elas preparado*] *pela maligna gente sarracena* (6).

(1) «Não se guardavam de...»; não escondiam de Monçaíde os traiçoeiros planos. (2) «Era participante», fazia parte dos conciliábulos, em que os mouros maquinavam aniquilar os navegantes. (3) «Descobre-lhe, etc.»; descobre a torpe [feia] e cruel [fera] intenção dos mouros. (4) «Visitava» para levar secretamente recado ao irmão do Gama; VIII, 88. (5) «Se lhe ordena por»; a forma passiva com complemento: era ordenado, estava sendo preparado; VIII, 48 e *passim*. (6) Maometana; III, 23, 42, 58, etc.

No verso 7 «lhe» [= lhes] refere-se às «naus» do verso 5.

7 Informa o cauto Gama das armadas
Que da arábica Meca vem cad' ano,
Que agora são dos seus tam desejadas,
Pera ser instrumento d'êste dano.
Diz-lhe, que vem de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano;
E que pode ser d'ellas opremido,
Segundo estava mal apercebido.

Monçaíde *informa o cauto* (1) *Gama* acêrca *das armadas* (2), *que vem cada ano* da *Arábica Meca* (3), e *que são agora tam desejadas dos* [*pelos*] *seus* correligionários, *para serem instrumento dêste dano* (4); *diz-lhe, que vem carregadas de gente e dos horrendos trovões de Vulcano* (5), *e que* êle Gama *pode ser delas* [*por elas*] *oprimido, segundo* [*visto que*] *estava mal apercebido* (6).

(1) Prudente. (2) Das naus. (3) Fig., vindas do Mar Vermelho, e do pôrto de Jedá; cfr. est. 3. (4) A premeditada destruição dos navios portugueses. (5) «Carregadas, etc.»; com muitos soldados e peças de artilharia. (6) Munido, abastecido; o Gama não teria gente e munições bastantes para resistir às naus turcas, que viriam do Mar Vermelho.

---

8 O Gama, que também considerava
O tempo, que pera a partida o chama,
E que despacho já não esperava
Milhor do rei que os Maometanos ama,
Aos feitores, que em terra estão, mandava
Que se tornem ás naos; e porque a fama
D'esta súbita vinda os não impida,
Lhe manda que a fizessem escondida.

O Gama, — que também considerava que o tempo o chamava para a partida (**1**), *e que já não esperava despacho* (**2**) *melhor do rei, que amava os maometanos —, mandou, aos feitores* (**3**) *que estavam em terra, que tornassem para as naus; e, por que* [*para que*] *a fama* [*a notícia*] *desta* sua *súbita vinda os não impedisse, mandou-lhes* dizer *que a fizessem escondidamente* (**4**).

(**1**) «Considerava, etc.»; reflectia que era tempo de partir para Portugal. (**2**) Resposta; o Gama não esperava já resposta mais favorável, do que tinha tido até ali, do rei de Calecut, visto que êste favorecia os mouros; cfr. VII, 33. (**3**) Cfr. VIII, 94. (**4**) «Por que a fama, etc.»; para que a gente da terra não tivesse noticia de voltarem os feitores para bordo, e não obstassem ao embarque, prendendo-os, viessem estes a ocultas, embora se perdesse a fazenda que êles tinham para vender.

No verso 2, note-se a transposição «o tempo que» por «que o tempo»; no verso 6, «se tornassem» — verbo de movimento empregado sob forma pronominal; cfr. ADITAMENTO, p. VII.

---

9 Porém não tardou muito, que voando
Um rumor não soasse com verdade,
Que foram presos os feitores, quando
Foram sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sábio capitão, com brevidade
Faz represália nuns, que ás naos vieram
A vender pedraria que trouxeram.

Não tardou porêm muito, que não soasse, nas naus, *um rumor* (**1**), — *voando* e *com verdade* —, de *que tinham sido presos os feitores* em terra *quando pressentiram* que êles *vinham da cidade* para bordo.

Penetrando esta fama [*êste rumor*] *nos ouvidos do sábio* (**2**) *capitão*, êste, *com brevidade* [*imediatamente*] *fez represália nuns* mercadores, *que tinham vindo às naus para vender pedraria que traziam* (**3**).

(**1**) Boato; cfr. VII, 42, «vagando andava a fama». (**2**) Sagaz. (**3**) «Penetrando, etc.»; Vasco da Gama prendeu a bordo vinte e cinco homens [a maior parte pescadores] e entre êles seis mercadores de pedrarias, tomados em refêns da gente portuguesa que ficava em terra [histórico].

---

10 Eram estes, antigos mercadores
Ricos em Calecu, e conhecidos;
Da falta d'elles, logo entre os milhores
Sentido foi que estão no mar retidos.
Mas já nas naos os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante, e repartidos
Pelo trabalho, uns puxam pela amarra,
Outros quebram co peito duro a barra;

Estes refêns (**1**) *eram antigos mercadores ricos, conhecidos em Calecut entre os melhores* (**2**); *da falta dêles* em terra, *foi logo sentido* [*percebido*] *que estavam retidos no mar. Mas, nas naus, os bons trabalhadores* [*marinheiros*] *já volviam os cabrestantes* (**3**), *e, repartidos pelo trabalho* [*pela faina*], *uns puxavam pela amarra, outros quebravam a barra com o duro peito* (**4**).

(**1**) Os índios ou mouros que ficaram a bordo em represália; estância precedente, versos 7 e 8. (**2**) Note-se a transposição [versos 2 e 3], «conhecidos entre os melhores»: [eram dos mais ricos]. (**3**) Cabrestante era uma espécie de bolinete vertical, com muitas barras horizontais, para nele se ir enrolando o cabo ou amarra donde pende a âncora, a qual, com êste movimento, se levanta do fundo do mar, para o navio ficar pronto a navegar. (**4**) «Que-

bram a barra, etc.» [hipérbole]; encostam o «peito duro» [robusto] às barras do cabrestante [com tanta fôrça, que eram capazes de quebrá-las] para êle girar, enrolando o cabo ou amarra a que está presa a âncora — sendo a amarra puxada ao mesmo tempo por outros marinheiros.

---

11 Outros pendem da vêrga, e já desatam
A vela, que com grita se soltava,
Quando com maior grita ao rei relatam
A pressa com que a armada se levava.
As molheres e filhos, que se matam
D'aquelles que vão presos, onde estava
O Samorim se aqueixam que perdidos
Uns tem os pais, as outras os maridos.

Outros marinheiros *pendiam das vêrgas* (1), *e já com grita* [*vozearia*] (2), *desatam as velas que se soltavam* [*eram desfraldadas*], *quando, com maior grita,* os parentes dos desaparecidos se dirigiram *ao rei,* e a êste *relataram a pressa com que a armada se levava* (3). *As mulheres e* os *filhos* dos desaparecidos gritavam, *que se matavam* (4) por causa *daqueles que iam presos* nas naus, e *queixavam-se,* no sítio *onde estava o Samorim: uns* [*os filhos*], *que tinham perdido os pais; as outras* [*as mulheres*], *que tinham perdido os maridos.*

(1) «Pendiam das vêrgas»; os marinheiros subidos aos «estribos», para soltarem as velas, parecia estarem pendurados das «vêrgas»; estas são as peças de madeira que cruzam os mastros em sentido horizontal; «estribos» são uns cabos bambos, à maneira de sanefas, encapelados nas vêrgas, e que servem de apoio aos pés dos marinheiros, quando soltam ou ferram o pano [as velas]. (2) «Grita», cfr. v, 1 e *passim*. Note-se a transposição: «com grita», ligando-se a «desatam» e não a «soltava». (3) «Se levava»; êste verbo na forma pronominal era empregado pelos clássicos

com a significação de «fazer-se de vela», levantar ferro para começar a navegar. (**4**) «Gritavam com grande veemência» — que se matavam: «Alvoroçado todo o gentio com a grita e brados das mulheres dos pescadores, chegando as novas disto ao Samorim, êste fez levar recado ao Gama [Castanheda]».

---

12 Manda logo os feitores lusitanos
Com toda sua fazenda livremente,
A pesar dos imigos maometanos,
Porque lhe torne a sua presa gente.
Desculpas manda o rei de seus enganos;
Recebe o capitão de melhor mente
Os presos que as desculpas; e, tornando
Alguns negros, se parte as velas dando.

O rei *mandou logo os feitores lusitanos com toda* a *sua fazenda livremente, apesar* [*contra a vontade*] *dos inimigos maometanos, porque* [*para que*] Vasco da Gama *lhe torne* [*restitua*] *a sua gente presa*, e *manda desculpas* dos *seus enganos* (**1**). *O capitão recebeu de melhor mente* [*vontade*] *os presos*, do *que as desculpas; e, tornando* [*restituindo*] *alguns negros* (**2**), *partiu, dando as velas* ao vento (**3**).

(**1**) Eufemismo de «perfídias». (**2**) O Poeta dá o epíteto de «negros» à gente de Calecut — malabares —, por não ser muito branca. «O Samorim fez levar recado ao Gama, que tratasse bem os homens que lá tinha, porque assim se faria em terra aos seus, e que por êles lhe enviaria despacho; foi em 29 de Agosto de 1498 que Vasco da Gama partiu de Calecut, tendo ali permanecido durante 74 dias, deixando descobertas 1:200 léguas sôbre as que o tinham sido por Bartolomeu Dias» [João de Barros]; cfr. VIII, 93. (**3**) «Dando as velas», [cfr. I, 95[8], «dando as velas ao largo vento»], desfraldando-as, soltando-as, para tomarem vento, para impelir a embarcação.

*

Nos versos 4 e 7, o verbo «tornar» usado transitivamente; assim: IV, 17; V, 22; IX, 14 e *passim* [como em antigos clássicos].

---

13 Parte-se costa abaxo, porque entende
Que em vão co rei gentio trabalhava
Em querer d'elle paz, a qual pretende
Por firmar o comércio que tratava.
Mas como aquella terra que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava,
Com estas novas torna á pátria cara,
Certos sinais levando do que achara.

Partiu Vasco da Gama *costa abaixo* (1), *porque entendeu, que trabalhava em vão* (2) *com o rei gentio* (3) *em querer dêle* a *paz; a qual pretendia por* [*para*] *firmar o comércio que tratava* (4). *Mas, como deixava já sabida* [*conhecida*] *aquela terra que se estende pela Aurora* [*pelo Oriente*] (5), *tornou à pátria cara, levando sinais certos* (6) *do que achara.*

(1) Descendo para o sul. (2) Inùtilmente. (3) O Samorim. (4) «Para firmar, etc.»; para sustentar e continuar o comércio com a Índia, queria o capitão um tratado de paz. (5) «Aquela terra, etc.» [perífrase da Índia]; nasce o dia primeiramente nas terras do Oriente: a «aurora», em sentido mitológico, deusa da manhã; no sentido vulgar, a claridade que precede o nascimento do sol. (6) Estes sinais vem descritos na estância seguinte [os índios e as especiarias].

14 Leva alguns Malabares, que tomou
Por fôrça, dos que o Samorim mandara,
Quando os presos feitores lhe tornou;
Leva pimenta ardente que comprara;
A sêca flor de Banda não ficou,
A noz, e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, co'a canella,
Com que Ceilão é rica, illustre e bella.

O Gama *leva alguns malabares, — que tomara pela fôrça —, dos que o Samorim mandara* (1), *quando lhe tornou* [*restituiu*] *os feitores presos* em terra; *leva ardente pimenta* (2) *que comprara; não ficou* por levar *a sêca flor de Banda* (3), nem *a noz* moscada (4), nem *o negro cravo* (5) — *que faz clara* [*afamada*] *a nova ilha* de *Maluco* (6) — *e* (7) nem *a canela* (8) *com que Ceilão* (9) *é rica, ilustre e bela.*

(1) «Alguns malabares..., etc.»; quando o Samorim mandou a bordo das naus restituir os feitores, alguns tripulantes dos barcos que levavam êsses feitores ficaram capturados a bordo, e levados para Portugal. (2) «Ardente pimenta» é o fruto do *Piper nigrum*, L., arbusto trepador, indígena do Malabar, e cuja cultura se estende bastante pelas regiões orientais. (3) «Flor de Banda», é a denominação que dá Camões à «maça» [«arilha»], que à maneira de flor cobre a semente chamada noz moscada; cfr. a nota seguinte. (4) «Noz moscada» é a «semente da «*Myrifica fragrans*, — árvore de medianas dimensões, que «habita particularmente as seis pequenas ilhas de Banda «[no arquipélago das Molucas], e algumas regiões vizi«nhas; a «arilha», que envolve a semente, é conhe«cida pelos nomes de «maça», «macir» ou «macis». «(5) «Cravo» é o botão do *Caryophyllus aromaticus*, L., «árvore indígena das cinco pequenas ilhas das Molu«cas». Hoje está a sua cultura bastante espalhada pelas regiões quentes do globo; cfr. x, 132, 133. (6) «Maluco» [Moluca], denominada «nova» por ter sido recentemente descoberta no tempo do Poeta, no citado arquipélago das

Molucas [Oceânia]. (7) «Com», no verso 7, tem a fôrça [uso antigo] da conjunção «e». (8) «A canela» é a casca do *Cinnamomum Zeylanicum*, Breyn., árvore da família das Lauráceas, indígena da ilha de Ceilão; uma qualidade mais ordinária é produzida por diversas espécies do mesmo género, que habitam na Índia, China e outras partes do globo; x, 51. (9) Ceilão, ilha no Oceano Índico, e notável pelas suas especiarias e pedras preciosas [rubis e safiras]; I, 1.

---

15 Isto tudo lhe houvera a diligência
De Monçaíde fiel, que também leva;
Que, inspirado de angélica influência,
Quer no livro de Christo que se escreva.
Ó ditoso Africano, que a clemência
Divina assi tirou d'escura treva,
E tam longe da pátria achou maneira
Pera subir á pátria verdadeira!

Tudo isto lhe houvera (1) *a diligência do fiel Monçaíde, que* o navegador *também levou* no seu navio, e *que, inspirado por angélica influência* (2), *quis escrever-se* [*quis ser inscrito*] *no livro de Cristo* (3). *Ó ditoso africano, que* [*a quem*] *a clemência divina assim* (4) *tirou da escura treva* (5), *e* que, *tam longe da* tua *pátria, achaste maneira para subir à verdadeira pátria* (6)!

(1) Conseguira; tudo quanto Vasco da Gama alcançara em Calecut, fôra devido às diligências de Monçaíde. (2) «Angélica influência», inspiração dos anjos. (3) «Quer que se escreva, etc.» [forma passiva]; quis baptizar-se: ser contado no número dos cristãos. (4) «Assim», por essa maneira; por proteger e auxiliar os cristãos. (5) As trevas da ignorância, os erros da religião maometana que Monçaíde professava. (6) Que estando Monçaíde longe da pátria [África, ou Arábia], mereceu, pelas suas boas acções, que a sua alma subisse à verdadeira pátria das almas boas, — o céu.

Note-se, no verso 4, «quer que se escreva» por «quer escrever-se, etc.» — a oração conjuncional em vez de simples infinito [uso actual].

---

16 Apartadas assi da ardente costa
As venturosas naos, levando a proa
Pera onde a natureza tinha posta
A meta austrina na esperança boa;
Levando alegres novas e reposta
Da parte oriental pera Lisboa,
Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto, tímidos e ledos.

Assim (1) *apartadas da ardente* (2) *costa as venturosas* (3) *naus, levando a proa para onde a natureza tinha pôsto a austrina meta da boa esperança* (4); e *levando para Lisboa novas alegres* (5), *e resposta* (6) *da parte oriental* do mundo; *cometeram* (7) os navegantes *outra vez, — tímidos e ledos* (8) —, *os duros* (9) *medos* (10) *do mar incerto* (11).

(1) «Assim»: êste advérbio tem aqui a fôrça da partícula conclusiva; corresponde a «finalmente»; depois de tantos contratempos, afinal voltam as naus para Lisboa. (2) Referência ao grande calor que se sente na latitude do Malabar. (3) «Venturosas naus», fig., venturosos, felizes navegantes. (4) «Levando a proa, etc.» [perífrase]; aproaram ao polo sul [«meta» = baliza; «austrina» = austral, sul], em direcção ao Cabo da Boa Esperança. (5) Notícias que haviam de causar alegria em Portugal. (6) «Resposta», fig., trôco; objectos levados do Oriente em trôco dos que tinham sido levados do reino. (7) «Cometendo», no verso 7, equivale a «cometem»; oração de particípio imperfeito em que êste faz as vezes do modo finito, — construção usada pelos cronistas, cfr. v, 10ª e *passim*; algumas edições terminam a presente estância por dois pontos, ligando-a portanto com a seguinte; mas tal ligação não existe [*Fontes dos Lusíadas*, cit., 390-391]. (8) «Tímidos e ledos»:

receosos [por causa da incerteza da viagem, novos e imprevistos contratempos]; ao mesmo tempo, alegres [porque regressavam à pátria]. (9) «Duros», difíceis de vencer. (10) «Medos» tem aqui a significação de «objectos que dão causa a temor»; com esta significação se encontra o vocábulo nos cronistas e antigos clássicos; assim em II, 47, e VI, 82. (11) «Mar incerto», ora calmo, bonançoso, ora irrequieto, tempestuoso.

---

17 O prazer de chegar á patria cara,
A seus penates caros e parentes,
Pera contar a peregrina e rara
Navegação, os vários ceos e gentes,
Vir a lograr o prémio que ganhara
Por tam longos trabalhos e accidentes,
Cada um tem por gôsto tam perfeito,
Que o coração para elle é vaso estreito. —

O prazer de chegar à cara [*querida*] *pátria,* e *aos seus caros penates* (1) *e parentes, para contar a peregrina* (2) *e rara* (3) *navegação, os vários céus* (4), *e* as várias *gentes;* o *vir lograr o prémio* (5) *que ganhara por tam longos trabalhos e acidentes;* tudo isso, *cada um* dos navegantes, *tem por gôsto tam perfeito* (6), *que o coração, para êle, é vaso estreito* (7).

(1) Fig., aos seus lares, às suas terras, às suas casas; literalmente: nome genérico dos deuses domésticos entre os romanos. (2) Remotas, em distantes terras. (3) Singular. (4) Vários climas, vários aspectos do céu, variando com a latitude das terras percorridas. (5) Alcançar a glória; cfr., estância seguinte, «ambicionado prémio». (6) Completo. (7) O coração era pequeno para conter tamanho gôzo; paralelamente, cfr. VI, 90: «o coração no peito não lhe cabe».

---

18 Porém a deusa Cípria, que ordenada
Era pera favor dos Lusitanos,
Do padre eterno, e por bom génio dada,
Que sempre os guia já de longos annos,
A glória por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem sofridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes alegria.

Porém Vénus, *a deusa cípria* (1), — *que era ordenada* [*dirigida*] *do* [*pelo*] *Padre eterno para favor* [*protecção*] *dos lusitanos, e dada* [*inclinada, inspirada*] *por* [*para ser*] *bom génio* (2) dêles, *que* [*pois*] *sempre os guiara já* desde *longos anos* (3) —, *andava*-lhes *já ordenando* [*preparando*] *a glória alcançada pelos trabalhos,* e a *satisfação dos danos bem* [*muito*] *sofridos* (4), *e pretendia dar-lhes alegria nos tristes mares* (5).

(1) Adjectivo patronímico, de Chipre, onde havia templos consagrados a Vénus. (2) «Génio», na crença popular de nações antigas, era um espirito — bom ou mau — que influía na vida dos homens; Vénus estava destinada por Deus para ser a defensora, a protectora, o génio tutelar, o anjo da guarda dos portugueses; cfr. I, 100, e II, 18. (3) Cfr. I, 33, e II, 40. (4) «Satisfação», reparação dos muitos danos sofridos pelos navegantes. (5) «Pretendia..., etc.»; a deusa preparava aos navegantes os encantos da ilha dos Amores adiante descrita: 21 e sgs.

19 Despois de ter um pouco revolvido
Na mente o largo mar que navegaram,
Os trabalhos que pelo deus, nascido
Nas amphióneas Thebas, se causaram,
Já trazia de longe no sentido,
Pera prémio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso
No reino de cristal líquido e manso;

Vénus, — *depois de ter um pouco revolvido na mente* (1) *o largo mar* (2), *que* os lusitanos *tinham navegado* (3) e *os trabalhos que lhes haviam sido causados* (3) *pelo deus nascido na anfiónea Tebas* (4) —, *já de longe trazia no sentido buscar-lhes algum deleite, algum descanso no reino do líquido e manso cristal* [*no mar*] *para prémio de quanto mal* [*de todos os males que*] *haviam passado* [*sofrido*] (5).

(1) «Revolvido na mente»; meditado, reflectido; III, 21; IV, 68; VIII, 83. (2) «O largo mar», a grande extensão de mar. (3) No texto, o pretérito mais que perfeito simples do indicativo. (4) «Deus nascido, etc.»; perífrase de Baco, por ter nascido em Tebas, e porque as muralhas desta cidade haviam sido edificadas por Anfião — filho de Júpiter, e músico tam sublime que, ao som da sua lira, vinham as pedras, por si mesmas, colocar-se no lugar em que para construção dessas muralhas eram precisas; sôbre os danos causados por Baco aos navegantes, cfr. I, 30 e *passim*; a deusa havia muito tempo que tencionava premiar os navegantes. (5) No texto «passara», o pretérito mais que perfeito simples, que se exprime com mais clareza por igual tempo, composto.

20 Algum repouso em fim, com que podesse
Refucilar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interêsse
Do trabalho, que incurta a breve idade.
Parece-lhe razão que conta desse
A seu filho, por cuja potestade
Os deuses faz decer ao vil terreno,
E os humanos subir ao ceo sereno.

Emfim, Vénus trazia no sentido buscar (1) *algum repouso, com que pudesse refocilar* (2) *a lassa* (3) *humanidade* (4) *dos seus* (5) *navegantes, como interêsse* (6) *dos trabalhos, que* lhes *encurtavam a breve idade* [*existência*]. *Pareceu-lhe* de *razão, que* ela *desse conta* das suas intenções *a seu filho* (7), *por cuja potestade* (8) *êle faz descer as deuses ao vil terreno, e* faz *subir os* entes *humanos ao céu terreno* (9).

(1) «Trazia, etc.»; palavras subentendidas tiradas da precedente estância. (2) Dar alento, recrear, avigorar. (3) Fatigada, quebrantada. (4) Fraqueza humana. (5) Subentende-se «queridos». (6) Paga, recompensa. (7) «Desse conta, etc.»; comunicasse as suas intenções a Cupido, representante do «Amor», para êste auxiliar a deusa na realização dos seus desejos; cfr. estância seguinte. (8) Poderio, influência. (9) «Faz descer, etc.»; a influência do amor [de Cupido] sôbre os deuses é tal que os faz descer à terra [a terra, vil mesquinha em comparação do céu] quando amam criaturas humanas; e o amor dá prazeres celestes aos entes humanos. [Note-se, no texto, «humanos», — a palavra empregada como substantivo; cfr. VI, 28].

21 Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe aparelhada lá no meio
Das ágųas, algũa ínsula divina,
Ornada d'esmaltado e verde arreio;
Que muitas tem no reino, que confina
Da mãi primeira co terreno seio,
Afora as que possue soberanas
Pera dentro das portas herculanas.

Revolvido bem isto na mente (1), Vénus *determina* (2) *ter-lhes* (3) *aparelhada* (4), *lá no meio das águas* (5), *alguma ínsula* (6) *divina* (7), *ornada de esmaltado e verde arreio* (8); *que* [*pois*] *tem muitas no reino marítimo que confina com o terreno seio* [*enseada terrestre*] *da primeira* (9) *mãe*, *afora as* outras ilhas *soberanas que possui para dentro das portas Herculanas* (10).

(1) «Na mente»; elipse tirada do verso 1 da est. 19: tendo a deusa meditado bem nisto — na maneira de dar descanso e alegria aos navegantes... (2) No texto «determina de...», a preposição «de» posposta ao verbo que serve de auxiliar, cfr. *passim*. (3) Aos navegantes. (4) Preparada. (5) «No meio das águas», no alto mar. (6) Ilha. (7) Pertencente à deusa. (8) «Ornada, etc.»; adornada de variada vegetação; «esmalte», a variedade e brilho de côres; «arreio», enfeite; era esta a significação primitiva do vocábulo, antes de ser aplicado a peças com que ajaezam animais de tracção ou de cavalaria. (9) A deusa possui muitas ilhas no reino marítimo [Mar Vermelho] que banha as costas da Síria, cuja capital era Damasco, o paraíso terrestre, primeira terra-mãe [?]. (10) «Portas Herculanas»; o estreito de Gibraltar — aberto por Hércules — [III, 18; IV, 9; V, 5 e 9], comunica o Atlântico com o Mediterrâneo; portas cujos umbrais são os montes Calpe [Gibraltar] e Ábila. As outras ilhas e cidades, em que Vénus tinha culto no Mediterrâneo, eram — Chipre, Citera [hoje Cerigo], Pafos, Gnido, etc.

Na primeira das edições a lição do verso 6 é assim:

«Da primeira com o terreno seio». Tem sido objecto de largas dissertações, e de muita discussão, se o acrescentamento do vocábulo «mãe» teria sido autorizado pelo Poeta. Alega-se que sem êsse acrescentamento o verso deixaria de ser acentuado na segunda, quarta e sexta sílaba, e que para ter o número devido seria necessário formar-se dissílabo em «co», «o».

Dos comentadores que aceitam o acrescentamento da palavra «mãe», uns atribuem-lhe aqui a significação de «terra mãe», a primeira onde segundo a Escritura nasceu o primeiro homem, e onde a lenda coloca o paraíso — a Síria —; outros atribuem-lhe a significação do barro terrestre, de que foi composto o primeiro homem; outros aceitam as cosmogonias, segundo as quais foi do Céu e da Terra que nasceram os deuses e os homens.

Tem sido também objecto de larga discussão qual teria sido na mente do Poeta a situação da ilha a que se alude nesta e nas seguintes estâncias. A tal respeito parece-nos que a última palavra foi dita pelo Conde de Ficalho [*Flora dos Lusíadas*, pp. 46 e 47]. «O Poeta, por um «gracioso esfôrço de imaginação — toma uma ilha mito-«lógica com todos os seus caracteres, e transporta-a das «temperadas regiões do Mediterrâneo, — da pátria da ve-«lha poesia —, para os mares do Oriente... A sua ver-«dadeira situação geográfica é na fantasia do Poeta e não «está mal colocada». Cfr. est. 40, 52 e 53 — a ilha imaginada no meio das águas e movendo-se sôbre o mar, como qualquer embarcação.

Se o Poeta imaginou uma ilha fluctuante, não podia ela ser trazida do Mediterrâneo para o Oceano Índico; é natural, pois, que na ficção tivesse em mente o Mar Vermelho, povoado de ilhas numerosas.

Sôbre o verso 6 escreveu Faria e Sousa:

«É verdade que na primeira edição dêste poema [à «qual chamo original, como diz Correia] falta a pala-«vra «mãe». Dirão agora os escrupulosos: ¿com que «autoridade foi acrescentada essa palavra? Não sei quem «o fez, mas foi bem feito; e assim presumo, que a se-«gunda edição se tornou a fazer pelo manuscrito do «Poeta, ou por algum dos impressos emendados por êle «não só neste lugar, mas ainda noutros em que havia «sobra ou falta evidente de palavras».

Cfr. *Fontes dos Lusíadas*, p. 426 e sgs., em que o

Sr. Dr. J. M. Rodrigues propõe a seguinte emenda ao verso 6:

«D'África e d'Ásia co terreno seio».

---

22 Ali quer que as aquáticas donzellas
Esperem os fortíssimos barões,
Todas as que tem título de bellas,
Glória dos olhos, dor dos corações,
Com danças e coreas; porque nellas
Influirá secretas affeições,
Pera com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se affeiçoarem.

Ali (1), *quer* Vénus *que as aquáticas donzelas* (2), — *todas as que tem título de belas* (3), *e* são *glória* [*prazer*] *dos olhos* e *dor dos corações* (4) —, *esperem os fortíssimos varões* (5) *com danças e coreias* (6) *porque* a deusa *influirá, nelas, secretas afeições, para com mais vontade trabalharem de contentar* aqueles *a quem se afeiçoarem* (7).

(1) «Ali», na ilha imaginada pelo Poeta. (2) «Aquáticas donzelas», nereidas, símbolo das belezas femininas do Oriente [cfr. est. 53]; Faria e Sousa quer ver aqui alusão às damas de Goa, que, por influência de Afonso de Albuquerque, casaram com os primeiros colonos portugueses. (3) «Tem o título, etc.», tem a nobreza da formosura. (4) Que a mulher formosa inspira a admiração e o amor do homem que a vê, mas ao mesmo tempo pode causar-lhe dor no coração, se tal amor não é correspondido. (5) Os navegantes da frota portuguesa. (6) Bailados. (7) A deusa influiria nas ninfas para se afeiçoarem aos navegantes: — conceito de que as damas patenteiam agrado aos homens que elas amam, e muito maior agrado do que aos apaixonados por elas.

---

23 Tal manha buscou já, pera que aquelle
Que de Anchises pariu, bem recebido
Fôsse no campo que a bovina pelle
Tomou de espaço, por sutil partido.
Seu filho vai buscar, porque só nelle
Tem todo seu poder, fero Cupido,
Que assi como naquella emprêsa antiga
A ajudou já, nest'outra a ajude e siga.

Tal manha [*artifício semelhante*] *já* Vénus *buscara* [*tinha empregado*] *para que* Eneas — *o filho que ela houvera de Anquises* — *fôsse bem recebido* por Dido *no campo que* esta, *por* meio de *subtil partido* [*ardilosa proposta*] *havia tomado* [*adquirido*] em Cartago — campo que ocupava *o espaço de uma pele bovina* (1). Vénus *foi buscar* o *fero* (2) *Cupido, seu filho* — *porque só nele tem todo* o *seu poder* (3) para *que nesta emprêsa* — de influir secretas afeições das ninfas pelos portugueses — *a ajudasse e seguisse, como já a ajudara naquela emprêsa antiga,* fascinando Dido em favor de Eneas.

(1) Encerram os primeiros quatro versos uma perífrase, em que se envolvem os nomes de Eneas, Dido e Cartago, e a súmula de dois episódios da *Eneida*, de Vergílio. De Eneas já falou o Poeta [I, 3, 12; II, 45; III, 106; V, 86, 94, 98]; aqui rememora que êle era filho de Anquises, príncipe troiano, e de Vénus, e que a deusa, para o proteger quando êle naufragou em Cartago conseguira, por intermédio de Cupido, que a rainha Dido se apaixonasse por Eneas, e o recebesse bem; e traz-se também à memória o engenhoso artifício de que ela se serviu para ocupar Cartago; e foi dêste modo: Dido, princesa fenícia, era filha de Belus, rei de Tiro [Síria-Ásia]; fugindo [porque um irmão dela, Pigmalião, lhe matara o marido], chegou a Cuma — povoação da Tunísia de hoje, em África —, e pediu ao chefe dos indígenas daquela região, que lhe cedesse um campo em que ela pudesse construir uma casa para viver, dizendo não querer maior espaço de terreno do que

pudesse caber na pele de um boi; obtida nestes termos a concessão, Dido fez cortar uma pele bovina em estreitíssimas tiras, e mandou estendê-las formando um círculo. Na superfície do terreno assim cercado, mandou ela erigir uma fortaleza — que foi ocupada pelos fenícios que a acompanhavam, e teve o nome de Bizerta; esta fortaleza foi o início da fundação de Cartago [século VII A. C.], que em pouco tempo chegou a ser a capital duma república marítima muito poderosa, criou prósperas colónias na Sicília, e em Espanha, e sustentou contra Roma, sua rival, prolongadas lutas, conhecidas pelo nome de «guerras púnicas», sendo destruída por Scipião Emiliano em 146 A. C. (2) «Fero», pode aqui ter a significação de «fascinador». (3) «Só nele tem o seu poder», a fôrça de Vénus residia em Cupido — símbolo do amor, para lembrar, que é pelo afecto que a mulher exerce domínio sôbre o homem.

---

24 No carro ajunta as aves que na vida
Vão da morte as exéquias celebrando,
E aquellas em que já foi convertida
Peristera, as boninas apanhando.
Em derredor da deusa ja partida,
No ar lascivos beijos se vão dando;
Ella por onde passa, o ar e o vento
Sereno faz, com brando movimento.

A deusa *junta no* seu *carro* (1) os cisnes, — *as aves que, na vida, vão celebrando as exéquias da morte* (2) —, *e* junta-lhe as pombas (3) — aquelas aves *em que foi já convertida Peristera,* quando estava *apanhando as boninas* (4). *Em derredor da deusa, já partida, vão-se dando lascivos* (5) *beijos no ar; ela, com brando movimento, por onde passa, faz sereno o ar e o vento* (6).

(1) «Junta no carro», junge ao carro. (2) «As aves, etc.»; alude-se à ficção poética de cantar o cisne quando pressente a morte; e à superstição popular doutras eras,

segundo a qual o canto daquela ave era presságio de morte. (3) Os poetas descreviam o carro de Vénus levado, umas vezes, por cisnes, e outras, por pombas. (4) Referência à fábula: estando Vénus e Cupido em um prado colhendo flores à porfia, apareceu a moça Peristera que ajudou Vénus contra o filho. Êste aborreceu-se do caso e converteu a moça em pomba. (5) Os beijos das pombas. (6) O movimento do carro da deusa era tam suave que não produzia aragem. Cfr. II, 42: «torna sereno e claro o ar escuro».

---

25 Já sôbre os Idálios montes pende,
Onde o filho frecheiro estava então
Ajuntando outros muitos; que pretende
Fazer ũa famosa expedição
Contra o mundo revelde, porque emende
Erros grandes que há dias nelle estão,
Amando cousas que nos foram dadas,
Não pera ser amadas, mas usadas.

Vénus *pende já sôbre os montes Idálios* (1), *onde estava então o filho frecheiro* (2), *ajuntando muitos outros* amores (3), *que [pois] pretendia fazer uma famosa expedição contra o mundo rebelde, para emendar grandes erros* (4), *que há dias nele estavam [neles havia] de serem amadas cousas que nos foram dadas não para ser amadas mas usadas.*

(1) «Pende, etc.»; o carro da deusa vem no ar [est. 24], e está agora a descer sôbre os montes Idálios [na ilha de Chipre] residência de Cupido, ao qual Vénus vem pedir auxílio. (2) «Filho frecheiro», Cupido, armado das frechas invisíveis com que fere os corações. (3) Outros meninos filhos de ninfas e aos quais Cupido transmitia o seu poder de insuflar amor. (4) «Erros grandes... amando, etc.»: castigar grandes culpas, que são expostas nas estâncias seguintes: a paixão pela caça, a soberba, a tirania, a

avareza, etc., que não deixavam lugar no coração para o amor natural.

---

26 Via Acteon na caça, tam austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir um feo animal fero,
Foge da gente e bella forma humana.
E por castigo quer, doce e severo,
Mostrar-lhe a fermosura de Diana;
E guarde-se não seja inda comido
D'êsses cães, que agora ama, e consumido.

Vénus *tinha visto Acteon* (1) *tam austero* [*endurecido, absorto*] *na caça, que, cego na bruta e insana alegria* dêsse divertimento, *fugia da gente e das belas formas humanas* [*das mulheres*] *para seguir um feio animal fero; e* a deusa, *por castigo doce* [*suave*] *e* ao mesmo tempo *severo* (2), *quis mostrar-lhe a formosura de Diana, e guardá-lo* para que *não fôsse êle ainda comido e consumido por êsses cães que* êle *agora amava* (3).

(1) Personagem mitológico; quando perseguia um veado, foi encontrar Diana, a famosa deusa da caça, em completa nudez saindo de um rio em que fôra banhar-se; na fábula conta-se, que o caçador não se deteve na presença daquela formosura, de cego que ia na carreira; Vénus, irritada, converteu o caçador em veado, que os próprios cães abateram e devoraram. (2) «Castigo» que foi suave porque deu ensejo ao caçador para ver aquela formosura, mas foi severo, porque a transformação causou-lhe a morte; aqui principia a «emenda dos erros do mundo» [est. 25]: o prazer, em excesso, da caça, fazendo amortecer instintos naturais. Nos dois últimos versos o Poeta finge que a deusa reservava o castigo para o caso de o caçador se não curar do vício da caça, desprezando a formosura. (3) A estima de Acteon pelos seus cães é natural em todo o caçador.

No verso 2, «de cego» = por ser cego; em prosa pode suprimir-se o «de» sem prejudicar o sentido. No verso 7, «guarde-se», supõe o Sr. Dr. J. M. Rodrigues que o Poeta teria escrito «guardá-lo».

---

27 E vê do mundo todo os principais,
Que-nenhum no bem púbrico imagina;
Vê nelles, que não tem amor a mais
Que a si sómente e a quem philáucia insina;
Vê que êsses que freqùentam os reais
Paços, por verdadeira e sã doctrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente.

E Vénus *vê os principais* (1) *de todo o mundo*, e vê *que nenhum* dêles *imagina* [*medita*] *no bem público; neles sómente vê, que* êles *não tem amor a mais* ninguêm do *que a si; vê, neles*, gente *a quem a filáucia ensina* (2). *Vê, que êsses que freqùentam os paços riais, vendem* a *adulação por doutrina verdadeira e sã* (3) — *adulação que mal consente ser mondado o novo trigo florescente* (4).

(1) As pessoas de mais alta jerarquia. (2) «Quem a filáucia, etc.»; quem é ensinado, educado, na filáucia [na impostura, na bazófia, no egoísmo]. (3) «Estes que freqùentam os riais paços, etc.»; os cortesãos lisonjeando, por servilismo, pessoas que não merecem louvor, concorrem para que não possa distinguir-se o joio do trigo; vendem adulação por boa doutrina, apregoam por bom o que é mau. (4) Mondar o trigo é arrancar a erva ruim que nasce por entre êle e o não deixa medrar; a adulação é como o escalracho, que não deixa medrar o trigo; não permite que os reis governem com justiça. Na presente estância fulminam-se: o egoísmo dos grandes da terra, a filáucia, a adulação, o servilismo.

---

*

28 Vê que aquelles que devem á pobreza
Amor divino, e ao povo caridade,
Amam sómente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade.
Da fea tyrania e de aspereza
Fazem direito e vã severidade;
Leis em favor do rei se estabelecem,
As em favor do povo só, perecem.

Vénus *vê, que aqueles que devem* [*são devedores de*] *amor divino* (1) *à pobreza, e caridade ao povo, amam sómente mandos e riqueza, simulando justiça e integridade.* Ésses, *da feia tirania e de aspereza, fazem direito e vã* [*balofa*] *severidade* (2): *estabelecem-se leis em favor do rei; só perecem as* leis *em favor do povo.*

(1) Alusão àqueles altos ministros da religião que não dispensam à pobreza o amor ensinado pela religião; alusão aos detentores do poder civil que não são caridosos para o povo, pensando, uns e outros, só nos meios de terem preponderância, fingindo justiça, ou cuidado de alcançar riquezas, e fingindo independência. (2) Os que assim procedem, chamam justos aos seus actos de tirania; chamam severidade ao que é dureza, crueldade.

Os últimos dois versos exprimem a consequência dos erros apontados: o fazerem-se leis em favor do rei, e saírem no esquecimento as leis existentes em favor do povo.

---

29 Vê em fim, que ninguém ama o que deve
Senão o que sómente mal deseja.
Não quer que tanto tempo se releve
O castigo, que duro e justo seja.
Seus ministros ajunta, porque leve
Exércitos conformes á peleja
Que espera ter co'a mal regida gente,
Que lhe não fôr agora obediente.

Vénus *vê, emfim, que ninguêm ama o que deve* amar, *vê* que ninguêm ama *senão, sòmente o que mal* [*erradamente*] *deseja; Vénus não quere que, por tanto tempo, se releve* (1) *o castigo das* culpas, — *castigo, que seja duro* (2) *e justo.* A deusa *junta* [*reúne*] os *seus ministros* (3), *por* [*para*] *levar exércitos conforme com a peleja* (4), *que espera ter com a mal regida* (5) *gente que lhe não fôr agora obediente.*

(1) Se alivie, se suspenda. (2) Rigoroso. (3) Os amores; est. 25: «o filho e os outros meninos frecheiros». (4) «Exércitos» [hipérbole], que correspondessem à grandeza da batalha, isto é, que fôssem aptos para ela. (5) Mal encaminhada, indisciplinada [as ninfas].

Nas estâncias precedentes, alude-se a várias culpas da humanidade: culpas que nesta estância se resumem em não amar cada qual o que deve amar; e em não ser amado quem o deve ser; por isso Vénus quer glorificar os navegantes por meio do amor das ninfas, cujo coração o filho vai ferir com as suas setas [est. 43, 47 e 48], inspirando às Nereidas amor pelos portugueses, para assim lhes proporcionar confôrto e agradável passatempo em recompensa dos trabalhos sofridos na viagem. É, pois, contra as ninfas a batalha do Cupido, dando-se a entender, que os homens sendo verdadeiramente amados serão fortes e felizes, e se corrigirão dos seus erros. O castigo do deus Cupido consiste, pois, em ferir com as suas setas as aquáticas donzelas, para as tornar apaixonadas.

No verso 5, «por [para] que leve» = para levar.

---

30 Muitos d'estes meninos voadores
Estão em várias obras trabalhando,
Uns amolando ferros passadores,
Outros ásteas de setas delgaçando.
Trabalhando, cantando estão de amores,
Vários casos em verso modulando:
Melodia sonora e concertada,
Suave a letra, angélica a soada.

Muitos dêstes meninos voadores (1) *estão trabalhando em várias obras; uns amolando ferros passadores* (2); *outros adelgaçando hastes de setas; trabalhando, estão* ao mesmo tempo *cantando* a respeito de *amores*, e *modulando* (3), *em verso, vários casos; a melodia* (4) do canto era *sonora* (5) *e concertada* (6); *a letra, suave; a soada, angélica* (7).

(1) Os sagitários [est. 25 e 29] reünidos por Cupido, fazendo os preparativos para a campanha. (2) Aguçando as farpas das setas para fàcilmente trespassarem os corações das ninfas. (3) Cantando com inflexões melodiosas. (4) Canto suave de uma só voz [humana ou de instrumento], ou de muitas vozes mas em unísono. (5) Som agradável e claro. (6) Harmónica [diversos sons simultâneos produzindo harmonias]. (7) Os sons, no conjunto, eram divinos, próprios de anjos.

---

31 Nas frágoas immortais, onde forjavam
Pera as setas as pontas penetrantes,
Por lenha, corações ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes;
As águas, onde os ferros temperavam,
Lágrimas são de míseros amantes;
A viva flama, o nunca morto lume,
Desejo é só que queima e não consume.

Nas frágoas (1) *imortais* (2), *onde* os Cupidos *forjavam* (3) *as penetrantes pontas* (4) *para as setas, estavam ardendo, por lenha* (5), *corações* e *vivas entranhas ainda palpitantes; as águas onde temperavam* (6) *os ferros eram lágrimas de míseros amantes; a viva flama* (7), *o lume* (8) *nunca morto, eram só* o *desejo que queima e não consome.*

(1) Forjas, as fornalhas em que os ferreiros aquecem o ferro. (2) Que nunca se apagam. (3) Batiam, caldea-

vam. (4) Os bicos, as farpas das setas. (5) Servindo de lenha. (6) Dar «têmpera» ao ferro ou aço é dar-lhe dureza e consistência, introduzindo o metal, quando está candente, em água fria. (7) Chama. (8) As brasas [pode haver brasas sem chama].

Nesta imagem, as setas, com que o Amor fere os corações, são fabricadas com o fogo dos mesmos corações, que ardendo, servindo de combustível, continuam a ter vida [entranhas vivas] e não se consomem, porque êsse fogo é só o fogo do desejo, e as águas com que se dá a têmpera ou rijeza às setas são lágrimas de amantes.

---

32 Alguns exercitando a mão andavam
Nos duros corações da plebe ruda;
Crebos sospiros pelo ar soavam
Dos que feridos vão da seta aguda.
Fermosas nimphas são as que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não sómente dá vida aos mal feridos,
Mas põe em vida os inda não nascidos.

Alguns sagitários [os Amores] *andavam exercitando a mão* (1) *nos duros corações da plebe rude* (2); *pelo ar soavam crebos* (3) *suspiros dos* entes *que iam sendo feridos pela aguda seta. As* enfermeiras *que curavam as chagas recebidas eram formosas ninfas, cuja ajuda não sómente dá vida aos mal feridos* (4), *mas põe em vida os ainda não nascidos* (5).

(1) «Exercitando a mão», fazendo exercícios de pontaria com as setas. (2) «Corações da plebe rude»; os da gente rude [sem a cultura da civilização]; o Poeta considera-os muito sensíveis à influência do amor — mais do que os das classes cultas; por isso mais fáceis de acertar os tiros de meninos inexperientes, que assim se exercitavam, para acertarem nos corações das ninfas. (3) Amiùdados, freqüentes. (4) Perigosamente feridos. (5) «Põe em vida, etc.»; nos versos 5 a 7, os favores concedidos

pelas ninfas curam os sedentos de amor; o verso 8, lembra que nesses favores está a origem da procriação.

---

33 Fermosas são algũas e outras feas,
Segundo a qualidade fôr das chagas;
Que o veneno espalhado pelas veas
Curam-no ás vezes ásperas triagas.
Alguns ficam ligados em cadeas
Por palavras sutis de sábias magas;
Isto acontece ás vezes, quando as setas
Acertam de levar hervas secretas.

Algumas ninfas *serão formosas, e outras* serão *feias, segundo fôr a qualidade das chagas* (1); verdade é *que, às vezes, as ásperas triagas* (2) *curam o veneno espalhado pelas veias. Alguns* entes humanos *ficam ligados em cadeias* por influência de *palavras subtis* (3) *de sábias* (4) *Magas* (5); *isto acontece às vezes, quando as setas levam ervas secretas* venenosas (6).

(1) «Segundo fôr a qualidade das chagas»: na estância precedente diz o Poeta que as feridas produzidas pelo amor seriam curadas por «ninfas formosas» [verso 5]; agora trata da hipótese de as haver feias, e parece que se refere à formosura ou à fealdade da alma, e aos amores lícitos em oposição aos «amores desconcertados» e ao «amor nefando» [est. 34³⁻⁶], donde procede haver «chagas de amor» feias, que são curadas pelas ninfas que não são formosas; e reciprocamente; entendendo-se, por «cura», a satisfação do «desejo que só queima» da est. 31⁸. (2) «Ásperas triagas», amargos remédios; «triaga», ou teriaga, era uma antiga composição medicamentosa que se julgava ser óptimo específico contra a mordedura de serpentes ou outros animais venenosos. As palavras «ásperas triagas» podem ter aqui a significação metafórica de «mulheres feias», fazendo lembrar o prolóquio popular: «quem o feio ama, bonito lhe parece». (3) Melífluas.

(4) Astutas. (5) Feiticeiras. (6) «Acontece... acertam de...» [versos 7 e 8]; o segundo dêstes verbos tem aqui a significação do primeiro: isto acontece, quando acontece levarem as setas, etc. [sinonímia, e pleonasmo]; é sabido que os selvagens de África e da América humedeciam as setas com o suco de plantas venenosas, do que resultava serem mortais as feridas, — plantas que antigamente eram secretas [desconhecidas] na Europa; as setas do amor seriam envenenadas, quando as ninfas tivessem o condão de, pelas suas palavras ou por outros predicados ou artifícios, atraírem, enfeitiçarem, fascinarem os homens para os dominar, sem lhes ter amor, e só por conveniência própria ou para fins sinistros.

Na estância seguinte se mencionam exemplos, históricos ou fabulosos, de anomalias e aberrações do amor.

---

34 D'estes tiros assi desordenados,
Que estos moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido, miserando.
E também nos heroes de altos estados
Exemplos mil se vem de amor nefando,
Qual o das moças Bibli e Cinyrea,
Um mancebo de Assíria, um de Judea.

Dêstes tiros assim desordenados (1), *que estes moços mal destros* (2) *vão atirando, nascem mil desconcertados* (3) *amores entre o miserando povo ferido* (4). *E também nos heróis de altos estados* (5), *se vêem mil exemplos de amor nefando, qual o das moças Bibli e Cinirea,* o de *um mancebo da Assíria* e de *um* outro *da Judea* (6).

(1) Tiros dados sem arte pelos ajudantes de Cupido inexperientes [est. 25³ e 32¹⁻²]. (2) «Mal destros», pouco hábeis. (3) Desordenados, não acertados. (4) A pobre gente do povo [est. 25³ e 32¹⁻²]. (5) «Heróis, etc.»; fig., pessoas de alta posição social. (6) «Nefando, etc.»; tam

feio que não se pode nele falar; tais exemplos são os de amores incestuosos e impuros de Bibli, e de Cinires [personagens míticos a que se refere Ovídio], os amores de Nino, filho de Semíramis, rainha mítica da Assíria e Babilónia, e os de Amon, filho de David, rei de Israel.

---

35 E vós, ó poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vêdes;
E por baixos e rudos, vós senhoras,
Também vos tomam nas vulcânias rêdes.
Uns, esperando andais nocturnas horas,
Outros, subis telhados e paredes.
Mas eu creio que d'êste amor indino,
É mais culpa a da mãi que a do minino!

E vós, ó poderosos, vêdes muitas vezes o vosso *peito* [*coração*] *ferido por pastoras; e vós, senhoras,* muitas vezes *também sois tomadas* (1) *nas vulcâneas rêdes* (2) *por homens rudes* (3) *e baixos* (4). *Uns* [*alguns*] de vós *andais esperando horas nocturnas, outros subis* [*andais subindo*] *por telhados e paredes. Mas eu creio, que dêste amor indigno* [*dos amores ilícitos*] *é mais* [*maior*] *culpa a da mãe* (5), do *que a do menino* (6).

(1) «Vos tomam», no verso 4, equivale a sois tomadas, apanhadas. (2) «Vulcâneas rêdes», alusão às damas surpreendidas em adultério. Vulcano envolvera em uma rêde fina e rija sua espôsa [Vénus] — quando estava em colóquio amoroso com Marte e sem êles o pressentirem — indo depois chamar os outros deuses para serem testemunhas do delito, perante Júpiter. (3) Grosseiros, ignorantes. (4) De ínfima condição social. (5) Vénus. (6) Cupido.

Nesta apóstrofe dirige-se o Poeta às pessoas de elevada jerarquia que se deixam dominar por afectos de gente de baixa esfera. No verso 4, refere-se ao adulté-

rio; depois, nos versos 5 e 6, aos que, escondidamente, fazem conquistas amorosas; e por fim o Poeta atribui estes desconcertos mais à Deusa do Amor, do que ao Cupido que fere os corações, porque o fere por mandado dela.

---

36 Mas já no verde prado o carro leve
Punham os brancos cisnes mansamente;
E Dione, que as rosas entre a neve
No rosto traz, dicia diligente.
O frecheiro, que contra o ceo se atreve,
A recebê-la vem ledo e contente;
Vem todos os Cupidos servidores
Beijar a mão á deusa dos amores.

Mas os brancos cisnes punham já mansamente, no verde prado, o leve carro (1); *e Dione* (2), — *que no rosto trazia as rosas entre a neve* (3) —, *descia diligentemente* (4). *O frecheiro* (5) *que se atreve contra o céu* (6), *vem ledo e contente recebê-la*; e *vem todos os Cupidos servidores* (7) *beijar a mão à deusa dos Amores.*

(1) Nas est. 23 e 24, Vénus, na intenção de ir encontrar Cupido, tem partido pelo ar no seu carro levado por cisnes, e pombos; ia caminhando para os montes Idálias, residência do filho; agora vem descendo no carro. (2) Epiteto de Vénus. (3) As faces muito brancas e rosadas. (4) «Diligente», o adjectivo em função de advérbio; rápidamente. (5) Cupido, munido de frechas e setas. (6) «Que se atreve», deve entender-se que as frechas de Cupido ferem os próprios deuses; cfr. estância seguinte: «armas tifeas». (7) Os ajudantes de Cupido [est. 25, 29 e 30], súbditos de Vénus que, em sinal de respeito, lhe vem beijar a mão.

---

37 Ella, porque não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz: «Amado filho, em cuja mão
Toda minha potência está fundada,
Filho, em quem minhas fôrças sempre estão,
Tu que as armas tifeas tens em nada,
A soccorrer-me á tua potestade
Me traz especial necessidade.

Ela [*Vénus*], — *para não gastar o tempo em vão* [*inùtilmente*] —, *tendo o filho nos braços, diz-lhe confiada* (**1**):

«*Amado filho, em cuja mão está fundada toda a minha potência* (**2**)! *filho em quem estão sempre as minhas fôrças* (**3**)! *tu, que as armas Tifeas tens em nada* (**4**)..., vale-me: *especial necessidade me traz a socorrer-me* (**5**) *à tua potestade!*

(**1**) «Confiada», com toda a confiança, como quem tem a certeza de que o filho acudirá aos rogos de Vénus. (**2**) Poder, influência [o poder da formosura, simbolizado na deusa, está no amor simbolizado por Cupido]. (**3**) «As minhas fôrças», a mesma idea do verso 5 por outras palavras. (**4**) As armas de Tifeu, os raios de Júpiter usados contra Tifeu: Cupido não tem mêdo dos raios celestes, porque, sendo assaltado pelos gigantes capitaneados por Tifeu, soube evitá-los, convertendo-se em peixe; cfr. III, 112, «estima em nada», e VIII, 90, «teme em nada» = não receia as armas de Tifeu, não lhes dá a mínima importância. (**5**) A deusa pede ao filho que inspire «secretas afeições» às Nereidas para serem agradáveis aos navegantes [est. 22].

No verso 1, «por [para] que não gaste» [locução conjuncional] = para não gastar, *passim*.

38 «Bem vês as lusitânicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
Porque das Parcas sei, minhas amigas,
Que me hão de venerar e ter em preço.
E porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

Bem vês as fadigas lusitânicas (1), *que* (2) *eu já de* há *muito favoreço, porque sei das Parcas* (3) *minhas amigas, que* os lusitanos *me hão-de venerar e ter em aprêço. E, porque* êles *imitam tanto as antigas obras dos meus romanos* (4), *me ofereço a dar-lhes tanta* (5) *ajuda, em* tudo *quanto puder*, e *a quanto* [*até onde*] *se estender* [*chegar*] *o nosso* (6) *poder.*

(1) «Bem vês, etc.»; continuação da idea expressa na est. 19 e 20: a deusa quere compensar os navegantes dos trabalhos que padeceram, dando-lhes descanso na Ilha dos Amores. (2) O pronome refere-se [anacoluto] a lusitanos e não a fadigas. (3) As Parcas são Cloto, Laquésis e Atropos [I, 34]; são representadas aqui como sabedoras dos acontecimentos futuros. (4) «Imitam tanto, etc.»; os portugueses são muito parecidos com os romanos! «tanto» aqui não é comparativo mas demonstrativo; tem sentido absoluto; cfr. I, 24 e 75; VI, 30; VIII, 6 e 11 e *passim*. (5) «Tanta», em sentido absoluto. (6) «Nosso»; entende-se a junção do poder de Vénus com o de Cupido, a quem ela está falando.

39 «E porque das insídias do odioso
Baco foram na Índia molestados,
E das injúrias sós do mar undoso
Poderam mais ser mortos que cansados,
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados,
Tomando aquelle prémio e doce glória
Do trabalho, que faz clara a memória.

E porque [*visto que*] os lusitanos *foram, na Índia, molestados pelas insídias do odioso Baco* (1); visto que, *só* (2) em conseqüencia *das injúrias do undoso mar, poderiam* êles *ser, mais do que cansados, mortos;* — *quero que sejam repousados* (3) *no mesmo mar que sempre lhes foi temeroso* (4), *e tomem* [*recebam*] *aquele prémio e* aquela *doce glória que faz clara* [*que ilustra*] *a memória* [*a lembrança*] *de quem trabalha* (5).

(1) «As insídias, etc.»; referência às intrigas de Baco em Calecut; VIII, 47 e sgs. (2) No texto «sós»; o adjectivo com função de advérbio, correspondendo a esta locução: as injúrias do mar, — ainda que os navegantes não sofressem outros contratempos —, poderiam ter-lhes causado a morte; «mar undoso» [de ondas], encapelado, revôlto. (3) «Sejam repousados», tenham descanso. (4) Embravecido a ponto de inspirar terror. (5) «Do trabalho», figuradamente, dos que trabalham.

---

40 «E pera isso queria que feridas
As filhas de Nereo no Ponto fundo,
D'amor dos Lusitanos encendidas,
Que vem de descobrir o novo mundo;
Todas nũa ilha juntas e subidas,
(Ilha, que nas entranhas do profundo
Oceano terei aparelhada,
De dões de Flora e Zéfiro adornada):

«*E, para isso, queria* eu (1) *que as filhas de Nereu* (2), que estão *no fundo Ponto* [*Oceano*] (3) fôssem *feridas* e *encendidas* (4) *de amor dos* [*pelos*] *lusitanos, que vem de descobrir o novo mundo* (5); quero-as (6) *todas juntas e subidas* [*pomposas, aformoseadas*] (7) *numa ilha, que terei aparelhada* [*preparada*] *nas entranhas do profundo Oceano* (8), e *adornada com os dons de Flora e* de *Zéfiro* (9).

(1) Vénus, está continuando a falar, dirigindo-se a Cupido. (2) Nereidas; I, 96; II, 19; VI, 20; IX, 22; etc. (3) «Ponto» significando «mar» é latinismo — de *Pontus*. (4) «Encendidas», inflamadas, enlevadas. (5) «Novo mundo», o novo caminho da Europa para a Ásia. (6) Para facilitar a leitura supõe-se oculto, aqui, por elipse, o verbo «quero» que se tira do primeiro verso desta estância; assim, torna-se independente o sentido, que no texto está ligado entre a presente estância e a seguinte; advertindo-se que no verso 1 o imperfeito do indicativo tem a função de presente; dêste modo se procede por estar a oração principal interrompida por muitas orações subordinadas. (7) «Subidas», pode aqui significar «subindo» [do «fundo» do mar, verso 2]. (8) «Nas entranhas do profundo Oceano»; esta expressão evidencia bem, que a verdadeira situação geográfica da Ilha dos Amores «é na fantasia do Poeta» [est. 21]. (9) «Dons...», as dádivas da deusa das Flores e de Zéfiro [nome do vento oeste, e que na mitologia grega designava uma aragem branda, suave]; a ilha «saída do fundo do mar» havia de estar coberta de flores, e seria aprazível, rodeada de uma atmosfera de agradável brisa.

---

41 «Ali com mil refrescos e manjares,
Com vinhos odoríferos e rosas,
Em cristalinos paços singulares
Fermosos leitos, e ellas mais fermosas;
Em fim, com mil deleites não vulgares,
Os esperem as nimphas amorosas,
D'amor feridas, pera lhe entregarem
Quanto d'ellas os olhos cobiçarem.

Quero que (1), *ali* [*nessa ilha*]: — *com mil refrescos* (2) *e manjares; com vinhos odoríferos e rosas* a enfeitarem as mesas; *em cristalinos paços singulares* (3); em *formosos leitos; emfim, com mil deleites não vulgares* —; *as ninfas mais formosas esperem, amorosas* (4), *os* lusitanos, *feridas pelo amor, para lhes entregarem* tudo *quanto os olhos cobiçarem delas.*

(1) Subentende-se o verbo do verso 1 da estância precedente, e pelas razões aí expostas em a nota 6 da mesma estância. (2) «Refrescos», termo marítimo: os frutos e outros comestíveis e água recebidos pelos navios nos portos em que tocam. (3) «Cristalinos, etc.»; ficção de que as ninfas habitariam em palácios de cristal, por isso singulares — únicos por não os haver na terra [VI, 9, 25]. (4) Meigas, carinhosas.

---

42 «Quero que haja no reino neptunino,
Onde eu nasci, progénie forte e bella,
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potência se rebella,
Porque entendam que muro adamantino
Nem triste hypocresia val contra ella.
Mal haverá na terra quem se guarde,
Se teu fogo imortal nas águas arde.»

Quero que, no neptunino reino (1), *onde eu nasci* (2), *haja progénie forte e bela* (3); *e que o mundo vil e maligno, que se rebela contra* a *tua potência* (4), *tome* êste *exemplo* (5); *para que* os habitantes dêsse mundo *entendam, que* nem *muro adamantino* (6) *nem triste hipocrisia valem contra ela* (7): *mal* [*dificilmente*] *haverá na terra quem se guarde, se* o *teu imortal fogo arder nas águas* (8).

(1) Reino de Neptuno, fig., o Oceano. (2) Rememorando que Vénus nasceu da espuma do mar. (3) «Progé-

nie forte, etc.»; perífrase que designa «os portugueses»; desejava a deusa, que os lusitanos se multiplicassem no oceano. (4) Poderio: continua Vénus dirigindo-se a Cupido, recordando-lhe o grande poder do amor. (5) Exemplo da influência do amor. (6) Diamantino: muralhas de tam rija resistência como é a do diamante. (7) «Não valem, etc.»; não prevalecem; não tem fôrças que invalidem a influência do amor; fig., prevalecerá a progénie dos lusitanos. (8) Rijo como diamante: alegoria do forte poder que teriam os portugueses sôbre o orbe terrestre, em conseqüência do seu consórcio com o Oceano pela influência do Amor; dominariam os mares.

---

43 Assi Vénus propôs, e o filho inico
Pera lhe obedecer ja se apercebe;
Manda trazer o arco ebúrneo, rico,
Onde as settas de ponta de ouro embebe.
Com gesto ledo, a Cýpria, e impudico
Dentro no carro o filho seu recebe;
A rédea larga ás aves, cujo canto
A phaetôntea morte chorou tanto.

Vénus assim propôs (1); *e o filho iníquo* (2), *para lhe obedecer, já* [*imediatamente*] *se apercebe* [*se prepara*]; *manda trazer o rico arco ebúrneo* (3), *onde embebe* [*introduz*] *as setas de ponta de ouro. A* deusa *Cípria* (4), — *com gesto ledo* (5) *e impudico* (6) —, *recebe o seu filho dentro no carro;* e *larga a rédea às aves* (7), *cujo canto tanto chorou a morte de Faetonte.*

(1) Assim determinou; acabou a fala que Vénus dirigiu a Cupido nas seis precedentes estâncias. (2) Travesso. (3) De marfim. (4) Epíteto de Vénus, por lhe ser consagrada a Ilha de Chipre. (5) Rosto alegre. (6) Risonho; a deusa fica satisfeita por ter o filho anuído aos seus rogos, e preparar-se para ferir as Nereidas, e despertar-lhes o amor pelos portugueses. (7) Estas aves são os cisnes

[est. 24]; rememora-se a fábula de que Cisne era o nome dum rei da Ligúria, amigo de Faetonte, e que por ter chorado muito a morte dêste, desagradando por isso a Júpiter, foi convertido na ave que tem êsse nome; Faetonte, filho do Sol e de Climene, querendo uma vez guiar o carro do pai, tam desastrado foi, que esteve quási a abrasar a terra [I, 46].

---

44 Mas diz Cupido que era necessaria
Ua famosa e célebre terceira,
Que, pósto que mil vezes lhe é contrária,
Outras muitas a tem por companheira:
A deusa gigantea temerária,
Jactante, mentirosa e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e por onde voa,
O que vê com mil bôcas apregoa.

Mas Cupido diz, que era necessária uma terceira [*uma intermediária*] *famosa e célebre, que, pôsto ser-lhe mil vezes contrária, muitas outras a tem* êle *por companheira: a gigantea deusa* (1), *temerária, jactante, mentirosa e verdadeira, que vê com cem olhos, e que, por onde voa, apregoa com mil bôcas o que vê* (2).

(1) Gigantesca, de estatura desmesurada: a Fama; os poetas antigos consideravam a Fama segunda filha da Terra, irmã dos gigantes, — divindade alegórica da mitologia e representada por uma mulher pairando sôbre nuvens tocando uma trombeta; diz Cupido que a Fama, por ser «temerária», audaciosa, algumas vezes é auxiliar do amor e outras vezes lhe é contrária — ela apregoa méritos e defeitos; é jactante, e mentirosa porque há gente de bazófia e audácia, sem méritos, mas que adquire reputação de os ter; outras vezes é verdadeira quando apregoa verdades. (2) «Vê com cem olhos, etc.»; a deusa apregoa muito maior número de cousas das que vê, apesar de ver muito: lembra o rifão «quem conta um conto, acrescenta-lhe um ponto».

Cupido queria a Fama para o auxiliar na sua emprêsa, indo ela ter com as ninfas, antes dêle, para apregoar as virtudes dos que navegavam.

---

45 Vão-a buscar, e mandam-na diante,
Que celebrando vá com tuba clara
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os d'outrem celebrara.
Já murmurando a Fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhara;
Fala verdade, havida por verdade,
Que junto a deusa traz credulidade.

Vão buscá-la (1) *e mandam-na adiante* de Cupido, para *que vá, com* uma *tuba clara* [*de sons claros*], *celebrando os louvores da gente navegante mais* ainda *do que tivesse celebrado, em qualquer tempo* [*nunca*], *os* louvores *de outrem. A penetrante* (2) *Fama já se espalha pelas fundas cavernas murmurando* (3), e *fala* a *verdade* (4), que é *havida* [*recebida*] *por verdade, que* [*pois*] *a deusa traz, junto* a si, *a credulidade* (5).

(1) Vão buscar a Fama [II, 58]: a Fama indo adiante de Mercúrio para Melinde. (2) Perspicaz, inteligente; cfr. IX, 9[5] [«as orelhas penetrando»]. (3) «Murmurando», falando em voz baixa [como quem diz segredos], a cada uma das ninfas. (4) «Fala a verdade», nesta expressão se percebe que a Fama, às vezes, diz mentiras. (5) A Fama traz comsigo o dom de inspirar credulidade nas ninfas.

---

46 O louvor grande, o rumor excellente
O coração dos deuses, que indinados
Foram por Baco contra a illustre gente,
Mudando, os fez um pouco afeiçoados.
O peito feminil, que levemente
Muda quaesquer propósitos tomados,
Já julga por mao zêlo e por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

O grande louvor, — o excelente rumor [*o murmúrio da Fama*] —, foi *mudando o coração* [*modificando os sentimentos*] *dos deuses* marítimos, *que, por* causa de *Baco, tinham estado indignados* (1), *contra a ilustre gente* navegante, e *fê-los um pouco afeiçoados* [*amigos*] *a essa gente. O peito feminil, que levemente* [*fácilmente*] *muda* [*modifica*] *quaisquer propósitos tomados* (2), *julgava já, por mau zêlo e por crueza, desejar mal a tanta fortaleza* (3).

(1) Alude-se à ira de Neptuno e dos outros deuses marítimos, quando resolveram, por proposta de Baco, exterminar os navegantes [VI, 36]; agora os louvores da Fama fazem que êles mudem de parecer, e se tornem afeiçoados aos portugueses. (2) «Peito feminil, etc.»; o carácter feminino, próprio das mulheres [parece aludir-se a Tétis, que induziu aqueles deuses irreflectidamente a condenarem os navegantes; impele-os agora a sentimentos opostos; e os deuses mudam de parecer, tomam outra resolução]. (3) «Julga por mau zêlo, etc.»; julgam os deuses que seria «mau zêlo» [excesso de zêlo pelo cumprimento dos seus deveres] e uma crueldade sacrificarem gente de «tanta fortaleza» — [tanta energia moral, tantas virtudes].

47 Despede nisto o fero moço as setas
Ũa após outra; geme o mar cos tiros;
Direitas pelas ondas inquietas
Algũas vão, e algũas fazem giros;
Caem as nimphas, lançam das secretas
Entranhas ardentíssimos sospiros:
Cae qualquer sem ver o vulto que ama,
Que tanto como a vista pode a fama.

Nisto (**1**), *o fero moço* (**2**) *despede as setas, uma após outra; o mar geme* (**3**) *com os tiros; algumas vão direitas* [*em linha recta*] *pelas inquietas ondas, e algumas fazem giros. As ninfas caem, e das secretas entranhas* [*do coração*] *lançam ardentíssimos suspiros; qualquer* [*cada uma delas*] *cai sem ver o vulto que ama, porque a Fama pode tanto como a vista* (**4**).

(**1**) Ao mesmo tempo que se passava isto [a Fama a espalhar nas cavernas os louvores aos navegantes]. (**2**) «Fero moço», Cupido, a quem o Poeta por ironia chama por vezes «fero» [cruel]: o amor ferindo sem piedade. (**3**) «O mar geme», ficção de que, agitada a água pelo movimento, produz som semelhante a gemido. (**4**) «Sem ver o vulto, etc.»; as ninfas estavam já enamoradas dos navegantes sem os terem visto, sómente por influência dos louvores cantados pela Fama.

---

48 Os cornos ajuntou da ebúrnea lũa
Com fôrça o moço indómito excessiva,
Que Téthys quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhũa lhe era esquiva.
Já não fica na aljava seta algũa,
Nem nos equóreos campos nimpha viva;
E se feridas inda estão vivendo,
Será para sentir que vão morrendo.

O indómito (**1**) *moço juntou as pontas da ebúrnea* (**2**) *lua com excessiva fôrça, pois quere ferir Tétis mais do que nenhuma* outra ninfa, *porque lhe era esquiva mais do que nenhuma. Na aljava, já não lhe fica seta alguma* (**3**), *nem nos campos equóreos* (**4**) ficava *ninfa viva; e, feridas, se ainda estão vivendo, será para sentir que vão morrendo* (**5**).

(1) Altivo, indomável; epíteto dado a Cupido, por ser atrevido com os deuses. (2) «Ebúrnea lua», arco de marfim; é desta matéria o arco escolhido por Cupido para disparar as setas contra as ninfas [cfr. est. 48]; êle junta as pontas do arco; êste tem a forma de meia-lua; «juntou» as pontas do arco é hipérbole, para se dar a entender que a corda do arco foi retesada «com excessiva fôrça» para mais violentamente ser despedida a frecha, e ser mais profunda a ferida em Tétis — a ninfa esquiva ao amor dos lusitanos, e que antes lhes fôra contrária; VI, 36, 87. (3) Foram tantas as ninfas feridas por Cupido, que êste já não tinha frechas na aljava. (4) «Equóreo» é latinismo [*aequor*, superfície do mar; *aequoreus*, adjectivo marítimo]; portanto, literalmente «campos do mar», para significar por extensão «todo o mar», em superfície e profundidade. (5) Estão a morrer... de amores; estão dispostas a render-se como cativas.

---

49 Dai lugar, altas e cerúleas ondas,
Que, vêdes, Vénus traz a medicina,
Mostrando as brancas velas e redondas,
Que vem por cima da água neptunina!
Pera que tu recíproco respondas,
Ardente Amor, á flama feminina,
É forçado, que a pudicícia honesta
Faça quanto lhe Vénus amoesta!

Altas e cerúleas (**1**) *ondas! dai lugar* (**2**), *vêde que Vénus, trazendo a medicina* (**3**), *mostra as bran-*

cas e redondas velas que vem por cima da água neptunina [*de Neptuno, do mar*] (4)!

Para que tu, ardente amor, respondas reciprocamente à flama [*chama*] *feminina, é forçado* [*é indispensável*] *que a honesta pudicícia faça* tudo *quanto Vénus lhe admoestar* (5)!

(1) Azuladas. (2) Os primeiros quatro versos encerram uma apóstrofe dirigida ao mar, como se o Poeta estivesse presenceando a scena que descreve; os versos seguintes são outra apóstrofe, mas dirigida ao Amor. (3) «A medicina», o remédio para curar as feridas causadas pelas setas de Cupido nas ninfas, apaixonadas só pelos louvores da fama. (4) As velas da concha [embarcação] que transportava a deusa — redondas [arredondadas], enfunadas pelo vento. (5) «É forçado, etc.»; é forçoso que as Nereidas façam o que lhes fôr aconselhado pela deusa, para serem agradáveis aos navegantes.

---

50 Já todo o bello côro se aparelha
Das Nereidas, e junto caminhava
Em coreas gentis, usança velha,
Pera a ilha a que Vénus ss guiava.
Ali a fermosa deusa lhe aconselha
O que ella fez mil vezes, quando amava;
Ellas, que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho offerecidas.

Aparelha-se [*prepara-se*] *já todo o belo côro* (1) *das Nereidas* (2), *e caminha junto* [*unido*] *em gentis coréias* (3), — *usança velha* (4) — , *para a ilha a que* [*à qual*] *Vénus as guiava* (5). *Ali a formosa deusa aconselha-lhes o que ela mil vezes fazia, quando amava* (6); *elas, que vencidas vão* (7) *pelo amor, estão oferecidos* (8) *ao seu conselho.*

(1) Fig., agrupamento. (2) As ninfas prepararam-se — para irem ao encontro das naus. (3) Danças, fig., grupos de bailarinas; IX, 22. (4) Costume antigo, o de formarem as ninfas tais grupos. (5) Na estância precedente Vénus guia os portugueses ao encontro das Nereidas, agora encaminha estas ao encontro dêles. (6) Imagine-se o que faria Vénus no tempo dos seus amores, lendo em seguida o que fizeram as Nereidas. (7) «Vão», estão [é aqui verbo auxiliar]. (8) Dispostas a seguirem os conselhos de Vénus: bem quererem aos navegantes.

---

51 Cortando vão as naos a larga via
Do mar ingente pera a pátria amada,
Desejando prover-se de água fria
Pera a grande viajem prolongada,
Quando, juntas, com súbita alegria,
Houveram vista da ilha namorada,
Rompendo pelo ceo a mãi fermosa
De Menónio, suave e deleitosa.

Iam as naus cortando a larga via [*sulcando o espaçoso caminho*] *do ingente* [*imenso*] *mar para a pátria amada, desejando* os navegantes *prover-se de água fria para a grande* e *prolongada viagem* (1), *quando, juntas* [*estando próximas umas das outras*], êles *com súbita alegria houveram vista da* [*avistaram a*] *namorada* (2) *ilha* [*a Ilha dos Amores*]; estava *rompendo pelo céu* a Aurora, — *a formosa, suave e deleitosa mãe de Menónio* (3).

(1) Nas grandes viagens de navios de vela, tinham estes necessidade de, antes de chegarem ao seu destino, procurarem um pôsto em que recebessem água para bebida. (2) Propícia aos amores. (3) Rompia a manhã, e esta era linda, agradável. «Aurora» [II, 92].

---

52 De longe a ilha viram fresca e bella,
Que Vénus pelas ondas lh'a levava,
(Bem como o vento leva branca vela)
Pera onde a forte armada se enxergava:
Que, porque não passassem sem que nella
Tomassem pôrto, como desejava,
Pera onde as naos navegam a movia
A Acidália, que tudo em fim podia.

De longe os navegantes *viram a fresca e bela ilha, que Vénus lhes* (1) *levava pelas ondas, — bem como o vento [da mesma maneira que o vento] leva [impele] a branca vela* de embarcação —, *para* o sítio *onde se enxergava [se avistava] a forte armada. Pois, para* êles *não passarem* (2) adiante, *sem nela tomarem pôrto* (3), *a Acidália* (4), *que emfim tudo podia, movia* a ilha *para* o sítio *onde as naus navegavam.*

(1) No texto, «lh'a»; o «a» é pleonástico. (2) No texto a construção condicional, equivalente à de modo infinito; assim «tomassem», no verso 6 e *passim*. (3) «Tomarem pôrto» as naus; aportarem, entrarem no pôrto e fundearem, ancorarem. (4) Epíteto de Vénus, tomado da fonte dêsse nome [VIII, 64] que foi banho das Graças, na Beócia [região da Grécia antiga].

53 Mas firme a fez e imóbil, como viu
Que era dos nautas vista e demandada;
Qual ficou Delos, tanto que pariu
Latona Phebo e a deusa á caça usada.
Pera lá logo a proa o mar abriu,
Onde a costa fazia ũa enseada
Curva e quieta, cuja branca area
Pintou de ruivas conchas Cyterea.

Mas Vénus, *como viu que* a ilha *era vista e demandada pelos nautas, fê-la firme e imóvel,* tal *qual* como *ficou* a ilha *Delos tanto que* [*logo que*] *Latona deu à luz* os filhos, *Febo* [Apolo] *e* Díana, *a deusa usada* [*dada, consagrada*] *à caça* (1). *A proa* da nau de Vasco da Gama *abriu logo o mar para lá* [*para a ilha*] *onde a costa fazia uma enseada* (2) *curva e quieta,* e *cuja branca areia a Citerea* (3) *já pintara de ruivas* [*vermelhas*] *conchas* (4).

(1) Delos é o nome duma ilhota, no arquipélago das Cícladas [Grécia], e na qual havia um santuário de Apolo; a fábula dá, nessa ilha, o nascimento de Apolo, e de Díana — filhos de Júpiter e Latona [rival de Juno, que era espôsa de Júpiter]; também a fábula queria fazer acreditar que a ilha flutuava, e que havia nela repetidos terremotos, mas que, fazendo-se lá sacrifícios a Apolo, para que não se repetissem os tremores de terra, ficou a mesma ilha completamente quieta; outros mitógrafos querem que Juno, mordida por ciúme, tivesse feito perseguir Latona por uma serpente; para a livrar fez surgir a ilha flutuante, em que Latona fugiu; e a ilha ficou imóvel apenas nasceram Apolo e Díana. (2) Baía, angra, onde os navios podem abrigar-se de ventos e tempestades. (3) Epíteto de Vénus. (4) Finge o Poeta que a praia parecia lindo mosaico: a branca areia marchetada de conchas avermelhadas.

---

54 Três fermosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramíneo esmalte se adornavam,
Na fermosa ilha alegre e deleitosa.
Claras fontes e límpidas manavam
Do cume que a verdura tem viçosa;
Por entre pedras alvas se diriva
A sonorosa limpha fugitiva.

Na formosa, alegre e deleitosa ilha, mostravam-se

[viam-se], erguidos com graciosa soberba, três formosos outeiros adornados de gramíneo esmalte (1). *Do cume, que tinha verdura viçosa, manavam* (2) *claras e límpidas fontes* (3); *a sonorosa linfa* (4) *fugitiva derivava-se por entre alvas pedras.*

(1) «Esmalte», aqui, significa «diversidade de côres», porque revestiam êsses outeiros nas gramíneas nos seus vários tons; «gramíneas» [substantivo], é nome duma família de monocotiledóneas, cuja haste é o colmo [trigo, cevada, aveia, milho, relva, etc.]; «gramínea» [adjectivo], é o atributo, qualidade inerente às gramíneas. (2) Brotavam, saíam. (3) Nascentes. (4) Água; com êste significado só se emprega em linguagem poética; «sonorosa», produzindo som [I, 5, 47] — o murmúrio da água; «fugitiva» [corrente].

---

55 Num valle ameno, que os outeiros fende.
Vinham as claras águas ajuntar-se,
Onde ũa mesa fazem, que se estende
Tam bella quanto pode imaginar-se.
Arvoredo gentil sôbre ella pende;
Como que prompto está para afeitar-se,
Vendo-se no cristal resplandecente,
Que em si o está pintando próprIamente.

As claras águas vinham juntar-se num ameno vale que fendia (1) *os outeiros, onde* elas *faziam uma mesa* (2) *que se estendia, tam belamente* (3) *quanto pode imaginar-se. Sôbre ela pendia* (4) *gentil arvoredo, como que estivesse pronto para se afeitar* (5) *revendo-se no resplandecente cristal* (6) *que, em si, o estava pintando própriamente* (7).

(1) Separava. (2) «Mesa», fig., lago; superfície lisa como se fôsse mesa de cristal. (3) «Bela», o adjectivo em função de advérbio; o lago tinha grande extensão, e tam lindo que..., etc. (4) «Pendia»; as árvores na mar-

gem do lago estão debruçadas sôbre êle. (5) «Afeitar-se» = enfeitar-se; prosopopeia: as árvores a mirarem-se a um espelho. (6) A superfície lisa das águas parecendo cristal. (7) Naturalmente, exactamente.

As águas que se despenhavam do cume do monte vinham formar um lago no vale; nelas viam-se, miravam-se, as árvores como se fôsse em um espelho, reproduzindo naturalmente aí a imagem delas; retratavam-se as árvores na água, vendo-se ali exactamente como se viam no ar; «em si», no verso 8, é pleonasmo.

---

56 Mil árvores estão ao ceo subindo
Com pomos odoríferos e bellos:
A larangeira tem no fruito lindo
A côr que tinha Daphne nos cabellos.
Encosta-se no chão, que está caindo,
A cidreira cos pesos amarellos;
Os fermosos limões, ali cheirando,
Estão virgíneas tetas imitando.

Ali, naquele vale, *mil árvores estão subindo ao céu com odoríferos e belos pomos* (1); *a laranjeira tem, no lindo fruto, a côr que tinha Dafne* (2) *nos cabelos. A cidreira, que está caindo* (3) *com os amarelos pesos* (4), *encosta-se no chão; os formosos limões, exalando cheiro, estão ali virgíneas tetas* (5) *imitando.*

(1) «Pomos», nome genérico dos frutos de forma quási esférica [maçã, pera, laranja, etc.]; cfr. Pomona, estância seguinte. (2) Ninfa que foi convertida em loureiro no momento em que ia ser surpreendida por Apolo, quando a perseguia; os cabelos de Dafne seriam de côr loura; III, 1. (3) Pendendo, curvando-se. (4) «Amarelos pesos», as cidras, cujo pêso, pela grandeza e quantidade dos frutos, obrigava a árvore a pender, encostando no chão a copa. (5) «Virgíneas tetas», seios de virgens.

---

57 As árvores agrestes que os outeiros
Tem com frondente coma emnobrecidos,
Álemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro deus amados e queridos;
Mirtos de Cyterea, cos pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos;
Está apontando o agudo cipariso
Pera onde é pôsto o etéreo paraíso.

As árvores agrestes (1), *que tem os outeiros ennobrecidos* (2) *com frondente* (3) *coma* (4), são *os álamos* (5) *de Alcides* (6), *e os loureiros amados e queridos do louro deus* (7); são *mirtos* (8) *de Citerea* (9), *e os pinheiros de Cibele vencidos por outro amor* (10); lá *está* também *o agudo Cipariso* (11) [*cipreste*] *apontando para onde é pôsto o etéreo* (12) *paraíso.*

(1) Silvestres, florestais. (2) Ornamentados, tornados dignos de admiração. (3) Frondosa; abundante de ramaria e folhagem. (4) «Coma», literalmente cabeleira; fig., copa das árvores, ramagem superior. (5) Árvores conhecidas no nosso país; notáveis, por se agitarem as suas fôlhas com a mais simples aragem. (6) Cognome de Hércules, que andava coroado de fôlhas de álamo. (7) Apolo, que se coroava de louro. (8) Murtas, arbustos consagrados pelos romanos a Vénus. (9) Epíteto de Vénus, adorada em Citera. (10) «Pinheiros de Cibele, etc.»; na mitologia grega, Cibele era filha de Celo, espôsa de Saturno, mãe de Júpiter, Neptuno e Plutão; personificando as fôrças naturais, era a deusa da terra da agricultura e das florestas, etc.; e representava-se nos bosques em familiaridade com os leões e outras feras; chamava-se Átis um mancebo que era amante de Cibele; esta, sabendo que êle tinha «outros amores» com uma pastora frígia, num acesso de ciúme, obrigou o moço a mutilar-se, e ela, tomada de remorsos, transformou-o em pinheiro. (11) «Cipariso» era o nome fabuloso dum moço da Grécia antiga, que se finou de paixão, por lhe ter morrido uma corça que êle estimava muito; por isso foi convertido em cipreste, e ficou esta árvore sendo o símbolo do luto. (12) «Apon-

tando para o céu, etc.»; ergue-se verticalmente, em direcção para o Empíreo — a morada celeste dos bemaventurados; ADVERTÊNCIA, p. 18.

---

58 Os dões que dá Pomona, ali natura
Produze diferentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se dão muito milhores:
As cerejas purpúreas na pintura,
As amoras, que o nome tem de amores,
O pomo, que da pátria Pérsia veio,
Milhor tornado no terreno alheio.

Nessa ilha há: *os dons* (**1**) *de Pomona* (**2**), dons *que a natura* (**3**) *produz ali diferentes no sabor* (**4**), *sem terem necessidade de cultura, pois sem ela se dão* ali *muito melhores* (**5**); há *as cerejas, purpúreas na pintura* (**6**), *as amoras, que tem o nome de amores* (**7**), e *o pomo, que veio da pátria Pérsia* (**8**), *tornado melhor em terreno alheio* (**9**).

(**1**) Dádivas; «dons de Pomona», os frutos das árvores. (**2**) Divindade dos frutos e jardins. (**3**) Natureza. (**4**) Os mesmos frutos, de sabor e aroma diversos, variados. (**5**) Acentua-se a divindade da ilha no facto de se darem ali os frutos sem terem cultura as árvores, e melhores do que os produzidos em terra cultivada pelo homem. (**6**) Vermelhos na côr. (**7**) Jôgo de palavras de som semelhante, mas diversa significação; reminiscência dos amores trágicos de Píramo e Tirmé [na Babilónia] contados por Ovídio; e porque Píramo morreu debaixo de uma amoreira, deram a esta os poetas o nome de *Pyramea arbor* — como se dissessem «árvore dos amores». (**8**) A tradição de que o pêssego é originário da Pérsia; a êste país chama o Poeta pátria do pêssego. (**9**) O pêssego produzido na ilha dos Amores [terreno alheio] era melhor ainda do que o produzido na Pérsia.

---

59 Abre a romã, mostrando a rubicunda
Côr com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jocunda
Vide, c'uns cachos roxos e outros verdes.
E vós, se na vossa árvore fecunda,
Peras pyramidais, viver quiserdes,
Entregai-vos ao dano que cos bicos
Em vós fazem os pássaros inicos.

Na Ilha dos Amores *abre a romã* (1) *mostrando a rubicunda côr com que tu, ó rubi, perdes* o *teu preço* (2); *entre os braços do ulmeiro está a jucunda vide* (3) *com uns cachos roxos e outros verdes. E vós, ó peras piramidais* (4), *se quiserdes viver na vossa fecunda árvore, entregai-vos ao dano que em vós fazem, com os bicos, os iníquos* (5) *pássaros* (6).

(1) «Abre» = está aberta [verbo intransitivo]. As romãs abrem nas árvores, quando nestas se conservam até completa maturação; a casca deixa então à vista os bagos, parecendo cada fruto uma flor aberta, vermelha — rubicunda, côr de rubi. (2) Nos dois primeiros versos há três figuras oratórias: apóstrofe, prosopopeia e hipérbole, — a primeira, na interrupção da narrativa, dirigindo-se o Poeta a um rubi, que finge ter diante de si; a segunda, na fala dirigida a cousa inanimada; a terceira, na afirmativa de terem os bagos da romã mais viva côr e mais brilhante do que a do rubi, e de terem aqueles maior preço [valor] do que a preciosa gema. (3) Na ficção de Ilha dos Amores, o Poeta recorda aqui uma das grandes belezas panorâmicas das regiões de entre o Tâmega, o Minho e o Douro, a antiqüíssima cultura da vinha alta, trepada pelos choupos e ulmeiros, ostentando exuberante vegetação; aí cada árvore suporta três e quatro cepas, que podem ser de diferentes castas [cachos verdes e cachos roxos], uva branca, ao pé de uva tinta; antes de chegarem a maturação, verde a primeira, roxa e vermelha a segunda, cujas varas e ramadas entrelaçadas passam de umas para outras árvores em festões; o epíteto de «jucunda», aplicado à vide, tem dois fundamentos: a viveza da côr verde da folhagem; e a alegria que dá o sumo do fruto. (4) Em forma de pirâmide;

emprega-se o epíteto «piramidal», fig., para exprimir desusada grandeza; aqui, tem o duplo sentido. (5) Malfazejos, maléficos, travessos, cometendo a maldade de debicarem muitos frutos, estragando-os e sem proveito para êles proprios. (6) Há, nos últimos quatro versos, quatro figuras de retórica — apóstrofe, prosopopeia, hipérbole e ironia: 1.ª, é interrupção da narrativa, dirigindo o Poeta a sua fala às peras; 2.ª, é essa fala com cousas inanimadas; 3.ª, é a extraodinária fecundidade da árvore; e o extraordinário número de aves nela pousadas a debicar nos frutos; 4.ª, nas palavras empregadas, significando na sua acepção restrita absolutamente o contrário do que o Poeta queria dar a entender: — e era que as peras não viveriam muito — desapareceriam comidas pelos pássaros, — se não tivessem meio de resistir às aves que pousavam sôbre a pereira.

---

60 Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rústico terreno,
Faz ser a de Acheménia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno.
Ali a cabeça a flor Cefísia inclina
Sôbolo tanque lúcido e sereno;
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, deusa Páphia, inda suspiras.

Pois a bela e fina tapeçaria (**1**), *com que se cobre o rústico terreno, faz ser menos digna* (**2**) *a* tapeçaria *de Aquemênia* (**3**), *mas* faz ser *mais ameno* (**4**) *o vale sombrio. Ali, a flor Cisífia* (**5**) *inclina a cabeça sôbre o tanque* (**6**) *lúcido* (**7**) *e sereno* (**8**); *ali floria o filho e o neto de Ciniras* (**9**), *por quem tu* (**10**), *deusa Páfia* (**11**), *ainda suspiras.*

(**1**) «Tapeçaria»: a relva e as flores que matizam o chão, dando semelhança a um formoso e rico tapete. (**2**) Linda, rica. (**3**) Nome dado à Persia [notável pelo fabrico dos seus tapetes], em razão de ser Aquemenes o primeiro dos reis persas que se libertou do jugo da Média; o tapete

do terreno era menos digno do que o melhor tapete da Pérsia. (4) O sombrio vale torna-se ameno em conseqüência do seu rico tapete de relva e flores. (5) Adjectivo pátrio; Cisifo [Cefisio], rio da Grécia antiga, onde nasceu Narciso, que se enamorou da sua própria imagem, vendo-a no espelho das águas; e que, precipitando-se nelas, foi convertido por Vénus na flor que tomou o nome de Narciso [*Narcissus de Tazetta*, L.]. (6) O lago, o espelho das águas, a que se alude na est. 55 [mesa das águas]. (7) Brilhante, espelhento. (8) Quieto [as águas tranqüilas]. (9) Mitologia, rei de Chipre; seu filho e neto foi Adónis [nascido de Mirra], moço de beleza afeminada, que Vénus transformou em anémona, *Adonis autumnalis*, L., planta vulgar em Portugal, onde tem o nome de beijinhos — flor de jardim, apreciada por suas numerosas variedades e brilho de côr. (10) Apóstrofe dirigida a Vénus, a lembrar que ela suspira sempre que se lembra de Adónis. (11) Adjectivo patronímico de Pafos, cidade antiga da ilha de Chipre, célebre pelo templo de Vénus.

---

61 Pera julgar difícil cousa fôra,
No ceo vendo e na terra as mesmas côres,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou se lh'a dão a ella as bellas flores.
Pintando estava ali Zéfiro e Flora
As violas da côr dos amadores;
O lírio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella;

Vendo-se, *no céu e na terra* da Ilha dos Amores, *as mesmas côres, seria difícil julgar* [*decidir*] *se a bela Aurora dava côr às flores, ou se a ela lha davam as belas flores* (1). *Zéfiro* (2) *e Flora* (3) *estavam ali pintando as violetas com a côr dos amantes* (4), e *o roxo* [*vermelho*] *lírio, e a fresca rosa bela* tal *qual reluz nas faces da donzela* (5).

(1) «Aurora...», a deusa personificando a parte do Céu que aparece avermelhado ao nascer do sol; parecia

ver-se no céu o reflexo das flores, e nestas o reflexo da aurora. (**2**) Personificação mitológica do vento de oeste, significando branda viração que favorece o desenvolvimento das plantas. (**3**) Deusa das flores. (**4**) «Viola», nome latino da violeta, da qual há muitas variedades; talvez o Poeta quisesse referir-se às violetas brancas ou desmaiadas com manchas vermelhas, como são algumas chamadas de Parma, supondo-se que os amantes tomam alguma dessas côres no rosto, quando sofrem contrariedades nos seus amores. (**5**) A semelhança entre a côr das rosas e a côr das faces das donzelas; cfr. IX, 36: «as rosas entre a neve traz no rosto».

Na presente estância acentua-se a ficção poética: Vénus tinha feito nascer, de súbito, grande multidão de flores na ilha saída do fundo do mar.

A respeito da «viola» escreveu o Conde de Ficalho na *Flora dos Lusíadas*:

«Lembra naturalmente identificar esta planta com a «*Viola odorata*, L. Porêm a referência à côr dos amadores, «que é pálida, mostra-nos que se trata da *Viola alba*, de «Plinio; isto é, de uma planta muito diversa, que se julga «ser a *Matthiola incana*, R. Br.; e é vulgar na nossa re-«gião».

Sôbre o «lírio roxo», cfr. II, 37, nota 6.

---

62 A cândida cecém, das matutinas
Lágrimas rociada, e a manjarona.
Vem-se as letras nas flores hyacintinas,
Tam queridas do filho de Latona;
Bem se enxerga nos pomos e boninas
Que competia Clóris com Pomona,
Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animais o chão povoam.

Flora estava ali pintando *a cândida* (**1**) *cecêm* (**2**), *rociada* (**3**) *das lágrimas* (**4**) *matutinas, e a mangerona* (**5**); *nas flores Jacintinas* (**6**), *tam queridas do filho de Latona* (**7**), *vêem-se as letras* AI (**8**); *nos pomos e boninas* (**9**), *bem se enxerga* (**10**), *que*

ali Pomona (11) *competia com Clóris* (12); *pois* (13), *se as aves, cantando, voavam no ar, alegres animais povoavam o chão.*

(1) Alva, branca. (2) Açucena, lírio branco. (3) Orvalhada. (4) As pequenas gotas de orvalho. (5) Da manhã. (6) «Hyacintinas», adjectivo de «Hyacinthus» [Jacinto] que era um jovem muito estimado de Apolo, e que por êste foi transformado na flor dêsse nome quando involuntàriamente o matou. (7) A mãe de Apolo. (8) Quando «Hyacinthus» foi morto, Apolo deu um AI tam sentido, que diziam os antigos estas duas letras do alfabeto grego ficaram gravadas na flor. (9) Flores dos campos. (10) Distingue-se, percebe-se. (11) Deusa dos frutos. (12) Ninfa das flores, espôsa de Zéfiro. (13) Emfim.

---

63 Ao longo da água o níveo cisne canta,
Responde-lhe do ramo philomela;
Da sombra de seus cornos não se espanta
Actéon n'água cristalina e bella;
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou tímida gazella;
Ali no bico traz ao caro ninho
O mantimento o leve passarinho.

Ao longo da água (1) *canta o níveo cisne* (2); *do ramo, responde-lhe* a *filomela* (3); *Actéon* (4) *não se espanta da sombra* dos *seus galhos* (5) reflectida *na água cristalina e bela; aqui, da espêssa mata, levanta-se* (6) *a fugaz* (7) *lebre ou tímida* (8) *gazela* (9); *ali, o leve passarinho traz, no bico, o mantimento para o caro ninho* (10).

(1) Referência ao lago descrito na est. 55. (2) A voz desta ave aquática é um grito desagradável; mas os poetas, desde os mais antigos tempos, fingiam que o cisne cantava lindamente quando pressentia a morte, donde vem o

chamar-se «canto do cisne» à última composição brilhante dum poeta ou músico; cfr. est. 24: «as aves que, na vida, vão da morte as exéquias celebrando»; aqui finge também o Poeta que na Ilha dos Amores cantava maviosamente essa formosa ave. (3) Nome latino aplicado na nossa poesia ao rouxinol — ave conhecida em Portugal pelo seu canto melodioso e variado. (4) Fig., o veado; porque Actéon foi o caçador que surprehendeu Diana quando esta saia do banho, e que por isso foi transformado em veado; II, 35; IX, 26. (5) Hoje, o vocábulo do texto aqui substituído é chulo e plebeu; pode dizer-se também: chifres ou pontas. (6) É termo venatório; «levantar-se a caça» é o aparecer ela, e sair do seu paradeiro, etc. (7) Fogo, correndo rápidamente. (8) Assustadiça. (9) Antílope de elegantes formas e que habita as regiões tropicais. (10) Os passarinhos a levarem o sustento aos filhos.

Aqui finda a descrição das belezas naturais da Ilha dos Amores, em que os nautas vão desembarcar.

---

64 Nesta frescura tal desembarcaram
Já das naos os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixavam
Andar as bellas deusas, como incautas.
Algũas, doces cítaras tocavam,
Algũas, harpas e sonoras frautas,
Outras, cos arcos de ouro se fingiam
Seguir os animais, que não seguiam.

Nesta ilha de *tam* (1) *aprazível frescura* (2), *desembarcavam já das naus os segundos Argonautas* (3); *ali* (4) *as belas deusas se deixavam andar, como incautas* (5), *pela floresta; algumas tocavam cítaras* (6) *docemente* [*suavemente*]; *algumas* tocavam *harpas e sonoras flautas; outras, com arcos de ouro* (7), *fingiam* (8) *seguir os animais que não seguiam* (9).

(1) «Tal», no texto, tem a fôrça duma locução exclamativa para exprimir surpresa pelas magnificências já

descritas; pode também considerar-se pleonástico; porque «tal» = «êste». (2) Fig. [a parte pelo todo]: nesta ilha de tanta vegetação, tam abundante em águas, em árvores e frutos, etc. (3) Os gregos que, em a nau Argo [I, 18] foram conquistar o tosão de ouro em Cólquide; «segundos argonautas», circunlóquio de «portugueses» — para se acentuar que, em explorações marítimas, eram êles os segundos depois dos argonautas. (4) «Onde», na qual = na ilha. (5) As ninfas desprevenidas, descuidadas, fingindo ignorar que os portugueses estavam delas tam próximos a admirá-las. (6) Instrumento antigo semelhante à lira. (7) Os arcos com que as ninfas, à caça, atiravam setas, eram de ouro; ficção adequada às divindades mitológicas que povoavam a ilha. (8) «Fingem-se» no texto; forma pronominal, neste caso, hoje é desusada, por servir de auxiliar a outro verbo; aqui o pronome «se» é pleonástico. (9) Neste fingimento há dissimulação das ninfas para atraírem os navegantes.

---

65 Assi lh'o aconselhara a mestra experta,
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que, vista dos barões a presa incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algũas, que na forma descuberta
Do bello corpo estavam confiadas,
Posta a artificiosa fermosura,
Nuas lavar se deixam na água pura.

A mestra experta (**1**) *assim as* (**2**) *aconselhara;* e *que andassem* as ninfas *espalhadas pelos campos,* para *que, vendo os varões ser incerta a presa* (**3**), *se fizessem* elas *primeiro desejadas. Algumas, que estavam confiadas na forma descoberta do belo corpo, posta a artificiosa formosura* (**4**), *deixam-se lavar, nuas, na água pura.*

(1) «Mestra experta»; circunlóquio de Vénus; mestra experiente de amores. (2) Vénus aconselhara as ninfas

que procedessem como fica dito na estância precedente [que fingissem andar à caça, que se fizessem esquivas, etc.]; cfr. VI, 50, «aconselha-as»; IX, 50, «lhe aconselha». (3) Conquista; os varões, vendo que era incerta [difícil] a conquista amorosa das ninfas, mais exaltadamente as desejariam, por isso «primeiro» [antes de tudo] quereriam elas ser desejadas. (4) «Posta...»; posta [no chão] a «artificiosa formosura»: os vestidos, e os enfeites que realçavam a beleza, para irem banhar-se; o verso 7 é circunlóquio de «despidas»; a mesma significação no verso 5, «descoberta».

---

66 Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés, de terra cubiçosos,
(Que não há nenhum d'elles que não saia)
De acharem caça agreste desejosos,
Não cuidam que sem laço ou rêdes caia
Caça naquelles montes deleitosos,
Tam suave, doméstica e benina,
Qual ferida lh'a tinha já Ericina.

Mas os fortes (1) *mancebos, que, na praia, punham os pés cobiçosos de terra,* — *pois nenhum dêles houve que não saísse* de bordo (2) —, *desejosos de acharem caça agreste* (3), *não cuidavam* (4) *que, naqueles deleitosos montes, caísse, sem laço ou rêde,* caça *tam suave* (5), *doméstica* (6) *e benigna, qual* [*como era aquela que*] *Ericina* (7) *já lha tinha ferida* (8).

(1) «Valorosos, etc.». (2) «Pés cubiçosos, etc.»; fig. [a parte pelo todo]: os mancebos que estavam impacientes por pisarem terra, como acontece a todo o navegante depois de prolongada viagem. (3) Bravia. (4) Imaginavam. (5) Meiga; a caça aqui é a das ninfas. (6) Mansa. (7) Epíteto de Vénus; II, 18. (8) «Lha tinha ferido»: «lha» [= lhes — a]; «lhes» refere-se aos navegantes; «a», refere-se a caça [caça ferida por Cupido em benefício dos

navegantes, est. 47]. Sôbre a concordância do particípio «ferida», cfr. ADITAMENTO, VIII, e).

---

67 Alguns, que em espingardas e nas béstas,
Pera ferir os cervos se fiavam,
Pelos sombrios matos e florestas
Determinadamente se lançavam;
Outros, nas sombras que das altas sestas
Defendem a verdura, passeavam
Ao longo da água, que suave e queda
Por alvas pedras corre á praia leda.

Alguns, que, para ferir os cervos (1) *se fiavam em espingardas e nas bestas* (2), *lançavam-se determinadamente* (3) *pelas florestas e matos sombrios. Outros, nas sombras* (4) *que defendiam a verdura das altas sestas* (5), *passeavam ao longo da água* (6), *que, suave e queda* (7), *corria por alvas pedras para a leda praia* (8).

(1) Veados. (2) Arma de que usavam os soldados, antes de descoberta a pólvora, e consistia em arco de aço ou madeira, e uma corda que se retesava para disparar flechas. (3) Resolutamente, com alvorôço. (4) Subentende-se a das árvores que se debruçavam nas margens do lago. (5) Fig., calores; a verdura era defendida do calor das altas horas do sol [meio-dia]. (6) Nas margens do lago. (7) «Suave, etc.»; os adjectivos em função de advérbios: a água corria suavemente, de vagar. (8) Praia alegre; a praia em que, alegres, desembarcavam os navegantes; a água do lago ia correndo para essa praia.

---

68 Começam de enxergar súbitamente
Por entre verdes ramos várias côres:
Côres de quem a vista julga e sente
Que não eram das rosas ou das flores,
Mas da lã fina e sêda, diferente,
Que mais incita a fôrça dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais fermosas.

Os mancebos (**1**) *começam a enxergar* (**2**) *súbitamente* (**3**), *por entre* os *verdes ramos, várias côres,* — *côres* (**4**) *que* êles *julgaram, e sentiram* [*convenceram-se*] *não serem das rosas ou das* outras *flores, mas* sim *de diferentes lãs e sêdas finas de que estavam vestidas as rosas humanas* (**5**), *fazendo-se mais formosas por arte* [*pelos ornatos artísticos do vestuário*], *o que mais incitava* [*excitava*] *a fôrça* [*a veemência*] *dos amores.*

(**1**) Subentende-se, do verso 1 da est. 66. (**2**) Avistar, divisar. (**3**) Inesperadamente. (**4**) No verso «côres de quem...» = «côres das quais; o pronome pessoal referindo-se a cousas; como é freqüente em escritores antigos; cfr. ADITAMENTO, v, c); no mesmo verso: «a vista julga e sente», isto é, «aqueles que vêem aquelas côres» julgam, etc. [metalepse]; é sob êste critério que ficam reconstruídas, na prosa, as duas orações dos versos 3 e 4. (**5**) «Rosas humanas», as ninfas [alegoria].

---

69 Dá Veloso espantado um grande grito:
«Senhores, caça estranha, disse, é esta;
Se inda dura o gentio antigo rito,
A deusas é sagrada esta floresta.
Mais descobrimos do que humano esprito
Desejou nunca; e bem se manifesta
Que são grandes as cousas e excellentes,
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

Veloso, espantado, dá um grande grito: — «*Se-*
«*nhores, disse* êle, *estranha* (1) *caça é esta! se dura*
«*ainda o antigo rito gentio* (2), *esta floresta é con-*
«*sagrada* (3) *às deusas! Descobrimos* (4) *mais do*
«*que* o *espírito humano nunca desejou! E bem se*
«*manifesta* [*bem se vê*], *que são grandes e excelentes*
«*as cousas que o mundo encobre aos homens impru-*
«*dentes* [*ignorantes*] (5)!

(1) Singular, extraordinária; os navegantes supunham ir encontrar na ilha caça bravia, silvestre, e surgem do bosque as formosas ninfas! (2) Gentílico; Veloso imagina estar assistindo às práticas da antiguidade gentílica; supõe ver, em realidade, casos da mitologia. (3) Dedicada. (4) Temos descoberto; os navegantes, descobrindo aquela Ilha dos Amores, tinham conseguido o que, em tempo algum, havia sido imaginado pelo espírito humano. (5) Prudência é a virtude de prever e evitar faltas e perigos; para adquirir essa virtude é preciso não ser ignorante; por isso, aqui, o vocábulo «imprudentes» deve ter a significação de «ignorantes».

---

70 «Sigamos estas deusas, e vejamos
Se fantásticas são, se verdadeiras.» —
Isto dito, veloces mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as Nimphas vão por entre os ramos;
Mas mais industriosas que ligeiras,
Pouco e pouco, surrindo e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

«*Sigamos estas deusas, e vejamos se são fantásticas* (1), ou *se* são *verdadeiras* (2)!»

Dito isto, os mancebos, *mais velozes do que* seriam *gamos* (3), *lançam-se a correr pelas ribeiras* [*pelas margens do lago*]. *As ninfas vão fugindo por entre os ramos; mas, mais industriosas* [*ardilosas*]

do que ligeiras (**4**), *sorrindo, e dando gritos,* a *pouco e pouco, deixam-se ir alcançando dos* [*pelos*] *galgos* (**5**).

(**1**) «Vejamos», se são fantasmas, ou sombras criadas pela nossa imaginação. (**2**) Fig., corpóreas, humanas. (**3**) Cervos, veados. (**4**) Era maior a manha, o fingimento [de correrem], do que a velocidade; fingiam fugir, para se deixarem apanhar. (**5**) Na est. 66, as ninfas comparadas com a caça; aqui, os caçadores comparados com os galgos [cães velozes] que servem na caça das lebres; as ninfas fugiam sorrindo, e assim mostravam, que não estavam indignadas, mas alegres com a perseguição.

---

71 De ũa os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e de outra as fraldas delicadas;
Acende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes súbito mostradas;
Ua de indústria cae, e já releva
Com mostras mais macias que indinadas,
Que sôbre ella empecendo também caia
Quem a seguiu pela arenosa praia.

O vento leva [*levanta no ar*] *os cabelos de ouro* (**1**) *de uma* das ninfas que vai *correndo; de outra,* leva *as delicadas fraldas; acende-se o desejo que se ceva* (**2**) *nas alvas carnes súbito mostradas* (**3**); *uma* das ninfas, *de indústria* [*de propósito*], *cai, e já releva* [*perdoa*],*— com mostras mais macias* (**4**) do *que indignadas —*, *que, empecendo* [*tropeçando*] *sôbre ela, também caia quem a seguia pela arenosa praia.*

(**1**) Os cabelos louros. (**2**) Incendeia-se nos perseguidores o desejo de alcançar as ninfas. (**3**) «De indústria»; fingiam cair, sem querer. (**4**) Suaves, meigas.

---

72 Outros por outra parte vão topar
Com as deusas despidas, que se lavam;
Ellas começam súbito a gritar,
Como que assalto tal não esperavam.
Uas, fingindo menos estimar
A vergonha que a fôrça, se lançavam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que ás mãos cobiçosas vão negando.

Outros mancebos *vão, por outra parte, topar* (**1**) *com as deusas* (**2**) *despidas que se lavam; começam elas súbitamente a gritar, como se não esperassem tal assalto. Umas* (**3**), *fingindo estimar menos a vergonha* do *que a força* (**4**), *lançavam-se nuas por entre o mato, dando, aos olhos* dos perseguidores, *o que vão negando ás mãos cobiçosas.*

(**1**) Encontrar por acaso. (**2**) Fig., ninfas; cfr. est. 65. (**3**) Algumas, nuas. (**4**) «Fingindo, etc.»; — «menos estimar» é o mesmo que «ter em menos»; isto é: «algumas «ninfas fingem, que antes querem passar pela vergonha «de serem vistas nuas, do que serem forçadas violadas». [*Fonte dos Lusíadas*].

---

73 Outra, como acudindo mais de pressa
Á vergonha da deusa caçadora,
Esconde o corpo n'água; outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fora.
Tal dos mancebos há, que se arremessa
Vestido assi e calçado (que co'a mora
De se despir há medo que inda tarde)
A matar na água o fogo que nelle arde.

Outras, como acudindo á vergonha mais depressa do que *a deusa caçadora* (**1**), *escondem o corpo na*

água; outras apressam-se a tomar os vestidos que tem fora do corpo. *Dos mancebos, há tal, que, — assim vestido e calçado, havendo mêdo que ainda tarde, com a demora de se despir — se arremessa na água a matar o fogo que nele arde.*

(1) Alusão a Diana, envergonhada, quando Actéon a viu nua; IX, 26.

Na reconstrução em prosa, substitui-se o «da» do verso 2 por «que», conforme a correcção proposta pelo Sr. Dr. J. M. Rodrigues [*Fontes* cit., p. 570]:

«Que quer dizer! «acudir à vergonha da deusa caçadora?»

«A opinião mais corrente é que a ninfa quis imitar «Diana em geral ou quando Actéon a viu tomar banho.

«Uma interpretação diferente [dessa opinião] é que a «ninfa se lançou à água, evitando a vergonha que Diana «sentiu, quando Actéon a viu tomar banho.

«Não há dúvida que é a êste episódio mitológico que «o Poeta se refere. Mas como?

«Diana não se lançou à água, mas foi rodeada pelas «ninfas da sua comitiva. A ninfa da «Ilha dos Amores» «quis-se dar ares de que fazia mais do que a «deusa caça«dora», para «acudir à vergonha», e por isso «escondeu o «corpo» na água».

---

74 Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
Usado a tomar na água a ave ferida,
Vendo no rosto o férreo cano erguido
Pera a garcenha ou pata conhecida,
Antes que soe o estouro, mal sofrido
Salta n'água, e da presa não duvida,
Nadando vai e latindo: assi o mancebo
Remete á que não era irmã de Phebo.

Qual cão de caçador, sagaz (1), *ardido* (2) *e usado* (3) *a tomar na água a ave ferida, — vendo, no rosto* do caçador, *erguido* (4), *para a garcenha* (5) *ou*

conhecida (**6**) *pata, o férreo cano* (**7**) —, *salta, mal sofrida* (**8**), *na água, antes que sôe o estouro* (**9**), *e, não* duvidando *da presa* (**10**), *vai nadando e latindo; assim o mancebo arremete* (**11**) contra a ninfa *que não era irmã de Febo* (**12**).

(**1**) Fino, astuto. (**2**) Valente, audacioso. (**3**) Acostumado. (**4**) Levantado = apontado. (**5**) Ave aquática, pernalta. (**6**) A fêmea do pato bravo que se caça nas lagoas, e que pelo cão de caça é bem conhecida. (**7**) O cano da arma caçadeira. (**8**) Insofrido, impaciente. (**9**) O som do tiro. (**10**) Sabendo que é certeiro o tiro, e na certeza de apanhar a ave. (**11**) Arremessa-se. (**12**) A irmã de Febo era Diana; o moço persegue na água uma ninfa, que êle bem sabia não ser tam esquiva como era Diana, e que não lhe sucederia o que tinha acontecido a Actéon — ver a ninfa indignada, e ver-se êle transformado em veado.

---

75 Lionardo, soldado bem desposto,
Manhoso, cavalleiro e namorado,
A quem amor não dera um só desgôsto,
Mas sempre fôra d'elle maltratado
E tinha já por firme presuposto
Ser com amores mal afortunado,
Porém não que perdesse a esperança
De inda poder seu fado ter mudança;

Leonardo (**1**), *soldado bem disposto* (**2**), *manhoso* (**3**) *cavaleiro* (**4**) *e namorado* (**5**), — *a quem o amor não dera um desgôsto só, pois sempre fôra dêle [por êle] maltratado* (**6**), *e tinha já por firme presuposto [convicção] ser mal afortunado com amores porém, sem que perdesse a esperança de poder ainda o seu fado ter mudança;...*

[*O verbo da oração principal cujo sujeito é*

«*Leonardo*» *está no verso 5 da estância imediata*, «*dizia*»].

(1) Cfr. VI, 40: a conversação entre Leonardo e Veloso. (2) De boa presença. (3) Ardiloso, sabedor dos artifícios próprios para captar o amor das damas. (4) Animoso, generoso. (5) Inclinado a amores. (6) «Um só desgosto, etc.»; o amor dera não um só, mas muitos desgostos a Leonardo, é verdade que tivera muitos contratempos em amor, mas estes não lhe tiravam a alegria, não o desanimavam; não eram motivo de desânimo; por isso não deixava êle de procurar novos amores, na esperança de vir a ser afortunado [esperança que vem a realizar-se: est. 82].

O verso 3 tem sido interpretado por diversos modos; segundo alguns comentadores, o amor não tinha dado a Leonardo um só desgôsto mas «muitos», subentendendo-se esta palavra depois da adversativa «mas» no verso 4 e subentendendo a partícula causal: «amor não dera um só desgôsto mas muitos, *porque* sempre, etc.».

---

76 Quis aqui sua ventura que corria
Após Efire, exemplo de belleza,
Que mais caro que as outras dar queria
O que deu pera dar-se a natureza;
Já cansado correndo lhe dizia:
«Ó fermosura indigna de aspereza,
Pois d'esta vida te concedo a palma,
Espera um corpo de quem levas a alma.

— *Quis aqui* a *sua ventura* (1), *que* êle *corresse após Efire* (2), ninfa que era um *exemplo de beleza* (3), e *queria dar mais caro* do *que as outras o que a natureza deu para se dar* (4) — Leonardo, *cansado de correr, dizia* [*a Efire*]:

«*Ó formosura, indigna de aspereza* (5), *pois te* «*concedo a palma* (6) *desta* minha *vida, espera um* «*corpo de quem levas a alma* (7)!

(1) Sorte, fortuna. (2) Nome duma ninfa. (3) Beleza exemplar, a máxima beleza. (4) «Queria dar mais caro, etc.»; era mais esquiva do que as outras ninfas, não queria entregar a sua formosura sem aparentar muita dificuldade. (5) «Indigna de aspereza», incapaz de ter severidade; não era esta compatível com a formosura da ninfa. (6) Vitória. (7) «Levas-me a alma»; tiras-me a vida; espera, pois, que êste corpo se junte à alma que tu levas, para que eu possa viver.

---

77 «Todas de corrrer cansam, nimpha pura,
Rendendo-se à vontade do inimigo;
Tu só de mi só foges na espessura?
Quem te disse, que eu era o que te sigo?
Se t'o tem dito já aquella ventura,
Que em toda a parte sempre anda comigo,
O não-na creas, porque, eu quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

«*Todas cansam de correr, ó ninfa pura, rendendo-se à vontade do inimigo* (1); *na espessura* do bosque, *só tu foges de mim! quem te disse que era eu o que te sigo* (2)? *Se to tem dito já aquela* má *ventura* (3), *que em toda a parte anda sempre comigo, oh! não creias, porque quando eu a cria,* a ventura *mentia-me mil vezes* em *cada hora* (4)!

(1) «Inimigos», vocábulo equivalente, aqui, por antífrase, a «amantes», por pretenderem estes vencer as ninfas pelo afecto assíduo. (2) «Quem te disse...»; ¿quem veio dizer-te que sou eu aquele que nunca teve fortuna em amores? ¿Quem te informou, para me tratares como me tratavam as damas que já me conheceram? Se foi a minha desventura, não acredites nela, ou supõe tu que não sou eu; assim virei a alcançar de ti, que possas crer que sou outro; cfr. est. 76: «a sua ventura». (3) «Ventura»; a sorte — o destino ou «fado» de Leonardo falando [prosopopeia]. (4) «Mentia-me, etc.»; a cada momento está

mentindo a sorte aos que imaginam, e esperam que hão-de ser felizes em amor.

---

78 «Não canses, que me cansas; e se queres
Fugir-me, porque não possa tocar-te,
Minha ventura é tal, que inda que esperes,
Ella fará que não possa alcançar-te.
Espera: quero ver, se tu quiseres,
Que sutil modo busca de escapar-te,
E notarás no fim d'êste successo,
Tra la spiga e la man qual muro è messo.

«*Não canses, que me cansas; se queres fugir-me para que* eu *não possa tocar-te,* a *minha ventura é tal* (**1**), *que, ainda que esperes, ela fará que* eu *não possa alcançar-te. Espera! quero — se tu quiseres — ver que subtil modo busca* ela *de escapar-te* (**2**); *e no fim dêste sucesso notarás: «tra la spiga e la mano qual muro è messo»* (**3**).

(**1**) «A minha ventura é tal...»; é tão má, que... (**2**) «Escapar-te», libertares-te [de mim], o verbo [que é intransitivo] empregado transitivamente. (**3**) «Tra la, etc.»; é um verso de Petrarca, e pode aqui traduzir-se «semelhante a um muro que se interpõe entre a mão e a seara».

Não me causes a fadiga de ver-te cansada; se pretendes fugir-me, para que não me aproxime de ti, podes ter a certeza, que é tal a minha sorte, que, mesmo parando tu, não poderei tocar-te. Pára, pois, que eu só quero experimentar, se assim fôr de tua vontade, que subtileza empregará a minha desventura, para te livrares de mim, quando te resolvas a parar; e verás, que, em eu me aproximando, de ti, aparece de improviso algum obstáculo a separar-nos como a parede separa, da espiga, a mão que pretende apanhá-la.

O verso de Petrarca «é uma espécie de provérbio, para «indicar uma dificuldade que surge quando está prestes a «realizar-se o que se pretende e se espera».

No verso 6, «escapar-te», deve notar-se que o verbo está empregado causativamente [= fazer-te escapar]; do que há outros exemplos nos *Lusíadas*, IV, 85 [os ventos ondeando os estandartes]; VIII, 44 [o repouso descansando os animais] e *passim*; exemplos semelhantes nos cronistas.

---

79 «Ó não me fujas! Assi nunca o breve
Tempo fuja de tua fermosura!
Que só com refrear o passo leve
Vencerás da fortuna a fôrça dura.
Que emperador, que exército se atreve
A quebrantar a fúria da ventura,
Que em quanto desejei me vai seguindo,
O que tu só farás, não me fugindo?

«*Oh! não me fujas!* Oxalá que *o breve tempo nunca fuja assim* [*dêsse modo*] *da tua formosura* (1)! *pois, só com o refrear o teu leve passo, vencerás a dura fôrça da fortuna* [*destino*]! *¿Que imperador, que exército se atreverá a quebrantar a fúria da ventura* [*sorte*] *que me vai seguindo em tudo quanto desejei?* isso é *o que só tu farás, não me fugindo.*

(1) «Breve tempo...»; o tempo foge [não pára]; a formosura, com o tempo, desaparece; Leonardo exprime o desejo de que o tempo não fuja, para não fenecer a beleza de Efire; o destino queria que Leonardo fôsse infeliz em amor; Efire venceria a fôrça dêsse destino, permitindo que Leonardo se aproximasse dela. Nenhum imperador, nenhum exército, isto é, nenhuma fôrça humana poderia invalidar a má sorte de Leonardo; mas teria êsse poder Efire, se não continuasse a fugir de Leonardo.

---

80 «Pões-te da parte da desdita minha?
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente!
Levas-me um coração que livre tinha?
Solta-m'o, e correrás mais levemente.
Não te carrega essa alma tam mezquinha,
Que nesses fios de ouro reluzente
Atada levas? Ou despois de presa,
Lhe mudaste a ventura, e menos pesa?

«*Pões-te da parte da minha desdita* (1)? *é fraqueza dar ajuda ao mais potente* (2). *Levas-me um coração, que eu tinha livre? solta-mo, e correrás mais levemente! Não te carrega essa* minha *alma tam mesquinha* (3), *que levas atada nesses fios de reluzente ouro? Ou, depois de presa, mudaste-lhe a ventura* (4), *e pesa menos?*

(1) Infortúnio. (2) Poderoso: a má sorte de Leonardo era mais poderosa do que êle; a diva, se fôsse generosa, devia ajudá-lo contra a má sorte. (3) Miserável; a alma estava «carregada» [de desgostos], por isso pesada; assim Leonardo, vendo que Efire continua a correr tam velozmente, pregunta-lhe, se a alma dêle, por ir presa aos louros cabelos da ninfa, já pesa menos. (4) Fig., a condição, a natureza; — finge o Poeta que a alma é objecto material que pode ter mais ou menos pêso.

---

81 «Nesta esperança só te vou seguindo,
Que ou tu não sofrerás o pêso d'ella,
Ou na virtude de teu gesto lindo
Lhe mudará a triste e dura estrêlla.
E se se lhe mudar, não vás fugindo,
Que Amor te ferirá, gentil donzela;
E tu me esperarás, se Amor te fere;
E se me esperas, não há mais que espere.»

«*Só nesta esperança* (1) *te vou seguindo, pois ou tu não sofrerás o pêso dela* (2), *ou se lhe mudará a triste e dura estrêla* (3) *com a virtude do teu lindo gesto; e, se* acaso *se mudar, ó gentil donzela, não vás fugindo, porque* o *Amor te ferirá; e, se o amor te ferir, tu me esperarás; e, se me esperares, não mais* [*nada mais*] *há que* eu *espere* [*só isso espero*].

(1) «Nesta esperança»; é a que foi enunciada na precedente estância: e funda-se no que vem expresso nos versos subseqüentes: — a esperança de que a sorte da alma de Leonardo deixe de ser má e se transforme em sorte feliz, pelo facto de ser levada nos cabelos de Efire. (2) «O pêso» da alma de Leonardo: se ela continua pesando, a ninfa abandone êsse pêso, e a alma tornará a entrar no corpo de Leonardo, que dêsse modo deixará de ir em seguimento da Efire. (3) «Dura estrêla»; má sorte; outro fundamento da esperança enunciada é a possibilidade de se ter mudado em boa sorte a alma de Leonardo; êle assim teria a felicidade de conquistar Efire; conquistando-a pelo seu amor, escusava ela fugir; e não fugindo ela, mas esperando por êle, Leonardo nada mais do que isso espera ou deseja.

---

82 Já não fugia a bella nimpha tanto
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas mágoas que dizia.
Volvendo o rosto já sereno e sancto,
Toda banhada em riso e alegria,
Cair se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

A bela ninfa fugia ainda (1), *já não tanto por se dar* [*entregar*] *cara ao triste que a seguia, como por ir ouvindo o doce canto,* e *as namoradas mágoas, que* êle *dizia.* E *volvendo o rosto já sereno e santo* (2), — *toda banhada* (3) *de riso e alegria* —, *deixa-se*

cair aos pés do vencedor, que todo se desfaz em puro amor (4).

(1) «Já fugia», subentende-se «ainda, mas pouco», e é por dois motivos; um dêles [e era o menos forte] era fingir que não se entregava ao amante sem opor alguma dificuldade; o outro motivo era o ir-se deleitando a ninfa com as dulcíssimas frases e as amorosas queixas do namorado. (2) Benigno. (3) Diz-se, por hipérbole, «banhado em lágrimas»; parafraseando, «banhada de riso» corresponde a uma locução semelhante a «cheia de sorrisos», «toda sorridente, etc.». (4) «Desfaz-se, etc.», desencadeou-se, tornou-se copioso em palavras de amor; sai-lhe dos lábios uma torrente de palavras de puro afecto.

Nas *Fontes dos Lusíadas*, pp. 581 e 582, cita-se a presente estância como exemplo de assimetria nos conceitos e nas palavras; parece que poderá ela desaparecer, aceitando-se a elipse e a transposição indicada na reconstrução em prosa: «fugia a ninfa ainda, já não tanto por,... como por»; há nos *Lusíadas* exemplos de transposições mais violentas.

---

83 Ó que famintos beijos na floresta!
E que mimoso chôro, que soava!
Que afagos tam suaves! Que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhã e na sesta,
Que Vénus com prazeres inflamava,
Milhor é esprimentá-lo, que julgá-lo;
Mas julgue-o quem não pode esprimentá-lo.

Oh! que famintos (1) *beijos e que mimoso* (2) *chôro* (3), *que soava na floresta! que afagos tam suaves! que ira honesta, que se tornava em risinhos alegres! O mais que passaram* (4) *na manhã e na sesta* [*tarde*] (5), *que Vénus inflamava com prazeres, é melhor experimentá-lo* do *que julgá-lo! mas julgue-o quem não pode experimentá-lo* (6).

(1) Esfomeados; beijos trocados com avidez de quem muito os desejava. (2) Suave, terno. (3) Pranto. (4) Subentende-se: os moços e as ninfas. (5) Cfr. IX, 67: «altas sestas». (6) A significação dos últimos dois versos é a dificuldade de descrever o que se passou na floresta: seria melhor experimentá-lo do que imaginá-lo.

Note-se, no verso 2, o segundo «que»: é pleonástico, dá mais fôrça à expressão.

---

84 D'esta arte em fim conformes já as fermosas
Nimphas cos seus amados navegantes,
Os ornam de capellas deleitosas,
De louro e de ouro e flores abundantes.
As mãos alvas lhe davam como espôsas;
Com palavras formais e estipulantes
Se prometem eterna companhia
Em vida e morte, de honra e alegria.

Desta arte [*desta maneira*], *em fim, as formosas ninfas, conformes* [*conciliadas*] *já com os seus amados navegantes, ornam-os de deleitosas* [*lindas*] *capelas* [*coroas, grinaldas*] *de louro* (**1**), *ouro e abundantes flores; dão-lhes as alvas mãos, como* se fôssem *espôsas;* e *com palavras formais* [*positivas*] *e estipulantes* [*solenes*], *prometem-lhes* (**2**) *eterna companhia de honra* [*honestidade*] *e alegria em vida e* na *morte* (**3**).

(1) O loureiro é celebrado por todos os poetas da antiguidade; cfr. III, 97; IV, 55; VII, 81. (2) No verso 7, a forma pronominal «prometem-se» parece dever considerar-se liberdade poética, e que deve atribuir-se a promessa únicamente às ninfas, sem reciprocidade; as «palavras formais e estipulantes» seriam equivalentes a «palavras de formalidade estipulante», e, proferidas com a solenidade usada nos contratos; estipulação é a cláusula, a condi-

ção dum ajuste ou contrato feito com solenidade. (3) «E morte»; hipérbole, para dar maior fôrça à expressão; devendo entender-se «até a morte».

---

85 Ua d'ellas maior, a quem se humilha
Todo o côro dar nimphas e obedece,
(Que dizem ser de Celo e Vesta filha,
O que no gesto bello se parece),
Enchendo a terra e o mar de maravilha,
O capitão ilustre, que o merece,
Recebe ali com pompa honesta e régia,
Mostrando-se senhora grande e egrégia.

Uma delas, a *maior* [*superiora*], Tétis, *a quem todo o côro* (1) *das ninfas se humilha e obedece,* — *dizem ser filha de Celo e* de *Vesta* (2), *e parece-o no belo gesto* [*rosto*], *que enche a terra e o mar de maravilha* [*de admiração*] — *recebeu o Capitão* (3) *com a honesta e régia* [*grave*] *pompa* (4), *que* êle *merecia, mostrando-se grande e egrégia* (5) *senhora.*

(1) Séquito, grupo. (2) «Dizem ser filha...»; o Poeta não «afirmou» que Tétis fôsse filha de Vesta; na palavra «dizem» e na explicação do Sr. Dr. J. M. Rodrigues [*Fontes dos Lusíadas*, p. 64], está explicado o motivo da inexactidão: Tétis, aqui mencionada em perífrase, — tida na mitologia grega por uma divindade que personificava a água na sua fôrça de fecundação — era filha de Urano [= Celo, Céu] e de Gaea [a Terra]; desposou o Oceano, e foi a mãe de Nereu, das ninfas fluviais, e das Oceânides ou ninfas do mar. O Poeta confundiu esta Tétis com uma neta do mesmo nome [com outra grafia], e que, desposando Peleu, foi mãe de Aquiles. Cfr. ADVERTÊNCIA, p. 12, nota. Vesta nada tem de comum com Tétis; era uma divindade da mitologia grega [com o nome de Héslia] e que depois passou para a mitologia romana, como personificação do lar doméstico e do fogo. (3) «Recebeu o capitão», deu-lhe audiência. (4) Aparato sumptuoso. (5) Nobre, distinta.

---

86 Que despois de lhe ter dito quem era,
C'um alto exórdio de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender que ali viera
Por alta influição do móbil fado,
Para lhe descobrir da unida esphera,
Da terra immensa e mar não navegado
Os segredos, por alta prophecia,
O que esta sua nação só merecia:

Que [*a qual*] (1) *depois de lhe ter dito quem era, dá-lhe* (2) *a entender, com um alto* (3) *exórdio* (4) *ornado de alta graça* (5), *que viera ali por alta influência do imóvel fado* (6), *para lhe descobrir — por alta profecia — os segredos da unida esfera* (7) *da terra imensa e* do *mar não navegado, o que* [*segredos que*] *só* a *sua nação merecia.*

(1) Tétis. (2) No texto «dando»: oração de particípio imperfeito equivalendo, aqui, a modo finito; cfr. *passim*; o pronome «lhe» refere-se a Vasco da Gama. (3) Elevado, em estilo eloqüente. (4) Primeira parte dum discurso oratório. (5) «Alta graça», subida elegância de frases. (6) «Imóvel fado»; imutável destino [I, 24, 28, 31 e *passim*]; a Providência divina determinava aquele encontro de Tétis com o navegador. (7) «Unida esfera», o globo em que está representado todo o universo [uma esfera armilar]; «segredos da terra e do mar», os que Tétis revela, vaticinando actos gloriosos que na terra e no mar seriam praticados pelos futuros portugueses.

Note-se a repetição do adjectivo «alto»; cfr. ADITAMENTO, II, 1; sôbre a oração do particípio imperfeito, id. VII, *d*).

87 Tomando-o pela mão, o leva e guia
Pera o cume d'um monte alto e divino,
No qual ũa rica fábrica se erguia
De cristal toda, e de ouro puro e fino.
A maior parte aqui passam do dia
Em doces jogos e em prazer contino;
Ella nos paços logra os seus amores,
As outras pelas sombras entre as flores.

Tomando-o pela mão, Tetis *leva-o e guia-o para o cume dum alto e divino* (**1**) *monte, no qual se erguia* (**2**) *uma rica fábrica* (**3**), *toda de cristal e de ouro puro e fino.* As ninfas *passam aqui* (**4**) *a maior parte do dia em doces jogos* (**5**) *e contínuo prazer: ela* [*Tétis*] *logra* [*goza*] os *seus amores* (**6**) *nos paços; as outras* logram-nos *pelas sombras, entre as flores.*

(**1**) «Divino» pertencente à Diva; não esqueça a ficção do Poeta: a ilha surgida do fundo do mar. (**2**) Estava erguida, levantada. (**3**) Edifício. (**4**) No monte. (**5**) Brinquedos, passatempos agradáveis; cfr. est. 38: «amorosos brincos». (**6**) Goza o prazer da conversação de Vasco da Gama; as ninfas brincam à sombra do arvoredo com os navegantes.

---

88 Assi a fermosa e a forte companhia,
O dia quási todo estão passando
Nũa alma, doce, incógnita alegria,
Os trabalhos tam longos compensando,
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa, o mundo está guardando
O prémio lá no fim bem merecido,
Com fama grande, o nome alto e subido.

A formosa e a forte companhia (**1**) *está passando quási todo o dia numa doce, alma* (**2**) *e incógnita*

(3) *alegria, compensando assim os* seus *tam longos trabalhos; porque, lá no fim* (4), *o mundo está guardando* [*reservando*] — *com grande fama e alto e subido nome* (5) — *o bem merecido prémio dos grandes feitos* (6) *e da forte e formosa* (7) *ousadia* (8) dos lusitanos.

(1) Êles, os navegantes [os fortes]; elas [as formosas], as ninfas; no texto «estão»: o sujeito colectivo no singular e o verbo no plural, cfr. ADITAMENTO, VII, 7 *b*). (2) Deliciosa. (3) Desconhecida, — alegria extraordinária; nunca a haviam sentido semelhante. (4) «No fim»; afinal, em conclusão. (5) «Subido nome», glorificada lembrança. (6) As proezas extraordinárias dos navegantes. (7) Célebre, famigerada. (8) A audácia, «em afrontar os perigos e trabalhos que precederam o descobrimento do novo caminho da Índia».

Nos últimos quatro versos, começa o Poeta a deixar transparecer o pensamento da alegoria da ilha encantada, dando idea das honras e respeitos humanos que merecem os varões que praticaram proezas úteis e dignas de admiração.

---

89 Que as nimphas do oceano tam fermosas,
Téthys, e a ilha angélica pintada,
Outra cousa não é que as deleitosas
Honras que a vida fazem sublimada.
Aquellas preminências gloriosas,
Os triumphos, a fronte coroada
De palma e louro, a glória e maravilha,
Estes são os deleites d'esta ilha.

Que [*pois*] (1) *as tam formosas ninfas do Oceano,* a deusa *Tétis, e a angélica* (2) *ilha* aqui *pintada,* tudo isso *não é outra cousa, que* [*senão*] *as deleitosas honras que fazem sublimada* (3) *a vida. Aquelas preeminências* (4) *gloriosas, os triunfos* (5), *a fronte coroada de palmas e louros, a glória e* a *maravilha* [*admiração*], *são os deleites desta ilha.*

(1) Continuado do «porquê» do verso 5 da estância precedente: a explicação da alegoria. (2) Divina, como se fôsse habitada por anjos, sobrenatural [pura invenção do Poeta, como explica o vocábulo «pintada»; a ilha descrita no presente canto como pintura, — simples invenção poética]. (3) «Fazem sublimada a vida», tornam sublime a vida do varão a quem as honrarias exaltam e engrandecem. (4) Distinções. (5) «Triunfos», nome que se dava, em Roma, à pompa e solenidade com que eram recebidos os generais vitoriosos.

Esta alegoria da «Ilha dos Amores» traz à lembrança os grandes poetas da antiguidade, personificando a história a engrandecer os homens notáveis por meio de invenções mitológicas.

---

90 Que as immortalidades que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
Lá no estellante Olimpo, a quem subia
Sôbre as asas ínclitas da fama
Por obras valerosas que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
«Caminho da virtude» alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre e deleitoso,

Que [*pois*] (1) *as imortalidades* (2), *que a antiguidade* (3), *amadora* (4) *dos* varões *ilustres fingia lá no estelante* (5) *Olimpo* (6), *a quem* [*a respeito de quem*] *subia sôbre as asas ínclitas da Fama* (7), *por ter feito obras valorosas* e *pelo imenso trabalho, que se chama «caminho da virtude»* — caminho *alto* (8) *e fragoso* (9), *mas, no fim, doce, alegre e deleitoso,...* — essas imortalidades não eram senão prémios..., etc. [completa-se a oração na estância que se segue].

(1) Continuação do «porquê» da est. 89, verso 5. (2) Glórias na eternidade. (3) Fig., a História e a Poesia antiga, os antigos escritores. (4) Substitui-se o verbo por substantivo sem se alterar o sentido, para evitar mais uma repetição do pronome «que», e ao mesmo tempo dei-

xar bem claramente acentuado o complemento «a quem» do verbo «fingia» [verso 1]. (5) Estrelado. (6) Empíreo, morada dos deuses fabulosos. (7) Alegoria em que a Fama é representada por figura de mulher com asas [x, 19]; «inclitas», admiráveis. (8) Íngreme, difícil de subir. (9) Escabroso, cheio de penhascos.

A ficção desta «Ilha dos Amores» é semelhante à dos poetas da antiguidade, que atribuíam a imortalidade a entes humanos que praticavam acções e virtudes notáveis; e houve um filósofo grego, Evémero [século IV, A. C.], que sustentou a doutrina de terem sido os personagens mitológicos entes humanos, divinizados pela admiração dos povos; tal doutrina teve propagandistas, até entre doutores da Igreja católica, e tomou o nome de «Evemerismo».

---

91 Não eram senão prémios que reparte,
Por feitos immortais e soberanos,
O mundo cos varões que esfôrço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos:
Que Júpiter, Mercúrio, Phebo e Marte,
Eneas e Quirino, e os dous Thebanos,
Ceres, Palas e Juno com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

Essas imortalidades (1) *não eram senão prémios, que o mundo* [*a sociedade humana*], *por* motivo de *feitos imortais* (2) *e soberanos* (3), *repartia com os varões a quem o esfôrço e* a *arte* (4) *fizeram divinos, sendo* [*com quanto tivessem sido*] *humanos* (5). *Que* [*pois*] *Júpiter, Mercúrio, Febo, Marte, Eneas* (6), *Quirino* (7), *os dois tebanos* (8), *Ceres* (9), *Palas* (10), *e Juno* (11), *com* [*assim como*] *Diana, todos foram de fraca* [*frágil, débil*] *carne humana.*

(1) Sujeito da oração no verso 1 da estância precedente. (2) De memória eterna. (3) Superiores, extraordinários. (4) «Esfôrço e arte», coragem e inteligência;

II, 59; V, 86; VII, 71; VIII, 26; etc. (5) «Divinos, sendo humanos»; cfr. nota final da estância anterior. (6) Príncipe troiano, filho de Vénus e Anquises; I, 3, 12; II, 45; III, 106; V, 86, 94, 98; etc. (7) Rómulo, primeiro rei e fundador de Roma [século VII, A. C.]; cfr. I, 26; III, 126. (8) Os dois tebanos [por terem ambos nascido em Tebas, na Grécia antiga] foram Hércules [III, 18, 23, 141; IV, 9, 49, 81; IX, 21; etc.] e Baco [I, 30, 39; II, 10, 12; III, 21; etc. (9) Cfr. III, 62; VIII, 32. (10) Cfr. II, 78; VIII, 4. (11) Cfr. V, 15.

Os outros nomes da mitologia encontram-se na ADVERTÊNCIA, p. 10 e sgs.

---

92 Mas a Fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu no mundo nomes tam estranhos,
De deuses, semideuses immortais,
Indígetes, heroicos e de magnos!
Por isso, ó vós que as famas estimais,
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do sono do ócio ignavo,
Que o ânimo de livre faz escravo.

Mas a Fama, — trombeta (1) *de tais obras —, deu-lhes, no mundo, nomes tam* (2) *estranhos, de deuses, semideuses* (3) *imortais, indígetes* (4), *heroicos, e de magnos* (5)! *Por isso, — ó vós que a Fama estimais —, se no mundo quiserdes ser tamanhos* (6), *despertai já do ignavo* (7) *ócio, que faz o ânimo* [*a alma*], em vez *de livre, escravo* (8).

(1) Fig., apregoadora. (2) «Tam», é tomado aqui em sentido absoluto; não é comparativo. (3) Quási deuses. (4) Nome que davam os romanos aos deuses indígenas, padroeiros duma região, e antepassados duma família mítica. (5) Grandes, no sentido de serem superiores aos entes humanos em geral, e considerados filhos dalgum deus, tais como foram Eneas, Hércules, etc. (6) «Se quiserdes...» ser tam memorados como êsses... (7) Indolente. (8) A alma sendo, de sua natureza, livre, tor-

na-se escrava do corpo no indivíduo indolente, que se entrega à ociosidade.

No verso 4 «magnos» pronunciava-se «manhos», por isso aqui rimam com «estranhos»; cfr. IV, 82.

---

93 E ponde na cobiça um freio duro,
E na ambição também que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vício da tirania infame e urgente,
Porque essas honras vãs, esse ouro puro
Verdadeiro valor não dão á gente.
Melhor é merecê-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer.

E pondo um duro freio (**1**) *na cobiça* (**2**), *e na ambição* (**3**) *que tomais indignamente* (**4**) *mil vezes, e também no torpe* (**5**) *e escuro* (**6**) *vício* (**7**) *da tirania* (**8**) *infame e urgente* (**9**); *porque essas honras vãs* (**10**), *êsse ouro puro não dão à gente verdadeiro valor* (**11**). *Melhor é merecê-los sem os ter, que possuí-los sem os merecer* (**12**).

(**1**) «Duro freio»; fig., austera repressão. (**2**) O apetite desordenado de alcançar dinheiro, ou riqueza em bens. (**3**) Desejo de alcançar honras e fama, o qual só pode coonestar-se quando não é desordenado, nem se empregam meios indignos. (**4**) «Cobiça... que tomais...»; cobiça de que vos tomais; isto é, da qual vos deixais vencer, assenhorear, por maneira indigna. (**5**) Feio. (**6**) Ignóbil. (**7**) Defeito moral, pecado. (**8**) Govêrno desumano e cruel. (**9**) Opressor. (**10**) Inúteis; as honras que ostenta o homem vaidoso adquiridas por ambição indigna. (**11**) «O ouro puro, etc.»; o dinheiro indignamente adquirido, etc. (**12**) «Melhor é...», exclamação sentenciosa de sábia moralidade, a que encerram os dois últimos versos.

Na presente estância continua a apóstrofe dirigida abstractamente aos compatriotas de Vasco da Gama, que querem ser grandes como os semideuses.

---

94 Ou dai na paz as leis iguais, constantes,
Que aos grandes não dem o dos pequenos;
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a lei dos imigos sarracenos.
Fareis os reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais, e nenhum menos:
Possuìreis riquezas merecidas,
Com as honras que illustram tanto as vidas.

Na paz, dai leis iguais, constantes, que não dêem aos grandes o que fôr *dos pequenos* (1); na guerra, *vesti-vos com armas rutilantes* (2) *contra a lei dos inimigos sarracenos* (3); dêste modo, *fareis grande e possante* (4) *o reino; e todos tereis mais* felicidade *e nenhum* [*ninguêm*] terá *menos;* e, *com as honras que tanto ilustram a vida, possuìreis riquezas merecidas* (5).

(1) «Na paz...», continuação da apóstrofe dirigida aos ambiciosos de honras e riquezas [est. 92[5-6]], e aqui especialmente aos que superintendem no govêrno da nação: conselho para que as leis assegurem o merecido prémio ou o merecido castigo, igualmente, a grandes e pequenos, nobres e humildes; leis «constantes», inalteráveis. (2) «Brilhantes»; as armaduras, cotas e braçais de ferro polido, e que dão revérberos de luz. (3) «Contra a lei, etc.»; para combater os que tem a religião de Mafoma; subentende-se: — não para combater contra povos cristãos. (4) «Fareis, etc.»; conseguireis que seja grande e poderosa a nação. (5) «As honras, etc.»; as dignidades, as demonstrações de respeito humano, que dão lustre e atraem a admiração dos actos praticados por varões, austeros e virtuosos que só praticaram o bem.

Em prosa poderiam considerar-se pleonásticas as conjunções «ou» dos versos 1 e 2. No verso 3, «vestir-se nas» — é uso antiquado da preposição «em».

---

95 E fareis claro o rei que tanto amais,
Agora cos conselhos bem cuidados,
Agora co'as espadas, que immortais
Vos farão como os vossos já passados.
Impossibilidades não façais,
Que quem quis sempre pôde: e numerados
Sereis entre os heroes esclarecidos,
E nesta *Ilha de Vénus* recebidos.

E, agora (**1**) *com os conselhos bem cuidados* (**2**), *agora com as espadas que vos farão imortais, como já* elas fizeram *os vossos antepassados, fareis claro* [*ilustre*] *o rei que tanto amais. Não façais impossibilidades, que* [*porque*] *quem quis sempre pôde* (**3**), *e sereis numerados* [*contados*] *entre os heróis esclarecidos* [*ilustres*] *e* sereis *recebidos nesta Ilha de Vénus* (**4**).

(**1**) «Agora..., agora...»; umas vezes... outras vezes. (**2**) Reflectidos. (**3**) «Não façais impossibilidades, etc.»; não vos sirva de pretexto que é impossível cumprir deveres, ou que tendes míngua de fôrças, lembrai-vos do adágio «mais faz quem quere do que quem pode». (**4**) Findou aqui a apóstrofe dirigida pelo Poeta aos conselheiros do rei, dizendo-lhes que seriam recebidos naquela ilha — alegoria da glória imortal; segue-se, no canto imediato, uma parte descritiva da ilha, para continuar a conversação de Tétis com Vasco da Gama no canto seguinte, est. 76.

CANTO X

1 Mas já o claro amador da Larissea
Adúltera, inclinava os animais
Lá pera o grande lago que rodea
Temistitão, nos fins occidentais;
O grande ardor do sol favónio enfrea
Co sopro, que nos tanques naturais
Encrespa a água serena, e despertava
Os lirios e jasmins, que a calma agrava;

Mas o claro (1) *amador da adúltera Larissea* (2) *inclinava* (3) *já os animais* (4) *lá para o grande lago, que, nos confins ocidentais, rodeia Temistitão* (5). O *Favónio* (6) *enfreava* [*atenuava*] *o grande ardor do sol com o sôpro, que, nos tanques naturais, encrespa a água serena* (7), *e despertava os lírios e os jasmins que* [*aos quais*] *a calma agrava* (8).

(1) Brilhante. (2) «Amador, etc.»; amante de Larissea, [Apolo, para significar, aqui, o Sol]; Larissea é nome patronímico da ninfa Corónis, nascida em Larissa [região da Grécia antiga]; dos amores dela com Apolo nascera Esculápio, deus da medicina; o epíteto «adúltera» tem origem na infidelidade da ninfa, amando também um mancebo da Tessália, — caso que foi denunciado a Apolo, que por isso matou Corónis. (3) Guiava. (4) Os cavalos do carro do Sol. (5) «O grande lago que, etc.»; perífrase do

gôlfo do México; «Temistitão» é o nome que os indígenas davam à cidade, que hoje se chama México; «confins ocidentais», o extremo ocidente; assim os primeiros versos formam um circunlóquio para se dar a conhecer, que era quási sol-pôsto, quando sucedeu o que vai dizer-se nas estâncias seguintes. (6) «Favónio», vento fraco de oeste. (7) «O sôpro... nos tanques naturais, etc.»; a água dos mares, dos lagos e dos rios está serena em tempo calmo, mas encrespa-se quando há vento. (8) «Despertava, etc.»; a aragem restituía o viço, a frescura às flores castigadas pelo ardor do sol naquela região tropical.

---

2 Quando as fermosas nimfas, cos amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam pera os paços radiantes,
E de metais ornados reluzentes,
Mandados da rainha, que abundantes
Mesas d'altos manjares excellentes,
Lhe tinha aparelhadas, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

Era, pois, quási sol pôsto (1), *quando as formosas ninfas, já conformes* [*resignadas*] *e contentes, com os amantes pela mão, subiam para os radiantes* [*iluminados*] *paços, ornados de reluzentes metais; haviam* sido *mandados* (2) chamar *pela rainha* [*Tétis*], *que lhes tinha aparelhado* (3) *mesas abundantes de* [*com abundância de*] *altos* (4) *manjares excelentes* para *que restaurassem* [*remediassem*] (5) *a fraqueza da cansada natureza.*

(1) Resumo da oração principal contida na anterior estância, e à qual está subordinada a oração da presente. (2) Subentende-se: as ninfas e os amantes. (3) «Aparelhadas» no texto [preparadas]: o antigo uso de concordância do particípio perfeito com o complemento directo; *passim*. ADITAMENTO, p. VIII. (4) Finos, superiores. (5)

«Restaurar» tem o sentido também de «corrigir»; «restaurar a fraqueza» equivale aqui a «restaurar as fôrças de quem estava fraco, em conseqüência dos trabalhos e das privações durante longas viagens».

---

3 Ali em cadeiras ricas cristalinas,
Se assentam dous e dous, amante e dama;
Noutras, á cabeceira, d'ouro finas,
Está coa bella deusa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
A quem não chega a egípcia antiga fama,
Se acumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do atlântico tesouro.

Ali (1), *assentam-se, dois a dois, amante e dama* (2), *em ricas cadeiras cristalinas* (3); *noutras de ouro, finas* [*delicadas*], *está o preclaro* (4) *Gama, à cabeceira, com a bela deusa* (5). *Nos pratos, de fulvo* (6) *ouro, trazidos lá do atlântico tesouro* (7), *estão acumuladas suaves e divinas* (8) *iguarias, a quem* [*às quais*] *não chega a antiga fama egípcia* (9).

(1) Á mesa. (2) Um dos navegantes e, ao lado, a ninfa amada. (3) De cristal. (4) Ilustre. (5) Tétis. (6) Amarelo. (7) Tesouro do fundo do mar. (8) Excelentes, como se fôssem fabricados pelos deuses. (9) Os manjares eram superiores, excediam em opulência e delicadeza os que tinham fama nos banquetes sumptuosos do Egipto: alusão àqueles que a rainha Cleopatra oferecera em Alexandria ao seu amante Marco António, general e triúnviro romano, sobrinho de César; III, 141; VI, 2; etc.

---

4 Os vinhos odoríferos, que acima
Estão, não só do itálico Falerno,
Mas da ambrósia que Jove tanto estima
Com todo o ajuntamento sempiterno,
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem súbita alegria,
Saltando co'a mistura d'água fria.

Os odoríferos (1) *vinhos, — que estavam acima* (2), *não só do itálico Falerno* (3), *mas da ambrósia* (4), *que Jove* (5) *tanto estima com* [*e também*] *o sempiterno ajuntamento* (6) —, *erguem, nos vasos onde em vão trabalha a lima* (7), *crespas escumas* (8) *que, no interno* (9) *coração moviam súbita alegria, saltando com a mistura da água fria.*

(1) Aromáticos. (2) «Estavam acima de...», eram do aroma superior. (3) Região de Itália, célebre pela excelência dos vinhos que produzia no tempo dos romanos. (4) Substância deliciosa de que se nutriam os deuses no Olimpo, e que lhes dava a imortalidade. (5) Júpiter. (6) «Sempiterno, etc.»; a eterna companhia de Jove [os outros deuses]. (7) «Em vão, etc.»; inútil seria o trabalho de lima sôbre as taças; perífrase, para significar que elas eram de diamante. (8) As bolhas de ar nos vinhos espumosos. (9) Pleonasmo: — significando o conjunto dos dois vocábulos «o espírito»; só a vista da espuma a saltar tornava alegre o espírito; para aumentar a espuma, misturava-se água nas taças.

Diz-se vulgarmente «ambrosía», mas deve-se dizer «ambrósia», como no texto e em latim.

---

*

5 Mil práticas alegres se trocavam,
Risos doces, sutis e argutos ditos,
Que entre um e outro manjar se alevantavam,
Despertando os alegres apetitos.
Músicos instrumentos não faltavam,
(Quais no profundo reino os nus espritos
Fizeram descansar da eterna pena)
C'ũa voz d'ũa angélica Sirena.

Trocavam-se mil práticas (1) *alegres e doces risos, subtis e argutos* (2) *ditos, que se levantavam* (3) *entre um e outro manjar* (4), *despertando os alegres apetites* (5). *Não faltavam instrumentos músicos,* — *quais* (6), *no profundo reino* (7), *fizeram descansar da pena eterna os espíritos nus* (8) —, *com uma* [*e uma*] *voz de angélica sirena* (9).

(1) Conversação; trocaram-se os ditos entre cada uma das ninfas e o seu par. (2) Chistosos, engraçados. (3) Diziam-se em voz alta. (4) «Entre, etc.»; nos intervalos de tempo em que se tirava da mesa uma iguaria e se punha outra. (5) «Apetitos», no texto, [forma antiquada], é talvez liberdade poética, para rimarem com «espritos», forma ainda hoje popular. (6) «Quais», semelhantes àqueles que... (7) «Profundo reino», o inferno. (8) «Espíritos nus», as almas sem corpos. (9) «Sirena», forma alatinada de «Sereia»; ser mitológico representado pelo busto de mulher formosa e cauda de peixe; por meio da sua voz suave e maviosa, as sereias atraíam os navegantes aos cachopos dos mares da Sicília, fazendo-os aí naufragar; esta voz de sereia é a duma ninfa [estância seguinte] que, a cantar, profetiza as proezas que hão-de ser praticadas, na Índia, por ilustres varões portugueses.

Os três últimos versos aludem à fábula de Orfeu e Eurídice; no cancioneiro de Garcia de Resende:

Eu fui aquele que ouvistes
que na música soube tanto
que fiz com o meu doce canto
não pensar as almas tristes.

Orfeu, descendo ao inferno, para de lá tirar Eurídice, sua mulher, pôde com o encanto da sua voz fazer adormecer todos os monstros lá existentes.

---

6 Cantava a bella ninfa, e cos acentos
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonância igual os instrumentos
Suaves vem a um tempo conformando.
Um súbito silêncio enfrea os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As águas, e nas casas naturais
Adormecer os brutos animais.

A bela ninfa (1) *canta, e com os acentos* (2) da sua voz, *que vão soando pelos altos* (3) *paços, vem os suaves instrumentos conformando* (4) *em igual consonância* e *a um* mesmo *tempo* (5). *Um súbito silêncio enfreia os ventos* (6), *e faz* (7) *irem as águas murmurando docemente, e os brutos animais adormecerem nas casas naturais.*

(1) «Bela ninfa», cfr. nota 9 da estância precedente. (2) Modulações. (3) Nobres, sumptuosos. (4) Harmonizando, concertando, formando concêrto [harmonia]. (5) «A um tempo», a compasso, com o mesmo ritmo. (6) «Silêncio...», deve ter aqui significação figurada de «calmaria» [termo náutico — tempo de calma no mar em que o navio de vela não se move]. (7) Êste verbo, seguido de infinitivo, equivale a «obrigar a».

---

7 Com doce voz está subindo ao ceo
Altos varões, que estão por vir ao mundo,
Cujas claras ideas viu Proteo
Num globo vão, diáfano, rotundo;
Que Júpiter em dom lh'o concedeu.
Em sonhos, e despois no reino fundo
Vaticinando o disse; e na memória
Recolheu logo a ninfa a clara história.

A ninfa *está subindo* [*elevando*] (**1**) *ao céu* os *altos* [*ilustres*] *varões que estão por vir* [*que hão-de vir*] *ao mundo*, e *cujas claras ideas* [*imagens*] (**2**) *tinha visto Próteo* (**3**) *num globo vão* (**4**), *diáfano* (**5**), *rotundo* (**6**), *que* [*pois*] *Júpiter lho* (**7**) *concedera em dom* (**8**). *E* Próteo, *depois*, estando *no profundo reino* marítimo e *vaticinando, disse-o em sonhos* [*disse o que Tétis estava repetindo*], *e a ninfa recolheu logo na memória a clara* [*brilhante*] *história.*

(**1**) Aqui o verbo é transitivo; a ninfa entoa louvores aos futuros varões portugueses, que hão-de nascer ainda; «eleva-os às nuvens», segundo a expressão vulgar. (**2**) «Cujas claras ideas viu»; cujas ideas [imagens] claramente vira: o advérbio sob a forma de adjectivo; «cujas» referindo-se a «varões» e não a «mundo»; cfr. ADITAMENTO, p. VI. (**3**) «Proteu», no texto: o deus marinho que tinha o dom de adivinhar; I, 19; VI, 20, 36; VII, 85. (**4**) Oco. (**5**) Transparente. (**6**) Esférico [pleonasmo]. (**7**) «Lho concedera»: concedera-lhe «isso»: a faculdade de ver o futuro no «globo vão». (**8**) «Em dom», graça, privilégio especial [de ter a faculdade de adivinhar].

---

8 Matéria é de coturno e não de soco,
A que a nimpha aprendeu no immenso lago,
Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
Entre os Pheaces um, outro em Carthago. —
Aqui, minha Calíope, te invoco
Neste trabalho extremo, porque em pago
Me tornes do que escrevo e em vão pretendo,
O gôsto de escrever, que vou perdendo.

É matéria de coturno e não de soco (1) aquela *que a ninfa aprendeu no imenso lago* (2), — matéria semelhante à *qual não saberia* tratar *Iopas* (3) *ou Demódoco* (4), *um* que viveu *entre os Feaces*, e o *outro em Cartago* —. *Aqui neste extremo trabalho* (5), *invoco-te, ó minha Calíope* (6), *para que, em paga do que escreva* neste final do Poema, *me tornes* [*restituas*] *o gôsto de escrever*, gôsto *que em vão pretendo* conservar e *que vou perdendo*.

(1) «Matéria de coturno, etc.»; assunto nobre, transcendente; precisa de ser expôsto em estilo elevado, eloqüente [«coturno» era o calçado dos romanos nobres]; não pode ser tratado em linguagem vulgar [«soco» era o calçado dos plebeus]. (2) «Aprendeu, etc.»; a ninfa soube o que ia contar, por tê-lo ouvido a Próteo, no mar imenso. (3) Poeta mítico, personagem da *Eneida*, de Vergílio; discursava, na presença de Dido, rainha de Cartago, em estilo elegante acêrca dos astros e de assuntos scientíficos. (4) Personagem mítico da *Odissea*, de Homero; pronunciava, em linguagem altíloqua, o elogio de Ulisses, na presença de Alcínus, rei da Feácia — nome antigo, e talvez fabuloso, duma região, que se tem pretendido identificar com Corciro, ilha do mar Jónio. (5) «Extremo trabalho», trabalho final [dêste poema]: ¿ou extrema dificuldade de reproduzir o discurso da ninfa? (6) A musa da eloqüência; III, 1.

A razão de o Poeta perder o gôsto de escrever vem na estância seguinte.

Nas *Fontes dos Lusíadas*, pp. 424-426, encontra-se larga

dissertação acêrca do verso 7. Supõe o Sr. Dr. J. M. Rodrigues que, no manuscrito saído das mãos do Poeta, se leria

Me tornes «o que eu só» em vão pretendo

Sem impugnar esta proposta de emenda, ouso aqui muito timidamente ponderar, que, substituindo pelo conjuntivo o presente do indicativo [que podia ter sido empregado por liberdade poética: escrevo = escreva], dêsse modo, poderia desaparecer a falta de normalidade que se tem observado: em recompensa de concluir o seu trabalho [o poema], o Poeta pede à Musa que lhe dê novamente o gôsto de escrever — gôsto que pretende conservar, e que vai perdendo. Seria preciso admitir-se uma transposição, talvez violenta, mas de que há muitos exemplos já apontados.

---

9 Vão os annos decendo, e já do estio
Há pouco que passar até o outono;
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me abôno;
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno sono;
Mas tu me dá que cumpra, ó gram rainha
Das Musas, co que quero á nação minha!

Vão descendo (1) os meus *anos, e do estio há já pouco que passar até o outono* (2); *a fortuna* (3) *fez-me frio o engenho* (4), *do qual já me não jacto* (5), *nem me abôno. Os desgostos vão-me levando ao rio* (6) *do negro esquecimento e* ao *eterno sono* (7); *mas tu, ó grande rainha das musas* (8), *dá-me, que* eu *cumpra com o* bem *que quero à minha nação* (9).

(1) Declinando: a vida do Poeta comparada com o percurso do sol, que vai descendo para o ocaso; o declinar do dia comparado com o declinar da vida. (2) «Do estio, etc.»; imagem da idade do Poeta; está-se aproxi-

mando o fim da idade viril [o estio]; pouco lhe falta para chegar à velhice [o outono]; teria o Poeta próximo de 50 anos, quando concluiu os *Lusíadas*. (3) Subentende-se a «má fortuna». (4) Esfriou-me, amorteceu-me o talento. (5) «Já, etc.»; entende-se que noutro tempo podia gabar-se de ter engenho; cfr. I, 32. (6) Letes; I, 32, nota 5; VIII, 27 [lei Leteia]; rio dos infernos; as sombras que bebiam a sua água esqueciam completamente o passado; alegoria: que o Poeta se ia aproximando da morte. (7) «Eterno sono, etc.»; a morte, a mesma idea das palavras precedentes. (8) Calíope; continua a apóstrofe da estância precedente. (9) «Dá-me, etc.»; concede-me o dom, a faculdade de cumprir, de realizar o que desejo no bem-querer à minha pátria; dá-me eloqüência, para que os meus versos a engrandeçam. É vulgar o uso da palavra «querer» para significar querer bem. No texto «co» = «com o».

---

10 Cantava a bella deusa, que viriam
Do Tejo pelo mar, que o Gama abrira,
Armadas que as ribeiras venceriam,
Por onde o oceano índico suspira;
E que os gentios reis, que não dariam
A cerviz sua ao jugo, e ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
Até render-se a elle, ou logo á morte.

A bela deusa (1) *cantava* (2): *que, pelo mar que o Gama abrira* (3), *viriam do Tejo armadas* (4), *que venceriam as ribeiras* (5), *por onde* [*em que*] *suspira* (6) *o Oceano Índico; e que os reis gentios* (7), *que não dessem a cerviz ao jugo* (8), *provariam* [*experimentariam*] *o ferro e a ira do braço* português, *duro e forte, até se renderem a êle, ou* renderem-se *logo à morte*.

(1) «Deusa» tem aqui a significação de divindade marítima [a ninfa]. (2) Dizia cantando. (3) Sulcara, na-

vegara, descobrira. (4) Navios armados. (5) As praias, fig., os países e regiões marginais [do Oceano Índico]; a ninfa profetizava que a Índia havia de ser conquistada pelos portugueses; nas estâncias seguintes nomeia alguns dos principais conquistadores. (6) «Suspira», alegoria, lembrando o som das águas do mar quando, plácidas, beijam a praia. (7) Idólatras. (8) «Que não dariam, etc.»; que não se submetessem voluntàriamente.

---

11 Cantava d'um, que tem nos Malabares
Do sumo sacerdócio a dignidade,
Que só por não quebrar cos singulares
Barões os nós que dera d'amizade,
Sofrerá suas cidades e lugares
Com ferro, incêndios, ira e crueldade
Ver destruir do Samorim potente,
Que tais ódios terá co'a nova gente.

Cantava (1) a bela ninfa acêrca *de um* rei, *que, nos malabares tem a dignidade do sumo sacerdócio* (2), e *que,— só para não quebrar os nós de amizade que dera com os singulares barões* portugueses— *sofreria ver destruídas* as *suas cidades e lugares* [*aldeias*] *com* o *ferro,* os *incêndios,* a *ira e* a *crueldade do potente Samorim; tais* seriam *os ódios, que teria* êste rei de Calecut para *com a gente nova* (3).

(1) Falava cantando. (2) «Um rei, etc.»; o rei de Cochim, que era, ao mesmo tempo, o sumo sacerdote da religião de Brama no Malabar; VII, 32 a 36, e se chamava Triumpara. (3) «Com a nova gente», com a gente das «armadas» que viriam do Tejo [estância precedente], com Álvares Cabral e Duarte Pacheco [Barros, déc. I, liv. V; e liv. VII, cap. 5, 6 e 7].

---

12 E canta como lá se embarcaria
Em Belem o remédio d'êste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria,
O gram Pacheco, Achiles lusitano.
O pêso sentirão, quando entraria,
O curvo lenho, e o férvido oceano,
Quando mais n'água os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se meterem.

Mais *canta* a bela ninfa, *que embarcaria, lá em Belêm* (1), *o grande Pacheco* (2), denominado o *Aquiles* (3) *Lusitano*, que seria *o remédio dêstes danos* sofridos pelo rei de Cochim, *sem o* mesmo Pacheco *saber o pêso que, em si* (4) próprio, *traria ao mar*. *Quando* êle *entrasse* [a bordo], *sentiriam o* seu *pêso o curvo lenho* [*a embarcação*] *e o férvido oceano*, isto é, *quando os troncos* [*os mastros*], *gemendo* [*rangendo*], *se metessem mais na água, contra o que é natural* (5).

(1) A praia do Restelo, que ficou sendo chamada Belêm [IV, 87], por haver ali uma ermida com a invocação de Santa Maria de Belêm [antes de construido o sumptuoso templo e mosteiro dos religiosos de S. Jerónimo, fundado por el-rei D. Manuel]. (2) Duarte Pacheco Pereira; I, 14; II, 52, nota 5; X, 15 e sgs. (3) Herói grego; III, 13; V, 93; nome que, em todas as línguas, é a personificação da coragem militar. (4) «Sem saber o que em si traria»: sem Pacheco imaginar que levava, em si próprio, o remédio [o castigo] para os males causados pelo rei de Calecut ao rei de Cochim [não fazia idea do seu valor, do qual daria exuberantes provas]. (5) «Sentiriam o pêso, etc.»; Duarte Pacheco não sabia quanto pesava, mas soube o navio, porque mergulhou com o pêso, e nesta ocasião os mastros gemeram; soube-o o oceano, porque sentiu o navio mergulhar; tudo isto era contra a natureza; consiste a hipérbole em atribuir ao pêso moral tanta grandeza, que produzia efeitos sobrenaturais.

13 Mas já chegado aos fins orientaes,
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim com poucos naturais,
Nos braços do salgado e curvo rio,
Desbaratará os Naires infernais
No passo Cambalão, tornando frio
D'espanto o ardor immenso do Oriente,
Que verá tanto obrar tam pouca gente,

Mas Pacheco, — tendo *chegado já aos fins orientais* (1), *e deixado* [*ficado*] *em ajuda do rei gentílico* (2) *de Cochim com poucos naturais* (3) *nos braços do salgado e curvo rio* (4) —, *desbaratará* (5) *os infernais Naires* (6) *no passo de Cambalão* (7), *tornando frio de espanto o imenso ardor do Oriente* (8), *que verá* [*por ver*] *tam pouca gente obrar tanto.*

(1) «Fins orientais», fig., o longínquo mar do Oriente, o Índico, e designadamente as terras de Cochim. (2) Gentio, brâmane. (3) Indígenas. (4) «Braços, etc.»; os braços de mar que envolvem Cochim, — braços que tem a semelhança de rio —, por isso o Poeta diz «salso» [salgado]. (5) Há-de combater, vencendo e destruindo. (6) Cfr. VII, 39; entende-se aqui as fôrças militares do rei de Calecut, comandadas por Naires —; «infernais», terríveis pela sua bravura. (7) Estreito de Cambalam — que dá entrada ao braço de mar que circunda Cochim. (8) «Frio de espanto, etc.»; o Poeta personifica o «calor tropical» daquela terra [9 graus de latitude], como se dissesse: o Sol esfriou de espanto — hipérbole para exprimir o terror e assombro dos indígenas, vendo tam pouca gente obrar tantos prodígios de valor.

Duarte Pacheco foi à Índia na companhia do grande Afonso de Albuquerque, e por ordem dêste ficou em Cochim com uma nau e duas caravelas, em que havia 100 homens para defender o rei [Triumpara] contra o rei de Calecut [que se preparava para lhe invadir o reino com grandes fôrças].

---

14 «Chamará o Samorim mais gente nova;
Virão reis de Bipur e de Tanor,
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estarão prometendo a seu senhor.
Fará que todo o Naire em fim se mova,
Que entre Calecú jaz e Cananor,
D'ambas as leis imigas, pera a guerra,
Mouros por mar, gentios pola terra.

«*O Samorim chamará mais nova gente* (1); *virão* os *reis de Bipur e de Tanor*, — regiões *da serra de Narsinga* (2) —, *os quais prometerão alta prova* de obediência *ao seu senhor* [*suserano*]. O Samorim *fará, emfim, mover para a guerra todos os Naires* (3) *que jazem* [*moram*] no território que fica *entre Calecut* (4) *e Cananor* (5) e gente *de ambas as leis* [*religiões*] *inimigas da* lei cristã — *mouros por mar, gentios* [*brâmanes*] *por terra.*

(1) «O Samorim, etc.»; o rei de Calecut chamou, para a guerra contra Cochim, mais gente para novos combates. (2) «Virão reis, etc.»; tropas de Bipur e Tanor — terras a leste da serra de Narsinga; VII, 21 [hoje chamada serra dos Gates]. (3) Naires; VII, 37; homens de guerra. (4) Calecut; II, 52; VI, 92 e sgs.; VII, 16; etc. (5) Cananor; VII, 35.

O Samorim chegou a trazer consigo nesta guerra cinqüenta mil homens; nas tropas europeias de Duarte Pacheco não passavam de cento e oitenta [Barros; I, 75].

O Sr. Dr. J. M. Rodrigues supõe ter havido no verso 7 êrro tipográfico — devendo ler-se «E ambas», em vez de «D'ambas». *Fontes dos Lusíadas*, pp. 88 e 89.

15 «E todos outra vez desbaratando
Por terra e mar o gram Pacheco ousado,
A grande multidão, que irá matando,
A todo o Malabar terá admirado.
Cometerá outra vez, não dilatando,
O gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos deuses vãos, surdos e immotos.

«*E o grande Pacheco,* — *que, por mar e por terra, irá ousadamente* (1) *desbaratando* e *matando* a *grande multidão* —, *terá* sido *admirado por todos os malabares. O gentio* (2), *não dilatando* (3), *cometerá* [*tentará*] *outra vez o combate, injuriando os seus* (4) companheiros e *fazendo votos* [*preces*] *em vão* [*inútilmente*] *aos* seus *deuses vãos* (5), *surdos* às preces dêle, *e imotos* [*imóveis, impassíveis*].

(1) No texto o adjectivo com função de advérbio. (2) «O gentio», o singular pelo plural, os inimigos; ou — o Samorim. (3) «Não dilatando», sem demora, em seguida a ter sido vencido. (4) «Injuriando, etc.»; o desespêro de Samorim vendo o seu exército vencido, aniquilado, era tal, que injuriava as suas tropas acusando-as de cobardia. (5) «Deuses vãos», deuses que nunca existiram.

---

16 «Já não defenderá sómente os passos,
Mas queimar-lhe-há lugares, templos, casas:
Aceso de ira o cão, não vendo lassos
Aquelles que as cidades fazem rasas,
Fará que os seus, de vida pouco escassos,
Cometam o Pacheco, que tem asas,
Por dous passos num tempo: mas voando
D'um noutro, tudo irá desbaratande.

«Pacheco *não sómente defenderá os passos* (1), *mas queimar-lhes há* (2) *lugares* (3), *templos, casas.*

O cão (**4**), *aceso de ira* (**5**), *não vendo lassos* (**6**) *aqueles* portugueses, *que fazem rasas* (**7**) *as cidades, fará, que os seus* companheiros de armas *pouco escassos de vida* (**8**), *acometam* (**9**) *Pacheco, por dous passos num* mesmo *tempo; mas Pacheco, que tem asas* (**10**), *voando de um para outro, irá tudo* (**11**) *desbaratando* (**12**).

(**1**) «Passos», os desfiladeiros [em terra], e os estreitos [os vaus no canal ou braço de mar, os sítios perigosos para ataque ou defesa]. (**2**) Subentende-se: queimará «aos inimigos». (**3**) Aldeias. (**4**) Epíteto injurioso aplicado ao Samorim. (**5**) Inflamado de cólera, enraivecido. (**6**) Cansados, exaustos. (**7**) «Fazem rasas», arrasam, destroem. (**8**) «Pouco escassos, etc.»; pouco avaros da própria vida, expondo-se afoutamente ao perigo. (**9**) Acometam, ataquem Pacheco em dois vaus diferentes e ao mesmo tempo. (**10**) «Tem asas», tem pasmosa actividade. (**11**) Todos os inimigos. (**12**) Destruindo, derrotando.

No verso 5 da estância precedente, «cometer os combates», significando «tentar»; no verso 6 da presente, «cometam o Pacheco», significando «acometer, atacar».

No verso 8, «dum noutro»; a preposição «em», que o Poeta emprega freqüentes vezes, como os escritores antigos, em vez doutras preposições actualmente usadas em casos semelhantes.

---

17 «Virá ali o Samorim, porque em pessoa
Veja a batalha e os seus esforce e anime;
Mas um tiro, que com zonido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime.
Já não verá remédio ou manha boa,
Nem fôrça, que o Pacheco muito estime;
Inventará traições e vãos venenos;
Mas sempre (o Ceo querendo) fará menos.

«*Ali virá o Samorim, para, em pessoa, ver a batalha e esforçar e animar os seus* soldados, *mas um*

tiro, voando com zunido, o tingirá de sangue no sublime andor (**1**). O Samorim *não verá remédio, ou manha boa, nem fôrça, que o Pacheco muito estime* (**2**); *inventará traições e vãos* (**3**) *venenos, mas, — querendo o Céu —, sempre* o Samorim *fará menos* do que deseja (**4**).

(**1**) Veio o Samorim pessoalmente ao lugar do combate para dar alento à sua tropa e incitar-lhe coragem, mas parando êle em um alto e rico andor ou liteira, e vendo que estava prestes a ser derrotado, ia em retirada, quando as balas dos portugueses feriram e mataram alguns gentios que iam no séquito do «andor», e o sangue dêles salpicou o Samorim; êste fugiu então apressado. (**2**) «Não verá, etc.»; o Samorim não terá ocasião de ver traições, venenos, ou fôrça que o Pacheco não despreze; Pacheco «em nada estimava», não dava valor; isto é, «desprezava» todos os artifícios e fôrça empregados pelo Samorim. (**3**) Ineficazes, inúteis; o Samorim mandara espias para envenenar as águas e os mantimentos de que se serviam os portugueses, mas não quis a Providência que produzissem efeito essas traições. (**4**) O Samorim fará menor mal do que era sua intenção fazer.

---

18 «Que tornará a vez séptima, cantava,
Pelejar co invicto e forte Luso,
A quem nenhum trabalha pesa e agrava;
Mas com tudo êste só o fará confuso:
Trará pera a batalha horrenda e brava
Máchinas de madeiros fora de uso,
Para lhe abalroar as caravelas,
Que até 'li vão lhe fôra cometê-las.

«*Cantava* a ninfa, *que* o Samorim *tornará, por sétima vez* (**1**), *a pelejar contra o invicto e forte lusitano* (**2**), *a quem nenhum trabalho pesa e agrava* (**3**); *mas* (**4**), *êste* (**5**) *só o* (**6**) *fará confuso* (**7**). O Samorim *trará, para a horrenda e brava batalha, máqui-*

nas de madeiros [*troncos*], *fora de uso* (**8**), *para abalroar as caravelas portuguesas, que até ali lhe fôra vão* [*inútil*] *acometer* (**9**).

(**1**) Sete vezes acometeu Samorim contra Pacheco [sete batalhas em menos de três semanas]. (**2**) «O invicto, etc.» [invencível]; perífrase de Pacheco. (**3**) «A quem, etc.»; que era infatigável. (**4**) «Mas contudo», repetição pleonástica da adversativa. (**5**) Subentende-se «o invicto»; isto é, Pacheco. (**6**) O pronome refere-se a Samorim. (**7**) Perplexo, envergonhado. (**8**) «Máquinas, etc.»; engenhos antigos que já não eram usados pelos europeus. (**9**) O Samorim atacou Pacheco, mandando 298 embarcações, entre grossas e miúdas, cheias de gente e precedidas de «oito castelos» de vinte palmos de altura, armados, cada um dêles, sôbre duas galés com dez homens, e em cima lenha a arder para queimar as três embarcações portuguesas.

---

19 «Pela água levará serras de fogo,
Para abrasar-lhe quanta armada tenha;
Mas a militar arte e engenho, logo
Fará ser vã a braveza com que venha.
Nenhum claro barão no márcio jôgo,
Que nas asas da fama se sostenha,
Chega a êste, que a palma a todos toma,
E perdoe-me a ilustre Grécia ou Roma.

«*Pela água levará* o Samorim *serras de fogo* (**1**), *para abrasar quanta armada tiver* (**2**) Pacheco; *mas a arte militar, e* o *engenho* (**3**) *farão logo ser vã* (**4**) *a braveza com que venha* o Samorim. *Nenhum varão, claro* [*esclarecido*] *no jôgo Márcio* (**5**), e *que se sustenha nas asas da fama* (**6**), *chega a êste* (**7**), *que a todos toma a palma* (**8**); *e perdoe-me a ilustre Grécia ou Roma* (**9**).

(1) Cfr. a nota 8 da estância precedente. (2) «Quanta», toda quanta; todas as caravelas que tinha Pacheco. (3) O talento militar e a estratégia do capitão português. (4) «Fará, etc.»; tornará vã, inútil, ineficaz essa fúria e êsse artifício do gentio [das embarcações portuguesas foram deitadas ao mar vigas travadas que impediram a aproximação dos engenhos do gentio]. (5) «Claro, etc.»; preclaro, ilustre na guerra [ofício do deus Marte]. (6) «E que se sustenha, etc.»; que seja afamado [na guerra]. (7) Pacheco. (8) «Toma a palma», leva a palma; avantaja-se. (9) «Perdoe-me, etc.»; locução de cortesia para afirmar que, em Roma e na Grécia, pátrias de heróis, aureolados pela história, não houve quem chegasse a ter os méritos de Duarte Pacheco.

---

20 «Porque tantas batalhas, sostentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas e artes inventadas,
Tantos cães não imbelles profligados,
Ou parecerão fábulas sonhadas,
Ou que os celestes coros invocados
Decerão a ajudá-lo, e lhe darão
Esfôrço, fôrça, ardil e coração.

«*Porque* (1) *tantas batalhas sustentadas com muito pouco mais de cem soldados, contra* (2) *tantas manhas e artes inventadas* (3); *tantos cães não imbeles* (4), *profligados* (5), *parecerão ou fábulas sonhadas, ou que os coros celestes,* sendo *invocados, descerão a ajudá-lo* [*a Duarte Pacheco*], *e lhe darão esfôrço* (6), *fôrça* (7), *ardil* (8) *e coração* (9).

(1) «Porque»; a bela ninfa dá, — nos versos que se seguem —, a razão de ter dito [implìcitamente], no fim da estância precedente, que Duarte Pacheco estava acima dos grandes generais gregos e romanos. (2) A preposição «com» tem significação diferente nos versos 2 e 3; no primeiro exprime relação de ligação, união; no segundo exprime relação de fôrças adversas. (3) «Manhas, etc.»;

alusão às traições, venenos, máquinas de guerra, etc. [nas estâncias precedentes]. (4) Tímidos, cobardes [não o eram os gentios furiosos que o Poeta denomina «cães»]. (5) Destruídos; vencidos por Duarte Pacheco. (6) Energia moral. (7) Vigor. (8) Astúcia. (9) Coragem, ânimo.

Comentando a locução «coros celestes», diz Faria e Sousa: «Devemos crer que os coros angélicos auxiliaram Pacheco. O Poeta pretende aqui mostrar: — que Deus pelejava por Pacheco e pela sua pouca gente; que estas vitórias foram milagrosas, em vista do número desigualíssimo de vencidos e vencedores».

---

21 «Aquelle, que nos campos maratónios
O gram poder de Dario estrue e rende;
Ou quem com quatro mil Lacedemónios
O passo de Termópilas defende;
Nem o mancebo Cocles dos Ausónios,
Que com todo o poder tusco contende
Em defensa da ponte, ou Quinto Fábio,
Foi como êste na guerra forte e sábio.»

«*Aquele* general *que, nos campos Maratónios, destruíu e rendeu* [*venceu*] *o grande poder* [*exército*] *de Dario* (1); *aquele que, com quatro mil lacedemónios defendeu o passo das Termópilas* (2); *o mancebo dos Ausónios, Cocles* (3), *que contendeu com* [*combateu contra*] *todo o poder* [*exército*] *tusco em defesa da ponte* (3); *ou Quinto Fábio* (4); nenhum dêsses grandes guerreiros *foi, na guerra,* tam *sábio e forte como* foi *êste* Pacheco».

(1) «Aquele que, etc.»; os dois primeiros versos são perífrase do nome do general Melcíades. Dario, rei da Pérsia [século v, A. C.], conquistara a Índia, a Trácia e a Macedónia, mas foi derrotado em campanha por êsse general grego próximo de Maratónia [cidade da Ática]. (2) Os versos 3 e 4 são perífrase de Leónidas, rei de Esparta, que defendeu a passagem das Termópilas com pouca gente de

Lacedemónia [Esparta, cidade da Grécia], contra o soberbo e cruel Xerxes, rei dos Persas, que estava à frente de numerosos exércitos; Termópilas é um monte na Grécia, no qual há um desfiladeiro, ou abertura, onde se deu êsse combate. (3) «Nem o mancebo, etc.»; Horácio Cocles [romano, da Ausónia] estava defendendo a passagem duma ponte, sôbre o rio Tibre, contra as numerosas fôrças de Porsena, rei da Toscana [Etrúria], e reprimiu gloriosamente o furor do inimigo tusco; a ponte era de madeira; Cocles ordenou à sua gente da retaguarda, que a fôssem cortando emquanto êle fazia rosto ao inimigo; sentindo que se executara a sua ordem, atirou-se ao rio, e mesmo armado nadou para a outra margem, onde estavam os seus. Dêste modo os livrou de combate, porque o inimigo, não podendo persegui-los pela falta da ponte, voltou as costas; «Ausónia», região da antiga Itália — nome aplicado pelos poetas à Itália inteira; poder tusco [etrusco], as fôrças da Etrúria, depois Toscana [que foi território do Duque de Florença]; cfr. v, 87. (4) Houve com êste nome alguns heróis romanos; o maior, cognominado Máximo, foi aquele que, por estratégia e com pequenas fôrças, venceu Anibal, estando êste à frente de numerosas tropas.

O resumo da presente estância exprime a superioridade de Pacheco sôbre os mais afamados guerreiros da Grécia antiga e da antiga Roma.

---

22 Mas neste passo a nimpha, o som canoro
Abaxando, fez ronco e entristecido,
Cantando em baxa voz, envôlta em chôro,
O grande esfôrço mal agradecido:
«Ó Belisário, disse, que no côro
Das Musas serás sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolar-te!

Mas, neste passo (1), *a ninfa, abaixando o som canoro* (2), *fê-lo rouco e entristecido* (3), *cantando, em voz baixa e envolta em chôro, o mau agradecimento do grande esfôrço.*

«*Ó Belisário* (4), *disse* ela, tu, *que serás sempre engrandecido no côro das musas* (5), — *se viste abatido em ti o bravo Marte* (6) —, *tens aqui com quem podes consolar-te!*

(1) «Neste passo»; nesta ocasião, quando a ninfa acabava de elogiar Duarte Pacheco com as palavras da estância precedente. (2) Sonoro. (3) «Baixa voz, etc.»; finge o Poeta que a ninfa, quando estava mais exaltada nos elogios a Pacheco, se recorda de repente da má paga e mau fim que teve êsse herói; e por isso desata-se em pranto, a queixar-se da ingratidão do rei. (4) General de Justiniano [imperador do Oriente — século v], célebre por ter vencido os persas, os vândalos, e ostrogodos; era tradição no tempo do Poeta [tradição considerada, hoje, falsa] que êsse general, tendo caído da graça do imperador, a ponto de êste lhe mandar arrancar os olhos, se vira obrigado a mendigar. Na apóstrofe, dirigida pela ninfa a Belisário, diz ela que se console por ter companheiro na miséria, vendo que, depois de tantas façanhas, também Pacheco teve a desdita de morrer em um hospital; III, 71; IV, 33. (5) «Engrandecido, etc.»; louvado, exaltado pelos poetas. (6) «Abatido, etc.»; Belisário viu, na sua pessoa, ofendido o deus da guerra; viu que o seu serviço militar fôra pago, pelo imperador, com ingrata ofensa, — idea mais desenvolvida por outras palavras na estância imediata.

---

23 «Aqui tens companheiro, assi nos feitos,
Como no galardão injusto e duro.
Em ti e nelle veremos altos peitos
A baxo estado vir, humilde e escuro!
Morrer nos hospitais, em pobres leitos,
Os que ao rei e á lei servem de muro!
Isto fazem os reis, cuja vontade
Manda mais que a justiça e que a verdade,

«*Aqui tens companheiro assim nos feitos* (1) *como* «*no injusto e duro* (2) *galardão* (3); *em ti e nele* «*veremos altos peitos virem* [*chegarem*] *a humilde,*

«*baixo e escuro estado* (4); veremos *morrer nos hos-*
«*pitais, em pobres leitos, os que servem de muro* (5)
«*ao rei e à lei. Isto fazem aqueles reis, cuja vontade*
«*manda mais que a justiça e que a verdade* (6).

(1) Proezas. (2) Cruel. (3) Paga, recompensa. (4) «Veremos, etc.»; estareis a ver o exemplo de homens de grandes virtudes e nobres acções chegarem a morrer na pobreza, na miséria e na obscuridade. (5) Defesa, escudo, sustentáculo: Damião de Góis afirmava que Duarte Pacheco estivera preso por ordem de D. Manuel e morrera num hospital, e desprezado pelo rei, em conseqüência duma informação de que, sendo êle governador do forte de S. Jorge da Mina, se aproveitara de rendimentos do Estado; mas ulteriormente averiguou-se terem sido inexactos os factos referidos por Damião de Góis. (6) «Isto fazem, etc.»; dêsse modo procedem os reis, quando êles, com a sua autoridade, esmagam os princípios de justiça e fecham os olhos à verdade.

A estância seguinte é objecto de reflexões sôbre os factos nesta expostos.

A estância imediata [25] é objecto de nova apóstrofe, e essa dirigida ao rei D. Manuel, inculpando-o da sua ingratidão para com Duarte Pacheco.

---

24 «Isto fazem os Reis, quando embebidos
Nũa aparência branda, que os contenta,
Dão os prémios, de Aiace merecidos,
Á língua vã de Ulisses fraudulenta.
Mas vingo-me; que os bens mal repartidos
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sabios cavaleiros,
Dão-os logo a avarentos lisongeiros.

«*Fazem isto os reis, quando, embebidos numa aparência branda, dão à linguagem fraudulenta* [astuciosa] e *vã* [*frívola*] *de Ulisses o prémio merecido por Ajace* (1). *Mas vingo-me; porque os bens mal*

repartidos em favor de quem só apresenta doces sombras (2), *se os não dão a sábios cavaleiros, logo os dão a avarentos lisonjeiros* (3).

(1) «Fazem isto, etc.»; procedem com esta injustiça [referida na estância precedente] os reis que, obcecados pelas palavras melífluas e submissão servil de cortesãos, não premeiam quem o merece; alude-se aqui à sentença dada pelos juízes que resolveram a contenda entre Ajace e Ulisses; ambos pretendiam ficar com as armas de Aquiles, por se considerar cada um dêles o mais valoroso no cêrco de Tróia. Aquiles [III, 13; V, 93; X, 12], o mais famoso herói grego da Ilíada, deixara de existir, fôra mortalmente ferido no calcanhar por uma seta envenenada, disparada por Páris. Os juízes resolveram que as armas de Aquiles fôssem entregues a Ulisses, não por ser êste quem as merecesse, mas por ter êle usado de uma eloqüência doce, astuta e frívola [II, 45; III, 18, 57, 74; IV, 84; V, 86; etc.] na defesa da sua pretensão; Ajace era o mais bravo, e enlouqueceu de dor por ter sido vencido por Ulisses nesta contenda, e suicidou-se. (2) «Doces sombras»: pessoas que tem aparência agradável, empregam linguagem de bondade, palavras melífluas, e usam hábito externo muito aparatoso, mas às quais falta merecimento real, e são apenas como que pinturas, que são fingimentos de cortesãos. (3) «Se os não dão, etc.»; as mercês distribuídas injustamente, e negadas ao merecimento, vão recair em avarentos e lisonjeiros.

---

25 «Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Um tal vassalo, ó rei só nisto inico,
Se não és pera dar-lhe honroso estado,
É elle pera dar-te um reino rico.
Em quanto fôr o mundo rodeado
Dos apolíneos raios, eu te fico,
Que elle seja entre a gente illustre e claro,
E tu nisto culpado por avaro.»

«*Mas tu, ó rei* (1), — que *só nisto* foste *iníquo*

(**2**), *e por quem foi tam mal pago um* teu *tam bom vassalo* —, *se não foste* justo *para lhe dares honroso estado, foi êle* um bravo *para te dar um reino rico* (**3**). *Emquanto o mundo fôr rodeado pelos Apolíneos raios* (**4**), *eu te fico* [*eu te prometo e afirmo*], *que êle* [*Pacheco*] *será entre a gente* [*entre nós portugueses*] considerado *ilustre e preclaro; e tu, nisto* [*no teu procedimento*] serás *culpado* [*acusado*] *de avareza*».

(**1**) A ninfa dirige esta apóstrofe a el-rei D. Manuel, censurando-o pelo mau tratamento que deu a Duarte Pacheco [est. 23]. (**2**) Injusto [êste vocábulo aparece no poema com diversas significações]; nas palavras «só nisto», pareço haver alusão a outro acto, e de justiça, do rei para com Duarte Pacheco, levando-o a seu lado debaixo de pálio, quando desembarcava em Lisboa no regresso da Índia, dando-lhe assim testemunho público e solene de que apreciou a grandeza dos seus méritos. (**3**) Duarte Pacheco, vencendo o rei de Calecut em auxílio do rei de Cochim, avassalara êste à coroa portuguesa. (**4**) «Emquanto, etc.»; emquanto o sol alumiar a terra.

---

26 «Mas eis outro, cantava, intitulado
Vem com nome real, e traz consigo
O filho que no mar será illustrado,
Tanto como qualquer Romano antigo:
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quíloa fértil áspero castigo,
Fazendo nella rei leal e humano,
Deitado fora o pérfido tirano.

«*Mas* — *cantava* a bela ninfa — *eis que vem outro* varão *tendo por título nome rial* (**1**); *traz consigo o filho* (**2**) *que será tam ilustrado* [*celebrado*] *no mar* [*em batalhas navais*] *como qualquer antigo* herói *romano; ambos, com braço forte* e *armado, darão a*

Quiloa (3) *fértil e áspero castigo, fazendo* [*estabelecendo*] *nela* um *rei lial e humano, deitando fora o* antigo rei que era *pérfido tirano* (4).

(1) «Intitulado», vice-rei; alude a D. Francisco de Almeida que, sendo governador da Índia, teve o título de vice-rei [1505-1509]. (2) D. Lourenço de Almeida [I, 5; V, 46]. (3) Na costa ocidental de África; I, 54, 99. (4) «Fazendo nela um rei, etc.»; D. Francisco de Almeida e seu filho fizeram saquear a cidade de Quiloa, destituíram o régulo que era um tirano, e nomearam outro que foi lial e obediente aos portugueses [estâncias seguintes].

---

27 «Também farão Mombaça, que se arrea
De casas semptuosas e edifícios
Co ferro e fogo seu, queimada e fea,
Em pago dos passados malefícios.
Despois na costa da Índia, andando chea
De lenhos inimigos, e artefícios
Contra os Lusos, com velas e com remos
O mancebo Lourenço fará estremos.

Êles ambos *também, com* o *seu ferro* [*as suas armas*] *e* o *seu fogo* [*a sua artilharia*] *farão* [*conseguirão*] que *Mombaça* (1), — *arreada* [*enfeitada*] *de sumptuosas casas e edifícios* — , *seja queimada e feia* [*destruída*] *em paga dos malefícios* anteriormente praticados. *Depois, — na costa da Índia, andando esta cheia de lenhos* [*navios*] *e artifícios inimigos contra os lusos* — , *o mancebo Lourenço* (2) *com velas e remos fará extremos* de bravura.

(1) Cidade na costa oriental de Africa [I, 54, 103]; D. Francisco de Almeida castigou o ultrage feito aos navegantes portugueses: um tiro de granada, caindo em um paiol de pólvora dos mouros, produziu enorme incêndio e

muitos estragos. (2) Lourenço de Almeida, em combate contra navios mouros, destruiu estes; v, 45.

---

28 «Das grandes naos da Samorim potente,
Que encherão todo o mar, co'a férrea pella
Que sai como trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, masto, vela;
Despois, lançando arpeos ousadamente
Na capitaina imiga, dentro nella
Saltando, a fará só com lança e espada
De quatro centos Mouros despejada.

«Lourenço de Almeida, — *com a férrea péla* (**1**), *que sai do cobre* (**2**) *ardente como* se fôsse *trovão* (**3**), *fará* em *pedaços, que encherão todo o mar,* o *leme,* o *mastro e* a *vela das grandes naus do potente* [*poderoso*] *Samorim* (**4**). *Depois, lançando ousadamente arpéus* (**5**) *na capitânia inimiga,* e *saltando dentro dela, só com* a *lança e espada, a fará despejada de quatrocentos mouros.*

(**1**) «Férrea péla», balas de artilharia. (**2**) «O cobre», a bombarda, a peça de artilharia, feita de cobre ligado com outros metais; I, 67; IX, 7. (**3**) Com estrondo igual ao dum trovão. (**4**) O rei de Calecut, querendo vingar-se dos prejuízos que lhe haviam causado Duarte Pacheco e os Almeidas, lançou ao mar 80 naus e 170 baixéis, guarnecidos por boa gente e artilharia; em frente de Cananor saiu-lhes ao encontro D. Lourenço, que com 800 homens repartidos em onze embarcações ficou vencedor. (**5**) Instrumentos semelhantes a fateixas ou arpões, para com êles uma embarcação se aproximar de outra de modo a poder abordá-la.

---

29 «Mas de Deus a escondida providência,
Que ella só sabe o bem de que se serve,
O porá onde esfôrço, nem prudência
Poderá haver, que a vida lhe reserve.
Em Chaúl, onde em sangue e resistência
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão que com vida se não saia,
As armadas de Egipto e de Cambaia.

«*Mas a escondida* (1) *providência de Deus,* — *que só ela sabe o bem de que se serve* —, *o porá* [*a Lourenço de Almeida*] *onde* nem *esfôrço nem prudência poderá haver, que lhe reserve* [*conserve*] *a vida. Em Chaúl* (2), — *onde todo o mar ferve em sangue e resistência* (3), *com ferro e fogo* —, *as armadas do Egipto e de Cambaia lhe farão* [*o obrigarão a*] *que* êle *não saia* de lá [*que lá encontre a morte*] (4).

(1) Oculta; tenha-se em lembrança a ficção de que é a ninfa quem está falando como quem está vendo os casos futuros. (2) Cidade na foz dum rio do mesmo nome, próximo do mar onde Lourenço de Almeida foi morto; cfr. estância seguinte. (3) «O mar ferve, etc.»; o mar está revôlto com o movimento das embarcações em combate. (4) «As armadas, etc.»; o Samorim, vencido por D. Lourenço, pediu socorro ao soldão do Egipto e ao rei de Cambaia; o primeiro mandou-lhe doze embarcações, tendo por capitão a Mirocêm; o segundo mandou-lhe quarenta, capitaneadas pelo mouro «Melique-Iaz» [Malaquías], que era então senhor dos territórios de Dio.

Note-se, no verso 7, «lhe farão» = o farão.

30 «Ali o poder de muitos inimigos,
Que o grande esfôrço só com fôrça rende,
Os ventos, que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o offende.
Aqui resurjam todos os antigos
A ver o nobre ardor que aqui se aprende:
Outro Sceva verão, que espedaçado
Não sabe ser rendido, nem domado.

«*Ali* (1), *o poder de muitos inimigos* (2), — *pois o grande esfôrço* [*intrepidez*] *só a fôrça* o *rende* (3) —, *os ventos que faltam, e os perigos do mar que sobejam* (4), *tudo* isso *o ofende* [*o prejudica, a Lourenço de Almeida*]. *Resurjam aqui* (5) *todos os antigos* (6), *para verem o nobre ardor que se aprende aqui* [*neste caso*]; *verão outro Sceva* (7), *que*, já *espedaçado, não soube* [*não quis*] *ser rendido* [*vencido*] *nem domado.*

(1) «Ali», no mar de Chaúl. (2) «O poder, etc.»; a grande fôrça numérica das armadas do Egipto e de Cambaia; [estância precedente]. (3) «O grande esfôrço, etc.»; os homens de grande coragem não sucumbem ante a fôrça bruta e superior; mas não podem evitar que sejam esmagados. (4) «Os ventos, etc.»; não havia vento, para com as velas manobrarem as embarcações; e havia perigos do mar em abundância: as ondas, artilharia dos inimigos, a abordagem, etc. (5) «Aqui»; neste caso, que a ninfa está referindo. (6) Os heróis antigos, e os escritores que fizeram menção das suas façanhas, veriam, etc.; «resurjam», voz imperativa da apóstrofe que a ninfa dirige aos varões da antiguidade. (7) Cécio Sceva, centurião de César, e que na guerra dêste com Pompeu, estando de guarda a um pôsto perigoso, e de confiança, resistiu nesse pôsto heroicamente, apesar de crivado de feridas, até que uma seta lhe entrou em uma das vistas; arrancou-a intrèpidamente, trazendo espetado nela em farrapos o globo vítreo, e ainda assim continuou a resistir até que foi socorrido pelo próprio César.

31 «Com toda ũa coxa fora que em pedaços
Lhe leva um cego tiro que passara,
Se serve inda dos animosos braços,
E do gram coração, que lhe ficara,
Até que outro pilouro quebra os laços
Com que co'a alma o corpo se liara:
Ella sôlta voou da prisão fora,
Onde súbito se acha vencedora.

«*Com ũa coxa toda fora* [*amputada*] (**1**), *que lhe é levada* (**2**) *em pedaços por um cego tiro* (**3**) *que passara,* Lourenço de Almeida *serve-se ainda dos animosos braços e do grande coração que lhe ficara, até que outro pelouro quebra os laços com que a alma se liara* [*ligara*] *ao corpo* (**4**); *ela, sôlta, voou da prisão para fora, onde* (**5**) *súbito* [*súbitamente*] *se acha vencedora.*

(**1**) O primeiro verso deverá recitar-se:

Com tô ‖ d'ũa cô ‖ xa fó ‖ ra qu'em ‖ pe dá ‖ ços
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

(**2**) Presente do indicativo: a ninfa está referindo o caso como se o estivesse presenceando. (**3**) «Cego tiro»: se a bala visse, não ia ferir um herói. (**4**) «Outro pelouro, etc.»; Lourenço de Almeida, estando ferido e já sem uma perna, mandou que o amarrassem ao mastro grande da sua nau, para dali continuar a dar as vozes de comando e animar a sua gente, até que veio outra bala, que lhe acabou a vida: soltou-se-lhe a alma que estava ligada ao corpo, considerado êste prisão dela. (**5**) «Onde» é advérbio de lugar correspondendo a locução de pronome relativo: «no qual lugar»; mas a referência não é ao substantivo «prisão» mas à palavra «fora»; a alma, estando fora da sua prisão, isto é, do corpo, achou-se vencedora — porque segundo a crença católica voou para a bemaventurança, por ter pelejado quanto pudera a favor da religião e da pátria.

32 «Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou, vingança já lhe ordena;
Que eu ouço retumbar a gram tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos e trabucos
A Cambaicos cruéis e a Mamelucos.

«*Vai-te, alma, em paz,* vai-te *da turbulenta guerra na qual tu mereceste a paz serena* (1), *pois, do corpo que em pedaços se apresenta, quem o gerou já lhe ordena* [*prepara*] *vingança* (2). *Que* [*pois*] *eu ouço retumbar a grande tormenta, que vem já dar a pena eterna* (3), *de* [*com*] *esperas* (4), *basiliscos* (5) *e trabucos* (6), aos *cruéis Cambaicos* (7) *e* aos *Mamelucos* (8).

(1) «Vai-te, etc.»; apóstrofe dirigida à alma de D. Lourenço, desejando-lhe o eterno repouso, vaticinando a glória pelos seus feitos, e a vingança tomada pelo pai nos inimigos; «mereceste, etc.»; tiveste a «paz serena» [a morte gloriosa]. (2) «Quem o gerou, etc.»; D. Francisco de Almeida «ordena-lhe» [prepara-lhe] a vingança; faz os preparativos militares para vingar a morte do filho. (3) «A pena eterna», a morte; a sirena está vendo no futuro os terríveis combates em que hão-de morrer os inimigos dos portugueses. (4) «Esperas» [ou espheras], peças de artilharia, que tinham gravada uma esfera? ou «esperas» com a significação de ciladas? (5) Nome dum reptil venenoso, e que se dava a antigas peças de artilharia, que produziam grande dano. (6) Antiga máquina de guerra com que se atiravam pedras. (7) Os naturais de Cambaia; VII, 21. (8) Soldados muçulmanos de tropa egípcia.

33 «Eis vem o pai com ânimo estupendo,
Trazendo fúria e mágoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, água nos olhos.
A nobre ira lhe vinha prometendo
Que o sangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas naos: sentí-lo-há o Nilo,
Podê-lo-há o Indo ver, e o Gange ouvi-lo.

«*Eis* que *vem o pai, com estupendo ânimo* (1), *trazendo por antolhos fúria e mágoa* (2), *com que o amor paterno lhe está movendo fogo no coração* (3), e *água nos olhos. A nobre ira vem-lhe prometendo, que fará dar o sangue pelos joelhos* (4) *nas naus inimigas: senti-lo há o Nilo, podê-lo há ver o Indo, e* poderá *ouvi-lo o Ganges* (5).

(1) «Estupendo ânimo», alma assombrada. (2) «Antolhos», literalmente peças de pano ou doutra substância com que se tapam os olhos; Lourenço de Almeida trazia os olhos vendados pela dor e pela cólera. (3) «Movendo, etc.»; abrasando-lhe o coração. (4) «O sangue pelos joelhos»; admirável hipérbole. (5) «Senti-lo há, etc.»; fig., os habitantes das margens do Nilo, do Indo e do Ganges hão-de ficar sabendo quanto valem os portugueses: a referência ao Nilo é alusão às tropas egípcias vencidas por D. Francisco de Almeida; a batalha deu-se no mar de Dio e de Cambaia por onde passa o Indo; a gente do Ganges vem a saber tudo pelo que lhe contaram os seus patrícios industânicos.

34 «Qual o touro cioso, que se ensaia
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco d'um carvalho ou alta faia,
E o ar ferindo, as fôrças esprimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul, a espada afia,
Abaxando-lhe a túmida ousadia.

«*Qual* [*assim como o*] (**1**) *touro cioso* (**2**), *que se ensaia para a crua peleja, tenta* [*experimenta*] *os galhos no tronco dum carvalho, ou* duma *alta faia,* e *experimenta as fôrças ferindo* (**3**) *o ar; tal* [*do mesmo modo*] *Francisco* de Almeida, *irado, antes de entrar no seio* [*gôlfo*] *de Cambaia* (**4**), *afia a espada na cidade de Dabul* (**5**), *abaixando-lhe a túmida* (**6**) *ousadia.*

(**1**) «Qual... tal»; cfr. I, 35; III, 40; etc. (**2**) «Touro cioso»: compara o Poeta a ira de D. Francisco de Almeida com a do touro embravecido, que, não tendo outro na frente, acomete o tronco duma árvore. (**3**) Fendendo, cortando o ar; acometendo em vão. (**4**) «Seio de Cambaia»; gôlfo de Cambaia [VII, 21] no Guzerate; à entrada dêsse gôlfo está a fortaleza de Dio. (**5**) Cidade na costa, ao sul de Dio e ao norte de Goa; D. Francisco de Almeida, dirigindo-se para o gôlfo de Cambaia no intento de castigar o gentio que lhe matara o filho, passou por Dabul, que estava guarnecida por seis mil homens de guerra, e, invadindo-a, reduziu-a a cinzas. (**6**) Inchada, balofa.

35 «E logo entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos e batalhas,
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecú, que remos tem por malhas;
Á de Melique Yaz, acautelada,
Cos pelouros, que tu, Vulcano, espalhas,
Fará ir ver o frio e fundo assento,
Secreto leito do húmido elemento.

«*E logo* (1), *entrando fero* [*arrogante*] *na enseada de Dio* (2), cidade *ilustre em cercos e batalhas*, D. Francisco de Almeida *fará espalhar* [*destroçar*] *a fraca e grande* (3) *armada de Calecut, que tem remos por* [*servindo de*] *malhas* (4); e, — *com os pelouros que tu, Vulcano, espalhas* (5) —, *fará a* armada (6) *de Melique-Iaz* (7) *acautelada* [*medrosa*] *ir ver o frio e fundo assento*, que é o *secreto* [*escondido*] *leito* (8) *do húmido elemento.*

(1) Em seguida ao destrôço de Dabul. (2) «Enseada de Dio», o gôlfo de Cambaia [estância precedente]; II, 50. (3) «Fraca», pela falta de coragem dos tripulantes; «grande», pelo número dêles e das embarcações dos índios do Samorim. (4) «Malhas», objecto de vestuário de defesa dos guerreiros para resistir ao embate das espadas ou das lanças; a defesa das embarcações do Samorim consistia nos remos para fugirem. (5) «Tu, Vulcano, etc.»; apóstrofe tendo a palavra «Vulcano» a significação [fig.] de fogo da artilharia. (6) «Fará, etc.»; obrigará — as embarcações do Samorim — a irem para o fundo do mar. (7) Cfr. X, 29, nota 4. (8) «Leito», álveo do rio, significando, figuradamente, fundo do mar.

O último verso é repetição, por outras palavras, da idea expressa no verso precedente.

36 «Mas a de Mir-Hocem, que abalroando
A fúria esperará dos vingadores,
Verá braços e pernas ir nadando
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores.
Raios de fogo irão representando
No cego ardor os bravos domadores:
Quanto ali sentirão olhos e ouvidos
É fumo, ferro, flamas e alaridos.

«*Mas a* armada [*os navios*] *de Mir Hocêm* (**1**), *que esperará a fúria dos* barcos *vingadores abalroando* com êles, *verá braços e pernas irem nadando* (**2**) *pelo mar sem* os *corpos de seus senhores* [*dos seus donos*] (**3**). Os *raios de fogo* [*os tiros da fusilaria e artilharia*], *no* seu *cego ardor, irão representando os bravos domadores* [*vencedores*]: tudo *quanto ali sentirem olhos e ouvidos será fumo, ferro, flamas* [*chamas*] *e alaridos* (**4**).

(**1**) Nome do soldão do Egipto; eram doze as suas embarcações neste combate; x, 29. (**2**) «Nadando», fig., flutuando, boiando [os corpos dos tripulantes dos navios egípcios]. (**3**) Cfr. III, 52: «os braços e pernas sem dono». (**4**) «Raios de fogo, etc.»; compara-se aqui a energia, vivacidade e cego furor dos portugueses com a cega fúria das balas que êles despedem, e dos golpes com que ferem os inimigos.

Os dois últimos versos são completa onomatopeia do estridor e da confusão do combate naval.

37 «Mas ah, que desta próspera vitória,
Com que despois virá ao pátrio Tejo,
Quási lhe roubará a famosa glória
Um successo, que triste e negro vejo!
O Cabo Tormentório, que a memória
Cos ossos guardará, não terá pejo
De tirar d'êste mundo aquelle esprito
Que não tiraram toda a Índia e Egito.

«*Mas ai! que vejo um sucesso triste e negro, que lhe roubará, quási, a famosa glória, com que* D. Francisco de Almeida *virá depois ao* [*caminho do*] *pátrio Tejo* (1). *O cabo Tormentório, que há-de guardar a memória e os ossos* dêsse varão, *não terá pejo de tirar dêste mundo aquele espírito, que toda a Índia e o Egipto* não puderam *tirar* (2).

(1) «Virá depois, etc.»; Almeida foi morto pelos cafres no Cabo das Tormentas; ocorre aqui a profecia do Adamastor [v, 50], que havia de vingar-se de ter sido descoberto pelos portugueses; a exclamação da ninfa, quando diz que tal sucesso quási roubará a glória do herói, significa a perda das honras que receberia se vivo chegasse a Portugal. (2) Os últimos quatro versos constituem uma prosopopeia: aqueles cafres vis — habitantes do Cabo Tormentório — cometeram a ignomínia de tirar a vida ao herói que tinha sido vencedor dos exércitos reünidos da Índia e do Egipto.

---

38 «Ali Cafres selvagens poderão
O que destros imigos não poderam;
E rudos paos tostados sós farão
O que arcos e pelouros não fizeram.
Occultos os juizos de Deus são!
As gentes vãs, que não-n'os entenderam,
Chamam-lhe fado mao, fortuna escura,
Sendo só providência de Deus pura.

*

«*Ali, poderão cafres selvagens o que destros inimigos não puderem; e rudos* (1) *paus tostados* (2), *sómente* [*mais nada*] (3) *farão o que arcos e pelouros não fizerem* (4). *Ocultos são os juízos de Deus* (5) *às gentes vãs que os não entendem*. Essas gentes *chamam-lhes fado mau, fortuna escura* (6), *sendo só a pura providência de Deus* (7).

(1) Toscos. (2) «Paus tostados», azagaias, varas de pau aguçadas e endurecidas ao fogo. (3) «Sós», o adjectivo com função de advérbio. (4) «Arcos e pelouros»: as setas despedidas pelos arcos dos gentios da Índia, as balas das tropas egipcias [gente valorosa e instruida] não feriram Almeida, e vem êste a morrer às mãos de gente brava e sem armas de guerra. (5) Cfr. «juizos incógnitos de Deus» [v, 45]. (6) «Fado mau, etc.»; mau destino, infelicidade; cfr. i, 24, 28; viii, 68; etc., «fado». (7) Cfr. nota 5: a concepção cristã, como interpretação da mitologia.

---

39 «Mas ó que luz tamanha, que abrir sinto,
(Dizia a ninfa, e a voz alevantava)
Lá no mar de Melinde em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja e Brava,
Pelo Cunha também, que nunca extinto
Será seu nome em todo o mar que lava
As ilhas do Austro, e praias que se chamam
De Sam-Lourenço, e em todo o sul se afamam!

«*Mas, — dizia a ninfa, levantando a voz —, oh! que luz tamanha que sinto* [*que vejo*] (1) *abrir* [*aparecer*] (2) *lá no mar de Melinde* (3), *tinto no sangue das cidades de Lamo, Oja e Brava* (4), tinto por Afonso de Albuquerque (5) e *também por* Tristão da *Cunha* (6), *cujo nome nunca será extinto em todo o mar que lava as ilhas do Austro* (7), *nem nas*

praias que se chamam de S. Lourenço (8), *e que em todo o sul são afamadas.*

(1) «Sentir», é empregado pelo Poeta freqüentemente com a significação de «ver», «conhecer», «saber». (2) «Abrir» [intransitivo] = «abrir-se» [reflexo]; por isso = «aparecer». (3) Na costa oriental de África; II, 57, 58, 70; etc. (4) Três povoações a poucas léguas de distância de Melinde. (5) Subentende-se aqui êste nome por causa da palavra «também» no verso 5, e do desenvolvimento da narrativa na estância imediata, pois Tristão da Cunha comandava uma armada, de que faziam parte alguns navios comandados por Afonso de Albuquerque. (6) Tristão da Cunha [1506] descobriu as ilhas, que ainda conservam o seu nome, e que são hoje inglesas, no Oceano Atlântico a sudoeste do Cabo da Boa Esperança. (7) Sul [as ilhas a que se refere a nota precedente]. (8) A grande ilha de Madagáscar, no Oceano Índico, separada da costa de África pelo canal de Moçambique; hoje importantíssima colónia francesa. Tristão da Cunha, depois de descobrir as ilhas [nota 6], foi a Madagáscar e dali seguindo para o norte foi a Melinde, e arrasou as povoações de Lamo, Oja e Brava.

Note-se, nos versos 5-6, «que... seu nome»: construção empregada pelos cronistas; equivale hoje a «cujo nome». [*Fontes dos Lusíadas*, 380, 494, 578].

---

40 «Esta luz é do fogo e das luzentes
Armas, com que Albuquerque irá amansando
De Ormuz os Párseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso e brando.
Ali verão as setas estridentes
Reciprocar-se, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou; que Deus peleja
Por quem estende a fé da madre igreja.

«*Esta luz é de fogo e das luzentes armas, com que Albuquerque irá amansando* também *os párseos de Ormuz* (1), *valentes, por seu mal* (2), *que refusam* [*repelem*] *o honroso e brando jugo* dos portugueses.

Ali verão as setas estridentes reciprocar-se (**3**), *virando, no ar, a ponta; pois Deus peleja por [a favor de] quem estende [propaga] a fé [a doutrina] da Madre Igreja.*

(**1**) Ormuz [II, 49] é uma ilha à entrada do gôlfo Pérsico; em 1507 formava um reino, com cinco cidades — Calaiate, Curiate, Mascate, Soar e Orfação —; o rei de Ormuz tinha 30:000 homens de armas, e no pôrto 400 embarcações, 60 das quais eram grandes naus bem abastecidas; tudo isso ficou reduzido a cinzas por Afonso de Albuquerque, levando só sete naus com 460 portugueses; aquele rei pediu misericórdia, fez-se tributário de Portugal obrigando-se a pagar anualmente 15:000 xerafins; mas em seguida, desavindo-se de novo, chamou em seu socorro o rei de Lara, que lhe mandou dois sobrinhos para o auxiliarem, mas ambos êles foram mortos por Afonso de Albuquerque; «pársecs», literalmente, sectários da religião denominada «mazdeismo», seguida pelos medas e persas; aqui, fig., os persas, que eram senhores do reino de Ormuz. (**2**) «Por seu mal», porque, se não fôssem valentes, se logo se sujeitassem ao domínio português, não teriam padecido os horrores da guerra de extermínio. (**3**) «Reciprocar-se», inverter-se; reviravam-se; os persas viam que, atirando setas, também recebiam tiros de setas; mas, não usando os portugueses de arma semelhante, a conclusão que êles, de facto, deviam tirar, é que as setas expedidas se viravam no ar, e vinham ferir os próprios que as atiravam; «estridente», produzindo zumbido agudo ao agitarem o ar.

---

41 «Ali do sal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pola praia e mar se estendem
De Gerum, de Mazcate e Calaiate:
Até que á fôrça só de braço aprendem
A abaxar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigação de dar o reino inico
Das perlas de Barem tributo rico.

«*Ali os montes do sal não defendem da corrupção os corpos* (1) *que, mortos no combate, se estendem pela praia e* pelo *mar de Gerum* (2), *de Mascate e Calaiate, até que, só à fôrça de braço* (3), *aprendam* os de Ormuz *a abaixar a cerviz* (4), *onde se lhes ate* (5) a *obrigação de o iníquo reino dar,* a Portugal, *tributo rico das pérolas de Barém* (6).

(1) «Montes de sal, etc.»; era tam grande o número de cadáveres de que estavam cheias as praias de Ormuz, que montanhas de sal não seriam bastantes para evitar a corrução dêles. (2) «Gerum», antigo nome de Ormuz; cfr. x, 40, nota 1. (3) «Fôrça de braço», fig., a opressão das armas portuguesas, as derrotas sofridas. (4) O pescoço, o lugar em que os romanos punham o jugo aos prisioneiros de guerra — jugo, cuja opressão os impeliria a pagar o tributo devido. (5) «Atar» [no jugo] a obrigação; assim com o jugo é atado ao pescoço do animal, para que êste fique reduzido a obediência para o trabalho, assim a opressão sôbre os vencidos os compele a pagarem o tributo de guerra. (6) Pequenas ilhas no gôlfo Pérsico, e no qual se pescavam as mais ricas pérolas.

---

42 «Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que Victória a fronte lhe coroa,
Quando, sem sombra vã de mêdo ou pejo,
Toma a ilha illustríssima de Goa!
Despois, obedecendo ao duro ensejo
A deixa, e occasião espera boa,
Com que a torne a tomar; que esfôrço e arte
Vencerão a fortuna, e o próprio Marte.

«*Que gloriosas palmas vejo tecer, com que* a *Vitória* (1) *lhe coroa a fronte, quando* Albuquerque, *sem sombra vã de mêdo ou pejo* (2), *tomar a ilustríssima* (3) *ilha de Goa! Depois, — obedecendo ao duro ensejo* (4) —, *deixa-a, e espera ocasião boa, com que*

a torne a tomar; pois o *esfôrço e* a *arte* (**5**) *vencerão a fortuna e o próprio Marte* (**6**).

(**1**) Deusa que, entre os pagãos, tinha por função coroar os heróis; em pintura ou escultura, representa uma mulher voando, e tendo em uma das mãos coroas de louro e oliveira, e na outra palmas que ofereciam aos vencedores. (**2**) Fig., hesitação. (**3**) Muito ilustre, célebre. (**4**) «Duro ensejo, etc.»; difícil conjuntura; Afonso de Albuquerque, depois de conquistar Goa [1509], viu que lhe era difícil sustentar a conquista, por isso abandona-a, tornando a conquistá-la mais tarde [1510]. (**5**) «Esfôrço e arte» [VIII, 89]; que na guerra não basta coragem; esta é precisa, mas também é preciso o ardil, a estratégia. (**6**) Fig., talento e sciência militar.

---

43 «Eis já sôbr' ella torna, e vai rompendo,
Por muros, fogo, lanças e pilouros,
Abrindo com a espada o espesso e horrendo
Esquadrão de gentios e de Mouros.
Irão soldados ínclitos fazendo
Mais que liões famélicos e touros,
Na luz, que sempre celebrada e dina
Será da egípcia sancta Caterina.

«*Eis* que Albuquerque *torna já sôbre ela* (**1**), *e vai rompendo por muros, fogo, lanças e pelouros* (**2**), *abrindo com a espada o espesso e horrendo esquadrão de gentios e de mouros. Ínclitos soldados irão fazendo mais* do *que touros e famélicos leões na luz* (**3**), *que será sempre celebrada e digna de Santa Catarina egípcia* (**4**).

(**1**) Sôbre Goa; voltou poucos meses depois de a ter abandonado. (**2**) «Rompendo, etc.»; fig., invadindo com violência, abrindo caminho através de muralhas, etc. (**3**) Fig., dia. (**4**) Na estância precedente conta-se que Albuquerque conquistara Goa; mas não se particularizam os

episódios dessa conquista, que fôra fácil, mas pouco segura; agora conta que os egrégios e ilustres soldados portugueses se portaram com o arrôjo e a valentia de touros e leões, rompendo as espessas fileiras inimigas, reconquistando Goa, definitivamente, no dia 25 de Novembro em que a Igreja celebra Santa Catarina; «egípcia», por ser nascida em Alexandria; foi digno dessa vitória o dia em que é celebrado o nome da Santa Mártir; o martírio dela foi passar pelo meio de formidáveis rodas guarnecidas de navalhas [ano 307], ficando espiritualmente vitoriosa do tirano egípcio; pintam-na triunfante empunhando uma espada, e tendo o tirano aos pés.

---

44 «Nem tu menos fugir poderás d'êste,
Pôsto que rica, e pôsto que assentada
Lá no grémio da Aurora, onde naceste,
Opulenta Malaca nomeada!
As setas venenosas que fizeste,
Os crises com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jaos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.»

«*Tu, opulenta* e *nomeada* [*célebre*] *Malaca* (**1**), — *pôsto que* sejas *rica, e* estejas *assentada lá no grémio da Aurora* (**2**), *onde nasceste* —, *também não* [*não menos*] *poderás fugir dêste* Afonso de Albuquerque! *farás* [*obrigarás a serem*] *obedientes, ao Lusitano, todos* os teus defensores — *os namorados malaios* (**3**), *e os valentes jaus* (**4**) — que *armares com as* tuas *setas venenosas, e as* tuas *crises* (**5**)».

(**1**) Nome duma península da Indo-China, situada ao sul do continente asiático, entre o mar da China e o Mar das Índias; é também o nome da cidade principal dessa península. (**2**) «Grémio da Aurora», o seio, o regaço da Aurora, o centro comercial do extremo Oriente. (**3**) Habitantes do arquipélago malaio ou índico que compreende as ilhas de Sonda, Molucas, Filipinas, etc. —; o epíteto de

«namorados», por não temerem morrer em defesa das damas. (4) Habitantes da ilha de Java. (5) Espadas largas de dois gumes, espécie de adagas.

Note-se a elegância da apóstrofe — dirigida pela ninfa à cidade de Malaca; os próprios habitantes, apesar da sua fôrça e opulência, não só hão-de fugir do conquistador português, mas até hão-de obrigar as suas tropas, fortemente armadas, a submeterem-se.

---

45 Mais estanças cantara esta Sirena
Em louvor do illustríssimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe ũa ira que o condena,
Pôsto que a fama sua o mundo cerque.
O grande capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos glória eterna merque,
Mais há de ser um brando companheiro
Pera os seus que juiz cruel e inteiro.

Mais estâncias (1) *cantaria esta sirena* (2) *em louvor do ilustríssimo Albuquerque, mas lembrou-lhe uma ira* (3) *que o condena, pôsto que a sua fama* gloriosa *cerque o mundo. O grande capitão, a quem o fado ordena que merque* [*compre, adquira*] (4) *glória eterna com* [*por meio de*] *trabalhos, há-de* [*deve*] *ser para os seus* subordinados *mais um brando companheiro* do *que um juiz cruel e inteiro* [*rígido, rigoroso*].

(1) «Estanças» [obsoleto], versos. (2) A bela ninfa; cfr. est. 5. (3) «Uma ira», uma acção praticada na cegueira de cólera; foi o acto de Afonso de Albuquerque mandar enforcar um soldado, por ter êste violado uma escrava do grande capitão; a sereia deixa de contar outros actos louváveis do herói, por lhe ocorrer à lembrança o acto de crueldade condenável. Nas quatro estâncias que se seguem, em palavras do Poeta, continuam reflexões sôbre o caso, e citam-se factos históricos, que revelam grande

generosidade dos ofendidos em casos semelhantes. (4) «O fado, etc.»; a providência decretava que êle comprasse e adquirisse glória à custa de «trabalhos» [empreendimentos difíceis e gloriosos].

---

46 Mas em tempo que fomes e asperezas,
Doenças, frechas e trovões ardentes,
A sazão e o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes,
Parece de selváticas brutezas,
De peitos inhumanos e insolentes,
Dar extremo suplício pela culpa,
Que a fraca humanidade e Amor desculpa.

Mas, — no tempo em que (1) as *fomes e asperezas* (2), as *doenças, frechas e ardentes trovões* (3), *a sazão* (4) *e o lugar, fazem cruezas nos soldados* (5) *a tudo obedientes* —, *parece* próprio *de selváticas brutezas, de peitos* (6) *inumanos e insolentes* (7), *dar-se extremo suplício pela culpa que a fraca humanidade e* o *amor desculpam* (8).

(1) «Em tempo que», quando. (2) Faltas de confôrto, as intempéries. (3) «Frechas, etc.»; os tiros de frecha e os de artilharia. (4) A ocasião. (5) «Fazem cruezas, etc.»; produzem sofrimentos. (6) Coração. (7) Insólitos, arrogantes; cfr. II, 52, onde o vocábulo «insolente» não tem sentido depreciativo, como tem aqui. (8) «Extremo suplício, etc.»; exprime o Poeta o pensamento de que o crime cometido pelo soldado, tendo desculpas na fragilidade humana, não devia ser punido com a pena última — e tinha atenuantes também no bom comportamento militar em combates contra os inimigos.

---

47 Não será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adultério deshonesto,
Mas c'ũa escrava vil, lasciva e escura.
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
Cos seus ũa ira insano não refrea,
Põe na fama alva, noda negra e fea.

A culpa do supliciado (1) *não será abominoso* (2) *incesto, nem estupro violento em virgem pura, e também não* (3) será (4) *adultério desonesto; será* amor *com uma vil, lasciva e escura escrava. O peito* (5), *que*, por ser (6) *cioso* (7), *ou modesto* (8), *ou usado a fera e dura crueza* (9), *não refreia* [*reprime*] *uma ira insana* (10) *com os seus* companheiros de armas, *põe negra e feia nódoa na alva fama* (11).

(1) Referência ao caso exposto na nota 8 da est. 45. (2) Abominável, horrendo. (3) «Nem menos» = menos ainda = também não. (4) Tenha-se em lembrança que a ninfa está vaticinando acontecimentos futuros. (5) O coração, fig., o homem, cujo coração, cujo carácter, é o de ser cioso, etc. (6) Nos versos 5 e 6 a preposição «de» indicando causa = «por ser». (7) Ciumento. (8) Casto, pudico. (9) «Fera, etc.»; ferina e implacável crueldade. (10) Louca. (11) «Alva fama», fig., brilhante celebridade [a de Afonso de Albuquerque].

---

48 Viu Alexandre Apeles namorado
Da sua Campaspe, e deu-lh'a alegremente,
Não sendo seu soldado esprimentado,
Nem vendo-se n'um cêrco duro e urgente.
Sentiu Ciro, que andava já abrasado
Araspas de Pantea em fogo ardente,
Que elle tomara em guarda, e prometia,
Que nenhum mao desejo o venceria;

Alexandre viu que *Apeles* ficara *namorado da sua Campaspe* (1), *e deu-lha alegremente, não sendo* Apeles *seu soldado experimentado, nem vendo-se* Alexandre *em um cêrco duro e urgente* (2). *Ciro sentiu* [*soube*], *que Araspas andava já abrasado de ardente fogo* amoroso *por Pantea* (3), *que êle* Ciro *tomara em guarda, prometendo que nenhum mau desejo o venceria.*

(1) «Alexandre, etc.»; alusão ao facto de Alexandre Magno ter cedido a sua concubina Campaspe a Apeles, — o mais ilustre dos pintores gregos [século IV A. C.] —, quando o viu a tirar-lhe o retrato por estar enamorado dela; conclui a ninfa que Alexandre foi generoso para quem o ofendera, não sendo o ofensor seu companheiro nos combates — como o fôra o soldado de Albuquerque. (2) «Cêrco, etc.»; assédio militar; alude-se ao cêrco de Goa e ao cêrco de Dio, em que o soldado cruelmente punido era auxiliar do grande capitão — cêrco «duro» [rigoroso] e «urgente» [apertado]. (3) «Ciro», fundador do império persa [século IV A. C.] venceu Crésus, rei da Lídia, e tomou Babilónia, onde ficou prisioneira Pantea [mulher de Abradata, rei dos assírios]; mas Ciro não quis vê-la, para não ficar cativo da sua formosura. Araspas, general persa, motejou Ciro por êsse acto, insinuando que êle seria bastante forte para resistir aos encantos da formosa prisioneira. Na estância seguinte vê-se que Ciro, para desenganar-se de tal jactância, entregou-lhe Pantea, para guardá-la; mas Araspas, apenas a teve sob sua custódia, viu-se vencido pelo amor da rainha cativa, e houve necessidade de que alguêm o guardasse dela. Perdoou-lhe Ciro essa culpa, e deu-lhe por castigo a nomeação para um cargo rendoso e de risco.

49 Mas vendo o illustre Persa, que vencido
Fôra de Amor, que em fim não tem defensa,
Levemente o perdoa, e foi servido
D'elle num caso grande em recompensa.
Por fôrça, de Judita foi marido
O férreo Baldovino; mas dispensa
Carlos, pai d'ella, pôsto em cousas grandes,
Que viva, e povoador seja de Frandes.

Mas Ciro, *o ilustre persa, vendo que* Araspas *fôra vencido de amor, e que êste emfim não tem defesa* (1), *perdoou-lhe* (2) *levemente* [*fàcilmente*], *e, em recompensa* do perdão, *foi servido por êle em um grande caso* (3). *O férreo Baldovino foi marido de Judite à fôrça, mas Carlos, pai dela, dispensou* [*consentiu*] *que* Baldovino *vivesse em cousas grandes e fôsse povoador de Flandres.*

(1) «Defensa», que contra o amor não há resistência possível. (2) Em conjuntura difícil de guerra, Ciro perdoou ao general, continuou a mantê-lo em confiança e serviu-se do seu préstimo militar, que foi eficaz. (3) Carlos II [o Calvo], rei de França, tinha uma filha chamada Judite, que, sendo já viúva do rei Duarte de Inglaterra, foi raptada por Balduíno [consentindo ela] e com êle casou; o pai, apesar de desgostoso com êsse rapto e casamento, perdoou aos cônjuges, e deu ao genro o título de conde [cousas grandes], dando-lhe em dote as terras de Flandres, que então eram pobres e despovoadas; foi êsse Balduíno, por autonomásia o «Braço de Ferro», o fundador da cidade de Bruges, — o que explica a afirmação de ter sido povoador daquele condado. Com êste último exemplo histórico de perdão por delitos de amor, em contraposição ao rigor usado por Albuquerque, no caso do soldado e da escrava, concluem-se aqui as referências ao grande capitão português.

50 Mas proseguindo a nimpha o longo canto,
De Soárez cantava, que as bandeiras
Faria tremolar e pôr espanto
Pelas roxas arábicas ribeiras.
«Midina abominábil teme tanto
Quanto Meca e Gidá, co'as derradeiras
Praias de Abássia; Barborá se teme
Do mal, de que o empório Zeila geme.

Mas, prosseguindo o longo canto, a ninfa cantava, a respeito *de* Lopo *Soares* (**1**), *que* êste *faria tremular as bandeiras* portuguesas *pelas roxas ribeiras* [*margens*] *arábicas, pondo-as em espanto.*

«*A abominável Medina* (**2**) *teme* Lopo Soares *tanto, quanto* o temem *Meca e Gidá, com as* [*e bem assim as*] *derradeiras praias de Abássia; Barborá teme-se do mal de que geme o empório Zeila* (**3**).

(1) Lopo Soares de Albergaria partiu para a Índia, na qualidade de governador em 1515; e em 1517 saiu com uma armada de 36 navios guarnecidos por 3:000 portugueses, com que produziu terror, na Arábia e na Abissínia, pelas cidades e portos do Mar Vermelho [Rôxo, se lhe chamava dontes]. (**2**) «Medina», — aqui chamada abominável, por lá estar o túmulo de Mafoma —, é pôrto de mar, e a cidade santa dos muçulmanos, e muito importante na Arábia; tem 48:000 habitantes. (**3**) «Meca» é outra cidade santa da Arábia, ainda mais importante [no centro de Hedjaz] por ser a pátria de Maomete, e pela afluência de peregrinos; VII, 34; IX, 2; «Jeddah», cidade e pôrto de mar onde desembarcam os peregrinos que vão a Meca; «Abássia», Abissínia, região africana distante da costa ocidental do Mar Vermelho e muito montanhosa, fazia parte do império etiópico; «Barborá» [Berbera], cidade e pôrto da África oriental na costa sul do gôlfo de Áden, capital do estado Berbere; «Zeilah», cidade da África Oriental na Somalia [costa do gôlfo de Áden], era, no tempo da conquista, uma feira [empório] importante. — Os povos Berberes receiam

que lhes seja infligido por Soares o castigo que padecera a cidade de Zeila.

---

51 « A nobre ilha também de Taprobana,
Já pelo nome antigo tam famosa,
Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiça cálida, cheirosa:
D'ella dará tributo á lusitana
Bandeira, quando excelsa e gloriosa,
Vencendo, se erguerá na tôrre erguida
Em Columbo, dos próprios tam temida.

« *A nobre ilha da Taprobana* (1), — *tam famosa já pelo* seu *antigo nome, quanto é, agora, soberba e soberana* [*altiva*] *pela* [*por possuir a*] *cálida e cheirosa cortiça* (2) — , *dará tributo dela* (3) *á bandeira lusitana, quando esta, vencendo excelsa e gloriosamente, se erguer na erguida* (4) *tôrre de Columbo* (5), *tam temida pelos próprios* habitantes.

(1) Ceilão, era já o nome moderno no tempo da conquista; cfr. I, 1 e nota. (2) «Cheirosa casca»; a canela; casca do *Cinnamomum Zeilanicum*, Breyne, árvore da familia das Lauráceas, indigena da ilha de Ceilão; II, 4; IX, 14. (3) Tributo pago em canela. (4) Alta. (5) Pôrto principal de Ceilão, no qual Lopo Soares construiu uma fortaleza, que serviu para defesa maritima, e para submeter os habitantes, cobrando-lhes o tributo exigido.

---

52 «Também Sequeira, as ondas Eritreas
Dividindo, abrirá novo caminho
Pera ti, grande império, que te arreas
De seres de Candace e Sabá ninho.
Maçuá, com cisternas de água cheas.
Verá, e o pôrto Árquico ali vizinho;
E fará descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

«*Sequeira* (1), *dividindo as ondas* (2) *Eritreas, também abrirá novo caminho para* chegar *a ti*, ó *grande império* (3) *que te arreias* (4) *de seres ninho* (5) *de Candace* (6) *e Sabá* (7). Sequeira *verá Maçuá* (8) *com cisternas cheias de água, e o pôrto Árquico* (9) *ali vizinho, e fará descobrir no* Mar Vermelho *ilhas remotas que darão ao mundo novas maravilhas* (10).

(1) Diogo Lopes de Sequeira; em 1508 partiu para a Índia, onde serviu, como capitão duma armada; depois [1518] lá voltou como governador, e como tal percorreu o Mar Vermelho; cfr. IV, 63, 81. (2) «Dividindo as ondas, etc.»; sulcando, navegando pelo Mar Eritreu [nome dado pelos antigos ao Mar das Índias e ao Mar Vermelho]. (3) «Ó grande, etc.»; apóstrofe dirigida [em perífrase] ao império do Preste João, o Negus da Abissínia. (4) Enfeitas, vanglorias. (5) Lugar de nascimento, pátria. (6) Rainha célebre da Etiópia. (7) Nome duma rainha da Arábia antiga, — rainha notável pelo seu fausto e por ter ido visitar Salomão atraída pela fama da sua sabedoria. (8) Ilha do Mar Vermelho na costa africana, e onde não há outra água senão a das chuvas, que são raras e se guardam em cisternas. (9) Pôrto da Abissínia. (10) Cfr. V, 8.

---

53 « Virá despois Meneses, cujo ferro
Mais na África, que cá terá provado:
Castigará de Ormuz soberba o êrro
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Também tu, Gama, em pago do destêrro
Em que estás, e serás inda tornado,
Cos títulos de Conde, e honras nobres
Virás mandar a terra que descobres.

« *Depois virá Meneses* (1), *cujo ferro* [*cujas armas*] *terá provado* [*experimentará*] *na África, mais* do *que cá.* Meneses *castigará o êrro da soberba Ormuz* (2) *com lhe fazer* [*obrigando-a a*] *dar tributo dobrado. Tu Gama, — em paga do destêrro em que estás, e* em que *serás tornado* [*e ao qual voltarás*] (3) —, *também virás, com os títulos de conde e honras nobres, mandar* [*governar*] *a terra que descobres* (4).

(1) Em 1521 foi D. Duarte de Meneses, Conde de Tarouca, governar a Índia, onde não deixou tam assinalada fama por feitos heróicos, como sucedeu depois, quando, sendo capitão de Tânger, alcançou brilhantíssimas vitórias contra os mouros. (2) «O êrro de Ormuz», na acepção de «culpa» [IV, 14; IX, 25, etc.]; a rebeldia desta cidade, — que tinha sido tomada pelo grande Albuquerque —, foi castigada por Duarte de Meneses, que lhe exigiu o tributo de 35:000 xerafins — tributo muito maior do que o anterior. (3) «Em paga, etc.»; em recompensa desta viagem de descoberta [desterrado da pátria] e da nova viagem que ainda faria, a ninfa, dirigindo-se em apóstrofe a Vasco da Gama, vaticinando-lhe os casos futuros, alude à expedição de 20 navios que comandou, e com que avassalou Quíloa [1502]. (4) «Também virás, etc.»; que Vasco da Gama — com o título de Conde da Vidigueira, almirante do mar da Índia e vice-rei — viria governar a Índia.

54 «Mas aquella fatal necessidade,
De quem ninguém se exime dos humanos,
Illustrado co'a régia dignidade,
Te tirará do mundo e seus enganos.
Outro Meneses logo, cuja idade
E maior na prudência que nos anos,
Governará; e fará o ditoso Henrique
Que perpétua memória d'elle fique.

«*Mas aquela fatal necessidade de que nenhum dos* entes *humanos se exime* (**1**), *te tirará* [*há-de tirar-te*] *do mundo e* dos *seus enganos* (**2**), estando tu *ilustrado* [*ennobrecido*] *com a dignidade régia* (**3**). *Governará logo* a Índia *outro Meneses* (**4**), *cuja idade será maior na prudência* do *que nos anos* (**5**); *e o ditoso Henrique* de Meneses *fará que* [*procederá por maneira que*] *fique memória perpétua* (**6**) *dêle.*

(**1**) «Mas, etc.»; perífrase na «morte»; que nenhum ente humano pode escapar dessa irrevogável fatalidade. (**2**) «Enganos», as ilusões do mundo, as lisonjas de que se encontra cercado quem está em lugar eminente. (**3**) A dignidade de vice-rei [durante poucos dias exercida por Vasco da Gama]. (**4**) D. Henrique de Meneses, terceiro vice-rei e sexto governador da Índia, [«outro», para distinguir de D. Duarte, est. 53]. (**5**) Idade de moço, tinha 28 anos; pensar de velho. (**6**) Na estância seguinte se relatam os seus principais feitos.

No verso 2, «quem» referindo-se a «cousa»; cfr. ADITAMENTO, v, c). No mesmo verso são pleonásticas as palavras «dos humanos».

---

*

55 «Não vencerá sómente os Malabares
Destruindo Panane, com Coulete,
Cometendo as bombardas, que nos ares
Se vingam só do peito que as comete;
Mas com virtudes certo singulares,
Vence os imigos d'alma todos sete:
De cubiça triumpha e incontinência;
Que em tal idade é suma de excellência.

«D. Henrique de Meneses *não sómente vencerá os Malabares* (**1**), *destruindo Panane com* [*e também*] *Coulete,* — *cometendo* (**2**) *as bombardas, que nos ares se vingam só do peito que as comete* (**3**) —, *mas, com virtudes certamente singulares, vencerá todos os sete inimigos da alma* (**4**), e *triunfará da cobiça e incontinência* (**5**), o *que, em tal idade* (**6**), *é suma excelência.*

(**1**) A gente da costa de Malabar, isto é, os súbditos do Samorim; Meneses fez arrasar povoações importantes próximo de Calecut [Panane e Coulete]. (**2**) Acometendo, — afrontando — o fogo da artilharia de que estavam guarnecidos a costa e os navios defensores de Samorim; investindo essas praças e assolando-as através das balas inimigas. (**3**) «As bombardas, etc.»; as balas só ferem quem expõe a elas o peito. (**4**) Os sete pecados mortais. (**5**) «Triunfará, etc.»; menciona o Poeta em especial as virtudes de Henrique de Meneses opostas aos inimigos da alma que são a causa de maiores infortúnios. (**6**) Conta-se que, morrendo, apenas possuía 13 riais, sendo para admirar que, estando a Índia tam florescente, se encontrasse tam pobre o vice-rei.

---

56 «Mas despois que as estrêllas o chamarem,
Socederás, ó forte Mascarenhas,
E se injustos o mando te tomarem
Prometo-te que fama eterna tenhas!
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.

«*Mas depois que as estrêlas o chamarem* (1), *sucederás* no govêrno da Índia, tu, *ó forte Mascarenhas,* (2) *e, se* homens *injustos* (3) *te tomarem o mando* [*te tirarem o govêrno*], *prometo-te que terás fama eterna* (4). *O fado* [*a Providência*] *quere que, para teus inimigos confessarem* o *teu alto valor, venhas a mandar* [*governar*] *mais coroado de palmas, mas menos acompanhado de justa fortuna* (5).

(1) Depois da morte de D. Henrique de Meneses; depois da sua alma ter ido para a região das estrêlas; reminiscência da doutrina de Platão. (2) D. Pedro Mascarenhas era o imediatato sucessor nomeado para o govêrno da Índia, mas estava em Malaca dirigindo a guerra, por isso tomou posse do govêrno Lopo Vaz de Sampaio [segundo sucessor], jurando que o entregaria a Pedro de Mascarenhas, logo que êste chegasse, mas, em vez de cumprir o juramento, mandou-o preso para o Reino. (3) Alusão a Lopo Vaz. (4) Na estância seguinte se relatam alguns feitos gloriosos de Pedro de Mascarenhas. (5) Pedro de Mascarenhas foi o general comandante das fôrças que tomaram Malaca, emquanto Lopo Vaz lhe usurpava o govêrno do Estado; coroado foi das palmas da vitória militar; mas pouco afortunado, por causa das ofensas que recebeu dos compatriotas seus inimigos, que, apesar de tais, reconheceram o seu grande valor.

57 «No reino de Bintão, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N'um só dia as injúrias de mil anos
Vingarás co valor de ilustres peitos.
Trabalhos e perigos inhumanos
Abrolhos férreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, setas,
Tudo fico que rompas e sometas.

«*No reino de Bintam* (**1**)—cujos habitantes *terão feito grandes danos, por muito tempo, em Malaca* (**2**)—*tu*, Mascarenhas, *com o valor de ilustres peitos* lusitanos, *vingarás, num só dia, as injúrias de mil anos. Trabalhos e perigos inumanos* (**3**), *mil férreos abrolhos* (**4**), *passos estreitos* (**5**) e *tranqueiras* (**6**), *baluartes, lanças, setas, tudo fico* [espero] *que romperás* (**7**) *e submeterás.*

(**1**) Ilha no extremo sul da península de Malaca. (**2**) A cidade que tem êste nome, na mesma península [II, 54, nota 4; X, 44], e que fôra conquistada por Afonso de Albuquerque [hoje pertencente à Inglaterra]. (**3**) «Perigos inumanos», difíceis de serem vencidos por entes humanos. (**4**) «Abrolhos», estrepes, bicos, puas de ferro, pregados no chão junto a fossos ou valados, para se encravarem pessoas ou cavalos que vão a passar ou entrar [antigo ardil de guerra]. (**5**) «Passos estreitos», passagens estreitadas artificialmente. (**6**) Estacadas, passagens cerradas por estacas. (**7**) Aniquilarás, destruirás.

O rei de Bintam tinha defendido a cidade com baluartes, fossos, estacadas, etc.

D. Pedro de Mascarenhas, voltando a Portugal, foi muito bem recebido de el-rei, que lhe deu a capitania de Azamor, onde se demorou alguns anos, mas, voltando, perdeu-se no mar.

No verso 2, «feitos»: a concordância do particípio perfeito do tempo composto do verbo com o complemento directo; I, 29, 40; II, 76; III, 27 e *passim*.

58 «Mas na Índia cubiça e ambição,
Que claramente põe aberto o rosto
Contra Deus e justiça, te farão
Vitupério nenhum, mas só desgôsto.
Quem faz injuria vil e sem razão,
Com fôrças e poder em que está pôsto,
Não vence; que a vitória verdadeira
É saber ter justiça nua e inteira.

«*Mas, na Índia,* a *cobiça e* a *ambição* (1) [*os ambiciosos*], *que põem o rosto aberto claramente contra Deus e* a *justiça* (2), *nenhum vitupério te farão mas só desgôsto* (3). *Quem faz injúria vil, e sem razão,* com as *fôrças e* com o *poder em que está pôsto* [*investido*], *não vence* (4), *que* [*pois*] *a verdadeira vitória é saber ter justiça nua* (5) *e inteira.*

(1) Alusão à cobiça de altos funcionários da Índia, de quem Diogo de Castro dizia que, em certa época, os portugueses, esquecendo-se de si próprios, procediam de maneira que pareciam naturais da Ásia, entregando-se a toda a sorte de ambições e de prazeres. (2) «Rosto aberto, etc.»; sem vergonha, descaradamente [na cegueira da cobiça]. «Neste nosso oriente, a que chamamos Índia, reina mais a cegueira da fortuna, que a luz da razão» [João de Barros]. (3) «Nenhum vitupério, etc.»; os ambiciosos, injuriando Mascarenhas, não produziram o seu descrédito, sòmente lhe causaram desgôsto. (4) «Injúria vil, etc.»; aqueles que tem nas mãos o poder e dêste se servem para praticarem injustiças, a si próprios se afrontam mais do que ao ofendido; vencer é ter razão; e ser justo, não é estar com o poder na mão para usar dêle em detrimento alheio. (5) Simples; decisões justas que sejam fàcilmente compreendidas, sem refolhos, sem artifícios: Lopo Vaz, apossando-se indevidamente do poder que devia ser exercido por D. Pedro de Mascarenhas, simulava proceder com justiça [justiça artificial].

59 «Mas com tudo não nego, que Sampaio
Será no esfôrço illustre e assinalado,
Mostrando-se no mar um fero raio,
Que de imigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar, pera que amedrontado
Despois a ser vencido d'elle venha
Cutiale, com quanta armada tenha.

«*Mas, contudo* (**1**), *não nego que Sampaio será illustre e assinalado no esfôrço* (**2**), *mostrando-se um fero raio* (**3**) *no mar, que verá coalhado de mil inimigos. Em Bacanor* (**4**) *fará cruel ensaio no Malabar, para que Cutiale* (**5**), *amedrontado, venha a ser vencido dêle* [*por êle, Sampaio*] *com quanta armada tenha* [*e mais toda a armada que o Cutiale tiver sob o seu comando*].

(**1**) Apesar de tudo; apesar dos defeitos resultantes da ambição de Lopo Vaz Sampaio [cfr. nota 56]. (**2**) Valor militar. (**3**) «Fero raio», os efeitos da investida de Sampaio sôbre os inimigos na costa do Malabar foram iguais aos dum raio fulminante. (**4**) Cidade marítima no reino de Narsinga, e em cujo pôrto Lopo Vaz de Sampaio queimou uma importante frota do Samorim, tomando-lhe oitenta peças de artilharia de grosso calibre: êsse feito foi o «cruel ensaio», a mortífera experiência. (**5**) Nome dum mouro de grande valor e que comandava uma frota de 130 embarcações malabares, bem guarnecidas, as quais foram tomadas por João de Eça, enviado por Lopo Sampaio. Êste mesmo também praticou outros feitos notáveis de insigne capitão. «Lopo Vaz, correndo a costa do Malabar, tomou Cananor, e seguiu por a barra de Bacanor [terra do reino de Narsinga] onde estava uma grossa armada do Samorim comandada por Cutiale. Forçando a barra, Lopo Vaz queimou os navios do Samorim, havendo dos mouros grande vitória». [João de Barros].

60 «E não menos de Dio a fera frota,
Que Chaúl temerá de grande e ousada
Fará, co'a vista só, perdida e rôta
Por Heitor da Silveira, e destroçada:
Por Heitor Português, de quem se nota,
Que na costa cambaica sempre armada
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

«*E* Sampaio, *só com a vista* (1), *também* (2) *fará* [*conseguirá que*] *a fera* [*arrogante*] *frota de Dio* (3), — *temida por Chaúl* (4) *por ser grande e ousada* —, seja *perdida, rôta* (5) *e destroçada por Heitor da Silveira* (6), *pelo Heitor português* (7), *de quem se nota* [*se sabe*] *que, nas costas cambaicas* (8) *sempre armada* [*guanecida, defendida*], *será* [*causará*] *aos Guzarates tantos danos, quanto foi o* dano *que, aos gregos,* causou *o* Heitor *troiano*.

(1) Lopo Vaz de Sampaio venceu a frota de Dio só com a vista; porque sabia qual era o valor dessa frota; não foi lá, mas deu as instruções precisas a Heitor da Silveira, para combatê-la e destroçá-la. (2) «Não menos» = também. (3) Dio a êsse tempo era ocupada por mouros, e estava defendida por uma armada de 80 fustas [embarcações chatas de velas e remos e do porte de 200 a 300 toneladas]; II, 50; X, 39. (4) Cidade marítima, onde havia já uma fortaleza erigida pelos portugueses, ao norte de Goa e ao sul de Dio. O capitão dessa fortaleza pediu socorro contra a frota de Dio, que o ameaçara, e Lopo Vaz mandou lá Heitor da Silveira capitaneando uma armada; X, 29. (5) Rôta, destroçada; sinónimos. (6) Às façanhas dêste cavaleiro faz largas referências João de Barros; cfr. estância seguinte. (7) «Heitor português», comparado com o Heitor troiano, o mais valoroso dos chefes troianos, filho de Príamo e que só foi vencido por Aquiles. (8) São as costas do gôlfo de Cambaia, que foram devastadas por Heitor da Silveira, e cujos habitantes se denominavam guzerates; à entrada do mesmo gôlfo é Dio; VII, 21; X, 29

e seguintes. No fundo do gôlfo está a cidade de Cambaia, hoje pertencente aos ingleses.

---

61 «A Sampaio feroz sucederá
Cunha, que longo tempo tem o leme;
De Chale as tôrres altas erguerá,
Em quanto Dio illustre d'elle treme.
O forte Baçaim se lhe dará,
Não sem sangue porém; que nelle geme
Melique, porque á força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

«*Ao feroz Sampaio* (**1**) *sucederá* Nuno da *Cunha* (**2**), *que longo tempo terá o leme* do govêrno da Índia; Cunha *erguerá as altas tôrres de Chale* (**3**), *emquanto* [*e ao mesmo tempo*] a *ilustre Dio tremerá dêle. O forte Baçaim* (**4**) *se lhe dará* (**5**), *não sem sangue, porêm; pois nele gemerá Melique* (**6**) *por ver a sua soberba tranqueira* (**7**) *tomada pelos portugueses só à fôrça da espada.*

(**1**) Arrogante: epiteto aqui aplicado a Lopo Vaz de Sampaio, talvez em razão do seu procedimento contra Mascarenhas [est. 56] e ao mesmo tempo da sua valentia na guerra. (**2**) Nuno da Cunha foi governador da Índia desde 1529 a 1539, dez anos; durante os quais se praticaram ali numerosos feitos heróicos; conquistou Mombaça; assolou Baçaim; fez tributário de Portugal o rei de Cambaia; conquistou Dio, e por seus capitães foram praticados outros feitos valorosos: António da Silveira tomou duas cidades importantes de Cambaia; Heitor da Silveira fez tributário o Senhor de Ádem; Diogo da Silveira queimou as cidades de Patan, Paté e Mangalor; Martim Afonso de Sousa assolou Damão, e desbaratou Cutiale Marcar, capitão da armada de Calecut; Estêvão da Gama queimou a fortaleza do rio Viantara; António da Silveira defendeu o cêrco de Dio. (**3**) Na foz do rio dêste nome, rio que nasce na serra do Gate,

e desagua a poucas léguas de Calecut; dessa ilhota era senhor o gentio Unirama, vassalo do Samorim. (4) O forte ou baluarte [que servia de defesa de Dio], na margem do rio Baçaim. (5) Render-se há. (6) Melique-Iaz, senhor de Baçaim; dêste nome de Melique, houve vários na mesma época [parentes de Melique Abrahemo, filho de Hidalcão]. (7) Forte estacada, ou trincheira bem defendida.

---

62 «Trás êste vem Noronha, cujo auspício
De Dio os Rumes feros afugenta:
Dio, que o peito e béllico exercício
De António da Silveira bem sustenta.
Fará em Noronha a morte o usado offício,
Quando um teu ramo, ó Gama, se esprimenta
No govêrno do império, cujo zêlo
Com mêdo o Roxo mar fará amarelo.

«*Em seguida a êste* Nuno da Cunha *vem* governar a Índia D. Garcia de *Noronha, cujo auspício* (1) *afugenta* do cêrco *de Dio os feros Rumes* (2), cêrco *bem sustentado pelo peito* [*coragem*] *e bélico exercício* [*e arte militar*] *de António da Silveira* (3). *Em Noronha fará a morte o usado ofício, quando* [*e então*], *ó Gama, no govêrno do império* indiano, *se experimentará um ramo teu* (4), *cujo zêlo fará amarelo, com mêdo, o Mar Roxo* (5).

(1) Literalmente, «auspício» é um termo genérico que designava, entre os romanos, os diversos presságios que se tiravam do vôo, ou do canto das aves; fig., diz-se: que «uma emprêsa se inicia com bons auspícios», isto é, com probabilidade de bom êxito; «sob os auspícios de alguém», sob a sua protecção; aqui, por uma interpretação mais extensiva, talvez se lhe deva atribuir o sentido de «boa fortuna», «sorte feliz», dando-se a entender que, à feliz sorte, mais do que à direcção acertada de Garcia de Noronha, se deveu o fugirem de Dio os Rumes. (2) «Os mouros da

Índia, não sabendo distinguir as divisões da Europa, chamavam «Rume» ao conjunto de regiões que abrangiam a Trácia, Grécia, Esclavónia e as ilhas vizinhas dêsses países no Mediterrâneo» [João de Barros]; dava-se também êsse nome aos soldados turcos e egípcios maometanizados. (3) Defendeu enérgicamente a fortaleza de Dio contra as investidas da tropa do rei de Cambaia distribuídas por 75 navios, até que, sendo-lhe enviado algum auxílio por Nuno da Cunha, levantou o cêrco à custa de heróicos esforços. Foi êste o primeiro cêrco de Dio [1538]. Sôbre o segundo cêrco, vejam-se as est. 67 e sgs. (4) «Ó Gama»: nesta apóstrofe, dirigida pela ninfa a Vasco da Gama, vaticina ela que, depois de Garcia de Noronha, seria vice-rei da Índia Estêvão da Gama, ramo da família [filho] do grande navegador. (5) «Cujo zêlo, etc.»; a actividade e o valor de Estêvão da Gama seriam tais, no Mar Vermelho, que êste mar, assustado, ficaria tendo côr amarela [engraçada prosopopeia]; II, 49; o valor e intrepidez de Estêvão da Gama foram experimentados antes de ser governador da Índia.

---

63 «Das mãos do teu Estevam vem tomar
As rédeas um, que já será illustrado
No Brasil, com vencer e castigar
O pirata francês, ao mar usado.
Despois, capitão mór do índico mar,
O muro de Damão soberbo e armado
Escala, e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão cuberta.

«*Das mãos do teu Estêvão virás tomas as rédeas* do govêrno da Índia *um* cavaleiro, *que já será ilustrado no Brasil por ter vencido e castigado os piratas franceses, usados* [*que costumavam andar*] *no mar* (1). *Depois,* sendo *capitão-mor do mar Índico, escalará os soberbos e armados muros* [*muralhas de Damão*] (2), *e* será o *primeiro a entrar pela porta* que estará *aberta, porque* o *fogo e* as *frechas* a *terão coberto* (3).

(1) «Um que já será ilustrado, etc.»; perífrase: é Martim Afonso de Sousa, nomeado claramente na est. 67; e que, antes de ir à Índia, servira no Brasil, onde destroçara uma armada francesa. (2) Cidade ainda hoje portuguesa, à entrada do gôlfo de Cambaia, a leste de Dio; as suas muralhas estavam defendidas por quinhentos espingardeiros turcos. (3) «O primeiro, etc.»; Martim Afonso foi o primeiro a entrar uma porta da fortaleza, que estava em chamas e sôbre a qual chovia uma nuvem de setas dos sitiados.

---

64 «A êste o rei cambaico soberbíssimo
Fortaleza dará na rica Dio,
Porque contra o Mogor poderosíssimo
Lhe ajude a defender o senhorio:
Despois irá com peito esforçadíssimo
A tolher que não passe o rei gentio
De Calecú, que assi com quantos veio
O fará retirar de sangue cheio.

«*A êste* Martim Afonso *dará* [*concederá*] *o soberbíssimo rei Cambaico, que tenha uma fortaleza na rica Dio* (**1**), *para o ajudar a defender o senhorio* [*o seu território*] *contra o poderosíssimo Mogor* (**2**). *Depois*, o mesmo Martim Afonso *irá, com esforçadíssimo peito* [*intrepidez*], *tolher* [*impedir*], *que o rei gentio passe de Calecut* (**3**), *ao qual, assim como a quantos vierem* com êle (**4**), *fará retirar cheio de sangue*.

(**1**) No govêrno de Nuno da Cunha, alcançou Martim Afonso que o poderoso rei de Cambaia erigisse uma fortaleza em Dio; II, 50. (**2**) Mongol; o imperador da Tartária, império fundado por Gengis-Khan [século XIII]; Martim Afonso prometeu ao rei de Cambaia, que o ajudaria contra o Mongol, se consentisse que os portugueses construíssem uma fortaleza em Dio. (**3**) Queria o rei de Calecut invadir com grandes fôrças militares as regiões de

Repelin e Cranganor, porêm Martim Afonso impediu-lhe a passagem [cfr. estância seguinte] e repeliu essas fôrças, que bateram em retirada, sendo ferido o próprio rei de Calecut. (4) «Assim como, etc.»; e do mesmo modo, todos os homens com quem êle viesse.

Nos versos 7-8, «que... o» = «ao qual»; é pleonástico o segundo pronome.

---

65 «Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu rei com muitos em fugida;
E despois junto ao cabo Comorim
Uma façanha faz esclarecida.
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co furor do ferro e fogo:
Em si verá Beadala o márcio jôgo.

«*Martim Afonso destruirá a cidade de Repelim* (1), *pondo o seu rei e muitos* homens *em fuga; e depois, junto ao cabo Comorim* (2), *fará uma esclarecida* [*brilhante*] *façanha: vencerá, com o furor de ferro e fogo, a frota principal do Samorim, que não duvida* [*que imagina poder*] *destruir o mundo; Beadala* (3) *verá em si* próprio *o márcio jôgo* (4) português.

(1) Ilha vizinha de Cochim, cujo rei, sendo amigo dos portugueses, pediu a estes auxílio contra o rei ou régulo de Repelim — vassalo do rei de Calecut [nosso inimigo]; Martim Afonso pôs em fuga êsse régulo. (2) «Cabo Comorim», defronte da ilha de Ceilão. (3) Pôrto pouco distante do Cabo Comorim e cujo povo estava governado por mouros, que resistiram uma noite inteira aos portugueses, mas que fugiram afinal, deixando no campo grande número de mortos, quando viram arder as suas embarcações. (4) «Márcio jôgo», o ardil de Marte [da guerra]: o fogo lançado às embarcações dos mouros.

---

66 «Tendo assi limpa a Índia dos imigos,
Virá despois com cetro a governá-la,
Sem que ache resistência nem perigos,
Que todos tremem d'elle, e nenhum fala.
Só quis provar os ásperos castigos
Baticalá, que vira já Beadala:
De sangue e corpos mortos ficou chea,
E de fogo e trovões desfeita e fea.

«*Tendo assim limpado a Índia de inimigos,* Martim Afonso *virá depois governá-la com sceptro* (1), *sem achar resistência nem perigos, porque todos tremem dêle, e ninguêm fala* (2). *Só Baticalá* (3) *quere provar* [*experimentar*] *os ásperos castigos que Beadala já vira* em si, e *ficará desfeita e feia — e cheia de sangue e* de *corpos mortos — por fogo e* por *trovões.*

(1) «Virá depois, etc.»; as façanhas referidas nas estâncias precedentes foram praticadas por Martim Afonso antes de ser governador da Índia — antes de ter o sceptro de vice-rei. (2) Ninguêm murmura do governador; respeitam-no em conseqüência das provas, já conhecidas anteriormente, do seu valor e energia. (3) Cidade na costa, e no reino de Narsinga; foi essa a única cidade que se rebelou contra o govêrno de Martim Afonso, e foi castigada, incendiada e destruída pela artilharia portuguesa [trovões], sendo mortos muitos habitantes.

---

67 «Êste será Martinho, que de Marte
O nome tem co'as obras dirivado;
Tanto em armas illustre em toda parte,
Quanto em conselho sábio e bem cuidado.
Soceder-lhe-há ali Castro, que o estandarte
Português terá sempre levantado;
Conforme successor ao succedido,
Que um ergue Dio, outro o defende erguido.

«*Êste* cavaleiro *será Martinho* (1) *que tem derivados de Marte o seu nome e as suas obras* (2); e será *ilustre* [*celebrado*] *em toda a parte* [*em todo o sentido*] (3) *tanto nas armas, quanto no sábio e bem cuidado conselho* (4). *Suceder-lhe há ali* [*no govêrno da Índia*] D. João de Castro (5), *que terá* [*conservará*] *sempre levantado* (6) *o estandarte português: o sucessor será conforme* [*igual*] *ao sucedido, pois um* dêles [Martinho] *ergue* a fortaleza de *Dio, o outro* [*D. João de Castro*] *defende-a*, depois de *erguida* (7).

(1) A êste Martinho [ou Martim] se tem referido a ninfa [est. 63 e sgs.] sem lhe citar o nome. (2) «Nome derivado, etc.»; em o nome de «Martinho», e nas suas obras [acções] «marciais» há as primeiras letras do nome de Marte. (3) «Em toda a parte», esta locução adverbial foi interpretada como equivalente ao advérbio «sempre» em IV, 25; aqui seguimos as *Fontes dos Lusíadas*, 596. (4) «Sábio e bem cuidado, etc.»; tino, bom senso e prudência. (5) Vice-rei da Índia; I, 14; X, 68 e sgs. (6) Glorioso. (7) Martim Afonso construíu o baluarte de Dio; D. João de Castro defende-o no memorável cêrco, — o segundo [1546] adiante referido, est. 68 e sgs.; sôbre o primeiro cêrco, est. 62.

---

68 «Persas feroces, Abassis e Rumes
Que trazido de Roma o nome tem,
Vários de gestos, vários de costumes,
(Que mil nações ao cêrco feras vem)
Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes,
Porque uns poucos a terra lhe detém:
Em sangue português juram descridos
De banhar os bigodes retorcidos.

Persas (1) *ferozes* [*valorosos*], *Abexins* (2), *e Rumes, que tem o nome trazido* [*derivado*] *de Roma* (3), e que são *de vários gestos* [*diversas feições*] e

de vários costumes, — pois, ao cêrco de Dio *vem mil feras* [*valentes*] *nações* (4) — , *farão ao mundo vãos* [*inúteis*] *queixumes dos* [*contra os*] *céus, porque* [*pelo motivo de que*] *uns poucos* de invasores *lhes detêm* [*ocupam*] *a* sua *terra;* e *juram, descridos* [*na sua falta de crenças*], *banhar os retorcidos bigodes em sangue português* (5).

(1) Nomeia o Poeta algumas nacionalidades das tropas que, em ajuda do rei de Cambaia, vem cercar a fortaleza de Dio, defendida por D. João de Castro; muitos sitiantes seriam persas, ofendidos pelos portugueses na conquista de Ormuz. (2) Naturais da Abissínia, vizinhos do Egipto que era já inimigo dos portugueses. (3) «Rumes, etc.»; soldados da Turquia e da Grécia; x, 62, nota. (4) «Mil... nações»; hipérbole para acentuar a enorme diversidade e número de sitiantes. (5) «Juram banhar os bigodes, etc.»; tal é o ódio dos sitiantes que juram beber o sangue português; e com tanta sofreguidão que embeberiam nele os bigodes [os soldados turcos usavam-nos retorcidos].

No verso 1, «feroces» por «feras»; no verso 4, «fera» [cfr. x, 61; «feroz», «fera», e *passim*]; os dois epítetos tem geralmente no poema a significação de «esforçado», «intrépido», etc.

No verso 7, «descridos» parece ser um epíteto depreciativo equivalente a «infiéis» [sem fé], aplicado freqüentemente aos mouros.

---

69 «Basiliscos medonhos e liões,
Trabucos feros, minas encubertas
Sustenta Mascarenhas cos barões,
Que tam ledos as mortes tem por certas:
Até que nas maiores opressões
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, e a Deus se sacrifiquem.

«D. João de *Mascarenhas* (1), — *com os varões* que o acompanham, e *que extremamente* (2) *ledos* [*alegres*] *tem* [afrontam] *a morte certa* —, *sustenta* [*resiste corajosamente a*] *medonhos basiliscos, leões* (3), *feros trabucos* (4) e *minas* (5) *encobertas, até que, nas maiores opressões,* vem D. João de *Castro* ser o *libertador, fazendo oferta das vidas dos seus filhos* (6), *querendo que* estes *se sacrifiquem a Deus e com eterna fama fiquem.*

(1) Mascarenhas era capitão de Dio, sendo D. João de Castro governador da Índia; e naquela fortaleza, com seiscentos portugueses, sustentou durante seis meses o cêrco de trinta mil bárbaros, e as investidas de toda a espécie de inventos do furor militar, até lhe ser enviado socorro de tropa auxiliar; então, em horrível combate, destroçou os sitiantes. (2) «Tam», no verso 4, tem sentido absoluto = extremamente. (3) «Basiliscos e leões»; nomes de certas peças de artilharia, para darem idea dos grandes estragos que faziam; a significação literal de «basilisco» é o lagarto fabuloso a que se atribui o poder de matar só com a vista; os leões eram peças de menor calibre. (4) Armas de fogo, bacamartes, espécie de espingardas de cano grosso e curto. (5) Caminhos subterrâneos, por onde os sitiantes procuravam entrar em Dio, por baixo de muralhas e trincheiras, e que se enchiam de pólvora para haver explosão e destruir quem estivesse sôbre êsse caminho. (6) D. João de Castro, sabendo o perigo em que estava Dio, enviou os seus dois filhos em socorro de D. João de Mascarenhas; um dêles, D. Fernando, lá morreu despedaçado, estando num baluarte que foi pelos ares, na explosão duma mina.

Nos últimos versos parece haver certa reminiscência bíblica de Abraão oferecendo a Deus a vida de Isaac; D. João de Castro oferecia a vida dos seus ao bem da pátria, e ao bem da religião católica, defendida pelos portugueses e combatida pelos muçulmanos.

70 «Fernando um d'elles, ramo da alta pranta,
Onde o violento fogo com ruído
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será ali arrebatado e ao ceo subido.
Álvaro, quando o inverno o mundo espanta,
E tem o caminho húmido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas e os perigos,
Os ventos, e despois os inimigos.

«*Fernando, um dêles* (1), *ramo de alta planta* (2), *será ali arrebatado e subido* [*elevado*] *ao céu* (3) no sítio *onde o violento fogo, com ruído, levantará no ar os muros em pedaços. Álvaro,* — *quando o inverno* seja tal que *espante o mundo, e tenha impedido o húmido caminho* —, *abrindo êste, vencerá as ondas e os perigos, os ventos e, depois, os inimigos* (4).

(1) «Um dêles», um dos filhos de D. João de Castro. (2) «Ramo de alta planta», filho de nobre pai. (3) «Subido ao céu», duplo sentido: o corpo foi pelos ares na explosão, referida na presente estância e nas últimas notas da estância precedente; a alma foi para as regiões celestiais da bem-aventurança, e aureolada pela glória. (4) «Álvaro», o outro filho do governador da Índia, que partiu para Dio em socorro da praça sitiada; era tempo de inverno e tempestuoso; o mar estava perigoso para a navegação; mas Álvaro consegue vencer os perigos marítimos, desembarca em Dio, e vence o inimigo contra quem ia combater; «húmido caminho», o mar; II, 67, 108; VIII, 48.

71 «Eis vem despois o pai, que as ondas corta
Co restante da gente lusitana;
E com fôrça e saber, que mais importa,
Batalha dá felice e soberana.
Uns, paredes subindo, escusam porta,
Outros a abrem na fera esquadra insana:
Feitos farão tam dinos de memoria,
Que não caibam em verso ou larga história.

«*Eis* que *vem depois o pai* (1), *que corta as ondas* (2) acompanhado *do restante* auxílio *da gente lusitana; e com* a *fôrça* militar, — *e* o *saber, que importa* [*vale*] *mais* do que a fôrça —, *dá feliz e soberana* [*decisiva*] *batalha*. Dos portugueses, *uns subindo* pelas *paredes* da fortaleza de Dio, *escusam de porta* (3); *outros abrem-a na fera esquadra insana* (4); e todos *farão* proezas (5) *tam dignas de memória, que não caibam em verso ou larga história.*

(1) D. João de Castro. (2) «Corta, etc.»; atravessa o mar. (3) «Uns subindo, etc.», escalando as muralhas. (4) «Outros, etc.»; abrem caminho atravessando as fileiras dos sitiantes; «esquadra» tem aqui a significação antiga de «companhia de infantaria»; extensivamente toda a infantaria que sitiava a praça, composta de gente intrépida [fera] e enfurecida [insana]; a gente, que viera por mar em auxílio da fortaleza, combate com os sitiantes e entra na fortaleza pelas muralhas para aumentar o número dos defensores necessários e guarnecer os pontos que precisassem de defesa. (5) «Feitos que não caibam, etc.»; I, 5, nota 15.

72 «Êste despois em campo se apresenta,
Vencedor forte e intrépido ao possante
Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante.
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydalcham do braço triumphante,
Que castigando vai Dabul na costa.
Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

«*Vencedor* de Dio, *êste* varão (1), *forte e intrépido, apresenta-se depois, em campo* (2), *ao possante* [*poderoso*] *rei de Cambaia* (3), *e amedronta a vista* [*os olhos*] *da sua fera multidão quadrupedante* (4). *O Hidalcão* (5) *também* [*não menos*] *dificilmente defende* [*sustenta*] as *suas terras do triunfante braço* de D. João de Castro, *que, na costa* de Decan (6), *vai castigar Dabul* (7); *e não lhe escapa Pondá, posta* [*situada*] *no sertão* [*no interior*] (8).

(1) D. João de Castro. (2) Em campo descoberto, que estava guarnecido por tropas indígenas, e próximo da cidade de Cambaia, onde D. João de Castro foi desembarcar. (3) Cfr. VII, 21; X, 29, 32, 34, 54. (4) «Amedronta-lhe, etc.»: o rei de Cambaia estava acampado numa extensa planície com grande multidão de tropas, «quadrupedantes» [sôbre animais de quatro pés — cavalos e elefantes]; quando desembarcou perto dêsse campo, D. João de Castro apareceu diante do exército de Cambaia, incutindo tanto mêdo aos indígenas, que estes abandonaram o campo; o rei de Cambaia, não aceitando batalha, retirou-se para o interior, e D. João de Castro tornou a embarcar. (5) Régulo poderoso das terras de Canará em volta de Goa, e que tinha à sua disposição um exército de 10:000 homens com 3:000 cavalos, 200 elefantes e 200 peças de artilharia. (6) Cfr. VII, 20, «Decan». (7) No litoral; X, 34. (8) Na falda dos montes Gates, a leste de Goa.

73 «Estes e outros barões, por várias partes
Dinos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos d'esta ilha.
Varrendo triumphantes estandartes
Pelas ondas que corta a aguda quilha,
Acharão estas nimphas e estas mesas,
Que glórias e honras são de árduas emprêsas.»

Estes varões, e todos os outros, que *por várias partes* [*merecimentos*] *forem dignos de fama* [*celebridade*] *e* de *maravilha* [*de admiração*], *fazendo-se bravos Martes na terra, hão-de vir lograr os gostos* [*gozar os prazeres*] *desta ilha, varrendo triunfantes* [*vitoriosos*] *estandartes pelas ondas, cortando-as com as agudas quilhas* dos seus navios, e *acharão estas ninfas, e estas mesas, que são* as *glórias e* as *honras das árduas emprêsas* (1).

(1) A presente estância repete por outras palavras a idea expressa em IX, 89: a ilha fantasiada representava, por alegoria, as honras e glória que imortalizam a lembrança dos varões que, pela sua intrepidez em defesa da pátria e pelas suas virtudes, se tornaram dignos da admiração da humanidade.

---

74 Assi cantava a nimpha; e as outras todas
Com sonoroso applauso vozes davam,
Com que festejam as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebravam.
«Por mais que da fortuna andem as rodas,»
Nũa consona voz todas soavam,
«Não vos hão de faltar, gente famosa,
«Honra, valor e fama gloriosa!»

Assim cantou a ninfa (1); *e todas as outras*

deram vozes de sonorosos aplausos (2), *festejando as alegres bodas* (3) *que se celebravam com tanto prazer. Numa voz consona* [*unísona*] *todas* as vozes *soavam* [*diziam*]: «*Por mais que andem as rodas da fortuna* (4), *não vos hão-de faltar, famosa gente* lusitana, nem *honras*, nem *valor*, nem *gloriosa fama.*»

(1) O que a ninfa tem dito até aqui, est. 10 e sgs. (2) «Sonorosos aplausos», palavras de aprovação em voz alta. (3) Fig., o banquete; alusão à promessa de consórcio feita pelas ninfas; IX, 84. (4) «Rodas da fortuna»: a Fortuna, divindade alegórica, dos romanos e dos gregos, personificando o acaso, o imprevisto, o capricho das cousas, era representada por uma estátua de mulher, de olhos vendados, sôbre uma roda, que ia sendo substituída por outras, estando a um lado as que representavam o passado, e de outra banda as que representariam o futuro; nesta aclamação das ninfas, queriam elas dizer que os portugueses passados, presentes e futuros seriam aureolados com honras pela prática de actos gloriosos.

---

75 Despois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmónica e doce suavidade
Viram os altos feitos, que descobre
Téthys, de graça ornada e gravidade,
Pera que com mais alta glória dobre
As festas d'êste alegre e claro dia,
Pera o felice Gama assim dizia:

Depois de satisfeita a corporal necessidade pelo nobre mantimento (1); depois de terem todos *ouvido os altos feitos* (2) *que* a bela ninfa *descobrira* [*vaticinara*] *na harmónica e doce suavidade* da sua voz; *Tétis, ornada de graça e gravidade,* — *para dobrar* [*duplicar*] *com mais alta glória as festas dêste alegre e claro* [*festivo*] *dia*—, *disse assim para o feliz Gama* (3):

(1) «Depois de satisfeita, etc.»; acabado o banquete, e saciado o estômago pelas suaves e divinas iguarias da ilha encantada. (2) As proezas que seriam praticadas no Oriente pelos portugueses. (3) «Tétis, etc.»; tinha ela dito [IX, 86] que viera àquela ilha descobrir a Vasco da Gama altos segredos; por intermédio da sereia [X, 10 e sgs.] foram descobertas [vaticinadas] as façanhas futuras dos portugueses na Índia; agora é ela própria que vai descobrir os segredos da esfera universal; «os segredos da unida esfera, etc.», como prometera [cit. est. 86].

---

76 «Faz-te mercê, barão, a sapiência
Suprema, de cos olhos corporais
Veres o que não pode a vã sciência
Dos errados e míseros mortais.
Sigue-me firme e forte, com prudência,
Por êste monte espesso, tu cos mais.»
Assi lhe diz: e o guia por um mato
Árduo, difficil, duro a humano trato.

«*A sapiência suprema faz-te mercê, varão, de veres com os olhos corporais, o que a sciência vã dos errados* [*ignorantes*] *e míseros mortais não pode* compreender. *Segue-me, firme, forte e com prudência, por êste monte espesso, tu e os mais.*»

Assim lhe diz, e guia-o por um mato árduo, difícil, duro [*penoso*] *a humano trato* (1).

(1) Revendo o manuscrito do canto X, e quando já estava impresso o primeiro volume do presente estudo, teve o anotador notícia dos preciosos artigos do Sr. Dr. Luciano Pereira da Silva, na *Revista da Universidade*, intitulados *A Astronomia dos Lusíadas*, e que encerram doutrina transcendente fora do alcance dos leitores desta edição destinada para indoutos; todavia, dêsses artigos, que já constituem centenas de páginas, serão aqui transcritos [e de uma separata com que fomos favorecidos] alguns excerptos, e com a devida vénia, quando acessíveis a êsses leitores; pois só a quem já possua a «suprema sciência» da

matemática pura, só ao astrónomo, será dado compreender completamente o profundo estudo do sábio professor da Universidade de Coimbra, na interpretação das estâncias que encerram a descrição da «grande máquina do mundo».

«No canto x, — diz o Sr. Dr. Luciano Pereira da «Silva —, faz Tétis aos argonautas portugueses uma li«ção de mecânica celeste, segundo a teoria da escola de «Alexandria.

«O princípio matemático que anima a astronomia «grega, dando lugar a observações e cálculos de admi«rável persistência e subtileza, é a explicação dos mo«vimentos periódicos dos astros, que já aos caldeus e «egípcios se mostravam tam complicados nas suas obser«vações da lua e dos planetas, por uma sobreposição de «movimentos circulares e uniformes». [Separata, p. 49].

Em comentário à presente estância e à seguinte, lê-se, na *Astronomia dos Lusíadas*:

«Neste monte espesso, de mato árduo difícil a humano «trato, por onde é preciso seguir firme e forte com pru«dência, está bem simbolizado todo êsse longo trabalho «de pacientes observações e laboriosos cálculos, todo êsse «dispêndio de engenho de tantos homens de superior ca«pacidade em procura das leis que regem o movimento «dos astros. E a teoria a que se chegou, dum subido va«lor, não só pelo trabalho que custou como pelos benefí«cios que dela se colhem, é o erguido cume, esmaltado de «rubis e esmeraldas, chão divino, donde é permitido, atra«vés do modêlo criado, abranger a complicada variedade «dos fenómenos astronómicos, prevê-los em cálculos pré«vios nas preciosas tábuas bem conhecidas dos navega«dores portugueses» [p. 53].

---

77 Não andam muito, que no erguido cume
Se acharam, onde um campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis tais que presume
A vista que divino chão pisava.
Aqui um globo vem no ar, que o lume
Claríssimo por elle penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Como a sua superfície, claramente.

Não tendo andado muito, Tétis e Vasco da Gama *acharam-se no erguido cume, onde um campo* [*uma planície*] *se esmaltava* [*estava esmaltada*] *de esmeraldas*] (1) e *rubis* (2), *tais que a vista presumia pisar* (3) *chão divino* [*olhar para chão divino*]. *Vem no ar* [*aparece no ar*] *um globo, pelo qual* (4) *penetrava claríssimo lume* [*luz*], *de modo que o seu centro, assim como a sua superfície, estavam cláramente evidentes.*

(1) Pedra preciosa de côr verde. (2) Pedra preciosa de côr vermelha. (3) «A vista presumia, etc.» [metalepse]: quem olhava para o chão presumia pisar, etc. (4) «Que... por êle» = pelo qual; cfr. *Fontes dos Lusíadas,* pp. 380, 494, 573.

Em *A Astronomia dos Lusíadas,* citada nas notas precedentes, lê-se [p. 54]:

«Sabélico mostra-nos o imperador Carlos V passando «os seus dias no mosteiro de S. Justo, longe dos negócios «e bulício do mundo, encantado com o instrumento admi«rável onde o insigne matemático Leonelo incluíra uma «representação completa das esferas celestes e dos astros «com seus movimentos, juntando também o movimento «perpétuo da oitava esfera. Nunca se ouvira falar duma «máquina assim nos séculos passados.

«Êste movimento perpétuo da oitava esfera é o movi«mento de trepidação que lhe é próprio. Podia assim ver-se «neste aparelho o curso ordenado das estrêlas em tôrno «dos «axes» da oitava esfera, os pontos equinociais mé«dios, polos do movimento de trepidação, a que Camões «se refere na est. 87.

«Dêste famoso aparelho de Leonelo devia Camões ter «tido conhecimento. ¿Teria êle visto algum modêlo seme«lhante?»

Cfr. na Advertência, e na vinheta de p. 18, «a oitava esfera».

78 Qual a materia seja não se enxerga,
Mas enxerga-se bem que está composto
De vários orbes, que a divina vêrga
Compôs, e um centro a todos só tem pôsto.
Volvendo, ora se abaxe, agora se erga,
Nunca s'ergue, ou se abaxa, e um mesmo rosto
Por toda a parte tem, e em toda a parte
Começa e acaba em fim, por divina arte:

Qual seja a matéria do globo [*verso 5 da estância precedente*], *não se enxerga* (1); *mas enxerga-se bem, que está composto de vários orbes, que a divina vêrga* (2) *compôs e que, a todos, pôs um centro só.* Êsse globo, *volvendo, ora se abaixe ora se erga, nunca se ergue ou se abaixa, e tem um mesmo rosto por toda a parte; e emfim, por divina arte, começa e acaba em toda a parte.*

(1) Não se percebe. (2) «Vêrga divina», o poder de Deus; «vêrga» = vara, símbolo da autoridade.

Na recitação do verso 5 não se faça pausa nas vírgulas.

Vol-ven- | do͡ o-ra | se͡ a-ba- | xe͡ a-go- | ra se͡ er- | ga
2 4 6 8 10

Comentário d'*A Astronomia dos Lusíadas*, aos primeiros quatro versos [p. 55]: «Não se enxerga a matéria que «compõe a parte celestial, porque a quinta essência ([1]) «não pode ser apreendida pelos sentidos, vendo-se através «dela a Terra no centro. Mas enxerga-se bem, que está «composta de vários orbes concêntricos à Terra; quer di-«zer, neste globo transparente podem distinguir-se os con-«tornos aparentes das onze esferas e, portanto, uma série «de círculos concêntricos..., [que representam] as sete

([1]) «Junto da região dos elementos está logo a região celestial «lúcida, e pelo seu ser imutável é livre de toda a mudança, tem con-«tínuo movimento circular e chamam-lhe os filósofos Quinta essên-«cia.» *Tratado da Sphera*, de Pedro Nunes, *apud Astronomia dos Lusíadas*, p. 20. Cfr. ADVERTÊNCIA, *mihi*, pp. 20 e 21.

«esferas planetárias, desde a Lua até a de Saturno, o Fir-«mamento, o Céu Áqueo ou cristalino, o primeiro móbil e «finalmente o Empíreo».

Sôbre os últimos quatro versos [*A Astronomia*, etc., p. 56].

Sôbre os versos 3 e 4:

«Nestes versos os orbes são «todos» concêntricos ao «mundo». [*Ibidem*, p. 15].

Sôbre o verso 5-8 [Id., p. 40]:

«Na definição de Euclides, a que se chamava a defini-«ção «causal» a esfera é uma superfície de revolução ge-«rada pelo movimento duma circunferência em tôrno do «diâmetro; cada ponto da curva generatriz descreve um «círculo cujo plano é perpendicular ao eixo de revolução».

«No primeiro verso [o 5.º da estância] está resumida «a definição de Euclides. A palavra «volvendo» indica «que a esfera é uma superfície de revolução; não se re-«fere ao movimento da esfera, porque a superfície externa «do globo pertence ao undécimo céu, ao Empíreo imóvel. «A esfera, «volvendo», isto é, curvando-se em tôrno do «eixo do mundo em círculos paralelos, ora se ergue, ora «se abaixa em relação a um plano horizontal».

«No segundo verso [o 6.º da estância] está resumida «a definição de Teodósio. A esfera não se ergue nem se «abaixa relativamente ao seu centro. E Tétis pode bem «mostrar no globo a propriedade da equidistância, porque, «sendo êle transparente, o seu centro, onde se vê a Terra, «está evidente, como a sua superfície, claramente». [*Ibi-«dem*, p. 40].

«O mundo arquétipo é pois, em última análise, o pró-«prio Deus. Que as propriedades da esfera reflectem os «atributos divinos, di-lo o Poeta na expressão «por divina «arte», com que terminou a est. 78, e no verso — «qual em «fim o arquétipo que o criou», da estância imediata.

«Mas a geometria esférica não desvenda afinal, de «modo satisfatório, o divino mistério, pois que [p. 47]:

> ... o que he Deus ningũ o entende.
> Que a tanto o engenho humano não se estẽde.

«Já vimos no capítulo anterior [p. 40 supra] que no «primeiro verso [1.º da 2.ª quadra] se exprime que a esfera «é uma superfície de revolução, podendo supor-se gerada «pelo movimento duma semi-circunferência em tôrno da «linha dos polos, subindo e descendo relativamente ao

«horizonte. No segundo verso [da 2.ª quadra] está ex-«pressa a propriedade da equidistância ao centro, não «subindo, nem descendo a superfície esférica em relação «a êste ponto; e «um mesmo rosto» traduz a proprie-«dade da esfera ser uma superfície de curvatura cons-«tante. Emfim, começando e acabando em qualquer ponto, «não tem princípio nem fim determinado, unindo-se o «princípio com o fim, por divina arte, isto é, segundo o «divino exemplar. Esta semelhança com Deus é comple-«tada na estância seguinte». [*Ibidem*, p. 56].

---

79 Uniforme, perfeito, em si sostido,
Qual em fim o archétipo que o criou.
Vendo o Gama êste globo, comovido,
De espanto e de desejo ali ficou.
Diz-lhe a deusa: «O trasunto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus, pera que vejas
Por onde vás e irás, e o que desejas,

O Gama, — vendo êste globo uniforme, perfeito, sustido em si, emfim, qual o Arquétipo (1) *que o criou —, ficou, ali, comovido de espanto e de desejo* (2). *A deusa diz-lhe: «Dou-te aqui aos teus «olhos, «— reduzido em pequeno volume —, o transunto* (3) *«do mundo; para que vejas para onde vais* (4) *e irás, «e o que desejas* (5)».

(1) Modêlo superior, Deus; a esfera que se via ali, representando o Universo, tinha as perfeições do Criador; «sostido em si», suspenso na atmosfera, se diz do globo terrestre e dos corpos celestes. (2) «Ficou, etc.»; tornou-se extático, enlevado, contemplando aquelas perfeições, e desejando saber como se explicariam. (3) Cópia. (4) «Por onde» = para onde [vaticínio de que iria para o Empíreo]. (5) Subentende-se: o que desejas saber.

«É esta constante curvatura [da esfera] que o Poeta «exprime, quando diz que o globo «um mesmo rosto por

«toda a parte tem» e quando lhe chama «uniforme» na «est. 79». [*Astronomia*, cit., p. 41; veja-se a transcrição nas notas da estância precedente].

---

80 Vês aqui a grande máchina do mundo,
Etérea e elemental, que fabricada
Assi foi do saber alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada.
Quem cerca em derredor êste rotundo
Globo e sua superfície tam limada,
É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende;
Que a tanto o engenho humano não se estende.

Aqui vês a grande máquina etérea (1) *e elementar* (2) *do mundo, que foi fabricada assim pelo alto e profundo Saber* (3), *que é* [*existe*] *sem princípio e* sem *meta limitada* (4). *Quem cerca em redor êste globo rotundo, e a sua tam limada* [*lisa*] *superfície é Deus* (5); *mas o que é Deus, ninguém o entende, pois a tanto não se estende* [*não chega*] *o engenho humano* (6).

(1) Dos céus. (2) Dos elementos; segundo a astronomia antiga, consideravam-se elementos o ar e o fogo, e supunha-se que estes formavam as primeiras camadas celestes em volta da terra; supondo-se também ser esta o centro do universo, cfr. ADVERTÊNCIA, pp. 18 e 21. (3) «Alto Saber», a Sabedoria divina, Deus. (4) «Meta limitada», marco de limite; fim [sem princípio nem fim]. (5) «Quem cerca, etc.»; era doutrina corrente que o último céu era o Empíreo, superior à esfera em que estavam fixadas as estrêlas; e que, segundo o paganismo, era a morada dos deuses; e, no catolicismo, o lugar dos bem-aventurados, dos santos, o Céu. (6) «O que é Deus, etc.»; afirma Faria e Sousa que os dois últimos versos contêm doutrina prègada por S. Paulo, S. Crisóstomo, e outros doutores da Igreja.

Observações do *A Astronomia dos Lusíadas* [pp. 39, 43, 57] sôbre a presente estância:

«A superfície dêste rotundo globo, superfície tam «limada» como se diz na est. 80, é uma superfície esférica. «Leia-se a definição de esfera, com que abre o capítulo I «do *Tratado da Sphera*, de Pedro Nunes.»

«No *Tratado da Sphera* lê-se, na parte do capítulo I, «intitulada — «Da redondeza do céu»:

«Que o céu seja redondo há três razões: semelhança, «proveito e necessidade. Pela semelhança se prova o céu «ser redondo, porque êste mundo sensível é feito à seme-«lhança do mundo arquétipo, em o qual não há princípio «nem fim. E por isso o mundo sensível tem figura redonda, «em a qual não há princípio nem fim.

«A máquina do mundo, assim mostrada ao Gama, «como transunto reduzido do universo, tal qual o concebia «a sciência do tempo, divide-se em duas regiões: etérea e «elemental.

«Na tradução de Pedro Nunes [do texto latino de «Sacrobosco] lê-se:

«A universal máquina do mundo se divide em duas «partes: Celestial e elemental. A parte elemental é sujeita «a contínua alteração, e divide-se em quatro, a saber: «terra, a qual está como centro do mundo no meio assen-«tada; segue-se logo a água, e por derredor dela o ar; e «logo o fogo que chega ao céu da lua, segundo diz Aristó-«teles no livro dos meteoros; porque assim os assentou «Deus glorioso e alto. E estes quatro são chamados ele-«mentos, os quais uns dos outros se alteram e corrompem «e tornam a gerar... Junto da região dos elementos está «logo a região celestial lúcida, e pelo seu ser imudável é «livre de toda a mudança, tem contínuo movimento cir-«cular, e chamam-lhe os filósofos Quinta essência».

Cfr. as transcrições [do *A Astronomia*, etc.], nas notas à est. 78.

---

81 «Êste orbe, que primeiro vai cercando
Os outros mais pequenos, que em si tem,
Que está com luz tam clara radiando,
Que a vista cega, e a mente vil também,
Empíreo se nomea, onde logrando
Puras almas estão de aquelle bem
Tamanho, que elle só se entende e alcança,
De quem não há no mundo semelhança.

Êste primeiro orbe (**1**) *que vai cercando os outros mais pequenos nele contidos*, e *que está radicando com tam clara luz, que cega a vista e também* cega *a mente vil* (**2**), *nomeia-se* [*chama-se*] *Empíreo, onde* [*no qual*] as *almas puras* (**3**) *estão logrando aquele tamanho bem, que só é entendido e alcançado por quem não há* [*não tem*] *no mundo bem semelhante.*

(**1**) «Primeiro orbe», o orbe superior ao oitavo céu e ao primeiro «móbil»; cfr. a gravura no vol. I, p. 18. (**2**) «Está radiando, etc.»; a luz que dimana do Empíreo é radiante, mas a vista do corpo humano não tem faculdade para divisá-la; por isso é «cega»; à mente de criaturas vis também não será dado o poder de descortinar essa luz. (**3**) «As almas puras», as almas dos entes humanos que foram virtuosos na terra; só essas é que hão-de ver o Empíreo, e nele gozar a bem-aventurança.

---

82 «Aqui só verdadeiros gloriosos
Divos estão: porque eu, Saturno e Jano,
Júpiter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal e cego engano.
Só pera fazer versos deleitosos
Servimos; e se mais o trato humano
Nos pode dar, é só que o nome nosso
Nestas estrêllas pôs o engenho vosso;

Aqui (1) *só estão os verdadeiros divos* (2) *gloriosos; porque eu, Saturno, Jano, Júpiter e Juno, somos* divos *fabulosos* (3), — *fingidos por mortal e cego engano* (4). *Só servimos para fazer versos deleitosos* (5); *e, se mais nos pôde dar o trato humano* (6), *foi só ter o vosso engenho* (7) *pôsto o nosso nome nestas estrêlas* (8).

(1) «Aqui», neste orbe, que representa o Empíreo. (2) «Verdadeiros divos», os santos; «divos» era o termo que entre os pagãos designava os deuses; aqui, tem a significação de «cristãos» que viveram segundo as leis divinas; IX, 90, nota última. (3) «Porque eu, etc.»; porque nós, deuses mitológicos, somos uma invenção da fábula. (4) «Fingidos, etc.»; foi a imaginação [fingimento] dos mortais [dos homens], que na cegueira do seu êrro [engano] nos criou; alusão aos erros do paganismo. (5) «Só servimos, etc.»; a liberdade poética emprega os nossos nomes como ornato literário para se fazerem versos de aprazível leitura. (6) «Trato humano, etc.»; o tratamento de mais valor, que nos dão os homens, é o que resulta de ser aplicado o nosso nome às estrêlas pelo engenho [invento] dos astrónomos. (7) «Vosso engenho»: refere-se não pròpriamente a Vasco da Gama, a quem Tétis está dirigindo a sua fala, mas aos sábios da humanidade, aos astrónomos. (8) «Nestas estrêlas», nos astros que vêdes representados nesta «máquina do mundo».

Note-se que Tétis, deusa mitológica, está falando a um católico, confessando ser falsa a sua divindade; o que tudo é ainda a liberdade poética da invenção fabulosa da Ilha dos Amores; deixando assim o Poeta a perceber que os entes mitológicos, que figuram no poema, designam a Divina Providência.

Nas *Fontes dos Lusíadas*, p. 71, o Sr. Dr. J. M. Rodrigues justifica estas ficções poéticas como a apologia dos poetas clássicos, feita pelo célebre poeta italiano Bocácio [1313-1375].

No verso 3, «fabulosos» parece dever interpretar-se no sentido evemerista; IX, 90 e notas [cfr. *Fontes dos Lusíadas*, p. 277 e sgs.].

---

83 «E também porque a Santa Providência,
Que em Júpiter aqui se representa,
Por espíritos mil que tem prudência,
Governa o mundo todo que sustenta.
Insina-o a prophética sciência
Em muitos dos exemplos que apresenta:
Os que são bons, guiando favorecem,
Os maos, emquanto podem, nos empecem.

E isto que fica dito é assim mesmo, *porque* (1) *a Santa Providência* (2) — *representada aqui* (3) *em Júpiter* — é quem *governa todo o mundo que sustenta*, *e* governa-o *por* meio de *mil espíritos que tem prudência* (4). Assim *o ensina a sciência profética* (5), *em muitos exemplos que apresenta: os* espíritos *que são bons, guiando-nos, favorecem-nos; os* espíritos *maus, empecem-nos* [*causam-nos dano*] *em tudo quanto podem.*

(1) Esta conjunção é continuada do «porquê» da estância precedente, verso 2. (2) «Santa Providência», o Deus verdadeiro. (3) «Aqui», no Empíreo, representado na «máquina» para a qual Tétis está apontando. (4) «Espíritos que tem prudência», seres incorpóreos, discretos, reservados, que não se dão a conhecer à humanidade [anjos bons e anjos maus]. (5) «Sciência profética», a Bíblia do Antigo Testamento.

A interpretação da presente estância é ainda assunto de diversas opiniões. Cfr. *Fontes dos Lusíadas*, 277 a 279.

84 «Quer logo aqui a pintura, que varia,
Agora deleitando, ora insinando,
Dar-lhe nomes, que a antiga poesia
A seus deuses já dera, fabulando:
Que os anjos de celeste companhia
Deuses o sacro verso está chamando;
Nem nega, que esse nome preminente
Também aos maos se dá, mas falsamente.

«*A pintura, — que varia* (1), *ora deleitando, ora ensinando —, quis logo aqui* (2) *dar-lhes nomes, que a antiga poesia, fabulando, dera já aos seus deuses; pois o verso sacro está chamando «deuses» aos anjos da companhia celeste* (3); *e não nega que êsse proeminente nome* de anjos *se dá também aos maus, mas falsamente* (4).

(1) Apresenta-se sob vários aspectos: umas vezes a pintura inventa, para deleitar; outras vezes copia a natureza, ensina, quem não viu uma paisagem de países longínquos, a conhecê-la por meio dum quadro; «aqui» = nestes céus que estais vendo em imagem. (2) «Pintura», é alusão às figuras inventadas pelos astrónomos para representarem as constelações celestes na esfera armilar, e alguns astros a que deram nomes dos deuses do paganismo: Marte, Vénus, Mercúrio, etc. (3) «O verso sacro, etc.»; alude-se à expressão do psalmo 49, *Deus Deorum*, cuja tradução literal é Deus dos Deuses; para significar Deus dos Anjos. (4) «Nem nega, etc.»; que a poesia sacra também continuou a chamar anjos, indevidamente, aos que o foram mas deixaram de o ser; por isso acrescenta-lhes o epíteto de «maus» [Lusbel, Lúcifer].

*

85 «Em fim que o sumo Deus, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda.
E tornando a contar-te das profundas
Obras da mão divina veneranda,
Debaxo d'êste círculo, onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda,
Outro corre tam leve e tam ligeiro,
Que não se enxerga: é o móbile primeiro.

«*Emfim o Sumo Deus, — que no mundo obra por* intermédio de *segundas causas* (1) —, *manda tudo. Mas* (2), — *torno* [*volto*] *a contar-te* o que sei *das profundas obras da veneranda mão divina* (3): *debaixo dêste círculo* (4), *onde as mundas* [*puras*] *almas* (5) *divinas gozam* a bemaventurança, — círculo *que não anda* [*se não move*] —, *corre outro tam leve e ligeiramente, que não se enxerga* (6): *é o móbil primeiro* (7).

(1) «Sumo Deus, etc.»; o Ente Supremo é a causa primária de tudo quanto acontece no mundo; é a causa das causas. (2) A conjunção liga a exposição da est. 81 — exposição interrompida nas três estâncias imediatas, em que Tétis fala de como foram dados às estrêlas os nomes dos deuses, etc. (3) «Obras, etc.»; Tétis continua a explicar o que é o universo, o conjunto das obras divinas. (4) «Êste círculo», o do Empíreo, que é imóvel, não anda. (5) «Mundas almas», as almas puras, as almas dos santos, dos bem-aventurados. (6) Que o círculo imediato [nono céu] gira com tal velocidade, que não se vê; não parece que gira. (7) «Móbil primeiro», o primeiro motor, o que imprime movimento aos demais círculos, que estão dentro dêle, e que representam outros tantos céus. Cfr. Advertência, *mihi*, p. 18.

No verso 1, «que» é pleonástico, expletivo.

Excerptos de *A Astronomia dos Lusíadas:*

«A décima esfera é introduzida na est. 85; é o círculo «que corre ligeiro logo por baixo do Empíreo imóvel. Êste «movimento do primeiro móbil leva com seu ímpeto todas

«as esferas interiores; é o movimento diurno. Isto exprime «o Poeta na primeira parte da admirável est. 86 [p. 26].

«Do primeiro móbil diz Sacrobosco [tradução de Pedro «Nunes]: mas o primeiro movimento «move e leva» com «seu impeto todas as outras esferas e em um dia e sua «noite fazem por derredor da terra uma revolução» [p. 58].

---

86 «Com êste rapto e grande movimento
Vão todos os que dentro tem no seio.
Por obra d'este, o sol andando a tento,
O dia e noite faz, com curso alheio.
Debaxo d'êste leve anda outro lento,
Tam lento e sojugado a duro freio,
Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá elle um passo.

Com êste rapto [*rápido*] (1) *e grande movimento do* primeiro móbil *vão* [*andam*] *todos os* círculos *que* êle *tem dentro do* seu *seio; por obra* [*pela acção*] *dêste* movimento, *o sol, — andando a tento* (2) —, *faz o dia e a noite com curso* [*com impulso e andamento*] *alheio* (3). *Debaixo dêste leve* [*ligeiro*] *móbil, anda outro* círculo *lentamente* (4), *tam lentamente e tam subjugado* [*reprimido*] *por duro freio* (5), *que emquanto Febo* [*o sol*] — *nunca escasso de luz* (6) —, *faz duzentos cursos, êle* [*o outro circulo, debaixo do primeiro móbil o das estrêlas*] *dá um passo* (7).

(1) Adjectivo só usado em poesia. (2) «A tento», acauteladamente, com precaução, com toda a regularidade. (3) «Com curso alheio», com o andamento diurno do quarto céu, o sol fazia o dia no hemisfério oriental emquanto era noite no hemisfério ocidental; segundo a astronomia antiga o sol não se movia; quem se movia era o círculo em que êle estava. (4) «Outro círculo, etc.»; o das estrêlas fixas [cfr. gravura, p. 18]; o adjectivo «lento», no texto, exerce função de advérbio. (5) «Subjugado a duro freio», movimento reprimido, por isso

é lento. (6) «Nunca escasso de luz», a luz do sol nunca se apaga; quando não a vemos em um hemisfério, é porque está em outro hemisfério. (7) «Duzentos cursos», referência ao tempo em que os astros percorrem as suas órbitas: emquanto o sol percorre as constelações do zodíaco duzentas vezes, as estrêlas do céu apenas dão um passo.

Lê-se em *A Astronomia dos Lusíadas* [pp. 26, 56, 59]:

«Êste movimento do primeiro móbil leva com seu ímpeto todas as esferas interiores; é o movimento diurno. «Isto exprime o Poeta na primeira parte da admirável «est. 86.

«Nos últimos quatro versos descreve o movimento «dos auges e estrêlas fixas, próprio da nona esfera. Como «esta faz a sua revolução em 49:000 anos, anda em 200 «anos 1 grau e 28 minutos aproximadamente, o que, sendo «menos de grau e meio, o Poeta arredonda num grau, e «chama-lhe um passo. O cristalino ou céu áqueo dá um «passo emquanto o céu deferente do sol dá 200 voltas.

«Comunicando-se o movimento de cada esfera às «que «dentro tem no seio», há a distinguir, em cada céu, o mo«vimento que lhe é próprio dos que lhe são alheios, pro«venientes das esferas superiores. Assim o curso próprio «do sol é o seu movimento anual que êle tem no excên«trico, seu deferente na quarta esfera; e o seu movimento «diurno é curso alheio, causado pelo primeiro móbil.

«Note-se sempre como CAMÕES reúne à formosura dos «versos o rigor scientífico das doutrinas do seu tempo.

«Faria e Sousa parece considerar «rapto» como subs«tantivo e diz que é termo próprio dos matemáticos...

«Parece-nos porêm que o Poeta emprega «rapto» como «adjectivo, exprimindo com as duas palavras «movimento «rapto» a mesma idea do substantivo «rapto»...

«Aqui [na *Chronographia*, de André de Avelar, 1594] «está o movimento diurno do sol designado como «mo«vimento rapto», isto é, movimento de arraste, prove«niente do primeiro móbil em oposição ao movimento «próprio «per obliquo» na ecliptica.

«O Poeta diz análogamente que todas as esferas con«tidas no seio da décima esfera vão com êste «rapto e «grande movimento», isto é, com o grande movimento «de arraste em que são levados por esta esfera. Hoje o «primeiro móbil é a Terra. É a rotação da Terra que «produz o movimento diurno dos astros. É êste «rapto «e grande movimento» em que somos levados no globo

«terráqueo que nos dá a aparência do movimento diurno «do firmamento. O verso do Poeta ainda tem actualidade «aplicado à Terra.

«Na segunda parte da est. 86 é descrita a nona esfera «ou segundo móbil, também chamado Céu Áqueo ou Cris«talino, designada na figura por *Coelum aqueum*. O Crista«lino é a esfera propulsora do movimento dos «auges e «estrêlas fixas», etc.».

Na gravura de p. 18 do volume I [*mihi*] não está indicada esta esfera; cfr. ADVERTÊNCIA, p. 23 e est. 90.

---

87 «Olha est'outro debaxo, que esmaltado
De corpos lisos anda e radiantes,
Que também nelle tem curso ordenado,
E nos seus axes correm scintilantes.
Bem vês como se veste, e faz ornado
Co largo cinto d'ouro, que estrellantes
Animais doze traz afigurados,
Aposentos de Phebo limitados.

Olha estoutro círculo — *debaixo* do nono (**1**), — *que anda esmaltado de lisos e radiantes corpos* (**2**) *que também tem nele ordenado* (**3**) *curso, e correm scintilantes nos seus axes* (**4**). *Bem vês como se veste, e se faz ornado com o largo cinto de ouro, que traz afigurados doze animais estrelantes* (**5**): são *os limitados aposentos de Febo* (**6**).

(**1**) Referência ao círculo do Zodíaco, — o oitavo céu, que se chamava o «firmamento» por se supor que ali demoravam as estrêlas «fixas» [firmes]. (**2**) «Esmaltado, etc.»; o céu adornado de estrêlas scintilantes. (**3**) «Que também, etc.»; que as estrêlas, assim como o círculo nono, tem também curso regrado, «uniforme». (**4**) Eixos. (**5**) «Como se veste, etc.»; repetição por outras palavras da idea expressa no verso 5 [perífrase do zodíaco]; o céu adornado com as constelações dos signos, que os astrónomos figuram no papel com os nomes de animais: touro, carneiro, peixes, caranguejo, etc. (**6**) «Limitados, etc.»;

alude-se às doze constelações zodiacais, que, na sua zona circular, parece que são percorridas pelo sol [Febo] no espaço de um ano; limitando-se o percurso do sol a essas constelações, — por isso [fig.] «limitados aposentos» —, não podia entrar noutros.

Lê-se em *A Astronomia dos Lusíadas* sôbre a presente estância [pp. 27, 33, 61, 88]:

«Os corpos «lisos e radiantes», que esmaltam o oitavo céu são as estrêlas... Como as estrêlas estão fixas neste céu, quando o Poeta diz que «nele» tem curso ordenado, significa apenas que elas são levadas no movimento regular próprio do firmamento; e que se trata do movimento próprio ao oitavo céu, indica-o na palavra «também». As estrêlas teem o movimento alheio que o primeiro móbil comunica a todos os orbes que «dentro tem no seio»; e teem mais o movimento alheio que o segundo móbil, por seu turno, comunica a todas as esferas interiores; mas não teem só estes dois movimentos, teem «também» o curso ordenado, próprio do firmamento. A palavra «seus» aplicada no verso seguinte aos eixos em volta dos quais as estrêlas «correm scintilantes», acentua que se não trata de curso alheio.

«Camões dizendo — «axes» —, no plural, refere-se aos extremos do eixo, como na est. 84 do canto VI:

«Cair o céu dos eixos sôbre a terra».

«Os eixos do céu, que aqui significa toda a máquina celestial, são os extremos do eixo do mundo, polos do movimento diurno. O céu ameaça desprender-se dos polos ártico e antártico, e desabar sôbre a terra.

«As estrêlas são, através do século XVI, consideradas como núcleos de condensação da matéria de que os céus são compostos, brilhando com a luz recebida do sol... Assim, na est. 87 do canto X..., as estrêlas são corpos «lisos», como espelhos radiantes com a luz que recebem do sol; brilham com «luz alheia» [II, 60].

«CAMÕES reflecte a opinião corrente no seu tempo, não atribuindo luz própria às estrêlas.

«O largo «cinto de ouro», com que o firmamento se veste e faz ornado, é o zodíaco, que o cinge com a profusa pregaria de ouro das constelações zodiacais. Os doze animais estrelantes «afigurados» são as doze constelações do zodíaco, cujas estrêlas, pela sua disposição «pintam e semelham» a figura de animais. Os aposentos do Phebo

limitados são os doze signos, da extensão de 30 graus cada um, em que se divide o zodíaco, e a que se deram os mesmos nomes das constelações, os quais o sol vai sucessivamente percorrendo no seu movimento anual ao longo da eclíptica, demorando-se em cada um dêles um espaço de tempo de cêrca de um mês.

«O sol, percorrendo a eclíptica, linha média do zodíaco, ocupa sucessivamente cada um dos «signos», que se chamavam também «casas» do sol. Por isso o Poeta lhes chama «aposentos» de Phebo limitados. São «limitados» à extensão de 30 graus cada um, perfazendo os doze os 360 graus da volta inteira do zodíaco».

---

88 «Olha por outras partes a pintura
Que as estrêllas fulgentes vão fazendo;
Olha a Carreta, atenta a Cinosura,
Andrómeda e seu pai, e o Drago horrendo;
Vê de Cassiopea a fermosura,
E do Orionte o gesto metuendo;
Olha o Cisne morrendo que sospira,
A Lebre, os Cães, a Nao e a doce Lira.

«*Olha, por outras partes, a pintura* (1) *que estão fazendo as fulgentes estrêlas; olha a Carreta* (2), *atenta* [*observa bem*] *a Cinosura* (3), *Andrómeda* (4) *e seu pai* (5) Cefeu *e o Drago* (6) *horrendo. Vê a formosura de Cassiopea* (7), *e o gesto metuendo de Orionte* (8); *olha o Cisne* (9) *que suspira morrendo;* olha *a Lebre, os Cães* (10), *a Nau* (11) *e a doce Lira* (12).

(1) «Pintura»: o delineamento das diversas constelações, que os antigos astrónomos indicavam nos mapas ou cartas celestes, ligando as diversas estrêlas por linhas imaginárias formando diferentes figuras. (2) «Carreta»: designação popular da Ursa Maior, constelação boreal próxima do polo Ártico; também é denominada carro de David; v, 15, nota 4. (3) «Cinosura», constelação boreal denominada Ursa Menor; na mitologia grega, nome duma ninfa,

que por Zeus foi transformada em estrêla. (4) «Andrómeda», constelação boreal; na mitologia grega, nome duma filha de «Cefeu» [rei lendário da Etiópia] e de «Cassiopea» [rainha da Etiópia]; Cefeu e Cassiopea são também os nomes de duas constelações boreais; na lenda mitológica a Cassiopea, por ser muito formosa, disputava o prémio da beleza às Nereidas; Júpiter, para estas se vingarem, inventou um monstro que assolava a Etiópia; para o aplacar, consultou-se um oráculo, que respondeu ser necessário que Andrómeda fôsse exposta aos furores do monstro; a princesa, ligada a um rochedo pelas Nereidas, ia ser devorada, quando acudiu Perseu montado sôbre um cavalo alado, e libertou a princesa, sendo ela então e os pais transformados em estrêlas. (5) Veja-se a nota precedente. (6) «Drago», dragão; constelação boreal entre a Ursa Menor e Cefeu: na mitologia, monstro fabuloso que é representado geralmente com asas, garras de leão, e cauda de serpente; imaginou-se um dragão a guardar os pomos de ouro no jardim das Hespérides; e outro, a servir de guarda ao Tosão de Ouro, raptado pelos argonautas. (7) Veja-se a nota 4. (8) Nome do caçador que Diana transformou em constelação, por lhe ter faltado ao respeito [não se confunda com Actéon]; VI, 85. (9) «Cisne», constelação boreal; na mitologia [Cicnus] filho do rei da Ligúria e amigo de Faetonte, por cuja morte chorou tanto que foi transformado em cisne e colocado no céu; IX, 43. (10) «Lebre», constelação boreal; a lebre que Orion perseguia andando à caça; «Cães», outra constelação, os cães de caça de Orion. (11) Constelação boreal; a nau Argos, que depois da viagem à Cólquida foi convertida nessa constelação. (12) Constelação boreal; na fábula a lira de Orfeu, filho de Apolo; colocada no céu e convertida em estrêla.

---

89 «Debaxo d'êste grande firmamento
Vês o ceo de Saturno, deus antigo;
Júpiter logo faz o movimento,
E Marte abaxo, béllico inimigo;
O claro ôlho do ceo no quarto assento,
E Vénus, que os amores traz consigo;
Mercúrio, de eloqüência soberana;
Com três rostos debaixo vai Diana.

«*Debaixo dêste grande firmamento* (**1**) *vês o céu de Saturno* (**2**), *deus antigo; Júpiter* (**3**) *faz logo* abaixo *o* seu *movimento, e abaixo* está *Marte* (**4**), *bélico inimigo; o claro ôlho do céu* (**5**) está *no quarto assento; e* no terceiro está *Vênus* (**6**), *que traz consigo os amores;* e vês, no segundo círculo, *Mercúrio* (**7**), *de soberana eloqüência; debaixo vai Diana* (**8**) *com três rostos.*

(**1**) Grande firmamento; oitavo céu. (**2**) Planeta, que tomou êsse nome da fábula, no sétimo céu. (**3**) Planeta no sexto céu. (**4**) Planeta no quinto céu; «belo inimigo», por ter o nome do deus da guerra. (**5**) «Claro, etc.»; perífrase do sol, no quarto céu. (**6**) O planeta chamado também estrêla vespertina [quando aparece ao anoitecer], e estrêla de alva [quando aparece ao amanhecer] no terceiro céu [identificado com a deusa dos amores]. (**7**) Pequeno planeta, o mais próximo do sol no segundo céu; o deus da fábula com êsse nome era protector da eloqüência [assim como também do comércio e dos ladrões]. (**8**) A lua no primeiro céu: três rostos, porque os poetas fingiram Diana de três formas: Lucina, deusa que presidia ao nascimento, no céu; Diana, deusa da caça, na terra; e Prosérpina, nos infernos. Os três rostos da Diana aqui são as três fases: a lua cheia, e os quartos crescente e minguante; na lua nova não há rosto porque a lua se «esconde».

Estão aqui representados os «sete céus» [I, 21]; cfr. ADVERTÊNCIA, p. 18.

---

90 «Em todos estes orbes differente
Curso verás, nuns grave e noutros leve;
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breve;
Bem como quis o padre omnipotente,
Que o fogo fez, e o ar, o vento e neve,
Os quaes verás que jazem mais a dentro,
E tem, co mar, a terra por seu centro.

«*Em todos estes orbes* (**1**) *verás curso diferente;*

nuns, curso *grave* (2); *e noutros*, *leve* (3): *ora fogem* (4) *do centro longamente, ora estão a caminho breve da terra* (5), *como bem quis o omnipotente Padre* (6), *que fez o fogo e o ar, o vento e a neve, os quais* (7) *verás que jazem mais a dentro, e tem o mar e a terra por seu centro.*

(1) Círculos, representando os céus; veja a nota precedente. (2) Vagaroso. (3) Ligeiro. (4) Correm velozmente a grande distância [longamente]. (5) Alguns orbes estão longe do centro [a Terra]; outros estão a breve distância do mesmo centro; os que estão mais distantes [no seu curso aparente em volta da terra] andam mais depressa. (6) Pai; Deus. (7) Refere-se o pronome a «fogo, ar», etc., — os elementos, que, segundo a antiga astronomia, havia interpostos entre a terra e o primeiro céu; veja-se a figura na ADVERTÊNCIA, p. 18.

Os antigos astrónomos distinguiam — céus, orbes e esferas — para explicar a complicada teoria dos «epiciclos e excêntricos»; cfr. ADVERTÊNCIA, p. 25.

Acêrca dos «círculos e movimento dos planetas», diz o Sr. Dr. Luciano Pereira da Silva em *A Astronomia dos Lusíadas*, p. 66 [depois duma transcrição do *Tratado da Sphera*, já citado]:

«Na descrição dos movimentos planetários CAMÕES refere-se apenas aos excêntricos, não pensando em descrever os tam diversos movimentos dos epiciclos... E que especialmente se consideram os céus excêntricos, torna-se clara na est. 90.

«Estes orbes [verso 1] são os excêntricos deferentes dos planetas, mais afastados do centro da Terra, no auge ou apogeu, e mais perto pêlo no perigeu. Tem curso mais grave o deferente de Saturno em 30 anos, e o de Júpiter em 12; o de Marte faz seu curso em 2 anos, e os do Sol, Vénus e Mercúrio em 1 ano; o curso mais leve é o da Lua em 27 dias e 8 horas.

«Pondo de parte os espiciclos, peças menores com tam variados movimentos, o Poeta reduz as esferas planetárias à simplicidade da do Sol; e assim pode manter aquela linha de sobriedade com que vem sendo feita esta admirável descrição da máquina do mundo».

---

91 «Neste centro, pousada dos humanos,
Que não sómente ousados se contentam
De soffrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instábil esprimentam,
Verás as várias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se apousentam
Várias nações, que mandam vários reis,
Vários costumes seus e várias leis.

«*Neste centro* (1), *pousada* (2) *dos humanos,* — *que, ousados, não se contentam sómente de sofrer os danos da terra firme, mas experimentam ainda o mar instábil* (3), — *verás as várias partes* (4), *que os insanos* (5) *mares dividem,* e *onde se aposentam* (6) *várias nações, que vários reis, vários costumes,* e *várias leis mandam* [*governam*] (7).

(1) Neste globo — a Terra — que é o centro do universo. (2) Habitação. (3) Movediço, inquieto [ora bonançoso, ora tempestuoso]. (4) Regiões, paises. (5) Loucos, inquietos; cfr. verso 4, «mar instábil». (6) Residem. (7) Nas estâncias precedentes fez-se a descrição da esfera celeste; agora, e em seguida, vem a descrição geográfica da Terra.

---

92 «Vês Europa christã, mais alta e clara
Que as outras em polícia e fortaleza;
Vês Africa, dos bens do mundo avara,
Inculta e toda chea de bruteza,
Co cabo, que atéqui se vos negara,
Que assentou pera o Austro a natureza.
Olha essa terra toda, que se habita
D'essa gente sem lei, quási infinita.

«*Vês a Europa cristã,* — *mais alta* (1) *e clara* (2) do *que as outras* nações *em polícia* (3) *e fortaleza* (4); *vês África,* — *avara dos bens do mundo, inculta*

e toda cheia de bruteza (**5**), *com o Cabo que até aqui se vos negara, e que a natureza assentou para o Austro* (**6**); *olha essa terra toda que é habitada por quási infinita gente* (**7**) *sem lei* (**8**).

(**1**) Nobre. (**2**) Ilustre. (**3**) Civilização. (**4**) Energia. (**5**) «Avara dos bens do mundo, etc.»; guardando avaramente — por serem estúpidos, os habitantes — as riquezas do seu território, e não permitindo que as explorem os povos civilizados [«esconde em si luzentes veias»: VII, 11]. (**6**) «Com o Cabo, etc.»; e lá vês em África, o cabo [da Boa Esperança], para a banda do Austro [Sul], que até há pouco tempo vos era desconhecido. (**7**) «Infinita gente» [hipérbole], muito numerosa. (**8**) «Sem lei», sem religião, idólatras.

---

93 «Vê do Benomotapa o grande império,
De selvática gente, negra e nua,
Onde Gonçalo morte e vitupério
Padecerá pola fé sancta sua.
Nace por êste incógnito hemisfério
O metal por que mais a gente sua;
Vé que do lago, d'onde se derrama
O Nilo, também vindo está Cuama.

«*Vê o grande império de Benomotapa, de selvática, negra e nua gente* (**1**), *onde Gonçalo* da Silveira *padecerá vitupério* [*afrontas*] *e morte pela sua* [*por amor à sua*] *santa fé* (**2**). *Por êste ignoto hemisfério* (**3**) *nasce o metal por cuja causa a gente* [*a humanidade*] *mais sua* [*mais se afadiga*] (**4**); *vê também, que* o rio *Cuama está vindo do* mesmo *lago donde se derrama* [*donde sai*] *o Nilo* (**5**).

(**1**) «Benomotapa...», também chamado Manopotapa: era extensa e populosa região [por isso aqui denominada «império»]; abrangia os territórios que actualmente cons-

tituem os distritos portugueses de Manica e Sofala, e em parte a Rodésia britânica; os habitantes eram pretos selvagens. (2) «Gonçalo da Silveira», padre português; quando prègava a palavra evangélica foi morto pelo gentio [1555] naquela região. (3) «Por êste, etc.»; a preposição «por» tem aqui sentido indeterminado: em vários pontos dêste hemisfério [do sul]. (4) «Nasce o metal, etc.»; nestas regiões há «ouro» — o metal, que mais nos faz suar para o alcançarmos, e para com êle comprarmos o que desejamos; metal que se extrai do solo escavando-o, ou da areia do rios; o verso «nascer», aqui, é liberdade poética, porque sómente em muito remota antiguidade julgavam alguns filósofos que os metais nasciam e cresciam no solo por influência dos astros. (5) «Lago donde, etc.»; o lago Tanganica, do qual [supunha-se] brotavam para o norte as águas do Nilo, e para o sul as do rio Cuama — denominação antiga de Quelimane [confluente do Zambeze — que se julgava ser o mesmo Quelimane].

---

94 «Olha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados em seus ninhos,
Na justiça real e defensão,
E na fidelidade dos vizinhos.
Olha d'elles a bruta multidão,
Qual bando espesso e negro de estorninhos,
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia com destreza.

«*Olha como estão sem portas* (1) *as casas dos negros, confiados, — nos seus ninhos* (2) — , *na justiça e defensão rial e na fidelidade dos vizinhos. Olha! a bruta multidão dêles, — qual espesso e negro bando de estorninhos* — , *combaterá* contra *a fortaleza de Sofala, que Nhaia* (3) *defenderá com destreza.*

(1) Tétis chama a atenção do Gama para o facto de não terem portas as casas dos negros, — para indicar que entre êles há confiança na justiça e na bondade e defesa efectiva dos seus vizinhos; o que é ficção literária, porque

em verdade êles vivem em palhotas, mas não possuem nelas haveres que tentem a cobiça dos vizinhos. (2) «Ninhos», chama o Poeta, já em outros lugares, às vivendas da família humana; e compara êsses pretos a pássaros de plumagem negra. (3) Pedro de Anaia, ou Nhaia, cavaleiro, que de caminho para a Índia [1505], como capitão das naus portuguesas, construiu uma fortaleza em Sofala, com o consentimento do Régulo; êste, porém, arrependido de ter dado tal permissão, pretendeu destruí-la, sitiando a praça com seis mil cafres, que Pedro Anaia desbaratou; «combaterá», diz Tétis, profetizando o caso futuro.

---

95 «Olha lá as alagoas, d'onde o Nilo
Nace, que não souberam os antigos;
Vê-lo, rega, gerando o crocodilo,
Os povos Abassís, de Christo amigos.
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem milhor dos inimigos.
Vê Méroe, que ilha foi de antiga fama,
Que ora dos naturais Nobá se chama.

«*Olha! lá* estão *as lagoas* (**1**) *donde nasce o Nilo* (**2**), e *que os antigos não souberam* [*não conheceram*]; *vê-o;* êsse rio, *gerando o crocodilo* (**3**), *rega* as terras dos *povos abexins, amigos de Cristo* (**4**)! *Olha como* êles, *sem muros — novo estilo* [*novo costume*] (**5**) — *se defendem melhor dos inimigos! Vê Méroe que foi ilha de antiga fama* e *que os naturais chamam agora Nobá* (**6**).

(**1**) «As lagoas», os lagos Tanganica e Niassa; x, 93. (**2**) «Nilo»; II, 53; IV, 62; VII, 7; X, 93; etc. (**3**) Grande e perigoso anfíbio, gerado nos rios das regiões tropicais. (**4**) «Abexins, etc.»; os naturais da Abissínia intitulavam-se cristãos; IV, 62, 64, 65; X, 50, 68; etc. (**5**) «Sem muros, etc.»; os abexins não cercavam de muralhas nem de grandes castelos as suas povoações, como era costume na Europa; tinham os outeiros da região, que era muito montanhosa,

para se defenderem de qualquer invasão dos povos vizinhos; por isso considerava-se novo estilo [nova maneira] de defesa a guerra usada pelos abexins; com a significação idêntica se deve interpretar a palavra «estilo» em III, 89, etc. (6) «Méroe», julgava-se em tempos remotos, que era uma ilha [é península no delta do Nilo] na qual uma cidade do mesmo nome tinha sido florescente antes da conquista do Egipto por Cambises, rei da Pérsia [século V A. C.]; depois do Egipto haver recuperado a sua independência, a cidade tomou o nome de Nobá. [Barros, III, 4, 2].

---

96 «Nesta remota terra, um filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro;
Há de ser dom Christóvam o nome seu;
Mas contra o fim fatal não há reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospício gasalhoso e caro.
O Rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obi, entra em Quilmance,

«*Nesta remota terra* (1) *um filho teu será claro* [*ilustre*], *nas armas* [*na guerra*] *contra os turcos; há-de ser D. Cristóvão* (2) *o seu nome; mas, contra o fim fatal, não há reparo* [*remédio*]. *Vê cá a costa do mar, onde Melinde* (3) *te deu hospício gasalhado e caro* [*carinhoso*]. *Nota o rio Rapto* (4), *que o romance* (5) *da terra chama Obi,* e *entra em Quilmance.*

(1) Referência à Etiópia e às terras da Abissínia, — remotas por estarem no interior de África, longe da Europa e longe da ilha em que Tétis está falando. (2) Tétis profetiza: que D. Cristóvão, filho de Vasco da Gama, por mandado de seu irmão, governador da Índia, iria socorrer o Preste João, imperador da Abissínia, contra uma invasão de turcos; e que os destruiria em duas batalhas; que lá seria morto [fim fatal] em uma terceira batalha; mas que ficaria vitoriosa a gente portuguesa. (3) «Vê cá, etc.»; contraposição à «longínqua» terra da Etiópia; Tétis está no Oceano Índico, onde era situada a cidade de Melinde,

e onde Vasco da Gama havia sido carinhosamente recebido e festejado; II «in fine», e VI «in principio». (4) Nome antigo dum rio que na língua do país se chamava Obi [João de Barros, II, 1, 6; III, 1, 4]: «nas serras do reino Adeá nasce o rio Obi que Ptolomeu chama Rapto, e que vai sair ao Oceano na povoação Quilmance, junto de Melinde». (5) «Romance» tinha a significação de «linguagem vulgar do país»; para se diferençar do latim, introduzido na linguagem literária dos países conquistados pelos romanos.

---

97 «O cabo vê já Arómata chamado,
E agora Guardafú, dos moradores,
Onde começa a bôca do afamado
Mar Roxo, que do fundo toma as côres.
Êste como limite está lançado,
Que divide Ásia de África, e as milhores
Povoações, que a parte África tem,
Maçuá são, Arquico e Suamquém.

«*Vê o cabo* antigamente *chamado Arómata, e agora, pelos moradores,* chamado *Guardafui* (1); é *onde começa a bôca do afamado Mar Roxo* (2), *que toma as côres do fundo. Êste* mar *está lançado como limite que divide* a *Ásia da África; as melhores povoações que tem* a *África nesta parte, são Maçuá* (3), *Árquico e Suaquêm* (4).

(1) «Cabo Guardafui»: à entrada do gôlfo de Áden, e entrada do Mar Vermelho. (2) Mar Vermelho, cfr. *passim*; as suas águas parecem vermelhas reflectindo a côr do fundo; II, 49. (3) Ilha do Mar Vermelho na costa africana. (4) «Árquico», cidade antiga da Abissínia; «Suanquêm» hoje Suaquim, cidade da Núbia. [João de Barros, III, 9, 6].

---

98 «Vês o extremo Suez, que antigamente
Dizem que foi dos Héroas a cidade,
Outros dizem que Arsínoe; e ao presente
Tem das frotas do Egipto a potestade.
Olha as águas, nas quaes abriu patente
Estrada o gram Mousés na antiga idade.
Ásia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.

«*Vê o extremo Suez* (**1**), *que, dizem, foi antigamente a cidade dos Héroas* (**2**); — *outros dizem* que foi de *Arsínoe* (**3**) —, *e ao presente tem a potestade das frotas do Egipto* (**4**). *Olha as águas nas quais o grande Moisés, na antiguidade, abriu estrada patente* (**5**). *Começa aqui a Ásia, que se apresenta grande em terras, e opulenta em reinos* (**6**).

(**1**) «O extremo Suez»; a povoação assim chamada no extremo norte do Mar Vermelho, próxima do sítio onde se abriu o canal; IX, 2. (**2**) «Héroas»; Heroopolis [João de Barros; II, 8, 1], cidade do Egipto sôbre um canal que vai de um braço do Nilo ao lago Timsah. (**3**) «Arsinoe»; do nome duma princesa egipcia; IX, 2. (**4**) Quando Vasco da Gama descobriu o novo caminho da Índia, era no porto de Suez que se armavam as tropas do Soldão do Egipto. (**5**) «Olha as águas, etc.»; perífrase do Mar Vermelho [IV, 63; VI, 81; X, 52]; aludindo à Escritura onde se refere que, nas proximidades de Suez, em el Tor, Moisés atravessou aquele mar com o povo de Israel, a pé enxuto, fazendo apartar as águas, abrindo nelas caminho [«patente» é pleonasmo]. (**6**) Tétis indica a parte do globo em que se vê a Ásia, extensa e opulenta.

99 «Olha o monte Sinai, que se ennobrece
Co sepulchro de sancta Caterina.
Olha Toro e Gidá, que lhe falece
Água das fontes doce e cristalina.
Olha as portas do estreito, que fenece
No reino da sêca Ádem, que confina
Com a serra d'Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos ceos se não deriva.

«*Olha o monte Sinai* (1), *que se ennobrece com o sepulcro de Santa Catarina* (2); *olha Toro* (3) *e Gidá* (4), *às quais falece* [*falta*] a *água doce e cristalina das fontes! Olha as portas do Estreito* (5), *que fenece no reino da sêca Áden* (6), *que confina com a serra de Arzira* (7) —, *pedra viva onde* a *chuva não se deriva dos céus* (8).

(1) Montanha na Arábia, onde Moisés, segundo a Escritura, foi receber as «tábuas da lei», depois de passar o povo de Israel. (2) Santa Catarina de Alexandria, mártir [princípio do século IV], sepultada numa igreja de Suez. (3) «Toro», nas cartas geográficas modernas, cidade e pôrto na costa arábica do Mar Vermelho, no gôlfo de Suez por 28º de latitude. (4) Jeddha e Djedah, nas cartas modernas, pôrto e cidade na mesma margem arábica por 21º de latitude; principal pôrto que dá serventia para as peregrinações dos muçulmanos a Meca: em toda esta costa há falta de nascentes; guardam-se em cisternas as águas das chuvas. (5) O estreito de Bab-el-Mandeb, pelo qual o Mar Vermelho se une com o Oceano Índico. (6) Áden [modernamente], cidade forte da Arábia, ocupada pelos ingleses; raramente ali chove, por isso «sêca». (7) Hoje Jebeljafa, serra petrea composta só de penhascos [João de Barros, II, 5, 2, 7, 8]. (8) «Não se deriva», a água não vem, não cai do céu; não há chuvas naquela serra, como sucede em Áden.

---

100 «Olha as Arábias três, que tanta terra
Tomam, todas da gente vaga e baça,
Donde vem os cavallos pera a guerra,
Ligeiros e feroces, de alta raça.
Olha a costa, que corre até que cerra
Outro estreito de Pérsia, e faz a traça
O cabo, que co nome se apellida
Da cidade Fartaque ali sabida.

«*Olha as três Arábias* (1), *que tomam tanta terra* (2), *todas* habitadas *pela gente vaga* (3) *e baça* (4), e *donde vem os cavalos para a guerra, ligeiros* (5), *ferozes* (6), *de alta raça* (7)! *Olha a costa que corre* (8) *até que cerra* (9) *outro estreito* (10), o *da Pérsia; e faz a traça* (11) *do cabo que se apelida com o nome de cidade Fartaque* (12), *ali sabida* (13).

(1) Arábia Feliz, Arábia Petrea, Arábia Deserta; IV, 63. (2) «Tomam, etc.»; ocupam imensa extensão de território. (3) Os árabes nómadas, errantes. (4) Parda, escura; côr azeitonada. (5) Velozes. (6) Impetuosos. (7) Nobre, excelente casta. (8) Segue. (9) Fecha. (10) O estreito de Ormuz, onde se entra para o gôlfo Pérsico; «outro estreito», por contraposição ao de Bab-el-Mandeb já referido [est. 99]. (11) «Faz a traça»; faz caminho [cfr. o italiano *traccia*] entre os dois estreitos o cabo Fartaque. (12) «Fartak», nas cartas geográficas inglesas; latitude 16° N. e longitude 5.° L. (13) Conhecida, notável, naquelas regiões, por ser àquele tempo capital do antigo reino de Áden.

101 «Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso incenso pera as aras:
Mas atenta já cá d'est'outra banda
De Roçalgate e praias sempre avaras,
Começa o reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras, que inda serão claras
Quando as galés do Turco, e fera armada,
Virem de Castel-Branco nua a espada.

«*Olha Dofar* (1), *insigne* (2) *porque manda* (3) *o mais cheiroso incenso* (4) *para as aras* (5)! *mas atenta* [*repara*]: *cá desta outra banda do Rozalgate* (6), *e* das suas *praias* (7) *sempre avaras* (8), *já começa o reino de Ormuz* (9), *que se anda todo pelas ribeiras* (10), — *que ainda serão claras* (11), *quando as galés e* a *fera* [*potente*] *armada do Turco virem nua a espada de Castel Branco* (12).

(1) Cidade da Arábia Feliz. (2) Notável. (3) Exporta. (4) Composição formada principalmente do suco resinoso segregado da árvore *Styrax benzoin;* e que se queima desenvolvendo fumo aromático, usado desde remota antiguidade nas cerimónias de diversas religiões. (5) Altares. (6) Ras-al-Had, latitude 22° 30′ N. e longitude 59° 53′ E. (7) Terras de beiramar, significando aqui [fig.] os seus habitantes. (8) Cubiçosos [o contrário de hospitaleiros, generosos]; êsses habitantes, da costa do território de Mascate, receberam hostilmente os navegadores portugueses. (9) Cidade [na ilha e estreito do mesmo nome], que era florescente no tempo da conquista portuguesa [II, 49; X, 41, 53]; grande empório do comércio entre a Índia e a Pérsia. (10) O reino de Ormuz era composto da ilha já dita e de uma orla de terras fronteiras marginais na costa da Pérsia; não abrangia território no interior, por isso todo se percorria em praias; o navio que saindo de Áden siga a costa arábica encontra o Cabo Fartaque, depois Dofar; adiante o Cabo Ras-al-Hadt, e aí aproando ao norte [já no gôlfo de Oman] vai direito à costa da Pérsia, onde era o reino de Ormuz. (11) Célebres, notáveis. (12) «Quando as galés, etc.»; quando D. Pedro de Castel Branco, capitão de Ormuz,

alcançar grandes vitórias das armadas turcas — de espada «nua e desembainhada». [Castanheda II, 62].

---

102 «Olha o cabo Asaboro, que chamado
Agora é Moçandão dos navegantes.
Por aqui entra o lago, que é fechado
De Arábia, e pérsias terras abundantes.
Atenta a ilha Barém, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas e imitantes
À côr da aurora; e vê na água salgada
Ter o Tígris e Eufrates ũa entrada.

«*Olha o cabo Asaboro* (1), *que é agora, pelos navegantes, chamado Moçandan* (2); *por aqui entra o lago, que é fechado por abundantes terras da Arábia e da Pérsia* (3). *Atenta* [*repara*] (4) *na ilha Barêm* (5), *que tem o fundo ornado pelas suas ricas pérolas, imitantes à côr da aurora* (6), *e vê o Tigre e o Eufrates* (7) *terem aqui uma entrada na água salgada.*

(1) Nome antigo do cabo Moçandan; latitude 26º 22′ N. e longitude 56º 20′ E. (2) Nas cartas inglesas Ras Mussendom — cabo na costa do gôlfo de Oman, e na passagem do estreito de Ormuz. (3) «Lago que, etc.»; perífrase do gôlfo Pérsico; êste comunica com o mar de Oman pelo estreito de Ormuz, e tem de um lado extensa costa [abundância de muitas terras] da Arábia; do outro lado, a costa da Pérsia. (4) Vê com atenção. (5) Ilha do gôlfo Pérsico, afamada pela excelência das pérolas, que se pescam nos fundos adjacentes, (6) Imitando a côr da aurora, por serem alvas com reflexos rosados, à semelhança do horizonte celeste ao raiar a aurora, antes de nascer o sol; a pérola é um corpo duro e brilhante, rosado e arredondado, que se forma no interior de certas ostras; foi objecto de comércio desde a mais remota antiguidade, sendo procuradas para adôrno, e pagas por altos preços. (7) Os rios Tigre e Eufrates nascem na Turquia asiática, e juntam-se para formar o

«Shat-el-Arab», vindo êste a entrar no gôlfo Pérsico, entrando a impetuosa corrente dêsses dois rios reùnidos na água salgada do gôlfo.

---

103 «Olha da grande Pérsia o império nobre,
Sempre pôsto no campo e nos cavalos,
Que se injuria de usar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os calos.
Mas vê a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervalos;
Que da cidade Armuza, que ali esteve,
Ella o nome despois e a glória teve.

«*Olha o nobre império* (1) *da grande Pérsia, sempre pôsto no campo e nos cavalos* (2); é gente *que se injuria de usar fundido cobre, e de não ter sempre* nas mãos *os calos das armas* (3). *Mas vê a ilha Gerum,* vê *como* ela *descobre o que fazem os intervalos de tempo!* vê *que ela teve depois o nome e a glória da cidade Armusa que ali esteve* (4)!

(1) «Nobre império», fig., a gente, os habitantes dêsse império. (2) «Sempre pôsto, etc.»; a maior parte do povo vivia em tendas de campanha, era nómada, errante, sem habitação fixa; e andavam sempre a cavalo. (3) «Injuria-se, etc.»; ofende-se; julgar-se-iam difamados os persas, se na guerra usassem da artilharia [fundido cobre], e se não tivessem sempre nas mãos os copos das espadas, os cabos das lanças [as armas com que pelejavam, e em cujo uso julgavam necessária maior valentia e arrôjo]. (4) «Vê a ilha de Gerum, etc.»; lembra o Poeta as vicissitudes dos tempos: em remota época a ilha chamava-se Gerum; edificara-se aí uma cidade importante e denominada Armusa; a ilha tomou o nome da cidade; esta caiu em ruínas; nas proximidades, e mais tarde, fundou-se outra cidade — a actual Ormuz; a ilha ficou tendo também êste nome. [João de Barros, III, 3, 4].

---

104 «Aqui de Dom Felipe de Meneses
Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portugueses
Os muitos Párseos vencerá de Lara.
Virão provar os golpes e reveses
De Dom Pedro de Sousa, que provara
Já seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra á fôrça só de espada.

«*Aqui*, — em Ormuz —, *se mostrará clara em armas* (1) *a virtude* (2) *de D. Filipe de Meneses* (3), *quando, com muito poucos portugueses vencer os muitos párseos* (4) *de Lara* (5); os quais *virão provar* [*experimentar*] *os golpes e reveses* (6) *de D. Pedro de Sousa* (7), *que já terá provado* [*experimentado*] o *seu braço em Ampaza* (8), cidade *que terá deixado por terra* [*aniquilada*] *só à fôrça de espada* (9).

(1) Ilustre em feitos militares. (2) Valor. (3) Valente capitão de Ormuz. (4) Persas; os párseos [sectários da religião de Zoroastro] eram principalmente persas [índios, alguns]. (5) Hoje Larah, ou Larak, ilha no estreito de Ormuz; latitude 26° 50′ N. e longitude 56° 20′ E. Outros anotadores tem identificado «Lara» como «Lar» — cidade da Pérsia a 45 léguas da costa; latitude 27° 32′ N. e longitude 54° 13′ E. (6) «Reveses», cutiladas [*Fontes dos Lusíadas*, 576]. (7) Outro ilustre capitão de Ormuz. (8) Povoação próxima e ao norte de Melinde, na qual Pedro de Sousa tinha já praticado feitos heróicos antes de ir para Ormuz. (9) Fig., armas.

105 «Mas deixemos o estreito, e o conhecido
Cabo de Jasque, dito já Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
Da natura, e dos dões usados d'ella.
Carmânia teve já por apelido;
Mas vês o fermoso Indo, que d'aquella
Altura nace, junto á qual também
D'outra altura correndo o Gange vem.

«*Mas deixemos o estreito* de Ormuz, *e o conhecido cabo de Jasque* (1), — *dito já Carpela* (2) —, *com todo o seu terreno mal querido da natureza, e dos dons usados* [*costumados*] *dela* (3): êsse terreno *já teve por apelido Carmânia* (4). *Vê o famoso Indo* (5), *que nasce daquela altura* [*Himalaia*], *junto à qual vem correndo também o Gange de outra altura* (6).

(1) Nas modernas cartas inglesas «Jashak»; costa da Pérsia; latitude 26° N. e longitude 62° E. (2) Nome antigo de Jasque nas cartas de Ptolomeu [século II A. C.]. (3) «Mal querido, etc.»; pouco favorecido, pouco dotado pela natureza; estéril; não produzindo frutos [os dons da natureza]. (4) Província antiga da Pérsia, hoje talvez Herma [I, 32, 55; II, 47; IV, 64, etc.]. (5) O maior rio da vertente ocidental do Indostão; nasce no império chinês, atravessa um desfiladeiro da cordilheira Himalaia e tem a foz no Mar de Oman. (6) Êste magnífico rio desce da vertente meridional do Himalaia, e tem a sua foz no gôlfo de Bengala; I, 8; II, 55; IV, 74; VI, 92; etc.

106 «Olha a terra de Ulcinde fertilíssima.
E de Jaquete a íntima enseada,
Do mar a enchente súbita grandíssima,
E a vasante que foge apressurada.
A terra de Cambaia vê riquíssima,
Onde do mar o seo faz entrada;
Cidades outras mil que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.

«*Olha a fertilíssima terra de Ulcinde* (**1**), *e a íntima enseada de Joquete* (**2**); olha *a grandíssima enchente súbita do mar, e a vazante que foge apressada* (**3**). *Vê a riquíssima terra de Cambaia* (**4**), *onde o seio do mar faz a* sua *entrada; estão-se aqui guardando, para vós outros, mil outras cidades que vou passando* (**5**).

(**1**) Nas cartas inglesas «Sinde» ou «Sindh»: região atravessada pelo Indo. (**2**) Gôlfo e ilha de «Cutch» [latitude 23º N. e longitude 69º E.], formando no interior a grande lagoa [a íntima enseada] de Run. (**3**) «Grandíssima enchente, etc.»; a maré de águas vivas entrando impetuosamente pela estreita abertura do gôlfo enche a grande enseada; quando baixa a maré, também é violenta a saída [foge apressada]. (**4**) A terra banhada pelo gôlfo de Cambaia; a cidade é no fundo do gôlfo, pelo qual entra o mar de Oman. (**5**) Profetiza Tétis a Vasco da Gama, que, naquelas regiões, estão reservadas outras muitas cidades para serem conquistadas por portugueses — cidades que ela, sem as nomear, vai «passando» pela vista na imagem do globo geográfico que tem diante dos olhos.

107 «Vês, corre a costa célebre indiana
Pera o sul, até o cabo Comori,
Já chamado Cori, que Taprobana
(Que ora é Ceilão) defronte tem de si.
Por êste mar a gente lusitana,
Que com armas virá despois de ti,
Terá vitórias, terras e cidades,
Nas quaes hão de viver muitas idades.

«*Vê a célebre costa indiana; corre para o sul até o cabo Comori* (**1**) *que já* foi *chamado Cori; tem defronte de si Taprobana; que ora* [*agora*] *é Ceilão* (**2**). *Por êste mar, a gente lusitana que, depois de ti, cá vier com armas, terá vitórias,* e possuirá *terras e cidades, nas quais há-de viver muitas idades* (**3**).

(**1**) Latitude 9° 2′ N. e longitude 97° 38′ E. (**2**) Latitude 7° N. e longitude 80° E.; cfr. II, 51; VII, 19; IX, 14, e *passim*. (**3**) Confirmação do vaticínio referido na precedente estância.

Note-se o verbo no plural concordando com o substantivo colectivo «gente».

---

108 «As províncias, que entre um e outro rio
Vês com várias nações, são infinitas;
Um reino maometa, outro gentio,
A quem tem o demónio leis escriptas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as relíquias sanctas e benditas
Do corpo de Thomé, barão sagrado,
Que a Jesu Christo teve a mão no lado.

«*São infinitas as provincias* (**1**) *que vês entre um e o outro rio* (**2**), *com várias nações* (**3**); *uns reinos são maometanos, outros são gentios* (**4**), *a quem* [*para*

os quais reinos] *o demónio escreveu* (**5**) *as leis* (**6**). *Olha que o senhorio* [*reino*] *de Narsinga* (**7**) *tem* [*possui*] *as santas e bemditas* (**8**) *relíquias do corpo de Tomé* (**9**) — êsse *varão sagrado que teve a mão no lado de Jesus Cristo* (**10**).

(**1**) «Infinitas províncias», fig., muito numerosas regiões. (**2**) Entre o Indo e o Ganges [isto é, na Índia]. (**3**) Reinos. (**4**) Alguns são muçulmanos, outros são idólatras. (**5**) No texto: o particípio acompanhado do verbo «tem» concordando com o complemento [cfr. I, 29, 40 e *passim*]. (**6**) Religiões: que a dos idólatras e a dos maometanos foram escritas pelo demónio. (**7**) Nas cartas inglesas Narsingur em 22° 35′ N. por 86° 32′ E. [no interior]; o mesmo nome em 20° 42′ N. por 85° 5 E. [também no interior]; Narsipur em 16° 18′ N. por 81° 4′ E. [na costa de Coromandel]; e ainda êste nome em 12° 45′ N. por 16° 16′ E. [cidade da presidência de Bengala]. Ora o lugar em que fôra encontrada a sepultura do apóstolo no século XVI foi perto de Paleacate [cfr. a estância seguinte], que está em 13° 26′ N. por 80° 21′ E.; desta proximidade parece poder concluir-se que o reino de Narsinga, a que se refere o Poeta, seria a região de que tomou o nome a última cidade nomeada [Narsipore] e que hoje se denomina província Carnática, presidência de Madrasta; cfr. nota ao vocábulo «Meliapor» na estância seguinte. (**8**) Bentas. (**9**) Apóstolo, andando a prègar na Índia, aí sofreu o martírio e foi sepultado. (**10**) Ficou célebre êsse mesmo apóstolo pela sua incredulidade manifestada na resurreição de Cristo, pois só dela se convenceu [V, 12] quando lhe viu nas mãos os sinais dos cravos com que tinha sido crucificado, e quando meteu os dedos na chaga que o Mestre tinha no lado, feita por golpe de lança de um fariseu. [João de Barros, I, 2, 1].

109 «Aqui a cidade foi, que se chamava
Meliapor, fermosa, grande e rica;
Os ídolos antigos adorava,
Como inda agora faz a gente inica.
Longe do mar naquelle tempo estava,
Quando a fé, que no mundo se pubrica,
Thomé vinha prègando, e já passara
Províncias mil do mundo, que insinara.

«*Foi* [*existiu*] *aqui a formosa, grande e rica cidade que se chamava Meliapor* (1), e que *adorava os ídolos antigos — como, ainda agora, faz a iníqua* (2) *gente* —; *estava longe do mar naquele tempo, quando Tomé andava* ali *prègando a Fé* [*religião cristã*] (3) *que no mundo é pública* [*notória*] (4), *tendo já passado* [*atravessado, percorrido*] *mil províncias do mundo, que ensinara* [*em que tinha ensinado a lei de Cristo*].

(1) Nome indígena que significava «pavão», por ser esta ave muito formosa, como também o era cidade; chamava-se também Tanate e Trenate; e devia ser na proximidade do actual pôrto de Paleacate [«Pulicat» nas cartas inglesas], em 13º 16′ N. e 80° 34′ E., pouco ao sul de Madrasta; foi nas ruínas dessa cidade que se encontrou a sepultura do apóstolo S. Tomé. (2) Perversa. (3) «Naquele tempo, etc.»: no tempo em que o apóstolo andou na Índia prègando a religião de Cristo [século I da nossa era], Meliapor distava do mar 12 léguas; no tempo de Vasco da Gama, — em conseqüência do avanço do mar ou do lago Paleacate —, estavam as ruínas dessa cidade já a 7 léguas de distância da costa. [João de Barros; III, 7, 1]. (4) «Pública», espalhada pelo mundo.

110 «Chegado aqui prègando, e junto dando
A doentes saúde, a mortos vida,
A caso traz um dia o mar vagando
Um lenho de grandeza desmedida.
Deseja o rei, que andava edificando,
Fazer d'elle madeira, e não duvida
Poder tirá-lo a terra com possantes
Fôrças d'homens, de engenhos, de aliphantes.

«*Chegado aqui* S. Tomé (**1**), *prègando e dando junto* [*ao mesmo tempo*] *saúde a doentes* e *vida a mortos, um dia o mar, vagando* [*levantando vagas, ondas*], por *acaso, traz* à praia *um lenho de desmedida grandeza: o rei, que andava edificando* [*construindo edifícios*], *deseja fazer madeira* (**2**) *dêle, e não duvida* [*tem a convicção de*] *poder tirá-lo a terra com possantes fôrças de homens, de engenhos* e *de elefantes* (**3**).

(**1**) Cfr. v, 85; x, 108. (**2**) Fig., fazer tábuas. (**3**) Aconteceu ser arrojado pelo mar um enorme tronco; o rei desejando aproveitar-lhe a madeira, para edificação duma casa, mandou juntar muita gente com elefantes e engenhos para o tirar para terra, mas não o conseguiu, apesar do muito trabalho e esfôrço empregados; teve então o Santo a inspiração de que êsse lenho seria um meio de tornar conhecido naquela terra o poder de Deus, e pediu ao rei que lhe desse aquele tronco, e lhe permitisse que levantasse com êle uma igreja no sítio até onde o levasse; por zombaria deu-lhe o rei a concessão pedida, por estar demonstrada a impossibilidade de tal. Tomé, tirando então da cinta um cordão com que cingia o vestuário, atou uma ponta a um galho do tronco; e, fazendo o sinal da cruz, levou-o de rôjo à cidade de Meliapor [naquele tempo estava a 12 léguas de distância da praia], e lá mandou construir uma casa de oração, da qual encontraram as ruínas os navegadores portugueses; sendo origem dêsse milagre a conversão do rei e do seu povo à religião cristã. [João de Barros, III, 2, 1].

111 «Era tam grande o pêso do madeiro,
Que só pera abalar-se nada abasta;
Mas o núncio de Christo verdadeiro
Menos trabalho em tal negócio gasta.
Ata o cordão, que traz, por derradeiro
No tronco, e fácilmente o leva e arrasta
Pera onde faça um sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

«*O pêso do madeiro era tam grande que nada bastava só para se abalar* [*ser abalado*] (**1**), *mas o verdadeiro Núncio* (**2**) *de Cristo, gasta menos trabalho em tal negócio* (**3**). *Por derradeiro* [*afinal*] *Tomé ata no tronco o cordão, que traz* à cinta, *leva o tronco fácilmente, e arrasta-o para* o sítio *onde fez um templo sumptuoso que ficou para exemplo aos futuros* (**4**) [*aos vindouros*].

(**1**) «Nada basta, etc.»; todo o esfôrço dos homens e dos elefantes fôra insuficiente; nada fôra o bastante; nem para ao menos abalar o tronco. (**2**) Apóstolo. (**3**) Tal emprêsa, a de mover o tronco. (**4**) Gerações futuras, posteridade; continuação da profecia: que, pelos portugueses, seriam mais tarde edificados muitos outros templos em honra da religião cristã.

---

112 «Sabia bem, que se com fé formada
Mandar a um monte surdo que se mova,
Que obedecerá logo á voz sagrada;
Que assi lh'o insinou Christo, e elle o prova.
A gente ficou d'isto alvoroçada,
Os Brâmenes o tem por cousa nova;
Vendo os milagres, vendo a santidade,
Hão mêdo de perder a autoridade.

«*Bem sabia* Tomé *que, com fé formada* [*firme*], *se mandasse, a um surdo monte, que se movesse,* êsse monte *obedeceria logo à voz sagrada* (**1**); *pois assim lho ensinara Cristo, e êle o provava. Disto ficou alvoroçada* (**2**) *a gente* de Meliapor; *os brâmanes tem por cousa nova* o transporte do tronco (**3**); e *vendo os milagres, vendo a santidade* de Tomé, *hão* [*tem*] *mêdo de perder a autoridade* (**4**).

(**1**) Reminiscência do Evangelho de S. Mateus; cap. 20-21 [palavras de Cristo]: «se tiveres fé..., e se a êste monte disseres — «levanta-te e lança-te ao mar» — isso se fará». (**2**) Pasmada, admirada. (**3**) «Os brâmanes [VII, 40] tem por cousa nova», ficam também admirados, atónitos [X, 111]. (**4**) Ficaram com mêdo de perder a opinião de santos, e a veneração que lhes tributava o povo; temiam isso, vendo que o apóstolo conseguira o que êles não tinham podido realizar; por causa dêsse mêdo, tratam de perder o Santo [cfr. estância seguinte].

---

113 «São estes sacerdotes dos gentios,
Em quem mais penetrado tinha enveja;
Buscam maneiras mil, buscam desvios
Com que Thomé não se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios,
Um caso horrendo faz que o mundo veja;
Que inimiga não há tão dura e fera,
Como a virtude falsa da sincera.

«*Estes sacerdotes dos gentios eram* os brâmanes (**1**) *em quem a inveja mais tinha penetrado; buscaram mil maneiras, buscaram desvios* (**2**), *para que Tomé, ou não fôsse ouvido, ou fôsse morto* (**3**). *O* sacerdote *principal,* — aquele *que trazia os fios* (**4**) *ao peito* —, *fez um caso horrendo* (**5**), para *que o mundo visse, que não há inimiga tam dura e fera, como é* inimiga *a virtude falsa da* virtude *sincera* (**6**).

(1) Todos os sacerdotes indios eram brâmanes, mas nem todos os indios eram sacerdotes. (2) Ciladas. (3) Cfr. estância precedente, nota 4. (4) Os fios ou cordões, que traziam no pescoço e pendentes no peito, eram insígnia do sacerdote principal, e o mais graduado. (5) Cfr. estância seguinte. (6) Dito sentencioso: que o hipócrita é o pior, o mais temível inimigo do homem virtuoso [virtude falsa = hipocrisia].

---

114 «Um filho próprio mata, e logo acusa
Do homicídio Thomé, que era innocente;
Dá falsas testemunhas, como se usa;
Condenaram-n'o á morte brevemente.
O Santo, que não vê melhor escusa,
Que apellar pera o padre omnipotente,
Quer diante do rei e dos senhores
Que se faça um milagre dos maiores.

«*Um* brâmane *matou o* seu *próprio filho* e *logo* [*em seguida*] *acusou de homicídio* a *Tomé, — que era* [*estava*] *inocente* — , *e deu testemunhas falsas*; *como se usava* (1), *condenaram* Tomé *à morte brevemente* [*imediatamente*]. *O Santo, que não via melhor escusa* (2) do *que apelar para* o *Padre Omnipotente, quis que, diante do rei e dos senhores* [*juízes*], *se fizesse um milagre* (3) *dos maiores.*

(1) «Como se usa»; era costume condenar à morte aquele que se provasse por testemunhas ter sido assassino. (2) «Escusa», desculpa; melhor meio de provar a sua inocência. (3) Cfr. estância seguinte: o milagre de resuscitar um morto.

---

115 «O corpo morto manda ser trazido,
Que resucite, e seja perguntado
Quem foi seu matador; e será crido
Por testemunho o seu, mais aprovado.
Viram todos o moço vivo erguido
Em nome de Jesu crucificado;
Dá graças a Thomé, que lhe deu vida,
E descobre seu pai ser homecida.

«Tomé *manda ser trazido o corpo morto;* manda *que* êste corpo *ressuscite, e que* lhe *seja preguntado quem foi* o *seu matador; e o seu testemunho* [*o do morto*] *será mais crido e aprovado. Todos viram o moço vivo, erguido em nome de Jesus crucificado;* êsse moço *deu graças a Tomé que lhe deu* a *vida, e descobriu ser seu pai* o *homicida* (1).

(1) Cfr. João de Barros [III, 7, 10]: «Um brâmane sacerdote maior del rei, de inveja das obras do santo, matou um filho e acusou Tomé de matador; o santo disse que trouxessem o corpo morto, que êle diria quem o matou; preguntado, da parte do Deus que êle prègava, disse que fôra seu pai; a qual cousa fez tanta admiração, que o rei se converteu e se baptizou, e com êle muita gente». As relíquias do corpo de S. Tomé fôram trasladadas para Goa no tempo do vice-rei Constantino de Bragança, que começou a governar a Índia em 1558; e lá ficaram em um templo erigido com a invocação do mesmo apóstolo.

---

116 «Êste milagre fez tamanho espanto
Que o rei se banha logo na água santa,
E muitos após elle: um beija o manto,
Outro louvor do Deus de Thomé canta.
Os Brâmenes se encheram de ódio tanto,
Com seu veneno os morde enveja tanta,
Que, persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam matá-lo em fim de tudo.

*

«*Êste milagre fez tamanho espanto, que o rei banhou-se logo na água santa* (1), *e muitos* indígenas *após êle; uns beijam o manto* do apostolo, *outros* (2) *cantam o louvor do Deus de Tomé. Os brâmanes enchem-se de tanto ódio; morde-os, com o seu* (3) *veneno, tanta inveja, que determinam, em fim de tudo, matar* Tomé, *persuadindo a isso o povo rude* (4).

(1) A água do baptismo; o rei fez-se cristão. (2) «Um..., outro...»; [singular pelo plural]: alguns beijavam os vestidos de Tomé..., outros cantavam hinos em louvor do Deus anunciado por Tomé. (3) «Seu» o veneno da inveja. (4) O povo ignorante e estúpido foi, pela sugestão dos sacerdotes, induzido a matar o apóstolo.

---

117 «Um dia, que prègando ao povo estava,
Fingiram entre a gente um arroído.
Já Christo neste tempo lhe ordenava
Que padecendo fôsse ao ceo subido.
A multidão das pedras que voava,
No Santo dá, já a tudo offerecido.
Um dos maos, por fartar-se mais de pressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

«*Um dia, que* Tomé *estava prègando ao povo, fingiram um ruído* (1) *entre a gente* que o estava ouvindo; *neste tempo já Cristo lhe ordenara, que, padecendo, fôsse subido* [*elevado*] *ao céu* (2). *A multidão de pedras que voavam deu no Santo, já oferecido* (3) *a tudo; um dos maus* (4), *para fartar-se mais depressa, atravessou-lhe o peito com crua* (5) *lança.*

(1) Tumulto. (2) «Neste tempo, etc.»; Jesus ordenara ao apóstolo, que, por meio do martírio, abandonasse o mundo e subisse à região dos bem-aventurados. (3)

Resignado, recebia a agressão. (4) Um daqueles perversos brâmanes. (5) Cruel.

---

118 «Choram-te, Thomé, o Gange e o Indo;
Chorou-te toda a terra que pisaste;
Mais te choram as almas, que vestindo
Se iam da sancta fé que lhe insinaste;
Mas os anjos do ceo, cantando e rindo,
Te recebem na glória que ganhaste.
Pedimos-te, que a Deus ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças.

«*Tomé! Choram-te o Ganges e o Indo! chorou-te toda a terra que pisaste* (1)! *mais te choraram as almas que se iam vestindo na santa fé que lhes ensinaste* (2)! *mas os anjos do céu, receberam-te, cantando e rindo, na glória que ganhaste* (3). *Pedimos-te, que a Deus peças ajuda* [*auxílio*] *com que favoreças os teus Lusitanos*.

(1) «O Ganges, etc.»; choram por ti, de pesar pela tua morte, os habitantes das margens do Ganges e do Indo, e os das terras onde evangelizaste. (2) «Que se iam vestindo, etc.»; que iam abraçando a religião, etc. (3) «Na glória, etc.»; no céu que haveis conquistado pelos vossos méritos.

Esta apóstrofe, continuada na estância seguinte e posta na bôca da Tétis, deusa gentílica, assim como os louvores, proferidos por ela, ao apóstolo nas estâncias precedentes [pura invenção e liberdade poética, do mesmo modo que a invenção da ilha, e a invenção das profecias], suscitam a observação de que o Poeta atribui sentimentos da religião católica a uma entidade mítica; cfr. IX, 90 a 92, e X, 82, 83 e respectivas notas.

---

119 «E vós outros, que os nomes usurpais
De mandados de Deus, como Thomé,
Dizei, se sois mandados, como estais.
Sem irdes a prègar a sancta fé?
Olhai que se sois sal, e vos danais
Na pátria, onde propheta ninguém é,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infiéis deixo) tantas heresias?

«E vós outros, que usurpais os nomes de «mandados por Deus», como era *Tomé, dizei: ¿se sois mandados, como estais* [*permaneceis*] *sem irdes prègar a santa Fé* (1)? *Olhai, que, se sois* o *sal* da terra (2), *e vos danais* [*corrompeis*] *na Pátria, — onde ninguêm é profeta —, ¿com que* sal *se salgarão* [*fora da pátria*], *em nossos dias, tantas heresias* (3)? *Deixo infiéis* [*não falo já dos infiéis, dos muçulmanos*].

(1) «Vós outros, etc.»; apóstrofe aos sacerdotes católicos, que, dizendo-se «enviados de Deus», não iam para as regiões ultramarinas apregoar, como Tomé, a palavra evangélica, e se deixavam ficar em descanso na sua terra natal. (2) «Se sois sal, etc.»; reminiscência do Evangelho de S. Mateus, cap. IV: «vós sois o sal da terra»; o sal evita a corrupção, e se os religiosos se corrompiam na ociosidade, na inacção, como haveriam de salgar-se [destruir-se] por êsse mundo tantas heresias [corruções]; «ninguêm é profeta na sua terra», adágio que tem origem no Evangelho de S. João, cap. IV [que ninguêm na sua terra teria as honras do profeta, isto é, que tal honra só competia aos missionários que se expunham às inclemências de povos rudes e ignorantes]; «heresia» tem aqui a significação de «doutrina» contrária à doutrina cristã. (3) «Deixo infiéis»; não falo dos muçulmanos, — diz o Poeta —, para afirmar que, alêm das heresias dos maometanos, havia outras [dos idólatras], que precisavam de ser destruídas.

120 «Mas passo esta matéria perigosa,
E tornemos á costa debuxada.
Já com esta cidade tam famosa,
Se faz curva a gangética enseada.
Corre Narsinga rica e poderosa,
Corre Orixa de roupas abastada;
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio:

«*Mas passo adiante esta matéria perigosa, e tornemos à costa debuxada* (1). *Com esta cidade* (2) *tam famosa* (3) *faz-se já curva a enseada Gangética* (4); *corre a rica e poderosa Narsinga* (5), *corre Orixa* (6), — *abastada de roupas* (7) — ; *no fundo da enseada* (8), *vem o ilustre rio Ganges* sair *para o salgado senhorio* (9).

(1) «Passo adiante, etc.»; não me demoro mais a falar neste perigoso assunto —, perigoso, por acusar defeitos humanos; a deusa reconhece que é inconveniente esmiüçar mais tal assunto; por isso conclui a digressão, para continuar a fazer a exposição geográfica da Índia, — perante o globo que tinha à vista — na costa marítima aí delineada. (2) A cidade de Meliapor, est. 109. (3) Afamada, por causa do apóstolo S. Tomé. (4) «Faz-se curva, etc.»; encurva-se a costa marítima [Madrasta, Palcacate], começando a formar a enseada o gôlfo de Bengala, chamado aqui «enseada Gangética» por nela vir desaguar o Ganges. (5) Cfr. est. 109. (6) Orissa, província da presidência de Bengala [Índia Britânica]. (7) Notável pelo fabrico de tecidos. (8) Gôlfo de Bengala. (9) «Nem o ilustre, etc.»; ao fundo do gôlfo vem entrar no mar o rio Ganges —, ilustre, nobre, notável pela extensão do seu curso, pelas suas águas [que os indígenas consideram santas] e pelo seu delta [I, 8; II, 55; IV, 74; etc.].

121 «Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza
Que, inda que sejam grandes peccadores,
Esta água sancta os lava e dá pureza.
Vê Cathigão, cidade das milhores
De Bengala, província que se preza
De abundante; mas olha, que está posta
Pera o Austro d'aqui virada a costa.

«*Ganges* é o rio *no qual banhados os seus habitantes* (1) *morrem, tendo por certeza, que, — ainda que sejam grandes pecadores —, esta água santa os lava* e lhes *dá pureza. Vê Catigam* (2) *— cidade das melhores de Bengala,* e *província que se preza de abundante; mas olha que está posta para o Austro* (3), *virada daqui a costa* (4).

(1) Os habitantes das margens dos Ganges crêem que salvam a sua alma, se morrem afogados neste rio; VII, 20. (2) Chittagong [nas cartas inglesas], nome de província [e da capital respectiva] na presidência de Bengala [Índia Britânica]. (3) Sul. (4) «Virada daqui a costa»; a costa do gôlfo de Bengala, antes de chegar às bôcas do Ganges, tem a frente para leste; chegando a Chittagong, vira para oeste.

---

122 «Olha o reino Arracão, olha o assento
De Pegu, que já monstros povoaram;
Monstros filhos do feo ajuntamento
D'ũa mulher e um cão, que sós se acharam.
Aqui soante arame no instrumento
Da geração costumam, o que usaram
Por manha da rainha que, inventando
Tal uso, deitou fora o error nefando.

«*Olha o reino de Aracão* (1), *olha o assento* (2) *de Pegu* (3), *que já monstros povoadam —, filhos do*

feio ajuntamento duma mulher e um cão que se acharam sós (4). *Costumavam aqui os* habitantes trazer *soante arame* (5) *no instrumento da geração; o qual* arame *usavam por manha da rainha, que, inventando tal uso, deitou fora o nefando error* (6).

(1) Aracam, rio, ilha e provincia dêste nome, latitude 20° N. longitude 93° E., na Índia britânica. (2) Sede [capital]. (3) Antigo reino, hoje provincia da Birmânia britânica [ilha em 17° 25′ N. e 96° 38′ E.; a cidade em 18° N. e 96° E.]; [João de Barros, III, 3, 4]; ali tiveram importantes relações comerciais os portugueses, por ocasião das primeiras conquistas da Ásia. (4) Era tradição, que, tendo naufragado um baixel chino em praia deserta do Pegu, e tendo escapado do naufrágio só uma mulher e um cão, houve ajuntamento entre ambos, do qual nasceram monstros. (5) A significação mais vulgar de «arame» é fio de ferro ou de outro metal; a significação primitiva era «liga de cobre com outros metais», por isso ainda hoje, na linguagem popular, é usada a expressão «bacia de arame»; «soante arame», literalmente, «latão que dá som», eram guisos ou cascavéis que os homens de Pegu usavam trazer no membro viril. (6) «Por manha, etc.»; [João de Barros, *loc. cit.*]: «a rainha de Pegu mandou adoptar o uso dos guisos, e sob pretexto de os rapazes novos não parecerem mulheres; e com o artifício [manha] dêsse mandado, conseguiu ela extinguir o vergonhoso [nefando] vício [error] que haviam tido os habitantes de Sodoma.»

---

123 «Olha Tavai cidade, onde começa
De Sião largo o império tam comprido;
Tenassari, Quedá, que é só cabeça
Das que pimenta ali tem produzido.
Mais avante fareis que se conheça
Malaca por empório ennobrecido,
Onde toda a província do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.

«*Olha Tavai* (1), a *cidade onde começa o império*

tam comprido do largo Sião (2), olha *Tenassari* (3), e *Quedá, que, só esta, é cabeça* (4) *das* terras *que ali tem produzido pimenta. Mais avante* [*para o futuro*] *fareis, que Malaca* (5) *se conheça* [*seja conhecida*] *por ennobrecido empório, aonde todas as provincias do grande Mar* da Índia *mandarão* as *suas mercadorias ricas.*

(1) Tavai, latitude 14° 8′ N. e longitude 98° 12′ E., na Birmânia. (2) Extenso reino em comprimento e largura; é na Indo-China; ao tempo da conquista pertencia-lhe parte da Birmânia. (3) Tenassarim, Birmânia inglesa; latitude 12° 7′ N. e longitude 99° E. (4) Principal cidade, donde se exportava maior e melhor quantidade de pimenta. (5) Latitude 2° 12′ N. e longitude 102° 18′ E.; Tétis, continuando os vaticínios, diz que a navegação portuguesa faria que Malaca fôsse afamada como grande empório comercial, concorrendo a ela as riquezas das terras do Oriente; aqui refere-se o Poeta à «cidade» de Malaca [do mesmo nome a península], na qual ainda há ruinas duma igreja mandada construir por Afonso de Albuquerque; hoje é a capital da colónia inglesa.

---

124 «Dizem que d'esta terra, co'as possantes
Ondas o mar entrando, dividiu
A nobre ilha Samatra, que já d'antes
Juntas ambas a gente antiga viu.
Chersoneso foi dita, e das prestantes
Veas d'ouro, que a terra produziu,
«Áurea» por epítheto lhe ajuntaram.
Alguns que fôsse Ophir imaginaram.

«*Dizem que o mar, entrando* [*avançando*] *com as* suas *possantes ondas, dividiu* [*separou*], *desta terra* de Malaca, *a nobre ilha de Samatra* (1), *anbas as quais a gente antiga já tinha visto juntas*. Malaca *foi dita* [*chamada*] *Quersoneso* (2); *e*, por causa *das*

prestantes [*excelentes*] *veias de ouro que a terra produzia, juntaram-lhe* [a êsse nome] *o epíteto «áurea»; alguns* escritores *imaginaram que* Malaca *era Ofir* (**3**).

(**1**) Sumatra, separada da Peninsula malaia pelo estreito de Malaca [4° N. e 90° E.]; «nobre» pela sua grandeza [7:000 quilómetros de comprimento, 350 de largura e 8:500 de circunferência], e pela riqueza dos seus produtos e das suas minas. (**2**) Nome antigo de «península», quási ilha; ligada ao continente por um extremo, e rodeada de água por todos os lados; era tradição que a ilha de Sumatra fôra, antes de uma invasão do mar, reünida à península de Malaca. (**3**) Segundo a Bíblia, o rei Salomão recebia muito ouro de Ofir, mas sôbre a situação dessa terra tem havido divergências entre os doutos; alguns dêstes supuseram que fôsse Sumatra, a áurea Quersoneso; II, 54; VII, 18. [João de Barros, I, 9, 1; III, 5, 1].

---

125 «Mas na ponta da terra Cingapura
Verás, onde o caminho ás naos se estreita:
D'aqui tornando a costa á Cynosura,
Se encurva, e pera a Aurora se endireita.
Vês Pam, Patane, reinos, e a longura
De Sião, que estes e outros mais sugeita.
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago que Chiamai se chama.

«*Mas na ponta da terra* [*na ponta sul de Malaca*], *verás Singapura, onde se estreita o caminho para os navios* [*no «Estreito» de Singapura*] (**1**); *a costa* [*da península de Malaca*], *tornando* [*voltando*] *daqui* [*de Singapura*] *para a Cinosura* [*para o norte*] (**2**), *encurva-se e endireita-se para a Aurora* [*para leste*] (**3**). *Vê* os *reinos* de *Pam* e *Patane* [*na costa oriental de Malaca*] (**4**), *e* vê *a longura* [*a extensão*] do reino *de Sião* (**5**) *que sujeita êsses e outros reinos*

mais. Olha, vê *o rio Menão* (6) *que se derrama* [*que sai*] *do grande lago que se chama Quiamai* (7).

(1) «Singapura, etc.»; ilha no extremo sul da península de Malaca, e separada desta pelo estreito de Singapura, que é também o nome da cidade, capital da colónia inglesa dos «Estreitos» [*Straits Settlements*] em 1° 15′ N. por 103° 57′ E. (2) «Cinosura», fig., Norte; cfr. x, 88: a constelação boreal chamada Ursa Menor. (3) «Aurora», fig., Oriente. (4) «Reinos, etc.»; eram principados tributários, vassalos do rei de Sião: hoje «Pam» [*Pahang* nas cartas inglesas] ainda é vassalo de Sião; «Patane», está sob o protectorado britânico. (5) Reino da Ásia sub-oriental na Indo-China, no vale do Menam e no gôlfo de Sião, tendo por capital Bangkok. (6) Rio tributário do citado gôlfo [mar da China]. (7) «Chiamai» [nas cartas inglesas, *Chieng-Mai*] supunham os antigos geógrafos que era um lago na China; confundiam o Menam que é tributário do gôlfo de Sião e nasce na região de Laos [Indo-China francesa] com o Mecon; êste vem de montanhas da China, atravessando a Birmânia, Laos e Camboja, e indo desaguar no mar da China.

---

126 «Vês neste gram terreno os differentes
Nomes de mil nações nunca sabidas;
Os Laos em terra e número potentes,
Avás, Bramás, por serras tam compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamam, de selvages vidas:
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente; usança crua.

«*Vês, neste grande terreno* (1), *os diferentes nomes de mil nações nunca sabidas* (2): *os Laus, potentes em terra e número*; vê os *Avás*, os *Bramás por serras tam* [*muito*] *compridas. Vê, nos remotos montes, outras gentes de vida selvagem, que se chamam Guéus* (3); estes *comem carne humana, mas pintam*

a sua carne *com ferro ardente* (4) —, *crua usança* [*cruel costume*]!

(1) «Neste grande terreno»: referência à Indo-China. (2) «Mil nações, etc.»; [hipérbole] muitos povos mal conhecidos. (3) «Laus, etc.»; Avás, Bramas, Guéus, nomes de diversos povos da Indo-China, espalhados pelas suas extensas e longinquas serras. (4) «Pintam, etc.»; referência à tatuagem operada com ferro quente.

---

127 «Vês, passa por Camboja Mecom rio,
Que capitão das águas se interpreta;
Tantas recebe d'outro só no estio
Que alaga os campos largos. e inquieta.
Tem as enchentes quaes o Nilo frio;
A gente d'elle crê, como indiscreta,
Que pena e glória tem despois de morte
Os brutos animais de toda sorte.

«*Vês* [*estás a ver*] *Camboja* (1), *por* onde *passa o rio Mecon* (2), palavra siamesa *que se interpreta* [*quere dizer*] «*capitão das águas*»; *tantas* — e *só no estio* — êsse rio *recebe de outro, que alaga e inquieta os largos campos,* pois *tem as enchentes* [*cheias*] tais *quais as do frio Nilo; a gente dêle* [*daquela região*], *como indiscreta* [*desassisada*], *crê, que os brutos animais de todas as espécies tem pena e glória depois da morte* (3).

(1) Reino da Indo-China, a nordeste da Cochinchina, actualmente sob o protectorado da França, e vizinho de Sião. (2) Um dos mais notáveis rios do Oriente [x, 125, nota 8] vem da China: «as cheias periódicas do baixo «Mecon [Mékong] são devidas principalmente às chuvas «torrenciais trazidas pela monsão de S.-O.; o derretimento «das neves do Tibet pouco pode influir nas inundações...; «a cheia manifesta-se no mês de Junho e atinge o máximo

«em Setembro... Por ocasião da cheia, as águas do braço «superior do Mecon precipitam-se nas planícies adjacen- «tes, que apresentam então o aspecto de imenso lago.» [Vivien de Saint-Martin, citado nas *Fontes dos Lusíadas*, 95-96]. (**3**) Os habitantes daquela região por onde passa o Mecon acreditavam na transmigração das almas; supunham que os animais irracionais eram entes humanos assim transformados.

---

128 «Êste receberá plácido e brando,
No seu regaço o Canto, que molhado
Vem do naufrágio triste e miserando,
Dos procelosos baxos escapado;
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja lira sonorosa
Será mais affamada que ditosa.

«*Êste* rio Mecon, *no seu plácido e brando regaço, receberá o Canto* [*o Poema*] *que vier molhado e escapado* [*salvo*] *de triste naufrágio* (**1**) *em procelosos baixios* (**2**), *quando injusto mando* [*ordem*] *de* que resultem *fomes e grandes perigos, fôr executado naquele* Poeta (**3**), *cuja sonorosa* [*sonora*] *lira será mais afamada* do *que ditosa* (**4**).

(**1**) «Êste receberá, etc.»; Tétis, continuando o seu vaticínio a respeito de futuros varões ilustres de Portugal, prevê o infortúnio de Camões; com efeito o Poeta, vindo de Macau para Goa, naufragou na foz do rio Mecon, salvando-se a nado, e levando consigo o manuscrito dos *Lusíadas*. (**2**) «Procelosos», tempestuosos: estando revôlto o mar, é mais terrível o ímpeto das ondas sôbre baixios ou recifes do que longe de terra. (**3**) «Injusto mando, etc.»; a injustiça do governador de Macau demitindo o Poeta do lugar que ali exercia [vii, 81], e mandando-o ir para Goa; da demissão resultou ficar o Poeta sem ter que comer; da ordem para a viagem resultou o naufrágio; «o injusto mando das fomes, etc.»; admitida esta transposição nos

versos 5 e 6, parece ficar claro o sentido. (4) «Cuja sonorosa lira, etc.»; aqui foi CAMÕES o profeta de si próprio; isto aqui dito realizou-se, pois o Poeta viveu e morreu às mãos de toda a espécie de miséria, e as suas obras hão-de viver em eterna estima. Chegou a pedir esmola sem encontrar quem lha desse.

---

129 «Vês, corre a costa, que Champá se chama,
Cuja mata é do pão cheiroso ornada;
Vês, Cauchichina está de escura fama,
E de Ainão vê a incógnita enseada.
Aqui o soberbo império, que se afama
Com terras e riqueza não cuidada,
Da China corre, e ocupa o senhorio
Desd' o trópico ardente ao cinto frio.

«*Vês? corre* [*continua*] para nordeste *a costa que se chama Champá* (1), e *cujas matas são ornadas do pau cheiroso* (2); *vês? está* logo adiante *a Cochinchina* (3) *de escura fama* (4); *vê a incógnita enseada de Ainão* (5). *Aqui* [*nesta enseada*] *corre* [*segue-se*] *o soberbo império da China* (6), *que é afamada* [*conhecida*] *pelas* suas *terras e riquezas não cuidadas* [*não exploradas*], *e* que *ocupa o senhorio* [*o domínio territorial*] *desde o ardente trópico* de Câncer *até o frio cinto* [*ao círculo polar ártico*].

(1) Tsiampá, hoje no território da possessão francesa da Cochinchina e perto de Saigon. (2) «Pau cheiroso», madeira produzida pela *Aquilaria Agallocha*, Roxburgh e Royle; foi um dos perfumes mais celebrados pelos antigos, e vem mencionado nos livros dos Psalmos; os portugueses chamavam-lhe *pau de águila;* os franceses, *bois d'aigle;* os ingleses, *eagle wood.* (3) Colónia francesa na Indo-China, a leste de Mécon, e cuja capital é Saigon. (4) «De escura fama», terras de que havia obscuras notícias; eram quási desconhecidas. (5) Haïnan, nas cartas inglesas; ilhas no gôlfo de Tonquim [em 19º N. e 110º E.];

hoje dependente da China. (6) Vasto império no centro da Ásia — mais de 3:000 quilómetros de extensão na linha norte sul [desde o 17° até ao 55° de latitude N., e desde o 67° até ao 143° de longitude oriental]; compõe-se de quatro grandes regiões: Mandchúria, China própriamente dita, Tibet e Mongólia; 450 milhões de habitantes; as suas riquezas exportadas para a Europa consistem principalmente em chá, arroz, objectos de charão, sêdas e porcelanas; capital, Pequim; na baía de Cantão, a ilha de Macau [possessão portuguesa].

---

130 «Olha o muro e edifício nunca crido,
Que entre um império e o outro se edifica;
Certíssimo signal e conhecido,
Da potência real, soberba e rica.
Estes, o rei que tem, não foi nacido
Príncipe, nem dos pais aos filhos fica;
Mas elegem aquelle que é famoso
Por cavaleiro sábio e virtuoso.

«*Olha o muro* (1) *e o edifício* (2) *nunca crido* (3), *que se edifica* [*é ou está edificado*] *entre um e o outro império* (4); êsse muro é *sinal certíssimo e conhecido da soberba e rica potência rial* (5). *O rei que estes tem* [*os habitantes dêste outro império*] *não foi nascido príncipe, nem* ali o poder *dos pais fica* por herança *aos filhos; mas é eleito aquele que é* mais *famoso* [*afamado*] *por cavaleiro sábio e virtuoso* (6).

(1) A muralha [da China] que tem a extensão de 2:600 quilómetros, — nalguns pontos 9 metros de altura —, e que separa dêsse império a Mongólia. (2) Construção [dessa muralha]. (3) Muralha que se vê e causa tanta admiração, que não se acredita [pleonasmo]; não se imagina que pudesse ser construída. (4) «Outro império»: o da Mongólia, fundado por Gengiscam, conquistador tártaro [1206-1227]; reconstituído por Tamerlan [1369-1405]; fundado de

novo por Baher [1505-1530]; hoje, dependência do império chinês. (5) Essa muralha é um dos indícios da grande riqueza da China e do grande poder dos seus governantes. (6) Note-se a linguagem anacolútica dos últimos quatro versos. Parece que, no verso 5, o pronome «estes» deve referir-se aos habitantes da Mongólia, e não aos da China, onde a autoridade imperial era hereditária.

---

131 «Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se;
Mas não deixes no mar as ilhas, onde
A natureza quis mais affamar-se.
Esta, mea escondida, que responde
De longe á China, d'onde vem buscar-se,
É Japão, onde nasce a prata fina,
Que ilustrada será co'a lei divina.

«*Muitas terras se te escondem ainda* [*que não vês aí nesse globo*] *até que venha* [*chegue*] *o tempo de se mostrarem* [*de serem conhecidas*] (1); *mas não deixes* de ver, *no mar, as ilhas onde a natureza quis afamar-se mais* (2). *Esta* ilha *meia escondida que, de longe* [*em grande extensão*], *responde à China* [*está defronte da China*], *donde virá a ser buscada* [*procurada*], *é* o *Japão* (3), *onde nasce a prata fina* (4) e *que será ilustrada pela lei divina* (5).

(1) «Muitas terras, etc.»; Tétis tem acabado de mostrar, no globo terrestre, as terras continentais da Ásia, dando a entender que «nesta parte do mundo» há ainda regiões desconhecidas [cfr. *Fontes dos Lusíadas*, 90]. (2) «As ilhas, etc.»; ilhas em que a natureza parecia ter-se esmerado em ostentar maravilhosas produções. (3) «Esta meia escondida», esta ilha — o Japão —, mal conhecida [naquele tempo], é fronteira da China numa extensão de quinze graus próximamente, e os navegadores portugueses depois de irem à China foram demandar o Japão; Tétis está falando no futuro, mas por liberdade poética está no

tempo presente o verbo «vem» no verso 6; supunha-se então ser o Japão uma só ilha, mas o império japonês compõe-se de quatro grandes ilhas e de numerosas dependências; 45 milhões de habitantes; superfície 417:400 quilómetros quadrados; capital, Tóquio. (4) «Nasce a prata»: há no Japão ricas minas de prata; «nasce» é linguagem popular da época, e fundada na crença de que os astros influíam no crescimento dos metais. (5) «Lei divina»; Tétis vaticina que a religião cristã seria divulgada no Japão pelos missionários portugueses.

---

132 «Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas.
Vê Tidore e Ternate, co fervente
Cume, que lança as flamas ondeadas.
As árvores verás do cravo ardente,
Co sangue português inda compradas.
Aqui há as áureas aves, que não decem
Nunca a terra, e só mortas aparecem.

«*Olha as infinitas ilhas espalhadas cá pelos mares do Oriente* (1): *vê Tidore* (2), *e Ternate com o fervente cume que lança as ondeadas flamas* (3); *verás ainda, compradas com sangue português, as árvores do ardente cravo* (4); *aqui há as áureas aves, que não descem nunca à terra, e só mortas aparecem* (5).

(1) «Infinitas ilhas»: muito numerosas; referência genérica ao arquipélago Malaio, chamado também arquipélago Índico [Oceânia] no qual se incluem as ilhas de Sunda, Timor, Molucas, Celebes, Bornéu, Filipinas, etc.; em seguida, referência especial a algumas dessas ilhas. (2) Tidore pertence ao arquipélago das Molucas. (3) Ternate faz parte também do arquipélago das Molucas, pertenceu a Portugal e depois à Espanha e agora à Holanda; nessa ilha há um vulcão. (4) «Verás compradas, etc.»: «No ano de 1511, depois da tomada da Malaca, mandou Afonso de Albuquerque descobrir as ilhas de Maluco, um

pouco mais tarde foi António de Brito fazer uma fortaleza em Ternate, e passados anos tomaram os nossos definitivamente posse das ilhas; mas, pelo carácter inquieto e corajoso dos habitantes, tiveram ali grandes dificuldades, comprando muitas vezes o cravo com o seu sangue; «o cravo é o botão do *Caryophyllus aromaticus*, L., árvore indígena ùnicamente das cinco pequenas ilhas Molucas; esta mercadoria ocupava no nosso comércio do Oriente o segundo lugar, sendo apenas inferior à pimenta» [Conde de Ficalho]. (5) «Áureas aves»; tem reflexos dourados, só pousam em altas árvores, e são chamadas «aves do paraíso»; só apareciam mortas nas Molucas, porque para lá iam só as peles, e da Nova Guiné onde eram caçadas e empalhadas.

---

133 «Olha de Banda as ilhas, que se esmaltam
Da vária côr, que pinta o roxo fruto;
As aves variadas, que ali saltam,
Da verde noz tomando seu tributo.
Olha também Borneo, onde não faltam
Lágrimas, no licor coalhado e enxuto
Das árvores, que cânfora é chamado,
Com que da ilha o nome é celebrado.

«*Olha as ilhas de Banda* (1) *esmaltadas da vária* [*variada*] *côr* com *que* o *roxo fruto* (2) as *pinta;* olha *as variadas aves que ali saltam tomando* o *seu tributo* (3) *da verde noz* (4). *Olha também Bornéu* (5), *onde não faltam lágrimas no licor coalhado e enxuto das árvores* (6), e *que se chama cânfora* (7), *com a qual é celebrado* [*afamado*] *a nome da ilha.*

(1) Ilhas que fazem parte do arquipélago das Molucas; IX, 14. (2) «Roxo fruto», fruto vermelho [metonímia], a noz moscada, que tem variada côr, conforme o estado de maturação; as ilhas figuram-se cobertas do arvoredo que produz êsse fruto, o qual as «pinta» [prosopopeia] com diversas côres. (3) «Tomando o seu tributo» [metonímia], alimentando-se. (4) «Verde noz», a noz moscada. (5) A maior ilha do globo, depois da Austrália; pertenceu

*

ao arquipélago de Sonda [na Ásia], onde os ingleses e holandeses tem importantes colónias: diamantes, metais, carvão e cânfora; 675:000 quilómetros quadrados; dois milhões de habitantes; latitude 5° N. e longitude 115° E. (**6**) «Lágrimas, etc.»; humor resinoso das árvores, líquido [licor] que o ar e o calor faz secar e solidificar. (**7**) «Cânfora», resina exsudada «pela *Driobalanops aromatica*, Gaertner, árvore de grandes dimensões, natural de Bornéu e de Sumatra; no sul da China, Formosa e Japão se obtêm cânfora de uma árvore inteiramente diversa, o *Laurus camphora*, L.

«A noz moscada é a semente da *Myristica fragrans*, «Houttuyn, árvore de medianas dimensões, que habita par-«ticularmente as seis pequenas ilhas de Banda. A *arilha* «que envolve a semente é conhecida pelos nomes de *maça*, «*macir* ou *macis*. A «vária côr que pinta o roxo fruto» vem «descrita por Barros, dizendo que a noz amadurece como «os pêssegos calvos tingindo-se a modo de arco-íris. E, por-«que, neste tempo que começam a amadurecer, acodem da «serra, como a novo pasto, muitos papagaios e pássaros «diversos, é outra pintura ver a variedade da feição, canto «e côres de que a natureza os dotou» [Conde de Ficalho].

---

134 «Ali também Timor, que o lenho manda
Sándalo salutífero e cheiroso:
Olha a Sunda tam larga que ũa banda
Esconde para o sul difficultoso.
A gente do sertão, que as terras anda,
Um rio diz que tem miraculoso,
Que por onde elle só sem outro vae,
Converte em pedra o pao que nelle cae.

«Olha *ali também Timor* (**1**), *que manda* [*exporta*] *o sândalo*, que é *lenho* [*madeira*] *salutífero e cheiroso. Olha a tam larga Sonda* (**2**), *que esconde uma banda para o dificultoso Sul*. (**3**). *A gente do sertão, que anda* [*vive*] *nas terras* de Sonda, *diz que há* lá *um miraculoso rio que, — por onde êle vai, só, sem outro —, converte em pedra o pau que nele cai* (**4**).

(1) Ilha da Malásia, a leste das ilhas de Sonda; metade pertence aos portugueses, outra metade aos holandeses; entre outros produtos ricos, há aí a árvore chamada sândalo [*Sandalum album*], cuja madeira, de agradável cheiro, é apreciada pela sua dureza, e susceptivel de ser bem polida; dela se extrai por destilação uma essência empregada na perfumaria e medicina. (2) Arquipélago de Sonda, composto de numerosas ilhas na Malásia, as principais são Java, 28 milhões de habitantes, e Sumatra, 4 milhões de habitantes; à primeira parece referir-se o Poeta. (3) Parte de Sumatra está no hemisfério norte, e parte no hemisfério sul; Java, toda no hemisfério sul; esta última de difícil acesso por ser pedregosa e montanhosa; as serranias, que atravessam a ilha, escondem um do outro os dois extremos. (4) «Miraculoso rio, etc.»; por onde passa aquele rio [sem levar águas de qualquer afluente], os troncos de árvores aí caídos apresentam exteriormente uma camada petrea, — o que se explicaria por ser a água muito calcárea, e depositar-se nelas espêsso sedimento.

---

135 «Vê naquella, que o tempo tornou ilha,
Que também flamas trémulas vapora,
A fonte, que óleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licor que o tronco chora;
Cheiroso mais que quanto estila a filha
De Cinyras na Arábia, onde ella mora.
E vê que, tendo quanto as outras tem,
Branda sêda e fino ouro dá também.

«*Naquela* região *que o tempo tornou ilha* (1), *que também vapora* [*exala*] *trémulas flamas* [*chamas*] (2), *vê* tu *a fonte* [*a nascente*] *que mana* [*brota, deita de si*] *óleo* (3); *e* vê *a maravilha do cheiroso licor que o tronco* do benzoim *chora* [*exsuda*] (4) — licor *mais cheiroso* do *que* todo *quanto estila* [*goteja*] Mirra (5), *a filha de Ciniras na Arábia, onde ela mora* (6) — ; *e vê que* essa ilha, *tendo* tudo *quanto as outras tem, dá também branda sêda e fino ouro.*

(1) A ilha de Java, que antigamente fizera parte de Sumatra, ficando separadas, em conseqüência dum terramoto, pelo estreito de Sunda. (2) «Vapora flamas», tem vulcões. (3) Petróleo: produto aproveitado industrialmente no século passado, mas que desde remotos tempos era conhecido na Ásia. (4) «Licor, etc.»; o líquido que exsuda a árvore, mas que, endurecido em contacto com o ar, tem as propriedades de resina; esta resina aromática, utilizada na medicina e na perfumaria, é extraída por incisão duma pequena árvore das florestas de Java e de Sumatra, o *Styrax Benzoin*, Dryander [há outra droga do mesmo nome proveniente de Sião, mas não está bem tirada a limpo a sua procedência botânica]. (5) «Mirra»: o Poeta emprega o nome da fábula [IV, 63, notas 6 e 7, e IX, 34], em vez do nome da resina medicinal «produzida por uma pequena árvore da família das «Burseráceas, a *Balsamodendron Myrrha*, Nees von Esem-«beck; lembra naturalmente, ao falar desta substância, «o conhecido presente dos reis Magos em que a mirra, «segundo antigos ritos litúrgicos, representava o homem» [Conde de Ficalho]. (6) «Onde ela mora», onde morava a Mirra da fábula [na Arábia], e onde é produzida especialmente a resina que tem êsse nome.

---

136 «Olha em Ceilão, que o monte se alevanta
Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana.
Os naturaes o tem por cousa sancta,
Pela pedra onde está a pègada humana.
Nas ilhas de Maldiva nasce a pranta,
No profundo das águas, soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
É tido por antídoto excelente.

«*Olha em Ceilão* (1), vê *que o monte* (2) *se levanta tanto, que passa* por cima *das nuvens, ou a vista engana: os naturais tem-o por cousa santa, por causa da pedra em que está a pègada humana* (3). *Nas ilhas de Maldiva* (4), *no profundo das águas, nasce*

a planta soberana (5), *cujo pomo é tido por antídoto excelente contra o veneno urgente.*

(1) Ilha, de que há várias referências nos *Lusíadas* [VII, 19; IX, 14; X, 107; etc.]. (2) Monte denominado Pico de Adão. (3) Na rocha há uma cavidade que tem semelhança com o rasto de uma pègada humana, e que os muçulmanos crêem ser de Adão; os índios dizem que é o pé de Buda. (4) Arquipélago ao sul de Ceilão. (5) «Planta soberana», planta utilíssima.

«A história desta planta é muito curiosa; é uma pal-«meira de grandes dimensões, a *Lodoicea Seychellarum*, «Labill., que tem uma habitação muito restrita, pois só se «encontra no pequeno grupo das Seichelles e aí apenas na «ilha Praslin e duas mais. Como estas ilhas fiquem muito «empègadas no mar das Índias e arredadas do caminho de «navegação, que habitualmente seguia o canal de Moçam-«bique, permaneceram desconhecidas até o século passado, «e desconhecida portanto a *Lodoicea*. Não assim os seus «frutos, cocos de notável grandeza, que caindo ao mar «eram levados para o Oriente pelas correntes marítimas, «ajudadas em parte do ano pela monção de SW. Ocasio-«nalmente eram arremessados às praias em diferentes «regiões e mais particularmente na extensa corda de inú-«meras ilhas baixas e *atolls* conhecidas com o nome de «Maldivas. Como era natural, estes enormes cocos flutuan-«tes atraíam a atenção, sendo os naturais que os achavam «obrigados, sob graves penas, a entregá-los aos seus reis «ou chefes; e naturalmente também, vendo-os sôbre as «águas, ou na areia onde os lançava a maré, e não conhe-«cendo a planta que os criava, supuseram-os produzidos «por vegetais submarinos, chamando-lhes «cocos do mar «e cocos das Maldivas»... No ano de 1690, mais de um «século depois de Camões, ainda Rumphius, um notável «naturalista, acreditava na origem submarina dêstes fru-«tos... Pelas suas virtudes medicinais também foi geral-«mente conhecido [o coco do mar], e particularmente «notado como antídoto... Mas que era celebrado não «há duvida e muito procurado. Da Índia vinham estes ««cocos» para a rainha de Portugal; e na Europa monta-«vam-se em prata e ouro, como um que figurou Clusius «na sua versão latina do livro de Orta. Um certo almi-«rante holandês, Wolfério Hermano, que no ano de 1602 «comandara uma acção nos mares de Bantam, contra a

«esquadra portuguesa de André Furtado de Mendonça, pos-
«suía um dêstes cocos; e por sua morte o imperador Ro-
«dolfo II chegou a oferecer por êle, aos herdeiros, quatro
«mil florins, porêm estes não quiseram ceder o precioso
«fruto, único que então existia na Holanda. Tal era a sua
«reputação de «antídoto excelente» [Conde de Ficalho].

---

137 «Verás defronte estar do roxo estreiro
Socotorá, co amaro aloe famosa;
Outras ilhas no mar também sogeito
A vós na costa de África arenosa;
Onde sae do cheiro mais perfeito
A massa, ao mundo oculta e preciosa.
De Sam Lourenço vê a ilha afamada,
Que Madagáscar é d'alguns chamada.

«*Defronte do estreito Roxo* [*Vermelho*] (1) *verás Socotorá* (2), ilha *famosa com o* [*célebre por causa do*] *amaro aloés* (3); *no mar* Índico *perto da arenosa costa de África,* verás *outras ilhas* [*Zanzibar, Pemba*] *também sujeitas* [*obedientes*] *a vós* portugueses, e *onde* [*nesse mar e suas arenosas praias*] *sai* [*aparece*] *a massa do mais perfeito* [*mais agradável*] *cheiro* (4), massa *preciosa e oculta ao mundo. Vê* também *a ilha afamada de S. Lourenço, que por alguns* escritores *é chamada Madagáscar* (5).

(1) «Estreito Roxo», o estreito de Bab-el-Mandeb, pelo qual o Mar Vermelho se une com o Oceano Índico. (2) Ilha no Oceano Índico, pertencente aos ingleses, em 12° N. por 54° E.; o navio que sai do estreito, aproando a leste, encontra a ilha a poucas horas de viagem. (3) «Substância medicinal extraída do suco amargo das fôlhas de «diversas espécies de *Aloë,* plantas carnosas da família «das Liliáceas. A espécie mais conhecida *Aloë Socotrina,* «Lamark, habita a ilha donde tirou o nome» [Conde de Ficalho]. Desde remotos tempos foi Socotará a terra clássica do aloés. (4) «Massa, etc.»; perifrase do «âmbar cin-

zento», substância arrojada pelo mar às praias africanas do Oceano Índico, e utilizada na perfumaria por ter certo aroma parecido com o de almíscar; é constituída pelas concreções intestinais da baleia; antigamente era desconhecida a proveniência desta substância, por isso o verso diz que era «oculta ao mundo»; não deve confundir-se êste «âmbar cinzento», com o «âmbar amarelo», que é uma resina fóssil, matéria dura que tem diversas aplicações [para quinquilharias, bijutarias, etc.]. (**5**) Importante ilha, separada da costa oriental de África pelo canal de Moçambique, hoje colónia francesa; 592:000 quilómetros quadrados, 3:500 habitantes; I, 42.

---

138 «Eis aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tam forte peito navegais.
Mas é também razão, que no Ponente
D'um Lusitano um feito inda vejais,
Que de seu rei mostrando-se agravado,
Caminho há de fazer nunca cuidado.

«*Eis aqui as novas partes do Oriente, que vós outros* portugueses *dais agora ao mundo* (**1**), *abrindo a porta patente ao vasto mar* (**2**) *que navegais com tam forte peito* (**3**). *Mas é* de *razão também que ainda vejais, no Ponente* [*no Ocidente*], *o feito* [*a façanha*] *dum Lusitano que, — mostrando-se agravado pelo seu rei —, há-de fazer caminho nunca cuidado* [*imaginado*] (**4**).

(**1**) «Eis aqui»: nos primeiros quatro versos conclui Tétis a descrição abreviada das terras do Oriente, vaticinando que elas seriam percorridas pelos portugueses; devendo entender-se que da imensidade dêsses territórios não faria conquista, mas daria de todos conhecimento ao mundo, que os ignorava em grande parte. (**2**) «A porta patente, etc.»; o novo caminho para a Índia, descoberto por Gama, e que foi a porta aberta pela qual se pôde entrar

no vasto Oceano Índico, até então conhecido apenas por quem dificilmente atravessava o istmo de Suez, e embarcava no Mar Vermelho em embarcações de muçulmanos. (3) Com tanta coragem, e tenacidade. (4) «Lusitano, etc.»; perifrase de «Fernando de Magalhães», que fez a viagem nunca imaginada — viagem que naquele tempo se suporia impossível — de dar a volta ao mundo indo à América, e descobrindo na América do Sul o estreito, que tomou o nome dêsse grande navegador — nome corrompido nas cartas geográficas francesas e inglesas: *Magellan*. Cfr. estâncias seguintes.

---

139 «Vêdes a grande terra, que contina
Vai de Calisto ao seu contrário polo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal, que a côr tem do louro Apolo.
Castella, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o colar ao rudo collo:
Várias províncias tem de várias gentes,
Em ritos e costumes differentes.

«*Vêde a grande terra que vai contínua* [*sem interrupção*] *desde Calisto* [*polo norte*] *até o polo contrário* (**1**), *e à qual farão soberba* [*notável*] *as luzentes minas do metal que tem a côr do louro Apolo* (**2**). A *vossa amiga Castela será digna de lançar-lhe o colar ao rude colo* (**3**); essa terra *tem várias províncias* (**4**) habitadas por *várias gentes diferentes em ritos e costumes*.

(**1**) «Grande terra, etc.»; [perífrase] a América, meridional e setentrional; «Calisto» [I, 51, nota 2; V, 13, nota 4], a Ursa Maior [sinédoque], norte. (**2**) «Luzentes minas, etc.»; minas de ouro: as do Peru e do México. (**3**) «O colar no rude colo», o jugo [da conquista] no pescoço dos selvagens [alegoria]: a conquista do México e doutras regiões. (**4**) Fig., reinos.

---

140 «Mas cá onde mais se alarga, ali tereis
Parte também co pao vermelho nota;
De Sancta-Cruz o nome lhe poreis:
Descobri-la há a primeira vossa frota.
Ao longo d'esta costa, que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Português, porém não na lealdade.

«*Mas cá, onde* essa grande terra *se alarga mais* (1), *também* vós portugueses *ali tereis parte, que será conhecida* (2) *com o* [*pelo*] nome do *pau vermelho* (3) que produz, *e à qual poreis o nome de Santa Cruz. Há-de descobri-la a vossa primeira frota* (4). *Ao longo desta costa, que tereis* [*possuireis*], *irá buscar a parte mais remota* Fernão de *Magalhães* — *verdadeiro português no feito* [*na façanha*], *mas não na lialdade* (5).

(1) «Onde se alarga mais», na América do Sul. (2) «Nota» [no texto], latinismo: notável, conhecida. (3) «Pau vermelho»: é o *pau brasil* da América, produzido por «diversas árvores do género *Cæsalpinia*, da família das Le«guminosas, e por outra árvore da mesma família o *Pelto«phorum Linnæi*, Bentham... Foi conhecida desde tempos «remotos a madeira vermelha, empregada na tinturaria, «duma grande árvore espalhada no Oriente... Na Europa «tinha o nome de *brasil*, que geralmente se julga derivado «da sua côr rubra semelhante à das *brasas*. Este nome «*bresil, brasilly* e ainda com outras ortografias, era conhe«cido na Itália em 1193 e na Espanha em 1221... Quando «os viajantes europeus aportaram às praias do Novo Mundo, «observaram espécies novas de *Cæsalpinia*, cuja madeira «tomaram pelo *brasil*, seu conhecido... Nas terras desco«bertas por Álvares Cabral, no ano de 1500 e por êle cha«madas de Santa Cruz, havia muito *brasil*. Os indígenas «davam à árvore o nome de *ibirapitanga*, mas os portugue«ses conservaram-lhe a antiga e bem conhecida denomi«nação. A nova mercadoria americana não só conservou o «nome que havia usurpado, mas deu-o à região donde agora

«vinha, que começou a ser chamada *terra do brasil* ou sim-«plesmente *Brasil*... Esta etimologia é conhecida, aceita «por todos e expressamente afirmada por Barros onde diz, «que o demónio, — «tanto que daquela terra começou de «vir o pau vermelho chamado Brasil, trabalhou que êste «nome ficasse na bôca do povo, e que se perdesse o de «Santa Cruz, como que importava mais o nome de um pau «que tinge panos, que o daquele pau que deu tintura a «todolos Sacramentos por que somos salvos» [Conde de Ficalho]. (4) «Primeira frota», a de Álvares Cabral [v, 43, nota 3]. (5) Fernão de Magalhães, o navegador português [II, 55, nota 9], à custa de grandes perigos, foi navegando ao longo da costa do Brasil até o extremo sul, onde descobriu comunicação do Oceano Atlântico para o Pacífico pelo estreito que ficou tendo o nome do descobridor [nome corrompido, nas cartas geográficas inglesas, em *Magellan*]; julga o Poeta que êle foi verdadeiro português na prática dêsse feito notabilíssimo, mas não foi português lial ao seu país, indo fazer a viagem de descoberta em benefício da Espanha, tendo para êsse fim ido oferecer os seus serviços ao imperador Carlos V. Cfr. *Fontes dos Lusíadas*, p. 618.

---

141 «Desque passar a via mais que mea,
Que ao antártico polo vai da Linha,
D'ũa estatura quási gigantea
Homens verá, da terra ali vizinha;
E mais avante o Estreito, que se arrea
Co'o nome d'elle agora, o qual caminha
Para outro mar e terra, que fica onde
Com suas frias asas o Austro a esconde.

«Fernão de Magalhães, *desde que* [*logo que*] *passar mais de metade do caminho que vai da linha* equinocial *ao polo antártico* [*sul*], *verá — na terra ali vizinha* (1) — *homens de estatura quási giganteia. E mais adiante verá o estreito que se arreia* [*se ilustra, é ilustrado*] *agora com o nome dêle* (2); *o qual* estreito *caminha* [*dá caminho*] *para outro mar* (3) *e*

para *a terra que fica onde o Austro* [*sul*] *a esconde com* as *suas frias asas* (**4**).

(**1**) «Terra ali vizinha», na terra que demora em 46º S. por 70º W.: a Patagónia [região do sul no Chile e na Argentina], cujos habitantes [patagões] são de elevada estatura. (**2**) O estreito de Magalhães [estância precedente, nota 5] em 53º S. por 70º O. (**3**) Para o Oceano Pacífico. (**4**) «Onde o Austro, etc.»; terra ignorada, que se supunha existir para o lado do polo sul [Austro], escondida pelos gelos, — comparados com as aves que escondem os filhos debaixo das asas.

---

142 «Até 'qui, Portugueses, concedido
Vos é saberdes os futuros feitos,
Que pelo mar, que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos que vos façam ser aceitos
Às eternas espôsas e fermosas,
Que coroas vos tecem gloriosas.

«*Até aqui, Portugueses, foi-vos concedido saberdes os futuros feitos* [*heroísmos*] *que varões de fortes peitos* [*varões intrépidos*] *virão praticar no mar* Índico, *que já deixais sabido* [*conhecido*]. *Agora, pois* [*visto que*] *tendes aprendido trabalhos, que vos farão ser aceitos pelas eternas e formosas espôsas* (**1**), *que hão-de tecer-vos gloriosas coroas,...* [*a oração principal conclui nos dois versos da estância imediata — «podeis embarcar»*].

(**1**) «Eternas e formosas espôsas», fig., as Musas da Eloqüência e da Poesia — personificadas nas ninfas que haviam prometido aos navegantes «eterna companhia em vida, e morte de honra e alegria»; IX, 84: a celebridade na História, escrita por eminentes prosadores e poetas.

---

143 «Podeis-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquilo, pera a pátria amada.»
Assi lhe disse: e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada.
Levam refresco e nobre mantimento;
Levam a companhia desejada
Das nimphas, que hão de ter eternamente
Por mais tempo que o sol o mundo aquente.

«*podeis embarcar* (1) *para a pátria amada* (2), *pois tendes tempo e mar tranqùilo*».

Assim lhes disse Tétis, *e logo* os navegantes *fazem movimento da* (3) *alegre e namorada* (4) *ilha. Levam refrêsco e nobre mantimento* (5), *levam a desejada companhia, que hão-de ter eternamente, das ninfas* (6) — *por mais tempo* do que o tempo em *que o sol aquentar o mundo* (7).

(1) «Embarcar-vos»; o verbo pronominal emprega-se hoje na linguagem vulgar como intransitivo [sem o pronome]. (2) «Pátria amada», querida [III, 21]. (3) «Fazem movimento da», apartam-se da. (4) Amorosa ilha, propícia ao amor, por serem amoráveis as ninfas que as habitavam. (5) Manjares divinos, aqueles que os navegantes receberam ao aportar à ilha; fig., louvores. (6) «Ninfas», fig., as Musas acompanhariam os navegantes para toda a parte e para sempre; cfr. notas da estância precedente. (7) «Por mais tempo, etc.»; hipérbole: — quando o sol deixasse de aquecer o mundo, quando a terra deixasse de existir, as Musas continuariam a celebrar os navegantes.

144 Assi foram cortando o mar sereno
Com vento sempre manso e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno
Em que naceram, sempre desejado.
Entraram pela foz do Tejo ameno;
E á sua pátria e rei temido e amado
O prémio e glória dão por que mandou,
E com títulos novos se illustrou.

Assim foram os navegantes *cortando o mar sereno, com vento sempre manso e nunca irado, até que houveram vista do terreno em que nasceram,* — terreno *sempre desejado* (**1**). *Entraram pela foz do ameno Tejo* (**2**), *e deram à sua pátria e* ao seu *temido* (**3**) *e amado rei* o *prémio e* a *glória* (**4**) desta viagem, *porque* o rei a *mandara* [*ordenara*] *e se ilustrara com títulos novos* em conseqüência da descoberta do novo caminho para a Índia.

(**1**) «O mar sereno, etc.»: é ficção poética a viagem próspera de regresso à pátria, porque os navegantes passaram tantos trabalhos na volta como na ida. (**2**) Ainda é ficção poética: não entraram todos os que tinham ido, nem entraram todos juntos; a viagem durara mais de dois anos. (**3**) Não tem aqui o vocábulo a significação literal, mas sim a de «respeitado». (**4**) O Poeta, seguindo o exemplo clássico da Epopeia, não conta que foram vitoriados, à sua chegada, os navegantes, mas que estes levantaram louvores ao rei por os ter mandado fazer aquela viagem, da qual resultava acrescentarem-se os títulos e a glória do mesmo rei — que, com efeito, se ficou intitulando «senhor da conquista da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia».

145 Nó-mais, Musa, nó-mais; que a lira tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida;
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se ascende o engenho,
Não-no dá a pátria, não, que está metida
No gôsto da cubiça e na rudeza
D'ũa austera, apagada e vil tristeza.

Não canto *mais, não* canto *mais* (**1**); *tenho destemperada* [*desafinada*] *a lira, e enrouquecida a voz: e não* a tenho assim *por causa do cantar, mas por ver que tenho cantado a gente surda e endurecida* (**2**). *O favor com que o engenho mais se acende, não o dá a* minha *pátria, não!* porque *está metida* [*absorvida*] *no gôsto da cobiça e na rudeza duma austera, apagada e vil tristeza* (**3**).

(**1**) O Poeta está escrevendo e «cantando» ao mesmo tempo, porque assim se diz de todos que escrevem em verso [I, 2, nota 1]. (**2**) Esta e as seguintes estâncias, até o fim do Poema, constituem uma apóstrofe dirigida pelo Poeta ao rei D. Manuel, a quem dedicara o mesmo Poema [I, 6 e seguintes]; remata assim o Poema com uma peroração, mostrando que lhe falta o ânimo para continuar a escrever, não por fadiga intelectual, mas pela desconsolação de ver que não apreciam o seu merecimento nem a sua obra. (**3**) «A minha pátria, etc.»; fig., os grandes do reino; que estes não pensavam senão em adquirir riquezas; e êsse pensamento fixo, de cobiça desesperada em que se absorviam, causava melancolia na sociedade portuguesa de então — ignorante, e que, indiferente às acções dos homens ilustres, adormeceria lendo o Poema, em vez de se entusiasmar com a narrativa dos feitos notáveis e com a música em que êles fôssem cantados [VI, 59].

146 E não sei por que influxo de destino
Não tem um ledo orgulho e geral gôsto,
Que os ânimos levanta de contino
A ter pera trabalhos ledo o rosto.
Por isso vós, ó rei, que por divino
Conselho estais no régio sólio pôsto,
Olhai que sois (e vêde as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes!

E não sei por que influxo de destino não tem a minha pátria, pelos seus heróis, *êsse ledo orgulho* (1) *e geral gôsto* (2), *que levantam continuadamente o ânimo,* e que fazem *ledo o rosto* (3) *para o trabalho! Por isso, vós, ó rei, que, por divino conselho* (4), *estais pôsto no solo régio, olhai que sois senhor* [*amo*] *só de excelentes vassalos — e vêde as outras gentes* [*os outros povos*]!

(1) «Ledo orgulho», orgulhosa satisfação. (2) «Geral gôsto», prazer que todos tem geralmente. (3) «Ledo rosto», aspecto prazenteiro de quem está satisfeito e bem disposto para trabalhar. (4) «Divino conselho», vontade divina.

Nesta invocação, o Poeta aconselha o rei a incitar os seus vassalos à prática de acções nobres, heróicas, recompensando-as; o que é ainda objecto da estância imediata.

---

147 Olhai que ledos vão por várias vias,
Quaes rompentes liões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a setas e pilouros;
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolatras e de Mouros,
A perigos incógnitos do mundo,
A naufrágios, a peixes, ao profundo:

Olhai que os vossos vassalos *vão ledos por várias vias, quais rompentes leões e bravos touros, dando os corpos: a fomes e a vigílias; a ferro e a fogo; a setas e a pelouros; a regiões quentes e plagas frias; a golpes de idólatras e de mouros; a perigos incógnitos do mundo; a naufrágios, a peixes,* e *ao profundo sono* [*à morte*] (1).

(1) O Poeta tem mostrado já anteriormente que os antigos portugueses se mostravam sempre alegres, para, em obediência ao seu rei, e para glória dêle, se exporem a toda a espécie de perigos, em terra e no mar [I, 51, VI, 98, X, 149]. Na presente estância repete o Poeta a mesma idea, sumàriamente, dirigindo-se a el-rei, para que atenda ao mérito, evitando que a falta de atenção régia para os vassalos, com a falta de estímulo, faça cair a sociedade em «tristeza vil» [est. 145].

No verso 6 «idolátras»: II, 54; VII, 73.

No verso 2 «rompentes» é termo de heráldica: «animal rompente» é o que no alto dos escudos se pinta, aparecendo só a cabeça, ou que se pinta de pé ocupando uma parte do escudo: aqui, tem a significação de «dilacerantes».

---

148 Por vos servir a tudo aparelhados,
De vós tam longe, sempre obedientes
A quaesquer vossos ásperos mandados,
Sem dar reposta, promptos e contentes;
Só com saber que são de vós olhados,
Demónios infernais, negros e ardentes,
Cometerão convosco, e não duvido,
Que vencedor vos façam, não vencido.

Para vos servirem, os vossos vassalos, *a tudo aparelhados* [*dispostos para tudo*], ainda que estejam *muito longe de vós,* serão *sempre obedientes a quaisquer ásperos* (1) *mandados vossos, sem darem resposta* (2), e sempre *prontos e contentes;* e, *só com*

o *saberem que são olhados por vós, acometerão, convosco* (**3**), *negros e ardentes demónios infernais* (**4**); *e não duvido [e tenho a certeza] que vos farão vencedor e não vencido.*

(**1**) «Ásperos mandados», ordens rigorosas, de difícil execução; devendo entender-se que o rigor não seria de tirano, mas da observância de princípios de justiça, em harmonia com as conveniências da pátria. (**2**) «Sem resposta»: obedeceriam calados, sem apresentarem objecções. (**3**) «Convosco», por vossa causa. (**4**) «Demónios infernais»: hipérbole [igual em IV, 80]; teriam coragem para investir com o poder infernal.

---

149 Favorecei-os logo, e alegrai-os
Com a presença e leda humanidade;
De rigorosas leis desalivai-os,
Que assi se abre o caminho á sanctidade.
Os mais esprimentades levantai-os,
Se com a esperiência tem bondade
Pera vosso conselho, pois que sabem
O como, o quando, e onde as cousas cabem.

Favorecei-os, portanto, e alegrai-os com a vossa presença e leda humanidade (**1**); *aliviai-os* (**2**) *de rigorosas leis, pois assim se abre o caminho à santidade* (**3**); *os mais experimentados levantai-os* (**4**), *se, com experiência, tiverem bondade para vosso conselho* (**5**), *por saberem o como, o quando, e onde cabem as cousas* (**6**).

(**1**) «Favorecei-os, etc.»; nas duas precedentes estâncias disse o Poeta que os portugueses serviam o seu rei, obedecendo-lhe com boa vontade, alegres; agora diz ser preciso que também o rei lhes dê prémio correspondente, chamando-os à sua presença, animando-os com as suas palavras de alegre benevolência [leda humanidade], não se

rodeando ùnicamente de limitado número de validos ou cortesãos. (2) «Desalivai-os», no texto; síncope do «i» — liberdade poética por exigência da medida. (3) Bondade [IX, 82, «rosto sereno e santo»]. (4) Exaltai-os. (5) «Se com a experiência, etc.»; se, além de experientes, forem bons; não tiverem malícia para dar conselho. (6) «Onde cabem as cousas»: saberem o modo, o tempo e o lugar em que se devem fazer as cousas, e em que deve fazer-se sentir a autoridade régia.

---

150 Todos favorecei em seus offícios,
Segundo tem das vidas o talento:
Tenham religiosos, exercícios
De rogarem por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pelos vícios
Comuns; toda ambição terão por vento;
Que o bom religioso verdadeiro
Glória vã não pretende, nem dinheiro.

Fovorecei todos nos seus ofícios, segundo tenham o talento das vidas [*profissões*] (1); favorecei os *religiosos* [*os sacerdotes*] *que tiverem o exercício de rogar pelo vosso regimento* (2) *por meio de jejuns* e *disciplinas pelos vícios comuns* (3), *e* tiverem *por vento toda* a *ambição* (4); *pois o bom* [*verdadeiro*] *religioso não pretende glória vã nem dinheiro* (5).

(1) «Favorecei, etc.»; conselho ao rei para que favoreça os vassalos, dando a cada qual o devido prémio, chamando para os cargos públicos quem tenha para êles competência; a vida de médico, a vida de padre, a vida de ministro, etc., cada uma delas tem determinadas exigências a que deve obedecer o médico, o padre, o ministro, etc. (2) «Os religiosos tenham, etc.»; novo conselho a D. Sebastião, que não nomeie clérigos para resolver questões de estado; que se limitem os clérigos às orações pelo bem do rei e do Estado, e do povo. (3) «Em jejuns, etc.»; que os padres acompanhem as rezas de jejuns e disciplinas. (4)

«Terão por vento, etc.»; devem considerar a ambição glória vã [cousa vã]. (5) O padre deveras religioso não deve querer superioridade mundana, nem riquezas.

---

151 Os cavaleiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrépido e fervente,
Estendem não sómente a lei de cima,
Mas inda vosso império preeminente:
Pois aquelles, que a tam remoto clima
Vos vão servir com passo diligente,
Dous inimigos vencem: uns os vivos,
E (o que é mais) os trabalhos excessivos.

Tende em muita estima os vossos *cavaleiros, pois, com o seu intrépido e fervente sangue, estendem* (1) *não sómente a lei de cima* (2), *mas também* o *vosso preeminente império; pois aqueles que vão, a climas tam remotos, servir-vos com passo diligente, vencem dois inimigos: os vivos* [*os homens, as feras*] *e, — o que é mais —, os trabalhos excessivos* (3).

(1) Ampliam, dilatam. (2) A lei divina, a religião cristã, que precisa ser divulgada para se ampliar o número de crentes. (3) «Trabalhos excessivos», as árduas emprêsas, os perigos, que são causa de padecimentos físicos, e de aflições, para as quais o homem precisa de ter coragem e fôrça de resistência.

---

152 Fazei, senhor, que nunca os admirados
Alemães, Galos, Italos e Ingleses,
Possam dizer que são pera mandados,
Mais que para mandar, os Portugueses.
Tomai conselhos só d'esprimentados,
Que viram largos annos, largos meses;
Que pôsto que em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

Fazei, senhor, que nunca os generais *alemães, gauleses, italianos e ingleses, admirados* no mundo, *possam dizer, que os* vassalos *portugueses são mais* aptos *para* serem *mandados*, do *que para mandarem* (1). *Tomai conselho só de* homens *experimentados que tenham visto* batalhas por *largos anos, ou* ao menos por *largos meses; pois, ainda que nos scientes* [*nos estudiosos*] *muito caiba* (2), muito *mais sabe o esperto* [*quem tem experiência*] *em particular* [*na especialidade em que tem prática*].

(1) Nos primeiros quatro versos, o Poeta exorta o rei para que faça educar os portugueses de modo que não se possa dêles dizer que lhes faltam dotes para altos cargos de comando; que não chame estrangeiros para desempenharem êsses cargos. (2) «Muito caiba», nos estudiosos cabe muita sciência; mas o estudo deve ser completado pela prática; é desenvolvido êste pensamento na estância que se segue.

---

153 De Phormião, philósopho elegante,
Vereis como Aníbal escarnecia,
Quando das artes béllicas diante
D'elle com larga voz tratava e lia.
A disciplina militar prestante
Não se aprende, senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando;
Senão vendo, tratando e pelejando.

Vêde como Aníbal (1) *escarnecia* do *elegante filósofo Formião* (2), *quando* êste, *com larga voz, lia diante dêle tratando das artes bélicas. A prestante disciplina militar não se aprende, senhor, na fantasia, sonhando, imaginando ou estudando, senão* [*mas sim*] *vendo, tratando e pelejando* (3).

(1) General cartaginês; III, 116, nota 4 e 6; 141, nota 12; VII, 71, etc. (2) Filósofo grego, a respeito do qual se conta, que entrara na sua escola Aníbal para ouvir o que êle ensinava aos discípulos; o filósofo interrompeu a lição para festejar o general, pronunciando um discurso em que tratou da sciência militar. Quando perguntaram a Aníbal o conceito que fizera do discurso, riu-se dizendo: «Se eu na guerra fizesse o que êle diz, não mereceria certamente o nome que tenho; eu próprio não ousaria dar ordens a um exército sem ter à vista o inimigo e pela frente». (3) A presente estância confirma a doutrina dos últimos quatro versos da anterior, — a insistência do Poeta em aconselhar o rei a que chame a si os homens experientes em cada ramo da administração, para lhe darem bom conselho.

---

154 Mas eu, que falo, humilde, baxo e rudo,
De vós não conhecido, nem sonhado?
Da bôca dos pequenos sei, comtudo,
Que o louvor sae ás vezes acabado:
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa esperiência misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

¿*Mas, que falo* [*que digo*] *eu*, que sou de *humilde, baixa e rude* condição (1), e que *não* sou *conhecido nem sonhado por vós* (2)? *Contudo, sei que o louvor, às vezes, sai acabado da bôca dos pequenos*: e, *na vida, não me falta honesto estudo, misturado com longa experiência*, e *não* me falta o *engenho, que vêdes aqui presente, — cousas que, raramente, se encontram juntas* [*experiência e engenho*].

(1) «Humilde, etc.»; confessa a sua humildade e pequenez para poder falar ao rei, e ter a ousadia de lhe dar conselhos; note-se «rudo» — latinismo por exigência da rima. (2) «Não conhecido, etc.»; nestas palavras há disfarçada a lástima de não ser conhecido pelo rei a quem

servira com a espada, e tinha demonstrado o seu talento nas letras — lástima, que se converte em arrogância nos últimos quatro versos, e na estância que se segue.

---

155 Pera servir-vos, braço ás armas feito;
Pera cantar-vos, mente ás musas dada;
Só me falece ser a vós aceito,
De quem virtude deve sér prezada.
Se me isto o ceo concede, e o vosso peito
Dina emprêsa tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação divina:

156 Ou fazendo que, mais que a de Medusa
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os Mouros de Marrocos e Trudante;
A minha já estimada e leda musa,
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja,
Sem á dita de Achiles ter enveja.

Para servir-vos, tenho *braço afeito às armas; para cantar-vos,* tenho a *mente dada às Musas; só me falece* [*só me falta*] *o ser aceito a vós* [*ser bemquisto de vós*], *por quem deve ser prezada a virtude* (**1**); *se o Céu me conceder isto; e se, — como a pressaga* [*pressentida*] *mente me vaticina, quando olho à vossa divina inclinação* (**2**) —, *o vosso peito tomar emprêsa digna de ser cantada, fazendo* vós, *que o monte Atlas* (**3**) *tema mais a vossa vista* do *que a* vista *de Medusa* (**4**), *ou rompendo* [*derrotando*], *nos campos de Ampelusa* (**5**), *os mouros de Marrocos* (**6**) *e* de *Trudante* (**7**), *fico* certo de *que a minha estimada e leda Musa em todo o mundo cantará de vós*

[*vos tornará celebrado*], *de sorte que em vós seja visto* um *Alexandre* (8) *sem ter inveja à ventura de Aquiles* (9).

(1) «Virtude»: aqui, valor militar e valor literário. (2) «Divina inclinação»: a mente do Poeta pressente que o rei tem o intento de propagar a religião nas terras dos muçulmanos. (3) No texto «Atlante», forma alatinada [III, 77]. (4) III, 77; V, 11, 142. (5) III, 77. (6) III, 103. (7) Região próxima de Marrocos. (8) Alexandre Magno: I, 3, 55, 75; III, 96; V, 85, 86, 93; VII, 54; VIII, 12; etc. (9) III, 13; V, 93; X, 12. Alexandre teve inveja de Aquiles, por não ter tido, como teve êste, um poeta da celebridade de Homero que celebrasse o seu heroísmo.

FIM

Últimas observações

I

No intuito de se facilitar a interpretação do texto, transcreveram-se geralmente para a leitura em prosa os vocábulos do mesmo texto seguidos, entre [ ], de outros que os substituiriam na actual linguagem corrente. Contudo, no decurso do presente estudo, para se evitar constante e monótona repetição, muitas substituições se fizeram não acusadas ou não explicadas, tais foram, principalmente:

1) da preposição «de» quando igual a «por»;
2) da preposição «com» quando igual a «e»;
3) da conjunção causal «que» quando igual a «porque», «pois»;
4) da preposição «por» quando igual a «para»;
5) de vocábulos muito antiquados;
6) de tempos de verbos em construções assimétricas, admitidas no verso, mas não usadas em prosa.

II

O *Índice* que se segue compreende, não só nomes próprios [históricos, geográficos, mitológicos, etc.], mas também muitos nomes comuns, que foram objecto de explicações ou anotações; e algumas destas são ampliadas e corrigidas neste mesmo índice, principalmente por sugestão da obra do Sr. Dr. J. M. Rodrigues, largamente citada no ADITAMENTO ao volume I da presente edição, e agora indicada simplesmente pela abreviatura *Fontes:* vejam-se, por exemplo, os vocábulos *Brigo, Cloto, Évora, Hespérides, Lampetusa, Leucótoe, Luso, Lusíadas, Orlando, Rodamonte, Temistitão, Troia, armas, causas, escudos, espíritos, fatídica, hera, traquetes*, etc.

Os vocábulos em que, segundo a grafia antiga, se empregavam as letras *k, y*, e os grupos *ch* [soando *q*], *ph, th*, encontrar-se hão neste índice, segundo a novíssima grafia, substituídas essas letras e grupos, por *c, i, qu* ou *c, f, t* [sem *h*].

Abril de 1915.

S. L.

HESPERIA ULTIMA
IBERIA
MEDITERRANEO
MAR ADRIATICO
CAPPADOCIA
PERSIA
CARMANIA
ARABIA
MAR ERYTHREU
MAR ARABICO
MAR D'OMAN
INDIA
MAR GANGETICO
GOLFO DE BENGALA
CHINA
OCEANO INDICO
SUMATRA

ÍNDICE

A

B

C

D

E

F

G

H

I

*

J

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

X

Z